Mariana Soares da Cunha Leite

A *General Estoria* de Afonso X em Portugal:

As múltiplas formas de receção do texto alfonsino entre os séculos XIV e XVI

Tese de Doutoramento em Literaturas e Culturas Românicas – especialidade em Culturas Ibéricas
realizada sob orientação do Professor Doutor José Carlos Ribeiro Miranda

Porto

2012

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Para o Gonçalo e a Fernanda, pai e mãe;

e para o Vladimiro,

meus amores.

Ao sábio rei e a todos os que, por seus punhos,
tangeram, com a escrita, a eternidade.

«Disse no meu coração: 'Eu reuni e acumulei em sabedoria mais do que todos os que, antes de mim, governaram Jerusalém, e o meu coração penetrou muito profundamente na sabedoria e no conhecimento'. Apliquei, igualmente, o meu coração a conhecer a sabedoria, a loucura e a insensatez; e reconheci que também isto é correr atrás do vento. Porque na muita sabedoria há muita arrelia, e o que aumenta o conhecimento, aumenta o sofrimento.»

Ecl 1, 16:18

Agradecimentos

Quando, há mais de seis anos, comecei a aproximar-me da literatura produzida em torno de Afonso X, longe estava de pensar que chegaria a este cume. Foi pelo entusiasmo, paixão contagiante e grande apoio do meu orientador, Professor Doutor José Carlos Ribeiro Miranda, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, que me deixei inebriar pela literatura medieval e, mais concretamente, por esta magnífica produção de Afonso X, o Sábio: a *General Estoria*.

Como ao meu último professor, guia neste caminho, agradeço a tantos outros que comigo se cruzaram ao longo da minha carreira académica, desde a Dra. Maria Lucília Gouveia, professora primária que me incutiu o sentido de dever, esforço e dedicação escolar.

Devo assinalar que a breve, mas marcante, presença do Professor Doutor Pedro Sánchez-Prieto Borja (Universidad de Alcalá de Henares) na Faculdade de Letras do Porto em 2008, a sua disponibilidade em fornecer materiais foi um enorme incentivo à pesquisa. Do mesmo modo, agradeço aos vários colaboradores da edição integral da *General Estoria* de 2009 que, ao encontrarem-me nesta floresta de manuscritos e fontes, se mostraram todos sempre dispostos a ajudar em tudo. Muito obrigada.

Este trabalho seria muito mais árduo sem o apoio constante do Professor Doutor José Francisco Preto Meirinhos que, tanto a título pessoal como enquanto diretor do Instituto de Filosofia, sempre se mostrou disponível para ajudar. Do mesmo modo, agradeço as apreciações paleográficas e codicológicas feitas pela Professora Doutora Outi Merisalo (Jyväskylän Ylopisto), pelo Professor Doutor Saul António Gomes (Universidade de Coimbra) e pelo meu amigo, Mestre Anísio Miguel de Sousa Saraiva.

Agradeço à Fundação para a Ciência e Tecnologia a concessão da Bolsa de Doutoramento que tornou este projeto possível, assim como às instituições que providenciaram as condições necessárias para que este trabalho chegasse a bom termo: o Instituto de Filosofia e a Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Agradeço também às bibliotecas por onde passei, particularmente aos funcionários da Biblioteca Central da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, e à equipa que tudo fez para me ajudar na Biblioteca del Real Monasterio de San Lorenzo del Escorial.

Em vários locais encontrei portos seguros de trabalho, ajuda e colaboração. Aos meus colegas historiadores, que tão amavelmente me convidaram para fazer parte do Grupo Informal de História Medieval, pelos momentos de partilha académica e pela

amizade. Ao Gabinete de Filosofia Medieval, onde também pude contar com o apoio de filósofos e amigos. Sem dúvida, agradeço ao Seminário Medieval de Literatura, Pensamento e Sociedade. Este magnífico grupo de trabalho tornou-se uma família académica, onde, quase como a descrição das escolas de Atenas na *General Estoria*, todos se juntam para ouvir e partilhar saberes. De entre os membros do SMELPS, agradeço em especial à Professora Doutora Ana Sofia Laranjinha, que se ofereceu com tanta amabilidade para rever este trabalho, e à Professora Doutora Maria Rosário Ferreira, pelo apoio em momentos duros. E, de entre todos os meus colegas e amigos, sublinho o carinho da Isabel Correia e a dúvida pertinente do Filipe Moreira. Mas, espero, todos os demais saberão o espaço grande que ocuparão sempre na minha vida.

Aos meus amigos, a todos os que partilharam nem que uns passos neste caminho de quatro anos que agora concluo, agradeço. Amigos novos, amigos antigos, aos que chegaram e souberam partir, aos que ficaram e ficarão sempre: sou-vos grata. A todos os que me obrigaram a festejar, acreditar e às vezes esquecer as agruras da tese. Aos que se afastaram, aos que regressaram do passado. Sois tantos, e sabeis, cada um de vós, o lugar que ocupais na minha vida. Só nomeio os dois que nunca poderão ler esta tese – eventualmente, poderão arranhá-la: Merlim e Sibila.

Aos que eu amo além de tudo. Ao Vladimiro Macedo, meu carinho, meu companheiro. Mais do que as ajudas que me prestaste, mais do que me ensinares a ligar dois monitores a um computador (não me esqueci!), agradecer-te-ei sempre pela tua fé, pelo teu exemplo de perseverança, por me mostrares como se luta contra qualquer adversidade, por seres sempre por inteiro. Obrigada por teres partilhado comigo este momento tão importante da minha vida, com a tua serenidade e ternura de sempre.

Ao meu querido pai, Gonçalo Leite, por me teres transmitido esse gene da bibliofilia, por me teres dado a beber todo o conhecimento que pudeste, por te teres entusiasmado, por vezes mais do que eu, com esta empreitada. De ti, meu pai, aprendi o valor da sabedoria. À Fernanda Cunha, às vezes minha mãe, outras minha melhor amiga, outras meu anjo da guarda. Sei que herdei a tua persistência, às vezes teimosa, de fazer tudo com o melhor de mim, apaixonadamente. À memória dos meus avós, vossos pais, pessoas humildes e dignas, que, onde estão, seguramente sentem o amor que por eles terei sempre. A todos vós, toda a minha gratidão. Sem o Amor com que me nutriram, eu nada seria.

Índice

Agradecimentos 7
Índice 11
Introdução 15
I. Presenças em Portugal da *General Estoria* em castelhano: o manuscrito de Évora 21
1.1. Os testemunhos da terceira parte da *General Estoria* 23
1.2. Especificidades do testemunho R 27
1.3. Os comentários aos salmos: um elenco comentado 31
1.4. A *marginalia* de R: ecos de uma receção primitiva da *General Estoria* 140
II. A tradução da primeira parte 149
2.1. O testemunho galego-português (O-I-1 RBME): algumas considerações 151
2.2. Testemunhos castelhanos da primeira parte da *General Estoria* 160
2.3. A tradução da primeira parte: os fragmentos da Torre do Tombo 165
2.4. Os fragmentos portugueses confrontados com as cópias castelhanas 169
2.4.1. Fragmento 29 170
2.4.2. Fragmento 30 182
2.4.3. Fragmento 31 189
2.4.4. Fragmento 32 197
2.5. Considerações sobre os fragmentos da primeira parte 205
III. O fragmento de Castelo Branco 209
3.1. Testemunhos castelhanos da segunda parte da *General Estoria* 211
3.2. O fragmento de Castelo Branco: tradução da segunda parte 216
3.3. O fragmento de Castelo Branco e os testemunhos castelhanos 219
3.3.1. Lições diferentes de CB 221
3.3.2. Lições próximas de CB 228
3.3.3. Erros e opções de tradução 231
3.4. Sobre a tradução portuguesa da segunda parte 237
IV. Circuitos da *General Estoria* em Portugal: a dinastia de Avis 241
4.1. A tradução da *General Estoria* e as dinâmicas culturais avisinas 243

4.2. A *Ínclita Geração*: um período de leituras e cópias? 251
4.3. A *General Estoria* e a cronística de Gomes Eanes de Zurara 262
4.4. O último fôlego: o dealbar de 1500 266
Conclusões 271
Anexos 277
1. Normas e critérios de transcrição 279
2. Transcrição do fragmento ANTT, Caixa 21 nº 29 285
3. Transcrição do fragmento ANTT, Caixa 21 nº 30 289
4. Transcrição do fragmento ANTT, Caixa 21 nº 31 293
5. Transcrição do fragmento ANTT, Caixa 21 nº 32 297
6. Transcrições do testemunho RBME Y-I-6 (B) 301
6.1. Fólios 2II a 3vI 301
6.2. Fólios 76vI a 78rII 304
6.3. Fólios 126rI a 128rI 309
6.4. Fólios 192rI a 192bisvII 314
7. Transcrições do manuscrito BNE 8682 (D) 319
7.1. Fólios 1r a 2v 319
7.2. Fólios 92v a 94v 322
7.3. Fólios 161r a 163r 327
8. Transcrição do manuscrito RBME Y-I-3 (G) 333
8.1. Fólio 5rI a 6vII 333
9. Transcrição do manuscrito BNE 10236 (H) 339
9.1. Fólio 8vI a 10rI 339
10. Transcrições do manuscrito KRB IV 1165 (I) 345
10.1. Fólios 34rI a 34vII 345
10.2. Fólios 39vI a 40vI 347
11. Transcrições do manuscrito BMPS M562 (J) 349
11.1. Fólios 42vII a 43rII 349
11.2. Fólios 49vII a 50rI 352
12. Transcrições do manuscrito BUS 2616 (L) 355
12.1. Fólios 58rI a 59vII 355
12.2. Fólios 69rI a 70vII 358
13. Transcrições do manuscrito RBME Y-III-13 (M) 361
13.1. Fólio 33rI a 34rI 361

13.2. Fólios 40rI a 41r1I 364
14. Transcrições do manuscrito RBME O.I.11 (N) 367
14.1. Fólios 30v a 31v 367
14.2. Fólios 36v a 37v 369
15. Transcrições do manuscrito RBME Y-I-7 (ϕ) 371
15.1. Fólios 35rI a 36rI 371
15.2. Fólios 40vI a 41vI 373
Bibliografia 377

Introdução

A *Grande e General Estoria*, que Afonso X, o Sábio, projetou e enunciou nos prólogos das primeira e sexta partes, revela ser uma história universal que ultrapassa quaisquer outros projetos semelhantes do seu tempo, mesmo que apenas tenha atingido provavelmente metade do objetivo do rei[1]. Não se tratava, aqui, de contar a história desde a Criação do mundo, seguindo a narrativa bíblica enquanto fonte historiográfica e acrescentando, com a ajuda dos *Cânones Crónicos* definidos por S. Jerónimo a partir de Eusébio de Cesareia[2], informações sobre culturas e histórias alheias àquela que verdadeiramente se tinha como sendo a crucial, a história do povo de Deus onde nasce Cristo. De facto, é assim que se constitui o *Pantheon*, de Godofredo de Viterbo[3], obra dedicada ao imperador Frederico II do Sacro Império Romano-Germânico[4], que, ainda assim, se espraia um pouco mais no relato da história de Roma, como naturalmente convinha ao seu mecenas.

A história universal de Afonso X é diferente. Não se constitui, em exclusivo, como uma narração dos feitos históricos do passado, embora seja esse o seu mais evidente propósito. O espectro é mais alargado, e mais do que uma compilação do que se conhecia sobre a história do mundo então, visa ser uma cristalização de todo o conhecimento humano acessível a um rei ibérico em pleno século XIII. Por certo, a história é o motor, a trama sobre a qual se debruçam compiladores; mas a história é entendida como a dos feitos de toda a humanidade, de todos os tempos e impérios, podendo constatar-se que não existe, na *General Estoria*, o grande desequilíbrio entre matéria bíblica e pagã presente em outras histórias universais coevas[5]. É fundamental tratar dos reinados de David ou Salomão como das glórias e quedas de Príamo de Troia ou Alexandre, o Grande.

Torna-se assim necessário recuperar tudo o que se conheça, tudo aquilo a que se tenha acesso, todas as fontes possíveis para garantir que os feitos do passado são, tal

---

[1] Ainda que com iniciativas pontuais durante o século XX, é em grande medida à edição integral da obra publicada já no presente milénio que devemos este trabalho. Veja-se AFONSO X (ed. 2009), onde, em dez volumes, se apresenta completa a *General Estoria*.

[2] Veja-se S. JERÓNIMO (ed. 1844-1864, vol 27, col. 12-508). Consulte-se a versão integral do texto estabelecido pelo editor J. P. Migne na Biblioteca Digital Hathi Trust.

[3] Ver GODOFREDO DE VITERBO (ed. 1726).

[4] Recordamos que Afonso X se candidatou ao trono deixado vago pelo seu tio, precisamente o imperador Frederico II.

[5] Sobre a problemática das histórias universais veja-se KRUGER (ed. 1976).

como se pretendera no projeto da *Estoria de España*, relatados com a maior proximidade e harmonia possível entre fontes. E assim recolhem-se as cartas das *Heróidas* de Ovídio[6], assumem-se os romances de matéria antiga como válida, verte-se para a língua do rei Sábio os textos jurídicos, sapienciais e líricos da *Bíblia*, prevendo contar-se: «la ordenación de la vida e de la muerte de santa María e de Jesucristo, e siguiremos la ordenación de los capítulos del libro de las vidas e de los miraglos e de las muertes de todos los santos poniendo entre un capítulo e otro por derecha ordenación del cuento de las eras todos los grandes fechos que acaecieron por el mundo a los godos e a los gentiles e a los romanos e a los bárbaros e a los judíos e a Mafomat a los moros de la engañosa fee que él levantó, e a todos los reyes d'España desd'el tiempo que Joaquín casó con Anna e que Octaviano César començó a regnar fasta el tiempo que yo començé a regnar, yo, Don Alfonso (...) que fiz fazer este libro después que ove ayuntados todos los antigos libros e todas las crónicas e todas las estorias del latín e del hebraico e del arávigo, que eran ya perdidas e caídas ya en olvido (...)»[7].

Quando nos deparamos pela primeira vez com um projeto tão monumental como é o da *General Estoria* de Afonso X, torna-se surpreendente notar que, embora vista como obra veneranda, conservada em bibliotecas régias, alvo de algumas cópias – embora, na sua maioria, longe da qualidade estética características da produção alfonsina – é também uma obra que muito rapidamente se dispersa, sendo copiada parcialmente para ter continuidade com outros manuscritos, desmembrada da sua estrutura original, enfim, destituída do interesse de um público que compreenda o projeto subjacente a esta empresa. Os propósitos de narrativa historiográfica da *General Estoria* (ou *GE*) constituem um projeto cuja compreensão e entendimento presume a comunhão ideológica com os projetos historiográficos alfonsinos[8], tanto que a própria obra assume, como acima citámos, que não abandonará o relato da história de Espanha, projeto já amplamente trabalhado no *scriptorium* de Afonso X quando se inicia a GE.

Assim sendo, a interrogação obrigatoriamente coloca-se: se é verdade que houve uma dispersão relativamente recuada do projeto conforme era entendido por Afonso X

[6] Veja-se, em especial, BRANCAFORTE (1990), que recolhe e aborda textos recolhidos na tradição ovidiana. Consulte-se, ainda, os próprios textos do autor latino PÚBLIO PAPÍNIO ESTÁCIO (ed. 1965) e id. (ed. 1993).

[7] AFONSO X, GE5-6, t. II (ed. 2009:765-766).

[8] Sobre este assunto, que não será tão profundamente abordado no presente trabalho, remetemos para os estudos de FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ (1993), id. (1999) e MARTIN (2000) e id. (2003).

– note-se que um dos testemunhos, o manuscrito CXXV 2-3 BPE[9], dos inícios de 1300, já só contém a matéria bíblica das segunda, terceira e quarta partes da obra – então como compreender o surgimento de fragmentos de traduções do texto castelhano para galego-português, um em princípios do século XIV e outros nos finais desta centúria e inícios da seguinte? Como perceber que, ao longo do século XV, surjam leituras da *GE* por parte de reis e infantes de uma nova dinastia que, também eles, são autores, ou que se assuma, num dos fragmentos da tradução quatrocentista, que se escreve em «linguagem portugues»?

Ao longo do século XX, o assunto foi sendo abordado, conforme aprofundaremos adiante, mas ora sobre a tradução da primeira metade da primeira parte da *GE* para galego-português, o manuscrito O-I-1 RBME, ora, de forma esparsa, sobre os fragmentos encontrados, ora sobre as utilizações casuais da obra alfonsina por parte de membros ligados à corte de Avis. Tornou-se necessário examinar a questão de uma perspetiva mais larga e abrangente, das primeiras manifestações da receção da *GE* em contexto português até aos últimos resquícios de leituras já no século XVI.

Apresenta-se, assim, como primeira forma de leitura da *GE* em contexto que se pode considerar português – já que, ortograficamente, como veremos, se está perante sintagmas grafados de acordo com práticas instauradas com a chancelaria de Afonso III – um dos testemunhos mais antigos da obra, o já mencionado CXXV 2-3 BPE, cujas margens do livro dos Salmos estão amplamente comentadas por uma mão pouco posterior, bilingue, que, conforme veremos, dá conta de uma leitura esporádica e que deixa, aparentemente, este testemunho da *GE* adormecido, talvez na cidade de Évora, por mais uns séculos.

Seguidamente, expõem-se as considerações necessárias e abrangentes sobre as traduções, como estas surgem, em que prováveis contextos e como são executadas. Após o tratamento, eventualmente menos aprofundado, do testemunho mais antigo de uma tradução para galego-português, analisa-se de forma exaustiva e detalhada os

[9] Definimos as seguintes abreviaturas para designar as bibliotecas ou arquivos a que pertencem os testemunhos referidos: ANTT – Arquivo Nacional da Torre do Tombo; ADCB – Arquivo Distrital de Castelo Branco; BMPS – Biblioteca Menéndez Pelayo de Santander; BNE - Biblioteca Nacional de España; BPE – Biblioteca Pública de Évora; KBR - Bibliothèque Royale de Belgique/Koninklijke Bibliotheek van België; BUS - Biblioteca Universitária de Salamanca e RBME – Real Biblioteca del Monasterio de San Lorenzo del Escorial.

fragmentos, até agora inéditos, que se conservam no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, utilizando-se uma perspetiva filológica que incide tanto sobre os processos de tradução como sobre os efeitos que essa tradução implica[10].

No capítulo seguinte, onde se trata um testemunho que veio reacender, no início do século XXI, o interesse pela *GE* em Portugal[11] – o fragmento CNCVL/ 01/Lv014 ADCL – aplica-se o mesmo método comparatista, visando com isso trazer mais luz sobre o problema da tradução da obra de Afonso X para galego-português no século XV.

Chegaremos, espera-se, a um lugar de reflexão e algumas conclusões: a dinastia de Avis, período em que, de facto, houve diversos textos que recorreram à GE, ou se traduzem outros que dela parecem ser continuidade, como os *Autos dos Apóstolos* de Bernardo de Brihuega. Deparar-nos-emos com quatro gerações – de D. João I à sua bisneta D. Leonor de Lencastre – em que se vai manifestando, ainda que não imponentemente, o maior projeto historiográfico empreendido pelo rei Sábio. Talvez só então, como na época em que a *General Estoria* foi concebida, se compreenda e queira recuperar a carga ideológica que esta obra monumental da literatura europeia implica. Talvez, à imagem de magníficos mosteiros ou outros monumentos de pedra, se tenha voltado a um tempo em que o rei manda traduzir ou faz um livro «non por quel él escriva con sus manos, mas porque compone las razones d'él e las emienda e yegua e endereça e muestra la manera de cómo se deven fazer, e desí escrívelas qui él manda, peró dezimos por esta razón que el rey faze el libro. Otrossí cuando dezimos el faze un palacio o alguna obra, non es dicho porque lo él fiziesse con sus manos, mas porquel mandó fazer e dio las cosas que fueron mester pora ello»[12], e, com isso, se dignifica a si e a toda a sua descendência.

Sigamos, então, as sinuosas rotas que a *General Estoria* parece percorrer, entre dois séculos, no reino de Portugal.

[10] Torna-se pertinente a leitura de KABATEK (2006).

[11] Ver ASKINS, DIAS e SHARRER (2006).

[12] GE1, t. II (ed. 2009:393).

I. Presenças em Portugal da *General Estoria* em castelhano: o manuscrito de Évora

1.1. Os testemunhos da terceira parte da *General Estoria*

A terceira parte da *GE* é provavelmente a que oferece maiores problemas editoriais, pela sua conservação em manuscritos parcelares ou tardios. Ainda que não haja vestígios de que tenha sido traduzida para a língua ocidental da península, é necessário proceder a uma breve análise dos testemunhos que transmitem esta parte da obra alfonsina, uma vez que um destes, o manuscrito BPE CXXV 2/3[13], inclui uma *marginalia* rica em elementos que permitem tecer mais algumas considerações sobre a receção portuguesa da GE. De facto, sobretudo ao longo da tradução do saltério, que inicia a terceira parte da obra, encontram-se correções e comentários cuja diglossia implica, como será visto mais tarde, uma cuidada análise. Ao mesmo tempo, deve sublinhar-se que este importante e antigo testemunho é o único manuscrito castelhano da *General Estoria* existente em Portugal.

De todos os testemunhos que contêm a terceira parte, é também este manuscrito preservado na biblioteca eborense o mais antigo. Será novamente referido aquando da descrição dos testemunhos castelhanos da segunda parte, uma vez que também a inclui. Desde o trabalho de Lloyd Kasten e Victor Oelschläger que a crítica o designa por R. Datado do início do século XIV, consiste num manuscrito pergamináceo, com 276 fólios, escrito a duas colunas numa letra gótica librária bastante cuidada e com espaço para iluminuras, algumas das quais completas, revelando grande cuidado estético[14]. É um manuscrito peculiar por apenas selecionar a matéria bíblica desde a segunda até à quarta parte da história universal alfonsina. Ainda assim, descende diretamente do arquétipo, permitindo por isso compreender com razoável fidelidade o projeto alfonsino para a terceira parte.

No que à proximidade ao arquétipo diz respeito, a par de R encontra-se um manuscrito mais recentemente descoberto, e como tal desconhecido de António Solalinde, o primeiro investigador da *GE* que, em 1930, edita a primeira parte da obra, com o propósito de vir a apresentar uma edição integral. Trata-se do manuscrito Res. 279 BNE, ou Av. Sobre este manuscrito, interessa sobretudo assinalar que, ao contrário

[13] Consta do catálogo de RIVARA (1850-1871), onde é feita uma primeira descrição. O manuscrito inclui matéria bíblica desde a segunda até à quarta partes da *GE*.

[14] Ver KASTEN e OESCHLÄGER (1957: XXIX-XXXII), que assinalam ainda a proximidade gráfica do testemunho eborense com a estética do *scriptorium* alfonsino.

de R, apenas é conservada a matéria não bíblica – isto é, a história pagã – presente na segunda e terceira partes da obra[15]. Foi graças a esta descoberta que se tornou possível uma edição crítica completa da história universal alfonsina, uma vez que sem ela permaneceria no silêncio quase toda a terceira parte da *GE*. O testemunho Res. 279 é bastante mais tardio do que R – data do século XVI; está redigido a duas colunas, sobre papel, em letra gótica bastante regular e que aparenta ser sempre da mesma mão[16]. Embora seja crucial para a compreensão da estrutura de *GE3*, para o estudo dos comentários aos salmos este testemunho não é relevante. Não pode ser, contudo, descurada a persistência do interesse pelo texto alfonsino, sobretudo no que concerne a matéria pagã, já em pleno século XVI.

Uma vez que os dois testemunhos mais próximos do arquétipo – R e Av – são parcelares, a existência de outros testemunhos, ainda que em segundo grau de proximidade em relação ao estado inicial do texto, revelou-se muito importante para a concretização de uma edição crítica o mais próxima possível do plano delineado para a GE3. São estes os testemunhos Y8 ou S – RBME Y-I-8; BN ou T – BNE7563; e A6 ou Ra – RAE6, cópia de BN[17].

Sem dúvida que a descoberta de Av permitiu um avanço notável para o entendimento global da terceira parte da GE; veio também tornar manifesta a necessidade de integrar um outro ramo no *stemma codicum* até então definido para esta parte da história universal alfonsina. Assim, pôde delinear-se o seguinte *stemma*, que diverge dos anteriores apenas pela integração do ramo Res. 279 a par de R e do subarquétipo de onde descendem os outros testemunhos[18].

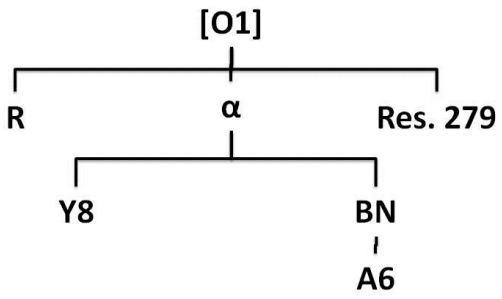
---

[15] Trata-se do testemunho Av, de cuja descoberta dá conta SÁNCHEZ-PRIETO BORJA (2000).

[16] Vejam-se as descrições de FERNANDEZ ORDOÑEZ (2002) e SÁNCHEZ-PRIETO BORJA (2009).

[17] As designações S e T são usadas pela primeira vez no elenco dos testemunhos então conhecidos da *GE* em SOLALINDE, A. (1930: XIX). Posteriormente tomam as denominações Y8 e BN, respectivamente a partir de SÁNCHEZ-PRIETO BORJA e HORCAJADA DIEZMA (1994). A designação Ra para RAE6 surge em FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ (2001: 49 e 53).

[18] A primeira apresentação de um *stemma* que compreenda todos os testemunhos até agora conhecidos para a terceira parte da *GE* surge em FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ (2002: 53), podendo também ser consultado, naturalmente, no estudo introdutório à terceira parte da edição integral de 2009.



O testemunho preservado na biblioteca do mosteiro de San Lorenzo del Escorial, Y-I-8, é um códice em papel com 235 fólios, redigido a duas colunas em letra gótica librária. Data do século XIV ou XV[19], formando conjunto, de acordo com Inés Fernández-Ordóñez[20], com os testemunhos da primeira e segunda partes B e ϕ, anteriormente analisados. Já o testemunho BNE7563 datará do século XV. Encontra-se redigido em letra gótica cursiva a duas colunas, sobre papel de fraca qualidade, estendendo-se por 306 fólios. Ambos os manuscritos conservam a mesma porção de texto – a matéria da primeira metade da terceira parte da GE, ou seja, desde os salmos até ao final do Livro de Isaías. Os dois testemunhos revelam-se fundamentais para a edição integral da terceira parte da *GE* uma vez que não só permitem corrigir algumas lacunas ou erros dos testemunhos que preservam apenas a parte bíblica ou pagã (R e Av) como dão a ver, através da apresentação de índices, a organização do texto em conformidade com o projeto alfonsino para esta passagem da GE[21].

Para a compreensão das correções aos salmos em R revelou-se necessária a consulta dos dois testemunhos que também incluem esta matéria – Y8 e BN. A edição disponível para a terceira parte é crítica, visando o estabelecimento do texto em conformidade com o que seria o projeto alfonsino. Esta opção, que permite, tal como o desejado pelos editores, «comprender el texto y ayudar a los lectores a entenderlo»[22], é bem sucedida deste ponto de vista[23]. Efetivamente, o literalismo das traduções,

[19] ZARCO CUEVAS (1924-1929:10), *apud* SÁNCHEZ-PRIETO BORJA (2009: LXXXIX): [letra] «gótica del siglo XV».

[20] FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ (2002: 49).

[21] Para uma descrição mais detalhada de Y8 e BN, bem como a compreensão do seu uso para a edição da terceira parte, consulte-se em particular SÁNCHEZ-PRIETO BORJA (2009: LXXXIX-XCI e CII-CVI).

[22] SÁNCHEZ-PRIETO BORJA (2009: CVII).

[23] Existe o esforço deliberado de transmitir o texto partindo de lições conjecturais que têm por base a versão latina latente. Foi neste sentido, de resto, que se encaminhou o labor editorial do coordenador da

mormente no que aos livros sapienciais diz respeito, é muitas vezes lesada pelos erros ou deturpações das cópias que chegam a afastar-se das lições das fontes ao ponto de atingirem a ilegibilidade[24].

Contudo, a edição crítica, ainda que tendo-se revelado de grande importância para a descodificação de passagens mais problemáticas dos manuscritos que transmitem a tradução dos salmos, não permite uma análise minuciosa das variações entre os testemunhos, nomeadamente no que aos erros diz respeito. De facto, a análise que se procurou fazer dos comentários aos salmos escritos numa língua híbrida, com traços castelhanos e portugueses, passou pela consideração de uma fonte castelhana para as correções. Uma vez que ocorrem situações em que as correções marginais em R se afastam do texto estabelecido pela edição crítica, a consulta direta dos testemunhos Y8 e BN tornou-se mais pertinente.

---

edição de 2009 desde que se dedicou ao projeto alfonsino. Remetemos para SÁNCHEZ-PRIETO BORJA (1989), id. (1990) e id. (2002). Também na edição conjunta que elaborou dos livros de Salomão se encontram reflexões pertinentes – SÁNCHEZ-PRIETO BORJA e HORCAJADA DIEZMA (1994). Todavia, devemos apontar para estudos precedentes que abriram largamente caminho para a compreensão da relação das vulgatas latinas, traduções da *Bíblia* para castelhano e *GE*. Veja-se especialmente CATALAN (1965), MORREALE (1982) e id. (1984). No estudo presente em OLMO LETE (2008), Pedro Sánchez-Prieto Borja expõe considerações fundamentais para a compreensão da relação entre historiografia e *Bíblia*, enquanto Gemma Avenosa destaca os processos de receção do texto. Consulte-se também os estudos de GÓMEZ ORTIZ e TRUJILLO BELSO (2009), e, para uma perspetiva mais abrangente das *Bíblia*s romanceadas, o estudo clássico de BERGER (1899). Por sugestão do Professor Doutor Pedro Sánchez-Prieto Borja (Universidad de Alcalá de Henares), indica-se GORMLY (1962). Ver ainda AVENOSA (2011) e SANTIAGO OTERO e REINHARDT (1986), id. (2001). Indica-se a existência de uma página de *internet* com interessantes informações sobre o romanceamento da *Bíblia* em castelhano: *Biblia Medieval*. Também é interessante, para o caso português, a obra de MARTINS, M (1979). Para uma panorâmica geral sobre o problema, sugere-se finalmente CREMASCOLI e LEONARDI, eds (1996), RICHÉ e LOBRICHON (1984) e SMALLEY (1978).

[24] Os critérios, escolhas e problemas colocados aquando da edição integral da terceira parte deverão ser consultados em SÁNCHEZ-PRIETO BORJA (2009: CVI-CXXVI).

1.2. Especificidades do testemunho R

A primeira e mais marcante impressão que o manuscrito CXXV 2/3 da Biblioteca Pública de Évora deixa é o contraste entre o seu estado inacabado e a riqueza da sua elaboração. Efetivamente, este manuscrito, que é completado pelo códice I.I.2 da Biblioteca do Mosteiro de San Lorenzo del Escorial[25], apresenta não só espaços que deixam adivinhar a valia futura das suas iluminuras como, quando efetivamente decorado conforme o projeto inicial, se manifesta como uma verdadeira peça de luxo.

Este manuscrito eborense, já amplamente descrito por António Solalinde e, mais recentemente, por Inés Fernández-Ordóñez e Pedro Sánchez-Prieto Borja, tem presentes, de acordo com este último investigador, os traços do *scriptorium* alfonsino, especialmente no que concerne a letra e o tipo de decoração. No entanto, também P. Sánchez-Prieto Borja se depara com um paradoxo ao detetar que, embora paleograficamente o manuscrito pareça revelar um uso mais antigo, a verdade é que linguisticamente não é possível situá-lo antes do reinado de Sancho IV[26], havendo até alguns traços que fazem avançar a sua datação para um pouco mais tarde no século XIV. Posto isto, estamos perante um manuscrito que, parecendo ter surgido na corte alfonsina, fazendo uso do mesmo estilo decorativo quer a nível de capitais, quer a nível de iluminuras, não poderá ser sequer da mesma época uma vez que a própria língua o denuncia enquanto manuscrito mais tardio: «Hemos situado R en los primeros años del siglo XIV. Mantiene bien ciertos rasgos de la lengua alfonsí, pero, con todo, se aprecia una notable modernización (...). Incluso presenta algún rasgo innovador, que sirven para insertarlo en el espacio castellano norteño (...) [um elemento linguístico] parece situarlo en el oriente de Castilla.»[27]; «Pero no necesariamente en el espacio leonés, pues no faltan ejemplos [desses rasgos inovadores] en la documentación castellana»[28].

Contudo, não são só as variantes linguísticas que apontam para um castelhano já trecentista, que fazem deste manuscrito um estranho testemunho da GE. Tal como

[25] Este manuscrito foi amplamente estudado por TRUJILLO BELSO (2009), aprofundando as suas considerações em id. (2009a).

[26] Sobre os aspectos linguísticos desta cronologia, ver SÁNCHEZ-PRIETO BORJA (1996), id. (1996a), id. (1998a).

[27] SÁNCHEZ-PRIETO BORJA (2009: CXXIV).

[28] Id. (2009: CXXIV, n. 124).

outros testemunhos tanto da terceira como da quinta partes, R seleciona apenas um conteúdo muito específico da história universal alfonsina: o conteúdo bíblico. E fá-lo de uma maneira por vezes descuidada, já que em pelo menos três momentos o tradutor-copista continua a seguir a versão original da GE, cortando abruptamente o texto não bíblico quando se dá conta do sucedido. Tal acontece logo no início, nos fólios 10 a 11, onde se traduz uma das cartas ovidianas. Mais adiante, no fólio 43, o mesmo erro acontece quando se introduz a referência ao rei Demofonte e, tal como anteriormente, também de forma abrupta se interrompe a narrativa. Por último, o único excerto de matéria não bíblica que não terá sido deixado por acaso no manuscrito é a história da sibila Cassandra, uma vez que tal narrativa cinge os universos bíblico e pagão, dando conta de que a profetisa de cuja linhagem – troiana – haveria de surgir a linhagem do Sacro-Império Romano-Germânico, antevira a vinda de Cristo.

Ainda assim, nota-se a assumida pretensão de apenas copiar o que se pode entender como a parte de *Bíblia* historiada da *GE*. Numa cópia distraída, como se pode ver pelas pequenas incursões na matéria pagã, mas também numa cópia descuidada, já que os erros de cópia são notórios e constantes[29] – ao ponto de um recetor pouco mais tardio ter procurado corrigir as lacunas, más leituras e gralhas do livro dos salmos que R inclui. Novamente, um paradoxo: um manuscrito de luxo, embora incompleto, mas claramente tido mais como objeto de deleite estético do que propriamente de consulta cuidada. Aliás, a própria determinação de copiar dele, sob a forma de códice luxuoso, apenas a matéria bíblica, quando havia já várias *Bíblia*s historiadas em castelhano, ou quando simplesmente quem tem posses para encomendar um manuscrito como R tê-las-ia também para encomendar uma tradução da *Bíblia*, adensam o problema.

Como se não fora o manuscrito R já de si um complexo dilema linguístico-codicológico, o facto de se completar com I.I.2, que compreende a quinta parte, sem o início da sexta, saltando logo para os ricamente decorados Evangelhos, permitem constatar que, de facto, quem decidiu encomendar semelhante obra não só tinha um interesse particular pela matéria bíblica da maior obra alfonsina como também, e

[29] Já haviam dado conta deste problema SÁNCHEZ-PRIETO BORJA. e HORCAJADA DIEZMA (1994), assinalando novamente as dificuldades e erros que a versão transmitida por R colocam SÁNCHEZ-PRIETO BORJA (2009).

sobretudo, tinha um acesso privilegiado a tais materiais, além, como é evidente pela qualidade dos testemunhos, de ter avultadas posses económicas para o fazer.

Finalmente, e é nisto que reside o grande interesse do manuscrito R para o estudo da receção da *GE* em Portugal, existem as já referidas correções ao livro dos salmos. Algures ainda no século XIV, embora mais tarde do que na data de elaboração do manuscrito tal como o arredondamento dos caracteres denuncia, um copista – quiçá o monge que se autorretrata em baixo no fl. 97vII? – insurge-se contra as repetidas falhas na tradução dos sagrados cantares de David e decide corrigi-los. Estas correções são extremamente reveladoras pois manifestam que as mãos a quem chegou este manuscrito não tiveram por ele a estima que tal objeto de luxo merecia. Com efeito, corrige-se de forma grosseira nas margens, rasurando palavras ou mesmo versículos inteiros do corpo do texto, não se tem qualquer pudor em escrever longas notas ao lado, e, ainda mais, o precioso códice é desdenhado ao ponto de se encontrarem desenhos de pequenos animais e rostos, todos estes da mão do corretor trecentista.

Este corretor é a chave para que se considere que ou R chegou muito cedo a território português ou então circulou por meios portugueses em Castela, o que talvez fosse mais improvável dado o teor das correções portuguesas. De facto, usamos o termo «português» aqui por encontrarmos um copista que usa claramente a hábitos de escrita da chancelaria de Afonso III, recorrendo ao /lh/ para a palatal lateral e ao /nh/ para a palatal nasal. Aliás, uma das correções, absolutamente irrelevante para qualquer leitor medíocre do castelhano, passa por escrever, em nota, «senhor» como correção de «señor». Contudo, não estamos de todo perante um corretor que, eivado de uma qualquer sanha nacionalista, decide reescrever em galego-português uma mediana tradução dos salmos castelhana, desfigurando para tal uma verdadeira peça de luxo redigida na língua vizinha. Este estranho corretor, pelo contrário, é notoriamente bilingue no que às correções diz respeito[30]. Muitas delas estão em castelhano, usando-se grafias castelhanas, tais como /ll/ ou /ñ/ e /nn/ para as correspondentes portuguesas /lh/ e /nh/, ao mesmo tempo que se escreve em galego-português – tal como o manifestam a conjugação verbal ou os determinantes artigos definidos. Em outras passagens, a mesma mão anota em castelhano usando grafias claramente portuguesas.

[30] As questões levantadas pela ambiguidade linguística da mão corretora obrigam-nos a remeter para algumas reflexões sobre alternâncias de códigos linguísticos. Veja-se NILEP (2006).

Esta troca sucessiva de código linguístico apenas nos pode sugerir que ou estamos perante um corretor efetivamente bilingue, que por isso mesmo oscila entre galego-português e castelhano quer a nível morfológico e sintático, quer a nível ortográfico, ou que este corretor, habituado a passar de uma língua a outra, se encontra num meio onde ambos os códigos linguísticos e sobretudo ambas as ortografias são claramente percetíveis e usadas[31]. Sendo que é tão frequente a correção para galego-português, a par do uso de uma *scripta* oriunda da tradição chancelaresca portuguesa, nada obsta a que se considere que este manuscrito já estivesse em Portugal à data das correções – data essa relativamente próxima da data de elaboração de R – pese embora o desinteresse estético em que o códice caiu posteriormente.

[31] É especialmente pertinente para este assunto o artigo de MOREIRA (2011).

1.3. Os comentários aos salmos: um elenco comentado

Embora a tradução dos salmos incluída na *GE* tenha sido editada por Pedro Sánchez-Prieto Borja em 2009 a partir do testemunho R e, no aparato crítico, surjam as variantes de outros manuscritos incluindo, sob a sigla R2, a *marginalia* de R, tornou-se pertinente, para uma análise mais aprofundada dessas correções, transcrever novamente a partir dos manuscritos as correções e as passagens que estas corrigem no manuscrito conservado em Évora.

Muitas das correções passam pela definição, erosão ou rasura de letras apagadas; outras, pela introdução de grafemas ou sílabas que completem ou modifiquem a palavra de acordo com o ponto de vista do corretor, que nem sempre coincide com as lições mais próximas do arquétipo que se encontra na edição a que recorremos. Tendo em vista que muitas destas correções, quase sempre minudentes, não constituem na maior parte das vezes matéria suficiente para proceder à análise dos critérios de correção e, posteriormente, à compreensão dos motivos por trás da língua dúplice que parece escorrer da pena do revisor, optou-se por selecionar as passagens do texto que revelem a inserção ou eliminação de morfemas ou sintagmas inteiros, excluindo-se assim a elisão ou acrescento de letras ou sílabas isoladas. Sabendo os riscos que podem advir de tal escolha, ainda assim esta pareceu-nos a mais segura, já que a partir dela se torna mais visível como funcionou o processo de correção ao manuscrito R. Ainda assim, não foi feita uma leitura cega das correções pelo que se abriu uma exceção para casos de inserção de grafemas que alteravam de forma determinante todo o sentido da frase.

Neste sentido, as transcrições seguem os seguintes critérios, semelhantes aos utilizados para a apresentação das passagens de manuscritos em anexo[32]:

- transcrição da passagem e linhas adjacentes foram transcritas, para melhor contextualização do elemento sujeito a correção
- as palavras eliminadas por rasura foram transcritas a sublinhado
- o desenvolvimento de abreviaturas apresenta-se em itálico

[32] Procurou-se manter a coerência entre os critérios de transcrição utilizados para a elaboração deste elenco de comentários e correções aos salmos e para a apresentação dos manuscritos que foram alvo de estudo para comparação com os fragmentos portugueses da *GE*.

- procedeu-se à separação ou união de palavras; no caso específico dos pronomes em posição pós-verbal, seguiram-se as normas atuais respetivamente do português e do espanhol.
- tomou-se o cuidado de, perante o contexto de abreviaturas de nasalidade, representar com /m/ a nasalidade antes das consoantes oclusivas /p/ e /b/, e no final de palavra para as palavras em português
- preservou-se a representação da palatal nasal /ñ/. Quando é colocada a abreviatura de nasalidade sobre a vogal precedente a /n/, esta é desenvolvida em /*n*/, uma vez que são frequentes os casos em que a palatal nasal é representada por /nn/.
- o desenvolvimento de abreviaturas nasais nos comentários aos salmos são circunstanciais, ou seja, dependem, quando é possível, da combinação de grafias mais castelhanas ou mais portuguesas nos sintagmas. Em casos extremos de dúvidas que surgem perante vogais nasais preferiu-se conservar a abreviatura, assinalando-se a marca de nasalidade com um til.
- conservaram-se as flutuações entre /v/, /b/ e /u/; nos casos onde surgiu /u/ longo, optou-se pelo grafema /b/
- a erosão do pergaminho e lacunas fez-se representar por <...>. A reconstrução de palavras, por ausência de uma letra, é feita entre parênteses retos [.]. Para omitir letras utilizam-se parênteses curvos (.)
- a divisão de linhas é feita por um traço vertical: /, dois traços para divisão de coluna ou fólio: //
- para melhor legibilidade e compreensão do texto, decidiu-se transcrever as passagens sujeitas a análise e apresentar em baixo as palavras ou frases inseridas pelo corretor, independentemente de estas surgirem no corpo ou nas margens do texto. A localização de cada uma dessas palavras está marcada com *, podendo-se chegar a um máximo de quatro asteriscos por passagem.
- quaisquer exceções são pontualmente assinaladas e explicadas.

Para facilitar a identificação dos trechos analisados na edição de 2009[33], e também para permitir, em casos em que a transcrição se revela de leitura mais difícil, maior acessibilidade ao texto, indica-se em nota de rodapé o salmo a que a passagem estudada corresponde, a página do volume da edição integral e ainda o texto estabelecido pelo editor.

Optou-se pela apresentação conjunta de todos os comentários que surgem em R, apesar da eventual complexidade de leitura que tal decisão possa causar. Na verdade, revelou-se bastante arriscada a definição de tipos de comentários ou anotações marginais. Em vários casos, coincidem no mesmo excerto de texto simultaneamente leituras convergentes e divergentes, manifestando-se redundante submeter a mesma passagem a análise em diferentes apartados. Entendemos como leituras convergentes as notas marginais que coincidem com as outras versões castelhanas disponíveis. Uma vez que esta convergência pode surgir apenas com um dos testemunhos, ou de forma não integral – por exemplo, anotações ou releituras do castelhano que, embora confluam no sentido, são lexicalmente afastadas das versões Y8 e BN, aproximando-se, linguisticamente, do português – revelou-se inútil a tentativa de destrinçar em vários subgrupos os tipos de comentário.

Ao longo desta pequena análise utilizou-se a designação «português» para a língua diferente do castelhano não por se considerar o português desta cronologia como uma língua totalmente distinta do galego-português, mas apenas pelo facto de a ortografia pertencer de facto à tradição chancelaresca introduzida por Afonso III.

Como se procurou oferecer um inventário o mais exaustivo possível da *marginalia* de R também se reuniram notas de leitura – ou seja, as pequenas anotações marginais que visam sublinhar uma passagem do texto, ou eventualmente corrigir ou facilitar a leitura da versão original de R, perfazendo um total de trezentas e dezassete ocorrências.

Em muitos casos, particularmente aqueles em que a mão corretora coincide – por rasurar ou acrescentar palavras – integralmente com os testemunhos Y8 e BN, abstivemo-nos de tecer comentários, reservando apenas algumas considerações breves para aquelas ocorrências que, pela sua peculiaridade, merecem ser sublinhadas. Ao

[33] AFONSO X (ed. 2009), III Parte, vol. 1.

contrário do que é possível para os fragmentos da tradução das primeira e segunda partes, conforme veremos, com as anotações a R revelou-se inútil uma tentativa de colação que permitisse destrinçar uma família de textos na qual filiar a mão corretora, ou R2. Para este efeito não só seria necessária uma análise ainda mais detalhada de cada anotação – incluindo, neste caso, mesmo as alterações de um ou outro caracter – como ainda não seria despicienda uma leitura colacionada com versões latinas ou mesmo romanceadas da *Bíblia*.

A tarefa afigurou-se demasiado vasta para ser executada em tempo útil e com garantia de bons frutos, pelo que a deixamos em aberto para eventuais investigações futuras. Contudo, estamos em crer que a apresentação destes comentários marginais contribuem decisivamente para a compreensão dos diferentes meios de circulação da obra alfonsina em Portugal, uma vez que denota uma leitura prévia – e independente – do projeto de tradução de que são testemunho os fragmentos da primeira e segunda partes. Poderemos, através de uma apreciação deste elenco, assinalar que houve, de fato, um primeiro momento de receção/leitura da *GE* em Portugal, plasmado neste manuscrito, que se manifesta em correções que talvez previssem um público que não chegou a existir.

Neste primeiro exemplo, o corretor acrescenta um termo alheio às outras versões castelhanas.

1) R, 86rI, 19-21: Turuiado/ es el mio oio ante la saña: enuegea entre to*/ mis enemigos[34]
*todos

Y8, 4vI, 30-32: turbado/ es el mj ojo ante la saña enbegesçi/ entre mjs enemigos
BN, 6rI, 2-4: turujado es el mi/ ojo ant*e* la tu saña enuegeçi e*n*/tre mis enemigos

2) R, 86rI, 38-39: Segude el enemigo la mi alma *e* prendala *e* coçee en la*/ mi uida[35]
* t*ie*rra

[34] GE3, I, VI, 16: Turviado es el mio ojo ante la saña; envegecí entre todos mis enemigos
[35] VII, 16: Segude el enemigo la mi alma e préndala, e cocee en la tierra mi vida

Y8, 4vII, 12-14: Sagude el mjo/ enemigo la mj alma y prendala/ y coçee en la t*ie*rra la mj vida

BN, 6rI, 26-29: sa/cude el mj enemigo la mj alma/ *e* prendela *e* coçee e*n* la t*ier*ra la mj/ vida

O exemplo seguinte manifesta uma correção da ordem das palavras, que assim fica idêntica às lições de Y8 e BN, ao mesmo tempo que revela o bilinguismo latente do revisor/corretor castelhano-português:

3) R, 86rI-II, 60-61: *e* ca*n*tare del señor al// nombre* muy alto[36]

* del senhor

Y8, 4vII, 38-39: y cantare yo al no*m*bre del se/ñor muy alto

BN, 6rII, 23-24: *e* cantare/ yo el nonbr*e* del señor muy alto

É interessante, na correção de uma lacuna do manuscrito R, a escolha de um termo – «acabar» – que diverge das opções castelhanas – «fazer», embora haja alguma confluência semântica entre as duas versões.

4) R, 86rII, 6-8: De la boca d*e* los jnfantes *e* d*e* los q*ue* maman <...>*/ alabança por t*us* enemigos[37]

*acabaste

Y8, 5rI, 4-6: De la boca de los/ jnfantes y de los q*ue* mamaua*n* feziste/ alabança por tus enemigos

BN, 6rII, 32-6vI, 2: de la boca de los// Infant*es* *e* de los q*ue* mamaua*n* fazian/ alabança p*ar*a tus enemjgos

5) R, 86rII, 16-18: las oue/las *e* las uacas* *e* demas todos los otros gana/dos[38]

[36] VII, 17: e cantaré al nombre del Señor muy alto

[37] VIII, 17: De la boca de los infantes e de los que maman <...> alabança por tus enemigos

*todas

Y8, 5rI, 17-18: las obejas las bacas todas y de mas/ los otros ganados
BN, 6vI, 14-16:las oue/jas *e* las vacas todas demas los/ ot*ro*s ganados

Mais do que uma correção, o acrescento seguinte manifesta uma vez mais a ambivalência linguística do revisor de R, que, tal como demonstrado, pode utilizar sintagmas integralmente portugueses.

6) R, 86rII, 29-30: enfermaran ellos *e per*escran* Ca/ feziste tu el mi juysio[39]
*da tua face

Y8, 5rI, 30-31: enfermera*n* ellos y peresçra*n*/ Ca feziste tu el mi juysio
BN, 6vI, 31-32:enfermera*n* ellos *e* pe/rescra*n* Ca feziste tu el mi// juizio

7) R, 87rI, 4-5: Sennor q*ui*en morara en la* tienda o q*ui*en/ folgara en el tu s*anct*o mo*n*te[40]
*tu

Y8, 6rII, 6-8: s<...>eñor q*ui*en morara enla tu tienda/ o quje*n* folgara en el tu santo/ monte
BN, 8rII, 19-22:s<...>eñor quie*n* morara en/ la tu tie<...> o qujen/ folgara e*n e*l tu sa*n*to/ mo*n*te

8) R, 87rI, 13-14: njn tomo dones sobre/ el q*ue* no*n* fizo por q*ue**El XVº psalmo[41]
*q*ue*m faz aq*ue*stas cousas no*m* se mouera ya senp*re*

[38] VIII, 17: las ovejas e las vacas todas, e demás los otros ganados.
[39] IX, 18: Enfermerán ellos e perezçrán, ca feziste tú el mi juizio.
[40] XIV, 21: Señor ¿quién morará en la tienda o quién folgará en el tu santo monte?
[41] XIV, 21: nin tomó dones sobre el que non fizo por qué. Quien estas cosas faze nunca será conmovido

Y8, 6rII, 17-19: no*n* tomo dones sobre el q*ue* no*n* faze por q*ue*/ q*ui*en estas cosas faze nu*n*ca sera mo/ujdo

BN, 8vI, 2-4: non tomo dones sobr*e* el q*ue* non/ faze por q*ue* qujen estas cosas faze/ nu*n*ca sera moujdo

9) R, 87rI, 31-32: maltraxiero*n* las mis* Yo uja al señor de todo en todo *e* ante mi sie*m*pre ca me esta a la^s^ diestra^s^ [42]

*renes

Y8, 6rII, 37-39: maltraxirea*n* las mjs ren*e*s/ yo beya al señor de todo en todo y ant*e*/ mj sjempre ca me esta a la diestra

BN, 8vI, 27-30: maltraxieron las mjs Renes/ yo veya al señor de todo en todo/ *e* ante mj señor ca me esta a la/ diestra

Assinalamos o exemplo seguinte como a primeira das várias ocorrências em que o corretor de R rasura o texto, divergindo assim dos outros testemunhos. Por vezes, como se verá adiante, esta seleção parece pautar-se pelo evitar da redundância ou repetição retórica. Neste caso, «cobrir» e «defender» poderão ser entendidos para o corretor como redundância de sentido.

10) R, 87rI, 59-61: So la sombra d*e* las t*us*/ alas me cubre *e me defiende* ante la faz de llos sin/ piadat[43]

Y8, 6vI, 29-31: So la sonbra de/ las tus alas me cubre y me defien/de ante la fas de los de syn piadat

BN, 9rI, 1-3:so la son/bra delas tus alas me cubre *e* me de/fiende ante la faz de los de sy*n* piedat

[42] XV, 22: maltraxieron las mis renes. Yo vía al Señor de todo en todo e ante mí siempre, ca me está a la diestra

[43] XVI, 23: So la sombra de las tus alas me cubre e me defiende ante la faz de los de sin piadat

11) R, 87rII, 10-11: es fenchido el uie*n*tre d*e*llos Hartaron s*us* *<...>/ chiriuias *e* dexaro*n* los s*us* relieues[44]
*fijos

Y8, 6vII, 4-6: es fenchido el/ vjentre dellos fartaro*n*se de cheriuj/as y dexaro*n* los sus Relieues
BN, 9rI, 17-20: es hin/chido el vientre dellos *e* fartaro*n*/se de chiriujas *e* dexaro*n* los sus/ Relieues

12) R, 87rII, 50-51: d*e* la tu yra Embio del muy alto *e* tomo* *e* le/uo me[45]
*me

Y8, 7rI, 6-7: de la tu yra Enbio d*e*l muy/ alto y tomome y lleuome
BN, 9vI, 2-4: de la tu/ yra enbio del muy alto *e* to/mome *e* leuome

13) R, 87vI, 33-34: *e* eches/te* a los q*ue* se leua*n*tauan co*n*tra mj[46]
*so mi

Y8, 7rII, 17-18: y echaste so mj als/ q*ue* se leuantaua*n* contra mj
BN, 9vII, 29-30: *e* echaste so/ mj alos q*ue* se leuanta*n* cont*ra* mj

É particularmente interessante a primeira anotação do exemplo seguinte. Mais do que uma correção, trata-se de sublinhar o termo «exaltar» através do verbo «alegrar», possivelmente mais familiar para os leitores futuros que o corretor previa.

14) R, 87vII, 7-8: Exalçosse* como gigante para** la car/rera <u>q*ue* era de correr</u> de somo del çielo[47]
*alegrousse **correr

[44] XVI, 23: es fenchido el vientre d'ellos. Fartáronse de chirivías, e dexaron los sus relieves
[45] XVII, 24: de la tu ira. Enbió del Muy Alto e tomóme, e levóme
[46] XVII, 25: e echeste so mí a los que se levantavan contra mí
[47] XVIII, 25: Exalçóse como gigante para la carrera que era de correr. De somo del cielo

Y8, 7vI, 16-17: Exaltose como gigante para la ca/rrera q*ue* era de correr de somo del cielo

BN, 10rII, 7-9:en/salçose co*m*mo giga*n*te p*ar*a la carrera/ q*ue* era de corre*r* de sumo del cielo

15) R, 87vII, 13-14: dante sapie*n*cia a las almas a los peque*n*nuelos[48]

Y8, 7vI, 22-23: dante sap*ien*cia/ a los peq*ue*ños

BN, 10rII, 14-15: dante/ sabi*enci*a a los peq*ue*nos

16) R, 87vII, 16-18: Sancto el temor/ del señor q*ue* dura fasta en el sieglo* uerdaderos/ los juysios del señor[49]

*del seglo

Y8, 7vI, 26-28: Santo el temor del señor du/ra fasta en el siglo Verdaderos los juy/zios del señor

BN, 10rII, 19-20: sa*n*to el te/mor d*e*l señor dura fasta al/ siglo *ver*daderos los jujzios del señor

Nesta ocorrência nota-se a alteração da frase através de uma reconstrução da versão original em R por via de uma estrutura gerundiva.

17) R, 87vII, 21-23: Ca el tu sieruo los guarda*/ gualardones ** de aguardar Los/ peccados[50]

* *e* e*nguar*dan(do)los ** muchos

Y8, 7vI, 32-34: Ca el tu sieruo los guarda mucho/ gualardo*n* en ellos que son de guardar/ los pecados

[48] XVIII, 25: dante sapiencia a las almas de los pequeñuelos

[49] XVIII, 26: Santo el temor del Señor; dura fasta en el sieglo del sieglo. Verdaderos los juicios del Señor

[50] XVIII, 26: Ca el tu siervo los guarda, en guardando los gualardones muchos. Los pecados

BN, 10rII, 24-26: Ca el tu sie*r*uo los/ g*uar*da mucho gala*r*don a elos q*ue* so*n*/ de g*uar*dar los pecados

18) R, 87vII, 24-25: *e* d*e* los aienonos* al tu sieruo[51]
*perdona

Y8, 7vI, 35-36: y de los age/nos perdona al tu sieruo
BN, 10rII, 27-28: *e*/ de los agenos p*er*dona al tu sie*r*uo

Esta pequena anotação marginal permite a maior clareza da frase ao identificar o sujeito alvo da ação divina:

19) R, 87vII, 54-56: Ca/ ante ueniste en be*n*diciones de dulcedumbre/ posistel en la *cabeça corona de piedra preciosa[52]
*su

Y8, 7vII, 31-33: Ca ante veniste en bendiçio/nes de dulçedumbre posiste le en la/ cabeça corona de piedra preciosa
BN, 10vI, 31-34: ca le ante veniste enben/ dicion*e*s de dulçedunbr*e* posiste/ le en la cabeça corona de piedra/ preçiosa

20) R, 88rI, 2-3: en la mis*eric*o*r*dia <u>del señor</u> muy alto no*n* sera mo/uido[53]

Y8, 8rI, 1-2: en la mjseri/cordia del muy alto no*n* sera moujdo
BN, 10vII, 8-10: en la/ mjsericordia del muy alto non/ sera moujdo

21) R, 88rI, 9: el su linaie. <u>Y</u> ca se partiero*n*[54]

[51] XVIII, 26: e de los ajenos perdona al tu siervo
[52] XIX, 26-27: ca ante veniste en bendiciones de dulcedumbre. Posistel en la cabeça corona de piedra preciosa
[53] XIX, 27: en la misericordia del Señor Muy Alto non será conmovido
[54] XIX, 27: el su linaje. Ca se partieron

Y8, 8rI, 10-11: el su ljna/je Ca se partiero*n*

BN, vII, 18-19: el su linaje/ ca se pa*r*tiero*n*

22) R, 88rI, 17-18: Dios mio dios cata piadosame*n*te en mj/ por q*ue* me desampareste[55]

Y8, 8rI, 19-21: dios mjo dios cata piadosame*n*/te en mj por q*ue* me desanpa/raste

BN, 10vII, 27-29: Dios mj dios cata piadosa/me*n*te en mj porq*ue* me desa*m*/paraste

23) R, 88rII, 32-33: *e* la muchedu*n*bre/ d*e*la * redo*n*deza d*e* llas t*ie*rras[56]

*la

Y8, 8vI, 30-32: y la llene/dumbre della la rredondeza/ de las t*ie*rras

BN, 11vI, 28-31: *e*/ la llenedunbr*e* d*e*lla/ la Redo*n*desa de las/ t*ier*ras

Estamos aqui perante um exemplo interessante de correção que aproxima R das outras versões castelhanas. Tal como fora referido na introdução, este é mais um dos exemplos de bilinguismo redacional, ou seja, se a língua subjacente às correções não parece deixar de ser castelhano, a grafia evidentemente portuguesa manifesta um corretor que, com grande certeza, seria conhecedor das duas línguas, estando assim confortável em qualquer uma das grafias escolhidas.

24) R, 88rII, 44-47: *e* seet alçadas puertas/ p*er*durables *e* entrara el Rey de gl*or*ia* Quien/ es este Rey de gl*or*ia el se*n*nor de la gl*or*ia *e* el/ se*n*nor d*e* las uirtudes esse es el Rey de gl*or*ia[57]

* Quien es este re/ de gl*or*iasenho/ forte *e* poderoso/pod*er*o/so/ en batalha Alto/ Alcad los p*ri*ncipe/uostras portas/sed alcadas po/tas durabres/t*e*m el rey de gl/

[55] XX, 27: Dios, mio Dios, cata piadosamente en mí. ¿Por qué me desampareste?

[56] XXIII, 29: e la muchedumbre d'ella, la redondeza de las tierras

[57] XXIII, 29: e seet alçadas puertas perdurables, e entrará el rey de gloria. ¿Quién es este rey de gloria? El Señor de la gloria e el Señor de las virtudes; ésse es el rey de gloria, Señor fuerte e poderoso, e Señor poderoso en batalla. Alçad los príncipes vuestras puertas e seed alçadas puertas durables, e entrará el rey de la gloria. ?Quién es este rey de gloria? El Señor de las virtudes ésse es el rey de gloria.

Y8, 8vII, 3-11: y/ sed alçadas las puertas durables/ y entrara el Rey de gl*or*ia quje*n* es este/ Rey de gloria señor fuerte y poderoso/ y señor poderoso en batalla alçad/ los prinçipes v*uest*ras puertas y seed al/cadas puertas durables y entrara/ el Rey de la gloria q*ui*en es este Rey/ de gloria el señor de las vjrtudes ese/ es el Rey de gloria

BN, 11vII, 13-23: *e* seed alça/das las puer*t*as durabl*es* *e* en/trara el Rey de gloria qujen/ es este Rey de gloria Señor fue*r*/te *e* poderoso e señor poderoso/ en batalla alçad los prinçipes/ v*uest*ras pue*r*tas *e* seed alçadas/ pue*r*tas durabl*e*s entrara el Rey/ de la gloria quje*n* es este Rey de/ gloria el señor de las v*ir*tud*e*s ese/ es el Rey de gloria

25) R, 88vI, 18-19: Cata en mi *e* auet mer/cet* ca uno solo *e* pobre so yo[58]

*de mi*m*

Y8, 9rI, 8-9: Cata en mj y abe me/ merçed ca vno solo y pobre so yo

BN, 12rI, 31-32: Cata en mj *e* ave me*r*çed/ ca vno solo *e* pobre so yo

26) R, 88vI, 48: Mas yo en *e*l mj* nozimie*n*to entre redimeme[59]

*no*m*

Y8, 9rII, 3-4: Mas yo en el mjo no*n* nozimjento entre/ redimeme

BN, 12vI, 4-5: mas yo enl mj no nozjmje*n*to entre/ Remideme

A correção seguinte permite clarificar o sentido do versículo, retirando a «una» o sentido pronominal e inserindo o nome «cosa» para maior facilidade de compreensão.

27) R, 88vII, 20-22: Si se leua*n*tare ba/talla co*n*tra mi en este esp*er*are yo Una* pedi/ del señor esta buscare[60]

*cosa

[58] XXIV, 30: Cata en mí e ave mercet, ca uno solo e pobre só yo.

[59] XXV, 31: Mas yo en el mi non nozimiento entré. Redímeme

[60] XXVI, 31: si se levantare batalla contra mí, en éste esperaré yo. Una pedí del Señor; ésta buscaré

Y8, 9rII, 18-20: Sy se leuantare batalla/ contra mj en este esperare yo Vna pedi/ del señor esta buscare

BN, 12vI, 19-22: sy/ se leuantare batalla cont*ra* mj enste/ esperare yo vna pedj del señor/ esta buscare

Neste exemplo, o corretor parece considerar mais próximo da ação de proteção divina o verbo cobrir do que defender.

28) R, 88vII, 25-27: Ca me asco*n*dio en la su tie*n*da en el dia de los/ males* et <u>defendiome</u> en los ascondido d*e* la su tie*n*/da [61]

**e* cobriume

Y8, 9rII, 24-25: Ca me ascondio en la/ su tienda en el dia de los males y defe*n*/diome en lo ascondido de su tienda

BN, 12vI, 25-28: ca/ me ascondio en la su tie*n*da enl/ dia de los mal*es* *e* defendiome en/ lo ascondido de su tie*n*da

29) R, 88vII, 41-43: Ca se leua*n*taron contra/ mi testigos torticieros *e* la su <u>uolu*n*tad</u>

*mitio a/ ellos[62]

*maldat

Y8, 9vI, 3-5: ca se leua*n*/taro*n* contra mj testigos tortiçeros y la/ su voluntad mjntio a ellos

BN, 12vII, 17-19: ca se leuantaro*n* cont*ra*/ mj testigos tortiçieros *e* la su/ volu*n*tad mi*n*tio aellos

É intessante a flutuação linguística neste pequeno apêndice da mão corretora de R: por um lado, a forma do verbo no imperativo é castelhana; por outro, o sintagma «o teu coração» é evidentemente português.

[61] XXVI, 31: Ca me ascondió en la su tienda en el día de los males, e defendióme en lo ascondido de la su tienda.

[62] XXVI, 31: ca se levantaron contra mí testigos torticieros e la su maldat mintió a elos

30) R, 88vII, 44-46: Esp*er*a en el señor *e* faz ua/ronil me*n*te *e** sosten al señor <...> tu coraçon*/* esforçado[63]

*esforçare o teu coração

Y8, 9vI, 7-8: Espera al señor faz varo/njl mente y sosten al señor.

BN, 12vII, 21-22: espera al señor/ faz baronjlmente *e* soste*n* al señor

31) R, 88vII, 55-56: Que fablan paz co*n* su uezino *e*/ tienen males en los* coraçones[64]

**s*us*

Y8, 9vI, 18-20: que/ fablan paz con su vezino y tiene*n* ma/les en los coraçones

BN, 13rI, 2-3: q*ue* fablan paz con su/ vezi*n*o *e* tiene*n* males en los coraçone*s*

32) R, 89rI, 2-3: Bendicho es el sen*n*or porq*ue* oyo/ la boz del mio ruego[65]

Y8, 9vI, 27-28: bendito el se/n*n*or porq*ue* oyo la boz del mj rruego

BN, 13rI, 11-13: be*n*/dito el sen*n*or porq*ue* oyo la boz del/ mj ruego

33) R, 89, rI, 9-10: *e* ma*n*tenlos *e* en/salça los fasta en cabo por sie*m*pre[66]

Y8, 9vI, 36-37: y matenlos y en/xalcalos fasta en cabo por syenpre

BN, 13rI, 22-23: *e* matenlos *e* ensalçalos/ fasta en cabo por sienpr*e*

34) R, 89rI, 18-20: La boz del señor en uirtud la boz del/ señor en grandeza. La boz del señor en gran/deza. La uoz del señor q*ue* quebra*n*ta los cedros[67]

---

[63] XXVI, 31-32: Espera en el Señor; e faz varonilmente, sostén al Señor <...> tu coracón esforçado

[64] XXVII, 32: que fablan paz con su vezino e tienen males en los coraçones

[65] XXVII, 32: Bendicho es el Señor porque oyó la boz del mio ruego

[66] XXVII, 32: e manténlos e ensálçalos fasta en cabo por siempre

[67] XXVIII, 32: La voz del Señor en virtud; la boz del Señor en grandeza; la voz del Señor que quebranta los cedros

Y8, 9vII, 5-7: la boz del señor en virtud la boz/ del señor en grant*e* fecho la boz del señor/ q*ue* quebrantara el señor los çedros

BN, 13rII, 1-4: la boz del señor/ en *vir*tud la boz del señor en gra*n*d/ fecho la boz del señor q*ue* quebra*n*/tara el señor los çedros

35) R, 89rII, 4-6: Asacar me as delaqueste lazo q*ue* me asco*n*/dieron ca tu eres el mio defendedor En las/ tus manos *encome*n*do el mio sp*iri*tu[68]

*senhor

Y8, 10rI, 18-21: Sacar me as deste/ lago q*ue* me ascondiero*n* ca tu eres el/ mjo defendedor En las tus manos/ encomiendo el mj esp*iri*tu

BN, 13vII, 1-4: saca*r* me as deste lazo q*ue* me as/condiero*n* ca tu er*e*s el mj defen/dedor en las tus manos enco/mje*n*do el mi sp*iri*tu

36) R, 89rII, 7-9: Aborreciste a los/ q*ue* guardan uanidades uaname*n*te a dios/ Mas yo en *e*l sennor espere [69]

Y8, 10rI, 22-24: aborresçe/ los q*ue* aguardan vanjdades vana/mente ademas Mas yo en *e*l señor/ espere

BN, 13vII, 5-8: aborres/çiste los q*ue* aguarda*n* vanjdad*e*s/ vaname*n*te ademas mas yo enl/ señor espere

37) R, 89rII, 11-14: Ca tu cateste/ mis*er*icordiosame*n*te la* humildat salueste la mi/ alma d*e* las ** Nin me encerreste/ en las manos del enemigo[70]

* mj **necessidades

Y8, 10rI, 25-29: ca tu cateste/ mjsericordiosamente la mi vmildat/ salueste la mj alma de las mjs cuitas/ Nin me ençerreste en las manos/ del enemjgo

---

[68] XXX, 34: Sacar me as de aqueste lazo que me ascondieron, ca tú eres el mio defendedor. En las tus manos encomiendo el mio espíritu.

[69] XXX, 34: aborreciste a los que guardan vanidades vanamente a Dios. Mas yo en el Señor esperé

[70] XXX, 34: ca tú cateste misericordiosamente la mi humildat. Salveste la mi alma de las mis cuitas, nin me encerreste en las manos del enemigo

BN, 13vII, 10-14: ca tu cateste mjsericordio/same*n*te la mj humjldad sal/uaste la mj alma de las mjs cuy/tas nj*n* me ençerreste en las ma/nos del enemjgo

38) R, 89rII, 14-15: Aue mercet/ de mi señor * atorme*n*tado so[71]
*ca

Y8, 10rI, 30-31: abe merçed/ de mj señor ca atormentado so
BN, 13vII, 16-17: aue me*r*çed de mj señor ca a/torme*n*tado so

39) R, 89rII, 46-47: Mas yo dix en la sallida/ d*e* la* mie*n*te echado so d*e* la faz d*e* los t*us* oios[72]
*mi

Y8, 10rII, 30-32: Mas yo dixe en la sallida/ de mj mjente echado so de la faz de los/ tus ojos
BN, 14rI, 26-28: mas/ yo dixe en la salida de mj mj/ente

40) R, 89vI, 6-8: Dix confessare/ co*n*tra <u>ti</u>* el mi tuerto al señor tu p*er*doneste la/ no*n* piadat del mio peccado[73]
*mi

Y8, 10vI, 13-15: Dixe confesare co*n*/tra mj el mjo tuerto al señor tu perdo/neste la no*n* piadad del mjo pecado
BN, 14rII, 20-22: dize co*n*fesare cont*ra* mj el/ mj tue*r*to al señor tu p*er*doneste la/ no*n* piedad del mj pecado

41) R, 89vI, 15-17: Non q*ue*rades/ seer fech*o*s como cauallo *e* mulo a los q*ue* les no*n*/ es ente*n*dimie*n*to <u>ni*n*guno</u>[74]

[71] XXX, 34: Ave mercet de mí, Señor, ca atormentado só.
[72] XXX, 34: Mas yo dix en la salida de la miente: - Echado só de la faz de los tus ojos.
[73] XXXI, 35: Dix: - Confessaré contra ti el mi tuerto al Señor. Tú perdoneste la non piadat del mio pecado.
[74] XXXI, 35: Non querades seer fechos como cavallo e mulo a que les no es entendimiento.

Y8, 10vI, 24-26: Non que/rades ser fechos como el cauallo y/ el mulo a q*ue* non es entendimjento
BN, 14rII, 31-14vI, 1: Non q*ue*rad*e*s se*r*/ fechos com*m*o el cauallo *e* el mulo a q*ue*// no*n* es entendime*n*to

Esta correção a R oferece informação importante – a glorificação dos justos – que é omitida nas outras versões dos salmos:

42) R, 89vI, 21-23: Alegratuos en el señor et/ exalçatuos los iustos exalçatuos los iustos <u>*e* alegratuos</u> *todos/ los derech*o*s de coraçon[75]
**e* gl*or*iade uos

Y8, 10vI, 36-38: alegraduos en el señor los/ justos a los derecheros con/ujene el alabamje*n*to
BN, 14vI, 11-14: legradvos enl señor/ los justos a los dereche/ros co*n*viene el alaba/mje*n*to

O exemplo de rasura seguinte parece inserir-se no propósito de evitar eventuais redundâncias.

43) R, 89vI, 39-40: Ca dixo el fechas son/ ma*n*do *e* criadas son <u>todas las cosas</u>[76]

Y8, 10vII, 12-13: Ca dixo el y fechas son/ mando y criadas son todas las cosas
BN, 14vI, 29-30: ca dixo/ el *e* fechas so*n* ma*n*do *e* criadas/ so*n* todas las cosas

Neste caso, há uma evidente discordância com a opção da tradução castelhana original, preferindo o corretor o termo «manso» em vez de «dulce».

[75] XXXI, 35: Alegratvos en el Señor, e exalçatvos los justos, e glorificadvos todos los derechos de coraçón.
[76] XXXII, 36: Ca dixo él, e fechas son. Mandó, e criadas son todas las cosas.

44) R, 89vII, 18-20: El angel enbio del señor e*n* cerco de los/ q*ue*l temen *e* librar los a Gostat *e* ueed q*ua*n/ dulce* es el señor[77]

*ma*n*sso

Y8, 11rI, 16-19: El angel comjo del señor en çer/co de los q*ue* le teme*n* y librar los ha/ gostad y veed q*ua*n dulce es el se/ñor

BN, 15rI, 11-14: el angel enbio del señor en/ çe*r*co d*e* los q*ue* le teme*n* *e* libra*r* los ha/ gostad *e* veed q*ua*nd dulçe es el/ señor

45) R, 89vII, 21-22:Temet al señor todos los* s*anct*os/ ca no*n* an pobreza los q*ue*l temen[78]

**s*us*

Y8, 11rI, 20-22: temed al señor todos/ los sus santos ca no*n* han pobreza/ los q*ue* le teme*n*

BN, 15rI, 15-17: temed al señor todos/ los sus sa*n*tos ca no ha*n* pobreza/ los q*ue* le teme*n*

Recusando uma construção frásica de cariz castelhano – a reiteração do sujeito referente ao determinante possessivo «sus» –, o corretor reforma o sintagma «sus huessos dellos» transferindo a referencialidade da preposição e o pronome «dellos» para «huessos».

46) R, 89vII, 39-41: Guardales el señor/ todos los s*us* huessos dellos q*ue* uno* no*n* sea q*ue*/bratado[79]

* dellos

[77] XXXIII, 37: El ángel embió del Señor en cerco de los quel temen, e librar los á. Gostat e veed cuán dulce es el Señor.

[78] XXXIII, 37: Temet al Señor todos los sus santos, ca non an pobreza los quel temen.

[79] XXXIII, 37: Guárdales el Señor todos los sus huessos d'ellos, que uno non sea quebrantado.

Y8, 11rII, 2-4: guardalos/ el señor todos los sus huesos dellos que/ vno no*n* sera quebrantado
BN, 15rII, 4-6: g*uar*dalos/ el señor todos los sus huesos dellos/ q*ue* vno no*n* sera q*ue*brantado

47) R, 90rI, 17-22: Desgastados son *e* no*n* se repintiero*n*/ ensayaron me sosanaron me assa*n*naron se fazie*n*/do roýdo con los die*n*tes sobre mi * sossa*n*na/miento. Sennor qua*n*do lo cataras cobra la mi **/ d*e* la maldat d*e*llos[80]
*con ** alma

Y8, 11vI, 7-12: desgastadas son y no*n*/ se Repintiero*n* ensayaro*n*me sosan*n*aro*n*/me asan*n*aronse faziendo rruydo co*n*/ los dientes sobre mj en el ensayamj/ento Señor q*ua*ndo cataras cobro/ la mj alma de la maldad dellos
BN, 15vI, 20-26: desgastados son *e* no*n* se/ rrepintiero*n* ensayaro*n*me sosa/naro*n* me asan*n*aro*n*se faziendo/ Ruydo co*n* los diente*s* sobr*e* mj enl/ ensayamje*n*to señor q*ua*ndo lo ca/taras cobro la mj alma d*e* la mal/dad d*e*llos

48) R, 90rI, 32-33: Leua*n*/tate señor *e* entiende el mj juyzio[81]

Y8, 11vI, 24-25: le/ua*n*tate señor y entiende el mj juyzjo
BN, 15vII, 5-6: leuantate señor/ *e* entie*n*de el mj juyzio

A correção seguinte poderá corresponder a uma tentativa de aproximação a formas lexicais mais familiares para o corretor e eventuais destinatários da correção, ao substituir «berças del campo» por «oios de ervas».

49) R, 90rII, 9-11: Ca ayna se secaran como feno *e* assi cay/dran ayna como* uerças del ca*n*po[82]

[80] XXXIV, 38: Desgastados son e non se repintieron. Ensayáronme, sosañáronme; assañáronse faziendo roído con los dientes sobre mí con sosañamiento. Señor, ¿cuándo lo catarás? Cobra la mi alma de la maldat d'ellos
[81] XXXIV, 38: Levántate, Señor, e entiende el mi juizio.
[82] XXXVI, 39: ca aína se secarán como feno, e assí caidrán aína como verças del campo.

*oios de eruas

Y8, 11vII, 33-35: Ca ayna se seca/ran como feno y asy cayran ayna como/ berças del canpo
BN, 16rI, 26-28: ca/ ayna se secara*n* com*m*o feno *e* asi/ cahera*n* ayna com*m*o ve*r*ças del ca*m*po

No mesmo sentido que a correção anterior, também neste caso o corretor preferiu um termo – «destruir» – que se afasta tanto das opções castelhanas como da versão original de R. É possível que este tipo de alterações se prenda com a vontade de oferecer uma leitura mais clara e conduzida dos salmos, evitando palavras cuja leitura pudesse deixar espaço para dúvidas ou leituras divergentes.

50) R, 90rII, 31-32. Por/q*ue* enga*n*nen al pobre *e* al me*n*guado *e* q*ue* des*/torpen a los derech*o*s de coraçon[83]
*[des]truya*n*

Y8, 12rI, 21-23: Por q*ue* engañen al po/bre y al menguado y q*ue* destorpe*n* a los/ derecheros de coraçon
BN, 16rII, 17-19: porq*ue*/ engañen al pobr*e* *e* al me*n*guado q*ue*/ destorpe*n* a los drechos de coraço*n*

51) R, 90rII, 35-36: Meior es poco al ius/to q*ue* las muchas riquezas *pecadores[84]
*de los

Y8, 12rI, 25-26: Señor es poco al justo/ q*ue* las muchas Riq*ue*sas a los pecadores
BN, 16rII, 21-23: mejor/ es poco al justo q*ue* las muchas Riq*ue*zas/ a los pecador*e*s

[83] XXXVI, 40: porque engañen al pobre e al menguado e que destorpen a los derechos de coraçón
[84] XXXVI, 40: Mejor es poco al justo que las muchas riquezas de los pecadores.

No que concerne as correções com o objetivo de refinar o sentido de cada frase, este exemplo demonstra a compreensão de que «emprestado» se insere mais facilmente no campo semântico de «pagar» do que a opção inicial, «mudar».

52) R, 90rII, 45- Tomara*/ mudado el peccador e no*n* lo pagara[85]
*emp*r*estado

Y8, 12rI, 37-38: tomara mudado el pecador/ y no*n* lo pagara
BN, 16rII, 33-35: tomara mudado el coraço*n* pecador *e* no*n* le pa/gara

53) R, 90rII, 56-57: Partete de mal *e* faz bie*n* *e* mo/ra *fasta en el sieglo del sieglo[86]
*e*n* la t*ie*rra

Y8, 12rII, 9-11: par/tete de mal y faz bjen y mora fasta/ en el siglo del siglo
BN, 16vI, 11-13: partete de mal *e* faz/ bie*n* *e* mora fasta enl siglo del/ siglo

54) R, 90vI, 15-16: ca son remasaias al om*n*e de paz/ depues de aq*ue*sta uida. Los tortiçieros p*e*rezçra*n*[87]

Y8, 12rII, 33-36: ca/ son rremasajas al onbre de paz des/pues desta vida los tortiçeros pe/resçera*n*
BN, 16vII, 5-8: ca so*n* Rema/sayas al om*n*e de paz despu*e*s/ desta vida los tortiçieros pe/reçera*n*

55) R, 90vI, 39-40: Señor ante ti/ todo *el mio gemimje*n*to no*n* es asco*n*dido a ti[88]
*el mi deseo *e*

[85] XXXVI, 40: Tomará mudado el pecador, e non lo pagará
[86] XXXVI, 40: Pártete de mal e faz bien; e mora fasta en el sieglo del sieglo.
[87] XXXVI, 40-41: ca son remajas al omne de paz. Después de aquesta vida los torticieros perezçrán
[88] XXXVII, 41: Señor, ante ti todo el mi deseo, e el mio gemimiento non es ascondido a ti.

Y8, 12vI, 25-27: Señor ante ty es todo el mj deseo/ y el mjo gemjmjento no*n* es ascondi/do a ty

BN, 17rI, 2-9: señor/ ant*e* ti todo *e* el mj gemjmj*ento* no*n*/ es ascondido a ty

É interessante que, neste caso, a correção se aproxime das versões castelhanas mesmo que não recorra a um termo equivalente. De facto, «cuidar» e «pensar», inserem-se no mesmo campo semântico: ambos os verbos tanto podem traduzir o alimentar ou prover de cuidados a algo ou alguém como o refletir e alimentar uma ideia ou plano. Sendo uma correção coincidente com o sentido das versões Y8 e BN, não deixa de ser interessante a divergência terminológica, sobretudo quando «cuidar» não seria uma opção de leitura difícil para um leitor português.

56) R, 90vI, 47-48: Et los q*ue* me buscaua*n* mal dixiero*n*/ uanidades *e* todo el dia me *buscaua*n* engannos[89]

*pe*n*ssaua*n*

Y8, 12vI, 35-37: E los que me buscaua*n* mal dixero*n*/ vanjdades y todo el dia me cuydaua*n*/ engaños

BN, 17rI, 17-20: *e*/ los q*ue* me buscaua*n* mal dixiero*n*/ vanjdad*e*s todo el dia me cuyda/ua*n* engaños

57) R, 90vII, 1-2: Los que dan males por bienes denuestan* me <...>/pos mi ca siguya yo bondat[90]

*ret*a*ya*n*

Y8, 12vII, 13-14: los q*ue* dan mal por bjen demuestra*n*/me enpos de mj ca syguja yo bon/dad

BN, 17rII, 4-6: los q*ue* dan mal por bie*n* de/muestra*n* me enpos mj ca seguja/ yo bondad

58) R, 90vII, 22: Escalentosse me el mio coraçon entre mi[91]

[89] XXXVII, 41: e los que me buscavan mal dixieron vanidades, e todo el día me pensavan engaños.

[90] XXXVII, 41-42: Los que dan mal por bien denuéstanme empós de mí, ca siguía yo bondat.

Y8, 12vII, 26-27: Escalen/toseme el coraçon entre mj

BN, 17rII, 18-19: escalentoseme el mj coraç*on*/ entre mj

59) R, 90vII, 25: Et la cue*n*ta es la d*e*los mios dias quel es/ porq*ue* sepa q*ue* me fallesce[92]

Y8, 12vII, 30-32: y la cuenta de/ los mjs dias qual es porq*ue* sepa que/ me fallesçe

BN, 17rII, 21-23: *e* la cue*n*ta de los mjs dias q*ua*l es porq*ue*/ sepa*n* q*ue* me fallesçe

Nesta circunstância, chama-se a atenção para o facto de o revisor ter preferido apelar à proximidade da substância do sujeito em relação ao divino – «acerca» – em detrimento da versão castelhana onde a substância é tida como estando exposta perante o criador. Como veremos adiante, será o termo «acerca» entendido como uma opção mais compreensível do que «ante», palavra que eventualmente poderia induzir em erro um leitor menos familiarizado com o castelhano.

60) R, 90vII, 32-34: la mj/ substa*n*cia ante *ti es De todas las mis/ desegualdades me saca[93]

*ac*er*ca

Y8, 13rI, 2-4: la mj sustançia ant*e*/ ty es De todas las mjs desigual/dades me saca

BN, 17rII, 32-17vI, 1: la mj/ sustançia ante ty es de todas// las mjs desigualdad*e*s me saca

61) R, 90vII, 91rI, 1: [amuchi]guados* sobre cue*n*ta Sac*ri*ficio ni*n* ofre*n*da no*n* que/siste *los mis[94]

*so*n*

Y8, 13rI, 37-39: amuchiguados so*n*/ sobre cuenta Sacrifiçio y ofren/da no*n* q*ue*siste

---

[91] XXXVIII, 42: Escalentóseme el mio coraçón entre mí

[92] XXXVIII, 42: E la cuenta de los mios días ¿cuál es?, porque sepa qué me fallece.

[93] XXXVIII, 42: la mi sustancia ante ti es; de todas las mis desegualdades me saca.

[94] XXXIX, 43: amuchiguados son sobre cuenta. Sacrificio nin ofrenda non quesiste

BN, 17vII, 2-4: amuchiguados son so/br*e* cue*n*ta sacrifiçio *e* ofrenda/ no*n* q*ue*siste

62) R, 91rI, 2-3: Et sac*ri*ficio/ q*uan*do no*n* dema*n*deste por el peccado[95]

Y8, 13rII, 1-2: y sacrifiçio q*ue*mado no*n* deman/daste por el pecado

BN, 17vII, 5-6: *e* sacrifiçio q*ue*mado/ no*n* demandaste p*ar*a el pecado

63) R, 91rI, 14-16: Ca me cercaro*n* males d*e* los q*ue* les no*n* ay cuenta comprehe*n*dieron me* tuertos *e* no*n* pud q*ue* lo<...> uiesse<...>[96]

*los mis

Y8, 13rII, 14-17: Ca me/ cercaro*n* males de q*ue* no*n* ay cuenta co*m*pre/hendiero*n* me mjs tuertos y no*n* pude q*ue*/ los viese

BN, 17vII, 22-25: ca me çe*r*caro*n* mal*e*s/ de q*ue* no*n* ay cue*n*ta Conprehen/diero*n* me mjs tue*r*tos *e* no*n* pude/ q*ue* los viese

64) R, 91rI, 22-23: Lieue*n* p*ri*uado la su co*n*/fusion los q*ue* dizen* bien bien[97]

*a mi

Y8, 13rII, 24-25: ljeue*n* presto la su confusio*n*/ los q*ue* dixe*n* a mj bjen bjen

BN, 17vII, 33-18rI, 2: lieue*n* p*ri*uado// la su confusio*n* los q*ue* diz*e* a mj/ bie*n* bie*n*

65) R, 91rI, 32-34: en el dia malo/ le librara* El señor le guarde *e* le abiue[98]

*el senor

Y8, 13rII, 36-37: en el dia malo le libra el/ señor El señor le g*ua*rde y le abjue

BN, 18rI, 14-16: enl dia/ malo la libra el señor el señor le/ gua*r*de *e* le abjue

---

[95] XXXIX, 43: E sacrificio quemado non demandeste por el pecado.

[96] XXXIX, 43: Ca me cercaron males de los cuales non ay cuenta, compreendiéronme tuertos, e non pude que los viesse.

[97] XXXIX, 43: Lieven privado la su confusión los que dizen a mí: -¡Bien, bien!

[98] XL, 43-44: En el día malo le librará el Señor. El Señor le guarde e le abive

66) R, 91rII, 3-4: Estas cosas re/me*n*bre yo *e* esparzi en mi* alma[99]
*la mi

Y8, 13vI, 35-36: Estas cosas rremenbre yo y espereçi/ en mj mj alma
BN, 18rII, 23-25: estas/ cosas Reme*m*bre yo *e* espa*r*çi en/ mj mj alma

Conforme foi assinalado anteriormente, de novo se deteta que para o corretor é preferível substituir a preposição «ante» por «acerca», esta última provavelmente menos sujeita a incompreensões por parte dos leitores não castelhanos, já que «ante» poderia ser confundido com o advérbio de tempo «antes».

67) R, 91rII, 16-17: en la noche el su ca*n*tico C*de mi/ a or*aç*on a dios de mj uida[100]
*ac*er*ca

Y8, 13vII, 10-11: en la noche el su cantico Ante mj/ oraçion a dios de mj vida
BN, 18vI, 7-9: en la no/che el su ca*n*tico ante mj oraçio*n*/ a dios de mj vida

É interessante a opção do corretor pelo verbo «atormentar» em detrimento de «penar», que foi a versão que subsistiu em Y8 e BN.

68) R, 91rII, 44-46: La tu ma/no esparzeo las gentes *e* planteste los *pueblos/ *e* echeste los. [101]
*atorme*n*taste

Y8, 14rI, 2-4: la tu mano esparze las gentes lla/gueste los peneste los pueblos y e/chestelos
BN, 18vII, 12-15: la tu ma/no espa*r*se las las gent*e*s llagueste/ los peneste los pueblos *e* echeste/los

[99] XLI, 44: Estas cosas remembré yo e esparzí en mi alma
[100] XLI, 45: en la noche el su cántico. Ante mí oración a Dios de mi vida.
[101] XLIII, 45: La tu mano esparze las gentes; planteste los pueblos; peneste los pueblos e echéstelos.

69) R, 91rII, 48-49: Mas la tu diestra *e* el tu braço allu*n*bramie*n*/to d*e* la tu cara ca * plogo a otros enellos[102]
* te

Y8, 14rI, 6-8: Mas la tu diestra y el tu braço y/ alunbramjento de lla tu cara ca plo/guiste a otros en ellos
BN, 18vII, 17-19: mas la tu diestra *e* el/ tu braço *e* alunbramj*ento* de la tu cara/ ca plogujste a ot*ro*s en ellos

70) R, 91vI, 10-11: Todo el dia es la *u*er*guen/ça contra mi[103]
*mi

Y8, 14rI, 33-34: todo el dia/ es la mj verguen*n*a contra mj
BN, 19rI, 13-14: todo el dia es la mj *ver*guen*n*a cont*ra*/ mj

Esta nota de margem está cortada; no entanto, é facilmente compreensível que dá conta de uma versão similar à transmitida pelas outras cópias castelhanas.

71) R, 91vI, 23-25: ca el coñocio las cosas asco*n*di/das de coraçon * Leva*n*tate porq*ue* duermes/ señor[104]
*/a porti somos /mortigados todo /dia osmados so/mos como oue/as de matame*n*to

Y8, 14rII, 9-12: ca el conosçio las cosas ascondidas/ del coraçon Ca por ty somos amortigua/dos todo el dia asmadas somos como ouejas/ de matar leua*n*tate porq*ue* duermes señor
BN, 19rI, 29-19rII, 1: ca el conosçio/ las cosas ascondidas del coraço*n*/ Ca por ti somos amortiguados/ todo el dia asmados somos/ com*m*o ouejas de matar leua*n*tate// porq*ue* due*rm*e*s* señor

[102] XLIII, 45: mas la tu diestra e el tu braço, alumbramiento de la tu cara, ca te plogo en ellos.
[103] XLIII, 46: Todo el día es la mi vergüença contra mí
[104] XLIII, 46: Ca el coñoció las cosas ascondidas de coraçón. Ca por ti somos amortiguados todo el día; asmados somos como ovejas de matar. ¡Levántate! ¿Porque dormes, Señor?

72) R, 91vI, 35-37: La/ mi lengua* a maña de esc*ri*uano que/ escriue apriessa[105]
*penola

Y8, 14rII, 20-21: Ca/ mj lengua canauera de escriua/no q*ue* escriue apriesa
BN, 19rII, 13-15: ca mj/ lengua can*n*auera de escriuano q*ue* esc*ri*/ue apriesa

73) R, 91vI, 56-58: Dela*n*te estido la Reyna a la tu di/estra en uestido dorado cercada de fermosu/ra de muchos colores[106]

Y8, 14vI, 2-5: Delante estudo/ la rreyna a la tu diestra en vestido do/rado çercada de fermosura de muchos co/lores
BN, 19vI, 5-7: delante estido la Reyna a la/ tu diestra en vestido dorado ç*er*cada/ de f*er*mosura de muchos color*e*s

74) R, 91vII, 28-29: Co*n*turuiadas son las/ ge*n*tes *e* humillados * los regnos[107]
*son

Y8, 14vI, 36-37: Conturbadas/ son las gentes y vmillados los Reynos
BN, 19vII, 13-14: conturujadas so*n* las ge*n*t*e*s/ *e* humjlladoslos RRegños

Em alguns casos, como este que surge agora, o corretor de R prefere substituir a denominação «senhor» por «Deus» quando se refere à divindade. É possível que encontre nesta opção maior proximidade aos textos latinos que lhe seriam familiares.

75) R, 91vII, 48-51: Ca*n*tat al n*uest*ro * señor/ alaba*n*dol* ca*n*tat al nuestro Rey alaba*n*dol ca*n*tat Ca el Rey de toda la t*ie*rra dios ca*n*tat le alabandol/ sabiame*n*te[108]

[105] XLIV, 46: La mi lengua cañavera de escrivano que escrive apriessa.
[106] XLIV, 47: delante estudo la reína a la tu diestra, en vestido dorado, cercada de fermosura de muchos colores.
[107] XLV, 48: Conturviadas son las gentes e humillados los regnos
[108] XLVI, 48: Cantat al nuestro Señor alabandol; cantat almuestro rey alabandol; cantat, ca el rey de toda la tierra Dios. Cantatle alabandol sabiamente.

*deus **ca*n*tat

Y8, 14vII, 19-23: Cantad a n*uest*ro/ señor alabandole cantad cantad a/ n*uest*ro Rey alabandole cantad Ca el/ Rey de toda la t*ie*rra dios cantad ala/bandole sabjamente
BN, 20rI, 7-11: cantad al n*uest*ro señor/ alabandole cantad cantad al n*uest*ro Rey alabandole cantad ca/ el Rey de toda la t*ie*rra dios ca*n*tad/ alabandole sabiame*n*te

Novamente, é curiosa a alteração terminológica executada neste excerto, onde «exalçamiento» terá sido considerado menos compreensível ou perfeito do que a palavra «alegria».

76) R, 91vII, 58-60: en *e*l s*ancto* mo*n*/te del QFundado es por*exalçamie*n*/to de toda la tierra[109]
*aleg*ri*a

Y8, 14vII, 32-34: en el santo mont*e* del fu*n*da/do es por exaltamjento de toda la tie/rra
BN, 20rI, 22-24: enl santo/ mo*n*te del fundado es por ensal/çamje*n*to de toda la t*ie*rra

Talvez para evitar redundâncias, ou por eventualmente achar pouco compreensível o sintagma «mugeres que estan de parto con deseo de parir», o corretor omite esta última parte, que subsiste nas outras versões castelhanas.

77) R, 92rI, 5-7: E se/ran dolores como de mugere*s* q*ue* esta*n* departo co*n* desseo/ de parir co*n* fuerte sp*irit*u q*ue*brantaras las naues[110]

Y8, 14vII, 41-15rI, 2: y sera*n* dolor*es*// como de muger q*ue* esta de parto con de/seo de parir q*ue*brantaras las manos
BN, 20rI, 33-20rII, 1: *e* sera*n* dolor*es*/ com*m*o de mug*e*r q*ue* esta depa*r*to con/ deseo de parir q*ue*brantaras las// Nau*e*s

[109] XLVII, 48: en el santo monte d'él. Fundado es por exalçamiento de toda la tierra
[110] XLVII, 49: E serán dolores como de mugeres que están de parto. Con fuerte espíritu quebrantarás las naves

Esta, que será uma nota de leitura, é uma interessante manifestação de multilinguismo do corretor. A grafia tanto pode ser portuguesa como latina, e de facto a abreviatura escolhida é corrente para textos redigidos em latim. Neste sentido, e conforme se denota em outras circunstâncias, teremos um corretor muito familiarizado tanto com o português como o castelhano e, naturalmente, com o latim:

78) R, 92rI, 9-10. en la çiudat del/ n*uest*ro dios* la fu*n*do p*ar*a en sie*m*pre[111]
*de*us*

Y8, 15rI, 5-6: en la çibdad del n*uest*ro dios dios/ la fundo para syenpre
BN, 20rII, 3-4: en la çibdad del n*uest*ro/ dios dios la fundo p*ar*a sienpr*e*

79) R, 92rI, 40-41: Las s*us* tie*n*das <u>dellos</u> de linage/ en linage llamaro*n* los s*us* no*m*bres en s*us* tierras[112]

Y8, 15rII, 3-5: las sus tiendas dellos de lj/naje en ljnaje llamaro*n* los sus no*m*br*e*s/ en sus t*ie*rras
BN, 20vI, 11-13: las sus tie*n*das d*e*llos/ de linaje en linaje llamaro*n* los sus/ nonbr*e*s en sus t*ie*rras

80) R, 92rI, 51-52: *e* q*ua*ndo la gl*or*ia/ de su casa <u>del</u> fu*er*e amuchiguada[113]

Y8, 15rII, 17-18: y q*ua*ndo la gl*or*ia de su ca/sa del fuere amuchiguada
BN, 20vI, 27-28: *e* q*ua*ndo la gl*or*ia de su casa del fue*re*/ amuchiguado

81) R, 92rI, 54-55: Ca la su alma <u>del</u> en su uida del sera/ be*n*dicha *e* confessar se te a q*ua*ndol fizieres bien[114]

---

[111] XLVII, 49: en la civdad del nuestro Dios. Dios la fundó para siempre
[112] XLVIII, 49: las sus tiendas d'ellos de linage en linage; llamaron los sus nombres en sus tierras
[113] XLVIII, 50: e cuando la gloria de su casa d'él fuere amuchiguada.
[114] XLVIII, 50: ca la su alma d'él en su vida d'él será bendicha, e confessar se te á cuandol fizieres bien

Y8, 15rII, 20-23: ca/ la su alma del en su vida del sera be/dicha confesar se te ha quando le fizje/res bjen
BN, 20vI, 30-33: ca la su/ alma d*e*l en su vida del sera b*e*ndi/cha co*n*fesa*r* se te a q*ua*ndo le fizier*e*s/ bie*n*

82) R, 92rII, 21-23: Sacrifica a dios sa/crificio de alaba*n*ça *e* da* todos sacrificios al muy/ alto[115]
*te*us* uotos

Y8, 15vI, 16-18: Sacrifica a dios sa/crifiçio de alabança y da tus votos al/ muy alto
BN, 21rI, 6-8: sac*ri*fica/ a dios sacrifiçio de alabança/ *e* da tu votos al muy alto

83) R, 92rII, 26-29: Mas tu abor/reciste ensenamie*n*to *e* castigo *e* echeste las mis/ palabras atras. Sy ueyes ladron corries con/ el *e* ýuas en pos el *e* co*n* los adulteradores[116]

Y8, 15vI, 22-26: Mas tu/ aborresçiste enseñamjento y castigo/ echeste las mjs palabras atras sy/ veyes ladron corries y yuas co*n* el y/ con los adulteradores
BN, 21rI, 13-18: mas/ tu aborresçiste ensenamj*ent*o *e* casti/go echaste las mjs palabras a/tras sy veyas ladro*n* corrias/ *e* yuas con *e*l *e* co*n* los adulado/r*e*s

84) R, 92rII, 31-33: Fablauas co*n*/tra tu hermano seyendo* co*n*tra el fijo de tu madre/ ponies esca*n*dalo[117]
**e*

Y8, 15vI, 29-31: fablauas contra tu hermano seyen/do contra el fijo de tu madre ponjes/ escandalo

[115] XLIX, 50: Sacrifica a Dios sacrificio de alabança, e da tus votos al Muy Alto.
[116] XLIX, 51: Mas tú aborreciste enseñamiento e castigo, e echeste las mis palabras atrás. Si veyés ladrón corriés con él e ivas empós él, e con los adulteradores
[117] XLIX, 51: Fablavas contra tu hermano seyendo, contra el fijo de tu madre poniés escándalo

BN, 21rI, 20-23: fabla/uas cont*ra* tu hermano seyendo/ cont*ra* el fijo de tu madr*e* ponjas es/candalo

85) R, 92rII, 52-53: Ca ahe en nemigas so *fecho *e* en pecca/dos me **pario mi madre *co*n*çebido **co*n*cebio[118]

Y8, 15vII, 11-13: Ca ahe en/ enemjgas so fecho y en pecado me con/çibio mj madre
BN, 21rII, 14-16: Ca/ ahe en enemigos so fecho *e* en/ pecados me co*n*çibio mj madr*e*

86) R, 92vI, 14-15: el coraço*n* quebrantado *e* omillado no*n* desp*re*cia/ras* Sennor faz bie*n* a syon[119]
*de*us*

Y8, 15vII, 36-38: el coraçon q*ue*brantado y vmillado/ no*n* le despreçiaras dios Señor faz/ bjen a syon
BN, 21vI, 7-9: el coraço*n* q*ue*bra*n*/tado *e* humillado no*n*le despreçiaras/ dios señor faz bie*n* assion

87) R, 92vI, 24-25: Porque* alegras en malicia tu q*ue* eres/ poderoso en tuerto[120]
*te

Y8, 16rI, 6-8: porq*ue* te alegras en maliçia/ tu q*ue* eres poderoso en tuer/to
BN, 21vI, 19-21: porq*ue* te alegras en mali/çia tu q*ue* er*e*s poderoso/ en tue*r*to

Perante a ausência da consoante «l» antes do artigo, assumimos esta correção como portuguesa.

88) R, 92vI, 33-34: Veer lo an *much*os* *e* temeran/ *e* reyran sobrello[121]

[118] L, 51: Ca ahé en nemigas só fecho, e en pecados me parió mi madre.
[119] L, 52: El coraçón quebrantado e omillado non despreciarás. Señor, faz bien a Sión
[120] LI, 52: ¿Por qué te alegras en malicia tú que eres poderoso en tuerto?
[121] LI, 52: Veer lo án muchos, e temerán, e reirán sobr'ello

*os iustos

Y8, 16rI, 17-18: ver lo a*n* muchos y teme/ran y Reyra*n* sobre ello
BN, 21vI, 30-31: ve*r* lo ha*n* muchos Et/ temera*n* *e* Reyran sobr*e*llo

Na eventualidade de não ser compreensível o termo «levada» para frutífera, o corretor insere o sintagma «que da fruito», denotando-se nesta última palavra a evolução característica do galego-português do conjunto -ct- para -it-.

89) R, 92vI, 36-38: *e* pudo mas en su/ uanidat Mas yo como oliua *leuada en la/ casa de dios[122]
*q*ue* da fruitu

Y8, 16rI, 21-23: y puso mas en su/ vanjdad Mas yo como oljua lleua/dora en la casa de dios
BN, 21vII, 1-4: Et/ pudo mas q*ue* su vanjdad mas yo com*m*o oliua leuadora en la casa de/ dios

90) R, 92vII, 5-6: alli tremiero*n* de miedo o no*n**/ fue miedo[123]
*era

Y8, 16rII, 4-5: dios tremjero de mjedo do no/ avje mjedo
BN, 21vII, 25-26: allj tremj/ero*n* de mjedo do no*n* avie mjedo

De novo, uma grafia portuguesa para uma palavra que é facilmente legível em ambas as línguas – galego-português e castelhano – e, conforme se pode verificar antes e se verá depois, é para o próprio corretor indiferente se grafada «senhor» ou «señor»

91) R, 92vII, 23-24: co*n*fessar me he al tu no*m*bre* ca bue*n*o es Ca de/ toda torme*n*ta me saq*ue*ste[124]

[122] LI, 52: e pudo más en su vanidat. Mas yo como oliva levada en la casa de Dios
[123] LII, 53: Allí tremieron de miedo ó non avié miedo.

*senhor

Y8, 16rII, 24-26: confesar me he al tu/ nonbre ca bueno es Ca de toda tor/menta me saq*ue*ste

BN, 22rI, 21-23:co*n*fesa*r* me he al/ tu no*m*br*e* ca bu*en*o es ca de toda/ torme*n*ta me saq*ue*ste

92) R, 92vII, 27-28: Oy dios la mi oracion <u>*e* el mi clamor</u> *e* no*n*/ desprecies el mio ruego[125]

Y8, 16rII, 29-30: oye dios la mj oraçion y no*n* des/preçies el mj ruego

BN, 22rI, 28-29: y dios la mj or*aç*ion *e* no*n*/ despreçies el mj Ruego

93) R, 92vII, 33-34: Turuado es el mio coraçon* *e* miedo de/ muerte cayo sobre mi[126]

*e*n* mj

Y8, 16rII, 34-35: turbado es el mj coraço*n*/ en mj y mjedo de muerte cayo sobre mj

BN, 22rII, 5-7: turuja/do es el mj coraço*n* en mj *e* mj/edo de muert*e* cayo sobr*e* mj

É curiosa a alteração da expressão «logro» por «usura»:

94) R, 92vII, 43-45: Et no*n* fallescio de las/ *sus* placas *<u>logro</u> *e* engaño. Ca si me maldixes/se el mio **engeño sufriera lo yo por cierto. [127]

*usura **enemigo

Y8, 16vI, 11-14: y no*n* fallesçio de las sus plaças/ logro y engaño Ca sy me maldixe/se el mjo enemjgo sufriera lo yo por/ çierto

BN, 22rII, 20-23: *e* no*n* falleçio/ de las sus plaças logro *e* engaño/ ca sy me mal dixiese el mjo ene/mjogo sufriera lo yo por çie*r*to

---

[124] LIII, 53: confessar me é al tu nombre, ca bueno es, ca de toda tormenta me saqueste.

[125] LIV, 53: Oi, Dios, la mi oración e el mi clamor, e non desprecies el mio ruego.

[126] LIV, 53: Turviado es el mio coraçón, e miedo de muerte cayó sobre mí.

[127] LIV, 54: E non fallesció de las sus plaças logro e engaño. Ca si me maldixiesse el mio enemigo sufriéralo yo por cierto.

95) R, 92vII, 47-49: Mas tu/ om*n*e de un coraçon* mio cabdiello *e* mio co*n*nosci/do[128]
*comigo

Y8, 16vI, 16-19: Mas tu onbre/ de mj coraçon mj cabdillo y mj conosçi/do
BN, 22rII, 26-28: mas tu om*n*e/ de mj coraço*n* mjo cabdillo *e* mjo co/nosçido

96) R, 93rI, 18-19: en dios esp*e*rare/ no*n* temere d*e* lo q*ue* *faga el om*n*e [129]
*me

Y8, 16vII, 12-14: en/ dios esperare no*n* temere de la que/ me faga el onbre
BN, 22vII, 10-12: en dios/ espere no*n* temere de la q*ue* me fa/ga el om*n*e

97) R, 93rI, 22-23: Assi como sustouie/ron la mi alma por nada señor tu los faras saluos[130]

Y8, 16vII, 18-20: asy como sos/toujero*n* la mj alma por nada los fa/ras saluos
BN, 22vII, 17-19: asy com*m*o sosto/ujero*n* la mj alma por nada los/ faras saluos

98) R, 93rI, 31-32: decayuda los mios pies por/q*ue* plega yo dela*n*te *el sennor en la lu*m*bre[131]
*d*eu*s

Y8, 16vII, 33-35: y de cayda de los mjs pies porq*ue* ple/ga yo delante el señor en la lu*m*bre de/ los q*ue* bjue*n*
BN, 23rI, 2-4: *e* de cayda d*e* los mjos pi/es porq*ue* plega yo dela*n*te el/ señor en la lu*m*br*e* d*e* los q*ue* biue*n*

[128] LIV, 54: Mas tú, omne de un coraçón, mio cabdiello e mio coñocido
[129] LV, 55: en Dios esperaré. Non temeré de lo que me faga el omne.
[130] LV, 55: assí como sostovieron la mi alma. Por nada, Señor, tu los farás salvos.
[131] LV, 55: de cayuda los mios pies, porque plega yo delante el Señor en la lumbre

99) R, 93rI, 46-47: Sey exalçado dios sobre los çielos *e* en toda la/ t*ie*rra * la gl*or*ia del Lazo pararo*n* a los mios pies. [132]

*tu

Y8, 17rI, 12-14: Sey exal/tado dios sobre los çielos y en toda/ la tierra la gl*or*ia del lazo pararon/ a los mjs pies

BN, 23rI, 24-27: sey enxaltado dios/ sobr*e* los çielos *e* en toda la t*ie*rra/ la gl*or*ia d*e*l lazo pararo*n* a los/ mjs pies

100) R, 93rI, 51-52: leua*n*tat/ psalterio <...> cithara me leua*n*tar* ma*n*nana[133]

*me

Y8, 17rI, 19-20: leuantate salterio/ en çitara me leuantare mañana

BN, 23rI, 32-23rII, 1: leua*n*ta/te salterio en çitara me leua*n*tate// mañana

101) R, 93rII, 4-9: Ca maldades obrades en *e*l coraço*n* en/ las u*uest*ras manos co*n*cuerdan en la tierra/ tuertos ayunta*n*dolos. Enage*n*nados son los pe/ccadores desque nascier*on* erraro*n* del uie*n*tre aca fa/bladon falsedades Magier * a ellos segu*n*t la se/meia*n*ça de s*er*piente[134]

*sanña

Y8, 17rI, 32-38: Ca maldades obrades en *e*l/ coraçon las u*uest*ras manos concuerda*n*/ en la t*ie*rra tuertos ayu*n*tandolos/ Enagenados son los pecadores des/q*ue* naçiero*n* erraro*n* del vjentre aca/ fablaro*n* falsedades Maguer a/ ellos segu*n*t la semejança de syrpie*n*/te

BN, 23rII, 12-18: ca maldad*e*s obrad*e*s en el cora/ço*n* las v*uest*ras manos co*n*cue*r*da*n* en la ti/erra tue*r*tos ayu*n*tandolos Et nage/nados so*n* los pecador*e*s d*e*sq*ue* nasçie/ro*n* erraro*n* del bie*n*tre aca fablaro*n*/ falsedad*e*s magu*er* a ellos segund*e*/ la semeja*n*ça de se*r*pie*n*te

[132] LVI, 55: Sei exalçado, Dios, sobre los cielos, e en toda la tierra la gloria d'él. Lazo pararon a los mios pies

[133] LVI, 55: ¡Levantat, salterio e cítara! Me levantaré mañana

[134] LVII, 56: Ca maldades obrades en el coraçón. Las vuestras manos concuerdan en la tierra tuertos ayuntándolos. Enagenados son los pecadores; desque nacieron erraron del vientre; acá fablaron falsedades. Maguer a ellos segunt la semejança de serpiente

102) R, 93rII, 41-42: *e* espada en los s*us* labros <...>/ <...> ca esto q*uien* lo oyo[135]

Y8, 17rII, 34-35: y espada en/ los labrios dellos ca esto q*ui*en lo oyo
BN, 23vI, 25-26: *e* espada en los labros/ d*e*llos Ca esto q*ui*en lo oyo

103) R, 93rII, 47-49: Esparze/los en la tu uirtud *e* q*ue*brantalos mio *señor/ dios. El peccado d*e* la boca d*e*llos[136]
*defendedor

Y8, 17vI, 2-4: espar/zelos en la tu virtud y q*ue*bra*n*talos mj/ señor dios El pecado de la boca dellos
BN, 23vII, 3-5: esparzelos en la tu/ *vir*tud *e* q*ue*brantalos mj señor/ dios el pecado d*e* la boca d*e*llos

104) R, 93rII, 51-52: Et seran mostrados de descom*u*lgamie*n*/to *e* de me*n*tira en *e*l acabamje*n*to *no*n* sera*n*[137]
**e* e*n* sanña de acabam/

Y8, 17vI, 7-9: y sera*n* mostrados de descomulgamj/ento y de mentira en el acabamje*n*to/ en saña de acabamjento y non seran
BN23vII, 8-11: *e* sera*n* most*ra*dos descomulga/mj*ento e* de me*n*tira en el acabamj*ento*/ en san*n*a de acabamj*ento e* no*n* se/ra*n*

105) R, 93vI, 37-39: En la tu tienda morare por en los sieglos defe*n*di/do sere por el en el cobrimje*n*to d*e* las t*us* alas[138]

[135] LVIII, 57: e espada en los sus labros d'ellos. Ca esto ¿quién lo oyó?
[136] LVIII, 57: espárzelos en la tu virtud e quebrántalos, mio Señor Dios. El pecado de la boca d'ellos
[137] LVIII, 57: e sean mostrados de descomulgamiento e de mentira en el acabamiento; e non serán.
[138] LX, 58: En la tu tienda moraré en los sieglos. Defendido seré por el encobrimiento de las tus alas.

Y8, 17vI, 16-18: En la tu tienda morare/ por los siglos defendido sere en *e*l co/brimjento de las tus alas

BN, 24rII, 1-3: En la tu tie*n*da morare por en los siglos/ defendido sere enl cubrimje*n*to de las tus/ alas

106) R, 93vII, 10-11: Una uez fablo dios oy es/tas dos cosas que el poder de dios * a ti señor mj/sericordia[139]

* es

Y8, 18rI, 16-18: Vna vez fablo di/os con estas dos cosas q*ue* el poder de dios/ a ty señor mjsericordia

BN, 24vI, 5-7: vna vez fablo dios oy estas dos/ cosas q*ue* el pod*e*r de dios a ti señor/ mjsericordia

107) R, 93vII, 15-17: Set ouo en ti la mj alma *e* en much*a*s de ma/neras en * ti la mj carne[140]

*a

Y8, 18rI, 22-24: deseo a ty la mj alma/ y en muchas maneras a ty/ la mj carne

BN, 24vI, 13-15: deseo a ti la mj/ alma *e* en muchas mane/ras a ti la mj ca*r*ne

108) R, 93vII, 20: Ca mejor es la * mis*ericor*dia sobre las uidas[141]

*tu

Y8, 18rI, 27-28: Ca mejor es la tu/ mjsericordia sobre las vidas

BN, 24vI, 18-19: ca mejor/ es la tu misericordia sobr*e* las vjdas

Para o corretor, maior ventura será morar nos palácios de Deus do que nos seus portais, conforme transmitem todas as versões castelhanas:

[139] LXI, 59: Una vez fabló Dios: oí estas dos cosas: que el poder de Dios; á en ti, Señor, misericordia

[140] LXII, 59: Set ovo en ti la mi alma, e en muchas maneras en ti la mi carne.

[141] LXII, 59: Ca mejor es la tu misericordia sobre las vidas.

109) R, 94rI, 3-5: Bie*n* aue*n*turado el q*ue*/ tu escogiste *e* tomeste *e* morara en los tus* porta/les[142]

*palaçios

Y8, 18rII, 37-38: bjen aventurado el q*ue* tu escogiste/ y tomeste y morara en los tus portal*e*s

BN, 25rI, 9-11: bien/ av*en*turado al q*ue* tu escogiste *e* tomeste/ morara en los tus portal*e*s

110) R, 94rI, 13-14: El Ryo de dios be*n*dicho*/ es de aguas[143]

*anchido

Y8, 18vI, 12-13: El rrio de dios fenchido es/ de aguas

BN, 25rI, 26-27: el Rio/ de dios hinchido es de aguas

111) R, 94rI, 36-38: los oios del cata*n* so/bre las ge*n*tes los q*ue*l assa*n*nan * se exalte*n* en si mis/mos[144]

*no

Y8, 18vI, 39-40: los ojos del cantan sobre las gentes/ los q*ue* le asañase exaltan en sy mesmos

BN, 25rII, 24-26: los ojos del canta*n* sobre las gent*e*s/ los q*ue*l asaña se exalta*n* en sy/ mismos

112) R, 94rI, 41-42: Ca nos p*rou*este * *e* nos esmereste en fuego assi/ como se esmera la plata[145]

* de*us*

[142] LXIV, 60: Bienaventurado el que tú escogiste e tomeste; e morará en los tus portales

[143] LXIV, 60: El río de Dios finchido es de aguas.

[144] LXV, 61: Los ojos d'él catan sobre las gentes. Los quel assañan se exalten en sí mismos.

[145] LXV, 61: Ca nos proveste e nos esmereste en fuego assí como se esmera la plata

Y8, 18vII, 3-5: Ca nos/ proueste dios esmereste nos en fue/go asy como se esmera la plata

BN, 25rII, 30-32: ca nos prouieste dios/ esmereste nos en fuego asi com*mo*/ s esmera la plata

113) R, 94rI, 43-44: posiste*/ las nuestras cabeças sobre los om*n*es [146]

*sob*re*

Y8, 18vII, 7-8: posiste las n*uest*ras ca/beças sobre los onbres

BN, 25rII, 34-35: posiste las n*uest*ras cabeças/ sobre los om*ne*s

114) R, 94rI, 46-47: dare/ a ti los mjos sac*ri*ficios * departiero*n* los mios labros[147]

*q*ue*

Y8, 18vII, 11-12: dare a ty los mjs sacri/fiçios q*ue* departiero*n* los mjs labrios

BN, 25vI, 3-4: dare a ti los mjs sa/crifiçios q*ue* departiero*n* los mjs labros

Esta nota oscila entre as duas línguas ao conservar os determinantes conforme o castelhano, embora leia «mar» como nome masculino, o que pode ser válido tanto para português como para o castelhano desta cronologia.

115) R 94rI – fundo[148]

Oynos deios nostro saluador esp*er*a*n*ça/ de todos t*er*mjnos de la t*ier*ra *e* nel m*ar* alo*n*ge

Y8, 18vII, 40-19rI, 2: el dios n*uest*ro be*n*diganos// dios y tema*n*le todos los termjnos/ de la tierra

BN, 25vI, 35-25vII, 2: el dios n*ues*tro bendiga nos dios// *e* tema*n*le todolos t*er*minos de la/ t*ie*rra

[146] LXV, 61: Posiste las nuestras cabeças sobre los omnes

[147] LXV, 61: daré a ti los mios sacrificios que departieron los mios labros.

[148] LXVI, 62: el Dios nuestro. Bendíganos Dios, e témanle todos los términos de la tierra.

116) R, 94rII, 42-44: Mo*n*te qua*n*do*/ mo*n*te gruesso porq*ue* catedes suso a los montes/ **q*ue*rades[149]
*qualhado **qualhados

Y8, 19rII, 1-2: Monte criado monte grueso porq*ue*/ catedes suso a los mo*n*tes criados
BN, 26rI, 8-10: mo*n*te c*ri*ado/ mo*n*te grueso porq*ue* cated*e*s suso/ a los mont*e*s criados

Esta modificação do determinante possessivo «tu», idêntico para as formas masculina e feminina em castelhano, para «tua» novamente nos dá conta da flexibilidade linguística do nosso corretor.

117) R, 94vI, 8-9: Manda dios a la * u*ir*tut co*n*/firma dios <u>a la tu u*ir*tud</u> esto que <...>obreste en nos[150]
*tua

Y8, 19rII, 33-35: Manda dios/ a la tu vjrtud confirma dios esto q*ue*/ obreste en nos
BN, 26rII, 6-8: ma*n*da dios a la/ tu *vir*tud co*n*firma dios esto q*ue* obre/ste en nos

118) R, 94vI, 19-20: Ahe o dara * su boz** dat gl*or*ia a dios sobre isr*ae*l[151]
*a ** boz de u*ir*tede

Y8, 19vI, 4-5: ahe do dara la su boz boz/ dad gl*or*ia a dios sobre isr*ae*l
BN, 26rII, 20-22: ahe do dara/ la su boz boz dad gl*or*ia adios/ sobr*e* israel

119) R, 94vI, 42-43: Amuchiguados son sobre <u>mj</u> los <u>mis</u>/ cabellos d*e* la mi cabeça[152]

Y8, 19vI, 21-22: amuchiguados son sobre los cabe/llos de la mj cabeça

[149] LXVII, 63: monte cuajado, monte gruesso. ¿Por qué catades suso a los montes cuajados?
[150] LXVII, 63: Manda Dios a la virtut; confirma Dios esto que obreste en nós.
[151] LXVII, 63: Ahé ó dará a su boz, boz de virtud. Dat gloria a Deus sobre Israel
[152] LXVIII, 64: Amuchiguados son sobre los cabellos de la mi cabeça

BN, 26vI, 2-4: a/muchuguados so*n* sobre los cabellos/ de mj cabeça

120) R, 94vI, 59-60. M/as a ti ca*n*tare mi or*aç*on señor t*iem*po es de plazer[153]

Y8, 19vI, 2-3: Mas yo a ty mj oraçio*n*/ señor t*iem*po es de plazer
BN, 26vI, 24-25: mas yo a ty mj oraçio*n* señor/ tie*m*po es de plaz*er*

121) R, 94vII, 5-7: No*n* me meta diuso la tempestat/ del agua njn me sorua el fondon de las aguas/ nj*n* apriete sobre mj el poso la su boca[154]

Y8, 19vII, 6-10: Sacame del lodo q*ue* non sea yo/ y sofondido librame de aquellos que/ me qujere*n* mal y de los fondones de/ las aguas nj*n* apreiete sobre mj el po/so la su boca
BN, 26vI, 28-32: sacame del lodo q*ue* no*n* sea yo y/ sofondido librame de aq*ue*llos q*ue*/ me q*ui*eren mal *e* de los fond*on*s d*e*las/ aguas nj*n* ap*ri*ete sobr*e* mj el poso/ la su boca

122) R, 94vII, 11-13: Entie*n*de a la mj alma/ *e* librala por mis enemigos tuel* me <...> Tu/ sabes el mio denuesto [155]
*liu*ra*

Y8, 19vII, 15-17: Entiende a la mj alma y/ librala por mjs enemjgos tuelle me/ los tu sabes el mj denuesto
BN, 26vII, 2-4: entiende a la mj alma *e*/ librala por mjs enemjgos tuelle/ me los tus sabes el mj denuesto

123) R, 94vII, 21-22: Espande sobre ellos la tu yra *e* la lo/cura d*e* la su sa*n*na* los prenda[156]
* de la tu vo/

[153] LXVIII, 64: Mas a ti cantaré mi oración, Señor. Tiempo es de plazer
[154] LXVIII, 64: Non me meta diuso la tempestat del agua, nin me sorva el fondón de las aguas, nin apriete sobre mí el pozo la su boca.
[155] LXVIII, 64: Entiende a la mi alma e líbrala; por mis enemigos tuelme. Tú sabes el mio denuesto
[156] LXVIII, 64-64: espande sobre ellos la tu ira, e la locura de la su saña los prenda.

Y8, 19vII, 27-29: Espande/ sobre ellos la tu yra y la locura de la/ su saña los prenda
BN, 26vII, 15-17: espande sobr*e*llos la tu/ yra *e* la locura d*e*la su saña los/ pre*n*da

Em alguns casos, as anotações marginais não encontram correspondente nas versões castelhanas colacionadas. Tal é este caso, que, sobretudo pelas formas verbais, se aproxima do português:

124) R, 94vII, 47-49: Tornados sean luego atras et/ enuergue*n*çen los q*ue* me diz*en* bien por *mal ** Exal/ten se *e* alegren se en ti los q*ue* te dema*n*dan [157]
*q*ue*rem **E sostiue q*ue*n se e*ntri*stecesse e*m* senbra *e* no*n* t*ar*de *e* q*ue*m se co*n*ssolase *e* no*n* o achey

Y8, 20rI, 18-21: Tornados sean luego atras/ y enberguençe*n* los q*ue* me dise*n* bjen/ bjen E exaltense y alegrense en/ ty todos los q*ue* te demandan
BN, 27rI, 12-15: tornados sea*n* luego/ atras *e* env*e*rguençe los q*ue* me dize*n*/ bie*n* bie*n* E exalte*n*se *e* alegre*n*/se en ti todos los q*ue* te demanda*n*

125) R, 94vII, 50-51: grandeado sea el señor los q*ue* ama*n*/ *la salut[158]
*tu

Y8, 20rI, 22-23: grandeado sea el señor de los/ q*ue* ama*n* la tu salud
BN, 27rI, 16-17: gra*n*deado sea el señor/ de lo q*ue* ama*n* la tu salud

126) R, 94vII, 55-56: Sennor en ti espere no*n* sea confo*n*dido sien/pre en la tu justicia me libra*Baxa/me la tu oreia[159]
**e* me ti/

[157] LXIX, 65: Tornados sean luego atrás e envergüencen los que me dizen bien por mal. Exáltense e alégrense en ti los que te demandan
[158] LXIX, 65: ¡Grandeado sea el Señor de los que aman la tu salut!
[159] LXX, 65: Señor, en ti esperé; non sea confondido siempre. En la tu justicia me libra; báxame la tu oreja

Y8, 20rI, 27-30: señor en ty esperare no*n* sea confo*n*/dido por syenpre en la tu justiçia/ me libra baxa a mj la tu ore/ja

BN, 27rI, 24-27: [s]eñor en ti espere no*n* sea/ confondido por senpr*e* en la/ tu justiçia me libra ba/xa a mj la tu oreja

127) R, 94vII, 60-95rI, 1: Myo dios libra me de mano/ del peccador *e* de la mano* que faze contra ley** del tor//ciero[160]

*del **e*

Y8, 20rI, 33-36: Mio dios li/brame de mano del pecador y de la ma/no del q*ue* faze contra la ley y del tor/tiçero

BN, 27rI, 31-33: mj dios librame de mano del pecador/ *e* de la mano del q*ue* faze cont*ra* la ley/ *e* del to*r*tiçiero

128) R, 95rI, 2-4: En/ ti so afirmado del uientre*de mj madre eres tu/ mio defendedor[161]

*del ue*n*tre

Y8, 20rI, 38-40: En ty so afirmado/ del vjentre de mj madre eres tu mj/ defendedor

BN, 27rI, 36-27rII, 1: en/ ti so afirmado del vient*re* del vjentre// de mj madr*e* er*e*s tu mj defendedor

129) R, 95rI, 6-7: E enchida sea de alabança la mi boca/ q*ue* ca*n*te yo todo el dia la tu gloria* Non me e/ches en *e*l t*iem*po dela uezes[162]

*e la tu g*ra*ndeza

Y8, 20rI, 42-20rII, 4: fen/chida sela de alabança la mj boca que/ cante yo todo el dia la tu gl*or*ia y la tu/ grandeza Non me eches en el t*iem*po de/ la bejez

[160] LXX, 65-66: Mio Dios, líbrame de mano del pecador, e de la mano que faze contra ley e del torticiero.

[161] LXX, 66: En ti só afirmado del vientre de mi madre. Eres tú mio defendedor

[162] LXX, 66: E enchida sea de alabança la mi boca, que cante yo todo el día la tu gloria e la tu grandeza. Non me eches en el tiempo de la vejez

BN, 27rII, 4-7: ynchida sea de ala/bança la mj boca q*ue* cante yo todo/ el dia la tu gloria *e* la tu g*ra*ndeza/ Non me eches enl t*iem*po de la vejes

130) R, 95rI, 22-23: Enseñeste me dios de mi mancebia aca *e* fasta/ agora *las t*us* marauillas[163]
*p*ro*nu*n*ciare

Y8, 20rII, 20-22: Enseñesteme di/os de mj mançebia aca y fasta agora/ las tus ma(nçebias)raujllas
BN, 27rII, 25-27: enseñeste/me dios de mj ma*n*çebia a aca *e*/ fasta agora las tus maraujllas

131) R, 95rI, 26-28: El tu poder dios *e* la tu iusticia fasta/ en las tus cosas muy altas* tus gra*n*dezas** q*ui*en/ sera semeia*n*te a ti. [164]
*que fizeste** d*eu*s

Y8, 20rII, 25-28: el/ tu poder dios y la tu justiçia fasta en las/ tus cosas muy altas q*ue* feziste tu tus/ grandias qujen sera semejante a ty
BN, 27rII, 31-34: el tu pod*e*r dios *e* la/ tu justiçia fasta en las tus cosas/ muy altas q*ue* feziste tu tus gran/dias q*ui*en sera semejant*e* a ty

132) R, 95, rI, 44-46: Reciban los mo*n*tes paz paral pueblo/ *e* los collados iusticia para el. Iudgara los po/bres[165]

Y8, 20vI, 6-8: Resçebiran los montes paz para el pue/blo y los collados justiçia para el Judga/ra los pobres
BN,27vI, 19-22: reçibiran los/ mont*e*s paz p*ar*a el pueblo *e* los colla/dos justiçia p*ar*a el judgara los/ pobr*e*s

[163] LXX, 66: enseñésteme, Dios, de mi mancebía acá, e fasta agora pronunciaré las tus maravillas
[164] LXX, 66: El tu poder, Dios, e la tu justicia fasta en las tus cosas muy altas, tus grandezas que feziste. Dios, ¿quién será semejante a ti?
[165] LXXI, 66-67: Reciban los montes paz para'l pueblo e los collados justicia para él. Judgará los pobres

A anotação seguinte distingue-se das demais por estar redigida numa letra cursiva, aparentemente mais recente do que a letra do corretor que, até este ponto, seria sempre o mesmo. Com exceção do conjunto determinante e artigo definido «delo», idêntico ao castelhano, as demais grafias são nitidamente portuguesas. Chama-se a atenção para a abreviatura em «lũa» que não foi resolvida – em castelhano transcrever-se-ia «lu*n*a» – por poder dar conta de um estado fonético prévio à perda de nasalidade na palavra em questão em português.

133) R, 95rI, 48-51. D/esce*n*dera como la lluuja en *e*l uelloscino *e* como/ destelleznos q*ue* destellan sobre la t*ie*rra* Los/ Reyes de tharso[166]
* nacera en os dias dele iustiça, auo*n*da*n*ça de paz ataa q*ue* seia tirada a/ lũa/ E asenhorar sse a de lo mar ataa o mar e de lo rrio ataa os t*er*mos do/ mu*n*do das terras/ deante dele caira*m* os etyopios e os emigos dele la*m*bera*m* a terra

Y8, 20rI, 11-20: Desçendera como/ la luuja enel belleçino y como deste/lleznos q*ue* destellan sobre la t*ie*rra en/ los dias del berna justiçia y abondo de/ paz fasta q*ue* sea tollida la luna E/ señoreara de mar a mar y del rrio fasta/ los termjnos de la rredondeza de las tie/rras Delante le caera*n* los de ethiopia/ y los sus enemigos del labra*n* la tierra/ los Reyes de tarso
BN, 27vI, 26-35: desçendera*n* como la lluuja enl vello/cino *e* com*m*o destellesnos q*ue* destella*n*/ sobr*e* la t*ie*rra en los duas del naçe/ra justiçia *e* abondo de paz fasta q*ue* sea tollida la luna *e* señore/ara de ma*r* a ma*r* *e* del Rio fasta/ los t*er*mjnos d*e* la Redondeza de las/ t*ie*rras delante la cahera*n* los de/ ethiopia *e* los sus enemjgos del/ labran la t*ie*rra

134) R, 95rI, 53-56: todas/ las ge*n*tes le s*er*uiran <u>Ca libro al pobre del po/deroso</u> Ca libro al pobre del poderoso *e* pobre/ que no*n* auje ayudador[167]

[166] LXXI, 67: decendrá como la lluvia en el vellocino, e como destelleznos que destellan sobre la tierra. En los días d'él verná justicia e abondo de paz fasta que sea tollida la luna; e señoreará de mar a mar e del río fasta los términos de la redondeza de las tierras. Delante le caerán los de Etiopia, e los sus enemigos d'él lambrán la tierra. Los reyes de Tarso...
[167] LXXI, 67: todas las gentes le servirán. Ca libró al pobre del poderoso, e pobre que non avié ayudador

Y8, 20rI, 23-25: todas las/ gentes le serujra*n* Ca libro al podero/so y pobre q*ue* no*n* abia ayudador

BN, 27vII, 2-4: todas las gent*es*/ le s*er*ujran Ca libro al poderoso/ *e* pobr*e* q*ue* no*n* auja ayudador

135) R, 95rII, 37-39: Mas p*er*o por en/gannos les posiste esto derribestelos demjentre/ ques aliujaua*n*[168]

Y8, 20rII, 38-41: mas/ pero por engaños los posiste esto de/rribestelos mjentra q*ue* se aliujauan

BN, 28rI, 26-28: mas p*er*o/ por engaños les posiste esto derribe/ste los mientra q*ue* se aljuiaua*n*

136) R, 95vI, 23-27: Tu q*ue*branteste/ la cabeça del dragon *e* diestel por comer a los pue/blos* Tv ro*m*peste las fue*n*tes *e* los Ryos d*e* los/ corrientes tu seq*ue*ste los Ryos de ethan* Tu/ feziste todos los t*er*minos de la t*ie*rra[169]

*de etiopia ** tuyo es el dia *e* /ha es la noche /a fiziste la ma/hana *e* el sol

Y8, 21rII, 14-23: tu que/brantaste las cabeças de los dragon*es*/ en las aguas tu q*ue*brantaste las cabeças/ del dragon y diste por comer a los de/ etiopia tu derronpiste las fuentes/ y los arroyos de las corrientes tu seq*ue*ste/ los rrios de ethan tuyo es el dia y tu/ya es la noche tu fezjste el alua y el/ sol tu fezjste todos los termjnos de/ la t*ie*rra

BN, 28vI, 16-25: tu q*ue*brantaste las/ cabeças d*e* los dragon*e*s en las aguas/ tu q*ue*brantaste las cabeças del drago*n*/ *e* deste por come*r* a los de ethiopia/ tu derro*m*piste las fuent*es* *e* los arro/yos de las corrient*e*s tu sequeste/ los Rios de ethan tuyo es el/ dia *e* tuya es la noche tu feziste to/dolos t*er*mjnos d*e* la t*ie*rra

137) R, 95vI, 51-54: no*n* querad*es*/ fablar nemiga co*n*tra dios* Aqueste omilla *e*/ aqueste exalça ca el calce en la mano del señor/ de uino puro lleno es de mezclado[170]

[168] LXXII, 68: Mas peró por engaños les posiste esto. Derribéstelos demientre ques aliviavan.

[169] LXXIII, 69: tú quebranteste las cabeças del dragon, e diestel por comer a los pueblos de Etiopia. Tú rompeste las fuentes, e los ríos e las corrientes; tú sequeste los ríos de Etán. Tuyo es el día e tuya es la noche; tú feziste el alva e el sol. Tú feziste todos los términos de la tierra

* /ane*n*de oriete ne*m*/ ocide*n*te ne*m* dos /o*n*tes des*er*tos ca / iuis es

Y8, 21vI, 11-17: no*n*/ querades fablar enemjga cont*ra* dios/ Ca nj*n* de oriente nj*n* de oçidente non/ de los mo*n*tes desiertos ca dios es ju/ez A este vmilla y a este exalta/ ca el caliz en la mano del señor de bjno/ puso lleno es de mezclado

BN, 28vII, 23-29: no*n* q*ue*rade*s* fablar/ enemiga cont*ra* dios Ca nj de orie*n*te/ nj de oçidente no*n* de los monte*s* desi*er*tos/ ca dios es jues a este humjlla *e*/ a este exalça ca el calis en la ma/no del señor de vjno puro lleno es/ demesclado

138) R, 95vII, 9-13: Durmiero*n*/ su sue*n*no *e* non falleero*n* todos los uarones/ d*e* las riquezas en s*us* manos Del dios de iacob/ *tu maltraymie*n*to adormescier*o*n los q*ue* subiero en/ las cauallos[171]

*del

Y8, 21vI, 33-37: Durmjero*n* su sueño/ y no*n* fallaro*n* nada todos los barones/ de las rriquezas en sus manos Do el/ dios de jacob tu maltraymje*n*to ador/mesçiero*n* los q*ue* subiero*n* en los cauallos

BN, 29rI, 11-16: dormiero*n*/ su sueño *e* no*n* fallaro*n* nada to/dolos varone*s* de las Riq*ue*sas en/ sus manos do el dios de jacob/ tu maltraymi*ento* adormeçiero*n*los q*ue*/ subiero*n* en los cauallos

139) R, 95vII, 14-15: Del cielo feziste oydo/ el iuysio q*ue* feziste *e* la t*ie*rra tremio *e* folgo[172]

Y8, 21vI, 39-40: Del çielo fezjs/te oydo el juyzjio la t*ie*rra tremjo y folgo

BN, 29rI, 18-19: del çielo feziste/ oydo el jujzio la tierra tremjo *e* fol/go

---

[170] LXXIV, 70: non querades fablar nemiga contra Dios. Ca nin de oriente nin de ocidente, nin de los montes desiertos, ca Dios es juez. Aqueste omilla e aqueste exalça, ca el calce en la mano del Señor de vino puro lleno es demezclado

[171] LXXV, 70: durmieron su sueño e non fallaron todos los varones de las riquezas en sus manos del Dios de Jacob tu maltratraimiento Adormecieron los que subieron en los cavallos.

[172] LXXV, 70: Del cielo feziste oído el juizio que feziste, e la tierra tremió e folgó.

140) R, 95vII, 25-27: Con la mi boz llame al señor co*n* la mi/ boz a dios* El dia d*e* la mj torm*en*ta dema*n*/de a dios con mis manos[173]
**e* e*n*te*n*deo me

Y8, 21vII, 12-15: con la mj boz llame al señor co*n*/ la mj boz a dios y ente*n*dio a mj/ En el dia de la mj tribulaçio*n*/ dema*n*de a dios co*n* mjs manos
BN, 29rI, 33-29rII, 1: [c]on la mj boz llame al señor/ co*n* la mj boz a dios *e* e*n*te*n*dio/ <...> a my enl dia de la mj tribu//laçio*n* demande a dios co*n* mjs manos

Conservou-se a marca de nasalidade em «maãs», sem desabreviar em /*n*/ por poder representar uma variante fonética dialetal pertinente em galego-português.

141) R, 95vII, 34-39: *e* usaua *e* ali*m*piaua el/ mio sp*irit*u Si los no*n* echara dios por siempre/ *e* no*n* annadra que sea aun mas plazie*n*te o En/ la su mis*eric*o*r*dia* de la diestra del/ alto en la su saña **Et dix agora p*ri*ras esto es/ el mudamje*n*to[174]
*de gen*er*acom *e* gen*er*acom **E oluidara de*us* au*n* m*er*çee o terna la sus maãs e*n* la sua ira

Y8, 21vII, 23-29: y vsar me he y aljnpia/ua el mj esp*irit*u Sy los no*n* echara/ dios por sienpre y no*n* an*n*adera q*ue* sea*n*/ avn mas plazentera En la fin le/ destajara la su mjsericordia en la su/ saña y dixe agora paresçe este es/ el mudamjento
BN, 29rII, 9-15: *e* husa*r* me he/ *e* alinpieme el mj esp*iri*tu sy los/ no*n* echara dios por sie*m*pre *e* no*n* eña/dra q*ue* sea avn mas plaziete en/ la fin le destara la su mjsericor*d*ia/ en la su saña E dixe agora p*are*s/este este es el mudamj*ento*

142) R, 95vII, 40-42: ca me me*m*brare del começo/ d*e* las t*us* marauillas * Coñoscida feziste la tu v*ir*/tut en los pueblos[175]

[173] LXXXVI, 71: Con la mi boz llamé al Señor, con la mi boz a Dios, e entendió a mi. El día de la mi tormenta demandé a Dios con mis manos
[174] LXXXVI, 71: e usar m'é; alimpiava el mio espíritu ¿Si los non echará Dios por siempre e non añadrá que sea aún más plaziente? ¿En la fin estajará la su misericordia de generación en generación? E dix: - Agora esto es el mudamiento

* E pe*n*ssare e*n* todas t*us* obras *e* usar me e*n* los t*us* fallame*n*tos/ D*eu*s en el s*ancto* la tu carera q*ue*l deios g*ra*nde asi como el/ nostro d*eu*s tu es d*io*s q*ue* fazes ma*ra*uillas

Y8, 21vII, 31-37: ca me me*m*brare del comjenço de las tus/ maraujllas y pasare syenpre en to/das tus obras y vsar me he enlos/ tus fallimjentos Dios en el santo/ la tu carrera q*ue*l dios grande asy co/mo n*uest*ro dios tu eres el dios q*ue* fazes/ las maraujllas Conosçida fezjste la tu bjrtud en los pueblos
BN, 29rII, 17-24: Ca me me*m*bre del comje*n*ço de las tus ma/raujllas *e* pasare señor en todas/ tus obras *e* husa*r* me he en los tus fa/llimje*n*tos dios enl santo la tu carrera/ q*ue*l dios grande asi com*m*o n*uest*ro dios tu/ er*e*s el dios q*ue* fazes las maraujllas/ conosçida feziste la tu v*ir*tud en los/ pueblos

143) R, 96rI, 24-26: R/onpio <u>a logares</u> la piedra nel yermo *e* dioles/ abondo de agua assi como el abismo mucha[176]

Y8, 22rII, 8-10: Rompio a logares la piedra en *e*l yer/mo y dioles abondo agua asy como en *e*l/ abismo mucha
BN, 29vI, 5-8: Ronpio/ a logar*e*s la piedra enl y*er*mo *e*/ dioles a abondo agua asj com*m*o/ enl abismo mucha

144) R, 96rI, 39-41: Et mando a/ las nuues de suso *e* abrio a las puertas d*e*l cielo* Pan d*e* los angeles comio el om*n*e envio/ los comeres a abondo[177]
* E lloueo lles manna p*ar*a comer *e* deu lles/ pam del celo

Y8, 22rII, 24-29: E mando/ a las nubes de suso y abrio las puertas/ del çielo y lloujo la magna para com*er*/ y dioles pan del çielo pan de los ange/les comjo el onbre enbioles comeres/ a abondo

---

[175] LXXVI, 71: ca me membraré del comienço de las tus maravillas. E pasaré siempre en todas tus obras, e usar me é en los tus fallimientos, Dios; en el santo la tu carrera, que el Dios grande así como nuestro Dios, ca tu eres el Dios que fazes maravillas. Coñocida feziste la tu vertut en los pueblos
[176] LXXVII, 72: Rompió a logares de piedra en el yermo e dioles abondo agua assí como el abismo mucha.
[177] LXXVII, 72: E mandó a las nuves de suso e abrió a las puertas del cielo. Pan de los ángeles comió el omne; enviólos comeres a abondo.

BN, 29vII, 24-29: Et ma*n*do alas/ Nuues de suso *e* abrjo las pue*r*tas d*e*l/ çielo *e* lloujoles magna p*ar*a come*r* *e*/ dioles pan del çielo pan de los an/gel*e*s comjo el om*n*e enbioles comj*er*e*s*/ a abo*n*do

145) R, 96rI, 59-96rII, 2: Et amaro*n*/ le en su boca <u>de*l*los</u> *e* m*i*ntieronle con su <u>boca</u>*// d*e*llos Mas el su coraço*n* non era derecho co*n*/ el <...>[178]
*lingua

Y8, 22vI, 8-11: y amaro*n*/le en su boca dellos y mjntiero*n*le con/ su lengua dellos Mas el coraçon de/ ellos no*n* era derecho co*n* el
BN, 30rI, 15-18: Et amaro*n*le en su bo/ca d*e*llos *e* mjntiro*n*le co*n* su le*n*gua/ d*e*llos mas el coraço*n* dellos no*n* era/ dr*e*cho con *e*l

146) R, 96rII, 4-6: *e* non los esparzera C/abondo el q*ue* tornasse la su yra *e* non <u>leu</u> ence*n*/dio toda la su sa*n*na[179]

Y8, 22vI, 14-16: y no*n* los peresçera y/ abondo el q*ue* tornase la su yra y non lo/ençendio todo la su saña
BN, 30rI, 21-23: *e* no*n* los perescra *e*/ abondo el q*ue* tornase la su yra *e*/ no*n* la ençendio toda la su saña

147) R, 96rII, 16-17: Enujo sobrellos moscas* q*ue* les comio *e*/ ranas *e* esparziolos
*de carnes[180]

Y8, 22vI, 28-30: E bjno sobre/ ellos moscas q*ue* los comjo y rranas y es/parziolos
BN, 30rII, 2-4: enbio/ sobr*e*llos moscas q*ue* los comjo *e* rran*as*/ *e* espa*r*ziolas

[178] LXXVII, 73: E amáronle en su boca d'ellos, e mintiéronle con su lengua dellos. Mas el su coraçón non era derecho con él
[179] LXXVII, 73: e non los esparzerá. Abondó el que tornasse la su ira, e non le encendió toda la su saña
[180] LXXVII, 73: envió sobr'ellos moscas, que les comio, e ranas, e esparzióles.

148) R, 96rII, 22-23: Enuio sobrellos/ la yra del su desden* *e* la yra *e* t*ri*bulacion en men/sages[181]
*desdem

Y8, 22vI, 35-37: Enbio sobre ellos la yra del su/ desden desden y yra y tribulaçion en/ me*n*sages
BN, 30rII, 9-11: enbio sob*re*/ ellos la yra del su desden desden/ *e* yra *e* t*ri*bulaçio*n* en me*n*sajes

149) R, 96rII, 26-28: E/ firio todo lo primero nasçido en t*ie*rra de Egipto las p*ri*micias * todas las lauores[182]
* de

Y8, 22vI, 39-41: y fi/rio el primero nasçido todo en t*ie*rra de/ egipto las primiçias todas las lauores
BN, 30rII, 14-16: Et firio al/ p*ri*mero nasçido todo en t*ie*rra de egipto/ las p*ri*mjçias todas las lauor*e*s

150) R, 96rII, 49-52: fuego comjo los ma*n*/cebos d*e*llos *e* las s*us* u*ir*gines non las lloraron/ <u>njn fizieron duelo por ellas</u> Los sacerdotes del/los a espada murieron[183]

Y8, 22vII, 25-29: fuego/ comjo los mançebos dellos y las sus/ virgenes no*n* los lloraro*n* nj*n* fizjeron/ duelo por ello los saçerdotes dellos/ a espada murierо*n*
BN, 30vI, 9-12: fuego comjo los man/çebos d*e*llos *e* las sus *vir*gin*e*s no*n* los/ lloraro*n* nj fiziero*n* duelo p*o*r ellos los/ saçerdot*e*s dellos a espada murieron

No que a manifestação de léxico português diz respeito, sublinha-se aqui o verbo «chamar»:

[181] LXXVII, 73: Envió sobr'ellos la ira del su desdén, e ira e tribulación en mensages
[182] LXXVII, 73: E firió todo lo primero nacido en tierra de Egipto, las primicias de todas las lavores
[183] LXXVII, 74: Fuego comió los mancebos d'ellos, e las sus vírgenes non los lloraron nin fizieron duelo por ellos; los sacerdotes d'ellos a espada murieron

151) R, 96vI, 18-20: Esparze la tu sa/ña por las gentes q*ue** non co*n*nosçieron** el tu non/bre[184]
*te **nos reynos q*ue*/chamaro*m*

Y8, 23rI, 21-24: Espar/ze la tu saña por las gentes q*ue* te non/ conosçieron y en los rreynos q*ue* non lla/maron el tu nonbre
BN, 30vII, 13-15: Esparze la tu saña p*o*r las gent*e*s/ q*ue* te no*n* conosçiero*n e* en los Regnos/ q*ue* no*n* llamaro*n* el tu nonbr*e*

É curioso que a eliminação do determinante possessivo «tus» encontre eco na versão de BN, onde está omisso qualquer determinante.

152) R, 96vI, 53-55: Cabdiello/ d*e* la carrera fuste ante ellos pla*n*teste las tus/ rayzes d*e*lla *e* fincho la t*ie*rra[185]

Y8, 23rII, 20-23: cab/dillo de la carrera fasta ante ellos llan/teste las sus rrayzes dela y pichio la/ tierra
BN, 31rI, 18-20: Cabdillo de la carrera fasta ant*e* ellos/ llantaste las rrayzes della*s e* pi/cho de la t*ie*rra

153) R, 96vII, 3-4: uisita esta ui*n*na Et acabala* pla*n*to la tu di/estra *e* sobrel fijo <u>d*e* la muger</u> **firmeste a ti[186]
* q*ue* ** q*ue*

Y8, 23rII, 32-34: vesita esta/ ujña y acaba la q*ue* llanteste la tu diest*ra*/ sobre el fijo de la muger firmeste aq*ui*

[184] LXXVIII, 74: Esparze la tu saña por las gentes que non coñocieron e en los reinos que non llamaron el tu nombre
[185] LXXXIX, 75: Cabdiello de la carrera fuste ante ellos. Planteste las sus raízes d'ella e finchó la tierra
[186] Visita esta viña e acaba la que plantó la tu diestra; e sobr'el fijo dela muger que firmeste a ti

BN, 31rI, 30-32: visita esta viña Et acaba la q*ue* llan/taste la tu diestra *e* sobr*e* El fijo de la/ muger firmaste a ty

154) R, 96vII, 6-8: Sea la tu/ mano fecha sobrel uaro*n***e* sobrel fijo d*e* la mu/ger q*ue* firmeste a ti[187]
*de la tu destra

Y8, 23rII, 37-39: Sea la tu mano fe/cha sobre el baro*n* y sobre el fijo de la/ muger q*ue* firmeste a ty
BN, 31rI, 35-36: sea la tu mano fecha sobr*e* el baro*n*/ *e* sobr*e* el fijo de la mug*e*r q*ue* firmaste a ty

Embora o critério para transcrever correções tenha sido, até agora, a eliminação ou inserção de palavras completas, este caso afigurou-se particularmente interessante, não só porque se corrige o nome do território, propondo-se uma forma diversa de todas as outras versões castelhanas, mas também porque é introduzida pelo corretor a palavra «tod[o]», entendida como a leitura mais válida na edição de 2009.

155) R, 97rI, 25-27. Con los p*ri*ncipes d*e*llos con los de oreb/ e zeb*zebee *e* salmana P**o<...> los p*ri*ncipes de/ aq*ue*llos[188]
*r **tod

Y8, 23vI, 37-39: Son los sus prinçipes dellos/ con los de orep y seb y sebed y salma/na Con los prinçipes de aquellos
BN, 31vI, 36-38: son los sus/ p*ri*nçipes dellos co*n* los de oreb *e* zebet/ *e* salmana co*n* los p*ri*nçipes de aq*ue*llos

156) R, 97rI, 45-46: Ca el passaro fallo p*a*ra si casa<...> et/ la tortoliella njdo <u>para si</u> do condese s*us* fijos[189]

[187] LXXIX, 76: Sea la tu mano fecha sobr'el varón e sobr'el fijo de la muger que firmeste a ti.
[188] LXXXII, 77: Con los príncipes d'ellos, con los de Oreb e Zebrebee e Salmana. Todos los príncipes de aquellos

Y8, 24rI, 21-23: ca/ el paxaro fallo casas para sy y la tor/tolilla njdo para sy do condese sus fijos
BN, 31vI, 22-24: ca El paxaro*n*/ fallo casas p*ar*a sy *e*la tortolilla N/igo p*ar*a sy do co*n*dese sus fijos

157) R, 97rII, 12-13: Si te nos no*n* assannaras por /sie*m*pre *e* esco*n*dras la tu saña de linaie en linaie[190]

Y8, 24rII, 12-14: Njn te nos asañaras por/ syenpre y estenderas la tu saña de ljna/je en linaje
BN, 32rI, 21-23: nj*n* te nos asañaras por sienp*re e*/ esconderas la tu saña de linage en li/nage

158) R, 97rII, 16-17: Oya yo que/ fable en<...> mj* señor dios[191]
*el

Y8, 24rII, 17-18: oya yo que/ fable en mj el señor dios
BN, 32eI, 26-27: oya yo q*ue* fable en mj el/ señor dios

É significativa esta alteração, feita também com a inserção de duas letras. Se em Y8 se lê, erroneamente, «dias» por «dioses», o corretor de R compreende que neste caso deve usar-se «dioses», no plural, por se tratar de uma comparação do Deus único dos judeus com os deuses gentios.

159) R, 97rII, 38-39: N/on a en los dios* ne*n*guno que te semeie señor[192]
*es

[189] LXXXIII, 78: Ca el pássaro falló para sí casa, e la tortoliella nido para sí do condesse sus fijos
[190] LXXXIV, 78: ¿Si te nos non assañarás por siempre, e escondrás la tu saña de linaje en linaje?
[191] LXXXIV, 78: Oya yo que fable en el mío Señor Dios
[192] LXXXV, 79: Non á en los días nenguno que te semeje, Señor

Y8, 24vI, 1-2: Non ha en los dias ninguno/ q*ue* te semeje señor
BN, rII, 14-15: no*n* ay en los dioses señor nj*n*guno q*ue*/ te semeje

160) R, 97rII, 56-58: Faz comigo señal en bien q*ue* lo uea*n*/ aq*ue*llos q*ue* me que me quiere*n* mal *e* co*n*fondidos/ sean[193]

Y8, 24vI, 24-26: faz comigo señal en bjen q*ue* lo/ vean aq*ue*llos q*ue* me qujere*n* mal y co*n*fo*n*/didos sean
BN, 32rII, 36-32vI, 1: faz co/migo señal en bie*n* q*ue* lo vea*n* aq*ue*llos// que me qujere*n* mal *e* confondidos sea*n*

161) R, 97vII, 1-2: Ca en las nuues q*ui*en s*er*a eguado al señor se/meiara* al señor en los fijos de dios[194]
*a deus

Y8, 25rI, 11-13: Ca en las nubes quje*n*/ sera eguado al señor semejara al se/ñor en los fijos de dios
BN, 32vII, 35-37: Ca en/ las nuues q*ui*en s*er*a eguado al señor se/mejara al señor en los fijos de dios

162) R, 97vII, 13-14: Tabor *e* h*er*mon en *e*l tu nombre/ se*exalçaran el tu braço con poder[195]
*alegrara*m*

Y8, 25rI, 27-29: tha/bor y ermon en el tu no*m*bre se exalça/ron el tu braço con poder
BN, 33rI, 11-13: tahabor *e*/ hermo*n* en el tu no*m*br*e* se exalçaro*n* el tu/ braço con poder

163) R, 97vII, 42-45: *e* la su siella assi como assi como los dias/ del cielo Mas si los s*us* fijos * la mj ley et/ en los mjs juysios non andudiere** Uisita/re las s*us* maldades[196]

[193] LXXXV, 79: Faz comigo señal en bien, que lo vean aquellos que me quieren mal e confondidos sean
[194] LXXXVIII, 81: Ca en las nuves ¿quién será eguado al Señor? ¿Semejará al Señor en los fijos de Dios?
[195] LXXXVIII, 81: Tabor e Hermón en el tu nombre se exalçarán. El tu braço con poder

*dexare*m* ** Si las mis justicias decomulgare*n* e los mis/ mandame*n*tos no*n* g*uar*dare*n*[197]

Y8, 25rII, 25-31: y la su sy/lla asy como los dias del çielo mas/ sy los sus fijos la mi ley y en los mjs/ juyzjos no*n* andudieren Sy las/ mjs justiçias descomulgare*n* y los mjs/ mandados no*n* guardaren Visitare/ yo a las sus maldades
BN, 33rII, 8-13: *e* la su silla asy com*m*o/ los dias del çielo mas sy los sus fijos/ la mi ley *e* en los mjs juysios no*n* andu/diera*n* sylas mjs justiçias descomulga/ra*n* *e* los mjs madados no*n* g*uar*dare*n* visi/tare yo las sus maldades

164) R, 98rI, 4-5: Destruyste del a/limpiamje*n*to quebra*n*teste<...>* su linaje en la t*ier*ra[198]
*la su siella

Y8, 25vI, 13-15: destruyste le del aljn/piamjento q*ue*branteste el su linage/ en la t*ie*rra
BN, 33rII, 35-36: destruystele del alinpiamje*n*to/ q*ue*brantaste el su linage en la t*ie*rra

165) R, 98rI, 9-11: Renje*m*brate q*ue*l es la *sustancia/ si no*n* estableciste en uano todos los fijos de los/ om*n*es[199]
*mj

Y8, 25vI, 19-22: Mjenbrat*e*/ qual es la mj sustançia sy no*n* estable/çiese en vano todos los fijos de los/ onbres
BN, 33vI, 2-4: mjenbrate qual es la mj sustançia sy no*n*/ establesçiese en vano todos los fijos/ de los om*n*es

---

[196] LXXXVIII, 82: e la su siella assí como los días del cielo. Mas si los sus fijos dexaren la mi ley e en los mis juizios non andudieren, si las mis justicias descomulgaren e los mis mandamentos non guardaren visitaré las sus maldades

[197] Junto a este acrescento, que coincide bastante bem com as outras versões castelhanas, foi desenhada uma cabeça humana, sinal de que o corretor e demais pessoas com acesso ao manuscrito se sentiriam à vontade para o rasurar ou danificar, como é este caso

[198] LXXXVIII, 82: Destruístele del alimpamiento; quebranteste su linage en la tierra

[199] LXXXVIII, 82: Remiémbrate cuál es la mi sustancia. ¿Si non estableciste en vano todos los fijos de los omnes?

166) R, 98rI, 34-36: Po/siste los n*uest*ros tuertos en la tu uista el n*uest*ro*/ en *e*l allu*m*bramje*n*to d*e* la tu cara[200]
*segro

Y8, 25vII, 9-12: Posiste/ los n*uest*ros tuertos en la tu bista el/ n*uest*ro siglo en el alu*m*bramjento de la/ tu cara
BN, 33vI, 31-34: po/siste los n*uest*ros tue*r*tos en la tu vista/ el n*uest*ro siglo en el alunbramje*n*to de la/ tu cara

167) R, 98rI, 44-45: Sennor/ assi faz tu al poder la tu diestra coñosçuda[201]

Y8, 25vII, 20-21: Señor asy faz tu la tu diestra co/nosçida
BN, 33vII, 4-5: Señor asy faz tu la tu dies/tra conosçida

168) R, 98rI, 52-55: Cata co*n* piadat/ en los tus sieruos e endereca en t*us* obras/ *los sus fijos Et sea el resplandor de nuestro/ sennor** sobre nos[202]
**e* e*n*dereça **d*eu*s

Y8, 25vII, 29-33: Cata co*n*/ piadad en los tus sieruos y enderes/ça en las tus obras los sus fijos y/ sea el Resplandor de n*uest*ro señor sobr*e*/ nos
BN, 33vII, 13-16: Cata con piadat e*n* los/ tus sie*r*uos *e* enderesça en las tus o/bras los sus fijos Et sea El rres/plandor de n*uest*ro señor sobre nos

169) R, 98rII, 8-10: Caydran al tu costa/do mill*e* e diez mill*e* <...> las t*us* diestras*no*n* se alle/gara*n* a ti[203]
*mas

[200] LXXXIX, 83: Posiste los nuestros tuertos en la tu vista; el nuestro sieglo en el alumbramiento de la tu cara
[201] LXXXIX, 83: Señor, assí faz la tú diestra coñoçuda
[202] LXXXIX, 83: Cata con piadat en los tus siervos e endereça en tus obras los sus fijos. E sea el resplandor del Nuestro Señor sobre nós
[203] XC, 84: Caidrán al tu costado mil, e diez mil a las tus diestras; non se allegarán a ti.

Y8, 26rI, 9-12: Cay/ran al su costado mill y diez mjll/ a las tus diestras mas no*n* se llega/ran a ty

BN, 33vII, 34-36: Cayra*n* al su costado mjll *e* diez/ mjll a las tus diestras mas no*n* se llega/ra*n* aty

170) R, 98rII, 15-17: En las/ manos te leuara*n* q*ue* por ve*n*tura no*n* fieras el tu pie/ a la piedra * Por que esp*er*o en mj librar le he[204]

*Sobre o aspi/ basilisco anda/ *e* co*n*q*ui*starras al l/ *e* el dragom

Y8, 26rI, 20-25: En las manos te/ leuaran q*ue* por bentura no*n* fieras/ el tu pie a la piedra Sobre el as/pio y el basilco andaras y coçearas/ al leon y al dragon Por q*ue* espero e*n*/ mj librar lo he

BN, 34rI, 4-8: en las manos te leuara*n* q*ue* por ven/tura no*n* fieras el tu pie a la piedra/ Sobr*e* el aspio *e* el vasilizco andaras/ *e* coçearas al leo*n* *e* al drago*n* por q*ue* es/p*er*o en mj libra*r* lo he

171) R, 98rII, 18-19: LLa/mo a mj *e* oyr* con el so en la torme*n*ta[205]

*le

Y8, 26rI, 26-28: llamo a/ mj y oyr lo he con el so en la tormen/ta

BN, 34rI, 9-11: llamo a/ mi *e* oyr lo he con el so en la torrme*n*ta

172) R, 98rII, 28-30: *e* en las o/bras de las t*us* manos me *<u>exaltare</u> Que gran/deadas son las t*us* obras señor[206]

*aleg*ra*re

Y8, 26rI, 39-41: y en las ob*ra*s/ delas tus manos me exaltare q*ue*/ grandeadas son las tus obras señor

[204] XC, 84: En las manos te levarán, que por ventura non fieras el tu pie a la piedra. Sobre el áspiz e el basileo andarás, e cocearás al león e al dragón. Porque esperó en mí, librar le hé

[205] XC, 84: Llamará a mí e oír l'é; con él só en la tormenta

[206] XCI, 84: e en las obras de las tus manos me exaltaré. ¡Qué grandeadas son las tus obras, Señor!

BN, 34rI, 24-26: *e* en las obras de las tus manos/ me exalçara q*ue* grandeadas so*n* las/ tus obras señor

173) R, 98rII, 35-36: mas tu/ mucho alto por sie*m*pre sie*m*pre señor[207]

Y8, 26rII, 6-7: mas tu mucho/ alto por syenpre señor
BN, 34rI, 32-33: mas tu/ mucho alto por sienp*re* señor

174) R, 98rII, 39-41: Et s*er*a exalçada assi como unjcornio/ lo mj cabesca *e* la mj uesez en mis*eric*o*r*dia abon/dada[208]
*poder

Y8, 26rII, 9-11: y sera exalta/da como el vnicornjo la mi cabeza y la/ mj vegez en mjsericordia abo*n*dida
BN, 34rI, 36-38: Et sera enxalçada com*m*o El vnico/nio la mj alteza *e* la mj vegez en mjsericordia abondida

175) R, 98rII, 46-49: Aun seran a/muchiguados en uejez abondada <...>an bien/ sufrjentes porq*ue* lo* merezcran Que derechero/ nuestro sennor dios *e* no*n* a en *e*l tuerto[209]
*mostrem

Y8, 26rII, 18-22: avn se/ra*n* amochiguados en vejez abondada/ y sera*n* bjen sufrientes porq*ue* lo muestre*n*/ q*ue* derecho n*uest*ro señor y no*n* ha tuerto/ en el
BN, 34rII, 6-10: avn s*er*an a/muchiguados en vegejes abondida/ *e* s*er*an bie*n* sufrientes porq*ue* lo muestre*n*/ que derech*er*o n*uestr*o señor *e* no*n* a tuerto/ en el

[207] XCI, 85: Mas tú, mucho alto por siempre, Señor.
[208] XCI, 85: E será exalçada assí como unicornio la mi cabeça, e la mi vegez en misericordia abondada
[209] XCI, 85: Aún serán amochiguados en vegez abondada e serán bien sufrientes por que lo merezçrán. ¡Qué derechero nuestro Señor, e non á en él tuerto!

176) R, 98vI, 32-34: Si no*n*/ se llega a tj la siella d*e* la maldat del q*ue* ensin<...>nes/lazeria en *e*l ma*n*dado[210]

Y8, 26vI, 35-37: Non se llega a tu la silla/ de la maldat del q*ue* ensiñe lazeria en/ el mandado
BN, 34vI, 33-34: *e* no*n* sellega a ty la silla de la maldad/ del q*ue* ensiñe lazeria en el mandado

Nesta correção, revê-se o termo que traduz dispersão – «esparzir» – pelo verbo «desprezar».

177) R, 98vI, 39-40: *e* en la su malicia/ los esparzera *nuestro señor dios[211]
*los desp*re*zera

Y8, 26rII, 1-2: y en la su maliçia/ los esparzjra n*uest*ro señor dios
BN, 34vII, 4-5: *e* en la su maliçia los esparzira n*uest*ro/ señor dios

178) R, 98vII, 7-9: Mostrat ent*re* las/ gentes la su gl*or*ia en todos los sus pueblos las/ s*us* maraujllas[212]

Y8, 26vII, 34-36: mostrad entre las gent*es*/ la su gloria en todos los sus pue/blos las sus maraujllas
BN, 34vII, 36-35rI, 1: mos/trad entre las gent*e*s la su gl*ori*a en todos// los sus pueblos las sus marauillas

179) R, 98vII, 11-12: Ca todos los dioses d*e* las t*ie*rras ge*n*tes son de/monios[213]

Y8, 26vII, 38-40: Ca todos/ los dioses de las gentes son demo/njos

[210] XCIII, 86: ¿Si non se llega a ti la siella de la maldat del que enfiñeres lazeria en el mandado?
[211] XCIII, 86: e en la su malicia los esparzerá nuestro Señor Dios.
[212] XCV, 87: Mostrat entre las gentes la su gloria, en todos los sus pueblos las sus maravillas.
[213] XCV, 87: Ca todos los dioses de las gentes son demonios

BN, 35rI, 3-4: ca todos/ los dioses de las gentes son demonjos

180) R, 98vII, 44-46: Horatle todos s*us* angeles del oilo *e*/ allegres syon* Exaltaronse las fijas de juda/ por los t*us* juysios señor[214]
*alegraro*n*se

Y8, 27rI, 34-37: adorad le todos/ los sus angeles del oyolo y alegro/se sion Exaltaro*n*se las fijas de/ juda por los tus juyzjos señor
BN, 35rII, 5-8: Horarle todos/ los sus angeles del oyolo *e* aleg*ro*se sio*n*/ exalçaro*n*se las fijas de juda por los/ tus juyzios señor

Embora tenha sido assinalado anteriormente que existe a preferência pela preposição «acerca» em vez de «ante», a verdade é que podem surgir ocorrências como esta, em que a correção insere uma palavra alheia às outras versões castelhanas mas que é normalmente rejeitada quando surge no corpo do texto original de R.

181) R, 99rI, 20-21: Ca*n*tat * el señor/ Rey mouido sea el mar *e* la lleñedumbre del[215]
*ante

Y8, 27rII, 21-22 Cantad al señor Rey mo/ujdo sea el mar y la llenedunbre del
BN, 35vI, 1-2: Cantad al señor Rey moujdo sea/ la mar *e* la llenedunbre della

182) R, 99rI, 39-41: Lamaua*n* al señor oyolos/ el en pilar de nuue<...> fablaua* Guardaua*n* los/ testemo*n*ios del[216]
* a ellos

Y8, 27vI, 4-6: llamaua*n* al señor y oyelos el en pilar/ de nube los fablaua guardaua*n* los/ testimonjos del

[214] XCVI, 88: oratle todos sus ángeles d'él. Oilo, e alegres Sión; exaltáronse las fijas de Judá por los tus juizios, Señor.
[215] XCVII, 88: Cantat al Señor rey. Movido sea el mar e la llenedumbre d'él
[216] XCVIII, 89: LLamavan al Señor, e oyólos él. En pilar de nuv fablava a ellos; guardavan los testemonios d'él

BN, 35vI, 27-30: llamaua*n* al/ señor *e* oyelos el en pilar de nuue/ los fablaua guardaua*n* los testi/monjos del

183) R, 99rI, 48-50: entrat en la uista del en*/ exalçamje*n*to Et sabet q*ue* el señor es/se es dios[217]
*aleg*ria*

Y8, 27vI, 14-16: e*n*/trad en la uista del co*n* exaltamj/ento y sabed q*ue* el señor ese es dios
BN, 35vII, 7-11: cantad al señor toda la t*ie*rra/ s*er*uid al señor con alegria/ entrat en la vista del en/xalçamiento *e* sabed q*ue* el señor ese es/ dios

184) R, 99rI, 55-56: la mis*eric*or*d*ia del *e* la uerdat del de/ linaie en linaje fasta en cabo [218]

Y8, 27vI, 22-24: la mjsericor/dia del y la verdat del de ljnaje en ljna/ge fasta en cabo
BN, 35vII, 16-18: la mj/sericordia del *e* la *ver*dat del de linage/en linage fasta en cabo

185) R, 99vI, 32-34: Ca el s*pirit*u passara en *e*l *e* non lo con/noscieron *e* no*n** connoscra<...> dalli adela*n*te su/ logar[219]
*estara

Y8, 28rII, 16-18: Ca el esp*irit*u/ pasara en *e*l y non lo conosçiero*n* y no*n*/ conosçera de allj adelante su lugar
BN, 36vI, 32-34: Ca el esp*irit*u pasara/ en el *e* no lo conosçiero*n* *e* no*n* cono/çera de alli adelant*e* su lugar

186) R, 99vI, 40-41: Bendezit al señor todos los s*us* an/geles* uirtude<...> poderosos q*ue* fazedes las s*us* pa/labras[220]

[217] XCIX, 89: entrat en la vista d'él en exalçamiento. E sabet que el Señor ésse es Dios
[218] XCIX, 89: la misericordia d'él e la verdat d'él de linaje en linaje fasta en cabo.
[219] CII, 91-92: Ca el espiritu passará en él e non lo coñocieron, e non coñozçrá d'alli adelante su logar.
[220] CII, 92: Bendezit al Señor todos los sus ángeles en virtudes; poderosos que fazedes las sus palabras

*e*n*

Y8, 28rII, 26-28: bendezid al señor a todos/ se señoreara bendezjd al señor to/das las obras del

BN, 36vII, 6-10: ben/dezid al señor todas las sus *vir*/tudes los sus mjnjstros q*ue* fazed*e*s/ las sus voluntades del bendezid/ al señor todas las obras del

187) R, 99vII, 20-22: Fizo/ la luna en su t*iem*po *e* el sol co*n*nnosçio el *ponjmie*n*/to] [221]

*su

Y8, 28vI, 31-33: fizo la/ luna en su t*iem*po el sol conosçio el su po/njmjento

BN, 37rI, 26-27: fizo la luna en su t*iem*po *e* el sol/ conosçio el suponjmjento

Se bem que os testemunhos Y8 e BN transmitam «verbo», o revisor de R corrige o erro no lugar correspondente por «palavra», opção aceite na edição integral dos salmos em 2009.

188) R, 100rI, 3-5: Membros fasta en el sieglo del/ su testame*n*to de la* jenbro q*ue* mando por mill*e* g*ene*r*aci*o/nes[222]

*palau*ra*

Y8, 29rI, 3-5: Menbrose fasta en el/ siglo del su testamento del ujerbo q*ue*/ mando por mill linajes

BN, 37vI, 17-19: menbrose fasta en el siglo de/ su testamento del vieruo q*ue* ma*n*do/ por mjll linages

189) R, 100rI, 28-29: *e* fizesen enel enganno en los sus/ sieruos del[223]

Y8, 29rI, 38-39: y fizjesen en/gaño de los sus sieruos del

[221] CIII, 93: Fizo la luna en su tiempo, e el sol coñoció el su ponimiento

[222] CIV, 94: Membrós fasta en el sieglo del su testamiento, de la palabra que mandó por mil generaciones.

[223] CIV, 94: e fiziessen engaño en los sus siervos d'él.

BN, 37vII, 18-19: E fiziesen enga/ño en los sus sieruos del

190) R, 100rI, 33-35: Torno las sus aguas dellos en sang*re*/ *e* mato los pescados *Et dioles en la t*ie*rra de les/ ranas[224]
*d*e*los

Y8, 29rII, 2-4: torno/ las sus aguas dellos en sangre y mato/ los pescados y dioles la tierra rranas
BN, 37vII, 25-27: torrno las sus/ aguas dellos en sangre Et matolos/ pescados Et dioles la t*ie*rra rranas

Nesta correção deteta-se uma vez mais a utilização de uma grafia portuguesa.

191) R, 100rI, 38-40: Et firio/ las* <u>uela*ns*</u> *e* las figueras d*e*llos *e* quebra*n*to los/ s*us* aruoles de los s*us* t*er*mjnos[225]
*ujnhas

Y8, 29rII, 9-11: E firio las vjñas y las fi/gueras dellas y q*ue*branto los arboles/ de los sus termjnos
BN, 37vII, 32-38rI, 1: Et firio/ las viñas *e* las figueras dellos/ q*ue*branto los aruor*e*s de los sus t*er*//mjnos

192) R, 100rI, 41-43: E/ comjo toda la yerua en su t*ie*rra *e* todo el fruto*/ d*e*llos[226]
*de la t*ie*rra

Y8, 29rII, 13-14: y comjo toda la yerua en su t*ie*rra/ y todo el fruto dellos
BN, 38rI, 3-5: *e* comjo toda la ye*r*ua/ <...> su t*ie*rra *e* todo El fruto/ <...>s

[224] CIV, 94: Tornó las sus aguas d'ellos en sangre e mató los pescados, e dioles en la tierra ranas
[225] CIV, 94: E firió las viñas e las figueras d'ellos, e quebrantó los sus árvoles de los sus términos.
[226] CIV, 94: e comió toda la yerva en su tierra e todo el fruto d'ellos

193) R, 100rI, 43-44: E firio todos los p*ri*meros nascidos en su/ t*ie*rra *e* las p*ri*micjas *todas s*us* lauores dellos[227]
*de

Y8, 29rII, 14-17: y firio todos/ los prinçipes nasçidos en su tierra y/ las primiçias de todas las sus lauores/ dellas
BN, 38rI, 5-7: *e* firio todos los p*ri*m*e*ros/<...>çidos en su t*ie*rra *e*/ las <...>as de todas las lauor*e*s dellos

194) R, 100rI, 48-49: Tendio <u>una</u> nuf en defendimje*n*/to d*e*llos *e* fuego q*ue* los allu*m*brasse de noche[228]

Y8, 29rII, 21-23: tendio vna nuue en de/fendimiento dellos y fuego q*ue* los alu*m*/brase de noche
BN, 38rI, 13-15: tendio vna Nuue en defen/<...>m*ent*o d*e*llos *e* fuego q*ue* los alu*m*bra/<...> de noche

195) R, 100rI, 51-52: Rompio la piedra *e* manaro*n* aguas cor/rieron *por seco[229]
*los rios

Y8, 29rII, 25-26: Ronpio la piedra y manaro*n* aguas co/rriero*n* rrios por seco
BN, 38rI, 17-19: Ronpio la Piedra *e*/ <...>naro*n* aguas correro*n* Rios/ <...> seco

Sendo que «loores» e «alabanças», opções, respetivamente, do corretor de R e das versões castelhanas colacionadas, pertencem ao mesmo campo semântico, é de sublinhar que em R se corrige, aparentemente, a palavra «oraciones» por «loores».

196) R, 100rII, 2-4: Q*ui* fabrara/ los poderios del señor *e* fara todos los*/(o)<u>rationes</u> del <u>señor</u> oydas[230]

[227] CIV, 94: E firió todos los primeros nacidos en su tierra e las primicias de todas sus lavores d'ellos.
[228] CIV, 95: Tendió una nuf en defendimiento d'ellos, e fuego que los alumbrasse de noche.
[229] CIV, 95: Rompió la piedra e manaron aguas; corrieron ríos por seco.

*loores

Y8, 29rII, 37-39: q*ui*en fablara los/ poderios del señor y fara todas las/ sus alabanças del ser oydas
BN, 38rII, 12-14: q*ui*en fablara los poderes del/ señor *e* fara todas las sus/ alabranças del seer oydas

197) R, 100rII, 10-12: Peccamos con nuestros/ padres desegualme*n*te fiziemos tuerto* no*n* dere/chame*n*te Los n*uest*ros padres no*n* entendieron[231]
*obramos

Y8, 29vI, 5-7: Pecamos co*n* n*uest*ros padres desigualme*n*/te fezimos tuerto no*n* derecha mente/ los n*uest*ros padres no*n* entendiero*n*
BN, 38rII, 23-26: pecamos/ co*n* n*uest*ros padr*e*s desigualme*n*te fe/simos tuerto no*n* derechamente/ los n*uest*ros padr*e*s non entendiero*n*

198) R, 100rII, 14-16: Et assannaron le/ subiendo en la mar* bermeia *e* saluolos por el su/ nombre[232]
*en la mar

Y8, 29vI, 10-12: y asañaro*n*le subiendo en la/ mar la mar bermeja E saluolos por/ el su nonbre
BN, 38vI, 3-5: *e* asanaro*n*/le sobiendo en la mar bermeja/ *e* saluolos Por el su nonbr*e*

199) R, 100rII, 20-22: Et cubrio/ de agua a los *atorme*n*taron que uno de ellos/ no*n* escapo[233]
*q*ue* los

---

[230] CV, 95: ¿Quí fablará los poderíos del Señor e fará todas las alabanças del Señor oídas?
[231] CV, 95: Pecamos con nuestros padres desegualmente; fiziemos tuerto non derechamente. Los nuestros padres non entendieron
[232] CV, 95: e assañarónle subiendo en la mar Bermeja; e salvólos por el su nombre
[233] CV, 95: E cubrió de aguas a los que les atormentaron, que uno d'ellos non escapó.

Y8, 29vI, 18-20: y cubriolos de aguas q*ue*/ les atormentaro*n* q*ue* vno dellos non/ escapo
BN, 38vI, 13-15: Et cubriolos de aguas/ que los atormentaro*n* que/ vno dellos non escapo

200) R, 100rII, 31-32: E ence*n*dios fuego en/ la sinagoga* *e* llama q*ue*mo a los peccadores[234]
*delos

Y8, 29vI, 32-33: E ençendiose fuego en la syna/goga y la llama q*ue*mo a los pecadores
BN, 38vII, 14-17: Et en/çendio se fuego en la/ sinagoga Et la llama/ q*ue*mo a los Pecadores

201) R, 100rII, 35-37: Oluidaron a dios q*ue* los saluo el que fizo grandes cosas llas *en tierra de/ cham[235]
*en egito m*a*ra/

Y8, 29vII, 36-38: olujdaro*n* a dios q*ue* los sal/uo el q*ue* faze grande cosas en egipto/ y maraujllas en t*ie*rra de cam
BN, 39rI, 3-6: ol/ujdaro*n* a dios q*ue* los saluo el q*ue* fi/zo gr*an*des cosas en egibto *e* ma/raujllas en t*ie*rra de cham

202) R, 100rII, 40-41: Et asmado es a* iusticia/ de linaie a linaie fasta siempre[236]
*ele

Y8, 29vII, 17-18: y asma*n*dol esa justiçia de lj/nage a ljnage fasta syenpre
BN, 39rI, 27-29: Et asynado le es a justiçia/ de linaje a linaje fasta sye*m*/pre

203) R, 100rII, 49-100vI, 1: Et esparzieron la sangre del no*n* nuziente sangre d*e* los s*us* fijos* q*ue* sacrificaro*n*// a los ydolos entallados de canaan[237]

[234] CV, 96: E encendiós fuego en la sinagoga, e llama quemó a los pecadores.
[235] CV, 96: Olvidaron a Dios que los salvó, el que fizo grandes cosas en tierra de Cam
[236] CV, 96: E asmado es a justicia de linaje en linaje fasta siempre.

*e de las s*us* fijas

Y8, 29vII, 29-32: E espar/zjero*n* la sangre del no*n* nuzjente sa*n*/gre de los sus fijos q*ue* sacrificaron a/ los ydolos entallados de cana*n*s
BN, 39rII, 6-9: Et esparzyero*n* la sa*n*gre del no*n*/ nuzie*n*te sa*n*gre de los sus fijos q*ue*/ sac*ri*ficaro*n* a los ydolos los entalla/dos de cañas

Esta correção terá certamente em vista a clarificação da tradução, sublinhando a pacificação divina da tempestade.

204) R, 100vII, 8-10: Et establescio la su/ te*m*pestat *en orage *e* callaron las ondas d*e*lla Et/ allegraro*n*se[238]
*en assessego

Y8, 30rII, 32-34: y establesçio la su tenpestad en/ oraje y callaro*n* las ondas della y ale/graronse
BN, 40rI, 8-10: *e* estableçio la su te*m*pes/tad en oraje *e* callaro*n* las on/das della

205) R, 100vII, 14-15: Puso los Ryos/ en *e*l desierto *e* manaderos de agua para en set[239]

Y8, 30rII, 40-41: puso los rrios en el desierto ma/nadores de aguas para en sed
BN, 40rI, 17-19: puso/ los rrios en el desierto *e* mana/deros de aguas p*ar*a en sed

Nesta ocorrência, a correção a R e as versões castelhanas coincidem apenas em parte, embora semanticamente sejam idênticas. Não é, contudo, claramente compreensível a opção da edição de 2009 que, nesta passagem, recorre à mão corretora de R utilizando uma grafia que lhe é alheia, como se pode verificar com a leitura da nota 240:

---

[237] CV, 96: e esparzieron la sangre del non nuziente, sangre de los sus fijos e de las sus fijas que sacrificaron a los ídolos entallados de Canaán.
[238] CVI, 98: e estableció la su tempestat en orage e callaron las ondas d'ella. E alegráronse
[239] CVI, 98: Puso los ríos en el desierto e manaderos de agua para en set.

206) R, 100vII, 19-21: E asse*n*to alli los q*ue* aujen fa*m*/bre *e* establescieron* fruto de su nascimie*n*to nat*ur*al/ **E bendixolos *e* son amuchiguados mucho[240]
*cidade p*ara*/ morar **E semearo*m* canpos *e* p*ra*ntaro*m* ujnhas *e*/ fezero*m* frutu naturalme*n*te

Y8, 30vI, 5-10: y asento allj los q*ue* avjen/ fanbre y establesçiero*n* la morada de la/ çibdad E senbraro*n* los canpos y pla*n*/taro*n* vjñas y fizjero*n* fruto de su nas/çimjento natural y bendixolos y/ son amuchiguados mucho
BN, 40rI, 25-31: *e* ase*n*to alli los q*ue* aujan/ fa*m*bre *e* estableçiero*n* la morada/ de la çibdad *e* se*m*braro*n* los ca*m*pos/ *e* pla*n*taro*n* biñas *e* fiziero*n* fru/to de su nasçimj*ento* natural Et/ be*n*dixolos *e* so*n* amuchiguados/ mucho

207) R, 100vII, 55-56: Djos no*n* calles la mj alaba*n*ça *la boca/ del peccador e la boca del enga*n*noso a/bierta es sobre mj[241]
*q*ue*

Y8, 30vII, 11-14: d ios no*n* calles la mj alaba*n*ça/ ca la boz del pecador y la boca/ del engañoso abierta es sobr*e*/ mj
BN, 40vI, 12-15: dios no*n* calles la mj a/laba*n*ça ca la boca del/ pecador *e* la boca del en/gañoso abierta es sobr*e* mj

208) R, 101rI, 4-6: Establesce el pecca/dor sobre el *diablo este a la su diestra Iuez/ q*ua*ndo es iudgado salga da*n*nado[242]
**e*

[240] CVI, 98: E assentó allí los que avién fambre, e establecieron civdad para morar; e sembraron los campos e plantaron viñas e fizieron frutos de su nacimiento natural. E bendíxolos, e son amuchiguados mucho
[241] CVIII, 99: Dios, non calles la mi alabança, que la boca del pecador e la boca del engañoso abierta es sobre mi.
[242] CVIII, 99: Establece el pecador sobre él, <e> el diablo esté a la su diestra, pues quando es judgado salga dañado

Y8, 30vII, 21-23: Establesçe el pecador sobre/ el y el diablo este a la su diestra pu/es q*ue* es judgado salga dam*n*ado
BN, 40vI, 23-25: estableçe el pecador sobr*e* el *e*/ el diablo este a la su diestra pu/es q*ue* es juzgado salga dañado

209) R, 101rI, 8-9: Sean fechos los fi/ios *huerfanos *e* la su mug*e*r bifda[243]
del

Y8, 30vII, 26-28: Sean fechos los/ sus fijos huerfanos y la su muger/ bjuda
BN, 40vI, 28-30: sea*n*/ fechos los sus fijos hue*r*fanos/ ela su mug*e*r biuda

210) R, 101rI, 14-16: Sean los s*us* fijos/ fechos para en muerte en una gen*er*acion sea de/s<...>toado* Siempre sea*n* fechos co*n*tral señor[244]
*el no*m*bre del

Y8, 30vII, 35-41: Sean los sus fijos fechos para en mu/erte en vna generaçion sea desatado el/ no*m*bre del la maldad de los padres/ del se torne en Remenbrança ante el/ señor el pecado de la madre del no*n* sea/ desatado Syenpre sean fechos cont*ra*/ el señor
BN, 40vII, 2-9: sea*n* los sus fijos/ fechos p*ar*a en mue*rt*e en vna gene/raçio*n* sea desatado el no*m*br*e* de la/ maldad de los padr*e*s del se tor/ne en Reme*m*bra*n*ça ant*e* el señor/ el pecado de la madre del no*n* sea/ desatado sie*m*pre sea*n* fechos co*n*/tra el señor

É interessante a transmutação que o corretor de R executa, compreendendo «puridade», ou seja, segredo, como «ventre» onde Deus engendra o Homem:

211) R, 101rII, 22-24: Co*n*tigo nel comje*n*ço en *e*l dia d*e* la tu u*ir*tut/ en los resplandores d*e* los s*anct*os te engendre d*e*l*/ <u>mi poridad</u> ante del luzero[245]

[243] CVIII, 99: Sean fechos los fijos huérfanos e la su muger bifda.
[244] CVIII, 99: Sean los sus fijos fechos para en muerte; en una generación sea desatado el nombre d'él La maldat de los padres d'él se torne en remembrança ante el Señor; el pecado de la madre d'él non sea desatado. Siempre sean fechos contra'l Señor
[245] CIX, 100: Contigo el comienço en el día de la tu virtut en los resplandores de los santos. Te engendré de la mi poridat ante del luzero.

* uentre

Y8, 31rII, 9-12: Contigo/ el comjenço en el dia de la tu vjrtud en/ los Resplandores de los santos te enge*n*/dre de la mj poridad ant*e* del luzero
BN, 41rII, 5-9: co*n*ti/go el comje*n*ço en el dia de la tu vir/rut enlos Respla*n*dores de los sa*n*/tos te enge*n*dre de la mj poridat/ ant*e* del luzero

212) R, 101rII, 59-60: Poderoso sera en la t*ie*rra el su linaie/ bendita s*er*a la gen*er*açion d*e* los <u>sus</u> iustos[246]

Y8, 31vI, 10-12: Poderoso se/ra en la t*ie*rra el su ljnage bendita se/ra la generaçion de los justos
BN, 41vI, 21-23: po/deroso sera en la tierra el su linaje be*n*/dita sera la generaçio*n* de los justos

213) R, 101vI, 43-46: que non diga*n*/ las ge*n*tes en alguna sazo*n* do es el dios* M/as el n*ue*stro dios en *e*l cielo qua*n*tas cosas q*ui*so to/das las fizo[247]
*dellos

Y8, 31vII, 26-29: q*ue* no*n* diga*n* las gentes/ en alguna sazon do es el dios dellos/ Mas el n*uest*ro dios en el çielo q*ua*ntas/ cosas qujso todas las fizo
BN, 42rI, 19-23: q*ue* no*n* diga*n* las gentes en alguna sazo*n*/ do es El dios dellos mas/ El n*uest*ro dios en el çielo q*ua*ntas/ cosas quiso todas las fizo

214) R, 101vI, 52-53: Et * ellos semeie*n* los q*ue* aq*ue*llas/ cosas fazen *e* todos los q*ue* fian en ellos[248]
*a

[246] CXI, 101: poderoso será en la tierra el su linaje. Bendita será la generación de los sus justos
[247] CXIII, 102: Que non digan las gentes en alguna sazón ¿dó es el Dios d'ellos? Mas el nuestro Dios enel cielo cuantas cosas quiso todas las fizo.
[248] CXIII, 103: E a ellos semejen los que aquellas cosas fazen e todos los que fían en ellos.

Y8, 31vII, 37-38: a ellos semeja*n* los q*ue* aquellas/ cosas fazen y todos los q*ue* fian en *e*llos

BN, 42rII, 2-4: a ellos semejen los/ q*ue* aquellas cosas fazen Et todos/ los q*ue* fian en ellas

215) R, 101vI, 53-56. La casa de isr*ae*l esp*er*o en el sennor ayudador dellos/ *e* defendedor dellos es* El señor se me*m*bro de/ nos *e* be*n*dixo anos[249]

*Acasa de arom esp*er*ou en el senhor su ajudador/ *e* su defendedor es/ los q*ue* teme*m* al senhor esp*er*aro*m* en el senhor su aju/dador *e* su defendedor es

Y8, 31vII, 39-32rI, 1: la casa de isr*ae*l espero en el señor ayu/dador dellos es y defendendor El señor/ se menbro de nos y bendixo a nos

BN, 42rII, 4-10: la casa de isrra/el es p*er*o en el señor ayudador de/llos es Et defendedor El señor/ se me*m*bro de nos *e* bendixo anos/ *e* bendixo a la casa de isrrael bendi/xo a la casa de aron bendixo a/ todos los q*ue* teme*n* al señor

216) R, 101vI, 59-101vII, 1: Et ma*n*do el señor sobre bos* *e* sobre v*uest*ros// fijos. Benditos uos del señor[250]

*sobre uos

Y8, 32rI, 5-7: ma*n*da el señor sobre vos/ y sobre v*uest*ros fijos benditos vos/ del señor

BN, 42rII, 11-14: ma*n*n/da el señor sobre bos Et sobr*e* b*uest*ros fijos benditos bos del se/ñor

217) R, 101vII, 19-21: Sennor libra la mj alma/ misericordioso *e* iusto*/ *e* el n*uest*ro dios a mercet[251]

*el senhor

[249] CXIII, 103: La casa de Israel esperó en el Señor; ayudador d'ellos e defendedor d'ellos es. La casa de Aarón esperó en el Señor; su ayudador e su defendedor es. Los que temen al Señor esperaron en el Señor; su ayudador e su defendedor es. El Señor se membró de nós e bendixo a nós.

[250] CXIII, 103: E manda el Señor sobre vós, e sobre vuestros fijos. Benditos vós del Señor

[251] CXIV, 103: Señor, libra la mi alma. Misericordioso e justo, e el nuestro Diós á mercet.

Y8, 32rI, 26-28: Señor libra la mj alma mj/sericordioso y justo y el n*uest*ro dios/ a merçet
BN, 42vI, 3-6: señor/ libra la mi alma mjsericordioso/ et justo Et el n*uest*ro dios ha m*e*r/çed

218) R, 101vII, 30-34: Yo dix/ en la sallida de mj miente *todo om*ne*/ mi*n*troso Que dare yo al señor por to/do<...> lo<...> q*ue* el dio**. Tomare yo el calis de saluacion[252]
*en el mj leuantame*n*to **a mi

Y8, 32rI, 38-32rII, 2: yo dixe en la sallida de mj/ mjente todo onbre mjntroso que dare yo al señor por todos los bien*e*s// q*ue* el dio a mj tomare yo el caliz/ del saudoso
BN, 42vI, 21-26: yo dixe en la sallida de mj mje*n*te todo om*ne* mjntro/so que dare yo al se/ñor por todos los bienes q*ue* El/ dio a mj tomare yo El ca/lez del saludoso

219) R, 101vII, 38-40: Rompiste los/ mios ligamje*n*tos a ti fare yo sac*ri*ficio del ala/bança llamare al* del señor[253]
*no*m*bre

Y8, 32rII, 7-10: Ro*m*piste/ los mjs ligamjentos a ty fare yo s*er*/ujçio de mj alabança y llamare el no*m*/bre del señor
BN, 42vII, 3-6: rronpiste los mjs/ ligamientos a ty fare yo/ serujçio de mj alabança Et/ llamare El no*m*br*e* del señor

220) R, 101vII, 59-102rI, 1: De la torme*n*ta llame al se*n*nor/ *e* oyo me el señor en anchura
***** El señor me// es ayudador[254]
* El senhor mj ajudador no*m* temere lo q*ue* me/ faga el homem

Y8, 32rII, 26-28: De la tormenta llame al señor/ y oyome el señor en anchura El/ señor me es ayudador

[252] CXV, 103-104: Yo dix en la salida de mi miente: - Todo omne mintroso. ¿Qué daré yo al Señor por todos los que él dio a mí? Tomaré yo el caliz de salvación
[253] CXV, 104: Rompiste los mios ligamientos. A ti faré yo sacrificio del alabança; llamaré al nombre del Señor.
[254] CXVII, 104: De la tormenta llamé al Señor e oyóme el Señor en anchura. <...>; el Señor me es ayudador

BN, 43rI, 3-6: de la torrmenta llame al se/ñor Et oyome El señor en/ anchura El señor me es ayu/dador no*n* temere cosa que/ om*n*e me faga el señor me es ayudador

221) R, 102rI, 4-8: Todas las gentes/ me cercaro*n* *e* en nombr*e* del * me ue*n*gue contra/ ellos cercaron me como abeias a panal *e* ence*n*/dieron se co*n*tra mj como fuego en espinas *e* nel no*m*/bre del señor ca me ue*n*gue en ellos[255]
*senor

Y8, 32rII, 33-40: todas las gentes me çer/caro*n* y en el nonbre de dios me be*n*gue/ en ellos çercantes me çercaro*n* y en/ nonbre de dios ca me bengue en ellos/ çercaro*n* me como abejas a panar/ y ençendieronse contra mj como fue/go en espinas y en no*m*bre del señor/ ca me bengue en ellos
BN, 43rI, 10-20: todas las gentes me çerca/ron Et en el nonbre de dios/ me vengue enellos Çercaron me com*m*o a/<...>uejas a panar Et ençiendie/ <...>dieronse contra mj com*m*o fu/ego en espinas Et en el non/bre del señor ca me vengue/ en ellos

222) R, 102rII, 25-27: o tu señor faz buena la carre/ra p*ar*a yr a ti bendicho *q*ui*<...> ujene en *e*l no*m*bre del se*n*/nor[256]
*o

Y8, 32vI, 22-24: o tu señor faz me/ buena la carrera para yr a ty bendito/ qujen vjene enel nonbre del señor
BN, 43rII, 19-22: o tu señor/ faz me buena la carrera para yr/ a ti bendito q*uien* viene en el nonbre del/ señor

223) R, 102rII, 55-56: Et en todo mio coraço*n* demande* no*n* me/ echedes d*e* los t*us* ma*n*dados[257]

[255] CXVII, 104-105: Todas las gentes me cercaron, e en el nombre del Señor me vengué contra ellos. Cercantes me cercaron e en nombre de Dios, ca me vengué en ellos. Cercáronme como abejas a panal, e encendiéronse contra mí como fuego en espinas e en el nombre del Señor, ca me vengué en ellos.
[256] CXVII, 105: ¡oh, tú, Señor, faz buena la carrera para ir a ti! Bendicho quien viene en el nombre del Señor.
[257] II *Beth*, 106: E en todo mio coraçón demandé; non me echedes de los tus mandados.

*a ti

Y8, 32vII, 12-14: En todo mj co/raçon demande no*n* me eches de los tus/ ma*n*dados
BN, 43vII, 1-3: en todo mj cora/çon demande no*n* me eches de/ los tus mandados

Neste caso, o corretor insere o termo «palavras» onde outros testemunhos leram «razones».

224) R, 102rII, 7-9 Galardona tu al tu sieruo auiuame et/ guardare yo las t*us* * Des/cobre los mjos oios[258]
*palauras

Y8, 32vII, 26-29: gualardona tu al sieruo abj/uame y guardare yo las tus/ Razones Descubre los mjs/ ojos
BN, 43vII, 21-25: gualardona tu al tu/ sieruo avivame/ *e* guardare yo/ las tus rrazones descobre*n* los/ mis ojos

Este é um caso muito interessante, já que tanto Y8 como BN saltam no mesmo ponto em que R era omisso. Em 2009, os editores consideraram a leitura do corretor de R válida, transpondo-a, no entanto, para uma formulação castelhanizante que não corresponde ao texto transmitido na nota marginal de R. Com efeito, este é um dos casos paradigmáticos de bilinguismo extremo do corretor, que não só oscila entre grafias como entre palavras de ambas as línguas. Deste modo, os determinantes artigos tanto surgem como «los» como «o» e «as»; já os pronomes possessivos tomam sempre uma formulação portuguesa, assim como a grafia das consoantes palatais /nh/ e /lh/.

225) R, 102rII, 16-18: Ca so/uieron los principes *e* fablauan contra mj mas/ el tu sieruo husaua en las t*us* derechuras* [259]
*Ca los teus teste/munhos meu p/samento he *e* o meu co*n*sselho as tuas justiças

[258] III, *Gimel*, 106: Gualardona tú al siervo. Avívame e guardaré yo las tus palavras. Descobre los mios ojos
[259] III, *Gimel*, 106: Ca sovieron los príncipes e fablavan contra mí; mas el tu siervo usava en las tus derechuras. En los tus testimonios mi pensamiento é, e el mio consejo en las tus justicias.

Y8, 32vII, 37-40: Ca soujeron/ los prinçipes y fablaua*n* contra mj mas/ el tu sieruo usauase en las tus derechu/ras apegose la mj alma al cuerpo
BN, 44rI, 4-7: ca sobie/ro*n* los p*ri*nçipes *e* fablaua*n* cont*ra*/ mj mas el tu sieruo usauase/ en las tus derechuras

Aqui, em 226, não é facilmente identificável um testemunho de onde provenha o termo «justificaciones», omisso em todos os testemunhos a que acedemos mas presente na edição de 2009, conforme se pode ler na nota 260, Apesar da consulta do aparato crítico, não conseguimos entender completamente esta opção editorial.

226) R, 102rII, 22-24: Mostre las mjs carreras et/ oyste me enseñame las t*us* derechuras*/ husar me en las t*us* marauillas[260]
*A careira de las tu*as*/ me enseña

Y8, 33rI, 2-4: Mostre las mjs carreras y oysteme/ enseñame las tus derechuras y vsar/me en las tus maraujllas
BN, 44rI, 15-18: mostre las mis carreras *e*/ oysteme enseñame las tus de/rechuras *e* vsarme en las tus/ maraujllas

227) R, 102rII, 28-29: A pegue* a los tus tes/timo*n*ios señor no*n* me quieras tu co*n*fonder[261]
*me

Y8, 33rI, 9-11: apegueme a los tus tes/timonjos señor no*n* me q*ui*eras tu co*n*fo*n*/der
BN, 44rI, 24-26: Apegueme a los tus/ testimonjos señor no*n* me qui/<...>ras tu confonder

[260] IV, *Deleth*, 106-107: Mostré las mis carreras e oísteme; enséñame las tus derechuras; en la carrera de las tus justificaciones me enseña, e usar m'é en las tus maravillas.
[261] IV, *Deleth*, 107: Apegué a los tus testimonios. Señor, non me quieras tú confonder.

228) R, 102rII, 33-41: Ley Egem pon a mi señor en la carrera de/ las tus derechuras e dema*n*dar la he yo/ siempre Cdame ente*n*dimie*n*to *e* es/codrinne la tu ley *e* guardar la he*/ todo en todo Guya me *e* adume a la/ carrera d*e* los t*us* mandados ** essa quis/ Humjlla el mj coraçon ***los t*us* testimonjos et/ non auaricia Torna los mjos oios a ot*ra* par/te porq*ue* non uean uanidat[262]
*e*m* todo meu coraço*m* ** ca ***e*m*

Y8, 33rI, 14-22: ley pon a mj señor la carrera/ de las tus derechuras y dema*n*/dar la he yo syenpre Dame/ entendimjento y escodriñare la tu ley/ gujame y adume a la carrera de los/ tus mandados ca esa quise Vmjlla/ el mj coraço*n* a los tus testimonjos y no*n*/ en abariçia torna los mjs ojos a ot*ra*/ parte porq*ue* non vean vanjdad
BN, 44rII, 2-13:ley pon a mj señor/ la carrera de las tus/ derechuras *e* de/mandar la he yo sienp*re* dame en/tendi mjento *e* escodriñare la/ tu ley guiame *e* adume a la ca/rrera de los tus mandados ca/ esa q*ui*s humjlla el mj coraçon/ a los tus testimonjos *e* no*n* en/ auariçia torrna los mjs ojos/ a otra p*ar*te porq*ue* non vean va/nidat

229) R, 102rII, 55-57: Et andaua en anchura ca b*us**/caua los tus ma*n*dados Et fablaua de los tus/ testimoi*n*os ante los reyes[263]
*q*ue*

Y8, 33rI, 36-39: E andaua en anchu/ra ca busque los tus mandados y fa/blaua de los tus testimonjos ant*e* los/ Reyes
BN, 44vI, 5-8: Et andaua/ en anchura ca busq*ue* los tus/ mandados Et fablaua de los/ tus testimonjos ant*e* los rreyes

[262] V, *He*, 107: Ley pon a mí, Señor, en la carrera de las tus derechuras, e demandar la é yo siempre. Ca dame entendimiento, e escodriñaré la tu ley e guardar la é de todo mio coraçon. Guíame e adume a la carrera de los tus mandados, ca essa quis. Humilla el mi coraçón en los tus testimonios, e non a avaricia. Torna los mios ojos a otra parte porque non vean vanidat
[263] VI, *Vau*, 107: E andava en anchura, ca buscava los tus mandados e fablava de los tus testimonios ante los reyes

Recorrendo a uma forma de abreviatura latina, /us/, neste caso o corretor prefere o termo «juízos» a «mandados», conforme todas as lições castelhanas. Esta opção surgirá em outras ocorrências.

230) R, 102vI, 8-11: Menbreme d*e* los* ma*n*dados del/ sieglo aca sennor *e* conorteme Desfallesçi/mjento me touo por los peccadores que dese*n*<...>para/uan la tu ley[264]
*te*us* juizos

Y8, 33rII, 11-14: Menbreme de los tus ma*n*dados/ del siglo aca señor y conorteme desfa/llesçimjento me touo por los pecador*es*/ q*ue* desanparaua*n* la tu ley
BN, 44vI, 26-44vII, 1: menbreme de los/ tus mandados del siglo aca/ señor *e* conorteme desfalles/çimjento me touo por los peca//dor*es* q*ue* desanp*ar*aua*n* la tu ley

Esta é uma correção mínima – de apenas um grafema, que sublinhámos – mas que parece revelar alguns traços linguísticos específicos, já que permite transformar o verbo dando-lhe uma forma similar à conjugação do pretérito perfeito do indicativo em português.

231) R, 102vI, 13-14: De noche me me*m*bre del tu nombre señor *e* guar/dei<...> la tu ley[265]

Y8, 33rII, 16-18: De noche me/ menbre del tu nonbre señor y guarde/ la tu ley
BN, 44vII, 4-6: de noche/ me menbre del tu nonbre/ señor e guarde la tu ley

232) R, 102vI,17-18: La mj* or*açi*on señor dix yo <...> guardar la tu/ ley[266]
*rraçon

Y8, 33rII, 20-21: la mj Racio*n* señor/ dixe yo de guardar la tu ley

[264] VII, *Zain*, 108: Membréme de los mandados del sieglo acá, Señor, e conortéme. Desfallecimiento me tovo por los pecadores que desemparavan la tu ley.
[265] VII, *Zain*, 108: De noche me membré del tu nombre, Señor, e guardaré la tu ley.
[266] VIII, *Het*, 108: La mi ración, Señor, diz yo de guardar la tu ley.

BN, 44vII, 12-14: la mj rraçion se/ñor dixe yo de/ guardar la tu/ ley

233) R, 102vI, 24-27: A media noche/ me leua*n*taua a confessarme a ti sobre los juy/zios d*e* la derechura * Parcionero so yo de** aq*ue*llos/ q*ue* ***temen[267]
*tua **todos ***te

Y8, 33rII, 29-32: A media noche me leuantaua a co*n*/fesarme a ty sobre los juyzjos de la tu/ derechura parçionero so yo de todos/ los q*ue* te teme*n*
BN, 44vII, 24-28: A media noche me/ leuantaua a confesarme a ty/ sobre los juyzios de la tu dere/chura parçionero so yo de/ todos los q*ue* te temen

234) R, 102vI, 39-41: Quaiado es assi como la leche/ el coraçon d*e*llos* Buena cosa es a mj porq*ue* me/ homilleste[268]
*ais yo la tu ley pe*n*se

Y8, 33vI, 4-7: quando es/ como leche en su coraçon dellos mas/ yo la tu ley mesure bje*n* es a mj por/q*ue* me vmjlleste
BN, 45rI, 20-23: qndo es como le/che en su corasçon dellos/ mas yo la tu ley mesure bien/ es a mj porq*ue* te vmillaste

Também neste caso é peculiar a transformação do verbo «conortar» em «consolar», interpretação que o corretor faz desta passagem. As letras modificadas foram sublinhadas.

235) R, 102vI, 51-52: Fecha sea la * mis*eri*c*or*dia q*ue* me <u>con</u>so<u>l</u>le segu*n*t la tu/ palaura al tu sieruo[269]
*tu

[267] VIII, *Het*, 108: A media noche me levantava a confessar m'é a ti sobre los juizios de la tu derechura. Parcionero só yo de aquellos que te temen
[268] IX, *Tet*, 109: Cuajado es assí como la leche el coraçón d'ellos. Buena cosa es a mí porque me homilleste
[269] X, *Principium Ez. Job*, 109: Fecha sea misericordia que me <...> segunt la tu palavra al tu siervo.

Y8, 33vI, 17-19: fecha sea la mjsericordia/ q*ue* me conorte segu*n*t la tu palabra al/ tu sieruo
BN, 45rII, 6-8: fecha sea la mjsericordia q*ue* me/ conorte segund la tu palabra al/ tu sie*r*uo

Esta correção, que é na verdade a introdução do título por que é conhecido o salmo em causa, manifesta o conhecimento do texto sagrado por parte do leitor que intervém em R.

236) R, 102vI – fundo: deficit i*n* salutare tu*um* a*nim*a mea *et* i*n* u*er*bu*m* tuu*m*[270]

Y8, 33vI, 29-30: El cxxiij salmo de fecit insalutare/ tuu*m* a*nim*am mea
BN, 45rII, 20: defiçit jn salutate an*im*a Caph

237) R, 102vII, 9-11: Todos los t*us* mandados <u>cue*n*ta*n*</u>/ uerdat mas los q*ue* fazen maldat me segudan ayu/dame tu[271]

Y8, 33vI, 41-33vII, 2: todos los tus ma*n*dados v*er*dat/ todos los q*ue* fazen el tuerto me segu/dan ayudame tu
BN, 45vI, 2-5: todos los tus/ mandados *ver*dat todos los que/ fazen El tue*r*to me segudan a/yudame tu

Esta anotação em R é particularmente relevante pelo seu bilinguismo extremo, que passa pela oscilação entre as duas línguas na conjugação verbal e no uso de determinantes e contrações de artigos:

238) R, 102vII, 12-17: Segunt/ la tu mis*eric*o*r*dia * <u>te mie*m*bra de mi tu por la tu bo*n*dat/ señor</u> Señor por siempre dura nel cielo <u>*e* en/ lo p*er*durable</u> la tu palabra De linaje en linaje/ <u>la tu palabra</u> la tu u*er*dat fu*n*deste <u>en</u> la t*ie*rra por/ sie*m*pre[272]

[270] XI, *Caf*, 109: Defecit insalutare tuum animam mea et in verbum tuum (título)
[271] XI, *Caf*, 109: Todos los tus mandados cuentan verdat, mas los que fazen maldat me segudan; ayúdame tú.

*me aujue*n*ta *e gua*rdare os testimonhos da tu boca

Y8, 33vII, 4-9: Segu*n*t la tu/ mjsericordia te mjenbra de mj tu por/ la tu bondad señor Señor por syen/pre dura en el çielo la tu palabra de/ linage en linage la tu berdad fun/deste la t*ie*rra y dura en ella

BN, 45vI, 7-17:se*n*or por sienp*re* dura en el/ çielo la tu palabra de/ linage en linage la tu/ *ver*dat fundeste la t*ie*rra *e* dura e/nella

239) R, 102vII, 25-26: Ui la fin de todo acabamjento mu/cho ancho en el tu ma*n*dado [273]

Y8, 33vII, 19-21: Sy la fin de/ todo acabamjento mucho ancho el tu/ mandado

BN, 45vI, 28-29: sy la fyn de todo acabamien/to mucho ancho El tu mandado

240) R, 102vII, 44-47: Iure *e* estables/ci guardar los t*us* iuyzios d*e* la * iusticia hu/millado so mucho señor auyu<...>a me segu*n*t/ la tu palabra[274]

*tu

Y8, 33vII, 40-34rI, 1: Jure y esta/blesçi guardar los tus juyzjos de la/ tu justiçia vmillano so mucho señor// abjuame segunt*e* la tu palabra

BN, 45vII, 26-29: jure *e* establesçi guar/dar los t*us* juyzios de la tu just/çia humjllado so mucho señor/ abiuame segud la tu palabra

241) R, 102vII, 49-51: La mj alma en boz mjs manos si/empre *e* no*n* oluide la tu <...>*<...> Pusiero*n*/me lazo los peccadores[275]

*ley

---

[272] XI, *Caf*, 109-110: Segunt la tu misericordia te miembra de mí tú por la tu bondat. Señor, por siempre dura en el cielo e en lo perdurable la tu palabra. De linaje en linaje la tu palabra e la tu verdad; fundeste la tierra por siempre.

[273] XI, *Caf*, 110: Vi la fin de todo acabamiento; mucho ancho en el tu mandado.

[274] XIII, *Nun*, 110: Juré e establecí guardar los tus juicios de la justicia. Humillado só mucho, Señor. Avívame segunt la tu palabra

[275] XIII, *Nun*, 110: La mi alma en mis manos siempre, e non olvidé la tu <...>. Pusiéronme lazo los pecadores

Y8, 34rI, 4-6: la mj alma en las mjs ma/nos es syenpre y no*n* olujde la tu ley/ Pusiero*n*me lazo los pecadores

BN, 45vII, 32-46rI, 2: la mj/ alma en las mjs manos sienpre// Et no*n* olujde la tu ley pusiero*n*/me lazo los pecadores

242) R, 103rI, 10-12: Apega/ las mis carnes co*n* el tu dedo miedo ca me temi/ de los t*us* ma*n*dados*[276]

*juizos

Y8, 34rI, 29-31: apega las/ mjs carnes con el tu mjedo ca me/ temj de los tus mandados

BN, 46rI, 30-32: Apega las mjs carrnes/ con el tu mjedo Ca me temj/ de los tus mandados

243) R, 103rI, 52-53: Derechura los t*us* testimo*n*ios por sie*m*/pre da* ente*n*dimjento e uiuire[277]

*me

Y8, 34rII, 35-36: Derechura los tus testimonios por/ syenpre dame entendimjento y beujre

BN, 46vI, 31-46vII, 1: derechura los tus tes/timonjos por sienpre dame/ entendimjento Et biure

244) R, 103rII, 30-31: Siete uezes en el dia dix alaba*n*/ças a ti sobre los t*us* juyzios d*e* la tu iusticia[278]

Y8, 34vI, 34-36: Syete bezes en/ el dia dixe alabança a ty sobre los/ tus juyzios de la tu justiçia

BN, 47rI, 28-31: Siete/ bezes en el dia dixe alabança a ti/ sobre los tus juyzios de la tu justi/çia

[276] XIV, *Samech*, 111: Apega las mis carnes con el tu miedo, ca me temí de los tus mandados.

[277] XVII, *Sade*, 112: Derechura los tus testemonios por siempre; dame entendimiento e viviré.

[278] XX, *Sin*, 113: Siete vezes en el día dix alabanças a ti sobre los tus juizios de la tu justicia.

245) R, 103rII, 36: Guarde los t*us* ma*n*dados *e* los t*us* testi/monjos ca todas las mis carreras en la tu*/ticia [279]
*uista

Y8, 34vI, 41-34vII, 2: guarde los// tus mandados y los tus testimonios/ ca todas las mjs carreras en la tu bista
BN, 47rII, 4-6: guarde los tus/ mandados *e* los tus testimonjos ca/ todas las mjs carreras en la tu vista

246) R, 103rII, 51-52: Erre assi como la oueia que/ perescio require el tu sieruo tu señor[280]

Y8, 34vII, 17-18: erre asy como la oueja/ q*ue* peresçio Requjere el tu sieruo
BN, 47rII, 26-28: Erre asy/ com*m*o la oueja que paresçio rre/quiere El tu sieruo tu señor

247) R, 103rII, 56-60: Sennor libra/ la mj alma d*e* los torticieros labros/ *e* d*e* la enga*n*nosa le*n*gua Que te*/ sera dado o q*ue* te s*er*a puesto para le*n*/gua enga*n*nosa[281]
*he

Y8, 34vII, 23-27: Se/ñor libra la mj alma de los/ tortiçieros çabrios y de la engañosa/ lengua q*ue* te sera dado y q*ue* te sera/ puesto para lengua engañosa
BN, 47vI, 6-10: señor libra la mj alma/ de los tortiçieros labros *e* de la enga/ñosa lengua q*ue* te s*er*a dado *e* que/ te sera puesto para lengua en/gañosa

248) R, 103vI, 23-25: I*erusale*m q*ue* es fecha como ciudat/ cuya partida d*e*lla es por siempre en esso mis/mo[282]

[279] XX, *Sin*, 113: Guardé los tus mandados e los tus testimonios, ca todas las mis carreras en la tu justicia.
[280] XX, *Sin*, 113: Erré assí como la oveja que pereció; require el tu siervo tú, Señor
[281] CXIX, 113-114: Señor, libra la mi alma de los torticieros labros e de la engañosa lengua. ¿Qué te será dado, o qué te será puesto para lengua engañosa?
[282] CXXI, 114: Jerusalem, que es fecha como civdat cuya partida d'ella es por siempre en esso mismo

Y8, 35rI, 17-19: i*er*u*sal*em q*ue* es fecha como çib/dad cuya partida della es por syenp*re*/ en eso mesmo

BN, 47vII, 18-20: jerusalem q*ue* es fecha com*m*o çib/dat cuya p*ar*tida della es por sien/pre en eso mismo

249) R, 103vI, 28-30: De/mandat las cosas q*ue* son a paz a i*er*u*sal*em *e* abo*n*do/ a los q*ue* a los q*ue* aman a ti[283]

Y8, 35rI, 24-25: Demandad las cosas q*ue* son a paz/ a i*er*u*sal*em y abonde a los q*ue* aman a ty

BN, 47vII, 26-28: demandat las cosas q*ue* son a/ pas a i*er*u*sal*em *e* abonde a los q*ue* a/man a ty

250) R, 103vI, 44-46: Ca/ mucho es llena la n*ues*tra alma del denuesto d*e* los/ abondados *e* del despreciamje*n*to d*e* los *uiuos[284]

*soberuos

Y8, 35rII, 2-4: Ca mucho es llena la n*uest*ra alma d*e*l/ denuesto de los abondos y del despre/çiamjento de los soberujos

BN, 48rI, 15-18: ca mucho es lle/na la nuestra alma del denuesto de los/ abondado *e* del desp*re*çiamiento de/ los sob*er*ujos

251) R, 103vI, 57-58: Bendicho el señor/ que nos* dio en prision a los die*n*tes dellos[285]

*no

Y8, 35rII, 16-17: bendito el señor q*ue* nos no*n* dio en p*ri*/sion a los dientes dellos

BN, 48rI, 32-34: bendito El señor q*ue*/ nos no*n* dio en p*ri*sio*n* a los dient*e*s/ dellos

[283] CXXI, 114: Demandat las cosas que son a paz a Jerusalem, e abondo a los que aman a ti.

[284] CXXII, 115: ca mucho es llena la nuestra alma del denuesto de los abondados e del despreciamiento de los sobervios.

[285] CXXIII, 115: Bendicho el Señor que nos non dio en prisión a los dientes d'ellos.

252) R, 103vII, 7-9: Mo*n*tes en *e*l cerco del *e* el señor nel cerco/ de su pueblo de agora *e* fasta en *e*l cabo d*e*l/ de agora *e* fasta en *e*l sieglo[286]

Y8, 35rII, 27-29: Montes en el çerco del y el señor/ el çerco de su pueblo de agora y fasta/ en el cabo del siglo
BN, 48rII, 11-13: montes en el çerco del/ *e* el sen*n*or el çerco de su pueblo de a/gora *e* fasta en el cabo del siglo

253) R, 103vII, 41-43: Assi como las/ saetas en mano del poderoso assi como los fi/ios d*e* los sagodidos[287]

Y8, 35vI, 24-26: asy como las saetas en ma/no del poderoso asy los fijos de los/ sacodidos
BN, 48vI, 21-23: asy como las saetas en mano/ del poderoso asy los fijos de/ los sacodidos

254) R, 103vII, 55-58: Ben/digate de syon el señor *e* ueas en i*erusal*em las/ cosas q*ue* son buenas en todos los dias de tu ui/da*[288]
* E ueas los fijos de t*us* fijos paz sobre israel

Y8, 35vI, 40-35vII, 2: bendigate de/ Sion el señor y veas en j*erusal*em las cosas// que son buenas en todos los dias de/ tu bida
BN, 48vII, 6-10: bendigate/ de sion el señor *e* beas en i*erusal*em las/ cosas q*ue* son buenas en todos los dias/ de tu vida *e* veas los fijos de tus/ fijos paz sobr*e* isr*ae*l

255) R, 104rI, 6-8: El sennor uerdadero taiara/ las çeruizes d*e* los peccadores co*n*fondidos seran/ *e* tornados atras * los q*ue* aborrescieron a syon[289]

[286] CXXIV, 115: Montes en el cerco d'él, e el Señor en el cerco de su pueblo de agora e fasta en el cabo del sieglo
[287] CXXVI, 116: Assí como las saetas en mano del poderoso, assí como los fijos de los sagodidos.
[288] CXXVII, 117: Bendígate de Sión el Señor, e veas en Jerusalem las cosas que son buenas en todos los días de tu vida, <...>

*todo

Y8, 35vII, 11-14: El dere/cho señor tajara las çeruizes de los/ pecadores confondidos sera*n* y tor/nados atras todos los q*ue* aborresçie/ron a syon

BN, 48vII, 19-22: el derecho señor tajara la*s*/ çerujzes de los pecador*es* c*o*nfondi/dos sera*n e* torrnados atras todos/ los q*ue* aborresçiero*n* a sio*n*

256) R, 104rI, 18-19: señor oy la mj or*aç*on* Señor si tu ca/tares las maldades señor q*ue* lo sofrira[290]

*fechas sean las t*us* <...>as e<...>encentes e la boz del mi rogo

Y8, 35vII, 24-28: señor oye la mj or*aç*ion/ Entienda*n* las tus orejas/ la boz del mi Ruego Señor tu ca/tares las maldades señor quje*n* lo/ sofrira

BN, 48vII, 32-36: señor oy la mj/ oraçio*n* entie*n*dan las tus/ orejas la boz del mj rruego señor/ tu catares las maldades señor/ quien los sufrira

257) R, 104rI, 24-26: Ca acerca*/<...>el sennor la misericordia *e* lleno <...>**<...> el/o redemjmie*n*to[291]

*alteração de letras para formar a palavra «acerca» **ac*er*ca

Y8, 35vII, 34-35: Ca ante el señor la mj/sericordia y llenero ante el el rre/dimjmje*n*to

BN, 49rI, 5-7: ca/ ant*e* el señor la misericordia *e* llenero/ ant el el rrededimjmjento

258) R, 104rI, 33: Si yo no*n* si*n*tia/ omildosame*n*te mas exalçe<...> la mj alma* Esp*er*e/ isr*ae*l en *e*l señor de agora fasta en *e*l sieglo[292]

*Assi como el nino de teta cerca su madre assi galardo*n* e*n* la mj alma

---

[289] CXXVIII, 117: El Señor verdadero tajará las cervizes de los pecadores. Confondidos serán e tornados atrás los que aborrecieron a Sión

[290] CXXIX, 117: Señor, oi la mi oración; entiendan las tus orejas la boz del mi ruego. Señor, si tú catares las maldades, Señor, ¿quí lo sofrirá?

[291] CXXIX, 117: ca acerca el Señor la misericordia, e lleno acerca el redemimiento

[292] CXXX, 118: si yo non sintía omildosamente. Mas exalçé la mi alma <...> Espere Israel en el Señor de agora fasta en el sieglo.

Y8, 36rI, 5-9: Sy yo no*n* sentia vmjllosame*n*te/ mas exalte la mj alma asy como/ el njn*n*o de teta çerca de su madre asy/ gualardon en la mj alma Espere/ isrrael en el señor de agora y fasta/ en el siglo

BN, 49rI, 16-20: sy yo no*n* sentia omillosa/mente mas enxalçe mj alma asy/ com*m*o el njño de teta çerca su madre/ asy galardon en la mj alma esp*e*re is*rae*l/ en el señor de agora *e* fasta en el siglo

259) R, 104rI, 56-104rII, 3: Si guardaren t*us* fijos el mjo testam*ien*/to *e* los mjos testemoi*n*os estos qu*e* les yo ensen/nare Et los fijos dellos fasta en el sieglo/ seran sobre la tu siella Si guardaren tus/ fijos el mjo testam*ien*to *e* los mjos testimonjos/ estos q*ue* les yo enseñare Et los fijos dellos/ fasta en el sieglo seran sobre la tu siella Ca/ escoio el señor a syon a ella escoio por morada[293]

Y8, 36rI, 34-36rII, 2: Sy guardaren tus/ fijos el mj testamento y los mjs/ testimonjos estos q*ue* les yo enseñare/ E los fijos fasta en el siglo sera*n* so/bre la tu sylla Sy guardare*n* tus fi/jos el mj testamento y los mjs testi/monjos estos q*ue* les yo enseñare Ca// escogio el señor a sion a ella escogio/ por morada

BN, 49rII, 11-17: si gua*r*daren tus/ fijos el mj estamento *e* los mjs/ testimonios estos que les yo ense/ñare Et los fijos fasta en el siglo/ seran sobre la tu sylla Ca escogio/ el señor a sion a ella escogio por/ morada

260) R, 104rII, 34-36: Alabat al señor ca bue*n* señor/ es ca*n*tat al nombre del ca d*u*lce es el su nonbre/ Ca escogio el señor a iacob[294]

Y8, 36rII, 38-40: elabad el señor ca buen señor es/ cantad al no*m*bre del ca dulçe es el Su/ nonbre Ca escogio el señor a jacob

BN, 49vI, 23-26: alabad el señor ca bue*n* señor/ es cantad al nonbre del ca dul/çe es el su nonbre Ca escogio el/ señor a jacob

[293] CXXXI, 118: Si guardaren tus fijos el mio testamento e los mios testimonios, estos que les yo enseñaré; e los fijos d'ellos fasta en el sieglo serán sobre la tu siella. Ca escojó el Señor a Sión; a ella escojo por morada

[294] CXXXIV, 119: Alabat al Señor, ca buen Señor es; cantat al nombre d'él, ca dulce es el su nombre. Ca escogió el Señor a Jacob

261) R, 104rII, 47-49: Qvi firio/ muchas gentes *e* mato los reyes fuertes A/ ssion Rey d*e* los amorreos *e* * Rey de basan[295]
*ob

Y8, 36vI, 13-16: q*ui*en firio muchas/ gentes y mato los rreyes fuertes/ a sem Rey de los amorreos y a og Rey/ de basam
BN, 49vII, 8-11: Et q*ue*/ firio muchas gentes *e* mato los/ rreyes fuertes A sem rrey de los/ amorreus *e* a go Rey de basam

Nesta passagem, tanto R como Y8 tinham transmitido uma versão truncada. Tanto o corretor de R como o copista de BN corrigem no mesmo sentido, sublinhando-se uma vez mais o recurso à grafia «senhor».

262) R, 104rII, 59-60: La casa de isr*ae*l be*n*dezit al señor* La casa de/ leui be*n*dizit al se*n*nor
*la casa de arom bendezit al senhor[296]

Y8, 36vI, 29-31: la casa de isr*ae*l be*n*dezjd/ al señor la casa de leuj bendezjd al se/ñor
BN, 49vII, 26-29: la casa de isr*ae*l bendezid al/ señor la casa de aro*n* bendezid al/ señor la casa de leuj bendezid al/ señor

263) R, 104vI, 7-10: Que faze/ grandes marauillas el solo Cqvi fizo los celos/ las en el ente*n*dimjento Qui firmo la tierra/ sobre las aguas[297]

Y8, 36vI, 40-36vII, 3: quje*n*/ faze grandes maraujllas el solo// qujen faze los çielos y el entendi/mjento qujen firmo la t*ie*rra sobre/ las aguas

[295] CXXXIV, 119: qui firió muchas gentes e mató los reyes fuertes: a Seón, rey de los amorreos, e Oc, rey de Basán
[296] CXXXIV, 120: La casa de Israel, bendezit al Señor; la casa de Aarón, bendezit al Señor; la casa de Leví, bendezit al Señor
[297] CXXXV, 120: que faze grandes maravillas él solo; qui fizo los cielos en el entendimiento; qui firmó la tierra sobre las aguas

BN, 50rI, 6-10: q*ue* faze/ grandes maraujllas El solo/ qujen faze los çielos *e* el enten/dimjento quje*n* firmo la t*ie*rra so/bre las aguas

264) R, 104vI, 12-13: Qui/ firio a egipto con las* cosas p*ri*mero engendradas[298]
*s*us*

Y8, 36vII, 6-8: qujen firio/ a egipto con las cosas primero en/gendradas
BN, 50rI, 14-16: quie*n* firio a egipto co*n*/ las cosas p*ri*meras engendra/das

O corretor de R completa a tradução do salmo, transmitindo uma versão mais longa alheia às outras versões castelhanas:

265) R, 104vI, 19-21: Et mato los Reyes fuer/tes* rey d*e* los amorreos Et oc Rey de/ basan** Et dio la t*ie*rra dellos h*er*edat[299]
*Seo*n* **Et todas las t*ie*rras de Cana*an*

Y8, 36vII, 15-18: y mato los Re/yes fuertes y sem Rey de los amo/rreos y a og Rey de baran E dio/ la t*ie*rra dellos heredad
BN, 50rI, 23-26: *e* mato/ los Reyes fuer*te*s Et seo*n* Rey de los/ amorreos Et a og Rey de basa*n e*/ dio la t*ie*rra d*e*llos heredad

266) R, 104vI, 34-36: Et los q*ue* nos sacaron d*e*lla dixiero*n*/ *nos hymno d*e* los canticos de syon Como ca*n*/taremos el ca*n*tico del señor en t*ie*rra aiena[300]
*ca*n*tade

Y8, 36vII, 33-37: y los que/ nos sacaro*n* de alla dixero*n* nos hy/no de los canticos de syon Como/ cantaremos el cantico del señor en/ tierra agena

[298] CXXXV, 120: Qui firió a Egipto con las cosas primero engendradas
[299] CXXXV, 120: e mató los reyes fuertes: Seón, rey de los amorreos, e Oc, rey de Basán; e dio la tierra d'ellos heredat
[300] CXXXVI, 121: e los que nos sacaron de allá dixiéronnos hinno de los cánticos de Sión. ¿Cómo cantaremos el cántico del Señor en tierra ajena?

BN, 50rII, 7-10: *e* los q*ue* nos sacaro*n* de alla dixiero*n* nos/ un vno de los canticos de sio*n* co/m*m*o cantaremos El cantico del se/ñor en t*ie*rra agen*a*

267) R, 104vI, 42-44: Q*ui* dizie*n* uaziat uaziat fasta en *e*l fu*n*damje*n*/to q*ue* q*ui*er q*ue* ha en ella Fija de babilonia tu/ mesquina[301]

Y8, 37rI, 4-7: q*ui* dize*n* vaziad vaziad fas/ta en el fundamento q*ue* q*ui*er que ha/ en ella fija de baujlonja tu mezq*ui*/na
BN, 50rII, 17-19: q*ui* dize*n* vaziad vaziad fasta/ enl fundamj*ento* q*ue* q*ui*er q*ue* a en ella fija/ de babjloña tu mesq*ui*na

Aqui, o acrescento do corretor será de difícil compreensão, já que não houve rasura do determinante possessivo «mi»:

268) R, 104vI, 58-60: Confiessen se a ti se*n*nor todos los Re/yes d*e* la t*ie*rra *e* todos los ca oyeron las palab*ra*s/ d*e* la *mj boca[302]
*tu

Y8, 37rI, 22-24: Confiesense a ty señor todos los/ Reyes de la tierra y los q*ue* oyeron to/das las palabras de la mj boca
BN, 50rII, 36-50vI, 2: confiesese a ty señor to//dos los Reyes d*e* la t*ie*rra *e* los q*ue* oy/ran todas las palabras de la mj boca

Esta é uma anotação de leitura interessante por ser claramente redigida em português, quer pela grafia, quer pela forma verbal:

269) R, 104vII, 11-12: Sennor p*re*ueste me *e* coñoscisteme* la mi /session e el mi resuscitamje*n*to[303]

[301] CXXXVI, 121: qui dizién: -Vaziat, vaziat fasta en el fundamiento quequier que á en ella. Fija de Babilonia, tú mesquina.
[302] CXXXVII, 121: Confiéssense a ti, Señor, todos los reyes de la tierra e todos los que oyeron todas las palavras de la mi boca.
[303] CXXXVIII, 121: Señor, provésteme e coñocísteme la mi sessión e el mi resucitamiento

*tu conheceste

Y8, 37rI, 37-39: señor prouesteme y conosçieste/me tu conosçiste la mj seja/ y el mio rresuçitamjento
BN, 50vI, 19-22: señor p*ro*uesteme *e* conosçis/teme tu conosçiste la mj se/ja *e* El mj rr*e*sçuçitamjen/to

270) R, 104vII, 14-15: *e* el mjo t*er*mino tal escodrinneste/ Et todas las mis carreras uiste tu dantes[304]

Y8, 37rI, 41-37rII, 1: y el mj termjno tu lo esco/driñeste y todas las mis carreras// viste tu de antes
BN, 50vI, 24-26: *e* El mj t*er*mjno/ tu lo escodriñeste *e* todas las mjs ca/rreras viste tu de ant*e*s

271) R, 104vII, 35-36: Non es la * bo/ca asco*n*dida de ti lo q*ue* feziste en ascuso[305]
*mi

Y8, 37rII, 26-27: No*n* es la mj boca ascondida de/ ty lo q*ue* feziste en escuro
BN, 50vII, 20-21: no*n* es ascondida la mj bo<...>/ de ty los q*ue* feziste en ascuro

272) R, 104vII, 46-49: Et sennor no*n* aborrescia yo/ a los q*ue** aborrescieron *e* podrescia sobre los tus ene/migos Ncon acabada malq*ue*rencia los queria/ mal enemigos se me son fechos[306]
*te

[304] CXXXVIII, 122: e el mio término escodriñeste, e todas las mis carreras viste tu d'antes
[305] CXXXVIII, 122: Non es la mi boca ascondida de ti lo que feziste en ascuso
[306] CXXXVIII, 122: E, Señor, ¿non aborrecía yo a los que te aborrecieron?, e ¿podrecía sobre los tus enemigos? Con acabada malquerencia los quería mal; enemigos me son fechos.

Y8, 37rII, 41-37vI, 4: y señor no*n* aborresçia yo// a los q*ue* te aborresçieron y podreçian/ sobre los tus enemigos Con acaba/da malq*ue*rençia los querria mal e/nemjgos me son fechos

BN, 51rI, 2-6: *e* señor no*n* aborresçia yo a los q*ue*/ te aborresçiero*n e* podreçia*n* sobre/ los tus enemjgos Con acabada/ mal q*ue*rençia los q*ue*rria mal ene/mjgos me son fechos

273) R, 105rI, 42-44: Guardame del lazo q*ue* me estab/lescieron *e* de los esca*n*dalos d*e* los q*ue* me faze*n* mal/dat[307]

Y8, 37vII, 25-28: guar/dame del lazo q*ue* me establesçiero*n*/ y de los escandalos de los que faze*n*/ maldades

BN, 51vI, 3-6: guardame del/ lazo que me establesçiero*n e* escan/dalos de los q*ue* fazen maldades

Encontramos uma anotação que completa a versão original de R coincidindo totalmente com as outras lições castelhanas, onde é clara a utilização de grafias e formulações portuguesas.

274) R, 105rI, 49-52: Enuie/ yo la mi or*aç*ion en la uista del *e* digo mio/ quebra*n*to a el * En esta carrera que yo/ andaua me asco*n*dieron lazo los sob*er*uios[308]

*En desfalece*n*do de mi*m* o meu sp*iri*tu *e* tu conheceste/ as minhas c*arr*eiras

Y8, 37vII, 33-38: Enbie yo la mj oraçio*n*/ en la vista del y digo mj q*ue*branto/ ant*e* el y fallesçiendo de mj el mj esp*iri*tu/ y tu conosçieste las mjs carreras/ En esta carrera q*ue* yo andaua me/ ascondiero*n* lazo los soberujos

BN, 51vI, 13-17: enbio yo la mj oraçio*n* en la vista/ del *e* digo mj q*ue*branto ant el en fallesçie*n*/do de mj el mj esp*iri*tu *e* tu conoçiste las/ mjs carreras en esta carrera q*ue* yo an/daua me ascondiero*n* lazo los soberujos

[307] CXL, 124: guárdame del lazo que me establecieron e de los escándalos de los que me fazen maldat

[308] CXLI, 124: Envié yo la mi oración en la vista d'él, e digo mio quebranto a él; e falleciendo de mí el mi espíritu; e tú conociste las mis carreras. En esta carrera que yo andava me ascondieron lazo los sobervios.

275) R, 105rI, 54-55: Perescio de mj la mj foyda *e* no*n* fuy /*e* no*n* es qui dema*n*de la mi alma[309]

Y8, 37vII, 40-38rI, 1: Peresçio de/ mj la mj fuyda y no*n* es q*ui*en demande// la mj alma
BN, 51vI, 19-21: per*e*s/çio de mj la mj fuyda *e* no*n* es q*ui*en de/ma*n*de la mj alma

276) R, 105rI, 60-105rII, 1: Saca de guarda de prision la mi alma// para confessarse al tu nombre[310]

Y8, 38rI, 6-8: Saca de/guarda de prision la mj alma p*ar*a/ confesarse al tu no*m*bre
BN, 51vI, 27-28: saca de g*uar*da de p*ri*sio*n*/ la mj alma p*ar*a confesa*r*se al tu no*m*b*re*

A seguinte correção a R altera consideravelmente o sentido da frase, e é exclusiva deste testemunho. Com efeito, o revisor de R recusa a estrutura comparativa, que indica que nunca haverá entre os vivos alguém justo como Deus, o que poderia abrir espaço para especulações sobre a justiça dos homens já mortos, optando pela preposição de lugar «ante», coadunada com a forma do pronome «ti». Deste modo, determina-se que ninguém de entre os vivos nascerá perante Deus: declina-se a comparação com a justiça divina e, mais interessante, oferece-se uma perspetiva mais fatalista sobre o Homem e a sua incapacidade de ser justo.

277) R, 105rII, 8-9: ca no*n* sera fecho i*us*/to *como ti ni*n*gun uiujente[311]
*ante

Y8, 38rI, 16-17: ca non sera/ fecho justo como tu njnguno biuient*e*
BN, 51vI, 37-51vII, 2: ca/ no*n* sera fecho justo com*m*o tu nj*n*gu*n*o/ bjbje*n*t*e*

278) R, 105rII, 16-18: Tendi las mis manos ati la mj alma assi co/mo la t*ie*rra sin agua * Ayn<...>a me oy sennor fal/lescio me el mjo sp*irit*u[312]

[309] CXLI, 124: Pereció de mí la mí foída e non fui, e non es qui demande la mi alma.
[310] CXLI, 124: saca de guarda de prisión la mi alma para confessarse al tu nombre
[311] CXLII, 124: ca non será fecho justo ante ti ningún viviente

*a ti

Y8, 38rI, 26-29: tendi las mjs manos a/ ty la mj alma asy como la tierra/ syn agua ayna me oye señor fa/llesçiome el mj esp*irit*u
BN, 51vII, 10-13: tendi las mis manos a ti la/ mj alma asi com*m*o la t*ie*rra sy*n* agua/ Ayna me oy señor fallesçio/me el mj esp*irit*u

279) R, 105rII, 19-21: Voy/da me faz* la ma*n*nana la tu mis*ericor*dia ca en ti es/pere[313]
*e*n*

Y8, 38rI, 31-33: Oyda me faz en la/ mañana la tu mjsericordia ca en/ ty espere
BN, 51vII, 15-16: oyda me faz en la ma/ñana la tu mjsericordia ca en ti esp*er*e

280) R, 105rII, 54-57: Tcu/yos fijos/ como noueziellos lamie*n*tos en su ma*n*/cebia Las fijas d*e*llos co*m*puestas afeytadas to/dos enderredor como semeia*n*ça de templo[314]

Y8, 38rII, 32-36: Cuyos fijos como los nouezue/los llantamjentos en su ma*n*çebia/ Mas fijas dellos conpuestas a/feytadas todas enderredor como/ semejança de tenplo
BN, 52rI, 20-24: Cuyos fijos com*m*o los noueziellos/ llantamj*ent*os en su ma*n*çebia mas/ fijas dellos conpuestas afeytadas/ todas enderredor com*m*o semejança de/ tienplo

281) R, 105vI, 3-4: B*ien aue*n*tura/do el pueblo cuyo sennor es el dios del[315]
*<...>e*n* aue*n*turado/ <...>ixerom al poblo/ <...>quen estas cosas/ <...>m

Y8, 38vI, 3-6: bjen aventurado el pueblo/ a q*ui*en estas cosas son bjen aventu/rado el pueblo cuyo señor es el dios/ del

---

[312] CXLII, 124: Tendí las mis manos a ti; la mi alma assí como la tierra sin agua. Aína me oi, Señor; fallecióme el mio espíritu.
[313] CXLII, 124-125: Oída me faz en la mañana la tu misericordia, ca en ti esperé.
[314] CXLIII, 125: Nuestros fijos como los noveziellos llantamientos en su mancebía. Las fijas d'ellos compuestas, afeitadas; todos enderredor como semejança de templo.
[315] CXLIII, 125: Bienaventurado el pueblo a quien estas cosas son; bienaventurado el pueblo cuyo Señor es el Dios d'él.

BN, 52rI, 30-33: bie*n* auentu/rado el pueblo aqujen estas cosas/ son bie*n* auenturado el pueblo cuyo/ señor es el dios del

282) R, 105vI, 28-29: El tu regno *de todos los sieglos *e* el tu sennorio/ en todo linaie *e* en linaie[316]
*regno

Y8, 38vI, 35-37: El tu Reyno de todos los/ siglos y el tu señorio en todo ljnaje/ en linage
BN, 52rII, 23-25: el tu Regño de todos/ los siglos *e* el tu señorio en todo linage/ en linage

283) R, 105vI, 42-44: Fablara la mi boca el alabança/ del sennor *e* bendiga toda carne al tu s*anct*o no*m*/bre del fasta en *e*l sieglo *e* en *e*l sieglo del sieglo[317]

Y8, 38vII, 13-16: fablara la mj boca el/ alabança del señor y bendiga toda/ carne al su santo nonbre del fasta/ en el syglo y en el siglo del siglo
BN, 52vI, 2-5: fablara la mi boca el a/labança del señor *e* bendiga toda carrne el/ su santo no*m*bre del fasta en el siglo *e*/ en el siglo del siglo

284) R, 105vI, 51-53: Saldra el es/piritu **e* tornar sa en su t*ie*rra en aq*ue*l dia p*er*ez/cran**los cuydares dellos[318]
*del **todo

Y8, 38vII, 23-25: Saldra el esp*irit*u y/ tornar se ha en su t*ie*rra en aquel dia/ peresçeren todos los cuydares dellos
BN, 52vI, 13-15: saldra/ el esp*iri*tu *e* torrnar se a en su t*ie*rra en aq*ue*l/ dia p*er*escra*n* todos los cuidar*e*s d*e*llos

[316] CXLIV, 126: el tu regno de todos los sieglos e el tu señorío en todo linaje e en linaje.
[317] CXLIV, 126: Fablará la mi boca el alabança del Señor, e bendiga toda carne al tu santo nombre d'él fasta en el sieglo, e en el sieglo del sieglo.
[318] CXLV, 127: Saldrá el espíritu, e tornars'á en su tierra; en aquel día perezçrán los cuidares d'ellos.

É interessante como, tal como numa correção anterior, a segunda mão de R altera a versão original do manuscrito – que coincide com os outros testemunhos castelhanos – para salientar o valor dos justos. Deste modo, preferiu o verbo «amar» a «endereçar», tendo o primeiro maior conotação afetiva.

285) R, 105vII, 1-2: el señor* enderesça los /iustos El señor guarda los auenedizos[319]
*ama

Y8, 38vII, 36-37: el señor enderesça los/ justos El señor guarda los avene/dizos
BN, 52vI, 24-26: El señor ender*e*sça/ los justos el señor g*uar*da los aue/nedizos

286) R, 105vII, 31-35: Alaba i*er*u*sal*em al señor alaba*i*er*usal*em a tu /dios Ca enfortalescio las cerraias/ d*e* las **puertas be*n*dixo a los ***fijos en tj/ Q*uien* puso los t*us***** paz *e* te far/ta de grossura de trigo. [320]
*siom **t*us* ***t*us* ****termjnos

Y8, 39rI, 31-36: alaba i*er*u*sal*em al señor alaba sio*n*/ a tu dios Ca fallesçio las/ çerrajas de las tus puertas/ bendixo a los tus fijos en ty quje*n*/ puso los tus termjnos por paz y te/ farta de grosura de trigo
BN, 52vII, 19-24: alaba i*er*u*sal*em al señor alaba/ sion a tu dios ca fortale/çio las çerrajas de las tus/ pue*r*tas bendixo a los tus fijos en/ ty qui*en* puso los tus t*er*mjnos/ por paz *e* te fara de g*ro*sura de t*ri*go

287) R, 105vII, 38-39: Enviua el su bocado como *crist*al*an/te la faz del su fijo qujen lo soterna[321]
*como bocado

[319] CXLV, 127: el Señor endereça los justos; el Señor guarda los avenedizos
[320] CXLVII, 127-128: Alaba, Jerusalem, al Señor; alaba, Sión, a tu Dios, ca enfortaleció las cerrajas de las puertas; bendixo a los fijos en ti. Qui puso los tus términos en paz, e te farta de grossura de trigo
[321] CXLVII, Envía el su cristal como bocado; ante la faz del su fijo ¿quién lo sosterná?

Y8, 39rI, 40-39rII, 2: Enbia el su *crist*al como bocados// ante la faz del su fijo quje*n* la soster/na

BN, 52vII, 28-30: Enbia el/ su *cris*tal com*m*o bocados ant*e* la faz/ del su fijo quje*n* le soste*r*na

288) R, 105vII, 48-50: Alabatle todos los/ s*us* angeles* alabatle todas las uir/tudes ** Alabatle el sol *e* la luna/ alabatle todas las estrellas *e* la lu*m*/bre Alabatle los cielos d*e* los cielos *e* las ***/ alaben el no*m*bre del señor[322]

*del **del ***ag*ua*s q*ue* sob*re* los celos son

Y8, 39rII, 11-18: alabad/le todos los angeles alabat/le todas las sus vjrtudes alabad/le el sol y la luna alabadle todas/ las estrellas y la lunbre alabadle/ los çielos de los çielos y las aguas/ q*ue* son sobre los çielos alabe*n* el no*m*bre/ del señor

BN, 53rI, 3-9: alabadle todos los ange/les alabadle todas las sus *vir*tu/des alabadle El sol *e* la luna/ alabadle todas las estrellas *e* la lunbre alabadle los çielos de los/ çielos *e* las aguas q*ue* so*n* sobre los çie/los alaben el no*m*b*re* del señor

289) R, 105vII, 55-57: Establescio estas cosas por siempre *e* fas/ta en el sieglo del sieglo ma*n*dado puso <u>*e* no*n*</u>/ *e* nol passara[323]

Y8, 39rII, 20-22: Establesçio estas cosas por sienpre/ y fasta en el siglo mandado puso y/ non le pasara

BN, 53rI, 11-14: estables/çio estas cosas por sienp*re* *e* fasta/ en el siglo ma*n*dado puso *e* no*n* le pa/sara

290) R, 106rI, 5-7: Los ma*n*/cebos *e* las uirgines los ujeios con los *ma*n*cebos/ alaben al no*m*bre del sennor[324]

---

[322] CXLVIII, 128: alabatle todos los sus ángeles; alabatle todas las virtudes; alabatle el sol e la luna; alabatle todas las estrallas e la lumbre; alabatle los cielos de los cielos, e las aguas que sobre los cielos son alaben el nombre del Señor.

[323] CXLVIII, 128: Estableció estas cosas por siempre, e fasta en el sieglo del sieglo; mandado puso e nol passará.

[324] CXLVIII, 128: los mancebos e las vírgines, los viejos con los mancebos alaben el nombre del Señor

*mas

Y8, 39rII, 33-35: los mançebos y las vjrge/nes los viejos co*n* los mançebos ala/ben el no*m*bre del señor
BN, 53rI, 25- 27: los mançebos *e* las *vir*genes los/ <...> co*n* los ma*n*çebos alaben el no*m*/bre del señor

291) R, 106rI, 19-21: Exaltar san los s*anct*os en la gl*or*ia alegrar se an * los s*us* lechos Las ale/grias de dios en la<...> garganta<...> d*e*llos[325]
*e*n*

Y8, 39vI, 11-14: Exaltar se ha*n*/ los santos en gloria alegrarsehan/ en los sus lechos las alegrias de/ dios en las gargantas dellos
BN, 53rII, 9-11: Exaltarsean los santos/ en gl*ori*a alegr*ar* se an en los sus lechos/ las aleg*ri*as de dios en las garga*nta*s d*e*llos

292) R, 106rI, 26-27: Porq*ue* fagan en*e*llos juysio afirma/do esta * gloria a todos los sus sanctos[326]
*es

Y8, 39vI, 20-22: Porq*ue* faga*n*/ en ellos juyzjo afirmado esta gloria/ es a todos los sus santos
BN, 53rII, 17-19: porq*ue* fagan en ellos juyzio afir/mado esta gl*ori*a es a todos los sus/ santos

Novamente redigido numa letra cursiva, distinta da do corretor que temos seguido, encontramos um apontamento de leitura que clarifica as circunstâncias políticas e cronológicas do cântico, ao remeter para o tempo de Samuel:

[325] CXLIX, 129: Exaltar s'an los santos en la gloria; alegrar se an en los sus lechos. La alegría de Dios en las gargantas d'ellos
[326] CXLIX, 129: por que fagan en ellos juizio afirmado. Esta gloria a todos los sus santos.

293) R, 106rI, 51-54: El segu*n*do fizo ezechias*/ Rey de juda *e* es este el que dizen en latin/ Ego dixi in dimidio die*rus* meo*rum* Et el/ terçero fizo otrossi anna[327]
*mad*ado* de samuel

Y8, 39vII, 12-16: El segu*n*/do fizo ezechias Rey de juda y es este/ el q*ue* dizen en el latin .ego dixi in di/mjdio die*rum* meoru*m* El terçero fizo/ otrosy anna
BN, 53vI, 11-14: El segudo fizo Ezechias/ Rey de juda Et es este el q*ue* dize*n* en el/ laty*n* Ego dixi in dimidio die*rum*/ meo*ru*m l t*er*çero fizo *otro*sy avna

294) R, 106rII, 10-12: Confessar me yo ati señor <u>*e* manifes/tarme</u> ca yrado eres tu co*n*tra mj mas/ p*er*o tornada es la tu saña[328]

Y8, 39vII, 37-40: confesarme yo a ty señor y/ magnjfestar me he ca yra/do eres contra mj mas pero/ tornada es la tu saña
BN, 53vI, 35-53vII, 1: Confesa*r*me yo a ti señor *e*/ manjfestarme ca yrado er*es*/ contra mj mas p*er*o torrnada/ es la tu saña

295) R, 106rII, 20-24: menbratuos ca muy alto es/ el no*m*bre del <u>dios</u> Cantat al señor <u>*e* alabarle/ ca sabet</u> q*ue* gra*n*t cosa fizo *e* dezit lo en toda la t*ie*rra/ Exaltal *e* alabal tu la morada de syon ca s*ancto*/ de isr*ae*l * es en medio de ti[329]
*g*ra*nde

Y8, 40rI, 10-16: menbratvos ca muy alto es el/ nonbre de dios Cantad al señor/ y alabadle ca sabed q*ue* gra*n*des co/sas fizo y dezjdle en toda la t*ie*rra/ Exaltate y alabale tu la morada/ de sion ca el santo de isr*ae*l grande/ es en medio de ty

[327] Prólogo del traslado de los cánticos, 135: El segundo fizo Ezequías, rey de Judá, e es éste el que dizen en el latín *ego dixi in dimidio dierum meorum*. El tercero fizo otrossí Anna
[328] I, 135: Confessar m'é yo a ti, Señor, e manifestar m'é, ca irado eres contra mí, mas peró tornada es la tu saña
[329] I, 136: Membratvos, ca muy alto es el nombre de Dios. Cantat al Señor e alabatle, ca sabet que grant cosa fizo, e dezitlo en toda la tierra: exaltal e alabal tú la tu morada de Sión, ca el Santo de Israel grande es en medio de ti.

BN, 53vII, 11-18: me*m*braduos/ ca muy alto es el no*m*bre de dios/ cantad al señor *e* alabadle ca/ sabed q*ue* grandes cosas fizo *e*/ dezidle en toda la t*ie*rra exalçat*a*/ *e* alabal tu la morada de sio*n* ca/ el santo de isrrael grande es en/ medio de ty

296) R, 106rII, 35-39: *e* mje*n*tra yo hurdia/ a mj me taio de ma*n*nana fasta uiesp*er*a me afe/nezcras <u>*e* esto es que me acabaras</u> Yo espera/ua fasta en la ma*n*nana assi como leon <u>me</u> que/branto todos los mjos huessos[330]

Y8, 40rI, 29-34: y mjentra yo bi/uja me tajo de mañana fasta la vis/pera me feneçeras y esto es q*ue* me/ acabaras yo esperaua fasta en la/ mañana asy como leon me q*ue*bra*n*to/ todos los mjs huesos
BN, 53vII, 31-54rI, 1: *e* mjentre/ yo vr dia mataro*n* de mañana fasta/ la uispera me fenezeras *e* esto es/ q*ue* me acabaras do esperaua fasta/ en la mañana asy com*m*o leo*n* me q*ue*bra*n*to// todos los mjs huesos

297) R, 106rII, 47-50: Sennor se/ desta g*ui*sa uiue *e* en talles cosas es la uida d*e*l/ mio sp*irit*u castigar me as* *e* euas q*ue* sera en/ paz la mj amargura muy amarga[331]
*auiue*ntar* me as

Y8, 40rII, 5-9: Señor sy desta/ gujsa se bjue y en tales cosas es la vida/ del n*uest*ro esp*irit*u castigar me as tu y abjuar/me as y euas q*ue* sera en paz la mj amar/gura muy amarga
BN, 54rI, 12-16: señor sy desta guisa se biue/ *e* en tales cosas es la vida del/ n*uest*ro esp*irit*u castig*ar* me as tu *e* auia*r*/ me as E euas q*ue* sera en pas la/ mi ama*r*gura muy ama*r*ga

Na passagem seguinte nota-se que o corretor intervém uma vez mais no sentido do texto, ao alterar o sujeito do exaltamento, que passa a ser o seu coração em Deus.

[330] II, 136: E mientra yo hurdía a mí me tajó de mañana; fasta la viéspera me afenezçrás, e esto es que me acabarás. Yo esperava fasta en la mañana. Assí como león me quebrantó todos los mios huessos.
[331] II, 136: Señor, si d'esta guisa bive e en tales cosas es la vida del nuestro espíritu, castigar me as tú e aviventar me as. E evás que será en paz la mi amargura muy amarga.

298) R, 106vI, 3-10: exal/tado es *nel mjo dios En e*n*sanchada es/ la mi boca sobre los mios enemigos/ ca so yo alegre en *e*l tu saludable Non/ es otro s*anc*to como el señor ** no*n* a otro dios fue/ras tu: que*n* es fuerte otro como n*uest*ro dios No*n*/ querades amuchiguar gloriandouos en *** cosas/ de altezas uanas. [332]
*el mi coraçon ** ne*n* ***fabrar

Y8, 40rII, 23-30: exaltado es el mj dios exal/tada es la mj boca sobre los mjs/ enemigos ca so yo alegre en el tu sa/ludable Non es otro santo como el se/ñor ca no*n* a otro dios fueras tu quie*n*/ es fuerte otro como n*uest*ro dios Non q*ue*/rades amochiguar a fablar glorian/dobos en cosas de altezas vanas
BN, 54rI, 32-54rII, 4: exalçado es el/ mi dios exalçado es la/ mj boca sobre los mjs ene migos ca/ soyo alegre en el tu saludable no*n*// es o*tr*o santo com*m*o el señor ca no*n* ha ot*ro*/ dios fueras tu q*ui*en es fue*r*te ot*ro* com*m*o n*uest*ro/ dios no*n* q*ue*rades amuchig*ua*r a fablar glo/riandouos en cosas de altezas banas

299) R, 106vI, 13-16: El arco/ d*e* los fuertes uençudo es *e* los flacos cennidos/ de fortaleza *e* guy*r*lados Los abondidos de pa/nes p*rim*e*r*o allongaronse *e* los q*ue* ouiero*n* fambre fu/eron fartos [333]
*por panes

Y8, 40rII, 34-38: El arco de los fuertes venado es y/ los flacos ceñidos de fortaleza y guj/sados los abondados de panes p*ri*mero/ alongaronse y los q*ue* oujero*n* fanbr*e* fue/ro*n* fartos
BN, 54rII, 8-12: el arco delos fue*r*tes vençido es/ *e* los placos çenjdos de fortaleza/ *e* g*ui*sados los abondados de panes/ p*rim*e*r*o *e* alongaro*n* se *e* los q*ue* o ujero*n*/ fanbre fuero*n* fartos

[332] III, 137: exaltado es el mio Dios. Exaltada es la mi boca sobre los mis enemigos, ca só yo alegre en el tu Saludable. Non es otro santo como el Señor, e non á otro Dios fueras tú. ¿Quién es fuerte otro como nuestro Dios? Non querades amuchiguar a fablar gloriándovos en cosas de altezas vanas.
[333] III, 137: El arco de los fuertes vençudo es, e los flacos ceñidos de fortaleza e guisados. Los abondados de panes primero allongáronse, e los que ovieron fambre fueron fartos.

Nesta correção sobressai a opção bem diversa das versões transmitidas por Y8 e BN: não é o assento mas os pés dos seus fiéis que Deus guardará. Também se destaca a grafia «pees», aparentemente sem ditongo, que aponta para mais uma influência portuguesa.

300) R, 106vI, 20-24: *e* alçal del estrercol/ al pobre Porq*ue* sea con los principes *e* tenga/ real siella de gl*or*ia Ca por cierto suyos son los/ quiçales d*e*la t*ie*rra *e* el puso sobrellos la redonde/za d*e*lla/ Guardara el * d*e* los s*us* s*anct*os[334]
*los pees

Y8, 40vI, 4-10: y alçaal del estiercol/ al pobre porq*ue* sea con los prinçipes/ y tenga rreal sylla de gloria Ca por/ çierto suyos son los qujçiales de la tie/rra y el puso sobre ellos la rredonde/za della guarda el la silla de los sus/ santos
BN, 54rII, 19-24: *e* alçaal del estiercol al pobre/ porq*ue* sea co*n* los p*r*inçipes *e* tenga Re/al sylla de gl*ori*a ca por ci*er*to suyos/ son los qujçiales de la t*ie*rra *e* el puso sobr*e*/ ellos da rredondeza della guardada/ es la syella de los sus santos

301) R, 106vI, 27-29: El señor iudgara los ca/bos d*e* la t*ie*rra *e* dara el imp*er*io al * Rey *e* alçara so/bre todo el poder de su *crist*o[335]
*su

Y8, 40vI, 14-17: El señor jud/gara los onbres de la tierra y dara el jn/perio al Rey y alça sobre todo el poder del/ su *crist*o
BN, 52rII, 29-32: El señor/ judgaralos cabos de la t*ie*rra *e* dara/ el imp*er*io al rrey *e* alça sobre todo/ el poder del su *crist*o

302) R, 106vI, 31-32: Cantemos al señor *e* alabemosle/ ca fecho es el honrado gloriosamientre[336]

[334] III, 137: e alçal del estiércol al pobre porque sea con los príncipes e tenga real siella de gloria. Ca por cierto suyos son los quiçales de la tierra, e él puso sobr'ellos la redondeza d'ella. Guarda él la siella de los sus santos
[335] III, 137: El Señor judgará los cabos de la tierra e dará el imperio al su rey, e alçará sobre todo el poder del su cristo.

Y8, 40vI, 18-20: cantemos al señor y alabemos/le ca fecho es el onrrado glorio/samente
BN, 54vI, 1-3: cantemos al señor *e* alabemosle/ ca fecho es el onrrado gl*or*iosa/ment*e*

303) R, 106vI, 36-38: Este es el mjo dio *e* a este gloriare <...> yo <...>/ este es el dios de mjo dios de mjo padre et a/ este exaltare yo [337]

Y8, 40vI, 23-26: Este es el/ mj dios y a este gloriare yo y este/ es el dios de mj padre y a este exal/tare yo
BN, 54vI, 7-9: este es el mj dios *e* a este glori/are yo *e* este es el dios de mj/ padre *e* deste exalçare yo

A leitura que o corretor faz deste salmo diverge das versões castelhanas por centrar no sujeito a ação salvadora de Deus: os opositores derrotados não são os inimigos de Deus mas os inimigos do próprio sujeito. Tal opção foi tida como pertinente pelo editor. A anotação anterior - «enfortaleza la tu destra» - assemelha-se mais a uma nota de leitura onde se prefere o verbo «fortalecer» a «grandear»:

304) R, 106vI, 43-47: e desce*n*dieron el/los *e* fuero*n* nel alta mar como piedra Señor/ gra*n*deada es la tu diestra * firio al enemigo et/ co*n* la muchedu*m*bre d*e* la tu gl*or*ia abaxeste tu los/ ** co*n*trarios[338]
*e*n*fortaleza la tu destra **mis

Y8, 40vI, 32-38: y desçendiero*n* ellos y fuero*n* a/ fondon del alta mar asy como piedra/ Señor grandeada es la tu diestra e*n*/ la fortaleza señor la tu diestra fi/rio al enemigo y con la muchedun/bre de la tu gloria abaxeste tu los/ tus contrarios

[336] IV, 137: Cantemos al Señor e alabémosle, ca fecho es él onrado gloriosamientre
[337] IV, 138: Éste es mio Dios, e a éste gloriaré yo, e éste es el Dios de mio padre, e a éste exaltaré yo.
[338] IV, 138: e decendieron ellos e fueron a fondón del alta mar así como piedra. Señor, grandeada es la tu diestra en la fortaleza. Señor, tu diestra firió al enemigo, e con la muchedumbre de la tu gloria abaxeste tú los mis contrarios.

BN, 54vI, 16-23: Et/ deçendiero*n* ellos *e* fuero*n* al fondo*n*/ del alta mar asy com*m*o piedra/ señor grandeada es la tu diestra/ en la fortaleza señor la tu di/estra firio al enemigo *e* co*n* la mu/chedunbre de la tu gl*or*ia abaxaste/ tu los tus contrarios

305) R, 106vII, 32-35: El respla*n*/dor del como luz sera *e* seran fortalezas en/ las sus manos D* es ascondida la fortaleza/ del ante la faz del yra la muerte[339]
*hy

Y8, 41rI, 12-16: El rresplandor del/ como de luz sera y seran fortalezas/ en las sus manos Do es ascondida/ la fortaleza a el ant*e* la faz del yra/ la muerte
BN, 55rI, 10-14: Etl rr*e*splandor del com*m*o/ de luz sera *e* sera*n* fortalezas e*n* las/ sus manos do es escondida la/ fortaleza a el ant*e* la faz del yra/ la mue*r*te

306) R, 106vII, 40-41: Por la su ne/miga ui yo las tie*n*das de tiopia[340]

Y8, 41rI, 23-24: Por la su ene/miga vio las tiendas de ethiopia
BN, 55rI, 20-21: por la su enemiga/ vio las tyendas de <...> etiopia

307) R, 106vII, 47-50: Leua*n*tando te tu leua*n*taras el tu archo et/ el juramie*n*to * linajes<...>es que fableste Mtaia/ras tu los Ryos d*e* la tierra uiero*n* lo ** los mo*n*/tes <...> dolieronse[341]
*a los **las ag*ua*s

Y8, 41rI, 31-36: leua*n*tandote tu leuantaras el tu/ arco y los juramjentos del ljnaje/ es q*ue* fableste tajaras tu los Rios/ de la tierra viero*n* lo los mo*n*tes y do/lieronse el pielago de las aguas pa/so

[339] V, 139: El resplandor d'él como luz será, e serán fortalezas en las sus manos. ¿Dó es acondida la fortaleza a él? Ante la faz d'él irá la muerte.
[340] V, 139: Por la su nemiga vi yo las tiendas de Etiopia.
[341] V, 139: Levantándote tú levantarás el tu arco e el juramento del linaje que fableste. Tajarás tú los ríos de la tierra. Viéronlo las aguas; los montes doliéronse

BN, 55rI, 28-33: leuantadote tu le uan/taras el tu arco *e* los juramjentos/ del linage es q*ue* fablaste tajaras/ tu los rrios de la t*ie*rra viero*n*lo los/ mont*e*s *e* dolieron*s*e el pielago de las/ aguas paso

É curioso que, se em outra ocasião o corretor decide centrar a ação sobre o sujeito que enuncia o cântico, afastando-se das outras lições, neste caso opte por eliminar a referencialidade da tribulação, coincidindo neste ponto com os outros testemunhos.

308) R, 107rI, 9-10: Porq*ue* fuelgue yo enel/ dia de la mj trib*u*lacion[342]

Y8, 41rII, 17-18: Porq*ue* fuelgue yo en/ el dia de la tribulaçion
BN, 55rII, 20-21: porq*ue* fuelgue yo/ en el dia de la tribulaçio*n*

309) R, 107rI, 16-17: Mas yo en el sennor me gozare *e* en *e*l e/xaltarme <...> en dios el mio i*es*u[343]

Y8, 41rII, 25-26: Mas yo en el señor me goza/re y exaltarme en dios el mjo i*es*u
BN, 55rII, 28-30: mas yo en el señor me/ gozare *e* exalçarme en dios el mj/ i*es*u

310) R, 107rII, 2-3: Engros/sado es * amado e coceo engrossado es[344]
*el

Y8, 41vI, 39-40: Engrosada es y/ amada y coçeo engrosado es
BN, 55vII, 19-20: eng*ro*sada es *e* amada *e* coçeo *e*/ eng*ro*sado es

311) R, 107rII, 8-10: *e* a dios q*ue* non co*n*noscien Nueuos ujniero*n* et/ rezi*n*tes a los q*ue* los s*us* padres no*n* ondraro*n* Pue/blo al dios q*ue* te engendro desampareste[345]

[342] V, 139: Porque fulgue yo en el día de la mi tribulación
[343] V, 140: Mas yo en el Señor me gozaré e exaltar m'é en Dios, el mi Jesu.
[344] VI, 141: Engrossado es el amado, e coceó, engrossado es
[345] VI, 140: E a dios que non coñocién nuevos vinieron e rezientes a los que sus padres non ondraron. Pueblo, al Dios que te engendró desampareste

Y8, 41vII, 6-10: y a dioses q*ue* no*n* cono/çian Nueuos benjero*n* y rrezjentes/ a los q*ue* esos padres no*n* onrrar*an* pue/blo al dios q*ue* te engendro desanpa/reste
BN, 55vII, 26-30: *e* a dioses q*ue*/ no*n* conosçio*n* <...> nuues en viero*n* *e*/ nj viero*n* p*re*sient*e*s a los q*ue* sus pa/dr*e*s no*n* honrraro*n*/ pueblo al dios/ q*ue* te engendro desanpareste

Esta correção, que passa pela reescrita de letras sobre o texto original de R, é interessante pelo facto de se alterar o verbo «llamar» por «assañar». Assim, a ira divina ocorre não só pelas vaidades cometidas pelos homens mas também pela negação de Deus:

312) R, 107rII, 15-17: Ellos asanna/ron me * q*ue* non era <...> dios *e* assannaro*n* me co*n* s*us*/ uanidades[346]
*e*n* lo

Y8, 41vII, 17-19: Ellos llamaro*n* me/ y no*n* era yo dios y asañaro*n*me co*n*/ sus vanjdades
BN, 56rI, 4-6: ellos llamara*n* me *e* no*n* era/ yo dios *e* asanaro*n*me con sus va/njdades

No mesmo sentido da correção anterior se dirige a seguinte: ao introduzir uma negativa, o revisor recusa as afirmações dos homens que se envaidecem e diminuem a grandeza divina.

313) R, 107rII, 34-37: Et dizdrien la n*uest*ra mano es la al/ta *e* * el señor fizo todas estas cosas Gente/ sin conseio es *e* sin sabiduria de mjo grado sa/brien *e* e*nten*derie*n* da*n*tes ** las s*us* postremerias[347]
*no*n* **uirien

[346] IV, 140: Ellos assañáronme que non era su Dios, e assañáronme con sus vanidades
[347] VI, 141: E dizdrién: -La nuestra mano es alta e el Señor fizo todas estas cosas. Gente sin consejo es e sin sabiduría, de mio grado sabrién e cantarién d'antes las sus postrimerías.

Y8, 42rI, 1-6: E dirie*n* la n*uest*ra mano/ es alta y el su señor fizo todas es/tas cosas gente sy consejo es y/ sy sabiduria de mj grado sabrien/ e cantarie*n* de antes las sus postre/merias

BN, 56rI, 27-32: *e* dire/ la n*uest*ra mano es alta *e* el su señor/ fizo todas estas cosas bente sy*n*/ consejo es *e* sy*n* sabiduria de mi g*r*a/do sabrien *e* catarie*n* de antes las/ sus postremerias

Mais do que sublinhar as correções e rasuras, não se poderá ignorar nesta passagem, a 314ª, a nota de leitura que destaca a palavra «vinha», grafada à margem em grafia portuguesa apesar do determinante castelhano:

314) R, 107rII, 42-45: De la ujña d*e* los de sodoma*/ dellos *e* d*e* los arrauales *e* d*e* las alcarias de**/ <u>ma</u> La huua d*e*llos***<u>bie*n* aue*n*turada</u> *e* el ra/zimo muy amargo[348]

*la ujnha **gomora ***uua de fel

Y8, 42rI, 12-16: De la vjña de los de sodoma la vj/ña dellos y de los arrauales y de las/ alcarias de sodoma la vua dellos/ vua bie*n* aventurada y el rrazjmo/ muy amargo

BN, 56rII, 4-7: de la viña de los de sodoma la viña de/llos *e* de los arauales *e* de las alcarias/ de sodoma la vua dellos vua bien/ auenturada *e* el rrazimo muy amargo

315) R, 107rII, 51-54: Iud/gara el señor el su pueblo *e* aura m*er*cet de los**/ <u>sus peccadores</u> Veera q*ue* enferma e enflaq*ui*da/ es la mano[349]

*s*us* s*ier*uos

Y8, 42rI, 24-27: jud/gara el señor el su pueblo y abra/ merçed de los sieruos vera que e*n*/fermera y enflaq*ue*sçida es la mano

BN, 56rII, 15-18: judgara al señor el su/ pueblo *e* aura m*erce*d de los sie*r*uos/ vera q*ue* enfe*r*mara *e* enflaq*ue*sçida/ es la mano

[348] VI, 141: De la viña de los de Sodoma la viña d'ellos, e de los arravales e de las alcarías de Sodoma la viña d'ellos, uva bienaventurada, e el razimo muy amargo.

[349] IV, 142: Judgará el Señor el su pueblo e avrá merced de los sus pecadores. Veerá que enferma e enflaquecida es la mano

316) R, 107vI, 4-8: Si yo aguzare la mi espada como relampa/go *e* ella robare juysio <...> la mj mano. Fare yo/ la ue*n*gança de mjos enemigos *e* gualardonare a/ los que me q*ui*sieron mal como lo ellos merescieron/ Enbefdare yo de sangre las mis saetas[350]

Y8, 42rII, 1-8: sy yo/ aguzare la mj espada como Relanpa/go y ella Robare y juyzio de la mj ma/no fare yo la vengança a los mis e/nemigos y gualardonarie a los q*ue* me/ q*ui*siero*n* mal como lo ellos meresçen/ Enbeudare yo de sangre las mis sae/tas
BN, 56rII, 32-56vI, 6: sy yo aguzare la mi espada// com*m*o Relampago *e* ella rrobare y juy/zio de la mj mano fare yo la venga*n*/ça a los mis enemigos *e* galardona/re a los q*ue* me q*ui*siero*n* mal com*m*o lo/ ellos meresçe*n* Enbebdare yo de/ sang*re* las mis saetas

317) R, 107vI, 11-13: Alabat las gentes al pueblo del/ ca ue*n*gara el la sangre de los s*us* sieruos Et los / gualardonara *e* dara ue*n*ganca sobre los enemigos[351]

Y8, 42rII, 11-15: alabad las ge*n*/tes al pueblo del ca bengara el la sa*n*/gre de los sus sieruos El los gualar/donara y dara bengança sobre los/ enemigos
BN, 56vI, 10-13: alabad las gent*e*s al pueblo/ del ca bengara el la sang*re* de los/ sus sie*r*uos ellos galardonara Et/ dara venga*n*ça sobr*e* los enemigos

Como é evidente, o trabalho de leitura e interpretação detalhada das anotações marginais de R deixa muito em aberto. Alguns casos em particular merecem maior atenção, tanto pela profunda alteração de sentido que imprimem ao texto como pela necessidade de rever a *marginalia* de R à luz tanto da *Bíblia* em latim como de versões em vulgar. Do mesmo modo, o estudo linguístico sobre as flutuações entre grafias, estruturas sintáticas e lexemas castelhanos e portugueses oferece também espaço para maiores considerações. Ainda assim, estamos em crer que este trabalho não foi totalmente infrutífero pois, pelo menos a partir de uma primeira leitura mais atenta do

[350] VI, 142: Si yo aguzare la mi espada como relámpago e ella robare juizio de la mi mano, faré yo vengança de mios enemigos, e gualardonaré a los que me quisieron mal como lo ellos merecieron. Embefdaré yo de sangre las mis saetas

[351] VI, 142: Alabat las gentes al pueblo d'él, ca vengará él la sangre de los sus siervos. Él los gualardonará e dará vengança sobre los enemigos

estilo das correções, poderão aventar-se algumas hipóteses sobre o circuito do manuscrito eborense em Portugal.

Espera-se que futuramente este elenco, ou mesmo uma versão mais aprofundada onde se incluam todas as alterações efetuadas pela mão corretora de R, permitam alargar a compreensão desta forma peculiar de receção da *GE* em contexto português, permitindo expandir assim a compreensão da circulação e receção do testemunho R em Portugal.

1.4. A *marginalia* de R: ecos de uma receção primitiva da *General Estoria*

O manuscrito CXXV 2/3 da Biblioteca Pública de Évora é, conforme já temos assinalado, um testemunho bastante problemático da GE. Conservado na biblioteca alentejana, sem que se saiba desde quando lá estará, de onde terá vindo ou por quem terá sido encomendado, transmite apenas a matéria bíblica das segunda, terceira e quarta partes, embora não chegue a concluir esta última.

Denominado R, já foi por diversas vezes descrito, a primeira das quais ainda no século XVIII por Joaquim Cunha e Rivara[352], mas também já no século XX, nomeadamente pelos editores da segunda parte publicada em 1957[353], ou em 1994, na edição dos livros de Salomão constantes na terceira parte da GE[354]. Já no novo milénio pode aceder-se a descrições do manuscrito quer no *Diccionário Filologico de Literatura Medieval Española*[355], quer na edição integral da GE[356] ou ainda por via informática no fundo de pesquisa PHILOBIBLON - BETA[357]. Consiste num manuscrito de grande luxo, com decorações em diversas cores, como vermelho, azul, dourado, verde. A decoração está incompleta, mas foram deixados espaços em branco para as iluminuras que, por vezes, ocupam uma página inteira. Algumas das iluminuras foram delineadas, faltando apenas a coloração. Está escrito numa letra gótica librária regular e elegante; contudo, cabe notar que «El número y naturaleza de los errores de R nos sitúa ante un copista más preocupado, al parecer, por la regularidad de la escritura y una estética de «mise en page» que por la fidelidad al antígrafo»[358].

Ainda que tendo sido usado por várias vezes nas edições contemporâneas da *GE*, a verdade é que este manuscrito coloca algumas questões de difícil resolução. Primeiramente, há que ter em conta que a referida seleção da matéria bíblica, devidamente urdida de forma a oferecer um texto contínuo, não resulta eficazmente. De facto, pelo menos em duas ocasiões o copista não omite matéria troiana: existe toda

[352] RIVARA (1850-1871).
[353] KASTEN e OESCHLÄGER (1957: XXIX-XXXII).
[354] SÁNCHEZ-PRIETO BORJA e HORCAJADA DIEZMA (1994).
[355] FERNANDEZ ORDOÑEZ (2002).
[356] SÁNCHEZ-PRIETO BORJA (2009a).
[357] PHILOBIBLON, Beta, ManId 1062.
[358] SÁNCHEZ-PRIETO BORJA e HORCAJADA DIEZMA (1994: 103).

a transcrição de uma epístola de Fílis a Demofonte, rei da Grécia[359], e parte da história da sibila Cassandra[360] embora, para este caso, não seja surpreendente a inclusão da profetisa que prevê, de forma bastante peculiar, o nascimento de Cristo[361].

Não obstante, é um códice efetivamente próximo dos testemunhos alfonsinos, seja pela datação que é possível estimar pela letra, seja pelo próprio estilo gráfico e decorativo. No entanto, Pedro Sánchez-Prieto Borja alerta para o paradoxo de um texto ser linguisticamente mais moderno do que a sua apresentação gráfica permite datar, conforme já indicámos anteriormente[362].

Além destas peculiaridades, deve considerar-se que R, embora truncado no final, tem continuidade quer gráfica, quer textual, no manuscrito RBME I.I.2[363]. Ora este é uma *Bíblia* romanceada, que para os últimos livros do Antigo Testamento se socorre da GE, prosseguindo com a tradução dos Evangelhos, profusa e ricamente ilustrados e decorados. Cabe notar, no entanto, que este manuscrito datará, o mais tardar, do extremo final do séc. XIII, sendo assim mais antigo do que R, datável do início do séc. XIV. Não será então de estranhar que RBME I.I.2 seja uma cópia seletiva da GE, na qual se incorporam os Evangelhos; embora transmita matéria diegeticamente mais avançada, terá sido iniciado antes de R, pertencendo no entanto à mesma iniciativa de elaboração.

Além destas singularidades que envolvem a feitura de R, à partida nada mais, além da circunstancial localização em Évora, ligaria este testemunho à receção portuguesa da GE, não fosse a extensa e surpreendente *marginalia* que envolve o Saltério. Estas correções pautam-se pelo bilinguismo evidente patente na oscilação entre castelhano e português, por vezes numa mesma frase. A mesma instabilidade reflete-se nas opções ortográficas do corretor – que é sempre o mesmo ao longo de todo o livro dos Salmos – que ora segue opções que remontam à chancelaria de Afonso III, nomeadamente pela transcrição das palatais nasal e lateral pelos grafemas <nh> e <lh>, ora segue opções castelhanas ou, pelo menos, de origem ibérica, como sendo a

[359] BPE CXXV 2-3, fls. 41vII-43rI.

[360] BPE CXXV2-3, fl. 202 rII-202vI.

[361] Foram feitos alguns breves estudos sobre as especificidades desta narrativa, nomeadamente LEITE, M (2009); id. (2009a), id. (2010), id. (2010a).

[362] SÁNCHEZ-PRIETO BORJA, (2009).

[363] Tendo este testemunho sido utilizado para a edição da quarta parte da *GE*, voltamos a remeter para os estudos de TRUJILLO BELSO (2009); id, (2009a).

utilização dos grafemas <ñ> ou <nn> e <ll> para os mesmos casos, assunto que, cremos, ficou amplamente apresentado no elenco anteriormente exposto.

A datação das correções não é segura mas provavelmente são ainda do século XIV, como sugerem as variações ligeiras entre as características da letra do copista e a do corretor[364]. Finalmente, dever-se-á atender ao teor e execução das correções, que muitas vezes resultam em redundâncias, como no caso de «señor» ser vertido para «senhor», ou nas rasuras e falta de discrição na inserção das anotações. Alerta-se que, nos casos de aparente redundância como aquele que acima foi apontado, podemos estar perante anotações de leitura que tanto podem servir como guias de leitura como visar a maior legibilidade das palavras em questão[365].

Claramente estamos perante um corretor que lida com perfeita liberdade com este códice, sem pudores de caráter estético como à primeira vista um manuscrito, ainda que incompleto, com esta qualidade gráfica impõe[366]. Torna-se evidente que a preocupação única do corretor bilingue é a transmissão de uma versão para ele correta do texto dos salmos, já que, de resto, a sua revisão praticamente se limita a este texto[367].

Perante isto, procedeu-se à análise da *marginalia* do livro dos salmos em R, constatando-se que as correções podem ser agrupadas em dois conjuntos: por um lado, as anotações mais discretas, como sejam rasuras, introdução de caracteres no corpo de uma palavra ou mesmo a anotação de palavras soltas na margem do texto; por outro lado, existem as correções compostas por sintagmas inteiros, perfazendo sentido em si mesmas, e que podem estender-se das duas ou três palavras à transcrição de vários versículos. São estas correções as que despertam mais interesse, quer pelo simples facto de permitirem uma análise linguística mais confortável quer porque, acima de tudo, é nestas que se refletem as variações de código linguístico, como acima foi indicado.

A partir da avaliação destas correções mais extensas, nota-se que a única preocupação do revisor é a precisão textual, ou seja, da tradução inscrita em R,

---

[364] Efetivamente, os traços paleográficos são muito idênticos, notando-se sobretudo diferenças na tonalidade da tinta e espessura da pena do corretor.

[365] Agradecemos ao Professor Doutor José Meirinhos por nos ter alertado para este fenómeno.

[366] Agradecemos à Professora Doutora Outi Merisalo (Jyväskylän Ylopisto) pelas atentas e preciosas observações a respeito tanto da datação como do cariz das correções encontradas em R.

[367] Outras pequenas correções surgem ao longo do manuscrito, mas sem a frequência detetada no saltério.

passando por isso ao lado da necessidade de uma constância linguística/ ortográfica harmonizada. É evidente que esta segunda mão que vai anotar R está familiarizada – se não pertencer mesmo a meios da corte portuguesa dos finais do século XIII – com as práticas de escrita da chancelaria de Afonso III. Por outro lado, é também um bom conhecedor do castelhano, já que várias das frases que introduz estão claramente redigidas nesta língua. Poderá assim ser ou um português bilingue, ou um castelhano igualmente bilingue pela sua permanência em meios portugueses que adotaram a ortografia chancelaresca alfonsina. Todavia, não deixa de ser importante considerar a possibilidade de as correções exclusivamente castelhanas consistirem em eventuais cópias provenientes de um códice – talvez o original perdido a que o corretor tem acesso, posto que R está muito próximo do arquétipo – enquanto as correções em português parecem provir do conhecimento profundo do saltério[368]. Tal hipótese solucionaria as anotações que integram o primeiro grupo, ou seja, morfemas isolados ou sintagmas muito pequenos, que mais não fazem do que atualizar para uma grafia portuguesa um texto claramente inteligível em castelhano para qualquer leitor. Aliás, correções deste tipo, onde por exemplo se substitui «uiña» por «uinha» ou «señor» por «senhor» tornam-se paradoxais se atentarmos que por várias vezes o revisor transcreve passagens consideravelmente longas dos salmos em castelhano – ou com ortografia castelhana onde pode surgir uma ou outra palavra de grafia portuguesa. Tais constatações levam-nos a arriscar uma hipótese que harmonize a aparente arbitrariedade da *marginalia* de R. Retomemos alguns pontos-chave que poderão fazer incidir alguma luz sobre este problema.

Primeiramente, sabe-se que, embora posterior, a letra do corretor não dista em muito tempo da letra do copista de R. Em segundo lugar, nota-se que não há uma clara distinção entre escrita em castelhano ou em português, mas há uma tendência para que a revisão vise esta segunda língua, como se denota pela redundância linguística de certas correções já apontadas. Em terceiro lugar, sabe-se que o códice R constitui um conjunto com RBME I.I.2, mas deve assinalar-se que a separação entre os dois códices terá ocorrido bastante cedo, uma vez que o volume conservado em San Lorenzo del

[368] Interrogamo-nos sobre qual o texto latino da vulgata subjacente à correção do livro dos salmos, tema que seguramente constitui um projeto de investigação de grande interesse mas que não nos foi possível encetar.

Escorial não apresenta quaisquer tipo de correções, nem em castelhano nem em português, e as correções a R terão sido executadas num tempo ainda relativamente próximo da feitura do códice. Em quarto lugar, e ainda em relação com esta última constatação, deve assinalar-se que as correções que R apresenta se limitam ao saltério, que é na obra alfonsina integralmente traduzido. Em quinto e último lugar, existe da parte do corretor a autoridade – advogada ou atribuída por outrem – para manipular de forma muitas vezes grosseira um códice de grande cuidado estético e valia que seria de acesso mais restrito.

O facto de ser a correção de uma tradução – e não de uma porção de texto que, embora parta da Vulgata latina, não pode ser considerada tradução direta mas sim adaptação com inclusão de matéria de outros textos – indicia a presença de um revisor profundamente conhecedor dos salmos. Por outro lado, a autorização para corrigir de forma graficamente abrupta que já referimos, aponta uma vez mais para um meio recetor com autoridade para o fazer impunemente.

Já anteriormente se deu conta de quão similar à estética alfonsina é o manuscrito R. Parece seguir padrões régios castelhanos, que permanecem mesmo após a morte do rei sábio. É evidente que, sem quaisquer informações concretas sobre os destinatários, produtores e recetores do códice, não podemos avançar senão com algumas hipóteses sempre débeis pelas fraquezas acima referidas. Ainda assim, permitimo-nos fazer esse exercício conjugando-o com algumas informações externas que talvez consigam trazer um pouco de luz ao assunto.

Antes de mais, no que à transmissão da *GE* diz respeito, este manuscrito sobressai por conter apenas matéria bíblica. Todavia, esta transmissão parcelar não é exclusiva de R, já que também outros manuscritos são seletivos. Também deve apontar-se a continuação do códice BPE CXXV 2-3 em RBME I.I.2., incluindo este último parte de matéria da *GE* e uma tradução dos Evangelhos, ricamente decorada e iluminada. Esta particularidade não é, uma vez mais, elemento distintivo do manuscrito escorialense, uma vez que se encontram vários outros casos de cópias da *GE* que continuam em outros manuscritos, normalmente traduções da *Bíblia*, independentes da obra alfonsina, como por exemplo o testemunho B da primeira parte[369]

[369] Após o livro do Êxodo, procede-se à cópia de uma tradução da Vulgata independente da *GE* para completar o volume. Veja-se FERNANDEZ-ORDOÑEZ (2002).

Temos que nos cingir a estes dados: algures, no extremo final do século XIII ou inícios do século XIV, houve uma iniciativa de não só copiar a *GE* como fazê-lo com o claro intuito de elaborar uma *Bíblia* romanceada que compreendesse as glosas e outras informações pertinentes introduzidas pelos redatores da *GE*. Este meio seguramente teria acesso privilegiado ao legado de Afonso X, e não será de todo despiciendo considerar a própria corte castelhana, especialmente durante o período de regência por Maria de Molina, mulher de grande interesse religioso e cultural[370], ou de outras personagens igualmente próximas das produções literárias alfonsinas com interesses intelectuais comprovados, como Branca de Portugal[371], neta de Afonso X, monja, desde o reinado do seu tio Sancho IV, no mosteiro de Las Huelgas de Burgos, promotora de obras de caráter religioso-didático[372].

A considerar esta possibilidade, que ganha sustentabilidade se observados os cuidados estéticos, a riqueza da elaboração e a proximidade gráfica com hábitos de escrita alfonsina de BPE CXXV 2-3 BPE e RBME I.I.2., estaremos em posição de advogar que poderá ter existido um projeto de transcrição da matéria bíblica da *GE*, completando-se o texto alfonsino disponível – recorde-se que a última parte apenas aflora a introdução aos Evangelhos – com uma tradução do Novo Testamento. Eventualmente, é neste contexto que se poderiam inserir os *Autos dos Apóstolos* que Bernardo de Brihuega terá escrito com o propósito de completar a obra de Afonso X, e que apenas nos chegam através da tradução portuguesa[373].

O mais provável é os manuscritos BPE CXXV 2-3 e RBME I.I.2 terem sido muito cedo apartados, conhecendo diferentes fortunas. De facto, é de assinalar que embora

---

[370] Sobre Maria de Molina será sempre fundamental a consulta de GAIBROIS DE BALLESTEROS (2010); todavia, interessam particularmente os estudos presentes em ALVAR e LUCÍA MEGIAS (1996), dos quais destacamos MUSSONS (1996), PIZZORUSSO (1996), para um contexto cultural, mas principalmente o estudo de SÁNCHEZ-PRIETO BORJA (1996). Veja-se também FERNANDEZ-ORDOÑEZ (1993) e KINKADE (1972).Veja-se ainda MOXÓ (1975), que nos permite traçar alguns contextos sócio-políticos em torno de outra figura de vulto das letras castelhanas, D. Juan Manuel.

[371] Trata-se da infanta portuguesa herdeira, conforme assinala o seu testamento, de livros do seu avô, os quais lega em testamento à sua tia Maria de Molina. A história da vida da irmã mais velha de D. Dinis está, de facto, pouco estudada, e é graças à documentação preservada no mosteiro cisterciense de Las Huelgas de Burgos, do qual ela era senhora, que se podem traçar os seus percursos, entre os quais contactos comerciais com D. Juan Manuel: veja-se a edição de LIZOAIN GARRIDO (1985-1987). Indica-se também SAGREDO FERNANDEZ (1973) e SÁNCHEZ MOGUEL (1894).

[372] Parece ser da responsabilidade de Branca a proposta de tradução para castelhano do *Libro de las batallas de Dios*, obra do judeu converso Abner de Burgos ou Afonso de Valladolid, seu médico. Vejam-se as indicações de SAINZ DE LA MAZA VICIOSO (1990).

[373] Esta questão será aprofundada posteriormente.

em períodos próximos mas em distintas etapas, a elaboração de ambos os manuscritos terá ocorrido como um mesmo projeto que, eventualmente até antes de estar concluído, se verá dividido em dois: de um lado, R, de outro, RBME I.I.2. A constante recombinação de materiais, a rutura de fólios e sua posterior reunião em novos códices, a junção de manuscritos de idêntica índole num só corpo tão características da Idade Média poderão estar por trás da separação dos cadernos que constituem o conjunto BPE CXXV 2-3 e RBME Y.I.2, separação essa que, conforme supomos através da reunião de outros elementos, terá de facto ocorrido num período bastante próximo da própria elaboração dos manuscritos – o início do século XIV.

Recordado que estamos apenas a conjugar uma hipótese de produção que carece de maiores provas, acrescentamos ainda assim uma informação de grande relevância que poderá conectar os dados esparsos que temos vindo a considerar[374]. Nomeado bispo de Évora em 1322, D. Pedro Martínez de Argote chega de Castela, onde fizera a sua carreira eclesiástica até atingir o lugar de bispo de Cuenca, ao qual renuncia para aceitar o episcopado de Évora. Homem de grande poder e influência económica, D. Pedro não abandona completamente a ligação a Cuenca, onde funda um hospital em 1335 a partir do qual obtém financiamento para o estaleiro gótico que cria em Évora. Porém, D. Pedro não é apenas um bispo transferido de Castela para Portugal num período conturbado da história portuguesa, vive ainda um clima de guerra civil opondo D. Dinis ao infante D. Afonso. Antes da sua carreira eclesiástica em Cuenca, o bispo de Évora responsável pelo fomento do goticismo neste cabido havia sido capelão de Sancho IV, filho de Afonso X e pai da infanta D. Beatriz, esposa do futuro Afonso IV[375]. Além da presença de D. Pedro, não esqueçamos que a cidade de Évora foi concedida a D. Beatriz[376], esposa de D. Afonso IV e filha de Maria de Molina que, conforme já indicámos acima, foi herdeira dos livros de Afonso X que estavam em posse de D. Branca de Portugal.

Não sendo absolutamente possível determinar se o bispo D. Pedro terá trazido consigo códices provenientes de Castela – haveria várias possibilidades para a entrada do manuscrito R em Portugal, nomeadamente por via de ligações matrimoniais, como o

[374] Agradecemos profundamente ao Mestre Anísio Miguel de Sousa Saraiva o acesso a estas informações.
[375] Veja-se SARAIVA e MORUJÃO (2012: 103-104, n. 41).
[376] A doação de Évora por D. Dinis a D. Beatriz pode ser consultada em PEREIRA (1886:36).

de D. Afonso IV e D. Beatriz – dado que este bispo inicia a reforma do cabido de Évora poderemos encontrar na sua figura um eventual impulsionador da revisão de parte de um manuscrito, o testemunho R da GE, revisão essa que passa por uma reescrita/correção da tradução dos salmos marcada pela proximidade paleográfica entre a letra da mão corretora e a primeira mão, pela alternância entre fórmulas caracteristicamente portuguesas e castelhanas e, também, pelo conforto em inserir correções de forma por vezes desleixada no corpo de um manuscrito luxuoso.

É assim possível que tenha sido por patrocínio deste bispo, conhecedor dos meios corteses castelhanos, intimamente relacionado com o filho de Afonso X, responsável pela reforma gótica em Évora, que se procedeu à inserção dos comentários ao manuscrito BPE CXXV 2-3. Por mão – direta ou indireta – de um bispo, encontramos a autoridade necessária para justificar, por um lado, a correção esteticamente abrupta do texto e, por outro, o conhecimento e capacidade de leitura crítica das opções de tradução do saltério por parte dos redatores alfonsinos.

É deste modo altamente provável que desde então – pelos meados do século XIV – o testemunho R tenha permanecido na sé de Évora, onde fora corrigido e preservado até à atualidade. Neste sentido, e dado que a cidade alentejana sempre foi um polo importante para a corte portuguesa ao longo de várias dinastias, é também provável que nesta cidade tenha sido conhecido por meios corteses bastante posteriores.

Neste sentido, talvez não seja de todo impossível que tenha sido este o manuscrito a que os meios que envolvem a corte portuguesa manuelina terão acedido aquando das longas estadias do rei em Évora. Estamos com isto a aventar a possibilidade, que exploraremos um pouco mais tarde, de ter sido diretamente ao manuscrito BPE CXXV 2-3 que Gil Vicente, o dramaturgo que acompanha os meios régios portugueses na primeira metade do século XVI, tenha ido beber a peculiar história de Cassandra, sibila troiana que o inspira a redigir um auto dedicado à rainha D. Leonor, mãe de D. Manuel, de traços tão similares à que surge na versão deste testemunho da *GE*.

De qualquer forma, esta será uma receção posterior que caberá ponderar mais tarde. Mais importante é detetar nas correções deste testemunho da terceira parte da *GE* uma fase de receção castelhano-portuguesa ocorrida com grande probabilidade já no reino de Portugal, prévia à iniciativa de tradução integral da obra alfonsina e que, muito

possivelmente, ficou à margem desse projeto. Um manuscrito parcelar, omisso na matéria que seguramente interessaria bastante ao projeto de tradução da *GE* do qual sobrevivem fragmentos das primeira e segunda partes, terá certamente ficado de fora desta iniciativa. A *marginalia* do manuscrito R foi, portanto, manifestação de uma proto-receção da GE, confinando-se ao cabido de Évora onde por vezes, após a iniciativa de revisão dos salmos provavelmente incitada pelo bispo D. Pedro, terá sido apenas sujeito a algumas leituras esparsas.

II. A tradução da primeira parte

2.1. O testemunho galego-português (O-I-1 RBME): algumas considerações

Ao debruçarmo-nos sobre a receção da *GE* em Portugal torna-se necessário tecer algumas considerações breves sobre a primeira iniciativa de tradução da história universal alfonsina para a língua falada no extremo ocidente da península, o galego-português.

Esta primeira versão da *GE* para galego-português compreende apenas os primeiros sete livros da primeira parte da obra alfonsina. Conserva-se num manuscrito preservado na Biblioteca del Real Monasterio de San Lorenzo del Escorial, sob a cota O.I.1, designado normalmente pela crítica como testemunho F. Datado dos primeiros anos do século XIV, ou eventualmente ainda dos finais do século anterior, é descrito cuidadosamente por António Solalinde aquando da sua edição da primeira parte da *GE*: consiste num manuscrito pergamináceo que se estende por 153 fólios, redigido a duas colunas em letra gótica cursiva[377]. Mais tarde, em 1963, o editor do manuscrito, Ramón Martínez-Lopez, dá conta da semelhança da letra de F com a escrita praticada sob o reinado de Afonso XI de Castela, concluindo que existe um documento em particular, datado de 1302, cuja semelhança paleográfica com F é notável[378].

Aquando da edição da primeira parte da *GE*, António Solalinde[379] considera F uma tradução feita a partir do arquétipo à qual foram acrescentados alguns elementos que explicitam a narrativa. A par de A, F estaria ao mesmo nível que o texto produzido pela própria corte régia, podendo, apesar do seu caráter de versão noutra língua, servir para a reconstituição do arquétipo. Mais tarde, refletindo sobre os fenómenos que decorrem da transmissão de textos, Diego Catalán[380] dá conta de que, na verdade, a matéria presente em F e ausente em A é constituída pelos elementos que a versão chancelada pela corte (A) optou por censurar. Ou seja, quando foi elaborada a tradução, não se recorreu à versão definitiva que o manuscrito régio transmite mas sim ao rascunho, arquétipo de ambos, que ainda continha os tais elementos rasurados na

[377] SOLALINDE (1930: XXXV-XXXVI).

[378] Trata-se de uma cópia da *Primeira Partida* que o A. identifica no conjunto de ilustrações do álbum de paleografia de MILLARES (1932): veja-se a nota 2 de MARTÍNEZ-LOPEZ (1963:X).

[379] SOLALINDE (1930: LXIV-LXIX).

[380] CATALÁN (1978: 268-269 e nota 85). A propósito de processos de reescrita e censura no processo de redação dos textos alfonsinos, veja-se também CATALÁN (1992).

versão definitiva. Tal hipótese encontrou sustentabilidade por fenómenos de censura idênticos encontrados em textos alfonsinos e levou mesmo a crítica a ponderar a hipótese de um estado redacional intermédio – o estado [O2]. Atualmente, este estado redacional não é identificado com um nó estemático mas sim visto como o processo mental subjacente à redação de A. Seja como for, dá-se conta, a partir de Diego Catalán, que F estará mais próximo do arquétipo do que o testemunho da corte alfonsina.

Além de dar conta de um estado redacional prévio ao de A, F foi ainda alvo de uma nova versão para castelhano, já no século XV. Trata-se do manuscrito RBME Y.III.12, redigido em letra gótica a duas colunas sobre papel. Este testemunho, denominado E, foi comprovadamente identificado como cópia em castelhano de F por António Solalinde[381].

Sobre a origem ou meios onde se poderá ter produzido F pouco ou nada se sabe. Existem apontamentos, ao longo do manuscrito, aludindo a um Nuno Freire que, como cautelosamente aventa o editor de 1930, poderá muito bem ser o copista ou tradutor do texto, e não necessariamente quem o encomendou[382].

É sempre em terrenos pantanosos que nos movemos quando procuramos determinar de onde provém um manuscrito. Salvo algumas raras e preciosas exceções que contêm anotações, datas e mesmo assinaturas que permitem identificar pelo menos uma origem, a generalidade dos testemunhos da GE, tal como sucede com a maioria dos manuscritos que transmitem obras de idêntica dimensão, estão por identificar quanto à sua origem ou motivação. Em torno de F existe o debate sobre a sua origem galega. Se inicialmente se chegou a ponderar mesmo que a *GE* teria sido redigida na língua das cantigas de Santa Maria, tese que não encontrou qualquer fundamento ou fortuna[383], logo se compreendeu que se estava, de facto, perante uma tradução cuja identificação linguística urgia fazer. A partir dos elementos ortográficos e traços dialetais que apontam para uma variante setentrional do galego-português, passou a definir-se a

[381] A descrição e confirmação encontra-se em SOLALINDE (1930: XXXIII-XXXIV).

[382] «Acaso este Nuno Freyre, que no he podido identificar, fué el autor de la traducción, aunque más probable es que se trate únicamente del copista», SOLALINDE (1930: p. XXXV).

[383] MARTÍNEZ-LOPEZ (1963: XIV) cita as interrogações de AMADOR DE LOS RÍOS (1863: 605), que pondera precisamente a possibilidade de o romance ocidental ter sido a língua de redação primitiva da *GE*.

tradução como sendo galega, procurando-se a partir daqui encontrar sustentabilidade histórica para os argumentos linguísticos[384].

Sobre estes, é de facto relevante notar a sua proximidade com variantes gráficas e morfológicas do Norte da Galiza, mas tal não oferece total segurança para localizar a tradução nesta região. Com efeito, estas variações entre práticas de escrita que existem no Norte e as que vão surgindo sobretudo com a introdução de novas grafias e mesmo as influências dialetais do Sul, não são suficientes para afirmar que, ainda nos finais do século XIII ou inícios do XIV, o galego e o português são duas línguas distintas[385]. Na realidade, tal distinção é anacrónica, uma vez que só no século XVI[386] se pode dar conta da separação definitiva entre as duas variantes da mesma língua e, ainda assim, deve notar-se que tais diferenças linguísticas foram sendo progressivas e que se fizeram notar sobretudo nos polos centrais do poder da Galiza e de Portugal, sendo muito mais esbatidas nas regiões próximas da fronteira política entre os dois territórios[387].

Este ponto de partida permite-nos assim reapreciar F enquanto testemunho galego-português – a língua falada e escrita, embora com variações dialetais e ortográficas, em Portugal e na Galiza da época. Partindo desta designação linguística mais ampla, podem eliminar-se denominações de cariz territorial[388] que apenas servem à confusão e em nada favorecem a análise científica dos textos.

---

[384] Veja-se sobretudo as considerações elaboradas nas introduções a edições por MARTINEZ-LOPEZ (1963) e LORENZO (1975), id. (1985).

[385] Para este assunto encontra-se uma vasta bibliografia. Consulte-se, enquanto obra mais abrangente sobre a história do galego-português e suas relações com outras línguas peninsulares, BALDINGER (1972). Sobre o galego-português, veja-se LORENZO (1968), MARIÑO PAZ (2008) e também BARROS (2002), LORENZO (2002) e SOUTO CABO (2002).

[386] Se atentarmos às diferentes cronologias que SILVA, R (2008) congrega no seu estudo, constata-se que os limites do português arcaico se encontram neste período. Também os historiadores da língua galega dão conta da entrada de quinhentos como um novo período da língua galega, já separada do galego-português. Veja-se MARIÑO PAZ (2008). O estudo clássico de TEYSSIER (1990) permanece fundamental e também fornece alguns elementos para reflexão, sublinhando as modificações que a variante meridional do galego-português sofre a partir do século XVI. Não podemos aqui fazer as distinções elaboradas aquando da análise do saltério de R, cujas variações ortográficas podem ser identificadas com práticas de escrita portuguesas, características da chancelaria de D. Afonso III.

[387] MARTINS, A. M. (2007) dá conta precisamente da confluência de escritas inovadoras e conservadoras em território português ao longo do século XIII, o que indicia que, na realidade, não havendo uma ortografia padronizada, e tratando-se de uma língua comum, a confinação de grafias a um determinado território torna-se mais volátil.

[388] Veja-se o exemplo mais notório da poesia trovadoresca, produzida em galego-português, que começa por surgir em meios linguisticamente distantes da faixa onde essa língua era falada. Veja-se MIRANDA (2004) e OLIVEIRA (2001), neste último em especial o capítulo «Os trovadores na corte de Afonso X» (pp. 113-122.

Existe uma certa tendência para fazer confluir a tradução da *GE* para galego-português com as versões de textos jurídicos alfonsinos na Galiza. No caso do *Fuero Real*, que teve, de ambos os lados da fronteira, traduções que chegaram à atualidade[389], deve primeiro ter-se em consideração que as divergências entre as versões produzidas em Portugal e na Galiza se prendem precisamente com diferenças jurídicas entre os dois reinos. A tradução de leis é por isso comum aos dois lados da fronteira, não parecendo haver um propósito ou circuito estritamente galego a verter para galego-português este género de texto já que idêntico processo ocorre em Portugal.

Outras interrogações mais pertinentes coloca a fortuna das *Siete Partidas*, de características mais filosóficas, que ultrapassam o género jurídico em que se inserem e surpreendem pela profusão de versões feitas tanto em território português como em território galego[390]. Porém, uma vez mais, dá-se conta de que é um fenómeno comum, difundido pelos dois territórios, Galiza e Portugal, sem que se possa determinar um centro de produção literária. Do mesmo modo, a existência de uma tradução historiográfica como a *Crónica de Castilla*, cujas origens não estão claramente definidas[391], oferece mais interrogações pertinentes a acrescentar ao estudo dos processos de tradução do castelhano para galego-português em torno de 1300. Necessário seria, pois, proceder a uma análise tanto das circunstâncias políticas e históricas como dos movimentos culturais nos territórios em que se falavam ambas as línguas para poder trazer alguma luz sobre o assunto.

Trazendo de novo a debate o texto em si, não é de todo insignificante o facto de F ser uma tradução feita a partir de um rascunho, existindo uma versão régia também com várias cópias. Tal elemento tem relevância se tivermos em conta que o acesso a um rascunho aponta para uma proximidade bastante grande do meio em que se produziu a obra. Sendo possível, mas mais improvável, a circulação de um rascunho de Castela para um qualquer meio cultural desconhecido na Galiza, afigura-se como mais compreensível

[389] Veja-se PIMENTA (1946), CRUZ (1974) e AFONSO X (ed. 1987). Sobre outras obras de caráter jurídico traduzidas em Portugal, consultar MERÊA (2001).

[390] Têm sido encontrados cada vez mais fragmentos de traduções das *Siete Partidas*, conforme se pode avaliar pelas novas entradas em BITAGAP. Poder-se-á ver também FERREIRA, J. (1980) e id. (1980a) e CINTRA (1999), que oferece também informações sobre fragmentos das *Partidas* encontrados na Galiza.

[391] O problema da tradução da *Crónica General* e da *Cronica de Castilla*, e especialmente os problemas colocados pela sua transmissão textual, são alvo de debate alargado. Veja-se LORENZO (1975) e, mais recentemente, ROCHEWERT-ZUILI (2010). Além das edições, recomenda-se a leitura dos estudos de CATALÁN (1962) e os estudos compilados em MARTIN (2000).

que o contacto com o rascunho que originou F se tenha dado em meios mais próximos da corte régia castelhana. Como afirma Luís Lindley Cintra, «A tradução para a língua do Ocidente da *Crónica Geral de Espanha* – do mesmo modo que a da *General Estoria*, redigida, tal como aparece no códice conservado no Escorial, numa linguagem perfeitamente idêntica à dos manuscritos da Variante – foi quase seguramente feita por tradutores galegos que provavelmente trabalhavam dentro das fronteiras do reino de Castela e Leão.»[392].

Em idêntico sentido, embora a propósito da já brevemente referida *Cronica de Castilla*, vão as palavras de José Carlos Miranda, que alerta para o facto de poder haver uma disparidade entre língua e hábitos de escrita e os meios de produção dos manuscritos: «Esse trajecto galego e ainda o facto, incontroverso, de o texto apresentar maioritariamente características de uma escrita galega não podem, por si só, levar a concluir que o texto foi escrito em meios galegos (...). Ora, a solução mais óbvia é a de que esta crónica terá, com toda a probabilidade, sido traduzida e copiada no *scriptorium* da corte castelhana por copistas galego-portugueses (com hábitos de escrita galegos), a pedido de alguém interessado em obter uma versão nesta língua.»[393]

Se atentarmos aos últimos anos da vida de Afonso X, talvez alguns dados permitam, senão iluminar, pelo menos delinear algumas das sombras difusas que envolvem a feitura do manuscrito F. Desde o início da guerra civil travada com o seu filho, o futuro Sancho IV, até à sua morte, Afonso X permanecerá exilado em Sevilha, junto de alguns servidores que ainda lhe prestavam fidelidade e pontualmente visitado pela filha Beatriz que poderia fazer-se acompanhar de Branca[394], irmã mais velha do seu

[392] CINTRA (2009: CCCXXVII-CCCXXVIII). Nestas duas páginas que Luís Lindley Cintra reserva ao testemunho F, no estudo introdutório à edição da *Crónica Geral de Espanha de 1344*, deve ainda sublinhar-se a atenção que o investigador reserva às considerações sobre as origens da tradução galego-portuguesa, dando conta da teoria de que a tradução da *General Estoria* poderia ser iniciativa de D. Dinis – *apud* SANTOS (1806). Tal como Cintra, recusamos essa possibilidade. Não deixamos, porém, de notar o desinteresse que o Conde D. Pedro de Barcelos, leitor tão ativo da obra do seu bisavô, demonstra pela história universal de Afonso X. Este elemento permite-nos constatar que, de fato, é altamente provavel que o manuscrito CXXV 2-3 BPE, de que já tratámos, tenha permanecido na cidade alentejana desde que chegou a Portugal, sem ter despertado curiosidade – pelo menos, que se possa confirmar – no Conde de Barcelos.

[393] MIRANDA [2012].

[394] Sobre a vida de Branca de Portugal, de quem já falámos, veja-se SAGREDO FERNANDEZ (1973) e SÁNCHEZ MOGUEL (1894).

neto Dinis. Por outro lado, a circulação de nobres galegos e portugueses[395] em Castela prossegue nos reinados posteriores, tal como ocorrera em períodos anteriores, especialmente em períodos de conflito interno nos territórios de origem[396]. Embora tenha sido na corte do rei Sábio que o galego-português floresceu como língua literária sob a forma das cantigas, não é despicienda a presença constante de nobreza falante desta língua em torno dos monarcas seguintes[397].

Procura-se por vezes uma identificação entre o Nuno Freire referido nas anotações ao manuscrito e os condes de Andrade. É verdade que é por via desta família, a quem se deve a tradução da *Crónica Troiana*, que se assiste ao pulsar de uma cultura nobiliárquica forte, de grande relevância intelectual e literária na Galiza. Todavia, apenas na segunda metade do século XIV, e sobretudo no último quartel deste século[398], é que se pode afirmar o poderio cultural e económico dos Freire de Andrade. Na verdade, à data em que o manuscrito F terá sido feito, o senhorio de Andrade era ainda um pequeno domínio galego, sem quaisquer vestígios de produção cultural e sem os grandes meios económicos que tal produção acarreta[399].

Poder-se-ia apontar, por outro lado, o cabido de Santiago de Compostela como meio cultural efetivamente forte e relevante para executar a tradução. Contudo, não

[395] Para obter informações sobre famílias nobres galegas, sugere-se a leitura de PARDO GUEVARA Y VALDÉS (2000). Um estudo de caso interessante pode ser consultado em CORREA ARIAS (2003), especialmente pp. 58-64. O estudo de PIZARRO (1997) sobre as ligações nobiliárquicas portuguesas para esta cronologia revela-se pertinente para a compreensão dos relacionamentos entre famílias nobres portuguesas e destas com a coroa e famílias de outras origens.

[396] Para a história conturbada deste período em Portugal e Castela, recomenda-se não só a leitura das biografias dos reis de Portugal e Castela – PIZARRO (2006), SOUSA, B. V. (2006), VENTURA (2006) e BALLESTEROS BERETTA (1963) como ainda a de KRUS (1994), MATTOSO (1985), id. (2000), id. (2001), id. (2001a) e id. (2001b). Uma perspetiva interessante pode ainda ser encontrada em DIAS, N. P. (1998), MOXÓ (1975), PARDO DE GUEVARA Y VALDÉS (1987) e VENTURA (1992) e id. (1999).

[397] Interessam para este assunto os artigos de DAVID (1986) e id. (1989), DAVID e PIZZARO (1986). Também se encontram informações sobre as relações entre a nobreza portuguesa e a corte castelhana, especialmente de uma perspetiva cultural, em OLIVEIRA (1990), MUSSONS (1996) e MIRANDA (1998).

[398] Aliás, não é também dispiciendo o facto de que só no final do século XIV surja uma obra produzida na Galiza e para meios galegos, os *Miragres de Santiago*, onde finalmente ocorre a expressão «linguagem galego», claramente no sentido de marcação identitária, tal como ocorrera para a *Crónica Geral de Espanha de 1344* com a identificação de uma «linguagem de Portugal». Sobre as denominações linguísticas, veja-se SILVA DOMINGUEZ (1998); interessa ainda a consulta das duas edições dos *MIRAGRES DE SANTIAGO* (ed. 1958) e id. (ed. 2004), acompanhadas de estudos introdutórios dos editores, respetivamente, J.L. Pensado e R. Lorenzo.

[399] Interessam as reflexões de GARCIA ORO (1981), que nos alerta para a pequena dimensão do poder dos condes de Andrade nos finais do século XIII e princípio do século seguinte, sendo apenas com Rui Freire de Andrade (+1362), pai de Fernão Peres, que encomenda a tradução da *Crónica Troiana*, que a linhagem começa verdadeiramente a ganhar relevo.

parece provável que na sé compostelana houvesse interesse em traduzir do castelhano uma versão historiada da *Bíblia*, quando não só se teria acesso direto às fontes latinas como também a própria versão que foi traduzida contém detalhes eventualmente incómodos para os leitores da época, que mesmo os redatores da versão régia tiveram por bem omitir. Além disso, as relações entre Afonso X e a sé de Santiago foram bastante conflituosas, nomeadamente pela oposição episcopal à candidatura do rei ao Sacro-Império Romano Germânico. Finalmente, não são conhecidos, para a cronologia em questão, textos do mesmo género traduzidos neste âmbito.

A tradução terá assim surgido em meios galego-portugueses, não necessariamente confinados geograficamente aos territórios de Portugal e da Galiza[400], que tinham esta língua como meio de comunicação comum. Por outro lado, não pode deixar de ser equacionada a proximidade até surpreendente com a versão mais arcaica da primeira parte da *GE*. De facto, o acesso a uma versão mais antiga da obra idealizada por Afonso X sugere a proximidade dos meios tradutores com a corte deste rei castelhano[401]. Na partida para Sevilha, Afonso X apenas pôde levar alguns dos textos cuja feitura ordenara, muitos dos quais em fases redaccionais distintas e, por isso, anteriores a versões concluídas e revistas pelo monarca[402]. É possível, embora não seja, definitivamente, mais do que uma hipótese a considerar, que um fenómeno semelhante ao que ocorreu com a *Estoria de España* tenha sucedido com a versão galego-portuguesa da GE.

Reunidos em torno do rei Sábio, e permanecendo em Castela posteriormente, elementos da nobreza provindos do Ocidente peninsular, falantes do galego-português,

---

[400] Sobre a necessidade da existência prévia de um ambiente económica e culturalmente desenvolvido para a produção literária, especialmente em vulgar, leia-se MONTEAGUDO (2007: 275-312).

[401] Consoante se verá adiante, na colação do fragmento 32 da Torre do Tombo com os testemunhos castelhanos, é significativo que o tradutor desta versão opte por «cabeça» para traduzir «monarco», termo desconhecido em galego-português, apenas presente, de acordo com o *Corpus do português*, na tradução da *GE* preservada em F. Trata-se, portanto, de uma leitura/ tradução tendencialmente castelhanizante, que prefere integrar o termo da língua de partida, inteligível para os destinatários da tradução, do que encontrar um outro, mais conforme aos hábitos linguísticos do galego-português do século XIV. De facto, após a consulta do *Corpus del Español*, disponível *online*, verificámos que a terminologia «monarco» / «monarca» é exclusiva da *GE*, o que não deixa de ser interessante, pois pode levantar dúvidas sobre o facto de o tradutor realmente compreender o termo. Porém, quando fragmentos da Torre do Tombo, que não se dirigem a um público que circule em meios castelhanos, demonstram não reconhecer no termo mais latinizado (monarcha) legibilidade, não deixa de se levantar a questão sobre a preservação de «monarco» no testemunho F. Estaria o público destinatário familiarizado com um vocábulo que parece apenas surgir, no século XIII vulgar, nesta obra alfonsina?

[402] Sobre a fortuna da *Estoria de España*, veja-se FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ (1993), id. 1999.

terão tido acesso a um rascunho do qual se serviram para, no início do século XIV, proceder à tradução para a sua língua. Tendo esta possibilidade em mente, já não causaria tanta estranheza que, ao elaborar-se uma tradução da *General Estoria* para galego-português, se tenha recorrido não ao manuscrito mais fidedigno – o A – mas sim a um rascunho. Este rascunho poderá perfeitamente ter ficado em mãos do séquito de Afonso X, tendo permanecido em meios galego-portugueses estabelecidos em Castela – muito provavelmente, os que permanecem junto da corte régia após 1284[403].

É evidente que se deve ponderar sempre a contínua circulação de pessoas e textos durante o tempo. A hipótese de ter sido em circuitos galego-portugueses próximos da corte de Castela que se fez a tradução vê-se reforçada por dois aspetos que permitem compreender porque é que a versão transmitida por F não se reflete nos textos que recorrem à *GE* produzidos na Galiza ou em Portugal. Primeiramente, um outro testemunho da receção galega da *GE* não se coaduna com F: trata-se do ms. BMPS 558, cópia da *Crónica Troiana* interpolada com matéria proveniente do texto alfonsino em castelhano[404]. Este testemunho – datado do final do século XIV – não encontra paralelo em F, o que revela o seu desconhecimento nos meios galegos que produzem esta versão da *Crónica Troiana*. Em segundo lugar, poderá, com alguma segurança, descartar-se a feitura de F em Portugal, se tivermos em conta que tradução que se assume como portuguesa, no século XV, não é aparentada com esta versão[405]. Ora, ambos os dados indiciam que F foi conhecido num circuito mais restrito, bastante ligado à coroa castelhana apesar do recurso a outra língua. Talvez essa proximidade justifique a nova tradução feita já no século XV.

No início do século XIV a Galiza vive períodos conturbados. Da nobreza local, assolada por conflitos, mormente contra a corte de Castela, não parece destacar-se, dentro do território galego, nenhum grupo interessado ou disponível para a empresa da tradução da *GE*. Neste sentido, e sem deixar de considerar a existência, mais ou menos contemporânea de F, de uma outra tradução de obra historiográfica significativa do castelhano para galego-português – a *Cronica de Castilla* e a *Estoria de España* – cabe

[403] Veja-se DAVID (1986), id. (1989) e também MATTOSO (2001).

[404] Sobre este códice compósito ver PICHEL GOTÉRREZ (2009), id. (2011), LORENZO (1985) e SIMÓN DÍAZ (1963).

[405] No estudo introdutório à edição, MARTÍNEZ LÓPEZ (1963) corrobora as afirmações de Luís Lindley Cintra em 1951 – veja-se CINTRA (1999a).

ponderar não tanto o exato local onde terão sido encomendadas as obras, no seu suporte físico, mas sobretudo quem seriam e por onde andariam os verdadeiros interessados em semelhantes empresas, falantes da língua comum que cruzava o extremo ocidente peninsular, ainda que já sujeita a variações dialetais.

Será, mais do que um ponto de chegada, uma nova sugestão de pesquisa que se lança, não só sobre o mais antigo testemunho de uma receção da *GE* fora do universo linguístico castelhano, como sobre os círculos culturais compostos por nobres portugueses e galegos que coexistiram fora destas duas geografias e, em muitos momentos, foram protagonistas da História de reinos alheios.

2.2. Testemunhos castelhanos da primeira parte da *General Estoria*

Do corpo da *General Estoria*, a primeira parte é, a par da quarta, a que mais facilmente se presta a edições relativamente fiéis ao propósito alfonsino, uma vez que para ambos os casos subsistem dois testemunhos integrais provindos da câmara régia.

O códice régio que transmite a versão corrigida[406] do texto castelhano é o ms. 816 da BNE (designado por A), datado de 1280, tendo servido de base a três edições, uma das quais uma reedição. A primeira, de 1930, foi levada a cabo por Antonio Solalinde, que previra na altura proceder à edição integral da obra alfonsina[407]. Tal projeto acabou por ficar nas mãos de dois discípulos do investigador espanhol, Lloyd Kasten e Viktor Oeschläger, que concluíram a edição da segunda parte em 1957[408]. Já em 1978 surge uma nova tentativa de trazer a *GE* aos leitores contemporâneos pelo Hispanic Seminar of Medieval Studies de Madison, o que foi conseguido em parte pela fixação dos textos e suas concordâncias em formato microfilmado, concluindo-se a tarefa, em suporte informático, no final dos anos 90[409]. Surge, em 2001, uma nova tentativa de edição integral[410], desta vez com critérios editoriais que permitissem o acesso a um texto mais legível do que o possibilitado pelas transcrições paleográficas. Neste sentido encaminhou-se a edição proposta por Pedro Sánchez-Prieto Borja, retomada pelo mesmo editor em 2009 aquando da edição integral da história universal alfonsina[411]. Em ambos os casos, a edição da primeira parte consiste basicamente na transcrição, com critérios de maior ou menos proximidade paleográfica ao texto, do referido manuscrito A.

---

[406] Isto porque a tradução galega, F, transmite a versão não revista, ou seja, o rascunho. É Diego Catalán que, em 1978, primeiro chama a atenção para esta hipótese de transmissão – CATALÁN (1978: 268-269 e nota 85), aprofundando as suas considerações com maior detalhe em CATALÁN (1997: 47-83).

[407] AFONSO X (ed. 1930).

[408] AFONSO X (ed. 1957).

[409] AFONSO X (ed. 1978) e id. (ed. 1997). Sobre este projeto, ao qual não pudemos ter acesso, seguimos SÁNCHEZ-PRIETO BORJA (2009:CXXII-CXXIII).

[410] AFONSO X (ed. 2001). Na introdução a esta primeira iniciativa de edição integral já no século XXI, dá-se conta das dificuldades colocadas pelos propósitos do Hispanic Studies Seminar of Madison: «No obstante el detallismo de la transcripción, no faltan los errores, debidos a la incomprensión del texto (...). Es una transcripción muchas veces mecánica.» SÁNCHEZ-PRIETO BORJA (2001: LXIX-LXX).

[411] AFONSO X (ed. 2009). Sobre os problemas editoriais que a *GE* coloca, ver FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ (2000:124-148).

No entanto, da primeira parte subsistem ainda outros testemunhos relevantes, um dos quais em galego-português – o já referido RBME O-I-1 (F): RBME Y-I-6 (B), RBME Y-I-1 (C, cópia de B), BNE 8682 (D), RBME Y-III-12 (E), tradução da versão galego-portuguesa F), RBME Y-I-3 (G), RBME Y-I-4 (G', parte que foi separada de G mas que originalmente pertencia ao mesmo códice) e BNE 10236 (H). Todos estes manuscritos se encontram já ampla e detalhadamente descritos por Solalinde aquando da edição de 1930.

Tanto António Solalinde como Pedro Sánchez-Prieto Borja, nas edições que elaboram ou coordenam, assim como Inés Férnandez-Ordóñez[412], procedem à colação dos manuscritos da primeira parte, procurando determinar quais as relações entre eles. Tendo em conta as divergências no que concerne a extensão de texto reproduzida, apenas se pôde avançar com alguma segurança considerações sobre a relação entre A, B, C, D, E e F, ficando os manuscritos G, G' e H aquém de um *stemma codicum* seguro. Como inaugurador dos estudos críticos exaustivos sobre a *GE*, António Solalinde continua a ser a referência sobre a descrição dos manuscritos, pese embora o labor crítico ter já descartado algumas das suas possibilidades de classificação estemática[413].

De entre todos, o manuscrito régio, A, transmite a maior porção de texto, uma vez que do códice apenas falta o correspondente ao último caderno – cerca de oito fólios. Segundo Solalinde, trata-se de um códice em pergaminho, redigido a duas colunas com cerca de 50 linhas, decorado principalmente a vermelho e azul. A letra gótica, característica da câmara régia, é bastante regular, e as anotações encontradas são apenas guias para os copistas[414].

Já outras características apresenta B, que abrange a matéria desde o *Génesis* até ao final do *Deuteronómio*. O manuscrito em papel conserva o texto em duas colunas de 30 a 43 linhas. A decoração limita-se à cor vermelha, com espaço em branco para as capitais ornamentadas mas sem numeração. Redigido em gótica redonda bastante regular, datará do século XV, partilhando as suas características paleográficas, o suporte e encadernação com os testemunhos N e S, da segunda e terceira partes. Neste caso, é interessante notar que o texto correspondente aos três últimos livros do Pentateuco

[412] FÉRNANDEZ-ORDÓÑEZ (2002: 42-54).
[413] Veja-se FÉRNANDEZ-ORDOÑEZ (2002: 42-54).
[414] SOLALINDE (1930: xxiv-xxviii).

não copia a *General Estoria* mas sim, com grande probabilidade, o antígrafo de uma *Bíblia* romanceada conservada no manuscrito I-I-8 RBME, não reproduzindo no entanto as grafias aragonesas deste testemunho. Ainda assim, B está em sintonia com A, muito embora não seja uma cópia direta[415]. Reproduzindo integralmente a matéria presente em B, C é comprovadamente uma cópia quinhentista desse testemunho[416].

Outras considerações oferece D, que apenas reproduz os livros correspondentes ao *Génesis*. Em letra do século XIV, terá sido redigido por dois copistas, contendo ainda uma abundante *marginalia* em letra posterior. O códice pergamináceo está redigido a uma coluna de 25 a 34 linhas. O tamanho dos fólios oscila, sendo mais curtos e estreitos os situados entre o fl. 65 e 90. Os títulos estão assinalados a vermelho, mas não é utilizada numeração nem caldeirões, sendo a decoração constituída por iniciais toscas a violeta e vermelho. Por conservar apenas o *Génesis*, apenas pode ser confrontado com A, B, E e F. Embora esteja em estreita relação com B, não pode ser uma cópia direta deste último porque por um lado é mais antigo, por outro D contém leituras exclusivas e B reproduz opções de A ausentes em D[417]. Tanto o manuscrito F como E, que já abordámos, revelaram-se irrelevantes para o presente trabalho de colação com os fragmentos TT por transmitirem um estado anterior a A, versão mais próxima dos fragmentos.

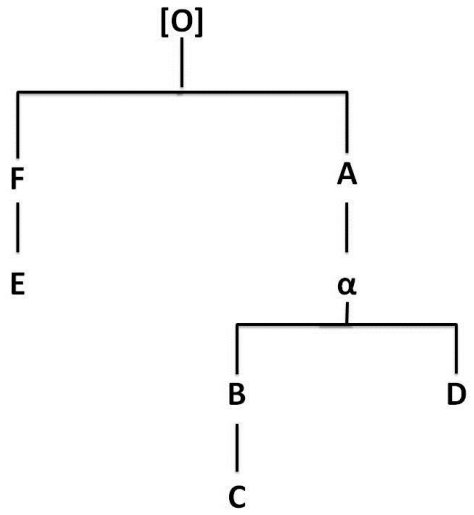
Contendo a quase totalidade do livro do *Êxodo*, G e G' apenas encontram paralelo com H, que também começa no *Êxodo* mas chega a atingir o final da primeira parte. Os dois testemunhos pertenciam a um mesmo códice em pergaminho e papel, escrito a duas colinas de 39 a 40 linhas, com caldeirões vermelhos e azuis, em escrita aragonesa clara e regular do século XV. As suas características gráficas são afins do manuscrito escurialense I.I.8, que preserva uma *Bíblia* romanceada[418].

O manuscrito H, por ter pertencido ao Marquês de Santillana, datará de antes de 1458, ano da morte do seu mandatário e proprietário. Redigido a duas colunas de 36 a 45 linhas sobre pergaminho e papel, com títulos a vermelho, é um códice refinadamente decorado[419].

---

[415] SOLALINDE (1930: xxviii-xxx).
[416] A descrição mais detalhada encontra-se em SOLALINDE (1930: xxx-xxxii).
[417] SOLALINDE (1930: xxxii-xxxiii).
[418] SOLALINDE (1930: xxxvi-xxxviii).
[419] SOLALINDE (1930: xxxviii-xli).

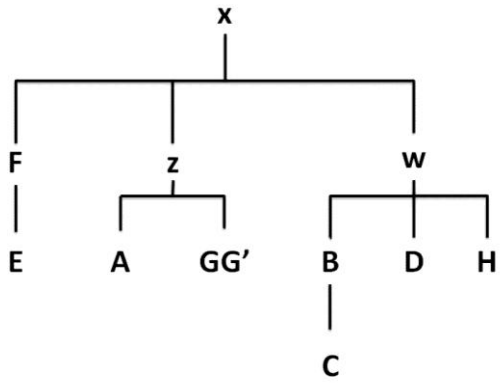
Através de uma análise exaustiva, Solalinde conclui que F, A e um antígrafo corrigido de que B e D seriam cópias descuidadas, designado como ω, derivariam de um mesmo manuscrito originário da câmara régia. Esta perspetiva foi descartada por Sánchez-Prieto Borja que assinala que o antígrafo de B e D não tem que necessariamente corrigir o original, podendo apenas corrigir A, uma vez que as variações não são suficientemente relevantes para postular um terceiro ramo. Se em 2001[420] e 2002[421] fora posta a hipótese de A ser uma cópia de uma correção do original (cópia essa paralela a F), atualmente o editor da primeira parte da *GE* considera que os processos de censura de que A dá conta poderão ter ocorrido imediatamente em A, sendo assim desnecessário postular uma versão intermédia[422]. Assim, e de acordo com Pedro Sánchez-Prieto, pelo menos para a primeira metade da *GE*, aponta-se esta relação:



Este *stemma* deixa contudo de fora os testemunhos que apenas incluem a metade final da primeira parte: G, G' e H. De facto, já Solalinde, que procura avançar com uma hipótese de sistematização das relações destes manuscritos mais problemáticos, dá conta da fragilidade da sua proposta[423]. Tendo em conta que G e H apenas transmitem a segunda metade da primeira parte, os dois únicos testemunhos com os quais se podem confrontar os manuscritos são os que incluem toda a primeira parte: A e B. Confrontando os quatro testemunhos, constata-se que A e G se podem

[420] SÁNCHEZ-PRIETO BORJA (2001).
[421] FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ (2002).
[422] SÁNCHEZ-PRIETO BORJA (2009: CXXVII-CVXXIII).
[423] SOLALINDE (1930: LXXV-LXXX).

agrupar contra B e H, sendo que todavia são detetadas ocorrências em que A e B se afastam de G e H ou em que A coincide com H e B com G. De acordo com o investigador espanhol, estas oscilações são incipientes, pelo que se torna possível avançar com o seguinte *stemma*:



Pedro Sánchez-Prieto abandona qualquer tentativa de integração de G e H num *stemma* precisamente pela consciência do caráter inseguro desta proposta.

2.3. A tradução da primeira parte: os fragmentos da Torre do Tombo

Descobertos por Avelino Jesus da Costa em 1949[424], os fragmentos portugueses da *General Estoria* não tiveram a fortuna editorial do testemunho F. De facto, não só a pequena extensão de texto mas também o mau estado de conservação dos testemunhos desencorajou a crítica, votando-os a um certo desinteresse.

Em 1956, Mário Martins redige um pequeno artigo[425] respondendo à dúvida colocada por Avelino Jesus da Costa, que hesitara entre a pertença dos fragmentos a uma tradução da *Historia Escolástica* de Pedro Comestor[426] ou à obra alfonsina. Mário Martins copia partes dos fragmentos, cerca de três colunas, de forma a dar prova da veracidade da sua descoberta.

Também Luís Lindley Cintra dedica algumas páginas[427] aos fragmentos, onde assinala que estes não pertencem à tradição de F, sem que no entanto seja editado o texto. Mais tarde, aquando da edição da tradução galego-portuguesa do século XIV, os fragmentos são referidos por Ramón Martínez López[428], que recorre à transcrição de Mário Martins[429] para comprovar as afirmações de Cintra.

A descrição paleográfica mais detalhada encontra-se na base de dados do BITAGAP[430], mas além da constatação da existência destes fragmentos a crítica não avançou para, pelo menos, uma transcrição[431] que permitisse elaborar uma análise mais aprofundada desta tradução portuguesa.

---

[424] COSTA, A. J. (1949).

[425] MARTINS, M (1956: 93-104). As transcrições encontram-se entre as páginas 95 e 99.

[426] A hipótese de Avelino Jesus da Costa não é de todo descabida, uma vez que existiam à data dois testemunhos de uma tradução para português da obra do autor francês: a *Bíblia de Alcobaça* e a *Bíblia de Lamego*. Da primeira obra apenas existe uma versão impressa datada de 1829 – ver SÃO BOAVENTURA (1829) e a reedição em NETO (1959), que o primeiro editor situa no início do século XIV. Já a *Bíblia de Lamego* datará dos finais do século XV, tendo sido editada por CASTRO, J. M. (1998). Existe também um fragmento da tradução datado do século XVIII, o ms. BPE CXXIII 1-8. Veja-se o artigo LEITE (2010).

[427] CINTRA (1999a).

[428] MARTÍNEZ-LÓPEZ (1963).

[429] MARTINS, M (1957).

[430] PHILOBIBLON, Bitagap: ManID 1495 (frag. 29, caixa 21 ANTT); ManID 1502 (frag. 30, caixa 21 ANTT); ManID 1501 (frag. 31, caixa 21 ANTT); ManID 1500 (frag. 32, caixa 21 ANTT). Após ter sido solicitada a reprodução digital dos fragmentos, estes passaram a estar disponíveis no *site* do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

[431] ASKINS, DIAS, SHARRER (2006: 93-124) indicam contudo a existência de uma proposta de estudo aprofundado e edição dos textos aquando da redação do seu artigo.

Os fragmentos, provindos do Cartório Notarial de Lisboa, conservam-se hoje na Casa Forte da Torre do Tombo, na caixa 21 com os números 29, 30, 31 e 32. Pertenceram muito provavelmente todos ao mesmo códice ou então a códices elaborados nas mesmas circunstâncias, uma vez que não se revelam grandes variações no suporte (pergaminho), tamanho dos fólios, apresentação do texto e tipo de letra. A letra e modos de execução apontam para o século XV, tendo várias vezes sido avançada a hipótese da tradução ter sido elaborada a mando de D. João I[432]:

«ruão que quis dizer çidadão segũdo que eu julguey ẽ hũ liuro antigo o qual foi trasladado em tẽpo do mui esforçado rey dom Johão da boa memorea o premeiro deste nome em portugal: por seu mãdado foy o liuro que digo escrito e esta no moesteiro de Pera longa: chamase estorea geral: no qual achei esta com outras anteguidades de falar.»[433]

Trata-se de quatro fólios com cerca de 525 x 300 mm, texto a duas colunas de 51 a 54 linhas em letra gótica bastante regular, com títulos a vermelho, caldeirões alternadamente a vermelho e azul e capítulos numerados. Existem capitais ornamentadas a azul e vermelho. O uso dos fragmentos como capas é bem notório não só pelo desgaste da parte que ficaria na lombada como pela profusão de anotações notariais em letra do século XVI em todos encontradas[434]. Apesar de, em maior ou menor grau, haver buracos e rasgões em todos os fragmentos, apenas o verso do fragmento 30 está totalmente ilegível, exceto os títulos.

Os fragmentos, a terem sido elaborados na primeira metade do século XV, terão caído em desuso ou desinteresse com relativa brevidade, uma vez que foram utilizados como capas para livros de notário, estando identificado um António Nogueira[435], nos ano de 1576[436], 1578[437] e 1586[438], ou seja, pouco mais de um século depois de terem

[432] A hipótese é apontada CINTRA (1999a) e reiterada por ASKINS, DIAS, SHARRER (2006: 96).

[433] FERNÃO DE OLIVEIRA (ed. 1933:75) *apud* MARTINEZ LÓPEZ (1963: XVI). A obra de Fernão de Oliveira encontra-se agora em formato digital no fundo da Biblioteca Nacional Digital – FERNÃO DE OLIVEIRA (1536)

[434] Além das anotações dos notários do século XVI, há a lápis e mesmo, aparentemente, a esferográfica, indicações sobre a origem dos fragmentos, em letra do século XX.

[435] Nome do notário registado no frag. 32.

[436] Data indicada no frag. 31.

[437] Frag. 29.

[438] Frag. 30.

sido copiados. Aliás, a ter sido o códice de onde foram retirados os fragmentos aquele que Fernão de Oliveira consultou, ainda mais surpreendente se torna a fortuna deste testemunho da obra alfonsina. Não obstante, a tradução parece ser bastante cuidada, com poucos erros ou saltos, havendo, para algumas passagens, a grande probabilidade de se ter procedido a resumos ou reescritas mais breves do texto castelhano.

A serem catalogados pela ordem a que pertencem na estrutura da *GE*, o primeiro seria o fragmento 30, que transmite matéria do primeiro livro, capítulos IV a VII, correspondendo ao *Génesis*. Trata-se da queda do paraíso pelo par primordial e subsequente formação da linhagem humana. Se o *reto* do fólio está relativamente legível, do verso apenas se distinguem os títulos: «Dos custumes de Caym *e* de Abel» e «De como matou Caym a Abel».

Ainda dentro do *Génesis*, surgiria a história de Abraão e do seu sobrinho Lot, conservada no fragmento 32, cujos frente e verso deveriam ser invertidos para dar conta da ordem correta do texto. Apesar da relativa legibilidade, os danos provocados pelo uso do pergaminho como encadernação impedem a leitura de parte considerável de 32r.

Acompanhando a ordenação apontada na *GE*, encontrar-se-ia em seguida o fragmento 29, correspondente aos capítulos XXXIV a XXXVII *inclusive* do livro sétimo, também ainda na secção correspondente ao *Génesis*. Traduzem-se as considerações sobre o trívio e o quadrívio, a descrição de cada arte e o surgimento da música. Ao abranger matéria que pertence ao núcleo não bíblico da *GE*, este fragmento dá conta de uma tradução integral, afastando-se por isso de qualquer hipótese de afinidade com tradições de transmissão parcial da *GE*[439]. Apesar de alguns buracos, o manuscrito é bastante legível. O fólio foi cortado a meio de uma das colunas, mas ainda assim a reconstituição do texto não é totalmente impossível. Porém, nota-se que em alguns momentos a matéria correspondente aos espaços danificados é bem mais extensa em todos os testemunhos castelhanos, o que pode indicar ou saltos ou, eventualmente, algumas tentativas de resumo do extenso texto castelhano. Tal hipótese não é de

[439] Este fenómeno de cópias parciais da *GE* em castelhano ocorre para as terceira e quinta partes, o que coloca severos problemas aos editores. Veja-se SÁNCHEZ-PRIETO BORJA (2009a) e TRUJILLO BELSO (2009) e id (2009a: XIII-CXXXVIII).

desconsiderar se tivermos em conta que semelhante estratégia ocorre por vezes no fragmento 32, conforme será explanado adiante.

Por último, o fragmento 31 dá conta da extensão desta tradução, que efetivamente cobriria toda a primeira parte: a matéria corresponde ao décimo primeiro livro, pertencente já à secção que traduz o *Êxodo*, capítulos VIII a XIII *inclusive*, sobre as circunstâncias do nascimento de Moisés e o culto egípcio ao boi Ápis.

2.4. Os fragmentos portugueses confrontados com as cópias castelhanas

Para compreender qual a relação que a tradução portuguesa estabelece com os testemunhos castelhanos existentes, e considerando o reduzido *corpus* de trabalho, a análise feita debruçou-se sobre cada linha dos fragmentos, tentando detetar quando havia semelhanças e desacordos com os textos em castelhano. O acordo e desacordo entre testemunhos foi contabilizado, notando-se a tendência para uma maior aproximação ao manuscrito A.

No entanto, a contabilização acrítica dos dados não dá conta da efetiva aproximação da tradução a um manuscrito ou famílias de manuscritos. Se excluídas as divergências provocadas por eventuais erros de leitura, saltos evidentes ou mesmo pela liberdade concedida ao tradutor, que se afasta muitas vezes dos testemunhos castelhanos oferecendo lições diferentes, o número de *loci critici* efetivamente relevantes decai consideravelmente. Neste sentido, e tendo em mente os perigos ocultos por trás da triagem do que serão ou não erros significativos, optou-se por trazer à colação as passagens onde a tradução apenas coincide com um ou dois dos testemunhos, deixando de parte os *loci* que apresentam discordâncias com todos os manuscritos castelhanos. No entanto, em anexo apresentam-se as transcrições integrais que permitem conferir as diferenças e semelhanças entre os fragmentos e os testemunhos castelhanos colacionados.

2.4.1. Fragmento 29

A avaliação linha a linha do fragmento 29 permitiu constatar uma efetiva proximidade com A em detrimento de B e D. Em 207 *loci critici*, A coincide 125 vezes com 29, enquanto B coincide 110 e D, 114. Relevam para a análise os seguintes *loci critici*, organizados por lições específicas de A, B e D separadamente e concordâncias com B e D contra A.

Ao contrário do que acontece com o fragmento 29, cuja matéria legível é mais extensa, do fragmento 30 notam-se poucas diferenças relativamente às lições que cada testemunho castelhano oferece. Por outro lado, detetam-se divergências entre o texto na língua de partida e o português, resultado de opções de tradução. Dos 112 *loci* analisados, A coincide com 30 por 53 vezes contra as 47 concordâncias de B e as 43 de D. No caso de D, note-se que 3 *loci* não puderam ser confrontados devido aos buracos no manuscrito castelhano. Apesar de estatisticamente haver maior concordância com A, são poucos os casos em que 30 concorda exclusivamente com A contra as lições de B e D, além de que existe uma ocorrência em que B e D oferecem uma versão mais próxima do português.

29 = A ≠ B e D

Os primeiros casos apresentados dão conta de acrescentos exclusivos provavelmente já presentes no arquétipo de B e D.

1) E ally lyam os mees[tres] (rI, 9)

A. e allí leyén los maestros
B. y alli leya*n* todos los maestros
D. *e* alli leya*n* todos los m*aestres*

2) [aqu]elo de q*ue* douidaua (rI, 13)

A. aquello de que dubdavan

B. aq*ue*llas cada vno de que dubdaua*n*

D. aq*ue*llos cada vno de q*ue* dubdaua*n*

3) zõoes. A P*ri*m*eir*a<...>

A. [ra]zones: la una

B. [Ra]zones y lo otro (salto)

D. [rra]zones *e* la ot*ra* (salto)

Nos dois casos que se seguem, repare-se que a omissão de «se» ou «muy bien» é comum a B e D.

4) que se lyam em esta (rI, 27)

A. que se leyén en esta

B. q*ue* leyen en esta

D. *que* leyen en esta

5) muy bem todo o (rI, 34)

A. muy bien todo el

B. todo el

D. todo el

5) E pore*m* deuia*m* dhr p*ri*meiras em a hordem (rII, 22)

A. onde devién ir primeras en la orden

B. Onde deuen yr primeras en la horden

D. onde deue*n* yr p*ri*m*er*as en la orden

Na ocorrência seguinte, não parece ser uma coincidência a ordem das palavras ser comum em A e no fragmento:

6) Ahy u*m*a he q*uan*tidade partida *e* pensada por (vI, 4)

A. la una es cuantía partida e asmada por

B. la vna es q*ua*ntia asmada y departida por

D. la vna es quantia asmada *e* dep*ar*tida por

7) tornasse aa quantidade delle para fazer ca*n*/to cumprido por uozes (vI, 34-35)

A. tórnase a la cuantía d'él pora fazer canto cumplido por bozes

B. tornase a la q*ua*ntia conplida p*or*a fazer cantos del por bozes

D. torrnase a la q*ua*ntia co*m*plida p*or*a fazer ca*n*to del por bozes

8) maneyras q*ue* ha em o canto (vI, 38)

A. maneras que á en el canto

B. naturas q*ue* en el canto ay

D. nat*ur*as *que* en *e*l ca*n*to a

9) aco*n*teçeu assy como co*n*ta(...)em*o*s De como os gregos achar*om* a musica et a sua natura XXXVII (vI, 44-46)

A. conteció assi como contaremos aquí. XXXVI De cómo fallaron los griegos la natura de la música

B. contesçio asy como contaremos aq*ui* [e]n esta çibdad de athenas nasçio el Rey jupiter como es ya dicho ante desto y allj estudio y aprendio y tanto q*ue* sopo muy bien todo el triujo y todo el quadriujo q*ue* son las siet*e* artes a q*ue* llama*n* liberales por las Razones q*ue* vos contaremos adelante. De como fallaro*n* los griegos la natura de la musica

D. contesçio ansy como co*n*taremos aqui (e)nesta çibdad de atenas nasçio el Rey Jupit*er* como es ya dicho a*n*te desto Et alli estudio *e* aprendio y tudo q*ue* sopo muy bie*n* todo el t*ri*uio *e* todo el q*ua*druujo *que* son las siet*e* artes a q*ue* llama*n* liberal*es*

por las rrazon*es* *que* vos contaremos adelant*e* de como fallaron los griegos la natura de la musica

10) antressi. E disse (vII, 6)

A. entre sí, e dixieron
B. otrosy y dixeron
D. ot*ro*si *e* dixiero*n*

Embora o fragmento esteja cortado, percebe-se que a palavra de que apenas temos as primeiras letras seria «olharam», o que equivale à versão «cataron» de A.

11) fallando desto. Olly<...> (vII, 8)

A. fablando d'esto cataron
B. catando en esto vieron
D. cata*n*do en *e*sto viero*n*

29 = A e B ≠ D

Os dois casos selecionados manifestam erros de leitura de D contra os outros testemunhos castelhanos:

1) E desta q*ua*ntidade he a p*ri*m*ei*ra das quatro (vI, 6)

A. e d'esta cuantía es la primera de las cuatro
B. E desta qua*n*tia es la primera de las quatro
D. Et desta guisa es la p*ri*m*e*ra d*e* las q*ua*tro

2) matou ally em o ma (vII, 16)

A. mató allí en la ma[r]

B. mato allj en la ma[r]

D. mas alli en la ma[r]

29 = A e D ≠ B

Tal como nos casos em que A e D coincidem com 29 contra B, tal parece provir de erros de escrita deste manuscrito em particular.

1) som todas de emtedime*n*to et demo*n*stramento (rII, 20-21)

A. son todas de entendimiento e de demostramiento

B. son todas de entendimjentos y de demostramje*n*tos

D. so*n* todas de ente*n*dimie*n*to *e* de demostramie*n*to

2) q*ue* as uozes *e* q*ue* os nomes dellas (rII, 30)

A. que las vozes e que los nombres d'ellas

B. q*ue* las bozes y q*ue* los nombres dellos

D. q*ue* las boçes *e* q*ue* los no*m*bres dellas

3) deujam dhr p*ri*meiras (rII, 34-35)

A. devrién ir primeiras

B. deuja*n* yr p*ri*mero

D. deuia*n* yr p*rime*ras

4) E estas quatro fazem o home*m* sabedor (rII, 42-43)

A. e estas quatro fazen sabio ell omne

B. E estos quatro faze*n* sabio al onbre

D. Et estas q*ua*tro faze*n* sabio al om*n*e

29 = B e D ≠ A

1) onrrado segundo sua (rI, 7)

A. onrado por su

B. honrrado segu*n*t su

D. onrrado segu*n*t su

2) <...>uydaua*n* em muytas (rI, 11)

A. cuidaran y en muchas

B. cuydauan en muchas

D. cuydaua*n* en muchas

Esta ocorrência merece alguma atenção. Isto porque, apesar de 29 discordar de B em «primeiras»/«primero», deve sublinhar-se a concordância de tempos verbais de 29 com B e D, que utilizam o pretérito imperfeito do indicativo em vez de uma forma do condicional, como A. É, de resto, interessante como também no caso precedente e no caso posterior a 3) a concordância de 29 com B e D se prende com formas verbais.

3) deujam dhr p*ri*meiras (rII, 34-35)

A. devrién ir primeiras

B. deuja*n* yr p*ri*mero

D. deuia*n* yr p*ri*me*r*as

4) mo*n*s/tra a q*ua*ntidade dos pontos (vI, 32-33)

A. muestran las cuantías de los puntos

B. muestra la q*ua*ntia de los pu*n*tos

D. muestra la q*ua*ntia de los pu*n*tos

5) os instrume*n*tos do cantar *e* a arte da musica (vI, 41-42)

A. los estrumentos de la música
B. los estrumentos del cantar y el arte de la musica
D. los estrume*n*tos de ca*n*tar Et el arte de la musica

Este caso suscita algumas interrogações, já que poderia tratar-se de uma simplificação por parte do tradutor; porém, não podemos ficar indiferentes à similaridade com B e D.

6) em grego augua (vII, 29)

A. en la fabla de los griegos como agua
B. en griego como agua
D. en gr*ie*go como ag*ua*

Não foram detetados casos de concordância exclusiva com B nem com D, confirmando-se no entanto a tese de António Solalinde que assinala que D é uma versão mais cuidada do que B, já que alguns dos erros em B são provocados por uma má cópia.

Outras especificidades: opções de tradução e saltos em 29

Esta ocorrência poderá resultar de um salto do mesmo ao mesmo, embora, como não há perda de sentido, também é de considerar uma simplificação do texto intencional.

1) mas porq*ue* esto no*m* se pode fazer menos de do*us* por se falar ve*r*dade c*om*p*ri*dame*n*te (rII, 6-7)

A. mas porque esto non se puede fazer menos de dos, ell uno que demande e ell otro que responda, pusiéronle nombre dialética, que muestra tanto como razonamiento de dos por fallarse la verdad complidamientre

B. mas por q*ue* esto no*n* se puede fazer menos de dos el vno q*ue* demanda y el otro q*ue* responda posiero*n* le nonbre dialetica q*ue* muest*ra* tanto como rrazonamjento de dos por fallarse la berdat co*m*plidamente

D. mas por *que* esto no*n* se puede faz*er* menos de dos el vno *que* dema*n*da *e* el ot*ro* *que* rresponda pusiero*n* le no*m*bre dialetica *que* muestra ta*n*to como rrazonamie*n*to de dos por fallar se la *ve*rdad conplidame*n*te

2) razoame*n*to fe*it*o por palauras fermosas *e* apostas *e* bem razoadas *e* ordenadas (rII, 12-14)

A. razonamiento fecho por palabras apuestas e fermosas e bien ordenadas

B. rrazonamjento fecho por palabras apuestas y fermosas y bie*n* hordenadas

D. rrazonamje*n*to fecho por palab*ra*s apu*e*stas fe*r*mosas *e* bie*n* ordenadas

Este caso é semelhante ao primeiro apresentado, podendo suscitar as mesmas dúvidas. Parece contudo que há uma verdadeira intenção de simplificação do texto por parte do tradutor, especialmente em lugares onde, como aqui, as versões castelhanas são mais difíceis de compreender.

3) taaes q*ua*ntidades som q*ue* cada parte dellas pode home*m* dizer sobressy VI, hu*m*m *e* tres cada huu*m* por ssi. E assy de todollos outros (vI, 11-13)

A. tales cuantías son que cada parte d'ellas puede omne en su cabo dezirsela a sí sin las otras. Onde puede omne dezir muy bien seis en su cabo, e lo uno en el suyo, e tres en el suyo e assí de todos los otros

B. tales quantias son q*ue* cada part*e* dellas puede onbre a sy dezjr syn las otras

onde puede onbre bie*n* dezjr seys en su cabo y vno enel suyo y tres en el suyo y asy todos los otros

D. tal*es* *qua*ntias son *que* cada p*ar*te de*l*las puede om*n*e asi dez*ir* sin las ot*ra*s onde puede om*n*e dezir bien seys en su cabo *e* vno en *e*l suyo *e* tr*e*s en *e*l suyo *e* asi de todos los ot*ro*s

Este é um dos casos comuns nos testemunhos de traduções da *GE* para galego-português: a omissão do nome da língua para a qual se verte do castelhano. Contudo, é interessante que já para a língua dos gregos – como designa a *GE* – se atribua explicitamente o nome «grego». Mais adiante encontraremos uma exceção a esta omissão do nome da língua – o galego-português. É curioso que também na tradução conservada em F nunca haja uma transposição de «castelhano» para «galego».

4) E ao q*ue* nos chamamos em nosso linguage*m con*ta chamasse em grego aris. E ao q*ue* nos chamamos carreira chama*m* os gregos metos. Dis Huguicio (vI, 22-25)

A. La que nós dezimos cuenta en nuestro lenguage de Castiella llámanlo los griegos aris, e a lo que nós llamamos carrera dizen ellos metos. E d'estas palabras griegas aris e metos departe Hugucio
B. E a lo q*ue* nos dezjmos cuenta en n*os*tro lenguaje de Castilla llama*n*le los griegos aris y a lo q*ue* nos dezjmos carrera dizen ellos motes. E destas palabras griegas aris y motes departe Hugujciojo
D. *e* a lo *que* nos dezimos cue*n*ta en n*ost*ro lenguaje de Castilla llama*n* le los g*ri*egos aris *e* a lo *que* nos dezimos carrera dize*n* ellos metas. Et destas palab*ra*s g*ri*egas aris *e* metas dep*ar*te Huguioyo

Neste ponto, o tradutor tornou mais claro o texto designando Jubal como neto de Caim.

5) ante desto que Jubal, filho de Lamec neto de Caym *e* de Ada sua molher (vI, 39-40)

A. ante d'esto que Jubal, fijo de Lamec el de Caín e de Adda su muger
B. ant*e* desto q*ue* Jubal, fijo de Lamec el de Caym y de adda su muger
D. ant*e* desto *que* Jubal, fiio de Lamec el de Caym *e* de Adda su mug*er*

6) De como os gregos achar*om* a musica et a sua natura XXXVII. Os gregos husar*om* p*ri*m*eiro* q*ue* outros homee*n*s de antar muyto sobre ma*r* (vI, 45-48)

A. XXXVII De cómo fallaron los griegos la natura de la música. Los de Grecia començaron primero que otros omnes a usar de andar mucho sobre mar

B. De como fallaro*n* los griegos la natura de la musica [l]os de Greçia començaron primero q*ue* otros onbr*e*s a vsar andar mucho sobr*e* mar

D. de como fallaron los griegos la natura de la musica (l)os de Greçia come*n*çaro*n* p*ri*me*r*o *que* ot*ro*s om*ne*s a vsar andar mucho sobre mar

7) soo*m* ouuisse em lug*a*r (vII, 6)

A. son tan dulce oyesse en logar

B. son tan dulçe oyese en logar

D. son ta*n* dulçe oyese

É extremamente arriscado tecer grandes considerações sobre esta passagem, tão corrompida no pergaminho. Porém, parece dar-se o caso de o tradutor resumir o texto castelhano, tal como já se verificou anteriormente. O mesmo ocorre com os casos seguintes, onde se levantam dúvidas sobre a possibilidade de saltos na cópia ou um processo de síntese do texto, já que a parcela de texto castelhano é consideravelmente mais extensa do que a que caberia no intervalo equivalente do texto traduzido.

8) boroso *e* forosse aq*ue* <...> sse aaq*ue*lla pen*n*a <...>oo*m* sabor muy grande <...> sayo de suppito huu*m* <...> (vII, 11-14)

A. sabroso, e cogiéronse e fueron pora allá cuanto más pudieron e llegáronse a la peña. E ellos estando assí como desventados con muy grand sabor del canto tan dulce que oýen salió a desora un tan grand

B. sabroso y cogieron y fueronse para alla quanto mas podiero*n* y llegaro*n*se a la peña. E ellos estando asy como desayentados co*n* muy grant*e* sabor del canto q*ue* oyen sabio adesora vn ta*n* grant*e*

D. sabroso *e* cogiero*n* *e* fuero*n* se p*or*a alla q*ua*nto mas podiero*n* *e* llegaro*n*se a la peña Et ellos estando ausi como desue*n*tados co*n* muy grand*e* sabor d*e*l ca*n*to *que* oyen sallio adesora vn ta*n* gra*n*d

9) nho muy sotil *e* delles entrar (vII, 22)

A. [enge]ño muy sotil e muy fuerte en que pudiessen entrar muchos d'ellos
B. [enge]njo de maderos muy sotil y muy fuerte en q*ue* podiesen entrar muchos dellos
D. [enge]ño de maderos muy sotil *e* muy fue*r*te en q*ue* pudiese*n* entrar muchos d*e*llos

10) ro*m* aa pedra <…> treitos E huum <...> soo*n*s de arade<…> folhe esta <...> em grego augua <...> em grego E em <…> pem este

A. pararon mientes a la piedra, e vieron cómo era cavada dedentro, e avié en ella siete forados abiertos fechos a grados, los unos anchos, los otros más angostosos, e los unos altos e los otros baxos, e eran fechos de grado en grado. E vieron otrossí cómo entravan los vientos en ell agua del mar, e salié por aquellos forados, e fazién aquellos sones tan dulces. E allí aprendieron ellos ell arte de la música, e ý fallaron las siete mudaciones d'ella complidamientre. E porque la aprendieron por viento e por agua pusiéronle este nombre moys, ca esta palabra moys tanto quiere dezir en la fabla de los griegos como agua en el nuestro lenguage de Castiella, e sicox en el suyo tanto como viento en el nuestro.
B. pararo*n* mjentes a la piedra y vjero*n* como era toda cauada de dentro y avia en ella syete forados abiertos fechos a grados, los vnos anchos y los otros mas angostosos y los vnos altos y los otros baxos y era*n* fechos de grado en grado y vjero*n* otro sy como entrauan los vjentos en el agua del mar y salie por aq*ue*llos forados y fazje*n* aq*ue*llos sones tan dulçes. Y allj aprendiero*n* ellos el arte de la musica y allj fallaron las syete mudaçiones della conplidame*n*te y porq*ue* la apre*n*diero*n* por vjento y por agua posiero*n* le este nonbre moys, ca esta palabra moys tanto q*ui*ere dezjr en griego como agua en *e*l n*uest*ro lenguaje de Castilla, e xicos en el suyo tanto como vjento en el n*ost*ro

D. pa*ra*ro*n* mie*nt*e*s* a la piedra *e* viero*n* como era toda cauada de dent*ro e* auia en *e*lla siet*e* forados abie*r*tos fechos a grados los vnos anchos *e* los ot*ro*s mas angostos *e* los vnos altos *e* los ot*ro*s baxos *e* era*n* fechos de grado en grado *e* viero*n* ot*ro*si como entraua*n* los vientos en *e*l agua del mar *e* sallie por aq*ue*llos forados *e* fazie*n* aq*ue*llos son*e*s ta*n* dulçes. *E* alli ap*re*ndiero*n* ellos el arte de la musica *e* y fallaro las siet*e* mudaçon*e*s della conplidame*n*te *e* porq*ue* la ap*re*ndiero*n* por vie*n*to *e* por agua pusiero*n* le este no*m*bre moys, ca esta palab*ra* moys ta*n*to q*ui*ere dezir en g*ri*ego como ag*ua* en *e*l n*ost*ro lenguaje de Castiella, e xicos en *e*l suyo ta*n*to como vie*n*to en *e*l n*ost*ro.

2.4.2. Fragmento 30

Ao contrário do que acontece com o fragmento 29, cuja matéria legível é mais extensa, no fragmento 30 notam-se poucas diferenças relativamente às lições que cada testemunho castelhano oferece. Por outro lado, detetam-se divergências entre o texto na língua de partida e o português, resultado de opções de tradução. Dos 112 *loci* analisados, A coincide com 30 por 53 vezes contra as 47 concordâncias de B e as 43 de D. No caso de D, note-se que 3 *loci* não puderam ser confrontados devido aos buracos no manuscrito castelhano. Apesar de estatisticamente haver maior concordância com A, são poucos os casos em que 30 concorda com A contra as lições de B e D.

30 = A ≠ B e D

Neste caso, a concordância entre 30 e A dá-se pelo emprego dos mesmos tempos verbais. Porém, é interessante notar as omissões presentes em 30, que oferece um texto mais reduzido. A opção «mando» poderá ser uma leitura errónea de «marido».

1) os e*n*ganara e a Eua porq*ue* a a escutara *e* co*n*sselhara *e* o mando e a elle porq*ue* o comera. Lançou os logo do parayso (rI, 1-4)

A. los engañara, e a Eva porque la escuchara e lo consejara al marido, e a él porque lo comiera e lo croviera. E echólos luego de paraíso
B. porque los engaño, y a Eua porque los escuchara y lo consejara al marido y a el porq*ue* lo creyera y lo comera. E echolos de parayso
D. por*que* los engan*ar*a *e* a Eua por*que* los ascuchara *e* lo co*n*seiara al marido *e* a el porque lo crouie*r*a *e* lo comj*er*a *e* echolos [de para]yso *que* los engan*ar*a *e* a Eua por*que* los ascuchara *e* lo co*n*seiara al marido *e* a el porque lo crouie*r*a *e* lo comj*er*a *e* echolos [de para]yso

30 = A e B ≠ D

Os casos em que D diverge de todas as outras versões colacionadas deve-se, sobretudo, ao que se pode identificar como erros de cópia, como saltos ou más leituras do antígrafo.

1) lançado do parayso. E enuyou os ambos a Ual de Ebrom, honde fora fe*it*o Adam, *e* aa terra onde fora formado que laurassem *e* uiuessem hy. E quando os lançou do parayso deu llxe hu*m*as pellicas (rI, 8-12)

A. echado de paraíso. E enviólos a amos en uno a val de Ébron, ó fuera fecho Adam, a la tierra donde fuera formado, que labrassen e visquiessen ý. E cuando los echava del paraíso dioles unas pelliças
B. echado de parayso. E enbiolos a amos en vno a Val de Ebron do fuera fecho Adam a la t*ie*rra donde fuera formado q*ue* labrasen y biujessen y. E q*ua*ndo los echaua del parayso dioles vna*s* pelliças
D. echado del parayso dioles vnas p[e]ll[ica]s

2) <...>zem que em aquelle lançame*n*to do paraiso (rI, 20)

A. Dizen que en aquella echada del paraíso
B. Dize*n* que en aq*ue*lla echada del parayso
D. dize q*ue* e*n*n aq*ue*lla echada del parayso

3) otras casas en *nom* em as couas

A. otras casas si non en las cuevas
B. otras casas sy no*n* en las cueuas
D. otras cosas sy no*n* en las cuevas

4) em hu*m*a gr<...> boa coua que hy acharom (rI, 41)

A. en una grand cueva e buena que fallaron ý
B. vna gra*n*t cueua y buena q*ue* fallaro*n*

D. en vna gra*n*d cueua e gra*n que* fallaro*n* y

5) No*m* o diz Moysem ne*m* nos <...> o achamos (rII, 50-51)

A. non lo dize Moisén nin nós non lo fallamos
B. no*n* lo dize Moysen nj*n* nos no*n* lo fallamos
D. no lo dize*n* Moysen nj*n* nos no*n* lo fallamos

30 = A e D ≠ B

Os mesmos fenómenos de divergências detetados acima parecem repetir-se quando se estabelecem os *loci* onde todos os testemunhos concordam contra B.

1) porq*ue* os e*n*ganara (rI, 1-2)

A. porque los engañara
B. porque los engaño
D. por*que* los engan*ar*a

2) Ca diz em este lugar (rI, 5)

A. Ca diz en este logar
B. E dize en este logar
D. Ca dise*n* e*n* este lugar

3) do que laurassem pam (rI, 45)

A. con que labrassen por pan
B. con q*ue* labrase pan
D. com q*ue* labrasen pan

30 = B e D ≠ A

O único caso no fragmento 30 em que este coincide com B e D contra A é a opção pela designação «gerações» em vez de «gentes».

1) Das geeraçõoes de Adam (rII, 9)

A. De las gentes de Adam
B. De las generaçiones de Adam
D. de las generaçion*e*s de Adam

Outras especificidades: opções de tradução e saltos em 30

Aqui omitiu-se o verbo «crer», que surge – embora em ordens diferentes na frase – em todas as versões castelhanas.

1) e a elle porque o comera. Lançouos logo do parayso (rI, 3-4)

A. e a él porque lo comiera e lo croviera. E echólos luego de paraíso.
B. y a el porq*ue* lo creyera y lo comera. E echolos de parayso
D. a el porque lo crouie*ra e* lo comj*era e* echolos <...>yso

É possível que a construção sintática «maneira e caminho» vise corrigir uma primeira redação errada de «carreira», já que este termo aparece em outros lugares na tradução. Também se deve sublinhar a inserção, para maior especificação, do termo «terreal».

2) foro*m* em cuydado de buscar maneira *e* caminho de se tornar aaquelle parayso terreal (rI, 49-49)

A. fueron en cuidado de meterse a buscar la carrera e tornarse de cabo a aquel paraíso

B. fueron en cuydado de meterse a buscar la carrera y tornarse de cabo a aquel parayso
D. fuero*n* en*n* cuidado de meterse a buscar la carrera *e* tornarse de cabo a aq*ue*l parayso

3) entrassem outra uez *e* comessem daquelle fruyto da aruor do bem e do mal nom de<…> D*eu*s. E pos D*eu*s na <…> hu*m*a espada de fogo (rI, 52-rII, 3)

A. entrassen de cabo e de la fruta de aquel árvol de saber el bien e el mal comiessen [numca después podrién morir, e esto non querié] Dios, puso él en la [entrada del paraíso un ángel con] una espada de fuego
B. entrase*n* de cabo y de la fruta de aquel arbol de saber el bie*n* y el mal comjesen nunca despues podrie*n* morir y esto no*n* q*ue*rie Dios. Puso El a la entrada del parayso vn angel con vna espada de fuego
D. ent*ra*sen de <...> *e* de la fruta de aq*ue*l arbol de saber el bie*n* *e* el mal comiesen nu*nc*a despues podrie*n* morir *e* esto no*n* q*ue*rie Dios, puso El en la ent*ra*da del parayso vn a*n*gel con vna espada de fuego

Interessante a versão do fragmento, que prefere enfatizar a palavra divina – mandar – em vez da sua ação – fazer, como ditam os testemunhos castelhanos.

4) se o D*eu*s no*m* mandasse (rII, 4)

A. si Dios lo non fiziés
B. sy Dios lo no*n* fiziese
D. sy Dios lo no*n* fizies

5) diremos adiante (rII, 9)

A. diremos agora
B. diremos agora
D. diremos agora

6) fazer seus filhos et ueerom a esto desta g*ui*sa (rII, 13)

A. fazer sos fijos. E vinieron a la razón d'ello d'esta guisa
B. fazer sus fijos y vinjero*n* a la rrazon dello desta guisa
D. a fazer sus fijos *e* vinieron a la razon d*e*llo desta guisa

7) muy asperos <…> *e* maaos po*r* penas montes *e* aug<...> (rII, 22-22)

A. muy asperos [e muy traviessos] e muy malos por peñas e montes e ag[uas]
B. muy asperos [muy traujesos] y muy malos por peñas y mo*n*tes y ag[uas]
D. muy asperos [muy t*ra*ujesos] *e* muy malos por peñas *e* mo*n*tes *e* ag[uas]

Esta divergência é fundamental para que possamos determinar a tradução preservada nos fragmentos TT como portuguesa: aqui, o tradutor afirma perentoriamente a língua para a qual verte do castelhano: «portugues», o que é uma inovação em relação à generalidade das ocorrências de tradução de sintagmas que referissem a língua de Afonso X para galego-português. Como acima fizemos notar, em F este fenómeno nunca sucede, e mesmo nos fragmentos é único. Porém, permite-nos denominar esta como sendo a tradução portuguesa – pois o texto assim o afirma – da *General Estoria*.

8) *e* poserom lhe nome Caym. E segundo diz Ramiro e*m* a Declaraço*m* da Bibria tanto q*ue*r dizer em nosso ly*n*guajem portugues como herdamento (rII, 34-37)

A. e pusiéronle nombre Caín. E Caín, assí como dize Ramiro en los Esponimientos de la Biblia, tanto quiere dezir en el nuestro lenguage de Castiella como heredamiento
B. y pusiero*n*le no*m*bre Cayn y Cayn, asy como dize Rramjro en los Esponjmjentos de la Briuja, tanto q*ui*ere dezjr en el n*ost*ro lenguaje de Castilla como heredamjento
D. pusiero*n*le no*m*bre Caym et Caym, asi como dize Ram[...] en los Esponimie*n*tos d*e* la Blibia tanto *qui*ere dezir en *e*l n*ost*ro lenguage*n* de Castiella como heredamie*n*to

No âmbito de uma certa latinização da língua que se verifica a partir do início do século XV[440], é curioso notar que «conviene a saber» é substituído na tradução por uma abreviatura latina, «.s.», com o significado de *scilicet*.

9) segu*n*do conta o quarto cap*i*t*ul*o do genesy: Herdey home*ns* .s. por D*eu*s. E naçeu a Adam *e* Eua de huu*m* parto hu*m*a filha (rII, 38-40)

A. Assí como cuenta el cuarto capítulo del Génesis: - Herede omne (e conviene a saber que por Dios). E nació a Adam e a Eva con Caín d'un parto una fija
B. asi como cuenta el q*ua*rto capitulo del genesis: herede onbre, conujene a saber q*ue* por Dios. E nasçio a Adan y Eua con Cayn de vn parto vna fija
D. ansy como cue*n*ta el q*ua*rto capitulo del genesis: herede home, co*n*uje*n*n a saber q*ue* <...> Dios *e* nasçio a Adam *e* Eva con Cayn de vn p*ar*to vna fija

10) posto quesse faziam a eua muyto d*os* filhos cada ayr aas suas tetas. E como q*ue*r que diz<…> algu<…> estereadores que Adam *e* Eua fezerom outros filhos (rII, 46-49)

A. peró que se fazién a Eva mucho dos fijos a ora a sus tetas. E comoquier que dizen algunas de las estorias que Adam e Eva otros fijos fizieron
B. pero que se fazjen mucho a Eua dos fijos a ora a sus tetas. E como q*ui*er que dize*n* algunas de las ystorias q*ue* Adam y Eua q*ue* otros fijos fizjero*n*
D. p*er*o *que* se fazie*n* mucho a Eva dos fijos a hora a sus tetas. Et como q*ui*er *que* dize*n* algu*n*as d*e* las estorias q*ue* Adam *e* Eva q*ue* ot*ro*s fijos fizieron

[440] Sobre este processo interessa em especial o artigo de CASTRO, I (1993).

2.4.3. Fragmento 31

O fragmento 31 é o que maior complexidade apresenta, uma vez que, pertencendo ao décimo primeiro livro da primeira parte, requer o confronto com dois manuscritos – G e H – de classificação instável. Uma vez que o testemunho D não comporta esta parte, foram trazidos à colação A, B, G e H. Muito embora H já seja datado de meados do século XIV, e provavelmente os fragmentos de que dispomos sejam do reinado de D. João I, optou-se por recorrer a este testemunho de forma a avaliar se a tradução pertence à mesma família de manuscritos que este testemunho mais tardio. Novamente nota-se a proximidade com A, embora existam lições apenas existentes nos outros testemunhos, o que novamente exclui a hipótese de uma tradução direta de A: dos 206 *loci critici* avaliados, 31 concorda por 127 vezes com A, 122 vezes com B, 128 vezes com G e com H, 123.

Não foram encontradas ocorrências em que B e G concordassem com as lições de A e H, nem tão-pouco de B e H ou G e H contra A e G ou A e B, respetivamente. Com efeito, detetam-se sempre três lições iguais a 31 contra uma divergente ou o inverso, apenas um testemunho apresentar a mesma matéria que a tradução portuguesa contra os outros 3. Se as três lições iguais a 31 dão conta de uma leitura errónea por parte do manuscrito divergente, o inverso permitiria estabelecer aproximações caso houvesse alguma segurança no que à relação entre testemunhos desta parte diz respeito. Seja como for, dá-se conta desses casos que fazem com que 31 oscile entre A, B e G.

31 = A, G e H ≠ B

A generalidade das divergências de todos os testemunhos contra B prende-se com leituras erradas exclusivas deste manuscrito.

1) morressem mas aas femeas q*ue* lhes no*m* fezesse*m* (rI, 3-4)

A. muriessen mas a las niñas que les no fiziessen
B. muriesen y a las njñas q*ue* las no*n* fizjese*n*
G. muriesse*n* mas a las njñas q*ue* les no*n* fiziesse*n*

H. muriesen mas a las njñas q*ue* les no*n* fiziesen

2) q*ue* tynham emsynados de (vI, 20-21)

A. que tenién enseñados los sacerdotes
B. q*ue* tenja*n* bezados los saçerdotes
G. q*ue* tenjen ensenyados los sac*er*dotes
H. que tenjen enseñados los sacerdotes

3) o achamos em seus escriptos (vII, 19)

A. lo fallamos en sus escritos
B. lo fallamos en los escritos
G. lo fallamos en sus escritos
H. lo fallamos en sus escriptos

4) daquelle seu d*eu*s que dissemos q*ue* eles chamaua*n* Serafin e que por esso chamaro*n* outro <…> y aaquelle touro Serafin. Outros dize*n* (vII, 45-47)

A. d'aquel su dios a que dixiemos que dizién ellos Serafín, e que llamaron por ende a aquel toro otrossí Serafín. Otros dizen
B. de aq*ue*l su dios a q*ui*en dixjmos q*ue* dezja*n* ellos Serafin. Otros dize*n*
G. de aq*ue*l su dios q*ue* dixemos q*ue* dezia*n* ellos Serafin e q*ue* llamaro*n* por ende aq*ue*l toro ot*ro*si *Ser*afin. Otros dize*n*
H. de aq*ue*l su dios a q*ue* dixiemos q*ue* dezian ellos Seraphin *e* q*ue* llamaro*n* por ende a aq*ue*l toro Seraphin. Otros dize*n*

31 = A, B, e H ≠ G

Tal como para a situação anterior, G diverge por erros exclusivos, provavelmente provenientes de uma má leitura do antígrafo. Existe porém uma ocorrência em que também B diverge dos outros testemunhos por omissão de palavras (caso 3).

1) os foy quebra*n*tando *e* abaixando et se descobrio a ello ne*m* soube (rI, 5-6)

A. los fue quebrantando e abaxando e se descubrió a ello nin sopo

B. y les fue q*ue*brantando y abaxando y se descubrio a ello nj*n* sopo

G. los fue q*ue*bra*n*tado *e* se descubrio a ello njn sopo

H. los fue q*ue*bra*n*tando *e* abaxando *e* se descubrio a ello nj*n* sopo

2) E q*ua*ndo o queriam matar q*ue* o leuauam (rII, 23)

A. E cuandol querién matar que le levavan

B. E quando le q*ue*rian matar q*ue* le lleuaua*n*

G. E q*ua*ndo le q*ue*rian matar q*ue* lo lauaua*n*

H. E q*ua*ndo lo q*ue*rian matar q*ue* lo lleuaua*n*

3) *e* soamergia*m* no ally *e* ally o afogaua*m* (rII, 25-26)

A. e somurgujávanle allí e allí le afogavan

B. E somurgujaua*n*le allj

G. E ssomorguiaua*n* le assi *e* alli lo afogaua*n*

H. *e* somurgaua*n* lo alli *e* alli lo afogaua*n*

4) que o guardauam et lhe pr<...>gu*n*t<...>a*m* q<...>do (rII, 52)

A. quel guardavan e gelo demandavan cuandol

B. q*ue* le guardauan y gelo dema*n*dauan q*ua*ndo

G. q*ue*l guardaua*n* q*ua*ndol

H. q*ue*l guardaua*n* *e* gelo demandauan q*ua*ndo

5) despois por t*em*po por Germanico Cesar (vI, 4-5)

A. después a tiempo esto por Germánico César

B. despues a t*iem*po esto por q*ue* Germanjco Cesar

G. despues a t*ie*mpo esto por Julio Cesar

H. despues a t*iem*po esto por Germanico Çesar

31 = B ≠ A, G e H

As três concordâncias de B com 31 não nos permitem avançar grandes hipóteses. Nota-se contudo que as lições diferentes das demais não colidem com o sentido lógico das frases.

1) por quebrantados de todo em todo (rI, 27)

A. por quebrantados ya de tod en todo

B. por q*ue*brantados de todo en todo

G. por q*ue*brantados ya de todo en todo

H. por q*ue*brantados ya de todo en todo

2) no*m* o auiam os egipçiãaos de leixar beer (rII, 21)

A. non le avién los egipcianos a dexar venir

B. no*n* le avjan los egipçianos a dexar ber

G. no*n* le auja*n* los egipcianos a dexar venjr

H. no*n* le aujan los egipçianos a dexar benjr

3) dia q*ue* este touro sabya *e* pareçia (vI, 41)

A. día que este toro salié e parecié

B. dia q*ue* este toro sabia y paresçia

G. dia q*ue* este toro sallie *e* parescie

H. dia q*ue* este toro salie *e* pareçie

31 = B, G e H ≠ A

As duas oposições de 31, B, G e H a A são quase insipientes: trata-se do tempo verbal e da omissão do nome do boi Ápis.

1) a que*m* os do Egipto adoraua*m* (rII, 1)

A. a quien los de Egipto aoran
B. a q*ui*en los de Egipto adoraua*n*
G. a q*ui*en los de Egipto aoraua*n*
H. a q*ui*en los de Egipto aorauan

2) a q*ue* chamaua*m*<…> boy. E o q*ue* os outros (vII, 16-17)

A. a que llamavan el buey Apis. E lo que los otros
B. a q*ue* llamaua*n* el buey. E lo q*ue* los ot*ro*s
G. a q*ue* llamaua*n* el buey. E los q*ue* los otros
H. a q*ue* llamaua*n* el buey E lo q*ue* los otros

31 = G ≠ A, B e H

Esta ocorrência interessa pela coincidência de correção de uma lacuna de A que certamente passou ao antígrafo de B e H.

1) em q*ue* aquelle t*em*po os egipçiãaos cairo*m* por aquelle f*eit*o (rI, 42-43)

A. en que aquel tiempo los egipcianos <...> por aquel fecho
B. en q*ue* aquel t*iem*po los egipçianos por aq*ue*l fecho
G. en q*ue* aq*ue*l t*iem*po los egipcianos cayen por aq*ue*l fecho
H. en aq*ue*l t*ie*mpo por los egipcianos por aquel fecho

Também esta situação é peculiar pelo facto de tanto 31 como G oferecerem uma lição errónea, «dally»/ «de allj», quando em todos os outros testemunhos se redige «del Nilo».

2). o hordenou nosso senhor D*eu*s *ver*dadeiro por razom q*ue* dally lhes naçia este erro (rII, 36-37)

A. lo ordenó el Dios verdadero, que del Nilo les salié aquella vanidad por razón que d'allí les nacié este yerro
B. ordeno el Dios berdadero q*ue* del Njlo salia aq*ue*lla vanjdad por rrazon que de allj les nasçia este yerro
G. lo ordeno el Dios verdadero por razon q*ue* dalli les nascie este yerro
H. lo ordeno el Dios berdadero q*ue* del Njlo les salie aquella vanidat por razon q*ue* de alli les nasçie este yerro

Outras especificidades: opções de tradução e saltos em 31

Assinale-se aqui a sintetização que a versão portuguesa apresenta, em contraste com as castelhanas.

1) no*m* cometesse pellos desfazer *e* mi*n*guar em elles. Ally o mandou fazer aos egipçiãaos q*ue* p*ar*a esto posera sobrelles em Jerssem (rI, 7-9)

A. no metiesse por menguarlos más e desfazerlos, e assí lo mandava fazer a sos egipcianos que pusiera por adelantados sobr'ellos por toda Jersén.
B. no*n* metiese para amenguarlos mas y desfazerlos. E asy lo ma*n*daua fazer a sus egipçianos q*ue* posiera por alcaldes y por adelantados sobre ellos por toda Jerse
G. no*n* metiesse por me*n*guarlos mas *e* desfazer los. E assi lo ma*n*daua fazer a sus egipcianos q*ue* posiera por adelantados sobrellos por toda Jerssen
H. no*n* metiese por menguarlos mas *e* desfazerlos. E asi los mandaua fazer a sus egipcianos q*ue* pusiera por adela*n*tados sobrellos por toda Jersen

Já esta situação afigura-se mais como um salto do mesmo ao mesmo, e não uma reescrita mais breve intencional.

2) minino que auia de naçer em aquella sazo*m*. E ajnda dizem alguu*n*s que por co*n*sselho daquelle sabedor (rI, 13-15)

A. niño que avié de nacer en el pueblo de los ebreos en aquella sazón que quebrantarié a Egipto, e aun dizen algunos que otrossí por consejo d'aquel sabio
B. njño que avja a nasçer en el pueblo de los ebreos en aq*ue*lla sazon q*ue* q*ue*bra*n*tarie a Egipto. E avn dize*n* algu*n*os q*ue* otrosy por consejo de aquel sabio
G. njño q*ue* hauie de nascer en el pueblo d*e* los ebreos en aq*ue*lla sazon q*ue* q*ue*bra*n*tarie a Egipto. E aun dize*n* algunos q*ue* otrossi por conseio daq*ue*l sabio
H. njño que auia*n* de nasçer enel pueblo de los ebreos en aq*ue*lla sazon q*ue* q*ue*bra*n*tarie*n* a Egipto E avn dizen algunos q*ue* ot*ro*ssi por co*n*seio de aq*ue*l sabio

Curiosamente, nesta ocorrência, reforça-se o sofrimento dos hebreus, amplificando o texto com o termo «trabalhos»:

3) quebrantados mais q*ue* por todo<…>s trabalhos *e* lazeiras que ja passaro*m* (rI, 21-22)

A. quebrantados más que por todas las otras lazerias que avién levadas
B. q*ue*brantados mas q*ue* por todas las otras lazerias q*ue* avja*n* lleuadas
G. q*ue*brantados mas q*ue* por todas las otras lazerias q*ue* hauian leuadas
H. q*ue*brantados mas q*ue* por las otras lazerias q*ue* auja*n* leuadas

4) a maneira de cornos de ba*c*a (rII, 16)

A. a manera de los cuernos de la luna
B. a manera de los cuernos de la luna
G. a man*er*a d*e* los cuernos d*e* la luna
H. a manera de los cuernos de la luna

Embora, tal como o foi para o caso do fragmento 29, estejamos perante dois casos complexos provocados pelos estragos do suporte, deve assinalar-se que para o

espaço das lacunas dos exemplos seguintes, dificilmente caberia o texto das traduções caso este fosse estritamente fiel aos testemunhos castelhanos.

5) <...>apaua*m* sse as cabeças *e* yam cho<…> toda a t*e*rra q*ue* o achassem *e* q*ue* o <…>ssem em log*ar* daquelle *e* sempre chorauam ataa que o achaua*m*. Pore*m* diz q*ue* nu*n*ca o achaua*m* seno*m* tarde (rII, 28-32)

A. rayénse las cabeças, e ivan llorando buscar otro por los yermos e por la ribera del Nilo fasta quel fallassen e quel pusiessen en logar d'aquel. E siempre lloravan fasta quel oviessen fallado, e peró diz que nuncal fallavan tarde

B. rrayense las cabeças y yuan llorando buscar otro por toda la t*ie*rra por los yermos y por la rribera del Njlo fasta q*ue* lo fallasen en logar de aquel y syenpre llorau*an* fasta q*ue* lo avjan fallado. En pero dize q*ue* nu*n*ca le fallau*an* o tarde

G. rayensse las cabeças *e* yuan lora*n*do buscar otro por toda la tierra por los yermos *e* por la ribera d*e*l Njlo fasta q*ue*l fallasse*n* *e* q*ue*l pusiesse*n* en logar daq*ue*l e siempre llorau*an* fasta quel ouiesse*n* fallado. E P*edr*o diz q*ue* nu*n*ca lo fallau*an* sino tarde

H. rayense las cabeças *e* yua*n* llorando buscar otro por toda la tierra por los yermos *e* por la ribera del Njlo fasta q*ue* lo fallasen *e* q*ue* lo pusiesen en logar de aq*ue*l *e* sienpre llorau*an* fasta q*ue* lo ouiesen fallado. E p*er*o diz que nu*n*ca lo fallau*an* tarde

6). <…> lhe mouia e dançaua<…> elles *e* dançaua*m* *e* auynham sse elle *e* <…> E assy andaua*m* co*m* elle *e* elle (vII, 31-33)

A. se movié él e sotava e dançava ques movién ellos, e dançavan e sotavan, e abiniénse él e ellos muy bien, e assí andavan con él e él

B. se mouja el otrosy y sotaua y dançaua q*ue* se mouja*n* ellos y dançaua*n* y sotauan y abenja*n*se el y ellos muy bie*n* y asy andaua*n* con el y el

G. se mouje el *e* sonaua *e* dançaua q*ue*s mouje*n* ellos *e* dançaua*n* *e* sonaua*n* *e* abinjense el *e* ellos muy bien. E assi andaua*n* co*n* el *e* mouja el *e* socaua *e* dançaua *e* socaua*n*. E abenje*n*se el *e* ellos muy bien *e* afiandaua*n* con el *e* el

2.4.4. Fragmento 32

O último fragmento da primeira parte, pela matéria que compreende, é confrontado com o *corpus* de manuscritos utilizado para a análise dos fragmentos 29 e 30, ou seja, A, B e D. Tal como nos casos anteriores, sobretudo em 29, denota-se a maior proximidade com A contra B e D: nos 192 *loci critici*, A coincide 125 vezes com 32, enquanto B coincide 101 e D, 109. Neste caso, a estatística dá conta da real proximidade dos textos, uma vez que não se detetam nem concordâncias de 32 com B e D contra A, nem tampouco de 32 apenas com B ou D.

No entanto, deve notar-se que grande parte das diferenças entre os testemunhos castelhanos e a tradução prende-se com leituras diversas de topónimos, o que pode revelar erros de leitura independentes da proximidade ou afastamento entre manuscritos. Por outro lado, os fragmentos anteriormente analisados permitem uma leitura mais ponderada da relação entre 32 e A, uma vez que, e tendo em mente que os fragmentos são parte de um mesmo códice, os outros testemunhos dão conta de que a tradução portuguesa não poderá vir diretamente de A.

Finalmente, este é o fragmento que apresenta maior liberdade de redação por parte do tradutor, sendo visível o recurso ao resumo e à reformulação de estruturas sintáticas castelhanas.

32 = A ≠ B e D

1) ataa fonte q*ue* se chama Dam. E desta fonte *e* doutra q*ue* ha nome Jor (rI, 15-16)

A. fasta la fuente que dizen Dan, e d'esta fuente e d'otra que á nombre Jor
B. fasta la fuente y de otra q*ue* ha nonbre Roz
D. fasta la fuente *e* de otrosy ha nonbre Jor

2) E assy fezero*m* aos de Cariataym (vII, 16-17)

A. e otrosí fizieron a los de Cariataím
B. E otro sy fizjero*n* a los de Cariarin

D. Et otrosi fezieron a los de Cariatyn

3) correos que som em a serra de Seyr (rII, 18)

A. correos, que son en las sierras de Seír
B. correos que son en las tierras de Seyr
D. correos que son en las tierras de Seyr

4) Senaar em Adima, Semeber em Seboyn. A çidade de Segoor (vI, 22-23)

A. Sennaar en Adama, Semeber en Seboín <...> La cibdad de Segor
B. Senaad en Adama, Senbor en Soboy. La cibdad de Seger
D. Señacar en Adama, Senbor en Soboyn. La cibdat de Segor

5) daquellas çinquo çidades de Sodoma (vII, 37)

A. d'aquellas cinco cibdades de SODOMA
B. de aquellas çinco vjllas de Sodoma
D. de aquellas cinco villas de Sodoma

Repare-se que apenas A e 32 contêm a informação integral que, possivelmente por salto, estaria já omissa no antígrafo de B e D, dado que o erro é idêntico nos dois testemunhos.

6) Gaados rroupas *e* todo o q*ue* hi acharo*m* de comer et leuaro*m* muytas molheres *e* homee*n*s catiuos, Antre os quaaes leuaua*m* preso a Loth, sobrinho de Abraham, co*m* quanto tynha que beera em ajuda dos de Sodoma porq*ue* eram se*us* bezinhos (vII, 44-48)

A. ganados e ropas e todo lo que fallaron ý de comer, e troxeron muchos omnes e mugeres cativos. E entre aquellos levavan ý preso a Lot, sobrino de Abraham, con cuanto avié, que viniera en ayuda de los de Sodoma, porque eran sus vezinos

B. y lleuaro*n* q*ua*nto y abje a Lothy q*ue* vinjera en ayuda de los de Sodoma porq*ue* era*n* sus vezinos
D. et leuaro*n* q*ua*nto y auje [a Loth] q*ue* vinjera en ayuda de los de Sodoma porq*ue* era*n* sus vezinos

32 = A e B ≠ D

Como se fez notar para os exemplos dos fragmentos 29 e 30, as situações em que apenas um dos testemunhos castelhanos discorda prende-se com saltos – como aqui, em D – ou com erros, como se verá no elenco seguinte.

1) fazia em as estrellas quis elle fazer semelhança dello (rII, 1-2)

A. fazié en las estrellas quiso él fazer semejança d'ello
B. fazje en las estrellas q*ui*so el fazer semejança dello
D. fazie en las estrellas q*ui*so el sab*er* semelança

32 = A e D ≠ B

1) nosso señor o liu*ra*ra do fogo dos Caldeus (rI, 42-43)

A. Nuestro Señor le sacara a él del fuego de los Caldeos
B. n*uest*ro señor le sacara a el del fecho de los Caldeos
D. n*uest*ro señor le sacara a el del fuego delos Caldeos

2) E a este q*ui*nto <…> as çidades ne*m* Moysem ne*m* Josepho ne*m* outro (vI, 31-33)

A. E a este quinto [rey d'aquell]as cibdades nin Moisén nin Josefo nin otro
B. E a este q*ui*nto [rrey de aq*ue*ll]as çibdades nj*n* otro
D. Et a este q*ui*nto [Rey de aq*ue*ll]as cibdades nj*n* Moysen nj*n* Josepho nj*n* otro

3) a q*ue* despois chamaro*m* Cades (vII, 21)

A. a que después dixieron Cades

B. a q*ue* despues dixiero*n* Edes

D. a q*ue* despues dixiero*n* Cades

Outras especificidades: opções de tradução e saltos

1) que q*ue*r tanto dizer como ma*nda*mento (rII, 7)

A. que quiere dezir tanto como cincuaenteno

B. q*ue* q*ui*ere dezir tanto como cinquenteno

D. q*ue* q*ui*ere de*zir* tanto como cinq*ue*nteno

Há que sublinhar as opções lexicais do tradutor, que prefere o termo «esbulho» a uma tradução por «dízimo», mais próxima do latim e das versões castelhanas.

2) como dissemos <…> abraham de*u* todo o esbulho q*ue* ally gaanhar<...> (rII, 50-51)

A. como dixiemos, [diol] Abraham los diezmos de toda la prea e la ganancia que allí fiziera

B. como dixjemos [diole] Abraham los diezmos de toda la t*ie*rra y la gana*n*çia que allj fiziera

D. como diximos diol Abraha*n* los diezmos de toda la pa*rte e* la gana*n*çia q*ue* alli feziera

Do mesmo modo que anteriormente, preferiu-se o termo «vontade» para traduzir «sabor».

3) auiam ja todolos homee*n*s grande boontade (vI, 1)

A. avién ya todos los omnes grand sabor

B. avjen todos los ombr*e*s ya gra*n*t sabor

D. aujen todos los om*ne*s ya gra*n*d sabor

4) outro nome p*ropri*o lhe chame*m* p*ropri*o se no*m* el rrey (vI, 34)

A. otro nombre proprio le digan si non el rey
B. otro nonbre propio le diga*n* sy no*n* el Rey
D. otro no*n*bre p*ro*pio le diga*n* si no*n* el Rey

Não foi encontrada nenhuma ocorrência do termo «diezuno» nos *corpora* de espanhol consultados: o *Corpus del Español* e o *Nuevo Tesoro Lexicográfico del Español* da Real Academia Española. A lição de B será certamente erro do copista, já que se devesse coincidir com a numeração do fragmento português preferiria o termo «onceno».

5) como diz Josepho em o XIº cap*itu*lo do p*rime*iro liu*ro* (vI, 42)

A. como dize Josefo en el dezeno capítulo del primero libro
B. como dize Josefo en el diezuno capitulo del p*ri*mero libro
D. como dize Josepho en *e*l x cap*itu*lo del p*ri*mero libro

6) *e* leua preso a Lot (vI, 53)

A. e levava preso a Lot
B. y lleuaua*n* p*re*so a Loth
D. *e* leuaua p*re*sso a Loth

A substituição sistemática do termo «cabeça» por «monarco» na tradução manifesta um dado interessante: a palavra «monarca» ainda não se havia instalado em português. Curiosamente, na versão do manuscrito F, conserva-se o termo castelhano «monarco»[441].

[441] Veja-se para isso *o Corpus do português*, disponível *online*, que deteta duas ocorrências do termo «monarco» para o período entre os séculos XIV e XVI – precisamente, nesta passagem da tradução da *GE*

7) ao p*r*ençipe de Siria que era cabeça do reynado dos siriãaos. E cabeça aq*ui* q*ue*r dizer como huu*m* soo p*r*ençipe mayor de todo o señorio (rII, 6-8)

A. al príncep de Assiria, que era monarco del regnado de los assirianos. E monarco quier dezir uno solo príncep mayor de tod el señorío
B. al prinçipe de Asiria q*ue* era monarco del reyno de los asirianos, y monarco q*ui*ere dezjr vno solo prinçipe mayor de todo el señorio
D. al p*r*ençipe de Asiria *que* era monarco del reyno de los asirianos, et monarco q*ui*ere dez*ir* vno solo p*r*ncipe mayor de todo el senõrio

Este caso, 8 pode considerar-se uma síntese da versão castelhana a que o tradutor acedeu, ao contrário das ocorrências seguintes, onde houve saltos do copista português.

8) Este Codolaomor co*m* aq*ue*lles tres reys forom quatro e foro*m* sobre os outros çinq*uo* reyes. E jndo Codolaomor muy poderoso co*m* aq*ue*ll*e*s tres reys co*m* gra*n*des hostes emtraro*m* pella te*r*ra dos outros çinq*uo* reys (vII, 9-13)

A. E este Codolaomor con aquellos tres reyes fiziéronse cuatro con él fueron sobre aquellos otros cinco Reyes; e yendo Codolaomor e aquellos reyes con él apoderados d'aquella guisa con grandes señas huestes entraron a los otros por tierra
B. E este Cadolaomor co*n* aq*ue*llos tres reyes fizieronse quatro con el y fuero*n* sobr*e* aq*ue*llos otros çinco rreyes. E ye*n*do Cadolaomor y aq*ue*llos rreyes co*n* el apoderados de aq*ue*lla guisa co*n* grandes sendas huestes ent*ra*ro*n*
D. Et este Cadalaomor co*n* aq*ue*llos tres reys fisie*n*rose q*ua*tro con el *e* fuero*n* sobr*e* aq*ue*llos otros cinco Reys. *E* yendo Cadalaomor *e* aq*ue*llos reys co*n* *e*l apoderados de aq*ue*lla guisa co*n* grand*e*s señas huestes ent*ra*ro*n* señas huest*e*s t*ie*rra

9) asijnadam*en*te estas: Raphayn. E mataro*m* muytos dos poboos (vII, 14-15)

---

preservada em F, sendo que a possível variante «monarca» apenas surge, com treze ocorrências, em textos do século XVI.

A. señaladamientre éstas: Rafaím, que era en una tierra a que dizen Astarond Carnaím; e mataron muchos de los pueblos
B. señaladamente estas: Raphayn, q*ue* era en vna t*ie*rra q*ue* dize*n* Astaroni*us* Carnay, y mataro*n* muchos de los pueblos
D. Raphayn *que* era en vna t*ie*rra *que* dize*n* Astarond Carnay et mataro*n* muchos *e* de los pueblos

10) E estes reys de Sodoma (vII, 24)

A. E en tod esto estos cinco reyes de Sodoma
B. y en todos esto estos çinco rreyes de Sodoma
D. Et en todo esto estos cinco reys de Sodoma

Há nesta situação uma clara preferência pela concisão, se atentarmos à forma breve como o tradutor explica o termo «silvestre», quando a explicação é retoricamente expandida em castelhano. O mesmo fenómeno aparece no último exemplo apresentado.

11) sairom a elles e ajuntaro*m* as hostes da hu*m*a p*ar*te *e* da outra em huu*m* lugar q*ue* avia estonçe nome o balle siluestre, q*ue* q*ue*r dizer balle mo*n*tesinho, açerca de hu*uns* mo*n*tes que auia estonçe em aq*ue*lle lugar (vII, 26-31)

A. salieron a ellos. E llegaron las huestes de la una parte e das de la otra, e ayuntáronse en un logar que avié estonces nombre el val Silvestre, e silvestre quiere dezir tanto como salvage fascas de selva o montesino, cerca unos montes que avié estonces en aquel logar
B. salieron a ellos y llegaro*n* a ellos de la vna parte y las de la otra e ayu*n*taro*n*se en vn logar q*ue* avje estos no*m*bres: el val siluestre, y siluestre q*ui*ere dezir tanto como saluaje fascas de salua o montesano, cerca vnos montes q*ue* avje estonçes en aq*ue*l logar

D. salieron a ellos et llegaron a ellos de la vna parte e las de la otra et ayuntaronse en vn lugar que auje estos nombres: el val siluestre, et siluestre quiere dizir tanto como saluaje fascas de salua o montesano cerca vnos montes que auje estonces en aquel lugar

12) E desto contaremos a sua estoria adiante em a estoria (vII, 35-36)

A. E d'esto contaremos la su razón e todo el fecho adelante en la estoria
B. y desto contaremos la su rrazon todo el fecho adelante en la ystoria
D. et desto contaremos la su rason todo el fecho adelante en la estoria

2.5. Considerações sobre os fragmentos da primeira parte

Apesar da reduzida porção da primeira parte que os vestígios da tradução portuguesa da *GE* transmitem, a sua distribuição por diferentes livros da obra, bastante distantes entre si, e o facto de fornecerem lições provindas de distintas versões castelhanas permitem tecer algumas considerações críticas.

Consideram-se dois conjuntos de manuscritos que conservam a primeira parte da *GE* em castelhano: A, B e D, de relações já determinadas, e A, B, G e H, cuja classificação é instável. Tendo esta divisão em conta, os fragmentos portugueses requerem uma análise em dois grupos: 29, 30 e 32, a partir de agora designados por G1, cuja matéria está presente em A, B e D, e 31, passível de confronto com A, B, G e H. O manuscrito F também foi tido em consideração, embora só encontre paralelo com 30 e 32. No entanto, como não ocorrem casos de concordância exclusiva com F, a comparação com este testemunho mostrou ser irrelevante.

Excluindo saltos e sobretudo opções sintáticas e lexicais inerentes ao ato de tradução, encontram-se em todos os testemunhos portugueses, com maior ou menor frequência consoante o fragmento, lições exclusivas de cada família de manuscritos castelhanos. Esta confluência poderia levar a que se considerasse a tradução portuguesa um trabalho de síntese ou de sincronização de matérias feito perante diferentes manuscritos. Interessante também é assinalar como algumas ocorrências de castelhanismos se podem compreender à luz não só do processo de tradução mas também pelo facto de as opções gráficas serem legíveis para o público da época – como sucede com alguns usos de /ñ/ para representar a consoante palatal nasal.

Conforme se constata pelas estratégias redaccionais da tradução portuguesa – nomeadamente a sintetização de matéria ou a simplificação de redundâncias – não parece dar-se o caso de uma colação entre diferentes cópias castelhanas para a elaboração da tradução portuguesa. Poder-se-á, antes, colocar a hipótese de os fragmentos portugueses serem já uma cópia de uma tradução anterior, e daí decorrerem os saltos assinalados.

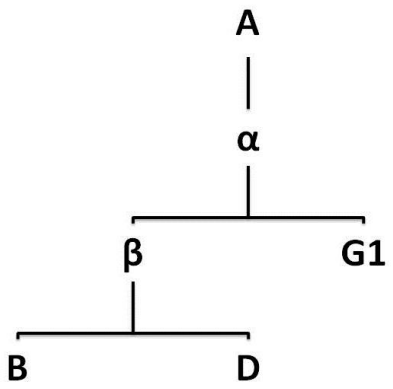
Tomando por exemplo G1, destaca-se esta ambiguidade, uma vez que tanto se obedece a A como a B e D, tornando-o incompatível com cada uma das duas famílias de manuscritos. Tal situação torna impossível a localização da tradução no *stemma codicum*

estabelecido para este *corpus*. Considerando B e D irmãos, descendentes de uma versão α de A, e descartando-se a hipótese de G1 provir de um destes testemunhos precisamente por incluir matéria exclusiva de A, poder-se-ia pensar que a tradução portuguesa descenderia diretamente da versão do *scriptorium* régio. Contudo, recorde-se que foram já assinaladas ocorrências de lições exclusivas de B e D – e, portanto, de α – que descartam esta possibilidade.

Assim sendo, G1 não pode nem descender de A, visto que por vezes coincide com α contra A, nem de α, já que também encontra apenas em A matéria equivalente. A menos que se tratasse de um espantoso acaso, seria altamente improvável um tradutor de A incluir matéria coincidente com α e vice-versa.

Trata-se sempre de uma tarefa arriscada tecer considerações críticas a partir de excertos de texto tão curtos, especialmente se estas podem colidir, ou questionar, colações assentes em testemunhos bem mais extensos. No entanto, e apenas porque G1 o permite, propõe-se a seguinte hipótese.

Sendo verdade que G1 está, conforme se assinalou na análise individual dos fragmentos, geralmente mais próximo de A, sem contudo ser uma tradução direta por conter matéria exclusiva de B e D, postula-se a existência de uma versão intermédia onde estes dois manuscritos se situam. Neste sentido, α não seria a versão descendente de A de onde B e D descendem, mas sim antecessora de uma versão β onde se encaixariam estes testemunhos. Esta versão β já conteria as lições de α mas teria também excluído elementos de A de que α ainda daria conta, conforme se infere pela sua presença em G1. Os manuscritos passariam a agrupar-se do seguinte modo:



Com esta hipótese afasta-se também a possibilidade de convergência de G1 – mais precisamente de 30 e 32 – com F, conforme advogam Luís Lindley Cintra e Ramón Martinez López[442] e se confirma pelo confronto entre manuscritos.

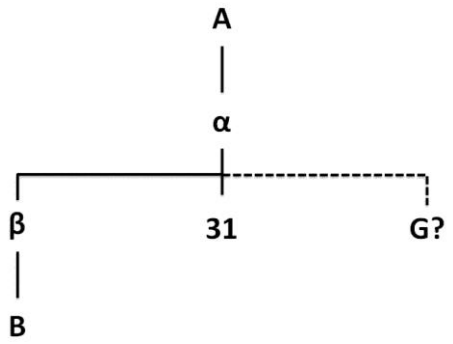
O caso do fragmento 31 afigura-se de resolução bastante mais complexa, por só poder ser analisado à luz de A, B, G e H, não tendo estes dois últimos classificação estemática segura. Ao contrário do que sucede com os fragmentos anteriores, não existem lições corretas exclusivas de um só manuscrito, com exceção de G. No entanto, nota-se que normalmente G diverge de A, B e H, ora por equivaler a 31, ora por ser o único a divergir. Com efeito, como quantitativamente tanto A como G estão a igual distância de 31, torna-se bastante difícil destrinçar qual dos dois estará mais próximo, já que tanto um como o outro apresentam lições que impedem o estabelecimento de qual é versão seguida por 31.

Tal como sucede com G1, também 31 não é uma tradução direta de A. Tão pouco provém de G, muito embora haja uma coincidência – contudo não determinante – com este testemunho que permite equacionar uma maior aproximação deste com 31. Se tivermos em conta as hipóteses, entretanto descartadas pela crítica mais atual, que António Solalinde[443] coloca para a relação de G e H, tal constatação não será de todo descabida. Com efeito, este editor chega a propor que G seja uma versão de A, descendente de um antecedente β paralelo a um α de onde vêm as versões B e H. É verdade que tal hipótese perde sustentabilidade quando existem bastantes ocorrências de B = G contra A = H ou A = B contra G = H; todavia, não deixa de ser notório que, ainda que para uma porção reduzida de texto, B e H se afastem de G na relação com um outro testemunho, o fragmento 31.

Assim, se A for o antecedente da versão que foi usada pelo tradutor, tal como se considerou para G1, então poder-se-á equacionar a hipótese de G ser uma cópia irmã da tradução portuguesa, o que responderia às concordâncias e dissemelhanças deste testemunho castelhano em relação a A, B e H. Se, tal como a tradução portuguesa, G também estiver em idêntica situação intermédia entre a versão do scriptorium régio e B, a existência de uma versão α da qual G descende e β é irmã permitiria agrupar G enquanto versão irmã de 31. No entanto, uma vez que esta possibilidade carece de uma

[442] CINTRA (1999a) e MARTÍNEZ LÓPEZ (1963).
[443] SOLALINDE (1930).

análise efetivamente detalhada de G em confronto com outros testemunhos da segunda metade da primeira parte da GE, apenas se assinala com muitas reservas, conforme o tracejado procura dar conta:



Seja como for, é evidente que 31 se associa a G1 na relação intermédia entre A e o conjunto de manuscritos de que B faz parte. Confirma-se a uniformidade da tradução no que às relações entre manuscritos diz respeito, o que era já codicológica e linguisticamente visível. Todas as variantes parecem de facto apontar para uma tradução portuguesa provinda de um mesmo subarquétipo β, filho de α.

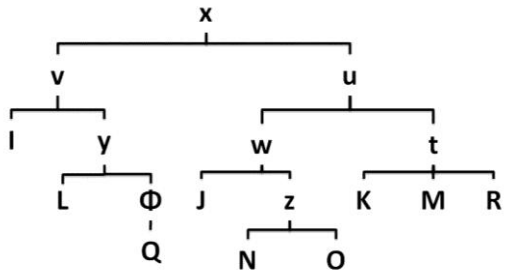
III. O fragmento de Castelo Branco

3.1. Testemunhos castelhanos da segunda parte da *General Estoria*

Os testemunhos da segunda parte da *GE* são consideravelmente mais numerosos do que os subsistentes para a primeira parte. Tal fenómeno poderá vir do facto de ser nesta fase do projeto alfonsino que se inclui a tradução do *Roman de Thèbes*[444] e do *Roman de Troie*[445], cujas matérias gozam de interesse prolongado por parte do público desde a Idade Média até épocas mais avançadas.

Contudo, e ao contrário do que se verifica para a primeira e quarta partes, não existe um único manuscrito proveniente da corte régia que permita conhecer qual o texto chancelado por Afonso X. Neste sentido, torna-se necessário o recurso a edições críticas que permitam dar a conhecer o texto naquela que seria a sua versão mais próxima do original delineado no projeto régio. Este problema, colocado aquando das duas edições recentes, é resolvido pela crítica de diferentes formas.

Desta parte da *GE*, tal como para a primeira, conta-se já com duas edições: a mais antiga, de 1957, é levada a cabo por Lloyd Kasten e Victor Oeschläger, sob a égide de Solalinde, editor da primeira parte entretanto falecido. Os dois editores procuram, após um notável labor ecdótico apresentado na introdução à edição[446], estabelecer um *stemma codicum* que englobe todos os testemunhos da segunda parte, no fundo prosseguindo na senda de Solalinde, que fizera o mesmo para os testemunhos da primeira parte. A proposta é a seguinte:



[444] O *Roman de Thèbes*, de autoria desconhecida, consiste numa versão francesa versificada da obra do poeta latino PÚBLIO PAPÍNIO ESTÁCIO (ed. 1994), onde é narrada a tragédia de Édipo, rei de Tebas. Veja-se ROMAN DE THÈBES (ed. 1890).

[445] Trata-se de um romance francês em verso de autoria de Benoît de Sainte Maure, que retoma as narrativas apócrifas de Dares e Dictis. Tanto os textos apócrifos como a versão francesa se pautam pela omissão de divindades gregas, ajustando-se plenamente ao gosto literário da época.Veja-se BENOÎT DE SAINTE MAURE (ed. 1904) e DARES PHRYGYUS e DICTYS CRETENSIS (ed. 1825).

[446] KASTEN, L, OESCHLÄGER, V. (1957: LVII, LXII).

Este esforço de compreensão codicológica da totalidade da segunda parte, mais tarde descartado pela crítica[447], não é pacífico para os próprios editores, que chegam a este *stemma* após vários avanços e recuos, pondo em causa mesmo as suas conclusões. Contudo, assinala-se um trabalho de meticulosa descrição dos testemunhos que se mantém lapidar. De facto, é das descrições da edição de 1957 que nos socorremos, em conjunto com a apresentação dos testemunhos elaborada em 2001 por Inés Fernández-Ordóñez, para completar a análise dos testemunhos utilizados para este estudo. Finalmente, os editores da primeira apresentação pública desta passagem da *GE* definem como testemunho principal o ms. K (BNE 10237), propondo a edição exclusiva deste manuscrito, assinalando em nota as variantes encontradas nos outros testemunhos que com ele comungam da mesma matéria, e completando-o, para o final da segunda metade da segunda parte, com N.

Opções diferentes são tomadas aquando da edição de 2009, dirigida por Pedro Sánchez-Prieto Borja e, para a segunda parte em particular, elaborada por Belén Almeida[448]. Tendo em conta a instabilidade em definir qual o testemunho que, de facto, se aproxima mais do original arquetípico, e perante a inexistência de um manuscrito cuja chancela régia defina como válido, opta-se pela edição crítica, o que, naturalmente, coloca alguns problemas, para os quais a própria editora adverte. Com efeito, a edição crítica é um trabalho de reelaboração de um texto que apenas se pode conceber a partir de fragmentos desse mesmo texto, cabendo ao editor a árdua tarefa de definir o que estaria ou não definido no projeto inicial[449], de integrar passagens de texto que apenas se pode supor que já seriam parte de uma versão definitiva da obra. Naturalmente que esta edição mais recente permite ao leitor aceder a um texto que, como os próprios editores alertam, não existe fisicamente mas seria, com bastante segurança, o texto que existiria não fora a ausência de testemunhos. Como ocorre com as terceira e quinta partes, cujos testemunhos se fragmentam ainda mais, a edição crítica surge como a

[447] FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ (2001).

[448] As dificuldades encontradas aquando da edição da segunda parte apresentam-se em ALMEIDA (2009).

[449] O problema da necessidade de ponderar as fontes subjacentes é avaliado por SÁNCHEZ-PRIETO BORJA (1989), id (1990), sendo ainda equacionado e concretizado enquanto projeto de compreensão global dos textos latino e castelhano subjacentes na edição dos livros de Salomão da terceira parte da *GE*: veja-se SÁNCHEZ-PRIETO BORJA e HORCAJADA DIEZMA (1994). Também FERNANDEZ-ORDOÑEZ (2000) tece pertinentes considerações sobre as complexidades que se apresentam perante a edição integral da GE, na qual a investigadora espanhola também tomou parte – FERNANDEZ-ORDOÑEZ (2009).

única e melhor forma de dar a conhecer o projeto alfonsino como ele, conjeturalmente, terá sido.

No entanto, será bastante claro que, para definir com alguma segurança onde se inserem os fragmentos portugueses da *GE*, as edições críticas não oferecem um texto aceitável, pese embora o esforço mais ou menos exaustivo que existe sempre de expor os *loci critici* encontrados pelos editores. Dito isto, justifica-se assim que, para a segunda parte, a edição mais recente seja preterida em função da mais antiga, já que esta transcreve K assinalando em nota as variantes dos outros manuscritos.

De entre os catorze manuscritos existentes para a segunda parte da *GE*, nove transmitem a primeira metade da segunda parte[450], onde se situa a matéria contida no fragmento de Castelo Branco[451]. Além destes, deve ser considerada a existência de R (BPE CXXV-2/3) e Av (BNE Res. 279), que transmitem, respetivamente, apenas a matéria bíblica ou apenas a troiana. Av, de descoberta recente[452], e por isso desconhecido em 1957, foi excluído de análise por faltarem os primeiros 60 fólios, onde se encontraria a passagem troiana do fragmento de Castelo Branco; já R foi considerado apesar das muitas reservas que este manuscrito parcelar e de classificação estemática incerta coloca. A comparação com este manuscrito mostrou-se inconclusiva e, como tal, não é pertinente a sua apresentação.

O testemunho mais próximo do arquétipo, já como tal considerado pelos editores de 1957, é K (BNE 10237). Trata-se de um manuscrito pergamináceo do séc. XIV, com 345 fólios, decorado a vermelho, azul e violeta, com o texto em duas colunas. É semelhante ao testemunho da primeira parte galego-português F por dar conta de uma versão ainda não revista da obra. Pertenceu ao Marquês de Santillana.

Descendendo de um estado revisto e reelaborado encontram-se M (RBME Y-III-13) e, possivelmente, R (BPE CXXV 2-3), embora o testemunho eborense possa ser também irmão de K: a crítica é inconclusiva. Sobre o testemunho M cabe assinalar que data, tal como K, do século XIV. Contém 242 fólios em papel, escrito a duas colunas, com

[450] Para as descrições dos manuscritos seguimos KASTEN e OESCHLÄGER(1957), e FERNANDEZ-ORDOÑEZ (2001).

[451] O fragmento ADCB CNCVL / 01 / Lv014 consiste num bifólio que contém a tradução de matéria bíblica e pagã da *GE*.

[452] A descoberta deste manuscrito é apresentada por SÁNCHEZ-PRIETO BORJA (2000).

uma decoração pouco elaborada onde prevalece o vermelho, e de letra cortesã um pouco irregular, dando Lloyd Kasten e Victor Oeschläger da existência de várias mãos.

De um subarquétipo irmão de M, γ, surgem N (RBME O-I-11), J (BMPS M562) e O (RBME Y-III-22), sendo este último uma cópia direta de M, datada do século XV. Contendo quase a totalidade da segunda parte da GE, N encontra-se em mau estado de conservação, com o papel bastante deteriorado. É um manuscrito bastante pobre, com o texto a uma só coluna, oscilando os copistas entre o uso da letra gótica e da letra cortesã. Apesar do mau estado em que se encontra – estando indisponível para consulta direta neste momento – os seus 416 fólios transmitem a quase totalidade da segunda parte, tendo com efeito sido este o testemunho a que Lloyd Kasten e Victor Oeschläger recorreram para completar sua edição.

Irmão de N, J encontra-se em melhor estado de conservação, com o texto a duas colunas sobre papel que se estende por 135 fólios, redigido em letra gótica com flutuações (Lloyd Kasten e Victor Oeschläger distinguem duas mãos), datável do final do século XIV. A decoração consiste apenas nos títulos a vermelho e violeta e algumas capitais ornamentadas, notando-se porém maior cuidado na elaboração do manuscrito.

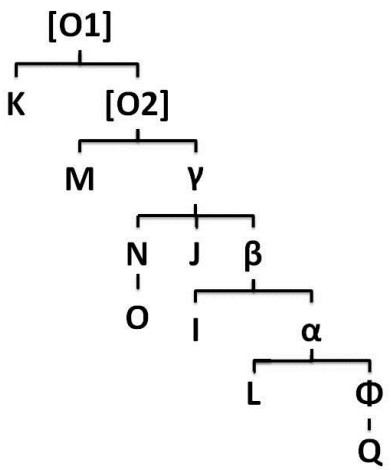
De um hipotético ramo irmão destes dois testemunhos N e J, denominado β, descendem I (KBR IV 1165) e um subarquétipo designado α. Sobre I cabe dizer que é dos poucos testemunhos dos quais é possível ter uma datação mais precisa, bem como delinear uma história para a sua circulação. É um manuscrito luxuoso composto por 209 fólios pergamináceos em bom estado de conservação. O texto é redigido em gótica librária, a duas colunas, com ornamentação elaborada onde sobressaem o vermelho, azul e, no primeiro fólio, decorações florais sobre dourado e um escudo sob o qual se indica o nome de Diego de Colmenares e a data, 1485. Apesar de ser dado como concluído em 1481, faltam alguns dos títulos, para os quais se deixou espaços em branco. É interessante a anotação no verso do fólio de rosto, em letra posterior, de que foi da *GE* que Alfonso de Madrigal, el Tostado, se serviu para a elaboração dos seus Comentários ao *Cronicon* de Eusébio. Finalmente, sabe-se que o manuscrito foi capturado no saque de José Bonaparte em Vitória, 1813. Pertenceu à biblioteca privada do Duque de Wellington até ter sido doado à Biblioteca Albert Ier de Bruxelas (KBR).

No ramo mais distante do estado original da primeira metade da segunda parte da *GE* encontram-se L (BUS 2616), Φ (RBME Y-I-7) e Q (RBME X-I-2), cópia direta de Φ datada do séc. XVI.

Copiado no séc. XV, L é um manuscrito em papel cujos 486 fólios compreendem a primeira metade da segunda parte. Redigido em letra cortesã a duas colunas, é de feitura pouco luxuosa, com ornamentações a vermelho apenas nos fólios iniciais.

Já Φ, datado do séc. XV, conserva-se em papel, com o texto redigido em letra gótica arrendondada a duas colunas e títulos a vermelho. Tem a particularidade de formar conjunto com B, testemunho da primeira parte da *GE* já apresentado, e S (BEscorial Y-I-8), da terceira parte, embora este último manuscrito seja do séc. XIV.

Para a compreensão da relação entre manuscritos segue-se então Inés Fernández-Ordóñez[453], descartando as propostas mais complexas e instáveis dos primeiros editores do texto. É interessante notar que, apesar do excerto da *GE* a que corresponde o fragmento de Castelo Branco ser bastante reduzido, verificam-se algumas das relações aqui apresentadas, sendo mesmo possível avançar com hipóteses sobre a proveniência da tradução portuguesa.



Tanto Av como R não são passíveis de classificação para a primeira metade da segunda parte. Contudo, Inés Férnandez-Ordóñez assinala que «R podría derivar, como una tercera rama, sin que disponga todavía de evidencias de su procedencia desde [O1] o desde [O2]»[454].

[453] FERNANDEZ-ORDOÑEZ (2001).
[454] FÉRNANDEZ-ORDÓÑEZ (2001: 52).

3.2. O fragmento de Castelo Branco: tradução da segunda parte

Foi no contexto de um trabalho de investigação para a disciplina de Codicologia lecionada por Saul Gomes que, em 1991, a estudante da Universidade de Coimbra Maria Clara Fevereiro[455] analisou as encadernações pergamináceas dos livros de notários preservados no Arquivo Distrital de Castelo Branco. Ao fazê-lo, deparou-se com um fragmento[456], muito provavelmente datado dos finais do séc. XIV, em galego-português, que prontamente identifica com a *GE* de Afonso X. Efetivamente, se até à data apenas se conheciam os já apresentados fragmentos da Torre do Tombo, que se limitam à primeira parte da magna obra alfonsina, não foi sem surpresa que os estudos medievais receberam a notícia de que, afinal, a tradução da *GE* conhecida nos fragmentos se estendera, pelo menos, por mais uma parte, deixando-se assim em aberto a possibilidade de que toda a *GE* tenha sido traduzida, embora apenas se conservem os parcos fragmentos que hoje conhecemos. Seja como for, expandiram-se claramente os horizontes já adivinhados pelos primeiros estudiosos que, nos meados do séc. XX, se haviam inclinado sobre os fragmentos da primeira parte.

Passou o século e o milénio até que Arthur Askins, Aida Dias e Harvey Sharrer[457] tomam a iniciativa de apresentar a um público mais alargado a preciosa descoberta através do artigo conciso mas fulcral editado na revista *Biblos*. De facto, o estudo é por si só bastante claro e o recurso a ele é indispensável. Descreve-se o fragmento, um bifólio pergamináceo com 291 mm por 230 mm, tendo sofrido cortes de modo a adaptar-se à sua função de capa do livro do notário covilhanense Manuel Tavares Fatela entre 1653 e 1655, cortes esses que levaram, de acordo com os autores, a dificuldades de leitura do texto. Este apresenta-se em duas colunas, variando entre as 30 e as 34 linhas, «numa bela gótica librária, acentuadamente redonda, que podemos datar dos fins do século XIV, começos do XV»[458]. A propósito da letra, inclinamo-nos a considerar que a letra não será gótica librária mas sim cursiva chancelaresca de redação elaborada[459]. De facto, a

[455] FEVEREIRO (1991), id. (1991a).
[456] Trata-se do fragmento CNCVL / 01 / Lv014 ADCB.
[457] ASKINS, DIAS e SHARRER (2006).
[458] Id (2006: 98).
[459] Sobre esta consideração, agradecemos os reparos feitos pelo Professor Doutor Saul Gomes (Universidade de Coimbra), que denotou a familiaridade das capitais com as da chancelaria de D. João I, e

letra dos fragmentos TT, esses sim redigidos em gótica librária, diverge bastante da do fragmento CB. ou seja, estamos perante um fragmento que não pertence ao conjunto dos fragmentos da Torre do Tombo. Detetam-se ainda as anotações em gótica cursiva de uma mão mais tardia[460] que visam clarificar o conteúdo da tradução – no caso, a matéria relativa a Júpiter e à fundação de Troia.

Seguimos também este precioso artigo para dar conta de que então os autores adiantam imediatamente a filiação do fragmento no conjunto de manuscritos derivados de [O2], ou seja, exclui-se a tradução a partir de K. E, de facto, entre as páginas 100 e 101 expõem-se as variantes que confirmam esta possibilidade, muito embora haja a precaução de avisar que a edição de 1957, de que os autores do artigo se socorreram, não assinala todas as variantes dos manuscritos que comungam desta matéria.

Finalmente, deteta-se a existência de uma variante exclusiva do fragmento português que se deverá à iniciativa do copista[461], o que aponta para prerrogativas de tradução que se afastam da simples transposição do texto de uma língua a outra[462]. Se atendermos às considerações já feitas sobre a tradução da primeira parte conservada nos fragmentos, este é também um dado revelador sobre as premissas da tradução de que nos resta este fragmento.

A cuidada transcrição do fragmento de Castelo Branco, acompanhada por imagens bastante claras do mesmo, que encerra o artigo em que fundamentamos esta introdução, após um estudo breve mas denso, foi não um ponto de chegada mas um ponto de partida do qual nos socorremos para uma análise mais profunda do texto traduzido e das suas relações com os manuscritos castelhanos que partilham da mesma matéria. E, embora se tenha descartado a hipótese deste fragmento, a partir de agora

---

pelo Professor Doutor José Meirinhos (Universidade do Porto), que se inclinou a identificar a letra como sendo provavelmente uma gótica chancelaresca, de grande elegância. Preferimos esta classificação após a consulta de CUNHA (1991), DEROLEZ (2006) e MARQUES (1996).

[460] «Outra mão, agora de meados do século XV». Id, (2006: 98).

[461] «O nosso texto, falando de Júpiter, como muito amante de mulheres, acrescenta "e auellas pollo seu saber." A falta desta "variante" nos textos castelhanos (...) talvez possa indicar um caso de *amplificatio* do retrato deste deus pecaminoso». Id (2006: 101-102). Sobre as alterações dos textos na passagem de uma língua ibérica para outra, será interessante consultar os trabalhos que Isabel Barros Dias desenvolveu sobre as relações textuais entre a historiografia castelhana e portuguesa, em especial DIAS, I. B. (2007) e id. (2009).

[462] Este problema levanta sempre questões pertinentes sobre os processos de tradução, os métodos e meios, especialmente no que ao período medieval diz respeito. Sugerimos a leitura de FERREIRA, J. A. (2001) KABATEK, J (2006), PYM, A (2000) e, embora incida sobre textos que muitas vezes partem do latim, RAMOS (2001).

designado CB, derivar ou ser aparentado com K, este manuscrito não foi excluído da colação[463].

Com efeito, procedeu-se à análise comparativa de CB com todos os testemunhos principais, dos quais foram feitas transcrições: M, N, J, I, L e Φ. O e Q foram excluídos por se tratar de cópias diretas de, respetivamente, N e Φ. Prossiga-se, então, com a exposição dos resultados que tal avaliação permitiu obter.

[463] Recorremos, contudo, à edição de 1957, que para as passagens sobreviventes em CB segue este testemunho.

3.3. O fragmento de Castelo Branco e os testemunhos castelhanos

Sobre o fragmento de Castelo Branco, cabe dizer que não existe um único manuscrito do qual CB seja cópia direta. Com efeito, todos os manuscritos apresentam lições que permitem descartar essa possibilidade, seja por não conterem matéria de CB (a já assinalada passagem «e auellas pollo seu poder»), seja por conterem saltos e alterações ao texto que impedem que CB se tivesse servido diretamente deles. Ainda assim, o estudo crítico trouxe alguns frutos. Embora estejamos perante uma fração de texto ainda menor do que a contida pelos fragmentos da primeira parte já sujeitos a avaliação, foi possível determinar proximidades e afastamentos. Neste caso, ao contrário do que se pode verificar para os fragmentos da Torre do Tombo, não se obtêm informações relevantes através das estatísticas: ocorrem muitas coincidências com manuscritos que depois revelam não ter relação próxima com CB, sendo o contrário também verdade[464].

É, de resto, notório o afastamento das famílias descendentes de β (I, L e Φ), já que a partir do manuscrito de Bruxelas se encontram alterações ao texto que se propagaram a L e Φ. Em contrapartida, é mais complexa a avaliação da relação de CB com os manuscritos do grupo γ (N e J) e M, que transmite um segundo estado de redação [O2]. Novamente se reiteram as considerações já avançadas por Arthur Askins, Aida Dias e Harvey Sharrer que descartavam K como antecessor ou irmão de CB, cconsiderações comprovadas pela análise paralela dos dois textos. Se é verdade que aquando da edição de CB os autores já haviam ensaiado uma primeira comparação crítica do fragmento com o manuscrito K, não será excessivo retomar os pontos em comum e, sobretudo, os pontos divergentes, que confirmam o estudo anterior.

Para a avaliação de CB tomou-se em consideração, por um lado, as semelhanças e dissemelhanças entre os testemunhos e, por outro lado, aquilo que já anteriormente designámos por especificidades de tradução, como saltos, erros de interpretação mas também omissões e lições exclusivas do texto português que, conforme veremos,

[464] Por exemplo, CB companhas; K campinnas; M canpanas; N conpañas; J canpiñas; I conpanãs; L cõpañas; Φ conpañas.

dependem da vontade do próprio tradutor. Assim, revelou-se mais produtiva a consideração dos *loci critici* detetados no fragmento organizando-os em três conjuntos.

No primeiro, destacam-se as lições diferentes de CB, expondo as versões do manuscrito ou conjunto de manuscritos separadamente de CB e da maioria dos testemunhos com os quais CB concorda. No segundo, evidenciam-se as lições mais próximas de CB contra as lições preponderantes no conjunto dos outros manuscritos. No último conjunto, as especificidades de tradução já acima referidas. As passagens sujeitas a análise são os principais *loci critici* detetados aquando da leitura paralela dos oito testemunhos. A sua relevância foi estabelecida a partir dos mesmos critérios que para a compreensão dos fragmentos da primeira parte: as variações toponímicas e onomásticas apenas são consideradas se denotarem um claro afastamento gráfico e fonético que demonstre uma dissidência evidente para com o arquétipo.

3.3.1. Lições diferentes de CB

Para simplificar a compreensão das diferenças entre os testemunhos e o fragmento de Castelo Branco, optou-se por selecionar as passagens que revelam, em primeiro lugar, a incompatibilidade de CB com os ramos mais afastados do *stemma codicum* definido pela crítica. Basta uma primeira análise superficial para detetar que tanto α como β se distanciam de CB. Já γ coloca algumas dúvidas, uma vez que nesta família é o testemunho J que mais diverge. Assim, para este testemunho e para N expõem-se as variações em particular, sem deixar de ter presente o facto de N e J descenderem de γ.

Seja como for, e conforme já se assinalou anteriormente, não há um único testemunho que corresponda integralmente a CB, tal como todos os ramos de manuscritos apresentam diferenças que põem em causa a determinação da origem estemática dos fragmentos albicastrenses. O que se propõe é, pois, apresentar as passagens mais significativas que permitam tecer algumas considerações sobre a eventual pertença de CB a uma das famílias de manuscritos castelhanos.

CB ≠ α

1) com suas çidades e com suas villas

L. co*n* sus aldeas *e* (58vII) sus villas
Φ. con sus aldeas y sus vjllas

K. com sus cibdades e con sus uillas
M. co*n* sus çibdad*e*s e co*n* sus villas
N. con sus çibdades *e* con sus villas
J. con sus çibdades etcon sus villas
I. con sus çibdades *e* con sus villas

CB ≠ β

2) dessa ssorte dos de Rrubem e partiro*m* na

I. dessa suerte. E partiero*n*la

L. de esta su*er*te. *E* pa*r*tiero*n*

Φ. de esa suerte. Y partiero*n*

K. dessa suert de los de Ruben. Et partieron

M. desa sue*r*te de los de Rruben *e* pa*r*tiero*n*

N. de esa suerte de los de Ruben *e* partieron

J. de esa suerte de los de Ruben *e* partieron

3) Deus me enujou desse lugar de Cades de Barne por enculca a esta terra

I. [salto] Cades de *Ver*ne por barru*n*te a esta t*ie*rra

L. [salto] Çades de Berne por barru*n*te a esta t*ie*rra

Φ. [salto] Cades de Berna por barrunte a esta t*ie*rra

K. Dios, me enuio desse lugar de Cades de Barne por uerrunte a esta tierra

M. Dios e me enbio dese lugar de Cad*e*s de Ba*r*nes por varu*nte* a esta t*ie*rra

N. Dios me enbio dese lugar de Cades de Barne por barrunte a esta tierra

J. Dios me enbio de eso logar de Çades de Barne por varru*n*te a esta t*ie*rra

Através dos exemplos acima indicados, e perante a inexistência de exemplos de compatibilidade exclusiva de CB com um ou mais testemunhos descendentes do arquétipo β, é possível excluir da colação I, L e Φ, descartando-se assim a análise mais detalhada de divergências entre CB e cada um dos manuscritos pertencentes a este conjunto.

As diferenças entre CB e J prendem-se sobretudo com lacunas e leituras erróneas do testemunho castelhano em relação ao seu arquétipo. Com efeito, J é um testemunho consideravelmente menos fiável do que o seu irmão, N. As incompatibilidades de J com CB, contudo, não permitem distanciar a tradução portuguesa da família a que J e N pertencem, uma vez que quase sempre a lição ausente em J se encontra em N.

No primeiro exemplo apresentado, constata-se precisamente isto: J apresenta um salto, inexistente em qualquer outro dos testemunhos, inclusivamente N. No seguinte caso, destaca-se a total divergência de J em relação a CB, sendo no entanto importante notar que também K e M, ou seja, possivelmente [O1] e [O2], se distanciam da tradução. Isto demonstra a grande probabilidade de CB encontrar na família γ o seu arquétipo, já que N e os subsequentes testemunhos apresentam uma lição semelhante, apesar da má leitura de J, que interpreta Moab como monte e preserva a opção «campiñas» quando N e todos os outros testemunhos optam por «compañas», tal como CB. Na amostragem posterior, deteta-se um caso de má leitura exclusiva de J, onde este se afasta totalmente de todos os testemunhos ao interpretar «de Barne» como «do venja». No último exemplo, assinala-se que J, por alguma razão, não transmite a lição já presente em [O2], ainda não integrada em [O1], representado por K. É possível que, tal como no caso anterior, se trate de um salto na cópia.

CB ≠ J

1) ennas canpinas de Edibom, e Mabeth [...] e o castello de Baalmeon e Jesa e Cirimoth e Mephe e Cariatarim

J. en las canpiñas de Ebron et Vamech et Cariatarin

K. en las campinnas de Edibon et de Bameth Baal e el castiello de Baalmeon, et Gesa, et Cirimoth, et Mephe, e Cariathiarin

M. en las canpiññas de Edibon, e Bamed Bal, el castillo de Valmeo*n*, e Gessa, e Çermoch (33rII) e Mephe e Cariatia*n*n

N. canpjnas de Adibon et Uamet Baal et el castillo de Baalmeon *e* Gesa et Çerimot *e* Mesa *e* Cariathiarin

I. en las canpiñas de Edibon *e* Vameth Vaal *e* el castillo de Vaalmeo*n*, Gessa *e* Cerimoth e Mephe e Cariatha*n*rj

L. en las campiñas de Ydibon et Mabech Vaal et el castillo de Vaalmro*n*, Gesa, Çerimothe *e* Ynepe *e* Cariariati

Φ. en las campiñas de Ydibon y Maabvaal y el castillo de Baalmeo*n* (35rII) Gesa, Çerimoth y Meriepe y Cariantari*n*

2) e[*n]/nas companhas de Moaab

J. en las canpiñas de/ monte

K. en las campinnas de Moab
M. en las canpanas de Moab
N. en las conpañas de Moab
I. en las conpanãs de Moelle
L. en las co*n*/pañas de Moebe
Φ. en las conpañas de Mode

3) disse Deus de mỹ e de ty em/ [*Ca]des de Barne a Moisem, que era ho/[*m]ẽ de Deus, como tu sabes

J. dixo dios de mj e de ti en Çades do venja a Moysen*n* que era om*n*e de Dios co/m*mo* tu sabes

K. dixo Dios de mi e de ti en Cades de Barne a Moysen, que era ombre de Dios cuemo tu sabes
M. dixo Dios de mj e de ti en Cades de Ba*r*nes a Moysen q*ue* era om*n*e de Dios com*m*o tu sabes
N. dixo Dios de mj *e* de ty en Cades de Barne a Moysen q*ue* era om*n*e de Dios com*m*o tu sabes
I. dixo Dios de mj *e* de ti en Cades de *Ver*ne por barru*n*te a esta t*ie*rra
L. tu sabes bien lo q*ue* dixo Dios de mj *e* de ti en Çades de Berne por barru*n*te a esta t*ie*rra
Φ. bene tu sabes bje*n* lo q*ue* dixo Dios de mj y de ty en Cades de Berna por barrunte a esta t*ie*rra

4) [*D]Ardano e Jasio, anbos jrm/ãaos, sairã de Greçia em/ hũu

J. Dardano et Jasio salieron de Greçia en vno

K. Dardano e Jasio, amos hermanos, salieron de Grecia en uno
M. Dardano *e* Jasio, amos h*er*manos, salier*on* de Greçia en vno
N. [D]ardano *e* Jasio, amos h*er*manos, salieron de Greçia en bno
I. Dardano *e* Jasio, amos h*er*manos, salieron de Greçia en vno
L. Dardano *e* Jasio, amos hermanos, salier*on* de Greçia en vno
Φ. Dardano y Jasio, amos hermanos, salier*on* de Greçia en vno

5) E assy como/ conta a Estoria de Troya este nome Frigia/ foy tomado [*de] [*h] ũa filha da rrainha/ Europa a quẽ [*chamarõ] outrossi Frigia. E depar/te a estoria [.] lugares daquella terra/ desta guisa. E […] aquella terra auja/ nome de Troya e [*Frig]ia que era hũa prouẽçia/ della.

J. Et asi com*m*o cuenta la Estoria de Troya este no*m*bre Frigia. Et departe la estoria aquj de aquellos de aquella t*ie*rra desta guisa *e* diz que toda aquella t*ie*rra avia no*m*bre Troya *e* Frigia que era vna proujn*ç*ia della

K. Et assi como cuenta la Estoria de los logares daquella tierra desta guisa, et diz que toda aquella tierra auie nombre Troya, e Ffrigia que era una prouincia della
N. Et asi com*m*o cuenta la Estoria de Troya este nonbre Frigia fue tomado de vna fiia de la reyna Europa a q*ui*en dixeron otrosi Frigia. Et departe la estoria aq*ui* de los lugares de aq*ue*lla tierra desta guisa et diz q*ue* toda aq*ue*lla tierra auja nonbre Troya *e* Frigia q*ue* era vna proujnçia della
M. E ansi com*m*o cue*n*ta la Estoria de Troya este no*m*b*r*e Figia fue tomado de vna fija d*e* la rreyna Europa a q*ui*en dixero*n* otrosi Frigia e departe la estoria aq*ui* de los lugar*e*s de aq*ue*lla t*ie*rra auje no*m*bre Troya *e* Frigia q*ue* era vna p*ro*uinçia della
I. E asy com*m*o cue*n*ta la Estoria de Troya este no*m*br*e* Frigida fue tomado del nonbr*e* de vna fija de la reyna Europa a q*ui*en llamaron Frigida. E departe aq*ui* la

estoria de los lugares de aq*ue*lla t*ie*rra e dize q*ue* toda aq*ue*lla t*ie*rra auja nonbr*e* Troya *e* Frigia q*ue* era vna proujnçia della

L. Et asy com*m*o cuenta de Troya este nonbr*e* Frigia fue tomado de vna fija de la reyna Europa a q*ui*en dixero*n* ot*ro*sy Frigida et departe la estoria aq*ui* de los lugar*e*s de aq*ue*lla t*ie*rra de esta gujsa *e* diz q*ue* toda aq*ue*lla t*ie*rra avie no*m*bre Troya *e* Frigia q*ue* era vna p*ro*ujnçia della

Φ. E asy como cuenta la Ystoria de Troya este no*m*bre Frigia fue tomado de vna fija de la rreyna Europa a q*ui*en dixiero*n* otrosy Frigida. E departe la ystoria de aquj de los logares de aquella t*ie*rra desta guisa y dize q*ue* toda aquella t*ie*rra avje nonbre Troya y Frigia que era vna proujnçia della

Os únicos exemplos de divergência entre CB e N consistem em ausência de matéria em N, muito possivelmente provocada por saltos da cópia, uma vez que essas lacunas são completadas por J. Todavia, deve notar-se que comparativamente a J estas situações são mais raras e contrastam com as ocorrências de lições compatíveis entre N e CB.

CB ≠ N

1) e aos/principes de Madiã que tijnhã cõ Sseã/e foram estes: Eueo, Raçem, Ssur,/Br [sic] e rreçecee e coudees de Sseom, e/moradores dessa terra, e a Balãao

N. a los prinçipes de Madia q*ue* tenjen con Seon *e* moradores de esa tierra. Et a Balaan

K. e a los principes de Madian que tenien con Seon, et fueron estos: Eueo, Reçen, Sur, Vr et Rebee, cabdiellos de Seon e moradores en essa tierra, et a Balaam

M. a los p*ri*nçipes de Madia*n* q*ue* tenia*n* co*n* Seon *e* fuero*n* estos: Eueo, Rraçen, Sur, Ur *e* Rr*e*ra. E a Balaam

J. et a los prinçipes de Mandia que tenjan con Seon et fueron estos: Eueo, Reçen, Sym, Vu, Rebee, cabdiellos de Seon *e* moradores desa t*ie*rra. Et a Balaam

I. *e* a los p*r*inçipes de Madia*n* qu*e* tenja*n* con Seo*n* e fuero*n* estos: Enco, Raçen, Sur, Bi, Cane, caudillos de Seo*n e* moradores dessa t*ie*rra. E a Balaa*n*

L. *e* a los pri*n*çipes de Madia*n* q*ue* tenje*n* co*n* Seo*n* et fuero*n* estos cinco: Raçen, Sut, Vr, Caur, cabdillos de Sion *e* morador*e*s de esa t*ie*rra. E a Balaa*n*n

Φ. y a los prinçipes de Madian q*ue* tenjen con Sion y fuero*n* estos: Eueo, Raçen, Sur, Vr, Ane, cabdillos de Sion y moradores de esa t*ie*rra. Ca Balaan

2) assy que os/ saybos strelleyros este nome poserom/ aa segũda preneta. E he a preneta Jupiter,/ assy como o dizem Tollomeu e[*nno] Alma/jeste e os outros saybos que fallarõ das/ strellas

N. asi q*ue* los sabios q*ue* fablaron de las estrellas

K. assi que los sabios estrelleros este nombre pusieron a la segunda planeta, et es la planeta Juppiter; e assi como dizen Ptholomeo en el Almagest e los otros sabios que fablan de las estrellas

M. asi q*ue* los sabios estrelleros este no*m*br*e* pusiero*n* a la segu*n*da planeta. E es la planeta Jupiter ansi com*m*o dizen Ptholomeo en *e*l Almagest *e* los otros sabios q*ue* fablaro*n* d*e* las estrellas

J. asi que los sabios estrelleros este no*m*bre pusieron a la segunda planeta. Et es la planeta Jupiter asi com*m*o dizen Tholomeo *e* Almageste *e* los otros sabios que fablaron de las estrellas

I. asy q*ue* los sabios estrelleros pusiero*n* este nonbr*e* a la segu*n*da planeta. E es la planeta Jupit*er* asy com*m*o dize*n* P*er*tholom*eu*s e los otros sabios q*ue* fablaro*n* de las estrellas

L. asy q*ue* los sabios estrelleros este nonbre pusiero*n* a la segu*n*da planeta *e* es la planeta Jupiter, asy com*m*o disen Tholomeo Almagest *e* los ot*ro*s sabios q*ue* fablaro*n* de las estrellas

Φ. asy q*ue* los sabios estrelleros este nonbre posiero*n* a la segunda planeta y es la planeta Jupiter e asy como dize Tholomeo Magus y los otros sabios que fablaron de las estrellas

3.3.2. Lições próximas de CB

Das lições coincidentes entre CB e os testemunhos castelhanos, selecionaram-se para análise as duas que não só revelam mais interesse como permitem tecer considerações sobre a proveniência do testemunho português.

No primeiro caso, encontra-se em M, manifestação textual do estado [O2], a única lição correta, seguida por CB.

CB = M

E ueo Jasio à terra de/ Traçia e Dardano a Frigia.

M. bjno Jasio a t*ie*rra de Traçia e Dardano a Frigia

K. uino Jasio a tierra de Traçia e Dardano a Affrica
N. et bino Jasio a tierra de Troya *e* Dardano a Africa
J. vino Jasio a t*ie*rra de Troya *e* Dardano a Frigia
I. *e* vjno Jasio a t*ie*rra de Troya e Dardano a Africa
L. vjno S<...> Jasio a t*ie*rra de Troya *e* Dardano a Africa
Φ. vjno Jasio a tierra de Troya y Dardano a Africa

Tal coincidência tão evidente poderia fazer-nos supor que M e CB provêm do mesmo arquétipo, não foram as lições divergentes detetadas, como é o caso de «companhas de Moaab» / «canpanas de Moab» ou outras pequenas diferenças, visíveis nas transcrições em anexo, que não deixam de fazer notar que CB não pode ter sido traduzido a partir de M ou de um seu testemunho irmão. A compatibilidade entre M e CB acima apresentada pode explicar-se com alguma facilidade. Se tivermos em conta que todos os testemunhos apresentam uma lição errada, oscilando entre «Tracia» (K) e «Troya» (todos os outros manuscritos exceto M), transmitindo sempre «Africa» onde se deveria ler «Tracia», como corretamente indica M, não será difícil ponderar que o copista de M, perante o erro já presente, com grande probabilidade, no arquétipo, tenha procedido à correção, redigindo assim «Tracia» e «Frigia». Contudo, foi o único a

corrigir, já que posteriormente os outros testemunhos, a partir de γ, continuarão a transmitir o erro, desta vez lendo «Troia» onde K transmite «Tracia».

Ora neste caso, parece mais ponderado apontar para a correção do erro por parte do copista de M, mais cuidadoso com os factos, trespassando o erro desde o arquétipo até aos estádios mais distantes do stemma, sendo que a partir do ramo γ já se havia trocado «troia» por «trácia», conforme anteriormente indicado. O mesmo processo não seria de estranhar por parte de um tradutor, que, ao verter de uma língua a outra, procure corrigir quaisquer lapsos provenientes do texto de partida. Nesse sentido, e ainda que esta coincidência exclusiva de M e CB pudesse sugerir o contrário, será de descartar a origem paralela dos dois testemunhos.

Já o caso seguinte coloca diferentes problemas. O trecho que permitiu aos editores do fragmento de Castelo Branco descartarem a sua afinidade com K encontra apenas em N total correspondência. Seria de supor que também J teria tido acesso à mesma lição, já que também pertence ao ramo γ, mas provavelmente o copista saltou a passagem em questão, como acima foi dito. Temos, assim, o seguinte texto em CB:

CB=N

E assy como/ conta a Estoria de Troya este nome Frigia/ foy tomado [*de] [*h] ũa filha da rrainha/ Europa a quẽ [*chamarõ] outrossi Frigia. E depar/te a estoria [.] lugares daquella terra/ desta guisa. E […] aquella terra auja/ nome de Troya e [*Frig]ia que era hũa prouẽçia/ della.

N. et asi com*m*o cuenta la Estoria de Troya este nonbre Frigia fue tomado de vna fiia de la reyna Europa a q*ui*en dixeron otrosi Frigia. Et departe la estoria aq*ui* de los lugares de aq*ue*lla tierra desta guisa et diz q*ue* toda aq*ue*lla tierra auja nonbre Troya *e* Frigia q*ue* era vna proujnçia della.

K. Et assi como cuenta la Estoria de los logares daquella tierra desta guisa, et diz que toda aquella tierra auie nombre Troya, e Ffrigia que era una prouincia della

M. e ansi com*m*o cue*n*ta la Estoria de Troya este no*m*b*r*e Figia fue tomado de vna fija d*e* la rreyna Europa a q*ui*en dixero*n* otrosi Frigia. E departe la estoria aq*ui* de los lugar*e*s de aq*ue*lla t*ie*rra auje no*m*bre Troya *e* Frigia q*ue* era vna p*ro*uinçia della

J. et asi com*m*o cuenta la Estoria de Troya este no*m*bre Frigia et departe la estoria aquj de aquellos de aquella t*ie*rra desta guisa *e* diz que toda aquella t*ie*rra avia no*m*bre Troya *e* Frigia que era vna proujn*ç*ia della

I. E asy com*m*o cue*n*ta la Estoria de Troya este no*m*br*e* Frigida fue tomado del nonbr*e* de vna fija de la reyna Europa a q*ui*en llamaron Frigida. E departe aq*ui* la estoria de los lugares de aq*ue*lla t*ie*rra e dize q*ue* toda aq*ue*lla t*ie*rra auja nonbr*e* Troya *e* Frigia q*ue* era vna proujnçia della

L. et asy com*m*o cuenta de Troya este nonbr*e* Frigia fue tomado de vna fija de la reyna Europa a q*ui*en dixero*n* ot*ro*sy Frigida et departe la estoria aq*ui* de los lugar*e*s de aq*ue*lla t*ie*rra de esta gujsa *e* diz q*ue* toda aq*ue*lla t*ie*rra avie no*m*bre Troya *e* Frigia q*ue* era vna p*ro*ujnçia della

Φ. e asy como cuenta la Ystoria de Troya este no*m*bre Frigia fue tomado de vna fija de la rreyna Europa a q*ui*en dixiero*n* otrosy Frigida e departe la ystoria de aquj de los logares de aquella t*ie*rra desta guisa y dize q*ue* toda aquella t*ie*rra avje nonbre Troya y Frigia que era vna proujnçia della

Note-se como apenas N contém todos os dados, pela mesma ordem e formulação, que a tradução portuguesa. K ainda não conteria esta digressão sobre o nome dos territórios que originaram Troia; em M, não se explicita, como em N e outros testemunhos subsequentes, «desta guisa». J omite parte da matéria, por provável salto, tal como ocorre em outras ocasiões. Os testemunhos I, L e Φ confundem o nome «Frígia» com «Frígida», num erro que certamente provirá do arquétipo que os compreende, β.

3.3.3. Erros e opções de tradução

Para dar conta de algumas características específicas da tradução conservada em CB, selecionaram-se algumas das passagens que manifestam quer erros e lacunas, quer opções interpretativas e interferências no texto da iniciativa do próprio tradutor ou copista. Avançaremos com as ocorrências que denotam saltos e outros descuidos:

1) em lugar da linhajem de Joseph,/ Efraim e em lugar da de Leuj que/ [*he]rdarom os filhos de Joseph, Efra/[*i]m e Manasses, assy como diz Je/[*r]onimo

K. en lugar del linage de Joseph e en logar del de Leui que heredaron los dos fijos de Joseph, Effraym e Manasses, assi cuemo dize Jheronimo

M. en lug*a*r del lignaje de Joseph en *e*l lug*a*r del de Leuj q*ue* er*ed*aro*n* los dos fijos de Josep, Frrayn e Manases, asy com*m*o dize Geronjmo

N. en lugar del linage de Josefo *e* en lugar del de Leuj q*ue* eredaron los dos fijos de Josefo, Effrayn *e* Manases, asi com*m*o dize Geronjmo

J. en logar del linage de Josepho *e* en logar del de Leuj que heredaron los dos fijos de Josepho, Effrayn *e* Manses, asi com*m*o dize Jeronjmo

I. en lug*a*r del linaje de Josepho *e* en lugar del de Leuj q*ue* heredaro*n* los dos fijos de Josepho, Efray*n* *e* Manasses, segu*n* dize Jeronimo

L. en lugar del de Leuj q*ue* heredaro*n* los dos fijos de josepho, Cefrayn *e* Menases, segu*n*d dise Jeronjmo

Φ. logar del de Leuj que heredaro*n* los dos fijos de Josep, Efrayn y Manases, segu*n*t dize Geronjmo

2) assy como têm ataa/Rraba e de Essebom e Manaim

K. assi cuemo tiene fasta Raba et de Esebon fasta Adramoth, et Masphe, et Bathaym et Manaym

M. asy com*m*o tiene fasta Rraba e de Esebon fasta Adramoth e Amasfeth e a Batay*n* e a Manay*n*

N. asi com*m*o tiene fasta Raba e de Esebon fasta adramot et <...>fa e Batayn e Manayn

J. asi co/m*m*o tiene fasta Raba *e* de Esebon fasta Adramoch. et Fasch et Bathaym et Manaym

I. ansi com*m*o tiene Saba *e* de Essebo*n* fasta Adramoth e Massa *e* Machay*n* *e* Manay*n*

L. asy com*m*o tieñe Siba *e* de Esebon fasta Adramoth et Marssis et Batayn et Manayn

Φ. asy como tiene Saba y de Esebon fasta Adramoch y Mas Sur y Lucayn y Manayn

3) E todo o de Effraim ficou [*ē]na terra da promissam e da de Ma/[*n]asses a meatade. E estando ain/[*d]a ha oste em Galgalla, vierõ os/ [*d]e Judas

K. et todo el de Effrayn finco en tierra de promision, et de Manasses la meetad allent el Jordan con el de Ruben e el de Gad, et ell outra meetad aquend el Jordan com los otros nueue linages, e fueron los de Manasses el medio. Et estando aun la huest en Galgala, uinieron los de Judas a Josue

M. E todo el de Ffray finco en t*ie*rra de p*ro*mjsio*n* y, e del de Manases la meatad de allende el Jorda*n* co*n* el de Rruben *e* el de Gad. E e*n* la otra meatad aq*ue*nde el Jordan con los otros nueue lignajes y *e* fuero*n* los de Manases en medio. Estando avn la hueste Galgala vinjero*n* los de Judas a Josue

N. Et todo lo de Effrayn finco en tierra de promision *e* de lo de Manases la meatad allende del Jordan con el de Ruben *e* el de Gad et la otra meytad aq*ue*nde del Jordan con los otros nueue linages. Et fueron los de Judas a Josue J. Et todo lo de Effrayn finco en t*ie*rra de promision *e* del de Manases la meytad allende el Jordan con *e*l de Ruben *e* de Gad. Et la otra meytad aq*ue*nde el Jordan con los ot*ro*s nueue linages *e* fueron los de Manases el medio. Et estando con la hueste en Galgala vinjeron los de Judas a Josue

I. E todo el de Efray finco en t*ie*rra de promission e del de Manasses la mjtad allende del Jorda*n* con el de Rube*n* *e* el de Gad. E la otr*a* mitad aq*ue*nde el Jorda*n* otros LX ljnajes e fuero*n* los de Manasses el medio. E estando avn la hueste en Galgala vinjeron los de Juda a Josue

L. *E* todo el de Frayn finco en t*ie*rra de promjsio*n e* del de Menases la mitad allende el Jordan con el de Rrube*n e* el de Gat et la ot*ra* mjtad aq*ue*nd el Jorda*n* ot*ro*s nueue ljnajes *e* fuero*n* los de Menases el medio. Et estando avn la hueste en Galgala vjnjero*n* los de Juda a Josue

Φ. E todo el de Efrayn finco en la t*ie*rra de promjsjon y del de Manases la meytad allende el Jordan co*n* el de Ruben, y el de Gad y la otra meytad aquende el Jordan con los otros nueue linages y fuero*n* los de Manases el medio. E estando avn la hueste en Galgala, vinjero*n* los de Juda a Josue

Encontra-se um único caso em que CB acrescenta matéria, conforme foi salientado por Arthur Askins, Aida Dias e Harvey Sharrer. Trata-se do sintagma «e auellas pollo seu saber» que, tal como os autores adiantaram, potenciam a imagem negativa do rei Júpiter[465], conhecedor e praticante de artes mágicas que, através do seu conhecimento, dava azo às suas pulsões sexuais. Definitivamente, esta parece ter sido uma das inserções da tradução portuguesa, já que foi possível confirmar as afirmações então ainda inseguras dos editores de CB: a passagem é exclusiva da versão portuguesa.

4) esto may/ormente quanto [buraco] [*raz]õ de molheres [f. 2r, col.2] es [sic] e auellas pollo seu saber, pero muj/ saybo rrey foy

K. esto mayor mientre quanto es en razon de mugieres, pero muy sabio rey fue

M. esto mayorme*n*te q*ua*nto es en rrazon de mugere*s*, p*er*o muy sabio rrey fue

N. esto mayormjente en q*ua*nto es en razon de mugeres, pero muy sabio rey fue

J. esto mayorme*n*te en q*ua*nto es en razon de mugeres, pero muy sabio rey fue

I. E esto mayormente en razo*n* de mugeres, pero muy sabio rey fue

L. esto mayormente enq*ua*nto es en rason de mugere*s*, p*er*o muy sabio rey fue

Φ. esto mayormente enquanto es rrazon de mugeres, pero muy sabio rey fue

Ainda assim, não podem ser deixados fora de consideração outros excertos que demonstram, já não algo tão relevante como a visão crítica do tradutor sobre um rei

[465] Esta perspetiva colide com a construção positiva de Júpiter na *GE*, que seria, de acordo com RICO (1984), um modelo de rei a que Afonso X pretendia associar a sua imagem.

nigromante e adúltero mas, pelo menos, ajudam a perceber a forma como a *GE* é considerada. Efetivamente, tal como para a primeira parte exceto uma ocorrência no fragmento 32, rasura-se quaisquer denominações linguísticas:

5) E Juuãas pater ẽ/ nossa linguajẽ tanto como padre

K. et juuans pater en el lenguage de Castiella tanto como padre
M. *e* juuans pater en *e*l lenguaje de Castilla tanto com*m*o padre
N. *e* juuanes pater en el lenguage de Castilla tanto com*m*o padre
J. Et jujas pater en *e*l lenguage de Casti*e*lla com*m*o padre
I. E juua*n*s part*er* en *e*l lenguaje castellano com*m*o com*m*o padre ayudador
L. juuan*e*s (69rII) pat*er* en el lenguaje de Castilla com*m*o padre
Φ. juvanes pater y en el lenguaje de Castilla como padre

5) tãto quer mo/strar em nosso lingoajẽ como jmjgo

K. tanto quiere mostrar en el nuestro lenguage de Castiella cuemo enemigo
M. tanto q*ui*er mostrar en *e*l n*ue*stro lenguaje de Castilla com*m*o enemjgo
N. tanto q*ui*ere dezir en el n*uest*ro lenguage de Castilla com*m*o enemjgo
J. tanto quiere mostrar en *e*l n*uest*ro lenguaje de Castilla com*m*o enemjgo
I. tanto q*ui*ere dezjr com*m*o enemjgo
L. tanto q*ui*ere desir en el n*uest*ro lenguaje de Castilla como enemjgo
Φ. tanto qujere desir en el n*uest*ro le*n*guaje de Castilla como enemjgo

No mesmo sentido podem ser interpretadas as reformulações linguísticas que evitam construções perifrásticas, naquilo que parece ser uma tentativa de depuramento da língua na versão traduzida. É o que sucede no seguinte caso:

6) Pormeteome/ ell que uiujria eu

K. prometio me Ell a mi que uiuria yo
M. p*ro*metiome el a mj q*ue* biujria yo

N. prometiome el a mj q*ue* bjuria yo

J. prometio el a mj que biujria yo

I. prometiome el a mj q*ue* biujria yo

L. prometiome el a mj q*ue* bjujria yo

Φ. prometiome el a mj q*ue* biujria yo

Também assim pode ser interpretada a opção pelo termo «cristindade», mais latinizado, na seguinte ocorrência:

7) ẽ que era hũa das sete jgreias/ da cristindade

K. en que era la una de las mayores siete yglesias de cristianismo

M. en q*ue* era la vn*a* de las mayor*e*s siete igl*es*ias de *crist*ian*is*mo

N. enq*ue* era la vna de las mayores siete eglesas de *cri*stianismo

J. en que era la vna de las mayores siete egl*es*ias de *crist*ianos

I. enq*ue* era vna de las mayores vii ygl*es*ias del *crist*ianjsmo

L. en q*ue* era vna de las mayor*e*s siete ygli*es*as de/ *crist*ianos

Φ. en que era vna de las mayores siete igl*es*ias de *crist*ianos

O excerto seguinte dá conta de um dado bastante relevante, já que o fragmento de Castelo Branco não pertence ao mesmo códice dos fragmentos da Torre do Tombo:

8) declamẽtos/ de Rramiro

K. Esponimentos de Ramiro

M. Esponjmj*ento*s de Rramjro

N. Esponjmjentos de Ramjro

J. Exponjmje*n*tos de Ramjro

I. Esponjmj*ento*s de Ramiro

L. Exponjmj*ento*s de Rramjro

Φ. Esponimjentos de Rramjro

De facto, também nos fragmentos da primeira parte se preferem as expressões «Declaraço*m* da bibria» e «segundo diz Ramiro», próxima de «Declaramentos de Ramiro», que traduz «Esponimientos de la Biblia». Esta situação poderá não ser ocasional mas sim sistemática, seja por ser sob esse título que a obra é conhecida numa determinada época, seja pelo facto de as traduções surgirem num contexto mais próximo do que a abordagem codicológica poderia fazer supor.

Finalmente, se já se havia omitido a língua, também parece haver uma consciência diferente da *GE*, já que se referem livros (evidentemente anteriores), mas não se determinam as partes a que estes pertencem (no caso, à primeira parte):

9) segũdo/ ouujredes adeante, que ia dissemos/ ēnos liuros desta estoria

K. segunt auredes adelant, ca ya dixiemos en los libros primeros desta Estoria
M. segu*n*d aured*e*s adelant*e*, ca ya dixemos en los libros p*ri*m*er*os desta estoria
N. segunt oyredes adelante, ca ya dexjmos en los libros primeros desta estoria
J. segu*n*d avredes adelante, ca ya diximos e los libros primeros desta estoria
I. se/gu*n*t q*ue* adela*n*te oyredes, ca ya deximos en los libros p*ri*meros desta estoria
L. segu*n*d oyred*e*s adelant*e*, ca ya dixjmos en los libros p*ri*m*er*os desta estoria
Φ. segu*n*t oyredes adelante, ca ya dixjmos en los libros primeros desta ystoria

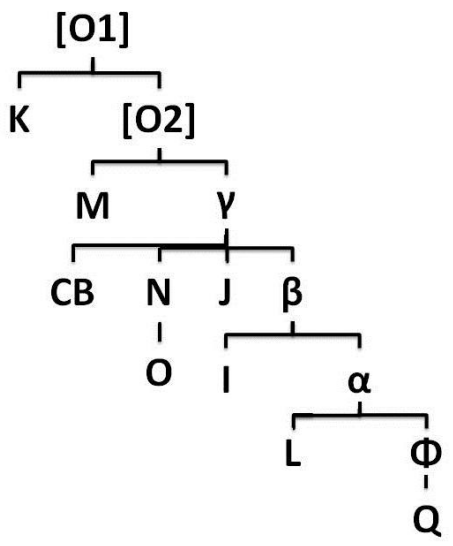
3.4. Sobre a tradução portuguesa da segunda parte

Tendo em conta as considerações acima tecidas a propósito das concordâncias e dissidências entre o pequeno fragmento disponível em português e os oito testemunhos castelhanos, poder-se-á determinar, ainda que sobre pilares muito instáveis, a situação de CB como irmão de N e J, descendente assim de γ, apesar das divergências evidentes mas já consideradas que J demonstra. De facto, descarta-se desde o início a relação do testemunho albicastrense com os ramos mais afastados do original. O ramo α, de onde descendem L e Φ, manifesta variantes comuns que se afastam das demais, seguramente originárias do estado α. Também o subarquétipo imediatamente anterior, representado por I, se vê excluído pelas lições diferentes que subsistirão tanto em I como nos descendentes do seu ramo irmão, α. Sobejam o subarquétipo γ, de que N e J dão testemunho, e os dois estados de redação: [O2], expresso em M, provável versão revista de [O1], de que K é testemunho.

Os editores do fragmento de Castelo Branco rápida e acertadamente descartam a possibilidade de CB provir de K ou ser deste irmão, já que o fragmento contém matéria que só será integrada a partir da segunda formulação do texto, ou seja, [O2]: tal é o caso da explicação da origem do nome da região onde se instala Dardano, a Frígia. A localização de CB reduz-se assim a duas hipóteses: ou é irmão de M, proveniente de [O2], ou é irmão de N e J, descendendo assim do ramo γ.

Pela comparação de CB com estes três testemunhos, assinala-se que nenhum deles é totalmente compatível com a versão portuguesa, pelo que a cópia direta fica descartada. Tanto N como J apresentam lacunas que outros testemunhos preenchem. Contudo, e ao contrário do que ocorre com N, não há nenhuma lição que possa definitivamente emparelhar M com CB: o único caso em que os dois testemunhos são exclusivamente coincidentes coloca muitas incertezas, já que pode dever-se à iniciativa do copista e do tradutor que corrigem o erro que outros deixam passar.

Já a inclusão de um sintagma completo, coincidente com N e os descendentes do ramo irmão β, «desta guisa», sugere uma maior proximidade deste testemunho com CB. Neste sentido, e apelando à análise anteriormente elaborada, propõe-se o seguinte *stemma codicum*, segundo o qual CB é irmanado com N, J e β, descendendo por isso de γ.



É verdade que este *stemma*, devido às razões repetidamente enunciadas, carece de maior sustentabilidade, que apenas poderia encontrar caso o fragmento CB fosse mais extenso ou se encontrassem outros fragmentos que com ele constituíssem a tradução da segunda Parte da GE. Não sendo até ao momento possível, subsiste a interessante coincidência da localização estemática do fragmento da segunda parte e dos fragmentos da primeira. Com efeito, tal como foi visto, os fragmentos TT, mais especificamente G1 – para o testemunho 31 não é possível definir uma localização – são descendentes de um ramo designado α, imediatamente descendente da versão régia, ou seja, de A. Paralelamente a A, que seguramente parte de uma versão primitiva, existe F, cópia de um rascunho.

É um facto que da segunda parte não se encontrou, até agora, nenhum testemunho régio idêntico a A. Todavia, se tivermos em consideração que K transmite o estado mais arcaico da segunda parte, [O1], e M copia um segundo estado, [O2], muito possivelmente uma versão já corrigida e que teria certamente sido a versão chancelada pela corte, não será difícil estabelecer um paralelo entre os dois *stemmae*: K está para F como [O2] está para A. Assim sendo, e sendo γ irmão de M e descendente de [O2], pode-se deduzir que γ se encontra num estado paralelo a α, subarquétipo descendente de A para a primeira parte.

Deste modo, ambos os fragmentos portugueses estariam identicamente próximos da versão régia, já que entre esta e os testemunhos TT e CB existe, respetivamente, apenas um subarquétipo. Não será de estranhar, então, que quem quer

que tenha procedido à tradução tenha tido acesso não aos testemunhos régios das primeira e segunda partes diretamente mas às suas cópias, em ambos os casos bastante próximas e fiéis, padecendo contudo das mazelas características das cópias.

IV. Circuitos da *General Estoria* em Portugal: a dinastia de Avis

4.1. A tradução da *General Estoria* e as dinâmicas culturais avisinas

Parecerá, à primeira leitura, um pouco estranha, a cronologia aparentemente desorganizada dos fragmentos da tradução da *GE* para português que exporemos aqui. O testemunho da segunda parte, diegeticamente posterior ao da primeira, é o mais antigo. Dadas as características paleográficas dos testemunhos, afigurou-se como mais pertinente tratar em primeiro lugar o fragmento que é, paleograficamente, mais antigo – CB – e, em seguida, os fragmentos TT, que, embora não muito, aparentam ser mais recentes. Assim, as considerações tecidas sobre o fragmento que transmite a tradução da segunda parte apresentar-se-ão em primeiro lugar, para depois serem abordados os fragmentos da primeira parte, mais recentes.

Esta escolha não se prende apenas com uma opção de organização cronológica dos testemunhos. Tal seria desnecessário se não fosse de facto importante assinalar que a tradução da *GE* em Portugal se transmite em períodos cronológicos distintos, afastados em algumas décadas. Estes dois momentos serão relevantes, como se explorará adiante, para a compreensão dos movimentos e circunstâncias de receção da obra alfonsina em contexto português. Comecemos, então, pela abordagem do fragmento de Castelo Branco, o mais antigo, que datará, conforme a crítica bem assinala[466], de finais do século XIV e inícios do século XV, atentando às circunstâncias político-ideológicas da época de que data o testemunho.

Não é desconhecida a cultura elevada da corte de Avis[467]. Primeiramente, na pessoa do rei D. João I, filho ilegítimo do rei com Teresa Lourenço, nascido em 1357 e educado para um destino eclesiástico sob o cuidado de Nuno Freire de Andrade quando, ainda infante, estava distante a possibilidade de ascender ao trono, como as tramas da História permitiram[468]. Ao jovem João, filho de D. Pedro I e, como tal, meio-irmão de D. Fernando, a quem veio a suceder, é atribuído em tenra idade o mestrado da Ordem de Avis, à qual presidirá até entrar nas lutas sucessórias e ascender ao trono. Entretanto,

[466] Remetemos para as considerações tecidas na parte II do presente trabalho.

[467] Aconselha-se, particularmente para o que diz respeito à cultura literária, o artigo de BUESCU (2007).

[468] A bibliografia de D. João a consultar em COELHO (2011: 16-18) dispõe de algumas informações sobre os primeiros anos do futuro rei apesar da escassez de fontes sobre esse período da sua vida. Sublinhe-se porém a sua presença, já enquanto mestre de Avis, na corte de D. Fernando.

ainda antes da crise que o elevará a rei, frequenta a corte, ainda de D. Pedro I e depois de D. Fernando.

A um rei surgido de guerras e conflitos de poder entre Portugal e Castela, pouco após o conturbado período de 1383-1385, unir-se-á uma rainha, Filipa de Lencastre, cujo esmero cultural e religioso permitem trazer para uma corte agastada pela guerra e pela mudança dinástica os altos padrões culturais que então pulsavam mais a Norte na Europa. Naturalmente que à data do matrimónio, em 1387, o rei não possui ainda um reino pacificado; mas é de assinalar a importância cultural de D. Filipa[469], cujos padrões morais e culturais trespassarão para a educação exemplar dada à numerosa prole do casal régio.

Esta geração, aclamada como a ínclita geração de altos infantes pela pena de Camões, será de facto aquela em que se cristalizam os ideais culturais de uma corte que se queria exemplar[470]. Perante a imponência literária do futuro rei D. Duarte, do seu irmão, o «Infante das Sete Partidas» D. Pedro, ou do mais jovem infante D. Fernando, fácil seria esquecermos a origem dessa cultura. Com efeito, antes das traduções e redação de obras didático-filosóficas em português a que se assiste em meados de Quatrocentos em contexto avisino, cabe fazer notar a necessidade de afirmação dessa língua, da língua de uma dinastia por legitimar[471], por parte de D. João I. Sobre isto, são claras as afirmações de Saul Gomes[472] e Aires Augusto do Nascimento[473]: se havia já algumas iniciativas de tradução de obras latinas para português em contexto monástico[474] – lembremos a importância de Santa Cruz de Coimbra e ainda mais de

[469] Além das informações obtidas, de modo mais específico sobre a influência de D. Filipa na vida cultural do reino em COELHO (2011), especialmente no capítulo «Linhagem e corte». Veja-se ainda SILVA, M. S. (2012), uma biografia mais abrangente sobre Filipa de Lencastre, da qual se sublinha a Parte I, onde se encontram informações pertinentes sobre a educação e formação cultural da rainha.

[470] Alguns estudos interessam em especial para aprofundar a cultura da dinastia de Avis, particularmente para uma cronologia mais remota. Além do estudo fundamental de GOMES, R. C. (1995), indica-se BEAU (1956-1957), BUESCU (2007), COELHO (2011), FRANÇA (1998), GOMES, S. A (2010), MONTEIRO (1988) NASCIMENTO (1993) e SIMÕES (2001). Apesar de reportar a quase um século mais tarde, o estudo de BUESCU (1997) oferece também elementos interessantes para as origens da cultura avisina.

[471] Ainda que atentando a uma cronologia mais recuada, a problemática da legitimação feita através da tradução do castelhano ao português é extremamente bem colocada em FERREIRA, M. R. (2012).

[472] GOMES, S. A. (2010).

[473] NASCIMENTO (1993).

[474] Veja-se também NETO (1956) e RAMOS (2001).

Alcobaça[475], onde se terá produzido uma tradução de uma *Bíblia* historiada baseada em Pedro Comestor algures no século XIV[476] – teremos também o novo rei, acompanhado por uma rainha que também desejava a boa formação cultural da corte onde convivia velha e nova nobreza, a incitar traduções para português de obras litúrgicas e religiosas.

Não será portanto surpreendente que se conclua que a iniciativa de tradução da *GE*, texto em castelhano que ultrapassa em muito os cânones da historiografia universal do seu tempo, se deva à iniciativa de D. João I, em cujo reinado, segundo Luís Lindley Cintra[477], terá despertado o interesse pela obra alfonsina.

E, realmente, vários elementos colaboram para fundamentar esta hipótese. Não só pela afirmação taxativa de Fernão de Oliveira que, na sua *Gramática da linguagem portuguesa* de 1536[478], indica D. João como incentivador da tradução da *GE*, mas também pelo que os textos deixam antever. Efetivamente, será talvez precipitado afirmar que D. João I mandou traduzir a *GE* quando se sabe do fundamental papel cultural que o seu filho e futuro rei D. Duarte assume, sobretudo a partir de 1419[479]; seria assim absolutamente legítimo considerar também que a ordem de tradução teria sido feita sob o longo reinado de D. João, sim, mas não por interesse ou iniciativa deste.

No mesmo contexto poder-se-á inserir a versão portuguesa dos *Autos dos Apóstolos*, conservada parcialmente num testemunho de 1442 e 1443[480], da biblioteca do mosteiro de Alcobaça, mas da qual subsiste um fragmento bastante anterior, provavelmente datável do início do século XV[481], ou seja, da mesma cronologia que o fragmento CB. Tendo em consideração as três fases de transmissão dos *Autos dos*

---

[475] «Os monges de Alcobaça (...) consagravam-se, entre outras ocupações, à transcrição de livros de interesse para a Ordem e, assim, além da cópia de obras já existentes, aplicam-se também à tradução de textos, especialmente do latim, mas também do castelhano e do francês, e à produção de trabalhos originais, o que muito contribuiu para a formação da prosa portuguesa.» FERREIRA, J. A. (2001:71).

[476] Já referimos brevemente esta iniciativa de tradução, sobre a qual se debruçaram ALMEIDA (1829) e NETO (1959).

[477] CINTRA (1999a).

[478] Consulte-se em FERNÃO DE OLIVEIRA (ed. 1933), com versão facsimilada em id. (1536).

[479] Para a vida conturbada de D. Duarte enquanto infante, veja-se a sua biografia em DUARTE, L. M. (2011).

[480] Veja-se a referência em PHILOBIBLON, Bitagap, ManId 1504.

[481] «*Vidas e Paixões dos Apóstolos* encontra-se em cópia feita no decurso dos anos de 1442 e 1443, num códice da Livraria do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça [...] Da coleção de «Manuscritos Avulsos da mesma Biblioteca Nacional faz parte uma folha de pergaminho, a única que subsistiu de um códice mais antigo, dos fins do séc. XIV, princípios do séc. XV, o qual devia conter outra cópia do mesmo texto.» CEPEDA (1982: XI). Veja-se também as referências em PHILOBIBLON, Bitagap, ManId 1121. A base de dados refere ainda uma cópia perdida, de cerca de 1430, com o ManId 3700.

Apóstolos, com um fragmento do início do século XV, uma parte integral de meados do mesmo século e, posteriormente, a edição impressa de 1505, por ordem de D. Leonor[482], remetemos para mais tarde algumas reflexões sobre este interessante texto. De facto, é altamente provável que o texto de Bernardo de Brihuega[483], que apenas subsiste em versão latina e portuguesa, seja uma continuação da *GE*, particularmente da sexta parte que ficou incompleta à morte do rei Sábio.

Sobre este tema, é fundamental o estudo de Isabel Cepeda[484], que subscrevemos integralmente. Talvez haja, pela parte da crítica contemporânea, uma certa compartimentação dos materiais que não seria familiar ao público medieval. Neste sentido, é muito possível que os *Autos dos Apóstolos* fossem efetivamente tomados como parte da história geral, *General Estoria*, Estoria geral, ou os vários nomes atribuídos ao texto que hoje chamamos *GE*[485], sendo por isso a sua inclusão na obra do rei sábio, mesmo sem que este tivesse sequer conhecido o trabalho de Bernardo de Brihuega, natural para os futuros leitores daquilo que hoje chamamos *General Estoria*. Deste ponto de vista, seria interessante tomar como testemunho único de parte da sexta parte da *GE* a tradução portuguesa, que sobrevive em vários suportes, e nos poderia oferecer um panorama mais alargado do projeto e obra alfonsina.

Por vezes na História da Literatura deparamo-nos com momentos a que podemos chamar «futurologia retrospetiva». É, evidentemente, impossível, adivinharmos quem no passado decidiu encomendar uma tradução da tão importante e ideologicamente particular obra maior de Afonso X. Podemos, até, estar a falhar por pouco um alvo que não podemos ver. Seja como for, recorde-se, há argumentos que favorecem as considerações já elaboradas por Luís Lindley Cintra[486] e seguidas

---

[482] Ver id. (1982: XI).

[483] Bernardo de Brihuega, secretário do *scriptorium* alfonsino, foi incumbido de elaborar a história dos apóstolos e, mais tarde, dos mártires da igreja, completando assim o texto da sexta parte da *GE* que, de acordo com o prólogo, tinha por objetivo atingir a vida de Afonso X, relatando entretanto a vida de todos os santos e mártires da igreja, empresa que Bernardo de Brihuega diligentemente cumpre.

[484] CEPEDA (1982).

[485] É sob várias formas que a mesma obra é apresentada nos inventários de bibliotecas, como por exemplo no *Livro dos Conselhos* de D. Duarte, onde surge designada como «Estoria Geral». É interessante a alusão à obra de Afonso X que surge no manuscrito da Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1198, fl. 33rB, de quem se diz que fez a «estorea jeral». Agradecemos ao Doutor Filipe Alves Moreira a partilha desta informação.

[486] CINTRA (1999a) encontra na obra de Fernão de Oliveira um vocábulo («ruão») apenas reencontrado pelo investigador na *GE*, com o mesmo sentido.

posteriormente pela crítica, e que nos permitem corroborar a possibilidade de, efetivamente, ter sido o fundador da dinastia a incentivar tal tradução.

Reparemos agora no suporte físico. Encontrou-se, em 1992, um fragmento da segunda parte da *GE* no Arquivo Distrital de Castelo Branco, conforme já expusemos. Este fragmento, datável do início do século XV ou até finais do século XIV[487], é claramente distinto dos fragmentos da primeira parte, preservados na Torre do Tombo, no que ao aspeto gráfico diz respeito. De facto, perante o suporte material deveremos recuar a iniciativa de tradução para inícios do século XV. Porém, isto por si só não é suficiente. A mão do copista pode trair-nos quando tentamos situá-la, e nada no fragmento nos diz quem e onde o redigiu. Necessárias são, por isso, outras evidências.

Já foi referida a indicação de Fernão de Oliveira que, na sua *Gramatica da linguagem portuguesa*, dá conta de que a palavra «ruão» fora encontrada no texto que «el rey D. João mandara trasladar»[488]. Talvez seja interessante observar que outros textos interessaram ao monarca que, além do que nos diz o autor quinhentista, terá encomendado uma série de traduções de cariz religioso[489], como as *Horas de Santa Maria* e dos Salmos, entre outros textos cuja função era eminentemente doutrinária e pedagógica. Dos salmos haverá mais a dizer, mais interrogações a colocar; deixemo-las, pois, uma vez que nenhuma das obras encomendadas pelo rei ter chegado aos nossos dias.

Resta-nos, então, a obra redigida pelo seu punho, texto que manifesta o seu interesse venatório mas também nos revela o seu cuidado em citar os grandes clássicos que os autores medievais sempre reverenciam. É graças a Mário Martins[490] que encontramos uma interessante ponta solta, reveladora do conhecimento da *GE* por D. João I. Referindo o recurso a Ovídio por parte do monarca, o perspicaz estudioso dá-nos conta de que a *GE* perpassa o *Livro da Mon*taria[491]. Encontra, finalmente, a passagem que o comprova sem dúvidas, já que se deteta a coincidência entre ambas as versões da matéria: «(...) lá descobrimos o mito de Actéon (...). D. João I nega que os cães

[487] 1376 e 1425 segundo o PHILOBIBLON, Bitagap, ManId 3746.

[488] CINTRA (1999a).

[489] Sobre esta iniciativa, veja-se NASCIMENTO (1993).

[490] MARTINS, M. (1983).

[491] O texto pode ser consultado em D. JOÃO I (1981). Veja-se também, sobre a tradição manuscrita da obra, CALADO (2003) e CONDE (2010); É ainda interessante a leitura de LEITÃO e DIONÍSIO (2008).

devorassem Actéon (...). A *General Estoria* bate no mesmo ponto, a respeito de Actéon devorado pela própria matilha.»[492]

Contudo, o conhecimento de uma obra não manifesta, nem implica tão pouco, a sua tradução, especialmente quando estamos perante duas línguas inteligíveis entre si, e num contexto em que o conhecimento do castelhano seria facilmente acessível[493].

É, contudo, assaz possível que a *GE* tenha sido conhecida pelos infantes de Avis, eventualmente até como texto didático que contém praticamente toda a informação necessária para a formação cultural de um jovem medieval: a história bíblica, a história pagã, alguns apontamentos sobre o mundo conforme era conhecido até ao século XIII. E este interesse pedagógico do velho texto castelhano poderá também ter sido o motor da sua tradução. Se apenas o rei D. João o utiliza com alguma certeza, se há evidências codicológicas da sua existência nos anos em torno da passagem do século XIV para o XV, e se finalmente encontramos autores que o apontam como incentivador da tradução, não será arriscado adiantar que, de facto, foi este rei que patrocinou a versão da *GE* para português.

O que fica por responder é o porquê desta tradução. Como foi anteriormente referido, o castelhano era uma língua de fácil compreensão e de resto normalmente falada na corte portuguesa. Numa corte poliglota parece mesmo ser redundante a transposição de um texto tão acessível para a língua do rei. Isto se não estivéssemos perante um rei a quem falha a legitimidade e que precisa de a afirmar contra Castela, herdeira da coroa portuguesa.

Nas palavras de Saul Gomes: «(...) com o triunfo do Mestre de Avis, D. João I, nos campos de Aljubarrota, em 1385, se firmou definitivamente um paradigma político valorizador da cultura e da língua nacional.»[494]. Para afirmar essa cultura e língua, será natural que o novo rei recorra à tradução e à produção, sobretudo de caráter historiográfico, na língua que o distingue do reino vizinho. A cronística fica a cargo do seu cronista-mor, Fernão Lopes, que prepara a história do reino e dos reis que sucedem a D. João, legitimando, pela sua narrativa, a ascensão do mestre ao trono. Trata-se contudo de escrita original – no que se pode entender por original nos tempos

[492] MARTINS, M. (1983: 130-131).
[493] Sobre esta confluência linguística, veja-se MOREIRA (2011).
[494] GOMES, S. A. (2010: 175).

medievais – e não de traduções de obras historiográficas anteriores, como ocorre, por exemplo, com a complicada história da *Crónica Geral de Espanha*.

Fica, contudo, por abranger a história além do reino, isto é, uma história universal que ultrapasse a pequena tradução, mais próxima de uma *Bíblia* romanceada do que propriamente de uma história da humanidade, que existiria em Alcobaça no século XIV e da qual subsistem cópias posteriores.

A *GE* é, acima de tudo, um monumento da língua castelhana[495]. No seu projeto inicial, conforme descrito no prólogo à sexta parte, previa-se que culminasse no reinado do seu incentivador, Afonso X. Em grande medida, é uma magnífica afirmação do rei castelhano enquanto proponente ao Império, tornando-se também num exemplar catálogo de comportamentos humanos, de, como se afirma no prólogo à primeira parte, um desfilar de maus e bons exemplos para que uns sejam evitados e outros seguidos.

No corpo da GE, regida pelos *Cânones Crónicos* de Eusébio e Jerónimo, pautada pela história da *Bíblia* mas nunca descurando os grandes clássicos tão interessantes aos olhos medievais, destaca-se a figura do rei, ou dos grandes homens que exercem o poder. Conta-se, assim, a história dos reinos e impérios, de quem os governou, das suas ascensões e quedas. A história, seja bíblica, seja pagã, mostra como se comporta um rei exemplar e as consequências de um mau governo[496].

Este aspeto terá sido uma das pedras basilares que fundamentaram uma tradução para português. Um texto que valoriza a figura do rei[497], mas acima de tudo o governo ideal e correto em prol da manutenção do reino – é assim que nos é apresentada a história de Israel; um texto que, além desta visão centrada nos impérios e seus governantes, fornece excelentes traduções de obras fundamentais para a formação cultural medieval: as *Heróidas* e as *Metamorfoses* de Ovídio, os romances de Tebas e de Troia, a *Farsália* de Lucano, o próprio texto da Vulgata, amplamente comentado e explicado, numa língua vulgar e acessível.

Traduzir um texto é, também, conquistá-lo. Tomá-lo da língua do reino do qual se quis a independência contra quaisquer expectativas e vertê-lo para a língua portuguesa,

---

[495] Uma vez mais se torna pertinente remeter para a leitura do artigo de FERREIRA, M. R. (2012).

[496] Esta questão do bom e mau rei acompanhado por bons e maus conselheiros na *GE* foi aflorada em LEITE, M. (2008).

[497] É interessante confrontar esta iniciativa com a tendência panegírica ao rei nas obras de Afonso X. Veja-se MARTIN (2003).

língua do infante ilegítimo que ascende a rei e garante assim a autonomia de Portugal, é fazer valer essa língua, e com ela esse rei, enquanto possuidor de um texto tão ideologicamente marcado como é a GE. Não parece possível compreender a tradução da *GE* do castelhano para português ignorando o pulsar ideológico subjacente, seja ele intencional ou não. Cabem aqui as considerações de Elena Gascón Vera, que aponta precisamente para esta apropriação e identificação da nova dinastia com um antepassado ilustre pela sua atividade cultural, estreitamente relacionada com a corte, apesar das vicissitudes do seu reinado: «La corte de João y Felipa produjo un resurgimiento de la literatura y del estudio (...). El *letrado* o el estudioso seglar empezó a adquirir una posición cada vez más importante. Esta actitud tiene su deuda en el ejemplo del rey, que tradujo una colección de *Horas Marianas* del latín al portugués y así mismo escribió un manual de caza, *Livro de la Montaria*. Todo esto con el posible deseo de emular a un insigne antepasado suyo el Rey Alfonso X de Castilla [Sublinhamos especialmente esta última frase]»[498]

Assim sendo, não só devemos ter em conta esta hipótese da transposição linguística como motor ideológico para a tradução da grande obra alfonsina, como será de considerar o menos discutível cariz didático que tal obra comporta, já que, conforme se afirmou acima, se trata de um texto com ampla informação historiográfica, cultural e até geográfica. Neste sentido, não se deverá descartar o intuito pedagógico e formador latente na tradução da *GE*, enciclopédia que permitia uma transmissão de conhecimentos de cultura geral a um público cortês que, claramente, tanto D. João como D. Filipa de Lencastre queriam bem formado ética, religiosa e culturalmente.

[498] GASCÓN VERA (1979:39).

4.2. A *Ínclita Geração*: um período de leituras e cópias?

Quando se observam os elementos até agora encontrados sobre a utilização da *GE* em meios portugueses, é notório um hiato geracional em que aparentemente o texto castelhano não foi alvo de interesse: a geração de infantes nascida da união de D. João I com D. Filipa de Lencastre. De facto, se o primeiro recurso à obra alfonsina é feito pelo próprio rei no seu *Livro de Montaria*, conforme já apontámos seguindo Mário Martins, só voltaremos a ter um leitor ativo da *GE* no cronista-mor de D. Afonso V, Gomes Eanes de Zurara, que vai beber ao texto castelhano elementos para a sua *Crónica dos feitos notáveis da Guiné*[499]. Também teremos no filho do infante D. Pedro, o condestável D. Pedro, um utilizador da *GE* na sua *Satira de felice e infelice vida*, sobre quem teceremos algumas considerações mais tarde. Neste momento tínhamos, portanto, leitores do início do século XV, leitores de meados do mesmo século e uma leitura bastante mais tardia, a de Gil Vicente, que recupera uma narrativa do texto castelhano para o seu *Auto de la Sibila Casandra*[500], dedicado à mesma rainha que encomenda a impressão dos *Autos dos Apóstolos*, D. Leonor.

A geração de infantes resultante do casamento do fundador da dinastia de Avis com a princesa inglesa é, de facto, notável pelo seu elevado nível de formação cultural. Seguramente que, em grande medida por favorecimento materno[501], mas também respondendo aos novos modelos de formação de príncipes que se difundem pela Europa do século XV, encontramos em todos os filhos do casal real interesses intelectuais e culturais variados, plasmados em bibliotecas, na eloquência das suas cartas, em promoções económicas, artísticas ou religiosas e, claro, com maior evidência, nas obras de caráter literário que vários dos infantes legaram[502]. De resto, tanto o príncipe herdeiro como o seu irmão segundogénito foram autores de textos de grande interesse literário e filosófico.

---

[499] Retomaremos este assunto, abordado por LEITE, D. (1941) e CARVALHO, J. (1983).

[500] Ver LEITE, M (2009).

[501] Novamente remetemos para os capítulos iniciais da biografia de D. Filipa de Lencastre em SILVA, M. S. (2012), e para a biografia de D. João I, especialmente no que à cultura de corte diz respeito em COELHO (2011). Para a compreensão da cultura influenciada por D. Filipa, consulte-se GOMES, R. C. (1995).

[502] Ao estudar a produção cultural da corte de avis, também importa atentar às iniciativas de escrita e tradução ocorridas neste período como é o caso da *CORTE ENPERIAL* (ed. 2000), PONTES (1957), e HILTY (1982).

Na sua formação intelectual, marcada pelos ideais humanistas, de conjugação de elegância em armas e em letras na figura do príncipe, o latim e toda a tradição filosófico-literária dos grandes autores romanos têm um lugar preponderante. O próprio D. Duarte[503] tece algumas considerações sobre os processos de tradução no seu *Leal Conselheiro*[504], e vemos no seu irmão D. Pedro um tradutor de Cícero[505]. Estamos, portanto, perante uma geração de formação bastante ampla, de facto, mas também bastante latinizada, conhecedora das fontes de obras como a *GE* e, como tal, à partida mais indiferente a um texto castelhano que traduz, muitas vezes de forma inusitada, autores a que estes novos leitores teriam um acesso fácil. O mesmo se poderá dizer para o acesso às narrativas troianas[506], cujo sucesso se prolonga até à Idade Moderna, e às quais os infantes poderiam também aceder em francês no *Roman de Troie*[507] ou no *Roman de Thèbes*[508], língua que herdaram de sua mãe, D. Filipa. Esta formação humanista, profundamente marcada pelo latim, poderia justificar o desinteresse por parte desta geração na grande obra de Afonso X que, com grande probabilidade, foi mandada traduzir por D. João I. Compreender-se-ia assim que só na geração seguinte, por via de um cronista-mor, se viesse a ressuscitar em parte o uso do texto alfonsino, ao qual se recorre como a uma enciclopédia.

---

[503] Não detetámos nenhuma relação da obra de D. Duarte com a *GE*. Porém, para o estudo da cultura deste rei, recomenda-se a leitura dos estudos de DIONÍSIO (2004) e DIONÍSIO e NOGUEIRA (2007).

[504] D. DUARTE (ed. 1998: 362-363). Vejam-se ainda os estudos de DIONÍSIO (2004), DIONÍSIO e NOGUEIRA (2007) e MUNIZ (2005).

[505] Infante D. PEDRO (ed. 1948). Veja-se também OSÓRIO (1993) e PIEL (1948).

[506] A matéria troiana, integrando-se no conjunto da *matière antique*, constitui um elemento fundamental para a construção cultural – historiográfica e literária – da Idade Média. Para a historiografia, interessa em particular a história de Tróia pela sua relação mítica com a formação do Império Romano, de que as grandes dinastias europeias se vêem como herdeiras – como é o caso do Sacro-Império Romano Germânico a que Afonso X se candidata. Porém, também a matéria sobre Alexandre, o Grande, gera grande interesse, sendo, evidentemente, integrada na própria *GE*, e existindo mesmo uma versão castelhana, prévia à iniciativa historiográfica alfonsina, da *Alexandreis* e do *Roman d'Alexandre* – veja-se GAUTIER DE CHÂTILLON (ed. 1863), *ROMAN D'ALEXANDRE* (ed. 1997) e *LIBRO DE ALEXANDRE* (ed. 2003) e o estudo introdutório à edição por CAÑAS (2003), que assinala dois importantes artigos de WILLIS (1934) e id. (1935). Continua a ser basilar o estudo de CURTIUS (1963), que assinala a relação de continuidade entre literatura da antiguidade e a escrita medieval. Veja-se ainda LEEKER (1996). Atendendo em especial à influência literária da matéria troiana e de Alexandre, vejam-se os estudos reunidos por BAUMGARTNER e HARF-LANCNER, eds. (1997) e HARF-LANCNER, MATHEY-MAILLE e SZKILNIK (2006), além de HARF-LANCNER (2000). Para um contexto hispânico, consulte-se CASAS RIGALL (1999) e CROSAS LÓPEZ (2010). A investigação feita em torno das fontes para a *GE* oferecem também interessantes elementos. Vejam-se em particular os trabalhos de SOLALINDE (1916), id. (1928), id. (1930), id. (1934) e id. (1936), sugeridos por FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ (1999), e ainda EISENBERG (1973).

[507] O texto encontra-se editado em BENOÎT DE SAINTE-MAURE (ed. 1904).

[508] *ROMAN DE THÈBES* (ed. 1890).

Do mesmo modo, a tão rápida perda de interesse pela *GE* poderia justificar a desintegração da tradução, que, caso as datações correspondam à data de encadernação dos livros notariais a que pertenciam, ocorreu ainda antes do fim da segunda dinastia[509]. Não podemos fazer mais do que conjeturar sobre a fortuna dos manuscritos a que pertenciam os fragmentos que acabaram como encadernações, pois estas poderão ser mais tardias do que os livros que protegiam. No entanto, devemos sublinhar, uma vez mais, a particularidade de os quatro fragmentos TT, todos aparentados entre si, encadernarem livros mais antigos – segunda metade do século XVI – do que o fragmento CB, encadernação de um livro notarial que data de meados do século seguinte. Ainda neste ponto de vista, não deixa de ser interessante que aquela que terá sido uma só iniciativa de tradução tenha tido duas execuções tão diferentes, conforme assinalámos anteriormente. De facto, os fragmentos TT revelam um elaborado trabalho estético, podendo datar dos primeiros anos do século XV mas herdando as práticas ornamentais da chancelaria de D. João I[510]. Já o fragmento CB, redigido com alguma elegância e cuidado, é certo, não deixa de ser profundamente mais simples, numa letra mais chancelaresca e sem as decorações elaboradas dos fragmentos da primeira parte. No entanto, este fragmento, conforme foi já indicado, aparenta ser prévio aos quatro fragmentos TT. Dever-se-á então considerar que um mesmo projeto – a tradução da *GE* por encomenda de D. João I – veio a encontrar duas execuções distintas, provavelmente distanciadas de algumas décadas. Queremos com isto dizer que, atendendo às características paleográficas e codicológicas e ainda aos elementos filológicos que nos permitem classificar os fragmentos TT e CB em níveis de proximidade ao arquétipo castelhano idênticas, não será arriscado ponderar que CB seja um vestígio do projeto de tradução da época em que este surgiu – possivelmente em finais do século XIV, por mandado de D. João I – enquanto TT será um testemunho de que, anos mais tarde, parte dessa tradução agora perdida veio a ser copiada, possivelmente por meios afetos à corte régia, de forma bastante mais elegante.

---

[509] Agradecemos ao Professor Doutor José Meirinhos (Universidade do Porto) por assinalar que a datação inscrita nas capas pode não corresponder à data de feitura dos livros. Neste sentido, estamos conscientes de que o desmembramento dos códices e encadernação de livros de notários poderá ser posterior à época de elaboração dos próprios livros notariais.

[510] Devemos ao Professor Doutor Saul António Gomes (Universidade de Coimbra), a quem agradecemos, a percepção deste elemento paleográfico.

Deste modo, poder-se-ia compreender a coexistência quase contemporânea de testemunhos esteticamente tão díspares de um mesmo projeto de escrita. Poder-se-ia pensar que numa primeira etapa se elaborou uma tradução, de execução gráfica inferior, fazendo-se mais tarde uma cópia verdadeiramente digna de permanecer na biblioteca régia[511].

Esta disparidade temporal entre os fragmentos, todavia, não vem responder ao hiato que parece haver entre D. João I e o reinado do seu neto, D. Afonso V, no que ao uso da *GE* diz respeito. Poderia, como acima sugerimos, tratar-se de puro desinteresse por parte de uma geração formada ao gosto de Quinhentos, que preferiria o latim a uma língua vulgar que traduz, tantas vezes, com grande disparidade o que fora dito pelos autores antigos[512]. Perante a ausência de qualquer evidência, seria a conclusão a tomar.

Porém, eis que desponta um pequeno mas importante indício no texto de um dos mais notáveis filhos de Avis. No seu *Livro da Virtuosa Benfeitoria*, o infante das Sete Partidas, D. Pedro[513], apresenta um caso que remete para um exemplo de estratégia narrativa encontrado num «livro da Troia»:

«Comprenos departir e deuidir aquesta obra pera cuio perseguimento saybhamos primeyramente que em poer ordenança em alguũ liuro, dous modos som costumados. O primeiro he per que sse esguarda o stado ou dignidade das cousas que ham de seer falladas, e cada hũa se conta per ordenança segundo sua melhoria. Assy como se screue no liuro da troya, onde contado o estoriador quaaes erom de hũa parte e quaaes da outra, logo começa ElRey priamo que antre todos era mais honrrado senhor, e de sy poem Eytor seu primeyro filho, que em cauallaria e mereçimento era possuidor do segundo logar. E estonçe conta seus yrmaãos e os outros caualeiros prezados, segundo que auya cada huũ stado de maior nobreza. E aquesta maneyra de screuer he tam acostumada antre todollos homeẽs, que muyto simprez he o scriuam que della nom sabe usar. A ij maneira de contar algũa cousa he segundo natureza. Aquall primeyro geera e cria o menino que faça o moço. E deste toma primeyro cuidado que do

[511] Tanto D. João I como D. Duarte possuem nas suas bibliotecas uma *GE* que, podemos suspeitar mas sem certezas, poderá ser já a tradução. Veja-se NASCIMENTO (1993).

[512] Sobre a importância das traduções do latim ao português, veja-se PINHO (1996) e RUSSELL (1985). Veja-se ainda CASTRO, I (1993) e FERREIRA, J.A. (2001).

[513] A notável biografia de D. Pedro mereceria maior destaque. Remetemos para a leitura dos textos de MORENO (1987), id. (1990), e especialmente id. (1997) para a compreensão da época instável e percurso de vida deste infante. Merece também destaque a informação recolhida em COELHO (2011), DUARTE, L. M. (2012) e GOMES, S.A. (2006), além de ROGERS (1961).

homem comprido. E tal modo como este teue o storiador, que os feytos de hercoles contou largamente ffallando primeyro da sua naçença, contando as obras da sua moçidade, aynda que de tanto louuor dignas nom fossem, como outras que elle despois acabou. E eu segundo aquesta maneyra partirey aquesta obra, poendo ordenança que he mais acordante com a natureza dos benefiçios.»[514]

Na introdução do poema de Benoît de Sainte-Maure, nada aponta para uma redação *in media res*, estratégia que será a escrita dos feitos «por ordenança segundo sua melhoria» a que o Infante D. Pedro se refere. Do prólogo, salienta-se a breve história dos diversos autores da narrativa que o autor francês se propõe compor; mas é logo no início do resumo do poema que se confirma que se opta pelo relato linear dos fatos, sendo a única consideração metaliterária encontrada a seguinte:

«Dirai vos donc e a bries moz/ De queus faiz iert li livres toz/ E de quei i voudrai traitier. Sempres ici al comencier/ Vous parlerai de Peleüs»[515]

Mesmo no início do poema, começa-se a narrativa a partir dos primeiros eventos que desencadearam a guerra de Troia. Efetivamente, enumeram-se as personagens que a protagonizam seguindo uma ordem ao mesmo tempo socialmente hierárquica mas também diegética: os exemplos do livro do Infante das Sete Partidas dados como mais importantes não surgem na obra de Benoît de Sainte-Maure:

«Peleüs fu uns riches reuis/ Mout proz, mout sages, mout corteis:/ Par Grece alot sa seignorie/ E del regne ot mout grant partie;/ Sa terre teneit quietement/ Bien e en pais e sagement»[516]

Também se verificou o texto introdutório à *Cronica Troiana*[517], versão prosificada do romance em verso francês, sem que nada de relevante se detetasse.

[514] O texto corresponde ao início do capítulo VI. Veja-se Infante D. PEDRO (ed. 1981:540).
[515] BENOÎT DE SAINTE MAURE (ed. 1904:9, vv. 145-149).
[516] Id. (ed. 1904:38, vv. 715-720).
[517] *CRÓNICA TROIANA* (ed. 1985).

Esgotadas estas fontes mais próximas e evidentes, aproximámo-nos dos capítulos iniciais da história de Troia na *GE*. Encontramos, no prólogo à história de Troia, as seguintes considerações:

«E porque á ý dos comienços de estoria, de que llaman al uno natural e al otro de maestría o de arte (e los departe en el comienço el esponedor de Estacio de Achilles, cuya estoria será aquí menester), querémoslos poner aquí departidos en el comienço ante de todo lo ál, e començar en ellos por que se entienda en cuaál d'ellos se comiença aquí el fecho de Troya.

De las maneras de los comienços de las estorias

Dos maneras demuestra Estacio en la estoria de Achilles que ovieron los abtores de que usaron en las entradas de sus razones, e nómbralos él aquellos dos comienços e depártelos d'esta guisa: diz que al un comienço llaman natural de natura, e al otro dixieron comienço de maestría o del arte. E del comienço de natura departe él así que es començar el estoriador a contar la estoria de la razón donde se levanta el fecho e donde viene el primero comienço de la cosa de que fabla en ella; e el otro comienço del arte e de la maestría diz que es cuando omne dexa la razón donde nace aquello por que ovo a acaecer aquel fecho de que él á de fablar, e todo lo ál que yaze allí fasta donde él toma la razón de lo suyo, e comiença luego en la su razón en aquello que viene luego ante lo suyo más de cerca. E los autores que en este comienço de arte o de la maestría començaron sus estorias diz que lo fizieron por alguna d'estas dos razones: o porque eran aquellas razones contadas ya en otros libros o porque eran agenas de aquellas que ellos querién dezir e non se quisieron detener muncho en ellas, e que esto fizieron por razón de llegarse más aína a las suyas.»[518]

A importância dada a Estácio, e ao seu comentador, não pode deixar de suscitar algumas interrogações. Na versão clássica, nada nos indica quaisquer considerações metatextuais que permitam compreender a reflexão que é feita na *GE* e muito menos no

[518] O texto corresponde aos capítulos 437-438 da *GE* disponíveis em AFONSO X (ed. 2009, Parte II, vol. 2, p. 122).

Livro da Virtuosa Benfeitoria. O autor latino[519] simplesmente começa por narrar a vida do herói, Aquiles[520].

Poderemos desde logo objetar a confluência do texto da *GE* com a obra de D. Pedro a partir das diferenças entre ambos os textos. De facto, se em ambos se expõe as duas modalidades narrativas – natural ou «de maestria», as justificações para o recurso a cada uma delas diverge: para D. Pedro, trata-se de ter em consideração «o stado ou dignidade das cousas que ham de seer falladas, e cada hũa se conta per ordenança segundo sua melhoria»; para Afonso X, as motivações para a escrita não linear de uma narrativa explicam-se com razões bem mais simples: «o porque eran aquellas razones contadas ya en otros libros o porque eran agenas de aquellas que ellos querién dezir e non se quisieron detener muncho en ellas, e que esto fizieron por razón de llegarse más aína a las suyas». Não temos, portanto, neste ponto, uma coincidência absoluta entre os dois autores no que ao fundo ideológico das suas considerações literárias diz respeito. Por outro lado, dever-se-á atentar no quão acessível seria para um homem com a cultura e cosmopolitismo de D. Pedro elucubrar sobre as modalidades discursivas no que à apresentação da diegese diz respeito. Pelos seus trabalhos de tradução, a que já aludimos, sabe-se que o infante estava até familiarizado com vários autores latinos, o que poderia levar a que o conhecimento das formas da narrativa viesse de fontes que nem se está a considerar.

Perante estas dúvidas, o que poderá fazer com que ganhe alguma força a hipótese de ter D. Pedro conhecido a *GE* e, a partir desta, ter tecido as suas considerações sobre como irá apresentar o seu discurso? Revejamos agora ambos os

---

[519] Uma vez que o redator alfonsino cita particularmente o «esponedor» de Estácio, seria pertinente a consulta de uma edição que pretende oferecer uma versão da obra latina mais próxima da que os leitores medievais conheceriam, editada em *The medieval Achilleid of Statius* – PÚBLIO PAPÍNIO ESTÁCIO (ed. 1968). Todavia, não tendo sido possível o acesso a esta edição, espera-se, caso surjam, a publicação de novas informações sobre esta questão.

[520] «Magnanimum Aeaciden formidatamque Tonanti/ progeniem et patrio vetitam succedere caelo,/ diva, refer. quamquam acta viri multum inclita cantu/ Maeonio (sed plura vacant), nos ire per omnem—/sic amor est—heroa velis Scyroque latentem/ Dulichia proferre tuba nec in Hectore tracto/ sistere, sed tota iuvenem deducere Troia./ tu modo, si veterem digno deplevimus haustu,/ da fontes mihi, Phoebe, novos ac fronde secunda/ necte comas: neque enim Aonium nemus advena pulso/ nec mea nunc primis augescunt tempora vittis./ scit Dircaeus ager meque inter prisca parentum/ nomina cumque suo numerant Amphione Thebae./ At tu, quem longe primum stupet Itala virtus/ Graiaque, cui geminae florent vatumque ducumque/ certatim laurus—olim dolet altera vinci—,/ da veniam ac trepidum patere hoc sudare parumper/ pulvere: te longo necdum fidente paratu/ molimur magnusque tibi praeludit Achilles.» PÚBLIO PAPÍNIO ESTÁCIO, [ed. 2012], cap. I, vv. 1-19. Consulte-se também a edição bilingue em latim e francês em id. (ed. 1994).

excertos a partir das suas semelhanças. Tanto o texto castelhano como o português consistem em paratextos sobre a narrativa, pese embora com propósitos e conclusões diferentes. Da GE, sobressai a importância dada à apresentação que Estácio faz da história de Aquiles; do *Livro da Virtuosa Benfeitoria*, não deixa de ser interessante que se refira «como se screue no liuro da troya», remetendo-se portanto um discurso metatextual sobre a narrativa para a história troiana quando os redatores alfonsinos haviam feito precisamente o mesmo – uma explanação sobre as formas de começar a narrativa – no início da história de Troia encerrada na *GE*. Evidentemente, poder-se-á tratar de uma mera coincidência já que, como vimos, não existe uma total concordância entre os textos e a elevada formação intelectual de D. Pedro nos permite duvidar sobre quais os autores em que ele se apoia para expor a sua perspetiva. Não deixaria contudo de ser uma coincidência bastante peculiar, já que se fundamenta no mesmo exemplo – a história de Troia – para refletir sobre o mesmo assunto.

Poderá este ser um vestígio de leitura da *GE*, obra que, conforme anteriormente foi proposto, terá sido mandada traduzir no reinado de D. João por vários motivos – um dos quais, dado o caráter pedagógico da obra alfonsina, a própria formação cultural da corte –, um vestígio que funciona como elo entre dois períodos de clara utilização da *GE* em textos produzidos junto da coroa portuguesa. Havia já sido encontrada uma prova de utilização da obra alfonsina por D. João I; conhecia-se o uso que dela foi feito duas gerações depois, no reinado de D. Afonso V, por parte de Gomes Eanes de Zurara. Para o período de vida da geração de infantes de Avis todas as possibilidades de contacto tinham até agora sido frustradas, ou por serem referências de cultura geral de difícil identificação, ou por recorrerem diretamente a fontes latinas. Tal é o caso de D. Duarte, que ora recorre ao texto bíblico, ora às versões latinas de vários autores nas suas obras.

Perante este indício de leitura por parte do duque de Coimbra, resta-nos equacionar, sempre com todas as reservas que a hipótese implica, o facto de haver cópias tão diferentes, e cronologicamente separadas, daquele que parece ser um mesmo projeto. É verdade que o processo de cópia mais elegante pode ter ocorrido no seio da própria corte que incentivou a tradução e de cuja etapa subsiste um fragmento – CB. Todavia, não deixa de suscitar alguma surpresa o facto de manuscritos preservados na biblioteca régia terem um destino tão nefasto. De facto, retenha-se que os fragmentos TT, mais elegantes, encadernam livros de notário do século XVI. É um facto

que as encadernações poderão ter sido feitas após a datação presente nos livros; porém, as anotações nas capas são numa letra cursiva localizável nos últimos anos de quinhentos. Ora, não deixa de ser sobremodo excecional o desmembramento em época tão recuada de códices pertencentes à biblioteca régia[521], mesmo com todas as vicissitudes que as bibliotecas portuguesas sofreram ao longo dos séculos. De facto, mesmo no que às bibliotecas conventuais diz respeito, deteta-se uma preservação bastante notável, sobretudo de manuscritos conservados a norte de Lisboa, mais salvaguardados de terramotos e outras catástrofes.

Poderia então pensar-se que os fragmentos, sobretudo os da Torre do Tombo, terão viajado para fora de Portugal e entrado no circuito de comércio de retalhos de pergaminho para encadernação. Tal hipótese, embora viável, carece de simplicidade, critério que normalmente deve pautar o equacionar destas questões. Manuscritos portugueses serem desmembrados e comercializados fora de Portugal para depois voltarem a aportar a Lisboa – local de origem do notário António Nogueira, proprietário dos livros que os fragmentos TT encadernam – parece uma longa e improvável viagem, embora não pudéssemos deixar de a ponderar.

Temos, até agora, excluído deliberadamente desta equação o fragmento albicastrense. Também este, a ter pertencido ao projeto de tradução incitado por D. João I, se tornou capa de livro notarial, pertencente a Manuel Tavares Fatela, da Covilhã[522]. Contudo, a datação que encontramos no fragmento – o período entre 1653 e 1655 – é quase um século mais recente do que as datas dos livros de notário de que os fragmentos TT eram capas. Mais do que isso, a data ultrapassa o período de regência espanhola em Portugal, atingindo já o período da dinastia de Bragança, o que poderá facilitar a dissipação de códices que, como se sugere para o fragmento CB, terão não só perdido o interesse como deixado de estar à guarda de uma biblioteca régia portuguesa.

Assim sendo, poderá ter-se dado o caso de os códices dos quais subsistiram os fragmentos CB e TT terem sido elaborados e preservados em circunstâncias diferentes, apesar de estes fragmentos serem testemunhos de um mesmo projeto de tradução.

[521] Este fato foi-nos assinalado pelo Professor Doutor Saul Gomes (Universidade de Coimbra), a quem agradecemos.

[522] Seguimos a descrição apresentada em ASKINS, DIAS E SHARRER (2006).

Aventamos assim a seguinte possibilidade, que, ainda que arriscada, recolhe alguma sustentabilidade nos argumentos acima apontados.

O fragmento de Castelo Branco, como tem sido repetidamente dito, terá sido elaborado ainda em circunstâncias muito próximas do projeto de tradução, sendo todavia de menor qualidade estética eventualmente por se prever uma cópia de maior qualidade a fazer mais tarde. Se atentarmos às turbulências do reinado de D. João I, sobretudo nos anos em torno de Ceuta, percebemos que este projeto possivelmente autorizado pelo rei – o primeiro leitor identificado da *GE* – tenha ficado suspenso, resumindo-se à tradução redigida num suporte pouco decorado e numa letra simples embora com alguma elegância.

Isto levanta uma série de dúvidas sobre os fragmentos da Torre do Tombo. Poderá dar-se o caso de mais tarde se ter encomendado uma versão elegante da tradução já existente da GE, da qual o fragmento CB é testemunha. O que cria alguma surpresa é que um manuscrito de tal elegância, dimensões e nitidamente encomendado por alguém interessado em ter um objeto de luxo, tenha, com grande probabilidade, caído tão depressa no circuito das encadernações. Se o códice estivesse na biblioteca régia, como já indicámos, seria consideravelmente menos provável a sua fragmentação, pelo menos enquanto houvesse uma corte portuguesa, isto é, até ao domínio filipino. Por outro lado, e conforme recordaremos em seguida, a *GE* continuou a ser conhecida na corte portuguesa, possivelmente na sua versão traduzida, durante o reinado de Afonso V. Seria esta tradução conservada numa elegante versão como a dos fragmentos TT ou num quase rascunho como o fragmento CB?

Com a recente identificação de um possível leitor da *GE* – o infante D. Pedro – ousamos tecer uma nova hipótese. Dados os múltiplos interesses culturais do príncipe de Avis, promotor e autor de várias obras e traduções, ter-se-ia dado o caso de ou o príncipe ter encomendado uma cópia da tradução feita a mando do seu pai ou simplesmente ter ficado com a versão mais elegante desta. Neste sentido, o livro que poderia até ter pertencido à corte régia – aquele que originou os fragmentos TT – terá caído em mãos daquele que veio a ser regente da coroa portuguesa aquando da morte de seu irmão D. Duarte. O sinistro desfecho da vida do infante D. Pedro, duque de Coimbra, poderá ter levado a uma dissipação de alguns dos seus bens. Ainda que houvesse uma certa tendência bibliófila por parte de Afonso V, sobrinho de D. Pedro

cuja morte provoca em Alfarrobeira, não é de todo despiciendo que os conflitos que se foram criando logo após a morte de D. Duarte possam ter feito com que alguns pertences da livraria pessoal do Infante das Sete Partidas se tenham perdido.

E no mesmo sentido parecem apontar os testemunhos dos *Autos dos Apóstolos*, de que brevemente se falou antes. É bastante singular que um fragmento date aproximadamente do mesmo período que o fragmento CB, enquanto o testemunho maior, que se guardou na biblioteca alcobacense, data de meados do século XV, período onde se podem inserir os fragmentos TT. Haverá nesta coincidência paleográfica dos testemunhos de várias partes da *GE* em português uma motivação de nova cópia de uma obra cuja tradução fora encomendada em tempo de D. João I, possivelmente pelo próprio rei, nos anos de vida dos seus filhos?

Não podemos no entanto tecer mais do que possibilidades, teorias assentes em hipóteses extremamente débeis. É possível que D. Pedro não tenha sequer tido interesse na *GE* e a multiplicação de cópias da tradução e sua pulverização sejam acontecimentos independentes entre si. Contudo, assumimos que será provável que D. Pedro tenha sido o detentor dos fragmentos TT, rapidamente destroçados do seu códice, enquanto o fragmento CB terá permanecido em meios próximos da corte régia até bem mais tarde. Espera-se que a investigação futura possa contribuir para desmontar ou reforçar o que aqui se equacionou.

4.3. A *General Estoria* e a cronística de Gomes Eanes de Zurara

Foi ainda antes da descoberta dos fragmentos da tradução da *GE* por Avelino Jesus da Costa que se detetou pela primeira vez o recurso à história universal castelhana por parte de um autor português: trata-se do cronista-mor Gomes Eanes de Zurara na sua *Crónica dos Feitos Notáveis da Guiné*. Quando, em 1941, Duarte Leite[523] denuncia aquilo que considera um plágio do texto alfonsino, apenas se conhecia o testemunho O-I-1 RBME, a chamada tradução galega, como manifestação de uma receção ocidental da magna obra de Afonso X. Com a descoberta dos fragmentos TT, os indícios apontados por Duarte Leite confirmam-se, levando a que também Joaquim de Carvalho se debruçasse, com maior detalhe e talvez com menor reprovação, sobre o uso que o cronista da corte de Afonso V faz do texto alfonsino na sua obra[524].

Se nos exemplos apontados para as gerações de Avis anteriores[525] a *GE* denuncia a sua presença pelas referências à matéria greco-latina, nesta terceira geração de recetores o seu uso é bem menos literário e mais enciclopédico. De facto, Zurara recorre às traduções da *Historia Natural* de Plínio presentes no texto alfonsino para completar a sua crónica: descrevem-se os cursos dos rios ou a existência de animais exóticos, como os crocodilos. Aliás, não deixa de ser um dado interessante e revelador que um dos testemunhos da Torre do Tombo, o fragmento 32, contenha informações sobre o Nilo e os crocodilos, recolhidas na *Historia Natural* de Plínio, que Gomes Eanes de Zurara irá acolher na sua *Crónica dos Feitos da Guiné*. Por várias vezes esta utilização da *GE* foi denunciada como uma manifestação dos parcos conhecimentos culturais do cronista que, na verdade, era menos versado em latim e de formação intelectual pouco aprofundada: considera-se que «...o cronista cai muitas vezes em pura retórica, dando mostras de uma erudição que torna a matéria histórica dispersiva. A tendência para citar

[523] LEITE, D. (1941).

[524] CARVALHO, J. (1983).

[525] Ponderar a cronística avisina sem referir os trabalhos de Fernão Lopes, Vasco Fernandes de Lucena ou Rui de Pina parecerá uma lacuna. Todavia, nos textos tanto de Fernão Lopes, como dos cronistas posteriores consultados, não nos surgiu nenhum elemento que pudéssemos efetivamente relacionar com a *GE*. Aliás, alargámos o espectro à obra de DUARTE PACHECO PEREIRA (ed. 1975), cujo conteúdo poderia remontar ao texto de Afonso X; porém, e após a leitura de CARVALHO, J. B. (1982), confirmou-se que apenas nesta crónica de Zurara se pode assinalar a receção da *GE*. As edições e seleções de textos utilizadas foram, para FERNÃO LOPES (ed. 1983), id. (ed. 2004) e (ed. 2007). Sugere-se também a consulta de AMADO (1991). Seguiu-se uma edição miscelânea para detetar matéria da *GE* em RUI DE PINA (ed. 1977).

autores clássicos prejudica a sua narração e corta o fio do seu discurso. Joaquim de Carvalho (...) atribui o facto às limitações culturais de Zurara, que procurou cobrir-se com uma ciência de fonte alheia afim de esconder o seu autodidatismo» [526].

Esta premissa, ainda que demasiado depreciativa do trabalho do cronista, corrobora aquilo que temos afirmado até agora sobre a motivação e funcionalidade da tradução da *GE* para português: tratando-se de uma obra historiográfica que se pode inserir no género das histórias universais medievais, o projeto de Afonso X ultrapassa claramente as obras a que se pode comparar pelo seu cariz enciclopédico. Narram-se os feitos dos homens, bons e maus, os feitos e desventuras dos impérios, o que só por si constitui, conforme vimos pelos exemplos apontados para o *Livro da Montaria* e, eventualmente, para o *Livro da Virtuosa Benfeitoria*, matéria suficiente para inspirar e informar sobre a história do Homem desde a criação do mundo. Porém, ao transcender a narração dos factos através da inclusão de descrições, alusões, referências e até excertos traduzidos de obras de índole não historiográfica – ou pseudo historiográfica, encerra-se na *GE* uma pequena enciclopédia onde o leitor poderia aceder a informações sobre geografia, zoologia e mesmo alguns dados filosóficos.

Parece cumprir-se assim na obra de Zurara o propósito para que muito provavelmente foi traduzida a *GE*: uma enciclopédia que permitisse uma formação ampla dos membros da corte. Porém, se em tempo de D. João I e seus filhos a leitura da história universal de Afonso X se manifesta através sua utilização em obras feitas pelos membros da própria dinastia, além de transmitir elementos da cultura greco-latina cada vez mais apetecível ao público de quatrocentos, agora a *General Estoria* – muito provavelmente, numa versão traduzida conservada na biblioteca régia – serve um propósito informativo mais pragmático. A terceira geração de Avis já não é leitora direta da história universal que D. João I terá mandado traduzir; Afonso V, ainda que bibliófilo[527], não é autor como os seus antepassados. Servirá então para cronistas criticados pela sua formação intelectual deficitária completarem os seus textos. E,

[526] SERRÃO (1989: 36).

[527] «Os códices copiados e iluminados por esses escribas e calígrafos [contratados por ordem de Afonso V], naturalmente, enriqueceram os fundos bibliográficos do Monarca, conduzindo à necessidade de dotar a biblioteca palatina de maior funcionalidade e eficácia institucional, contexto em que emergirá a figura do bibliotecário régio. Sabemos que o bibliotecário do Rei era, em 1462, Gomes Eanes de Zurara, seu cronista (...)» GOMES, S. A. (2005:75).

efetivamente, é apenas em Zurara que encontramos esta necessidade. Outros cronistas e autores do seu tempo não recorrem à *GE*, muito provavelmente por conhecerem os textos de partida que serviram para as traduções alfonsinas[528].

A partir de aqui, já a história universal proposta por Afonso X parece perder o seu interesse e, com isso, o seu valor. Primeiramente, porque cada vez mais se encontra um público suficientemente versado em latim para aceder diretamente aos textos sem intermédio de uma língua vulgar[529]. Por outro lado, e naquilo que nos parece ser um elemento a considerar com atenção, porque os avanços marítimos feitos ao longo do século XV vêm trazer novas informações, o acesso a um conhecimento empírico sobre a natureza que até então apenas se poderia obter pelas observações mais ou menos acertadas de autores da antiguidade ou do mundo árabe, as mesmas observações que a *GE* inclui. Neste sentido, é compreensível que o uso quase instrumental que Zurara faz da obra alfonsina seja fenómeno único na cronística do seu tempo e posterior, já que o avanço sobre territórios desconhecidos vai permitir de forma definitiva o avanço do conhecimento científico, tornando textos como a *Historia Natural* obsoletos.

Cabe todavia abrir parênteses no que diz respeito à receção da *GE* em tempo da terceira geração de Avis. Há que notar que, embora D. Afonso V não seja leitor direto – ou pelo menos, não se manifesta em nenhum texto como tal – da *GE*, o seu primo, filho do infante D. Pedro, o condestável D. Pedro[530], é assinalado pela crítica como tendo utilizado a obra alfonsina na sua *Sátira de felice e infelice vida*[531]. Não conseguimos porém considerar esta leitura da *GE* como uma receção portuguesa da história universal castelhana, não por motivos estritamente geográficos ou políticos mas no que ao acesso de um texto em língua portuguesa diz respeito. Aquele que se tornou rei de Aragão[532] poderá com maior probabilidade ter acedido em contexto castelhano-aragonês ao texto alfonsino, que incluiu na sua obra. A ser verdade que D. Pedro, o pai, terá sido o

[528] Referimo-nos por exemplo a Vasco Fernandes de Lucena, doutor em Direito castelhano que permanece junto da corte portuguesa até ao reinado de D. João II. Ver SERRÃO (1989: 48).

[529] É interessante notar que no *Cancioneiro Gera*l compilado por Garcia de Resende nenhuma das epístolas ovidianas provém das traduções presentes na *GE*. Com efeito, consistem em traduções diretas do latim da responsabilidade de João Rodrigues de Lucena. Veja-se DIAS, A. F. (1978). Para a leitura das epístolas versificadas, aconselhamos a consulta da edição do *Cancioneiro Geral* em GARCIA DE RESENDE (ed. 1973).

[530] Condestável D. PEDRO (ed. 1975).

[531] Sobre este assunto em particular, veja-se GASCÓN VERA (1979).

[532] Aconselhamos a leitura de ESTEVES (2003) e FONSECA (1970) e id. (2003).

detentor do códice que se tornou nos fragmentos TT, nada aponta para que D. Pedro, o filho, tenha herdado esse livro do pai. Se tal tivesse ocorrido, talvez a sua conservação fosse bastante melhor. Por outro lado, será sempre importante apurar as fortunas da história alfonsina em meios castelhanos e aragoneses, tema que escapa ao âmbito do que nos propomos fazer neste trabalho. Fica por isso o apontamento sobre o facto de ter existido realmente mais uma leitura da *GE* mais ou menos contemporânea da redação da obra de Gomes Eanes de Zurara mas que, estamos em crer, não se deverá incluir numa receção portuguesa mas antes numa receção aragonesa do texto alfonsino. Será, eventualmente, matéria para reflexão sobre os destinos ibéricos da obra de Afonso X.

4.4. O último fôlego: o dealbar de 1500

Poder-se-ia pensar que, acabada a «utilidade» aparente da *GE*, esta história universal caiu em esquecimento. De facto, nada mais sobre ela encontramos ao longo dos reinados seguintes. Parece que se silencia definitivamente o texto castelhano traduzido para português sob os reinados de D. João II e D. Manuel. E, todavia, no arco cronológico que engloba os reinados destes dois primos e cunhados, ou seja, entre 1477 – quando D. João inicia a regência –, e a data da morte de D. Manuel – 1521 –, alguns vestígios apontam para que a história universal alfonsina continuasse a ser reconhecida em meios corteses, mais concretamente em torno da rainha D. Leonor, viúva de D. João II e bisneta do fundador da dinastia de Avis[533], que se faz rodear, sobretudo no final da sua vida, por atividades culturais e intelectuais que acompanham a sua mundividência religiosa[534]. Se, de facto, é a rainha viúva que promove a impressão de parte do que terá sido uma continuação da *GE* após a morte de Afonso X – as *Vidas e Feitos dos Apóstolos*, edição de 1513 dos *Autos dos Apóstolos* de Bernardo de Brihuega, clérigo próximo do monarca castelhano que tentou assim continuar parte do projeto alfonsino, temos em Leonor de Portugal uma mulher atenta e interessada em matérias que podem englobar textos como o da *GE*[535]. E, realmente, estamos em crer que será junto desta neta de D. João I que se manifestará o último fulgor deste grande projeto de história universal em contexto português.

Será então com o primeiro dos dramaturgos portugueses que, ao que se pôde apurar, entrará em cena pela última vez em Portugal o maior projeto historiográfico de Afonso X. Reconhecendo as descobertas já feitas por autores como Mário Martins, sobre

[533] Sobre a vida da rainha velha, veja-se a obra concisa de MENDONÇA (2011) e a recente biografia elaborada por SÁ (2012). Ainda que se trate de biografias dos reis, não deixa de ser pertinente consultar COSTA, J. P. O. (2005), FONSECA (2005) e MENDONÇA (1995), especialmente para contextualizar o percurso de vida da esposa de D. João II.

[534] Sobre a cultura e impacto social, religioso e intelectual de D. Leonor, remetemos para o estudo aprofundado e completo de SOUSA, I. C. (2002), o qual inclui um registo de nomes dos que gravitam em torno da chamada rainha velha e um catálogo da sua biblioteca. Veja-se ainda, para uma compreensão mais exaustiva da amplitude cultural da rainha, o inventário elaborado por CEPEDA (1987).

[535] A tradução deste texto ocorre, de acordo com os testemunhos manuscritos existentes, no início do século XV, podendo eventualmente inserir-se no conjunto de traduções incentivadas por D. João I. Embora parcialmente relacionado com a GE, este texto não pode ser tratado como uma receção do projeto alfonsino em Portugal, uma vez que consiste numa compilação, feita já após a morte de Afonso X e não totalmente integrada no projeto de história universal que surge proposto no prólogo da sexta parte da *GE*. Sobre este tema sugere-se a leitura de CEPEDA (1975) e Id. (1982); também MARTINS, M. (1962-1963) reflete sobre o assunto.

o *Livro da Montaria*, e Duarte Leite, sobre a *Crónica da Guiné*, ousámos propor uma leitura, ou pelo menos o reconhecimento, da *GE* no *Livro da Virtuosa Benfeitoria*. Para a quarta geração de Avis, tendo como mentora a rainha D. Leonor, encontramos um vestígio da obra afonsinda no *Auto de la Sibila Casandra* de Gil Vicente[536], uma das primeiras obras do autor quinhentista que a apresenta à rainha no seu paço de Xabregas na véspera de Natal de, possivelmente, 1513[537].

Já tivemos a oportunidade de tecer algumas considerações sobre a relação deste auto natalício com a *GE* em outras sedes, para as quais remetemos[538]. Não houvera no entanto a possibilidade de avançar com maior precisão de onde recolhera Gil Vicente a curiosa narrativa de Cassandra. Nela, a princesa troiana prevê o nascimento de Cristo e vê-se, ao aperceber-se da alta linhagem de onde nasceria Jesus, como candidata a mãe do Filho de Deus. Mais tarde Cassandra apercebe-se do seu erro e pecado de orgulho, arrependendo-se e vivendo na espera da vinda de Cristo. Consideramos que, de facto, a narrativa provém da *GE*, mas não era possível confirmar com segurança por que vias acedera Gil Vicente à obra de Afonso X.

Após a leitura que foi feita sobre o testemunho da terceira parte da *GE* conservado em Évora, o ms. R, e sobretudo atendendo à datação dos comentários que nele foram inseridos e à sua conservação no cabido eborense, arriscamos a hipótese de ter sido o próprio manuscrito R aquele que Gil Vicente teve sob os olhos e onde encontrou a ousada proposta que, até ao momento, apenas na *GE* se encontra[539]: a sibila troiana considerar-se, orgulhosamente, digna de ser a mãe de Cristo. Esta proposta baseia-se em três critérios.

Primeiramente, e ainda que se possa vir a encontrar algo, não existe qualquer indício de que a tradução da *GE* para português tenha abrangido a terceira parte da obra

---

[536] Sobre este auto em particular de Gil Vicente, dada a sua particularidade de conjugar matéria greco-latina com matéria bíblica, existe abundante bibliografia. Aconselha-se a leitura de BELL (1940), HART (1958), id. (1981), KING (1921), LIDA DE MALKIEL (1959), REVAH (1959), RODRIGUES (1999) e TEYSSIER (1982).

[537] Não há certezas quanto à datação deste auto, normalmente indica-se o ano após a tradução de uma obra que insere matéria similar, *Il Guerino Meschino*, embora a relação direta entre a obra italiana e a de Gil Vicente possa ser duvidosa. Ver LEITE, M (2009a).

[538] LEITE, M. (2008), id. (2009), id. (2009a).

[539] Em várias sedes, mas especialmente em LEITE, M. (2009a), procurámos detetar fontes prévias para esta matéria, sem nenhum sucesso. Aguarda-se para breve a publicação do artigo onde se apresenta o resultado desta investigação, remetendo-se também para outro estudo no prelo: LEITE, M. (2010a).

castelhana que, de resto, se fragmenta muito rapidamente[540]. Conforme foi possível apurar, este manuscrito, CXXV2-3 BPE, teria chegado a Portugal por mãos do bispo de Évora, sob cuja autoridade foi possível, ainda no século XIV, inserir correções ao saltério. Em segundo lugar, dadas as relações de proximidade da corte régia com a cidade de Évora, especialmente fortalecidas no início do século XVI onde eram passadas longas temporadas[541], pouco impediria àquele que veio a ser o dramaturgo da corte manuelina o acesso à biblioteca da Sé onde repousaria o magnífico manuscrito R. Finalmente, assinala-se que de todos os testemunhos da terceira parte da *GE* apenas R e Y8 contêm a história de Cassandra, divergindo ambas as narrativas entre si e sendo a versão de R bastante mais concisa[542]. De facto, a versão mais breve de R apenas relata a visão do nascimento de Cristo por parte da princesa troiana; omissas ficam as suas profecias, anunciadas em Roma, sobre os destinos do império. É verdade que da narrativa longa Gil Vicente poderia ter absorvido apenas os elementos mais interessantes para o seu auto; não deixa por isso de ser interessante que o seu texto abranja apenas a matéria da versão mais breve.

Tenha ou não sido através do próprio manuscrito eborense da *GE*, a verdade é que, pelo menos ao que se pôde apurar, é nas mãos de Gil Vicente que desaparecem os leitores da grande história universal alfonsina em Portugal. Se, no século XIV, as leituras são restritas a um círculo episcopal, encontramos no século XV uma nova dinastia, com novos propósitos culturais, que não só promove a tradução da *GE* como a utiliza, divulgando o seu conhecimento ao recorrer a ela como fonte para obras de índole vária. Entre os finais do século XIV, quando chega ao trono D. João I, e os inícios do século XVI, quando a sua bisneta D. Leonor cria a sua corte intelectual, tivemos um século em que a *Grande e General Estoria* viveu em Portugal, apoiada na corte régia e meios a ela afetos. Nota-se contudo a dissipação do texto, que provavelmente corresponderia à própria fragmentação da obra, que, pelo que sugere a existência avulsa dos *Autos dos Apóstolos*, em algumas décadas deixará de ser compreendida como um todo. Se é verdade que são poucos os vestígios para uma obra de tamanha envergadura, que a sua fortuna foi

[540] Vejam-se as dificuldades, já assinaladas, que SÁNCHEZ-PRIETO BORJA (2009a) encontra aquando da edição da terceira parte da GE.

[541] Remetemos o estudo dos percursos da corte de D. Manuel para COSTA, J.P.O. (2005).

[542] As diferenças entre as lições de R e Av para esta passagem serão analisadas num artigo a publicar brevemente.

nefasta ao ver-se, enquanto tradução para português, retalhada em capas de livros notariais, não lhe poderemos tirar o mérito de, enquanto texto multifacetado, enciclopédico e literariamente inspirador, ter conseguido atingir quatro gerações de leitores.

Conclusões

Este foi um trabalho poliédrico, de faces mais ou menos translúcidas, que procuraram revelar as manifestações de um texto na vida cultural de um país numa cronologia determinada: a *General Estória* de Afonso X, em Portugal, entre os séculos XIV e XVI. Foi desta premissa que partimos, e esperamos ter chegado a bom porto, ou pelo menos a um porto que, tal como os rochedos perfurados onde os gregos aprenderam a arte da música[543], permita abrir novos horizontes e expandir o conhecimento sobre um assunto de que, até agora, se ia apenas recebendo alguns murmúrios.

Colocou-se desde início a necessidade de contemplar um testemunho peculiar da *GE*, redigido em castelhano mas cuja presença em Portugal ocorre desde muito cedo. Recuou-se assim da análise dos fragmentos quatrocentistas para o estudo de um testemunho um século mais antigo – o manuscrito CXXV 2-3 BPE, o qual, estamos em crer, terá permanecido desde a primeira metade do século XIV na cidade de Évora e foi alvo de, em primeira instância, uma leitura quase corretiva, que visava modificar a versão do Saltério que o códice transmitia, e, em segunda instância, de uma provável leitura inspiracional, ao permitir que, já em pleno século XVI, chegasse ao conhecimento de Gil Vicente uma peculiar narrativa que este testemunho encerra. As variações linguísticas entre o castelhano e o galego-português, a par das alternâncias ortográficas entre formas características dos hábitos chancelarescos de Afonso III de Portugal e opções tipicamente ibéricas, permitiram colocar o manuscrito em meios com hábitos de escrita no mínimo bilingues. Os elementos históricos assinalados, a caracterização paleográfica da mão revisora e o âmbito da própria correção permitiu-nos, sem grandes dúvidas, colocar o testemunho R da *GE* em território português desde bastante cedo. Foram frutíferas as perambulações pelo manuscrito eborense, já que, quando começámos a chegar ao destino que adivinhávamos desde o início, foi então possível assinalar que pelo menos um testemunho específico – um testemunho parcial da terceira parte – já estava há muito em terras portuguesas sem contudo suscitar o interesse pela obra que se concretiza, por via da tradução, no início da segunda dinastia.

O exercício de avaliação dos testemunhos de tradução portuguesa não podia deixar de contemplar uma primeira iniciativa de tradução da obra alfonsina, o

[543] AFONSO X, GE1, I (ed. 2009:381-382).

testemunho galego-português O-I-1 RBME. Foi fundamental exercer uma manobra de navegação, implicando um pequeno desvio da trajetória que se visava seguir – o estudo da tradução da *GE* em Portugal. Ao deambular pelos testemunhos castelhanos da *GE*, e conscientes de que a tradução do início do século XIV é alheia à iniciativa preservada nos fragmentos, fomos levados a tecer considerações que, cremos, estavam por fazer sobre a primeira tradução para galego-português da *GE*. A dificuldade de identificação de círculos galegos que, na Galiza, tivessem meios ou propósitos para encomendar esta tradução, a par das vicissitudes da vida e desta obra em particular de Afonso X, levaram-nos a equacionar uma nova hipótese, segundo a qual a tradução terá sido elaborada por falantes da língua galego-portuguesa em circuitos castelhanos, muito provavelmente próximos da corte. Conscientes de apenas se ter aflorado este assunto, espera-se um dia traçar mais considerações sobre esta iniciativa, reavaliando também a própria fortuna castelhana da história universal alfonsina. Contemplado este assunto, voltámo-nos para o trajeto que inicialmente se afigurava como fundamental: estudar com maior profundidade os fragmentos da tradução da *GE*.

Houve, de facto, uma necessidade urgente de transcrever os testemunhos da tradução da *General Estoria*, conhecidos desde o final dos anos 40 do século passado, para destes avaliar como se processou esta iniciativa de tradução. O projeto de transcrição foi facilitado pelo excelente trabalho já desenvolvido em 2006 por Arthur Askins, Aida Dias e Harvey Sharrer, que trouxeram à luz de um público mais amplo o fragmento da tradução da segunda parte encontrado em 1991 na cidade de Castelo Branco. Ficavam por ler, porém, os fragmentos da primeira parte, em parte transcritos, quase como num processo de aliciamento, por Mário Martins na década de 50. Da transcrição integral dos testemunhos da tradução da primeira parte da obra alfonsina, conjugada com o acesso à edição do fragmento albicastrense, mais se pôde aprofundar o estudo.

Ao colacionar, por vezes linha a linha, o que sobreviveu da tradução portuguesa com os testemunhos castelhanos existentes, foi possível retirar conclusões interessantes que não só possibilitam a identificação da fase redacional da *General Estoria* em que se pode inserir a tradução portuguesa – em lugares subarquetípicos bastante próximos do arquétipo primordial – como reavaliar as próprias considerações até agora tomadas para a classificação dos testemunhos castelhanos da primeira parte da obra. Em simultâneo,

revelaram-se processos de tradução exclusivos dos fragmentos, que manifestam um propósito identitário na utilização da língua de chegada e, com isso, determinações ideológicas subjacentes à afirmação linguística. A deteção da denominação «linguagem portugues» permitiu-nos afirmar, ao avaliar os meios onde esta iniciativa de tradução terá tido lugar, a existência de um projeto concreto, definido e conjugado com outros pressupostos culturais e intelectuais, em que se inseriu a elaboração de uma tradução.

Conseguiu delinear-se trajetos de um texto que, efetivamente, apenas parece ter sido traduzido por iniciativa da corte de Avis. Os testemunhos fragmentários, separados cronológica e paleograficamente, confirmam uma continuidade de receção que se terá dado, com grande probabilidade, através da cópia da primeira versão da tradução, encomendada, conforme Fernão de Oliveira já apontara, por D. João I. Terá sido, eventualmente, já por iniciativa de um de seus filhos que esta cópia – os fragmentos TT – foi elaborada, numa versão mais elegante e refinada do que o primeiro testemunho de tradução, o fragmento CB. Confirmou-se – e abriram-se novas hipóteses de trabalho – a utilização do texto por membros próximos da corte de Avis, e assistiu-se ao interessante fenómeno de rápida desintegração do texto.

A compreensão do texto da *GE* como um todo parece chegar já lapidada ao tempo da última mecenas a quem esta obra suscita interesse: a rainha D. Leonor. Se D. João recorre ao texto alfonsino no seu *Livro de Montaria*, o seu filho D. Pedro, muito provavelmente, no seu *Livro da Virtuosa Benfeitoria*, e o cronista-mor do seu neto D. Afonso V dele se socorre para melhorar a sua *Crónica dos Feitos da Guiné*, na geração seguinte – em que D. Leonor se integra – já não parece revelar interesse esta velha história do mundo. Traduz matéria antiga, é certo, mas chegamos a um tempo em que muito mais interessa traduzir diretamente do latim, confrontar as indicações dos autores clássicos com as novas realidades naturais, biológicas, zoológicas, botânicas e civilizacionais, que se passou a conhecer. O antigo livro já não serve, e o seu abandono e desintegração física, como constatámos, foram rápidos. Sobreviveu no início do século XVI um eco seu num autor de charneira, entre a escrita medieval e moderna, mas já desmontado da estrutura monumental com que fora planeado.

De ambos os lados do tempo, como num espelho, encontrámos Afonso X, no século XIII, com o seu projeto de história universal que atingiria o final narrando a sua vida, como fora feito para todas as grandes vidas que a *General Estoria* relata. No século

XV, perante o contacto com uma história dessa envergadura, vislumbra-se D. João I, o rei que deveu – como tantos nas narrativas que povoam a história da humanidade que a *GE* relata – a uma série de conjunturas quase casuais a sua ascensão ao trono. A sua descendência já não precisará mais de confirmar a sua legitimidade: mas esta *Grande e General Estoria* de Afonso X, o Sábio, ensina como, olhando para o passado, se deve dele aprender os bons e maus exemplos para saber bem governar. O mote ideal para uma dinastia nova, a de Avis, que desde o início se deseja exemplar. Um texto ideal, que não quis dos feitos históricos «nada encobrir tan bien de los que fueron buenos como de los que fueran malos. E esto fizieron porque de los fechos de los buenos tomassen los omnes exemplo pora fazer bien e de los fechos de los malos que recibiessen castigo por se saber guardar de lo non fazer.»[544]

[544] AFONSO X, GE1, I (ed. 2009: 5).

Anexos

1. Normas e critérios de transcrição

Aquando da organização dos conteúdos do presente trabalho, contemplou-se a hipótese de deslocar as transcrições que foram efetuadas no âmbito da investigação para um apartado anexo. O material aqui apresentado começou por ser um caderno de trabalho crucial para compreender filologicamente os fragmentos da tradução portuguesa da *General Estoria*. Trata-se de manuscritos que, individualmente, estavam acessíveis de forma estritamente paleográfica ou mesmo inéditos. Referimo-nos não só aos fragmentos da Torre do Tombo, dos quais houvera apenas transcrições de excertos por parte de Mário Martins, mas também aos testemunhos castelhanos de que nos servimos para analisar a receção portuguesa da *General Estoria*, que, tendo sido transpostos para formato digital, estão marcados por serem reproduções estritamente paleográficas[545].

Muito embora os manuscritos agora apresentados tenham sido utilizados tanto por António Solalinde, Lloyd Kasten, Victor Oeschläger[546], como pela equipa liderada por Pedro Sánchez-Prieto Borja, o objetivo destes editores foi a realização de edições críticas. Contudo, estas edições, por vezes indispensáveis como no caso do conhecimento da terceira parte da *GE*[547], mesmo apresentando o aparato crítico, não permitem uma compreensão global do conteúdo de cada um dos testemunhos que transmitem a obra alfonsina[548]. Foi por isto que, primeiramente, foram feitas as transcrições de todos os testemunhos de forma independente e integral; cabe agora apresentar os textos que ou estavam inéditos – o caso dos fragmentos portugueses da Torre do Tombo – ou foram fundamentais para a classificação estemática dos testemunhos da tradução quinhentista da obra alfonsina.

---

[545] AFONSO X (ed. 1978) e id. (ed. 1997).

[546] Embora estes editores tenham preferido, para a maior parte da matéria editada, seguido um só manuscrito – A para a primeira parte e K para a segunda parte. No caso do manuscrito A, é natural essa opção visto que provem da corte régia – veja-se SOLALINDE (1930) e SÁNCHEZ-PRIETO BORJA (2009); já a escolha de K, para os editores de 1957, prende-se com o facto de este testemunho se afigurar como sendo o mais próximo do arquétipo e de se ter decidido elaborar uma edição de manuscrito com colação de variantes. Veja-se KASTEN e OESCHLÄGER (1957).

[547] Novamente remetemos para o estudo de SÁNCHEZ-PRIETO BORJA (2009).

[548] É interessante consultar a problematização colocada perante a elaboração de uma edição crítica integral da *GE* em FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ (2000).

Os manuscritos transcritos variam muito entre si[549]. Se atentarmos à apresentação que de cada um é feita em momentos anteriores deste trabalho, denota-se a flutuação entre suportes, tipos de letra, qualidade da cópia e apresentação gráfica do texto. No entanto, foram criados critérios de transcrição que, embora cedendo a cada testemunho específico, possam ser suficientemente transversais ao *corpus* selecionado. Anunciamos antes de mais que estas transcrições não são estritamente paleográficas, embora pendam para um certo conservadorismo cujos motivos abaixo esclarecemos.

O primeiro e mais importante fator a considerar é o estabelecimento de critérios[550] que, permitindo apresentar os manuscritos de forma acessível mas fidedigna, pudessem ser comuns a textos em duas línguas distintas embora muito próximas. Tal problema, que se colocou já aquando da transcrição dos Salmos e se retoma aqui, encontrou a solução nas seguintes premissas: desenvolver abreviaturas em conformidade com os hábitos de escrita quer do português, quer do castelhano, assinalando-as sempre em itálico, e procurando conservar sempre opções ortográficas inerentes a cada manuscrito; adotar, perante os *loci critici* encontrados, uma postura conservadora, preterindo uma leitura condicionada pela crítica em função de uma forma paleograficamente mais próxima do testemunho.

Como é natural, um dos elementos mais complexos foi a resolução de abreviaturas, tendo em consideração sobretudo a sintaxe e o estado de evolução linguística que cada testemunho representa – já que, para os testemunhos castelhanos, o arco temporal é bastante amplo. Tal como para a transcrição anteriormente apresentada do saltério de R, optou-se por conservar as flutuações entre /u/, /v/ e /b/, já que, sobretudo para o caso português mas também para alguns testemunhos castelhanos, demonstram ao menos a variação de representação gráfica da consoante labiodental fricativa sonora que, seguramente, alterna com a consoante bilabial oclusiva

[549] Foi para este trabalho essencial a consulta de COSTA (1975), id. (1992), CRUZ (1966), CUNHA (1991), DEROLEZ (2006), MARQUES (1996) e SÁNCHEZ-PRIETO BORJA (1989), id. (1996), id. (1996a), e id. (1998a). O recurso a suportes eletrónicos também revelou-se importante, nomeadamente a página Abbreviationes™ Online. Finalmente, revelou-se pertinente a revisitação de DROGIN (1980), cujo acesso agradeço ao Vladimiro Macedo. Evidentemente, o trabalho de investigação paleográfica foi imensamente facilitado por solícitas e muito informadas ajudas do Professor Doutor José Meirinhos (Universidade do Porto), Professora Doutora Outi Merisalo (Jyväskylän Ylopisto), Professor Doutor Saul António Gomes (Universidade de Coimbra) e Mestre Anísio Miguel de Sousa Saraiva (Universidade de Coimbra).

[550] Constitui um bom guia de trabalho a obra de SÁNCHEZ-PRIETO BORJA (1998).

sonora. Nos casos em que /u/ pode representar qualquer uma das duas, preservou-se a opção do copista. Do mesmo modo, optou-se por manter as variantes /i/ e /j/, mesmo quando /j/ tem valor vocálico[551], assumindo uma postura mais conservadora.

A separação e união de palavras foi aplicada com parcimónia. Primeiramente, pelo facto de muitas vezes estas circunstâncias poderem oferecer uma compreensão da transmissão e leitura do texto por parte do copista: é o que decorre da opção «de uter nomio» para designar o Deuteronómio.

Acompanham esta opção a flutuação entre maiúsculas e minúsculas e a conservação de consoantes duplas aparentemente redundantes. Sobre o primeiro aspeto, regularizou-se a utilização de capitais, embora mantendo consoantes duplas iniciais. No que à pontuação diz respeito, deve dizer-se que, nos casos em que claramente se insere pontuação no manuscrito – normalmente, ponto intermédio sobre a linha – se recorreu ao ponto final para o denotar; todavia, optou-se por omitir a sinalização dos caldeirões.

Sendo estas edições de manuscrito, e não críticas, não se procedeu à reconstituição dos espaços em branco ou danificados em cada um dos testemunhos. Quando estes surgem, optou-se por assinalá-los com <...>. Na apresentação gráfica dos textos, pareceu mais acessível a transcrição a uma coluna. No caso dos fragmentos, já que estes apresentam cortes a meio de colunas, assinalou-se o limite das mesmas com ponto-e-vírgula. Para os testemunhos em que se copiou o texto a duas colunas e estas são integralmente legíveis, não existe qualquer tipo de diferenciação, exceto o assinalar da mudança de coluna ou página através de parênteses retos.

No que a opções modernizadoras dos textos diz respeito, indicamos uma vez mais o desenvolvimento de abreviaturas, aparecendo cada um deles em itálico. A nota tironiana é desenvolvida sistematicamente em *e*, embora seja interessante assistir à flutuação entre /*e*/, /y/ e mesmo /et/ em alguns testemunhos. Tais variantes, que não são fruto de desabreviaturas, foram conservadas. Já a acentuação da vogal /y/ manifestou menor relevância, pois normalmente serve para a distinção em relação a outras vogais; por isto, transcreveu-se sempre com a grafia /y/, sem acentuação.

[551] Veja-se FERNÁNDEZ-LOPEZ (1999).

Mais problemas colocaram as abreviaturas em torno de /q/; seguiram-se as opções tomadas em cada texto nos casos em que as palavras a que as abreviaturas correspondem surgem por extenso, atendendo ao sentido e às circunstâncias sintáticas em que ocorrem. Ainda assim, note-se que o mais comum é a abreviatura em /q*ue*/. Também a abreviatura /9/, com o sentido de /*sus*/, foi desenvolvida, embora esta apresente mais complexidade. De facto, tanto pode representar /*sus*/ como /*us*/; deixámos que o sentido da frase, bem como, em certas passagens, o confronto com outros testemunhos, nos deixassem antever qual a sílaba por trás deste símbolo.

Apesar das dúvidas que a execução das formas nasais possam colocar, optou-se pela resolução, assinalada em itálico. Assim, perante as grafias /ã/, /ẽ/, /ĩ/, /ĵ/ – com o valor de /i/ caudato nasal – /õ/ e /ũ/. Em final de palavra, para os fragmentos portugueses, ou antes das oclusivas /p/ e /b/ em todas as transcrições, utiliza-se o grafema /-*m*/, também em itálico. Em algumas situações, a marca de nasalidade ocupa mais do que uma vogal, como por exemplo em «hũũ»; nestas situações, desenvolveu-se a abreviatura normalmente, conservando as duas vogais: «huu*m*». Para as abreviaturas de ditongos nasais, que revelam maiores complexidades, preservou-se o sinal de nasalidade na primeira vogal, à semelhança do que ocorre no português atual, sendo de notar que a abreviatura abrange todo o conjunto de vogais, como em «razõõẽs» > «razõoes». Quaisquer exceções, como o caso de «sõõ», desenvolvido em soo*m*, são apontadas em nota. No caso em que encontramos «hũã», escolheu-se desenvolver a abreviatura em «hu*m*a», mesmo estando conscientes da flutuação fonética que a forma do artigo indefinido teria no período a que nos reportamos. Não nos parece, contudo, uma violação demasiado grande do aspeto fonológico do texto que procurámos preservar. Conservou-se, porém, para os textos castelhanos, a grafia /ñ/ para representar a consoante palatal nasal, sendo porém a mesma desabreviada nos fragmentos portugueses e devidamente assinalada. Já nos fragmentos portugueses, as grafias /ã/ e /õ/ serão preservadas sempre que se revelem manifestação da síncope na consoante nasal intervocálica característica do galego-português e não interfiram com a leitura do texto.

As demais abreviaturas encontradas não oferecem grandes dificuldades editoriais: /xpt/ transcreve-se por /*crist*/, por exemplo em *crist*ianos, tal como /ds/ se desenvolve em /d*eus*/ ou /ihrlm/ se transcreve em /i*erusale*m/. Sendo que, à parte das

três abreviaturas em cima assinaladas, as outras formas são efetivamente raras, não parece muito relevante a especificação de cada caso, já que, uma vez mais se recorda, estes critérios vão servir a testemunhos variados onde muitas vezes se encontram opções de abreviação particulares. Sugere-se a consulta das imagens dos manuscritos anexas para a compreensão visual dos problemas que cada um possa colocar. Entretanto, quaisquer abreviaturas são sempre graficamente marcadas, e acentuamos de novo a intenção de transcrever os testemunhos de forma conservadora mas suficientemente legível.

Temos a consciência de que o estabelecimento de critérios de transcrição podem e devem variar consoante os textos medievais com que nos deparamos, por um lado, e a leitura que se prevê que deles seja feita, por outro. Neste sentido, as escolhas tomadas de forma geral para o *corpus* apresentado coadunam-se com o uso que foi feito de cada um dos testemunhos para o presente estudo: houve a necessidade de dar conta de variações de hábitos de escrita para uma mais firme integração e compreensão das versões portuguesas detetadas no conjunto de testemunhos da *GE* de Afonso X, ao mesmo tempo que se quis, deliberadamente, que estes testemunhos fossem mais legíveis do que uma transcrição puramente paleográfica o permitiria.

Será natural que a apresentação do que começa por surgir como um *borrador*, como uma série de cópias o mais fiéis possível de uma série de manuscritos tão distintos, quer linguística, quer paleograficamente, entre si, partindo de critérios que possam ser abrangentes sem colidir com a preservação do que diz cada texto, traga uma série de problemas de difícil resolução. A edição de vários testemunhos em paralelo seria, sem dúvida, mais frutífera se elaborada em equipa, como de resto se pode confirmar pela notável edição integral da *GE*[552]. Porém, cremos, foi deste mesmo exercício que se puderam tecer as considerações já apresentadas sobre a tradução e a receção da *GE* em Portugal. A reunião – ainda que, de novo recordamos, respeitando as características intrínsecas de cada língua e as particularidades de cada testemunho – sob critérios semelhantes e abrangentes de fragmentos traduzidos e excertos de manuscritos da *GE* permitirá, eventualmente, a compreensão de cada transcrição como uma voz, que associada às restantes, em uníssono, permitirá talvez aceder a um «ca*n*to

[552] AFONSO X (ed. 2009).

cu*mprid*o por uozes acordadas»: um projeto que transmuta do castelhano ao português uma das mais monumentais obras da literatura europeia medieval, a *General Estoria* de Afonso X.

2. Transcrição do fragmento ANTT, Caixa 21 nº 29

[rI] <...>ne posto q*ue* cada huu*m* todos se aju*n*tau*am* em; escollarce em aq*ue*lle; <...>uu*m* q*ue*estaua em meo; mestres *e* daq*ue*lles em; naq*ue*lles graaos que; <...>onrrado segundo sua; <...>r ne*m* por riq*ue*za ne*m* por; E ally lyam os mees; hu*m*a liçom q*ue* ouuiam; <...>uydau*am* em muytas; <...>ua*m* sobrellas por em; p*or* elo de q*ue* douidaua; E chamava*m* aaq*ue*llas; aos outros saberes; <...>obre o donato *e* out*ro*s; <...>zõoes A P*rim*e*ira*; porq*ue;* <...>me*m* liure q*ue* no*m* fosse; <...>or mester A seg*unda;* ouuiam deuiam de; do *e* de toda prema; todo esto ha mester; er Pois q*ue* raco*m*; <...>obreza daq*ue*lla çida; del rrey Juppiter E; que se lyam em esta; <...>or emtrada aa razo*m*; <...>e athenas.

Del; nentos do triuio *e;*

athenas naçeu el; ja dissemos an; <...>don *e* appre*n*deo; muy bem todo o; q*ue* som de uij artes; razõoes q*ue* u*us* co*n*; admadis antressy; A p*rim*e*ir*a he Gra; A terceira reito; ra A q*ui*nta musica; septima astronomi*a*; tre uij som o triuio; es uias ou tres ca; me*m* hir a hu*m*a cousa; <...>*compri*d*a*mente As; druuio que q*ue*r dizer; q*ue* Emssina*m* co*m*pri; a hu*m*a cousa çerta. E; as assi como mo*n*stra; atira q*ue* dissemos q*ue* he; e l*et*ras *e* ajunta dellas; co*n*uem E faz dellas pa; Gramatica q*ue* q*ue*r tanto [rII] dizer como sçi*en*cia de l*et*ras. Ca esta he a arte q*ue* enssina a acabar razo*m* por l*et*ras *e* pellas palau*ra*s ajuntadas se co*m*põe a Razo*m*. A dialetica he arte p*ar*a saber conheçer se ha ve*r*dade ou me*n*tira em a razo*m* q*ue* a g*ra*matica co*m*pos *e* saber departir a hu*m*a da outra, mas porq*ue* esto no*m* se pode fazer menos de do*us* por se falar ve*r*dade c*om*p*ri*dame*n*te. A rettorica outrossi he arte p*ar*a affremose*n*tar a razom *e* mo*n*stralla em tal maneira q*ue* a faça teer por ve*r*dadeira *e* çerta aos q*ue* a ouire*m* de guisa q*ue* seja crijda. E pore*m* ouue nome rettorica q*ue* q*ue*r dizer razoame*n*to fe*it*o por palauras fermosas *e* apostas *e* bem razoadas *e* ordenadas. E estas tres artes q*ue* dissemos a q*ue* chamam triuio mo*n*stram ao home*m* dizer razo*m* *su*auemente ve*r*dadeira *e* fermosa qual q*ue*r que seja. E fazem ao home*m* estas tres artes bem razoado *e* vem o home*m* por ellas melhor a emtender as outras quarto carreiras a q*ue* cham*am* o q*ua*druuio. E as quatro som todas de emte*n*dime*n*to *e* demo*n*stramento fec*t*o por proua E pore*m* deui*am* dhr p*ri*meiras em a hordem. Mas porq*ue* se no*m* podem emtender sem estas tres primeiras que dissemos, posero*m* os sabedores estas tres p*ri*meiro q*ue* aquellas quatro posto q*ue* todas estas

quatro artes do quadruuio fallam das coisas pellas q*ua*ntidades delas assi como diremos. E as tres do triuio som das uozes *e* dos nomes das coisas *e* as cousas foro*m* antes q*ue* as uozes *e* q*ue* os nomes dellas naturalm*en*te. Pore*m*, porq*ue* as coisas no*m* se podem emssinar ne*m* aprender departidam*en*te seno*m* pellas uozes *e* pellos nomes q*ue* ham, posto que segundo natura estas quatro deujam dhr p*ri*meiras *e* aq*ue*llas tres postumeiras como mo*n*stramos. Os sabedores, pella razom sobre d*i*ta, posero*m* p*ri*meiro as tres artes do triuio *e* derradeiras as do quadruuio. Ca pellas tres do triuio se dizem os <...>mes aas cousas *e* estas faze*m* o home*m* be*m* razoado *e* pellas quatro do quatro do q*ua*druuio se mo*n*stram as naturas das cousas. E estas quatro fazem o home*m* sabedor ora aprendee esto q*ue* o triuio faz o home*m* razoado e o q*ua*truuio sabedor.

Das co*n*uenienças et dos departime*n*tos dos saberes do quadruiuo antressi xxxvjº

Mas por aprender a q*ua*ntidade das coisas *e* mesuras mais co*m*p*ri*damente deuemos saber q*ue* a q*ua*ntidade se parte e*m* duas partes e a q*ua*ntidade q*ue*r diz*er* q*uo*manha [vI] <...> Ahy u*m*a he q*uan*tidade partida *e* pensada por <...> todo mouui<...> que se no*m* ajunta a ni*n*hu*m*a mat*er*ia. E desta q*ua*ntidade he a p*ri*me*ira* das quatro artes do q*ua*druuio *e* he aq*ue*lla chama*m* arismetica, q*ue* he arte *e* caminho q*ue* mo*n*stra *com*p*ri*damente a q*ua*ntidade da co*n*ta que he tal como esta: huu, dos, tres, q*ua*tro, cinq*uo*, seis *e* dhi adiante <...> as partes da co*n*ta de taaes q*ua*ntidades som q*ue* cada parte dellas pode home*m* dizer sobressy VI, hu*m*m, *e* tres cada huu*m* por ssi. E assy de todollos outros E esta arte a q*ue* chamamos arismetica emssina em adi*r e* mi*n*guar *e* tirar *e* acrecentar *e* dobrar *e* as outras maneiras qhy ha desta co*n*ta, q*ue* som VII p*or* todas. E em esta conta se deue emte*n*der desta g*ui*sa que he a q*ua*ntidade departida *e* penssada sem todo mouime*n*to q*ue* sino*m* ajunta a nhua materi*a* ne*m* contra q*ua*ntidade como dissemos p*ar*a co*m*p*ri*r co*m* ella o q*ue* ella ha de fazer. Ca ella he acabada e*m* ssi. E ao q*ue* nos chamamos em nosso linguage*m* *con*ta chamasse em grego aris E ao q*ue* nos chamamos carreira chama*m* os gregos metos. E destas pall<...> aris *e* metos dis Huguicio q*ue* he co*m*posto este nome arismetica q*ue* por esta raso*m* q*uer* dizer tanto como carre<...>a q*ue* mostra <...> depa*r*tida outrossi mas he de g*ui*sa q*ue* se torna a outr*a* q*ua*ntidade <...> co*m* elle <...> adruuio. E esta he a arte q*ue* raffina todallas maneyras de

canto assi e este instrume*n*to como <...> zes em qualq*ue*r manera q*ue* seja de soo*m*[553] *e* mo*n*stra a q*ua*ntidade dos pontos em q*ue* huu*m* soo*m*[554] ha mest*er* o outro *e* tornasse aa q*ua*ntidade delle p*ar*a fazer ca*n*to cu*m*pr*id*o por uozes acordadas, o q*ue* huu*m* ca*n*to no*m* poderia fazer por ssy assy como em diatessero *e* diapente *e* diapasom *e* em todalas outras maneyras q*ue* ha em o canto. E posto q*ue* dissem*os* ante desto que Jubal, filho de Lamec. neto de Caym *e* de Ada sua molher, assacara p*ri*meirame*n*te os instrume*n*tos do cantar *e* a arte da musica, e q*ue* os gregos a achar*om* despois mais *cumpri*damente. E segundo que o lemos em seu liuro que falla desta estoria aco*n*teçeu assy como co*n*ta<...>em*o*s

De como os gregos achar*om* a musica et a sua natura XXXVII.

Os gregos husar*om* p*rim*e*iro* q*ue* outros homee*ns*[555] de andar muyto sobre ma*r*. E alguu*n*s delles se trabalhar*om* q*ua*n [vII] <...> ouiur*om* soo*ns*[556]; nhu*m*a cousa no*m* pode; mais doçe q*ue* aq*ue*lle; antressi. E disse; soo*m* ouuisse em lug*ar*; fallando desto Olly; longe delles; tauam em; boroso *e* forosse a q*ue;* sse aaq*ue*lla pen*n*a[557]; co*m* sabor muy grande; sayo de suppito huu*m*; onanio *e* q*ua*ntos hi; matou ally em ome; <...> E se acolher; brau*am* aq*ue*lle vento; taso aos gregos tod; lhes aco*n*teçera; tos de grecia. E foy; nho muy sotil *e* delles entrar muy; poro*n*de foro*m* <...>; po*r* aaquelle penedo; engenho q*ue* feze po*n*; ro*m* aa pedra <...> treitos E huu*n*s; f*ect*os de grade; <...> solhe este <...>; em grego augua; em grego E em <...>; rem este nome <...>; pall*aur*a*s* gregas m; mo a arte de <...>; musica he he arte q*ue*; dos soo*ns* *e* as q*ua*ntid; ssemos. E esta arte; dar as vozes *e* faze; is q*ue* ja dissemos da; som as artes de ta; meamos ata <...>quy; uio porq*ue* emssin*am* m; des departidas ca<...>; em simplex <...> em <...>

[553] sõõ
[554] sõõ
[555] homẽẽs
[556] Sõõs
[557] peña

3. Transcrição do fragmento ANTT, Caixa 21 nº 30

[rI] assy como co*n*ta a Biblia. Aa s*er*pente porq*ue* os e*n*ganara, e a Eua porq*ue* *a* aescutara *e* co*n*sselhara *e* o mando. E a elle porq*ue* o comera. Lançou os logo do parayso em aquelle dia meesmo que os meteo em elle. Ca diz em este lugar meestre Lucas b*is*po de Tuy q*ue* foy soo*m*[558] Adam em a p*ri*me*ira* ora do sesto dia en ora de <...>ça, *e* posto em o parayso. E a ora da sexta emgana<...> E em a ora di noa lançado do parayso. E enuyou os ambos a ual de Ebrom honde fora fe*it*o Adam *e* aa terra onde fora formado que laurassem *e* uiuessem hy. E quando os lançou do parayso deullxe hu*m*as pellicas fe*it*as de pelles de gaados mortos. E diz aquy a Gros*a* que Adam nunca ajnda bira cousa morta nhu*m*a ne*m* sabia que era morte. E q*ue* <...> endesse que de cousas uiuas foram aquellas pelles que elle uistia *e* era*m* ja mortas, e que se per <...> auer elle algu*m*a cousa por ello *e* que assy <...>na elle. E segundo achamos em sc*ri*ptos de <...>ios arabigos q*ue* fallarom em estas cousas <...>zem que em aquelle lançame*n*to do paraiso deu <...>osso sen*n*or[559] D*eu*s a Adam *e* a Eua as sementes dos <...>es *e* dos legumes *e* das outras cousas q*ue* se<...>assem em a t*e*rra e colhessem de q*ue* se ma*n*teuessem. E des que Adam *e* Eua ueerom ao lugar de ual Hebron honde os D*eu*s enuiaua, acharom hy muy <...> E Adam co*m* suas mãaos *e* co*m* paaos arranca <...> eruas *e* mouia a t*e*rra co*m* grande trabalho dessy <...> ca lauraua o melhor que podia *e* seme<...> aquellas semente que lhes D*eu*s dera esperan<...> naçeriam *e* colheria dellas <...> alegrar como laurador que por ella trabalhaua. Mas a t*e*rra mais lhe criaua cardos *e* outras hervas *e* cousas dampnosas <...>ana <...> Adam auia <...> doo dello <...> deuia de lhe uy*ir*[560] E elle ne*m* Eua no <...>mia*m* estonçes ainda no começo out*ra* cousa seno*m* de frutos das amoras *e* uiandas de leyte nem vestiam seno*m* pelles mal feytas ne*m* morauau*m* em outras casas seno*m* em as couas que achauam f*ei*tas <...>lla <...>ra. Elles morarom aly em ual de Ebrom em hu*m*a gr<...> boa coua que hy acharom q*ue* <...> semelhaua que D*eu*s a feze <...> morrero*m*. E Adam *e* Eua vee*n*[561] <...> miseria *e* mizquindade por no*m* tee <...> nhuu*n*s do que laurassem pam *e* vi <...> a <...>utras cousas por deuessem de uiuer ne*m* com q*ue* fazer o que pertencia aas molheres q*ue* <...>uas casas foro*m* em cuydado de

[558] sõõ
[559] señor
[560] uỹr
[561] Vẽẽ

buscar maneira *e* caminho de se tornar aaquelle parayso terreal da <...>leytaço*m* donde sayrom. E nosso sen*n*or D*eu*s, porque sabia q*ue* seria esto penssado desta guisa por colhar q*ue* se no*m* co*mpri*sse porq*ue* se em o parayso entrassem outra uez *e* comessem daquelle fruyto da aruor do bem [rII] e do mal nom de<...> D*eu*s. E pos D*eu*s na <...> hu*m*a espada de fogo q*ue* no*m* leixasse la e<...> nuu ne*m* a elles ne*m* a outro home*m* se o D*eu*s no*m* mandasse. E Adam *e* Eua se tiraro*m* deste cuydado ente<...>dendo <...>e seria sandiçe e ficarom em esse lugar de ual de <...> *e* laurarom *e* trabalharo*m* *e* aly uiuero*m* segundo que lhes aco*n*teçeu. E ally fezero*m* suas geeraçõoes <...> diremos adiante

Das geeraçõoes de adam

Andados quynz<...> a*n*nos <...> do o mundo fora criado <...> ua lançados do paray<...> fazer seus filhos *e* ueerom a esto desta g*ui*sa Q<...>do elles sayrom do parayso antre o t*em*po que posero em o caminho p*ar*a uy*n*r aaquel lugar, E a q*ue* mor<...> ally desque hy chegaro*m*, co*mpri*rom este CXV anos, que o caminho lhe foy muy longo por honde ve<...> do começo da t*e*rra da parte do oriente ataa a meetade della. Ca jherusalem <...> que he açerca delle jazem em meo do <...> por muytos lugares *e* muy asperos <...> *e* maaos po*r* penas montes *e* aug <...> de bestas feras *e* serpentes que acha<...> algu*m*a lugar mayorm*en*te que ajnda hi <...> a carreir<...> ne*m* caminho f*ec*to. Ca <...> por alli <...> outro foy que desque de <...> p*ri*meiros <...> tantos cui<...> em <...> lazeira <...> molher. E Eua emp*re*nhou *e* pario huu*m* f<...>lho *e* poserom lhe nome Caym. E segundo diz Ramiro e*m* a Declaraço*m* da Bibria tanto q*ue*r dizer em nosso ly*n*guajem portugues como herdamento. E logo disse Eua como o uyo, segu*n*do conta o quarto cap*itul*o do Genesy: Herdey home*ns* .s.[562] por D*eu*s. E naçeu a Adam *e* Eua de huu*m* parto hu*m*a filha <...> chamarom lhe por nome Calmana. E segundo dizem os Espoimentos da Bibria, Calmana tanto q*ue*r dizer e*m* nosso linguajem como co*m*panheira. E Adam *e* Eua em sua uida aspera que faziam *e* em sua mis*eri*a em q*ue* eram prouguelles co*m* estes do*us* filhos *e* co*n*fortaro*m* sse co*m* elles *e* criaronos o melhor que podero*m* posto que sse faziam a Eua muyto d*os* filhos cada ayr aas suas tetas. E como q*ue*r que diz<...> algu<...>

[562] A abreviatura foi conservada, mas deveria desenvolver-se em *scilicet.*

estoreadores que Adam *e* Eua fezerom outros filhos em estes a*n*nos, no*m* o diz Moysem ne*m* nos <...> o achamos de guisa que os nomes daq<...>lhos podessemos auer ne*m* saber.

De Abel et de sua irmãa[563] que naçeu com elle

[vI]<...>

Dos custumes de Caym *e* de Abel <...>

De como matou Caym a Abel <...>

[563] Irmãã

4. Transcrição do fragmento ANTT, Caixa 21 nº 31

[rI] <...> em dos judeus que os tomassem todos q*ue* no*m* <...>casse nhuu*m* *e* os lançassem no Nillo *e* ally morressem mas aas femeas q*ue* lhes no*m* fezesse*m* nhuu*m* mal pellas razõoes q*ue* la dissemos. E desque esto começou *e* os foy quebra*n*tando *e* abaixando *e* se descobrio a ello ne*m* soube p*re*ma ne*m* crueza em que os no*m* com*e*tesse pellos desfazer *e* mi*n*guar em elles. Ally o mandou fazer aos egipçiãaos[564] q*ue* p*ar*a esto posera sobrelles em Jerssem *e* Ramesse honde elles morau*am* apartadame*n*te. E conta Josefo em este lugar q*ue* fez esto pharao por co*n*selho daq*ue*lle sabedor q*ue* lhe dissera daquelle minino que auia de naçer em aquella sazo*m* E ajnda dizem alguu*n*s que por co*n*sselho daquelle sabedor ma*n*dou aas parteiras q*ue* matassem os mininos segundo dissemos. E foro*m* muytos os mininos q*ue* os egipciãaos afogaro*m* na augua do Nillo em aquelle t*em*po por ma*n*dado del rrey seg*undo* conta m*estre* Pedro. E diz Josepho q*ue* <...> e doyam muyto os judeus por este f*ei*to *e* q*ue* se tynha*m* por muy quebrantados mais q*ue* por todo <...>s trabalhos *e* lazeiras que ja passaro*m* *e* ajnda passaua*m*, ca ja el rrey lhes fazia todo mal descubertamente e o emte*m*dia*m* elles e o uyam ja qua*n*do os filhos lhes matau*am* assy. E no*m* o faziam os jude*us* tanto desse doer <...>teer sse por quebrantados de todo em todo como porq*ue* elles no*m* auerio*m* filhos ne*m* porq*ue* os no*m* <...>ram nem ajnda porque os biam <...> porque se desfaria o seu linha<...> anhua cousa *e* no*m* ficaria<...>zesse *ser*uiço a D*eu*s. E entendiam ja os jude*us* manifestame*n*te como farao do começo destes f*ei*tos os trouxera*m* co*m* gra*n*de emgano *e* com falssa arte. *E* *t*ynham sse por muy emganados porq*ue* de começo o no*m* emte*n*dero*m* como estonçes, ca outro co*n*sselho teuero*m* em ello. Agora leixamos aqui a estoria de Moyses *e* da Bibria *e* tornar uos emos a co*n*tar huu*m* erro que achamos co*n*tado dos homee*n*s boos, sabedores *e* s*an*tos q*ue* co*n*tam em suas estorias. E aq*ue*lle erro chamo*m* sandiçe em q*ue* aquelle t*em*po os egipçiãaos cairo*m* por aquelle f*ei*to q*ue* faziam aos jude*us* *e* aos se*us* mininos.

Do boy Appis em Egipto VXº.

[564] Egipçiããõs

Conta o b*is*po Lucas *e* meestre Ped*ro* que por este pecado q*ue* fazia*m* os do Egipto em os mininos dos jude*us* q*ue* os lançou D*eu*s aaquella ora em este erro *e* em esta sandiçe que adorassem a Apis por d*eu*s. E segundo pareçe que foro*m* dous Appis em Egipto: huu*m* del rrey de<...>ay<...> de Greçia, do que dissemos ante desto como passara de sua t*e*rra de Greçia em Egipto *e* reynara ally em hu*m*a t*e*rra q*ue* elle guaanhara. O outro [rII] que foy este Appis a que*m* os do Egipto adorauа*m* por d*eu*s. E deste Appis fallaram muytos sabedores em suas estorias por razo*m* daquelle erro sem boa razom *e* sem dereito dos do Egipto aos jude*us*. E este Appis era huu*m* touro *e* deste touro n*os* diremos logo o q*ue* diz Plinio por elle em o BVIº liuro da Estoria Natural em o cap*itu*lo XLVIº. E co*m* o d*i*to de Plinio n*os* co*n*taremos out*ro*sy o q*ue* dizem os outros sabedores ally. Conta logo Plinio *e* diz assim que auia em Egipto huu*m* touro a q*ue* chamaua*m* os egipçiãaos o boy Appis *e* adorauа*m* no por D*eu*s. E conta sua feitura e seus f*eit*os *e* como faziam co*m* elle os dessa t*e*rra. E diz q*ue* em o costado dereyto este touro tynha huu*m* synal muy nobre *e* era hu*m*a mancha branca fecta a maneira de cornos de ba*c*a q*ua*ndo saay noua *e* de cornos outros taaes. E diz que tynha huu*m* noo na garganta da lingua contra fundo a q*ue* chamaua*m* os egipçiãaos ca*n*taro. E segundo diz Plinio que a este boy no*m* o auiam os egipçiãaos de leixar beer seno*m* a homee*n*s çertos. E desi diz q*ue* matauam e q*ua*ndo o queriam matar q*ue* o leuauam *e* banhaua*m* no antes em hu*m*a fonte a que chamaua*m* a fonte dos b*is*pos *e* soamergia*m* no ally *e* ally o afogaua*m* *e* desta maneira era a morte q*ue* lhe d<...>ua*m*. E des que era morto t<...>squiaua*m*sse elles *e* <...>apaua*m*sse as cabeças *e* yam cho<...> toda a t*e*rra q*ue* o achassem *e* q*ue* o <...>ssem em log*ar* daquelle *e* sempre chorauam ataa que o achaua*m*. Pore*m* diz q*ue* nu*n*ca o achaua*m* seno*m* tarde.

Como faziam os Egiptiãaos do nouo Appis Xº

Conta meestre Pedro *e* b*is*po Lucas *e* outros q*ue* acordam co*m* estes q*ue* assy o hordenou nosso senhor D*eu*s *ver*dadeiro por razom q*ue* dally lhes naçia este erro honde elles fezero*m* a sandiçe *e* o erro em os mininos de Isr*ae*l. E diz outrossy Plinio que des que o achaua*m*, que o tomaua*m* os se*us* saçerdotes q*ue* hyam hy, ca esta sandiçe a todos alca*n*çaua, a cl*er*igos *e* a outros *e* ta ma*n*sso o auia*m* sempre q*ue* se lhes leixaua tomar *e* trazia*m* no muy ho*n*rradame*n*te ao reyno a que ouuistes a q*ue* chamaua*m* em Egipto Mezraym. E diz que este boy tynha aly do*us* templos tam nobres *e* tam fermosos

que lhes chamaua*m* taambos E em huu*m* diz que daua elle as respostas dos bee*n*s aos poboos e em o outro as dos malles q*ue* lhes <...>ara*m* de vy*i*r[565] .Pore*m* estas respostas assy dos bee<...> como dos malles diz q*ue* as no*m* <...> seno*m* a <...> dos que o guardauam *e* lhe pr<...>gu*n*t<...>a*m* q<...>do [vI] <...>ca este boy comia <...>ob sto diz a estoria q este exemplo q*ue* aquy <...>uiredes. Aquelles q*ue* o guardaua*m* *e* lhe daua*m* de comer pregunta<...> lhe despois por t*em*po por Germanico Cesar *e* por suas co*m*panhas *e* se*us* poderes que vynham sobre Egipto *e* p*r*oph*e*to lhes mal delle. E a pouco de t*em*po morreu esse Cesar. Agora n*os* diremos deste <...> outras cousas ajnda.

Das; custumes deste touro; XIº

Outrossi diz Plinio que vijnha huu*m* t*em*po q*ue* desejaua este touro baca e q*ue* o sabiam os egipciãaos. E hya*m* na buscar como hyam buscar a elle .E achaua*m* na outrossy muy fermosa por como o era aq*ue*lle <...> E q*ue* affeytaua*m* elles ajnda e corregia*m* na q*ue* mais fermosa q*ue* podesse seer *e* trazian lha *e* mo*n*straua*m* lha. Ediz q*ue* q*ua*ndo elle hya aaq*ue*lla baca q*ue* q*ue*ria hir muy em poridade. E os egipciãaos sabia*m* lhe outrossi este costume *e* no*m* leixaua*m* q*ue* fosse ne*n*huu*m* co*m* elle seno*m* hu*m*a c*om*panha de mininos q*ue* tynham emsynados de s<...>ç<...>dotes. E estes mininos o hia*m*[566] guardando *e* cantando por elle huu*m* cantar q*ue* fa<...>ja*m* de louuor *e* de honrra dos seus<...> E <...> que lhe parecia q*ue* os emte*n*dia elle <...> lhe prazia daquelle canto *e* folgaua quando o ado<...> E <...> qlhe <...> destra q*ue* <...> esse lha mor<...>rau<...> ella *e* logo a mata<...>

Das coq*ua;*trizes do Egipto XII

Conta outrossy a estoria que auja <...> E que auia hy muytas cocadrizes e nu*n*ca home*m* se ousaua a chegar alhy ca os matau*a*m ellas logo a todos q*ua*ntos alla hya*m*. E o dia q*ue* este touro sabya *e* pareçia aos do Egipto diz que tomaua*m* estonces esses egipciãaos <...>della douro *e* outra de pr*a*ata f<...> as patenas dos callezes <...>tia*m* nas naq*ue*lla<...> *e* leixaua*m*nas ally <...> ally aq*ue*llas patenas <...>ou muytas ou huu*m* *e*<...>

[565] vỹr
[566] ohĩã

emtrauau*m* ally *e* <...> [vII] <...> E duraua esto do dia <...>cia aquelle <...> ata ao oitauo dia aa ses<...> ora, ca tanto *du*rauau*m* elles em lhe fazer <...> sedo dia q*ue* se lhes mo*n*straua adiante. E<...> esi ora adiante a riba tornauau*m* sse as <...> em sua braueza *e* crueza que soya da<...> matauau*m* a q*ua*ntos alcançauau*m* seno*m* q*ue* o so<...> os homee*n*s *e* guardauam sse q*ue* dally adia<...> no*m* ficaua ally ny*n*uu*m*[567] ne*m* hyam alla seno*m* se <...>ssem tantos q*ue* se podessem bem defender <...> *e* no*m* desse <...>or ellas nada. E esto he o que Plinio *e* os outros sabedores dizem que <...> nomeamos dos fe*it*os *e* da feyura *e* dos cu<...>mes deste touro do Egipto a q*ue* chamauau*m*<...> boy. E o q*ue* os outros disseram ajnda ally<...> esso diremos nos daquy adiante segun<...> o achamos em seus escriptos

Dis<...> ajnda do boy Apis *e* dos egipçianos XIII

Sobresto diz ajnd<...>eestre <...> assy desto to<...> q*ue* como ov <...> es do Egipto <...> vijnham <...> co*n*tadores *e* co*m* dançado <...> fazendo soo*n*s de muyta<...> guisas a <...> fico q*ue* u*m* dia <...> lhe mouia e dançaua<...> elles *e* dançauau*m* *e* auynham sse elle *e* <...> E assy andauau*m* co*m* elle *e* elle <...> entressy que cada ano pareçia e sempre em a festa daq*ue*lle Appis d*eu*s dos do Egipto de q*ue* ja fallamos <...> Pedro q*ue* pensaro*m* alguu*n*s <...> sempre asijnadamente e*m* aq*ue* <...> que era aq*ue*lle tempo *con*sagrado aa ho*n*rra daquelle seu d*eu*s que dissemos q*ue* eles chamauau*m* Serafin. E que por esso chamaro*m* outro <...> y aaquelle touro Serafin. Outros dize*m* que o <...> de hu*m*ã[568] bez em dez a*n*nos. Contam outros q*ue* q*ua*ndo auia justo *e* sa*ncto* <...> illa do sol de q*ue* ja fallamos q*ue* <...> do Egipto que pareçia este touro em <...> b*is*po por aquelle b*is*po seer <...> E q*ue* qua*n*do ally no*m* auia boo b*is*po

[567] nỹũũ
[568] hũã

5. Transcrição do fragmento ANTT, Caixa 21 nº 32

[vI] auiam ja todolos homee*n*s grande boontade, hu*uns*[569] de aberem reys, os outros de reynare*m e* faziam rey em cada cidade *e* em cada billa. E rey <...> uam ja em essa sazom <...> *e* muytas t*e*rras reys de q*ue* ajnda agora*m* no*m* diremos aqui afora estes noue: Cadolaomor, em t*e*rra de Ella*m*, q*ue* foy filho de Sem de que*m* ja dissemos em as poboaçõoes[570] das geeraçõoes dos linhagee*ns*[571] dos filhos de Noe, que beero*m* os elamitas que poboaro*m* aq*ue*lla t*e*rra. Amrraphel em Senaar, e he aquy Senaar segundo diz meestre P*edro e* outros por Babilonia por o seu reynado daquelle rey que era em t*e*rra de Siria. Ariot em a Jslha de Ponto. Ihadal em as Yslhas das Gentes. E a estes quatro reys de Syria nomea Moysem estes nomes em XVIº c*a*p*itu*lo do Genesy. E Josepho lhes chama em o XIIº c*a*p*itu*lo do p*ri*meiro liu*ro* desta g*ui*sa: Rabsido, Ariotorcho, Dellamarot, Ihadallo. E reynaua*m* estes outros V reys em t*e*rra de Penthapol: Bara em Sodoma, Barssa em Gomorra, Senaar em Adima, Semeber e*m* Seboyn. A çidade de Segoor era peq*ue*na mas porem seu rey auia. Josepho em o XI ca*pitulo* diz que Segor em abrayco tanto q*ue*r dizer como peq*ue*no. E estes reys destas çidades ouuerom estes nomes segundo Moysem. E segu*n*do Josepho estes outros: Bellas, Baleas, Binab<...> Simoborus. E a el rrey de Segor chama Moysem el rrey de Balla. E Josepho el rrey do Balinos. E a este q*ui*nto <...> as çidades, ne*m* moysem ne*m* Josepho ne*m* outro no*m* achamos ajnda q*ue* nhuu*m* outro nome p*ropri*o lhe chame*m* p*ropri*o seno*m* el rrey <...> ou dos daq*ue*lla villa. E muytos destes reys meudos q*ue* ja hy auia pellas terras s*er*uiam aos outros reys mais poderosos. E doze annos ante da sayda de Abraham do Egipto aquelle Cadolaomor, rey dos Elamitas, tomou estes reys q*ue* dissem*os* de Siria co*m* suas muy grandes hostes. E assy como diz Josepho em o XIº cap*itu*lo do p*rime*i*ro* liu*ro* estragaro*m* toda asia *e* leuaro*m* della roubado o q*ue* quisero*m e* destroiro*m* o linhage*m* dos gigantes *e* beero*m* sobre aq*ue*lles çinq*uo* reys de Sodoma *e* dessas outras çidades *e* co*n*quistaro*m* nos et fezero*m* n*os* tributarios. E estes esteuero*m* so o seu sen*h*orio[572] XII a*nn*os. E lhe peytaro*m* liureme*n*te o q*ue* ant*e* elles era posto. E ao XIII a*nn*o alçaro*m* sse co*n*tra elle *e* no*m* lhe quisero*m* dar nada. Agora diremos como fez Codolaomor

[569] hũ9
[570] poboaçõõẽs
[571] linhagẽẽs
[572] señorio

Como el rrey Codalaomor desbaratou aos rreys de Pentapol *e* leua preso a Lot XXº

[vII] Em o XVIIº a*n*no ajuntou el rrey Codolaomor todo seu poder *e* ouue *con*sigo estes tres reys de Siria: Amrapyel, rey de Senaaz, e Ariot, rey de Po*<...> e Tahdal, rey das gentes. Estes todos o beendiçiam ao p*ri*nçipe de Siria que era cabeça do reynado dos siriãaos[573]. E cabeça aq*ui* q*ue*r dizer como huu*m* soo p*ri*nçipe mayor de todo o sen*h*orio[574]. Este Codolaomor co*m* aq*ue*lles tres reys forom quatro, e foro*m* sobre os outros çinq*uo* reyes, e jndo Codolaomor muy poderoso co*m* aq*ue*ll*e*s tres reys co*m* gra*n*des hostes emtraro*m* pella t*e*rra dos outros çinq*uo* reys e destroiro*m* lhe e*m* a*s* fronteiras muytas billas *e* asijnadam*en*te estas: Raphayn. E mataro*m* muytos dos poboos de Zuzi*m* *e* catiuaro*m* os outros. E assy fezero*m* aos de Cariataym, que he em t*e*rra de Sabe. E outrossy aos correos que som em a Serra de Seyr. E toda essa terra ataa o chãao[575] de Pharan que jaz e*m* cabo do des*er*to. E tornaro*m* sse daly e beero*m* aa fonte de Ephat a q*ue* despois chamaro*m* Cades. E destroiro*m* toda at*e*rra de Amalec. E ao poboo dos amorre*us* q*ue* morauam em Assassem Ihamas. E vjnham sse contra Sodoma e estes reys de Sodoma *e* das outras çidades souber*om* parte desto *e* ajuntaro*m* sse *e* apparelharo*m* sse q*ua*nto mais podero*m* *e* sairom a elles e ajuntaro*m* as hostes da hu*m*a p*ar*te *e* da outra em huu*m* lugar q*ue* avia estonçe nome o balle siluestre q*ue* q*ue*r dizer balle mo*n*tesinho açerca de hu*uns*[576] mo*n*tes que auia estonçe em aq*ue*lle lugar do bitume co*m* que fazia*m* a torre de Babilonia. E era aq*ue*lle bitume como grude assi como barro muy boo*m*[577] p*ar*a lauores de paredes e doutras cousas *e* tira*n*uo*m* nos de pocos como tira*m* a<...>ra he f*ei*to aquelle lugar huu*m* lago. E desto *con*taremos a sua estoria adiante em a estoria do destruim*en*to daquellas çinquo çidades de Sodoma. E aly poserom suas aazes hu*uns*[578] *con*tra os out*ro*s *e* pelejaro*m* os q*ua*tro reys co*m* os cinq*uo* *e* foro*m* bençidos os çinquo *e* morrero*m* ally muytas gentes *e* os que no*m* foro*m* ally mortos ou catiuos fogirom aos mo*n*tes. E codoloamor co*m* aquella gente q*ue* trazia

[573] Siriããos
[574] oseñorio
[575] ochããõ
[576] hũ9
[577] bõo
[578] hũ9

destruiro*m* *e* roubaro*m* toda aq*ue*lla t*e*rra *e* leuaro*m* q*ua*nto hi auia, gaados, rroupas *e* todo o q*ue* hi acharo*m* de comer *e* leuaro*m* muytas molheres *e* homee*n*s catiuos antre os quaaes leuaua*m* preso a Loth, sobrinho de Abraham, co*m* quanto tynha que beera em ajuda dos de Sodoma porq*ue* eram se*us* bezinhos. E huu*m* de sua *com*panha de Loth que fogio foy q*ua*nto mais pode a Abraham *e* co*n*tou lhe todo o feyto como aconteçera.

De como pelejou Abraha*m* co*m* os quatro Reys *e* os bençeo *e* lhes tolheu Loth seu sobrinho XXIº

[rI] Quando Abraham ou<...> que seu sobrinho era cativo foy<...>ses *e* se*us* amigos e <...> de sua *com*panha XIV *e* VIIIº hom<...>es dos mais ardidos *e* fortes *e* melhor armados q*ue* hi achou. E foro*m* em sua ajuda os tres jrmãaos[579] que dissemos a cerca q*ue* morauaa*m* a*cerca M*anbre *e* Eseol. E<...> porq*ue* tynha*m* posta sua amizade co*m* elle de se ajuda <...> todo home*m* que lhe a fezesse porq*ue*<...> o rastro daq*ue*lles reys q*ue* leixaua*m* preso a Lotty<...> correra*m* <...>pos elles ata a fonte q*ue* se chama Dam. E desta fonte *e* doutra q*ue* ha nome Jor na <...> o rio <...>chama*m* Jordam. E acabo de çinq*uo* dias por<...> segundo conta Josepho em o deçimo cap*itu*lo alcançaro*m* nos açerca daq*ue*lla fonte<...> <...> q*ue*lles reys como bynham canssad<...> suas *com*panhas co*m* a pressa grande q*ue* trazi<...> as muytas t*e*rras que correra*m* jaziam dormindo<...> desarmados *e* seguros de tal f*act*o *e* ajuda con<...> Josepho que bebados. E Abraham q*ua*ndo foy açerca da hoste partio ssua *com*panha em tres p*ar*<...> q*ue* cuidassem os outros q*ua*ndo os byro<...> que<...>im muytos *e* os douidassem *e* temessem. E ferio em elles de noyte *e* aos que<...> do m<...>tou os em suas camas *e* os q*ue* estaua*m*<...> tos e<...>m desarmados *e* fugiram<...> o q*ue* leuaua*m* segundo elles hyam e Josepho co*m*<...> q*ue* foro*m* empos elles ataa <...> de<...>

<...>raz<...> *n*o Jubileu XXIVº

Estonçe se comp<...> cinquoenta an*n*os q*ue* na<...> th<...>O tirou Abraham <...>dola seue que do*m* elle foro*m* presos *e* ajudados outros. E reçebeo ally Abraham

[579] jrmããõs

grand<...>em aq*ue*lle f*act*o. E acabaron sse outrossy em essa sazom L an*n*os que nosso sen*n*or[580] o liu*ra*ra do fogo dos Caldeus seg*undo* suso d*i*to he. Abraham, por estas cousas sobre d*i*tas e porque elle era muy gra*n*de sabedor de astronomia, ca assy como diz <...> meestre Pedro elle fez meos<...> della a Cam, filho de Noe, de que*m* ja dissemos que ca*m*bara o nome e lhe chamaro*m* Zoroastres, elle uyo por esta arte o destenp*ram*e*n*to do aar que faz segundo as plenetas se alça*m* *e* se abaram q*ue* se torna*m* a cabo de çinq*uo*enta an*n*os em sua temp*er*ança *e* em seu estado dan[rII]tes daquello que uyo que <...> fazia em as estrellas quis elle fazer semelhança dello em as t*e*rras. E ma*n*dou aaquelles q*ue* por elle <...> como se<...> assem <...> non <...> nem aaquelle pos<...> erro aaq*ue*<...> bel que q*ue*r tanto dizer como ma*nd*a*m*ento<...> como ja co<...>tamos de suso <...> E estas razõoes d*i*ta<...> ficasse <...> o liures tod<...> *e* fossem <...> todollos q fossem <...> p*re*sos q<...> que dema*n*<...> *n*as cousas. E q*ue*<...> que foram <...> ssem esse <...>io aos se <...> conta <...> estre Pedro que <...> ssy por estas razõoes <...> eesmos <...> diz como começo ou perdo*m*<...> as cousas <...> disse <...>s <...> ehchisede <...> dessa uilla q<...> ua Solima *e* chamaro*m* na outrossy Sol<...> E<...> aq*ue*lla a q*ue* agora chama*m* Jh*erusal*em, poboo esse <...> sedech. E fezolly un*n*a ca<...> outrossy <...> Abraham <...> apres<...> ally es<...> abra <...> qui sam. E <...> aos out*ros* da hoste seus dõoes[581] E <...>sedech rey desta uilla foy o pri<...> *e* <...> Jh*erusal*em. E porq*ue* em rey<...> se*us* dõoes a Abraham assy como<...> *e* disse assy: beento seja o alto D*eu*s que fez <...> terra e <...> seja D*eu*s que q*uis* que Ab<...>ham<...> imigos. E est <...> era <...> assi como dissemos <...> Abraham de*u* todo o esbulho q*ue* ally gaanhara

[580] señor
[581] dõõẽs

6. Transcrições do testemunho RBME Y-I-6 (B)

6.1. Fólios 2II a 3vI

[2vII] (...) E fue el muy yrado contra ellos por ello y maldixolos grauemente a el y a ella y a la syrpiente asy como lo cuenta la briuja la briuja. A la syrpient*e* por que los engaño y a Eua porque los escuchara y lo consejara al marido y a el porq*ue* lo creyera y lo comera. E echolos de parayso en aquel dia mesmo q*ue* los metio y. E dize en este logar maestre Lucas ob*is*po de Tuy q*ue* fue fecho Adam en la p*ri*mera ora [3rI] del sesto dia, en la ora de terçia pasado al parayso y a la ora de sesta engañado y ala ora de nona echado de parayso. E enbiolos a amos en vno a val de Ebron do fuera fecho Adam a la t*ie*rra donde fuera formado q*ue* labrasen y biujessen y. E q*ua*ndo los echaua del parayso dioles vna*s* pelliças fechas de pellejas de ganados muertos q*ue* fuero*n* bjuos. E dize aq*ui* la Glosa q*ue* Adam nunca avn viera cosa muerta y q*ue* entendiese q*ue* de otras cosas bjuas fuera*n* aq*ue*llas piel*e*s q*ue* el vistie y eran ya muertas y q*ue* apercibrie de sy algo por ello. E esto es q*ue* asy murio el y segunt q*ue* fallamos en escritos de araujgos sabios q*ue* fablaro*n* en las rrazon*e*s de estas cosas dize*n* que en aq*ue*lla echada del parayso q*ue* dio otrosy n*ost*ro señor Dios a Adam y a Eua las las simjentes de los panes y de las legu*m*bres y de las otras cosas q*ue* senbrase*n* en la t*ie*rra y cogiesen donde se mantoujesen. E des q*ue* Adam y Eua vjnjeron a aquel logar de val de Ebro*n* do los Dios enbiaua fallaron y muy buena t*ie*rra. E Adam co*n* sus manos y con fustes arrancaua las yeruas y mouje la t*ie*rra mas a grant*e* lazerio de sy y pero labraua lo mejor q*ue*l podrie y senbraua de aquellas symjentes q*ue* Dios les diera a fiuzja q*ue* le nascerien y cogerie ende fruto donde gozase como labrador q*ue* lazraua por ello. Mas la tierra mas le criaua cardos y espinas y otras yeruas y cosas dañosas que le estoruaua*n* q*ue* no*n* lo q*ue* el senbraua. E avje Adam grant*e* duelo dello y [3rII] era muy triste porq*ue* de su trabajo no*n* le mouje fruto como el tenje q*ue* deuje. E nj*n* el nj*n* Eua no*n* comje*n* avn esto*n*çes en comjenço al syno*n* de las frutas de los arboles y vjandas de leche nj*n* vjstien al otrosy sy no*n* pieles mal fechas nj*n* morauan en otras casas sy no*n* en las cueuas q*ue* se fallaua*n* fechas por la t*ie*rra. Mas allj en val de Ebro*n* moraro*n* en vna gra*n*t cueua y buena q*ue* fallaro*n* y q*ue* segunt dizen los escritos que semejaua q*ue* Dios la fizjera y por ellos. E avn allj dize*n* que fuero*n* ellos soterrados quando murieron. E Adam y Eva beyendose en tanta mesqujndad syqujer

q*ue* non tenje*n* estrumentos njngunos con q*ue* labrase pan y vjno y por las otras cosas com q*ue* avjen a beujr njn Eua con q*ue* fazer lo q*ue* pertenesçie a las mugeres en sus casas fueron en cuydado de meterse a buscar la carrera y tornarse de cabo a aquel parayso terrenal del deleyte donde saliera. E n*ost*ro sen*n*or Dios, porque sabie q*ue* serie esto asmado desta gujsa, por guardar q*ue* sy fuesen q*ue* se no*n* cunpliese, ca sy al parayso entrase*n* de cabo y de la fruta de aquel arbol de saber el bie*n* y el mal comjesen nunca despues podrie*n* morir y esto no*n* q*ue*rie Dios, puso el a la entrada del parayso vn angel con vna espada de fuego q*ue* nunca jamas alla dexase entrar a njnguno nj*n* a ellos nj*n* a otro onbre sy Dios lo no*n* fiziese. E Adan y Eua tiraro*n*se deste acuerdo entendiendo q*ue* serie locura y fincaro*n* en ese logar en val de Ebron y labraro*n* y lazraron y alli biujero*n* segu*n*t q*ue* les acaescio [3vI]. E y fisjero*n* sus generaçiones como diremos agora.

De las generaçiones de Adam

Andados qujnze an*n*os y seys dias de quando el mundo fuera criado Adan y Eua echados de parayso come*n*çaro*n* a fazer sus fijos y vinjero*n* a la rrazon dello desta guisa. Quando ellos salieron del parayso entre el t*iem*po q*ue* posiero*n* en la carrera para venjr a aquel logar y el q*ue* moraro*n* allj des q*ue* y llegaron cunpliero*n* estos qujnze an*n*os porq*ue* les fue muy luenga la carrera por do oujero*n* de benjr del comjenço de la t*ie*rra a parte de oriente fasta medio d*e*lla. Ca Ih*erusal*em y Ebron q*ue* es çerca della en medio de la tierra yazen lo al por muchos logares muy asperos muy traujesos y muy malos por peñas y mo*n*tes y aguas y espantos de bestias fieras y syrpientes q*ue* fallaua*n* ya a logares, demas q*ue* no*n* avje y avn carrera fecha njngu*n*a ca nunca andudiera onbre por y lo al q*ue* des q*ue* açertaro*n* a venjr a Ebro*n* y fuero*n* y los primeros años tanto vieron q*ue* ver en pensar en los bjenes q*ue* perdiera y la lazeria y la mezqujndad en q*ue* eran q*ue* se no*n* me*m*braro*n* de solas de varo*n* y de muger. Demas q*ue* era*n* avn vjrgenes y tales salieron del parayso segunt dize*n* Methodio y Lucas ob*is*po de Tuy. Pero en cabo fincando ya en vn logar y aluergando vno çerca otro maguer q*ue* biuje*n* en lazeria conosçio Adan a Eva como marido a muger. E Eua fue preñada y pario vn fijo y pusiero*n*le no*m*bre Cayn y Cayn asy como dize Rramjro en los Esponjmjentos de la Briuja tanto q*ui*ere dezjr en el n*ost*ro lenguaje de Castilla [3rII] como heredamjento. Onde dixo Eua luego q*ue* le vio asi

como cuenta el q*ua*rto capitulo del Genesis: herede onbre, conujene a saber q*ue* por Dios. E nasçio a Adan y Eua con Cayn de vn parto vna fija y llamaro*n* la por no*m*bre Calmana. E asi como dize*n* los Esponjmjentos de la Briuja, Calmana ta*n*to q*ui*ere dezir en el n*ost*ro lenguaje castellano como conpaña. E Adam y Eua en su bida aspera q*ue* abjen y en su seueredad en q*ue* eran plogoles co*n* estos dos fijos y conortaronse co*n* ellos y criaron los lo mejor q*ue* podieron pero que se fazjen mucho a Eua dos fijos a ora a sus tetas. E como q*ui*er que dize*n* algunas de las ystorias q*ue* Adam y Eua q*ue* otros fijos fizjero*n* entre estos años no*n* lo dize Moysen nj*n* nos no*n* lo fallamos de guisa q*ue* los no*m*bres de aq*ue*llos otros fijos podiesemos aver njn saber

De Abel y de su hermana q*ue* nasçio con el

6.2. Fólios 76vI a 78rII

[76vI] En aquel t*iem*po avjen todos los ombr*e*s ya gra*n*t sabor los vnos de aber rreyes y los otros de aber y fazien rey en cada çibdad y en cada vjlla. E reynauan ya en esa sazo*n* por muchas t*ie*rras reyes de q*ue* no*n* diremos nos avn agora aqui fueras ende destos nueue. Cadolaomor en t*ie*rra de Elam, q*ue* fue fijo de Sem de q*ui*en dixjemos en las pueblas de las generaçiones de los ljnajes de los fijos de Noe, q*ue* vjnjera*n* los Elamjtas q*ue* poblara*n* aq*ue*lla tierra. Anrraphel en Senaar y es aq*ui* Senaar segu*n*t dize maestre Pedro y otros por Baujlonja por el su reynado de aq*ue*l rrey q*ue* era en t*ie*rra de Asiria. Arioth en la Ysla de Ponto. Thadal en las Yslas de las Gentes. Y a estos q*ua*tro reyes de Asiria no*m*bra Moyse*n* [76vII] por estos nonbres en el XIII cap*itu*lo del Genesis y Josefo los llama en el XIIº capitulo del primero libro desta otra guisa: Rabsido, Ariotorcho, Dellamaroch, Thadallo. Y reynaua*n* estos otros cinco reyes en t*ie*rra de Penthapol. Bara en Sodoma, Barsa en Gomorra, Senaad en Adama, Senbor en Soboy. La cibdad de Seger era pequeña mas por eso su rrey avje. Josefo dize en el XI capitulo q*ue* Seger en abrayco tanto q*ui*ere dezjr como poqujllo. E estos rreyes de estas cibdades ovjero*n* estos no*m*bres segu*n*t Moysen y segunt Josefo estos otros: Bellas, Baleas, Vjnabares, Bjniobor*us* y al rey de Seger llama Moysen el rey de Bala y Josefo el rrey de los balljnos. E a este q*ui*nto rrey de aq*ue*llas çibdades nj*n* otro no*n* fallamos avn q*ue* njnguno otro nonbre propio le diga*n* syno*n* el rey de aquella villa o de los de aq*ue*lla villa. E muchos de aq*ue*llos rreyes menudos q*ue* avje ya por las t*ie*rras syruje*n* a los otros reyes mas poderosos. E XII años ante de la sallida de Abraham de Egipto aq*ue*l Cadalaomor, rey de los elamjtas, tomo estos reyes q*ue* diximos de Asiria co*n* sus huestes muy gra*n*des y asy como dize Josefo en el diezuno capitulo del p*ri*mero libro astragaro*n* toda Asia y lleuaron dende rrobado lo q*ue* quisiero*n* y destruyero*n* en linaje de los gigantes y viniero*n* sobre aq*ue*llos çinco reyes [77rI] de Sodoma y estas otras çibdad*e*s, conq*ui*rieronlas y tomaro*n* los pechos y estos estudiero*n* so su sen*n*orio dozy años y pecharo*n*les en sana paz su postura y al trezeno año alçaronse contra ellos y no*n* les q*ui*siero*n* dar nada. Agora diremos como fizo Cadolaomor

De como el rrey Cadolaomor desbarato a los rreyes de Penapol y lleuaua*n* p*re*so a Loth

[a]l quatorzeno año ayu*n*to el rrey Cadolaomor todo su poder y obo consigo estos tres reyes de Asiria. A Anrrapel, rey de Senaar, y Arioth, rey de Po*n*to, y a Thadal, rrey de las Gentes, y obedesçien todos estos al prinçipe de Asiria q*ue* era monarco del reyno de los asirianos y monarco q*ui*ere dezjr vno solo prinçipe mayor de todo el señorio. E este Cadolaomor co*n* aq*ue*llos tres reyes fizieronse quatro con el y fuero*n* sobr*e* aq*ue*llos otros çinco rreyes. E ye*n*do cadolaomor y aq*ue*llos rreyes co*n* el apoderados de aq*ue*lla guisa co*n* grandes sendas huestes ent*ra*ro*n* y q*ue*brantaro*n* allj en su fronteras muchas villas señaladamente estas: Raphayn, q*ue* era en vna t*ie*rra q*ue* dize*n* Astaroni*us*, Carnay, y mataro*n* muchos de los pueblos de Zuzi y catiuaro*n* los otros. E otrosy fizjero*n* a los de Cariarin q*ue* es en t*ie*rra de Sabe y otrosy a los correos q*ue* son en las tierras de Seyr y a toda esa tierra fasta el llano de Fara*n* q*ue* yase en cabo del desierto y tornaro*n*se de allj y vinjeron a la fuente de Efac a q*ue* [77rII] despues dixiero*n* Edes y destruyero*n* toda la t*ie*rra de Amaleq*ue* y al pueblo de los amorreos q*ue* morau*an* en Asasenthamas. E yuan ya vinjendo contra Sodoma y en todos esto estos çinco rreyes de Sodoma y de esas otras çibdades sopiero*n* esto y asonaronse y guisaro*n*se q*ua*nto mas podieron y salieron a ellos y llegaro*n* a ellos de la vna parte y las de la otra. E ayu*n*taro*n*se en vn logar q*ue* avje estos no*m*bres: el val siluestre, y siluestre q*ui*ere dezir tanto como saluaje, fascas de salua o montesano cerca vnos montes q*ue* avje estonçes en aq*ue*l logar del bitume*n* co*n* q*ue* fazie*n* la torre de Baujlonja. E era aq*ue*l bitume*n* engrudo como barro muy bueno para las lauores de paredes y de otras cosas y sacaua*n*lo de esos pozos como saca*n* la greda. E agora es fecho aq*ue*l logar lago y desto contaremos la su rrazon todo el fecho adelante en la ystoria del destruymjento de aq*ue*llas çinco vjllas de Sodoma. E pararo*n* allj todas suas azes los vnos poderes contra los otros y lidiaro*n* los q*ua*tro co*n* los çinco y fuero*n* vencidos los çinco y murieron allj muchas gentes y los q*ue* no*n* fuero*n* allj muertos y catiuos fuyero*n* a los mo*n*tes. E Cadolaomor co*n* aq*ue*lla ge*n*te q*ue* traye destruyero*n* y robaro*n* toda aq*ue*lla tierra y lleuaro*n* q*ua*nto y abje a Lothy q*ue* vinjera en ayuda de los de Sodoma porq*ue* era*n* sus vezinos. E vno de su conpaña de Loth q*ue* fuxiera fue a Abraha*n* q*ua*nto [77vI] mas pudo y contole todo el fecho como contesçiera.

De como lidio Abraham co*n* los quatro rees y los vençio y les tollio a su sobrino Loth

[a] braham q*ua*ndo oyo q*ue* su sobrino era catiuo fue muy t*ri*ste y pesole mucho asy como dize Josefo. Otrosy le pesaua mucho por el mal q*ue* rresçibiera*n* los de Sodoma q*ue* eran sus vezinos y sus amjgos. E escogio de su conpaña trezjentos y diez y ocho onbres de los mas ardidos y arrezjados y mejor armados q*ue* y fallo y fuero*n* en su ayuda los tres hermanos q*ue* dixjmos q*ue* morauau*n* çerca Manbre y Estol y Aner porq*ue* avje*n* puesta su amjstad co*n* el de ayudarse contra todo onbre q*ue* les fiziese por q*ue*. E fuero*n* en el rrastro de aq*ue*llos rreyes q*ue* lleuaua*n* preso a Loth y corriero*n* enpos ellos fasta la fuente y de otra q*ue* ha nonbre Roz nasce el rrio q*ue* llama*n* Jordan. E acabo de çinco dias en la noche, segu*n*t cuenta Josefo en *e*l dezeno capitulo, alcançaron los cerca de aq*ue*lla fuente Dan. E aquellos reyes coo vinje*n* cansados ellos y sus conpañas co*n* la priesa grande q*ue* traye*n* de las muchas t*ie*rras q*ue* avjen corridas yazien dormje*n*do y desarmados y seguros de tal fecho y avn cuenta Josefo q*ue* beudos. E Abraham q*ua*ndo fue cerca de la hueste partio su conpaña en tr*e*s partes por q*ue* touiesen los otros quando los viesen q*ue* era*n* muchos y los temjesen mucho y los dubdasen. E firio en ellos de noche y a los q*ue* fallo dormjendo matolos [77vII] en sus camas y los q*ue* eran despiertos estaua*n* desarmados y fuyeron. E Abraham y los de su parte corriero*n* enpos ellos y duro el alcançe fasta dos logares q*ue* dizje*n* Cha y Fenjs q*ue* son a sinjestro de Damasco segu*n*t ellos yuan. E Josefo cue*n*ta q*ue* fasta t*ie*rra de Damasco y tollieron les todo aq*ue*llo q*ue* lleuaua*n* onbr*e*s y mugeres y todo lo al

De la rrazon del año jubileo

[e]stonçes se cunplien çinque*n*ta años q*ue* nasçiera Loth y ese año mismo saço Abraham de prision a el y a todos los otros q*ue* con el fueran presos y resçibio allj Abraham grant*e* ho*n*rra en aq*ue*l fecho. E acabaro*n*se otrosy en esa sazon çinque*n*ta años q*ue* n*uest*ro señor le sacara a el del fecho de los caldeos asi como es dicho de suso. E Abraham por estas razones sobre dichas y porque era el sabidor de astromonja, ca asi como dize maestre Pedro el fizo m*aestre* della a Cam, filo de Noe, d*e*l q*ue* abemos dicho q*ue* se camjeara el nonbre y llamauanle Zuroastr*e*s, vjo por este ante q*ue* el deste*m*plamj*ento* del caer q*ue* faze segu*n*t q*ue* las planetas se alçan y se abaxa*n* que se torna*n* a cabo de çinq*ue*nta años en su atenplamjento y en su estado de antes de aq*ue*llo que vjo q*ue* se fazje en las estrellas q*ui*so el fazer semejança dello en las t*ie*rras. E ma*n*do por ende a

aq*ue*llos q*ue* por el y por su seso del se gujasen q*ue* de allj adelant*e* cada que se cunpliesen çinquenta años q*ue* llamase al postrimero año [78rI] Jubileo de Jobel, q*ue* q*ui*ere dezir tanto como cinquenteno, asy como contamos suso. E puso q*ue* otrosy por estas rrazones dichas fincasen en aq*ue*l caso libres todos los q*ue* sieruos eran y fuese*n* sueltos otrosy todos los q*ue* alguna cosa deuje*n* y que las heredades q*ue* fuera*n* primero. E cuenta maestre Pedro q*ue* otrosy por estas razones mjsmas Jubileo tanto q*ui*ere dezjr como comjenço o perdon o alegria q*ue* vjene destas cosas q*ue* diximos. E esto deste año Jubileo duro syenpre entre los judios mjentra ellos ovjero*n* poder y mandaro*n* t*ie*rra. E dize Josepho en el dezeno capitulo del primero libro q*ue* en el fecho desta lid mostro Abraham q*ue* las fazjendas non se vençen por muchedunbre de gent*e*s syno*n* por esfuerço de coraçones y por fortaleza de lidiadores y por seso y sobre todo por Dios q*ue* se te*n*ga el onbre co*n* El. Ca tamaña hueste como aq*ue*lla de aq*ue*llos quatro reyes vençio el co*n* la ayuda y co*n*[m]erçed de Dios y co*n* trezjentos y diez y ocho onbres de armas y co*n* aq*ue*llos tres amjgos Manbre y Estol y Aner y no*n* con mas

Del primero sacrifiçio de pan y de vjno y del p*ri*mero diezmo

[q]uando se torno Abraham de aq*ue*l vençimjento q*ue* fiziera salio a el el rrey Bara de Sodoma avn logar q*ue* dizen val de rey y es en la carrera q*ue* va a la çibdat de Solima. E Melchisedech, rey de esa [78rII] vjlla a q*ue* esto*n*çes dizje*n* Solima y llamaro*n*la otrosy Salem, y es aquella a la q*ue* agora dizen Jh*erusal*em, e poblarala este Melchisedech y fizo y vna casa para fazer oraçion, saljo ot*ro*sy a rressrbjr a Abraham y persengro allj este rey Melchisedech a Abraham pan y vjno para el y para su hueste q*ua*nto q*ui*sieron y dio a los otros de la hueste sus dones. E este Melchisedech, rey de esa villa, fue el primero rey y ob*is*po de Dios en Ih*erusal*em y por q*ue* era rrey dio sus dones a Abraham asy como oyst*e*s y por q*ue* era ob*is*po bendixole y dixo asy: Bendicho sea el Dios alto que fizo los çielos y la tierra y bendito sea Dios q*ue* quiso q*ue* Abraham vençiese sus enemjgos. E estonçes porq*ue* era Melchisedech ob*is*po como dixjemos diole Abraham los diezmos de toda la t*ie*rra y la gañaçia que allj fiziera. E asi como dize maestre Pedro y otros esa ora se come*n*ço a dar primero los diezmos a Dios quando los dio aq*ue*lla ora Melchisedech a Abraham. Ca antes desto desde el t*iem*po de Abel, fijo de Adam, fasta en esta sazon q*ue* dixjmos no*n* daua*n* syno*n* las primiçias ta*n* solamente onde las primjçias començo Abel y

los diezmos Abraham y la primera casa de oraçion este ob*is*po Melchisedech y el primero sacrifiçio de pan y de vjno asy como cuenta maestre Pedro en el capitulo de la victoria de Abraham. E este presente del ob*is*po Melchisedech sobre la razon destos rrazona maestre P[edro]

6.3. Fólios 126rI a 128rI

[126rI] (...) E allj fuero*n* primeramente los saberes de las escuelas de Greçia donde vjno a los latinos despues el saber asy como vjene el arroyo de la fuente a los q*ue* le ha*n* menester. E avje estonçes otrosy sobr*e* esto vna costu*m*bre en Athenas q*ue* maguer q*ue* cada vn maestro leye en su escuela todos se ayuntaua*n* vn dia en la selmana con sus escolares en aquel [126rII] grant*e* palaçio q*ue* era comunal que estaua en medio de la billa y de los otros palaçios de los maestros y de aq*ue*llos en q*ue* leyen y asentaua*n*se en aq*ue*llos grados q*ue* vos diximos cada vno como era honrrado segu*n*t su saber. Ca no*n* por poder nj*n* por rriq*ue*za nj*n* por ljnaje q*ue* oviesen grande y alli leya*n* todos los maestros de su arte vna liçion q*ue* oyen todos los otros. E despues cuydauan en muchas maneras y disputaua*n* y razonaua*n* sobre ellas por ente*n*der mejor aq*ue*llas cada vno de que dubdaua*n* q*ue*rian ende ser çiertos. E llamaua*n* liberales a aquellas syete artes y no*n* a los otros saber*e*s segunt*e* departe Rramiro sobre el Dona*to* y otros con el por estas dos razones, y lo otro porq*ue* no*n* les avia a oyr syno*n* onbre libre q*ue* no*n* fuese sieruo nj*n* onbre q*ue* biujese por mene*s*ter, la otra por q*ue* aq*ue*llos q*ue* los oye*n* avjan a ser libres de todo cuydado y de toda premja q*ue* les fiziese*n* ca todo esto ha menester q*ui*en aprende para bie*n* aprender. Pues que avemos contado la puebla y la nobleza de aq*ue*lla çibdad q*ue*remos agora dezjr del rrey Jupiter y dep*ar*tiremos de los saberes q*ue* leyen en esta çibdad y avremos mejor entrada a la rrazon porq*ue* aq*ue*lla çibdad ovo no*m*bre Athenas.

Del rey Jupiter y de los departimjentos de los saberes del triujo y del quadriujo

[e]n esta çibdad de Athenas nasçio el rey Jupiter como es ya dicho ante desto y alli estudio y aprendio tanto que sopo [126vI] todo el triujo y todo el quadriujo q*ue* son todas las syete artes a q*ue* llama*n* liberales por las rrazones q*ue* vos contaremos adelante, y van hordenadas entre sy por sus naturas desta guisa. La primera la gramatica, la segunda dialetica, la terçera retorica, la quarta arismetica, la q*ui*nta musica, la sesta geometria, la setena astrologia. E las tres primeras destas syet*e* artes son el triujo, q*ue* q*ui*ere dezjr ta*n*to como quatro carreras q*ue* enseña*n*n a conosçer conplidamente saber yr a vna cosa çierta y esta es las q*ua*ntias de las cosas asy como

mostraremos adelante. La gramatica, q*ue* dixjmos q*ue* era primera, enseña fazer las letras y ayu*n*ta dellas las q palabras y fazer dellas rrazon y por eso la dixiero*n* gramatica, q*ue* qujere dezjr tanto como saber de letras ca esta es el arte q*ue* enseña acabar rrazo*n* por letras y por sylabas y por las palabras ayuntadas ca se conpone la razon. La dialetica es arte para saber conosçer sy ha berdad o mentira en la rrazon q*ue* la gramatica conpuso y saber departir la vna de la otra mas porq*ue* esto no*n* se puede fazer menos de dos el vno q*ue* demanda y el otro q*ue* responda posiero*n* le nonbre dialetica q*ue* muest*ra* tanto como rrazonamjento de dos por fallarse la berdat co*m*plidamente [126vII]. La rretorica otrosy es arte para afermosear la rrazon y mostrar la en tal manera q*ue* faga tener por berdadera y por çierta a los q*ue* la oyere*n* de guisa que sea creyda e por ende ovo no*m*bre retorica q*ue* q*ui*ere mostrar tanto como rrazonamjento fecho por palabras apuestas y fermosas y bie*n* hordenadas. Onde estas tres artes que dixjmos a q*ue* llama*n* triujo muestran al onbre dezjr rrazon conbenjente, verdadera y apuesta q*ua*lq*ui*er q*ue* sea la rrazon. E faze*n* al onbre estos tres saberes bjen rrazonado y vjene el onbre por ellas mejor a entender las otras quatro carreras a q*ue* llama*n* el quadriujo. E las quatro son todas de entendimjentos y de demostramje*n*to fecho por prueba. Onde deuen yr primeras en la horden, mas porq*ue* se no*n* podrian entender sy*n* estas tres primeras q*ue* avemos dichas posiero*n* los sabios estas tres primero q*ue* aq*ue*llas quatro. Ca maguer q*ue* todas estas quatro artes del quadriujio fablan de las cosas por las q*ua*ntias dellas asy como diremos y las tres del triujo son de las bozes y de los no*m*bres de las cosas y las cosas fueron antes q*ue* las bozes y q*ue* los nonbres dellos naturalmente pero por q*ue* las cosas no*n* se pueden enseñar njn aprender departidamente synon por las bozes y por los no*m*bres q*ue* ha*n* maguer q*ue* segunte la natura estas quatro deuja*n* yr p*ri*mero y aq*ue*llas tres postrimeras como [127rI] mostraro*n* los sabios por la rrazo*n* dicha posiero*n* las tres del triujo y potrimeras las q*ua*tro del q*ua*driujo ca por las tres del triujo se dizen los nonbres a las cosas y estas faze*n* al onbre bjen rrazonado y por las quatro del quadriujo se muestra*n* las naturas de las cosas. E estos quatro faze*n* sabio al onbre pues aprended por aquj q*ue* el triujo faze rrazonado al onbre y el quadriujo sabio.

De las co*n*uenie*n*çias y de los departimje*n*tos de los saberes de quadriujio ent*re*sy

[m]as para aprender mejor la q*ua*ntia de las cosas y mesurarla mas conplidame*n*te avemos a saber q*ue* la quantia se parte p*ri*meramente en dos p*ar*tes, y quantia q*ui*ere dezjr quamaña es la cosa, la vna es qua*n*tia por menudezas, la otra es vnada y entera. La quantia departida partese otrosy de cabo en ot*ra*s dos partes la vna es q*ua*ntia asmada y departida por sy syn todo moujmjento fascas q*ue* se no*n* ayu*n*ta alguna manera. E desta qua*n*tia es la primera de las quatro artes del quadriujo y es aq*ue*lla a q*ue* llama*n* arismetica q*ue* es art*e* y carrera q*ue* muestra conplidame*n*te la q*ua*ntia de la cuenta q*ue* es tal como esta: vno, dos, tres, quatro, çinco, seys, y dende adelante. Ca las partes de la cuenta de tales quantias son q*ue* cada part*e* dellas puede onbre asy dezjr syn las otras onde puede onbre bie*n* dezjr seys en su cabo y vno en el suyo y tres [127rII] en el suyo y asy todos los otros. E esta arte a q*ue* dezjmos arismetica enseña a dezjr añ*an*dir y menguar y toller y acresçer y doblar y las otras maneras q*ue* ay desta cuenta q*ue* son syete entre todas. E en esta cuenta se deue entender desta guisa q*ue* es la qua*n*tia departida y asmada syn todo moujmjento y q*ue* se no*n* ayu*n*ta a njnguna manera nj*n* a otra quantia como dixemos para co*m*plir a ella lo q*ue* ella ha de fazer ca ella se es acabada ensy. E a lo q*ue* nos dezjmos cuenta en n*os*tro lenguaje de Castilla llama*n*le los griegos aris y a lo q*ue* nos dezjmos carrera dizen ellos motes. E destas palabras griegas aris y motes departe Hugujciojo q*ue* es compuesto este nonbre arismetica q*ue* por esta razon q*ui*ere dezjr tanto como carrera q*ue* muestra saber conplidame*n*te la cuenta q*ue* dixjmos y todas las maneras della la segunda es q*ua*ntia departida otrosy mas de gujsa q*ue* se torna a otra q*ua*ntia y se ayunta co*n* ella. E segund esto avemos la musica q*ue* es la segunda parte del quadriujo, ca esta arte q*ue* enseña todas las maneras del cantar ta*n* bie*n* de los ynstrume*n*tos como de las bozes y del q*ua*lq*ui*er manera q*ue* sea de son y muestra la q*ua*ntia de los pu*n*tos en q*ue* el vn son ha menester al ot*ro* y tornase a la q*ua*ntia conplida p*or*a fazer cantos del por bozes accorazadas lo q*ue* el vn canto no*n* podrie fazer por sy asy como en diatesoro*n* [127vI] y diapente y diapason y todas las otras naturas q*ue* en el canto ay. E maguer q*ue* dixjmos ant*e* desto q*ue* Jubal, fijo de Lamec, el de Caym y de Adda su muger, asacara primeramente los estrumentos del cantar y el arte de la musica que los griegos la fallaro*n* despues mas conplidamente. E segu*n*t q*ue* lo leemos en su libro q*ue* fabla de la ystoria como contesçio asy como contaremos aq*ui*. [e]n esta çibdad de Athenas nasçio el rey Jupiter como es ya dicho ante desto y allj estudio y aprendio y tanto q*ue* sopo muy bien todo el triujo y todo el

quadriujo q*ue* son las siet*e* artes a q*ue* llama*n* liberales por las razones q*ue* vos contaremos adelante.

De como fallaro*n* los griegos la natura dela musica

[l]os de Greçia començaron primero q*ue* otros onbr*e*s a vsar andar mucho sobr*e* mar y algunos dellos trabajaro*n*se de entrar a dentro q*ua*nto podie*n* por ver sy le podria*n* fallar cabo dela p*ar*te de allende. E andudiero*n* ta*n*to q*ue* vinjero*n* avn logar donde oy*n*ron sones y bozes que les semejo q*ue* njnguna cosa no*n* podria ser mas sabrosa nj*n* mas dulçe q*ue* aq*ue*l son començaro*n* a fablar dello otrosy y dixeron sy fue nu*n*ca q*ui*en son tan dulçe oyese en logar del mu*n*do. E estando ellos catando en esto vieron vn peñedon alueñe dellos y asinaron q*ue* serian serenas q*ue* cantaua*n* en aq*ue*lla peña y fazie*n* [127vII] aquel son tan sabroso y cogieron y fueronse para alla quanto mas podiero*n* y llegaro*n*se a la peña. E ellos estando asy como desayentados co*n* muy grant*e* sabor del canto q*ue* oyen sabio adesora vn ta*n* grant*e* sollo del vjento çierço q*ue* todos los metio so el agua y los mato allj en la mar syno*n* muy pocos q*ue* fincaro*n* a vida y se acogiero*n* a las pieças de los navios q*ue* q*ue*brantara aquel vjento. Y salieron en *e*llos a terreño y contaron todo lo que les contesçiera a los griegos. Estonçes ayuntaronse muchos de Greçia y fiziero*n* vn engenjo de maderos muy sotil y muy fuerte en q*ue* podiesen entrar muchos dellos bien a aq*ue*lla peña y cogieronse por el logar por do fueron los primeros y andudieron fasta q*ue* vinjeron aq*ue*l peñedo y llegaro*n* se a el e*n* aq*ue*l estrumento en q*ue* vinja*n* que fizjera*n* para ello. E estando allj pararo*n* mjentes a la piedra y vjero*n* como era toda cauada de dentro y avia en ella syete fora dos abiertos fechos a grados, los vnos anchos y los otros mas angostosos y los vnos altos y los otros baxos y era*n* fechos degrado en grado y vjero*n* otro sy como entrauan los vjentos en el agua del mar y salie por aq*ue*llos forados y fazje*n* aq*ue*llos sones tan dulçes, y allj aprendiero*n* ellos el arte de la musica y allj fallaron las syete mudaçiones della conplidame*n*te y porq*ue* la apre*n*diero*n* por vjento [128rI] y por agua posiero*n* le este nonbre moys, ca esta palabra moys tanto q*ui*ere dezjr en griego como agua en *e*l n*ost*ro lenguaje de Castilla, e xicos en el suyo tanto como vjento en el n*uest*ro onde este no*m*bre musica, q*ue* es conpuesto destas dos palabras griegas moys y exicos tanto q*ui*ere mostrar como art*e* de son fallada por agua y por vjento. E es musica el arte q*ue* enseña todas las maneras de los sones y la

q*ua*ntia de los puntos asy como dixjmos. E esta arte es carrera para aprender y acordar las bozes y fazer sonar los estrumentos pues q*ue* avemos dicho de la arismetica y de la musica, q*ue* son las artes de las cuentas como estas q*ue* nonbramos fasta aq*ui* y van adela*n*te en el quadriujo porq*ue* enseña mesurar y conosçer las q*ua*ntias dep*ar*tidas ca en los saberes ante deue*n* venjr el sinple q*ue* el doble y vno q*ue* dos q*ue*remos agora dezjr de la geometria y de la astrologia q*ue* son artes q*ue* enseñan la quantia vnada asy como mostraremos

De la geometria y de la astrologia y de los sus departimjentos

6.4. Fólios 192rI a 192bisvII

[192rI] (...) E tomaro*n* los descubiertamente y ma*n*do por todos sus pueblos q*ue* q*ua*ntos njños nasçiese*n* de los ebreos q*ue* los tomasen todos q*ue* no*n* fincase njnguno y q*ue* los echasen en el Njlo y que y muriesen y a las njñas q*ue* las no*n* fizjese*n* njngunt*e* mal por las rrazones que avemos dichas. E des q*ue* esto començo y les fue q*ue*brantando y abaxando y se descubrio a ello nj*n* sopo premja nj*n* crueleza a q*ue* les no*n* metiese para amenguarlos mas y desfazerlos. E asy lo ma*n*daua fazer a sus egipçianos q*ue* posiera por alcaldes y por adelantados sobre ellos por toda Jerse do ellos morauau*n* apartadamente. E cuenta Josefo en este logar q*ue* los fizo farao*n* esto otrosy por consejo del sabio q*ue* le dixera de aq*ue*l njño que avja a nasçer en el pueblo de los ebreos en aq*ue*lla sazon q*ue* q*ue*bra*n*tarie a Egipto. E avn dize*n* algu*n*os q*ue* otro sy por consejo de aquel sabio mando a las parteras q*ue* matasen los njños segu*n*t dixjmos y fuero*n* muchos los njños de los ebreos q*ue* [192rII] los egipçianos afogaro*n* en el agua en aq*ue*l t*iem*po en el rrio del Njlo por ma*n*dado del rrey segu*n*t cuenta maestre Pedro. E dize Josefo q*ue* se dolie*n* los ebreos mucho por este fecho y que se tenja*n* por muy q*ue*brantados mas q*ue* por todas las otras lazerias q*ue* avja*n* lleuadas y lleuaua*n* avn. Ca les fazja el rrey todo mal descubiertamente y lo entendian ellos y lo beya*n* ya q*ua*ndo los fijos les matau*a*n asy. E no*n* lo fazjan sy los ebreos de dolerse ende y tenerse por q*ue*brantados de todo en todo ta*n*to por q*ue* ellos no*n* avrie*n* fijos nj*n* por q*ue* los no*n* fazian nj*n* avn por q*ue* los beyen asy morir mas por q*ue* se desfaria el su linaje y se tornaria a nada y q*ue* no*n* fincaria dellos q*ui*en fezjese serujçio a Dios. E y entendia*n* ya los ebreos magnjfiestamente como farao*n* de comjenço destos fechos los avjan traydos y co*n* grant engaño y con falsa arteria y tenjanse por muy enartados por que de comjenço no*n* lo entendiero*n* como estonçes ca otro consejo cuydara*n* y dar. Agora dexamos aquj la ystoria de Moysen y de la Briuja y tornaremos a contar vn yerro q*ue* fallamos contado de los onbr*e*s buenos y sabios y santos q*ue* cue*n*ta*n* en sus ystorias y aq*ue*l yerro llama*n* locura en q*ue* aquel t*iem*po los egipçianos por aq*ue*l fecho q*ue* fazjan a los ebreos y a sus njños.

Del buey Apis de Egipto

[c]uenta el ob*is*po Lucas y maest*re* Pedro q*ue* por este pecado que fazjan los de Egipto en los njños de los ebreos q*ue* echo Dios aq*ue*lla ora a ellos otrosy en este yerro [192vI] y en esta locura q*ue* adorasen a Apis por Dios. E segu*n*t esto semeja que fuero*n* en Egipto dos Apis el vno rey de t*ie*rra de Acaya de Greçia, del q*ue* dixjmos ante desto como pasara de esa t*ie*rra de Greçia a Egipto y rreynara y en vna t*ie*rra q*ue* se ganara el. El ot*ro* q*ue* fue este otro Apis a q*ui*en los de Egipto adoraua*n* por Dios y deste apis fabla*n* muchos sabios en sus ystorias por rrazon de aq*ue*l yerro syn buena razon y syn derecho de los de Egipto a los ebreos. E era este Apis vn toro y deste toro vos diremos luego lo q*ue* dize Plinjo por el en *e*l octauo libro de la Natural Ystoria en el capitulo XLVI y con lo del Plinjo co*n*tar vos hemos otro sy lo que dize*n* dende los otros sabios. Cuenta luego Plinjo y dize del asy q*ue* llamaua*n* los egipçianos el buey Apis y adorauanle por Dios. E cuenta su fechura y sus fechos y como fazjan co*n* el los de esa t*ie*rra y dize que avja este toro en el diestro costado vna señal muy noble y era vna mancha blanca fecha a manera de los cuernos de la luna quando sale nueva y los cuernos otros tales. E dize q*ue* avja vn nu*n*do en la garganta de la lengua contra yuso a q*ue* llamaua*n* los egipçianos cantaro y a este buey segu*n*t dize Pljnjo otrosy no*n* le avjan los egipçianos a dexar ber syno*n* a onbres ce tos y de sy dizen q*ue* le matauan. E quando le q*ue*rian matar q*ue* le lleuaua*n* y q*ue* le bañ*a*nua*n* antes en vna fuent*e* a q*ue* llamaua*n* la fuent*e* de los ob*is*pos. E somurgujaua*n*le allj y allj lo afogaua*n* y desta man*er*a [192vII] era la muerte q*ue* le daua*n* y desq*ue* lo avjan muerto trasqujlaua*n*se ellos y rrayense las cabeças y yuan llorando buscar otro por toda la t*ie*rra por los yermos y por la rribera del Njlo fasta q*ue* lo fallasen en logar de aquel y syenpre llorau*an* fasta q*ue* lo avjan fallado. En pero dize q*ue* nu*n*ca le fallaua*n* o tarde.

De como fazjen los egipçianos del nuebo; Apis

[c]uenta maestre Pedro y el ob*is*po Lucas y otros que acuerda*n* con estos q*ue* asy ordeno el Dios berdadero q*ue* del Njlo salia aq*ue*lla vanjdad por rrazon que de allj les nasçia este yerro de ellos fizjera*n* la locura y el tuerto en los njnos de Isr*ae*l. E dize Plinjo otrosy q*ue* des q*ue* le fallaua*n* q*ue* le tomaua*n* otrosy q*ue* des q*ue* le fallaua*n* q*ue* le tomaua*n* otrosy los sus saçerdotes q*ue* yua*n* y ca esta locura a todos alcançaua a cl*er*igos y a otros y ta*n* manso le avjen syenpre q*ue* se les dexaua tomar y aduzjenle mucho honrradamente al

rreyno q*ue* oystes q*ue* dezjan en Egipto, Mezrayn. E dize q*ue* avja y este buey dos te*m*plos tan nobles y tan fermosos q*ue* los llamaua*n* talamos y en el vno diz q*ue* daua el las respuestas de los biene*s* a los pueblos y en el otro las de los males q*ue* les abjan de benjr. Pero estas rrespuestas ta*n* bie*n* de los bienes como de los males diz que las no*n* dezja syno*n* a los priuados q*ue* le guardauan y gelo dema*n*dauan q*ua*ndo le dauan a comer ca este buey comja. Sobre esto dize la ystoria este enxenplo q*ue* oyredes agora aquj y aq*ue*llas q*ue* era*n* dadas que le guardassen y le daua*n* a comer dema*n*daronle despues a t*iem*po esto por q*ue* Germanjco Cesar por sus co*m*pan*i*as [192brI] y sus poderes q*ue* bernje*n* sobr*e* Egipto y profetoles mal del y murio a poco tienpo ese Çesar. Y agora dezjr vos hemos avn deste toro otras cosas avn.

De las costunbres deste toro

[o]trosy dize Plinjo q*ue* venja y vn t*iem*po q*ue* amaua vaca este toro y q*ue* lo sabia*n* esos egipçianos y yuan y buscaua*n*la como yua*n* buscar a el y fallaua*n*la ot*ro*sy muy fermosa por sy como lo era aq*ue*l toro y q*ue* la afeytaua*n* ellos sobre eso y paraua*n*la la mas fermosa q*ue* podria ser y aduzjanla y mostraua*n*gela. E dize q*ue* quando yua el a a*que*lla vaca q*ue*ria yr muy en poridad. Y los egipçianos sabia*n*le otrosy esta costunbre y no*n* dexaua*n* que fuese njnguno con el sy no*n* vna co*m*paña de njños q*ue* tenja*n* bezados los saçerdotes y estos njños le yuan aguardando y cantando enpos el vn cantar q*ue* fizjera*n* de alabança y de honrra de sus ob*is*pos. E dize q*ue* semejaua q*ue* los entendia el y q*ue* se pagaua co*n* el canto y q*ue* le plazja quando le adoraua*n*. E estos moços q*ue* le yua*n* canta*n*do de tras de çerca q*ue* rresçibien adesora el esp*irit*u de profeçia para loar y dezja*n* ellos las cosas q*ue* avje*n* a benjr. E dize q*ue* esa vaca no*n* gela daua*n* mas de vna vez en el año y q*ue* avja*n* por costunbre q*ue* el dia mjsmo que la fallauan q*ue* ese gela mostrauan y le dexaua*n* a part*e* co*n* ella y luego la matauan en ese dia.

De las cocadrizes de Egipto

[c]uenta otrosy la ystoria q*ue* avja en Egipto en el Njlo vn logar de lago muy grande [192brII] q*ue* era fecho como rredoma y q*ue* otrosy le llamaua*n* los egipçianos a aq*ue*l logar rrodoma y que abja y muchas cocadrizes y nu*n*ca se osaua onbre acostar alla. Ca

los matau*a*n ellas luego a todos q*ua*ntos alla yu*a*n. E el dia q*ue* este toro sabia y paresçia a los de Egipto diz q*ue* tomau*a*n estonçes esos egipçianos vna escudilla de oro y otra de plata fechas como son las patenas de los caliçes dela igl*es*ia y yu*a*n y meti*a*n las en aq*ue*lla rredoma del Njlo so el agua y dexau*a*n las allj y tornau*a*nse. E estando allj aquellas patenas q*ue* venj*e*n los onbres pocos o muchos o vno a vno o q*ua*ntos q*ue*ri*e*n y entrau*a*n allj y bañau*a*nse y andau*a*n por y q*ua*nto queri*e*n asu sabor y nu*n*ca las cocadrizes les fazj*a*n mal nj*n* allegau*a*n a aq*ue*l logar y avn sy y venjan q*ue* se cuidauan entre ellas mas no*n* q*ue* pesar nj*n*guno les fizjese*n*. E los onbres catau*a*n las esto*n*çes y rremjrau*a*n y apre*n*di*a*n todas sus fechuras de su vagar y a su sabor y duraua esto del dia q*ue* paresçia aq*ue*l toro fasta el octauo dia a la sesta ora. E tanto durau*a*n ellos en fazer le fiesta del dia q*ue* se les mostraua adelante y de la sesta ora arriba tornau*a*nse les las cocadrizes en su braueza y en su crueleza q*ue* sobj*a*n aber y matauan a q*ua*ntos alcançau*a*n syno*n* lo sabj*a*n los onbres otrosy y g*ua*rdauanse q*ue* de allj adelant*e* no*n* fincaua y ninguno nj*n* yua alla sy no*n* sy fuesen tantos q*ue* se podiesen bjen anparar y no*n* diesen nada por ellos. E esto es lo q*ue* Plinjo y los otros sabios dize*n* q*ue* aquj abemos no*m*brados de los fechos y de la fechura y de las costunbres deste toro de Egipto a q*ue* llamau*a*n el buey. E lo q*ue* los ot*ro*s [192bvI] dixero*n* avn ende mas eso diremos nos otrosy de aq*ui* adelante segunt*e* lo fallamos en los escritos

De las razones avn del buey Apis y de los egipçianos

[s]obre esto dize avn maestre Pedro y dize asy deste toro q*ue* luego q*ue* lo veye*n* los de Egipto q*ue* venjen a el con cantadores y co*n*stadores fazjendo sones de muchas gujsas co*n* q*ua*ntos estrumentos podian aber q*ue* fuese*n* de musica. E q*ue* el otrosy quando los beya y los oya alçaua por el a la manera de aquellos q*ue* cantau*a*n y sotauan so el. E dize*n* q*ue* quando q*ue*dauan ellos y su conpaña q*ue* se paraua el y q*ue*daua otrosy. E qua*n*do se mouja el otrosy y sotaua y dançaua q*ue* se mouj*a*n ellos y dançau*a*n y sotauan y abenj*a*nse el y ellos muy bie*n* y asy andau*a*n con el y el co*n* ellos fasta q*ue* se les tiraua el de vista y no*n* paresçia. Ca dize maestre Pedro q*ue* segu*n*t los dichos de algu*n*os q*ue* fablaro*n* dellos q*ue* ese dia q*ue* se les mostraua ese dia mismo se les desfazia q*ue* le no*n* deujsau*a*n despues nj*n* le veyan. Mas dizen otros de los q*ue* deste toro fablaro*n* otrosy q*ue* cada año paresçia y syenpre en la fiesta de aquel Apis dios de los de Egipto de q*ue*

fablamos ya. Onde cuenta maestre Pedro q*ue* asmaro*n* algunos porq*ue* paresçia syenpre en aq*ue*l dia señaladamente q*ue* era aq*ue*l toro consagrado a honrra de aq*ue*l su dios a q*ui*en dixjmos q*ue* dezja*n* ellos Serafin. Otros dize*n* q*ue* no*n* paresçia mas de vna vez en diez años. Cuenta*n* otros avn q*ue* q*ua*ndo avje justo y santo ob*is*po en la villa del sol de q*ue* [192bvII] fablamos ya y dixjmos q*ue* era Damjata la de Egipto q*ue* paresçia este toro en t*iem*po de aquel ob*is*po porque era muy bueno ese ob*is*po y q*ue* qua*n*do allj no*n* avja buen ob*is*po y derechero q*ue* no*n* paresçia este toro (...).

7. Transcrições do manuscrito BNE 8682 (D)

7.1. Fólios 1r a 2v

[1r] muger *e* fizola Dios por estas razones, q*ua*ndo n*os*tro señor Dios adixo delante Adan, como auemos dicho todas las anjmalias q*ue* El fizie*r*a en la t*e*rra por veer q*ue* el q*ue* llamarie Adam *e* q*ue* no*m*bres les dirie, la vno porq*ue* era*n* todas las anjmalias pares masculo *e* fenbra cada vnas en sus nat*ur*as *e* no*n* auje y ni*n*gu*n*a para Adam lo al porq*ue* paresciol enl <...> la sua cara q*ue* se no*n* deley<...> el e*n*n ni*n*gu*n*a de aq*ue*llas c*r*eaturas touo n*ost*ro señor Dios por bien *e* por mesura q*ue* el ome no*n* fuese solo. Ento*n*çe metio sueño en *e*l en parayso *e* adormeciol. Et el dormje*nn*do tomo vna d*e* las costillas *e* enchio de carne el logar donde la tomara *e* fizo aq*ue*lla costilla la muger. Et desi aduxola Adam *e* mostrogela et Adam q*ua*ndo la vio dixo: e esto v*ue*so agora era d*e* los mjs vesos *e* carne de la mj carne. Et esta *ser*a llamada uaronesa *e* varonjl por q*ue* fue <...> tomada del varo*n*. *E* desy aun estonces no*n* auie y dada Dios ley nj*n*gu*n*a do nj*n*gu*n*a cosa *e* dixo ausy Adam com*m*o p*r*oph*e*ando por esto leixra el om*r*e el padre *e* la madre *e* se llegara a su muger. E *ser*an [d]os en*n* hua carne. Et dio Dios Eua Adam por co*m*paña *e* era*n* Adam *e* Eua desnuyos amos mas no*n* auie*n* ende uergue*n*ça ca se no*n* veye*n* de guisa q*ue* la no*n* entenciesen. Et despues q*ue* fuero*n* en *el* parayso no*n* touiero*n* el mandado de Dios mas por el coseio del diablo q*ue* los enga*n*ño fablando a Eua en figura d s*er*piente comiero*n* d*e* la fruta de aq*ue*l arbol de medio del parayso de q*ue* les Dios vedara q*ue* no*n* comiesen syno*n* que mue*r*te morrie*n*. Et fue El muy hirado <...> ellos por ello *e* maldixolos g*ri*euemen*t*e a el *e* a ella *e* a la *ser*pient ansi como lo <...> la b<...>bia. A la serpie*n*t por*que* los engan*ar*a *e* a Eua por*que* los ascuchara *e* lo co*n*seiara al marido *e* a el porque lo crouie*r*a *e* lo comj*er*a *e* echolos <...>yso e*nn*[582] aq*ue*l dia mismo q*ue* los metio hy. Ca dis e*nn* este lugar <...> Lucas ob*is*po de Tuj ca fue fecho Adam en la p*ri*me*r*a hora del sexto dia *e* en la ora de te*r*cia pasado al parayso al parayso *e* a la ora de sesta e*nñ*gañado *e* a la ora d*e* la nona echado del parayso. Dioles vnas p<...>ll<...>s fechas de pellejas de ganados mue*r*tos *que* fuero*n* biuos. Et dis aq*ui* la Glosa q*ue* Adam nu*nqua* avn vie*r*a cosa muerta ni*n*gu*n*a ni*n* sabie q*ue* era muerte *e que* e*n*ntendiese q*ue* de cosas ujuas fuera*n* aq*ue*las piele*s* que el ujstie *e* era*n* ya mue*r*tas et que ape*r*cibrie de si algo

[582] ẽñ

por ello. Et esto es q*ue* asy m<...> el [1v]. Et segu*n* q*ue* fallamos e*n*ñ esc*ri*ptos de arauigos sabios *que* fablaron e*n*ñ las razones destas cosas dize q*ue* e*n*ñ aq*ue*lla echada del parayso q*ue* dio ot*ro*si n*ost*ro señor Dios Adam *e* a Eva las simie*n*tes d*e* los panes *e* de las legu*n*bres *e* de las otras cosas q*ue* sembrasen en la t*ie*rra *e* cogiesen donde se ma*n*touiesen. Et des q*ue* Adam *e* Eva vjnieron a aq*ue*l logar de val de Ebron o los Dios enbiaua fallaro*n* y muy bu*en*a t*ie*rra. Et Adam con sus manos *e* co*n* fustes arrancaua las yeruas *e* mouiela t*ie*rra mas a gra*n* lazerio de sy *e* p*er*o labrauala lo mejor q*ue* el podie. Et sembraua de aq*ue*llas symie*n*tes que Dios les diera afuzia q*ue*l nasçerien *e* cogerie ende fruto donde gozase como labrador *que* laszraua por ello. Mas la t*ie*rra mas le cri*a*ua cardos *e* espinas *e* ot*ra*s yeruas *e* cosas dañosas *que*l estoruaua*n que* no*n* lo q*ue* el y senbraua *e* auje Adam gra*n*d duelo d*e*llo. Et era muy triste por*que* de su t*ra*balo nol uinje fruto como el tenje *que* deuie. Et nj*n* el nj*n* Eba no*n* comie*n* avn estonçes e*n*n comie*n*ço al sino*n que* las frutas d*e* los aruoles *e* viandas de leche nj*n* vistie*n* al ot*ro*sy sy no*n* piel*e*s mal mechas nj*n* morau*an* e*n*ñ otras cosas syno*n* en las cuevas *que* se fallau*an* fechas por la t*e*rra mas ally en val de Ebro*n* moraro*n* en vna gra*n*d cueua e gra*n* q*ue* fallaro*n* y q*ue* segu*n* dize*n* los escritos y semelaua q*ue* Dios la fizi*er*a y por ellos. Et avn alli dize*n* q*ue* fuero*n* ellos soterrados <...> morieron *e* Adam *e* Eua veyendose e*n*ñ tanta mesq*ui*ndat siq*ui*er q*ue* no*n* tenie*n* estrume*n*tos ni*n*gunos com q*ue* labrasen pan *e* vino *e* por las ot*ra*s cosas con q*ue* auje*n* a beujr nj*n* Eua con q*ue* fazer lo que p*er*tene*s*cie a las mugeres e*n*ñ sus cosas fuero*n* e*n*ñ cuidado de meter se a buscar la carrera *e* tornarse de cabo a aq*ue*l parayso terrenal del deleyte donde sa<...> Et nostro señor Dios, por*que* sabie q*ue se*r*i*e esto asmado desta guisa por <...> q*ue* sy fuesen q*ue* se no*n* diese, ca sy al parayso ent*ra*sen de <...> *e* de la fruta de aq*ue*l arbol de saber el bie*n e* el mal comiesen nu*nc*a despues podrie*n* morir *e* esto no*n* q*ue*rie Dios, puso el en la ent*ra*da del parayso vn a*n*gel con vna espada de fuego q*ue* nu*nqua* jamas alli dexase entrar ni*n*gue*n* nj*n* a ellos nj*n* a ot*ro* om*r*e sy Dios lo [2r] no*n* fizies. *E* Adam *e* Eva tiraronse deste acuerdo entendie*n*do q*ue se*r*i*e locura *e* fincaron e*n*n ese lugar en val de Ebron *e* labraro*n e* lazraron *e* alli visq*ue*ro*n* segu*n* q*ue*les acaescio *e* y fizieron sus gene*r*aço*n*s co*m*mo diremos agora.

De las generaçio*n*ns de Adam

Andados q*ui*nze años *e* seys dias de *qua*ndo el mu*n*do fue*r*a criado Adam *e* Eva echados de parayso come*n*çaron a fazer sus fijos *e* vinieron a la razon d*e*llo desta guisa qu*an*do estos salieron del parayso entrel t*iem*po q*ue* pusieron en la carrera p*ar*a venjr a aq*ue*l logar *e* el q*ue* moraron ally. Des q*ue* y llegaro*n* cu*m*plieron estos q*ui*nze an*n*os porq*ue* les fue muy lue*n*ga la carrera por do oujero*n* de venir del come*n*ço d*e* la tierra a p*ar*te do Oriente fasta medio d*e*lla, ca Jh*erusal*em *e* Ebro*n* q*ue* es c*er*ca d*e*lla e*n*n medio d*e* la t*ie*rra yazon. Lo al por muchos lugares muy asperos muy t*ra*ujesos *e* muy malos por peñas *e* mo*n*tes *e* aguas *e* espantos de bestias fieras *e* *ser*pie*n*tes q*ue* fallaua*n* ya a logares demas q*ue* no*n* auje y avn carrera fecha ni*ngu*na, ca nu*n*ca a*n*dudi*e*ra om*n*e por y lo al q*ue* des q*ue* acertaro*n* a venjr a Ebro*n* *e* fuero*n* y los p*ri*meros año*n*s tanto viero*n* q*ue* veer e*n*ñ pensar en los bieñs q*ue* perdiera *e* la lazeria *e* la mesq*ui*ndat en q*ue* era*n* q*ue* se no*n* me*m*braron de solas de varo*n* *e* de muger, demas q*ue* era*n* avn vyrgines et tales salieron de parayso, segu*n* dize*n* Methodio *e* Lucas ob*is*po de Tuj. Pero e*n*ñ cabo fincado y a o*nde* vñ logar *e* albergando vno c*er*ca ot*ro* maguer q*ue* viuje*n* eñ lazeira coñosçio Adam a Eua como*m* marido a su muger. E Eua fue <...>da *e* pario vñ fijo pusiero*n*le no*m*bre Caym et Caym asi como dize Ram<...> en los Esponimie*n*tos d*e* la Blibia tanto q*ui*ere dezir en *e*l n*ost*ro lenguage*n* de Castiella como heredamie*n*to o*n*de dixo Eva luego *que*l ujo, ansy como cue*n*ta el q*ua*rto capitulo del Genesis, herede home, co*n*uje*n*n a saber q*ue* <...> Dios. *E* nasçio a Adam *e* Eva con Cayn de vn p*ar*to vna fija *e* llamaron la por no*m*bre Calmana, *e* asy como dize*n* los Esponimie*n*tos d*e* la Blibia, Calmanda tanto q*ui*ere dez*i*r en *e*l n*ost*ro leguaje castellano como <...>o*m*paña *e* Ada*n* *e* Eva e*n*ñ su ujda aspera q*ue* auje*n* *e* e*n*ñ su seu*er*erdat en q*ue* era*n* plogol*e*s co*n* estos dos fijos *e* conortaro*n*se con *e*llos et cri*ar*o*n* los lo mejor q*ue* pudiero*n* p*er*o q*ue* se fazie*n* mucho a Eva dos fijos a hora a sus tetas. Et como q*ui*er q*ue* dize*n* algu*n*as d*e* las estorias q*ue* Adam *e* Eva q*ue* ot*ro*s fijos fiziero*n* entre estos años no lo dize*n* Moysen nj*n* nos no*n* lo fallamos de gui<...> q*ue* los no*m*bres de aquellos ot*ro*s fijos pudiesemos auer nj saber [2v]

De Abel *e* de su hermana q*ue* naçio co*n* el

7.2. Fólios 92v a 94v

[92v] Andados LXXX años de quando Abraham nasçiera, et CXXII del reynado de Asisia et çiento *e* vno del de Sithionja et oche*n*ta del de Egipto, q*ua*ndo salio de Egipto Abraha*n* asi como cuenta m*aestr*e Pedro en el cap*itu*lo de la lid de Abraham *e* de los q*ua*tro reys en el aq*ue*l t*iem*po aujen todos los om*ne*s ya gra*n*d sabor los vnos de au*er* reys *e* los otros de au*er e* fazien rey en cada cibdat *e* en cada villa et reynaua*n* ya en esa sazon por muchas t*ie*rras reys de q*ue* no*n* diremos nos ahu*n* agora aq*ui* fueras ende destos nueue: Cadolaomor, en t*ie*rra de Elam, q*ue* fue fijo de Sem de q*ue*m dexiemos en las pueblas de las gen*er*açione*s* de los linages de los fijos de Noe q*ue* vinjera*n* los elamjtas, q*ue* pobrara*n* aq*ue*lla t*ie*rra. Amraphel en Senaal, *e* es aq*ui* Senaal segu*n*d dize m*aestr*e Pedro *e* otros por Babiloña por el su reynado de aq*ue*l rey q*ue* era en t*ie*rra de Asirria. Ariot en la Ysla de Po*n*to. Thadal en las Yslas de las Gentes. Et a estos q*ua*tro reys da Asiria no*m*bra Moyse*n* por estos nonbres en *e*l XIIIº cap*itu*lo del Genesis. Et Josepho los llama en el XIIº cap*itu*lo del p*ri*mero libro desta ot*ra* guisa: Rabsido, Ariotorcho, Dellamaroch, Thadallo. Et reynaua*n* estos otros cinco reys en t*ie*rra de Penthapol: Bara en Sodoma, Barsa en Gomorra, Señacar en Adama, Senbor en Soboyn. La cibdat de Segor era peq*ue*ña mas por eso su rey auje. Josepho diz en el XI cap*itu*lo q*ue* Segor en ebraygo ta*n*to q*ui*er diz*er* como peq*ue*llo. Et estos reys destas cibdades oujero*n* estos nonbres segu*n*d Moysen et segu*n*d Josepho estos otros: Bellas, Baleas, Bjnabarjs, Bjmoborus et al rey de Segor llama Moyse el rey de Bala *e* Josepho el rey de los balljnos. Et a este q*ui*nto rey de aq*ue*llas cibdades nj*n* Moysen nj*n* Josepho nj*n* otro no*n* fallamos ahu*n* q*ue* ni*n*guno otro no*m*bre p*ro*pio le diga*n* si no*n* el rey de aq*ue*lla villa o de los de aq*ue*lla villa. Et muchos de aq*ue*llos reys menudos q*ue* auje ya por las t*ie*rras sirujen a los otros reys mas poderosos. Et XII aaños antes de la salida de Abraha*n* de Egipto aq*ue*l Cadalaomor, rey de los elamytas, tomo estos reys q*ue* dixiemos de Asiria co*n* sus huestes muy grandes. Et asi como dize Josepho en *e*l X cap*itu*lo del p*ri*mero libro astragaro*n* toda Asia *e* leuaro*n* dende robado lo q*ue* q*ui*siero*n* *e* destruyeron el linage de los gigant*e*s. Et vinjero*n* sobre aq*ue*llos cinco reys de Sodoma et estas otras cibdades conq*ui*rieronlas *e* tomaro*n* les en sana pas su postura et al treseno año alçaro*n*se cont*ra* ellos *e* non les q*ui*siero*n* dar nada. Agora diremos como fiso Cadalaomor.

De como el rrey Cadolaomor desbarato a los rreys de Pentapol *e* leuaua p*re*sso a Loth.

[93r] Al XIIIIº año ayu*n*to el rey Cadolaomor todo su poder *e* ouo consigo estos tres reys de Asiria a Amrrap*e*l, rey de Señacar *e* Arioth, rey de Ponto. Et Athadal, rey de las gentes. Et obedesçien todos estos al p*ri*nçipe de Asiria, *que* era monarco del reyno de los asirianos. Et monarco q*ui*ere dez*ir* vno solo p*ri*ncipe mayor de todo el sen*n*orio. Et este Cadalaomor co*n* aq*ue*llos tres reys fisie*n*rose q*ua*tro con el *e* fuero*n* sobr*e* aq*ue*llos otros cinco reys *e* yendo Cadalaomor *e* aq*ue*llos reys co*n* *e*l apoderados de aq*ue*lla guisa co*n* grand*e*s señas huestes ent*ra*ro*n* señas huest*e*s t*ie*rra. Et *que*brantato*n* alli en *sus* fronteras muchas villas senaladamente estas: Raphayn, *que* era en vna t*ie*rra *que* dize*n* Astarond Carnay. Et mataro*n* muchos *e* de los pueblos de Susi*n* *e* catiuaro*n* los otros et otrosi fezier*o*n a los de Cariatyn *que* es en t*ie*rra de Sabe et ot*ro*sy a los correos q*ue* so*n* en las t*ie*rras de Seyr. Et a toda esa t*ie*rra fastal llaño de Phara*n* q*ue* yaze en cabo del disierto et tornaro*n*se de alli *e* vjnjero*n* a la fuent*e* de Ephat a q*ue* despues dixiero*n* Cades. Et destruyro*n* toda la t*e*rra de Amalec et al pueblo de los Amarreus q*ue* morau*a*n en Asasethamas. Et yuan ya vjnjendo cont*ra* Sodoma et en todo esto estos cinco reys de Sodoma *e* destas otras cibdad*e*s sopiero*n* esto *e* asonaro*n*se *e* guisaro*n*se q*ua*nto mas pudiero*n* *e* salieron a ellos et llegaro*n* a ellos de la vna p*ar*te *e* las de la ot*ra*. Et ayuntaro*n*se en vn lugar q*ue* auje estos nombr*e*s: el val siluestre, et siluestre q*ui*ere diz*ir* ta*n*to como saluaje fascas de salua o montesano, ce*r*ca vnos mont*e*s q*ue* auje estonces en aq*ue*l lugar del bitume*n* con q*ue* fazie*n* la torre de Babilloña, et era aq*ue*l betume*n* en grudo como barro muy bueno p*or* lauor*e*s de parede*s* *e* otras cosas *e* sacaualo [93v] desos pozos como saca*n* la greda, et agora es fecho aq*ue*l lugar lago et desto contaremos la su raso*n* todo el fecho adelant*e* en la estoria del destruymje*n*to de aq*ue*llas cinco villas de Sodoma. Et pararo*n* alli todas sus azes los vnos poderes cont*ra* los otros et lidiaro*n* los q*ua*tro con los cinco *e* fuero*n* vençidos los cinco et murriero*n* ally muchas gentes et los *que* no*n* fuero*n* alli muertos *e* cabtjuos fuxiero*n* a los mo*nt*e*s*. Et Cadolaomor, co*n* aq*ue*lla gente q*ue* traye, destruyero*n* *e* robaron toda aq*ue*lla t*ie*rra et leuaro*n* q*ua*nto y auje <...> *que* vinjera en ayuda de los de Sodoma porq*ue* era*n* sus vezinos et vno de su conpaña de Loth q*ue* fuxiera fue a Abraha*n* q*ua*nto mas pudo et contol todo el fecho como contesçiera.

De como lidio Abraha*n* co*n*ls q*ua*tro rreys et les vençio et les tollio a su sobrino Loth

Abraham q*ua*ndo oyo q*ue* su sobrino era cabtiuo fue muy triste *e* pesol mucho asi cimo dize Josepho, otrosi le pesaua mucho por el mal q*ue* resçebiera*n* los de Sodoma q*ue* era*n* sus vezinos *e* sus amios, et escogio de su conpaña t*r*esientos *e* dies *e* ocho om*n*es de los mas ardidos *e* arreziados *e* mejior armados q*ue* y fallo. Et fuero*n* en su ajuda los tres h*er*manos q*ue* dixiemos cerca q*ue* moraua Ma*n*bre *e* Escol *e* Aner porq*ue* auje*n* puesta su amystad con *e*l de ayudare cont*ra* todo om*n*e q*ue* les fisiere por q*ue*. Et fuero*n* en *e*l rast*ro* de aq*ue*llos reys que leuaua*n* p*re*so a Loth et correrero*n* enpos ellos fasta la fuente *e* de otrosy ha nonbre Jor nasce el rio q*ue* llama*n* Jordan. Et a cabo de cinco dias en la noche segu*n*d cue*n*ta Josepho en *e*l Xº cap*itu*lo alcançaro*n*los cerca de aq*ue*lla fuente Dan et aq*ue*llos reys como uenje*n* cansados ellos *e* sus conpañas con la p*ri*esa grande q*ue* trayen de los muchas terras [94r] q*ue* auien corridas yasien dormjendo *e* desarmados *e* seguros de tal fecho et ahu*n* cue*n*ta Josepho q*ue* beudos. Et Abraham q*ua*ndo fue ce*r*ca de la hueste partio su compaña entres p*ar*tes porq*ue* touiesen los otros q*ua*ndo los viesen q*ue* eran muchos *e* los temiesen mucho *e* los dubdasen. Et ferio en ellos de noche et a los q*ue* fallo dormiendo matolos en sus camas. Et los q*ue* eram despie*r*tos estaua*n* desarmados *e* fuxiero*n*. Et Abraha*n* *e* los de su p*ar*te corriero*n* enpos ellos et duro el alcanço fasta dos lugar*e*s a q*ue* dize*n* Oba *e* Fenjs q*ue* so*n* a siniest*ro* de Damasco segu*n*d ellos yuan. Et Josepho cuenta q*ue* fasta t*ie*rra de Damasco. Et tolieron*l*es todo aq*ue*llo q*ue* leuaua*n* om*n*es *e* mugier*e*s *e* todo lo al et cobro Abraha*n* a Loth su sobrino co*n* todo lo q*ue*l tomara*n*.

De la razo*n* del año jubileo

Estonçes se cunplien çinq*ue*nta anos q*ue* nasçiera Loth et ese año mesmo saco Abraham de p*ri*sion a el *e* a todos los otros q*ue* con el fueron presos, et resçebio alli Abraha*n* grand*e* onrra en aq*ue*l fecho et acabaro*n*se ot*ro*si en *e*sa sazon cinq*ue*nta años q*ue* n*ue*st*r*o señor le sacara a el del fuego de los caldeos asi como es dicho de suso. Et Abraha*n*, por estas razon*e*s sobredichas et por*que* era era el sabidor de astronomja, ca asi como dize m*aestre* Pedro el fizo m*aestre* della a Cam, filo de Noe, del q*ue* auemos dicho q*ue* se camjara el nonbre et llamaua*n*le Zoroastr*e*s, vio por este art*e* q*ue*l

destenplamje*n*to del aer q*ue* faz segu*n*d q*ue* las planetas se alçam *e* se abaxa*n* q*ue* se torna*n* a cabo de cinq*ue*nta años en su atempramie*n*to *e* en su estado dant*e*s de aq*ue*llo q*ue* vjo q*ue* se fazie en las estrellas, q*ui*so el sab*er* semelança dello en las t*e*rras. Et mando por ende a aq*ue*llos q*ue* por el *e* por su seso del se guiasem q*ue* de alli adelante cada q*ue* se cunpliesem cinq*ue*nta años q*ue* llamase al postrimero año jubileo de Jobel, q*ue* q*ui*ere de*zir* tanto como cinq*ue*nteno asi como cuntamos suso. Et puso q*ue* otrosi por estas razon*e*s dichas fincasen en aq*ue*l año libr*e*s todos los q*ue* sieruos era*n* *e* fuesen sueltos ot*ro*sy todos los q*ue* pr*e*sos yasie*n* *e* q*ua*ntos todos los q*ue* alg*una* cosa deuje*n* et q*ue* las h*e*redades q*ue* fuera*n* vendidas o enpeñadas q*ue* tornasen ese año a los señor*e*s cuyas fueron p*ri*mero. Et cuenta m*estre* Pedro q*ue* otrosy por estas razones mesmas jubileo ta*n*to q*ui*ere de*zir* como comie*n*ço o p*er*don o aleg*ri*a q*ue* viene destas cosas q*ue* diximos. Et esto deste año jubileo duro sienp*re* ent*re* los judios mjent*re* ellos oujero*n* poder *e* ma*n*daro*n* t*ie*rra. Et diz Josepho en el Xº cap*itu*lo del p*ri*mero libro q*ue* en *e*l fecho desta lid mostro Abraha*n* q*ue* las fasjendas no se veçe*n* por [94v] muchedumbre de gentes sino*n* por el esfuerço de coraçone*s* *e* por fortaleza de lidiador*e*s *e* por seso et sobre todo por Dios q*ue* se tenga el om*n*e con el. Ca tamaña hueste como aq*ue*lla de aq*ue*llos q*ua*tro reys vençio el con la ajuda *e* con la me*r*ced de Dios co*n* CCC *e* XVIIIº om*n*es de armas *e* co*n* aq*ue*llos tres amigos Manbre *e* Estol *e* Ane*re* no*n* co*n* mas.

Del p*ri*mero sac*ri*fiçio de pa*n* *e* de vjno *e* del p*ri*mero diezmo

Qndo se torno Abraha*n* de aq*ue*l vençimje*n*to q*ue* feziera saljo a el el rey Bara de Sodoma a hu*n* lugar q*ue* dizen val de rey *e* es en la carrera q*ue* va a la cibdat de Saljma. Et Melchisedec rey desa villa a q*ue* estonçe dizien Soljma *e* llamaron la ot*ro*si Salem et es aq*ue*lla a q*ue* agora dizen Jh*erusal*em. Et poblara la este Melchisedec et fizo y vna casa p*ar*a fa*zer* oraçio*n* salio ot*ro*si a resçeber a Abraha*n* et p*re*sento alli este rey Melchisedec a Abraham pam *e* vjno p*ar*a el *e* p*ar*a su hueste q*ua*nto q*ui*siero*n* et dio a los otros de la hueste sus don*e*s. Et este Melchidesec rey desa villa fue el p*ri*mero rey *e* ob*is*po de Dios en J*erusal*em. Et porq*ue* era rey, dio sus don*e*s a Abraha*n* asi como oystes et porq*ue* era ob*is*po bendixol *e* dixo asi: Bendicto sea el Dios alto q*ue* fizo los cielos *e* la t*ie*rra *e* bendicto sea Dios q*ue* q*ui*so q*ue* Abraha*n* vençiese sus enemigos. Et estonçes, porq*ue* era Melchidesec ob*is*po como diximos, diol Abraha*n* los diezmos de toda la pa*rte* *e* la

gana*n*çia q*ue* alli feziera. Et asi como dis m*aestr*e Pedro *e* otros esa otra se come*n*ço a dar p*ri*mero los diesmos a Dios q*ua*ndo los dio aq*ue*l ora Abraha*n* a Melchisedec ca antes desto desde el t*em*po de Abel, fijo de Ada*n*, fasta en *e*sta sas*on* q*ue* diximos no*n* daua*n* si no*n* las p*ri*mjçias ta*n* solamente. Onde las p*ri*mjçias come*n*ço Abel *e* los diesmos Abraha*n* *e* la p*ri*mera casa de oraçio*n* este ob*is*po Melchisedec et el p*ri*mero sac*ri*fiçio de pa*n* *e* de vino asi como cue*n*ta m*aestr*e Pedro (...)

7.3. Fólios 161r a 163r

[161r] (...) Et alli fuero*n* p*rime*rame*n*te los sabere*s* d*e* las escuelas de Greçia dond vino a los latinos despu*e*s el saber asi como vien el arroyo de la fue*n*te a las q*ue* le an mester. Et auja esto*n*çes otrosi sobresto vna costunb*re* en Athenas q*ue* maguer q*ue* cada vn m*aestro* leye en su escuela todos se ayu*n*taua vn dia en la setmana co*n* sus escolare*s* en aq*ue*l gra*n*d palaçio q*ue* era comunal q*ue* estaua *en* medio de la villa *e* de los otr*o*s palaçios d*e* los m*aestres e* de aq*ue*llos en q*ue* leyen *e* asentaua*n*se en aq*ue*llos grados q*ue* vos dixiemos cada vno como era onrrado segu*n*t su sab*er* ca non por poder nj*n* por rriq*ue*za nj*n* por linage q*ue* aujesen grand*e*. *E* alli leya*n* todos los m*aestres* de su arte vna leçio*n* q*ue* oyen todos los otr*o*s. Et despu*e*s cuydaua*n* en muchas man*er*as *e* disputaua*n* *e* rrazonaua*n* sobrellas por ente*n*der me*l*lor aq*ue*llos cada vno de q*ue* dubdaua*n* *e* q*ue*ria*n* end*e* ser cier*t*os. *E* llamaua*n* liberal*e*s aq*ue*llas siet*e* artes *e* no*n* a los otr*o*s saber*e*s segu*n*d dep*ar*te Rramyro sobre el Donat*o* *e* ot*ro*s co*n*n *e*l por estas dos rrazon*e*s, *e* la ot*ra* por*que* no*n* las auja a oyr sino*n* om*n*e libre q*ue* no*n* fuesse sie*r*uo nj*n* om*n*e q*ue* visq*ui*ese por mens*ter*, la ot*ra* porq*ue* aq*ue*llos q*ue* los oye*n* auia*n* a ser lib*re*s de todo cuydado *e* de toda p*re*mja q*ue* les fiziesse, ca todo esto a men*est*er q*ue* ap*re*nde p*ar*a bie*n* ap*re*nder. Pu*e*s q*ue* auemos co*n*tado la puebla *e* la nobleza de aq*ue*lla çibdad q*ue*remos ago*r*a de*zir* de*l* rey Jupit*er* *e* departiremos de los sabere*s* q*ue* leyen en esta çibdad *e* auremos mejor entrada a la rraz*on* por*que* aq*ue*lla cibdad ouo no*m*bre Athenas.

Del rey Jupiter *e* de los dep*ar*timie*n*tos de los saberes del triujo *e* del q*ua*druujo

Nesta cibdad de Athenas nasçio el rey Jupit*er*, como es ya d*ic*ho ante desto, *e* alli estudio *e* ap*re*ndio ta*n*to q*ue* sopo todo el triuio *e* todo el *qua*driuio, q*ue* so*n* todas las siet*e* artes a q*ue* llama*n* liberales por las rrazon*e*s q*ue* vos contaremos adelant*e* *e* va*n* ordenadas ent*re* si por sus nat*ur*as desta g*ui*sa. La p*ri*me*r*a la g*ra*matica, la segunda dialetica, la t*er*çera rretorica, la q*ua*rta arismetica, [161v] la q*ui*nta musica, la sesena geomet*ri*a, la seten*a* astromonia. Et las tres p*ri*me*r*as destas siet*e* artes son el triujo, q*ue* q*ui*ere de*zir* ta*n*to como tr*e*s vias o carreras q*ue* muestra*n* al om*n*e yr a vna cosa et esta es saber se rrazonar conplidame*n*te. Et las ot*ra*s q*ua*tro post*ri*me*r*as son el q*ua*druujo q*ue* q*ui*ere de*zir* ta*n*to como q*ua*t*ro* carre*r*as q*ue* ensena*n* coñossçer co*m*plidame*n*te sab*er* yr a vn*a*

cosa cierta, *e* esta co las q*ua*ntias de las cosas asi como mostraremos adela*n*te. La g*ra*matic*a* q*ue* dixemos q*ue* era p*ri*m*er*a enseña faz*er* las let*ra*s et ayu*n*ta dellas las palab*ra*s cada vna como conviene *e* faze dellas rrazo*n* et por eso la dixero*n* g*ra*matic*a* *que* q*ui*ere dez*ir* ta*n*to como saber de let*ra*s, ca esta es el art*e* *que* enseña acabar rrazo*n* por let*ra*s *e* por silabas *e* por las palab*ra*s ayuntadas q*ue* se co*m*pone la rrazon. La dialetica es arte por sab*e*r coño*çer* si a *ver*dad o me*n*tira en la rrazo*n* q*ue* la g*ra*matica co*m*puso *e* sab*e*r dep*ar*tir la vna de la ot*ra* mas porq*ue* esto no*n* se puede faz*er* menos de dos, el vno q*ue* dema*n*da *e* el ot*ro* q*ue* rresponda, pusiero*n* le no*m*bre dialetica, q*ue* muestra ta*n*to como rrazonamie*n*to de dos por fallarse la *ver*dad conplidame*n*te. La retorica ot*ro*si es arte p*ar*a afermosar la rrazo*n* *e* mostrarla en tal man*er*a q*ue* la faga tener por verdadera *e* por cie*r*ta a los q*ue* la oyeren de g*ui*sa q*ue* sea creyda. Et por ende ouo no*m*bre rretorica q*ue* q*ui*ere mostrar ta*n*to como rrazonamje*n*to fecho por palab*ra*s apu*e*stas fe*r*mosas *e* bie*n* ordenadas. Onde estas tr*e*s art*e*s q*ue* dixiemos a q*ue* llama*n* triuio muestra*n* al om*n*e dez*ir* rrazon convenie*n*te, *ver*dadera *e* apu*e*sta, q*ualqui*er *que* sea la rrazo*n* *e* faze*n* al om*n*e estos tr*e*s sabere*s* bie*n* rrazonado *e* bien all om*n*e por ellas mejor a e*n*tender las ot*ra*s *qua*tro carreras a q*ue* llama*n* el q*ua*druuio. *E* las q*ua*tro so*n* todas de ente*n*dimie*n*to *e* de demostramie*n*to fecho por p*r*ueua, onde deue*n* yr p*ri*m*er*as en la orden, mas porq*ue* se no*n* podia*n* ente*n*der sy*n* estas t*re*s p*ri*m*er*as q*ue* auemos dichas pusiero*n* los sabios estas tr*e*s p*ri*m*er*o q*ue* aq*ue*llas q*ua*tro, ca magu*er* q*ue* todas estas q*ua*tro artes del *qua*druuio fablan de las cosas por las *qua*ntias dellas asi como diremos, *e* las tr*e*s d*e*l triuio so*n* de las bozes *e* de los no*m*bres de las cosas *e* las cosas fuero*n* ant*e* q*ue* las boçes *e* q*ue* los no*m*bres dellas nat*ur*alme*n*te. P*er*o porq*ue* las cosas no*n* se puede*n* enseñar nj apr*e*nder dep*ar*tidame*n*te sino*n* por las vozes *e* por los no*m*bres q*ue* an magu*er* q*ue* segu*n*d la nat*ur*a estas q*uatro* deuia*n* yr p*ri*m*er*as *e* aq*ue*llas tr*e*s postrim*er*as, como mostraro*n* los sabios por la rrazo*n* dicha, pusiero*n* las tr*e*s del triuio *e* postrim*er*as las q*uatro* d*e*l q*ua*druujo ca por las tr*e*s d*e*l triuio se diz*e*n los no*m*bres [162r] a las cosas *e* estas faze*n* al om*n*e bie*n* rrazonado *e* por las q*uatro* del q*ua*druujo se muestra*n* las nat*ur*as de las cosas et estas q*uatro* faze*n* sabio al om*n*e. Pu*e*s apr*e*nded por aq*ui* q*ue* el truuio faze rrazonado al om*n*e *e* el q*ua*druuio sabio.

De las co*n*uene*n*cias *e* de los dep*ar*timie*n*tos de los saberes del q*ua*druujo entresi

[M]as p*or*a ap*re*nder mejor la q*ua*ntia de las cosas *e* mesurar la mas conplidame*n*te auemos a sab*er* q*ue* la *qua*ntia se p*ar*te p*rime*rame*n*te en dos p*ar*tes. Et q*ua*ntia q*ui*ere dez*ir* q*uo*maña es la cosa. La vna es q*ua*ntia por meudezas, la ot*ra* es vnada *e* entera. La q*ua*ntia dep*ar*tida p*ar*tese ot*ro*si do cabo en ot*ra*s dos partes, la vna es quantia asmada *e* dep*ar*tida por si sin todo moujmie*n*to fastas q*ue* se no*n* ayunta a guu*na* mat*er*ia. Et desta guisa es la p*rime*ra d*e*las q*ua*tro artes del q*ua*druujo. Et es aq*ue*lla a q*ue* llama*n* arismetica, q*ue* es arte *e* carrera q*ue* muestra conplidame*n*te la q*ua*ntia de la cue*n*ta q*ue* es tal como esta: vno, dos, tr*e*s, q*ua*tr*o*, ci*n*co, seys, *e* dend*e* adelante, ca las p*ar*tes d*e* la cue*n*ta de tal*e*s q*ua*ntias son q*ue* cada p*ar*te d*e*llas puede om*n*e asi dez*ir* sin las ot*ra*s onde puede om*n*e dezir bien seys en su cabo *e* vno en *e*l suyo *e* tr*e*s en *e*l suyo *e* asi de todos los ot*ro*s. Et esta arte a q*ue* dizimos arismetica enseña a dez*ir* anadir *e* me*n*guar *e* toller *e* cresc*er* *e* doblar *e* las ot*ra*s man*er*as q*ue* ay desta cue*n*ta *que* son siet*e* ent*re* todas. Et en *e*sta cue*n*ta se deue e*n*tender desta guisa q*ue* es la q*ua*ntia dep*ar*tida *e* asmada sin todo moujmje*n*to *e* q*ue* se no*n* ayunta a ning*una* mat*er*ia nj*n* a ot*ra* q*ua*ntia como dixiemos p*or*a co*m*plir co*n* ella lo q*ue* ella a de fazer, ca ella se es acabada en si. *E* a lo q*ue* nos dezimos cue*n*ta en n*ost*ro lenguaje de Castilla llama*n*le los g*ri*egos aris *e* a lo q*ue* nos dezimos carrera dize*n* ellos metas. Et destas palab*ra*s g*ri*egas aris *e* metas dep*ar*te Huguicyo q*ue* es conp*ue*sto este no*m*bre arismetica, q*ue* por esta rrazo*n* q*ui*ere dez*ir* ta*n*to como carre*ra* a q*ue* muestra saber conplidame*n*te la cue*n*ta q*ue* dixemos *e* todas las man*er*as della. La segu*n*da es *qua*ntia dep*ar*tida ot*ro*si mas de guisa q*ue* se torrna a ot*ra* q*ua*ntia *e* se ayu*n*ta co*n* ella *e* segu*n*d esto auemos la musica, q*ue* es la segu*n*da p*ar*te del q*ua*druujo. Et esta es art*e* q*ue* enseña todas las man*er*as del ca*n*tar ta*n* bie*n* de los estrume*n*tos como d*e* las vozes *e* de q*ua*lq*ui*er man*er*a q*ue* sean de son *e* muestra la q*ua*ntia de los pu*n*tos en q*ue* el vn son a men*est*er al ot*ro* *e* torrnase a la q*ua*ntia co*m*plida p*or*a fazer ca*n*to del por bozes acordadas lo q*ue* el vn ca*n*to no*n* podrie faz*er* por sy, ansi como en diateser*on* *e* diape*n*te *e* diapaso*n* *e* todas las ot*ra*s nat*ur*as q*ue* en *e*l ca*n*to a. Et magu*er* q*ue* dixemos ant*e* desto q*ue* Jubal, fiio de Lamec el de Caym *e* de Adda su mug*er*, asacara p*rime*rame*n*te los estrume*n*tos de ca*n*tar [162v] Et el arte de la musica, q*ue* los g*ri*egos la fallaro*n* despu*e*s mas conplidame*n*te *e* segu*n*d q*ue* lo leemos en su libro q*ue* fabla desta estoria como contesçio ansy como co*n*taremos aqui. [e]nesta çibdad de Atenas nasçio el rey Jupit*er* como es ya dicho a*n*te desto. Et alli

estudio *e* aprendio y tudo q*ue* sopo muy bie*n* todo el t*ri*uio *e* todo el q*ua*druujo q*ue* son las siet*e* artes a q*ue* llama*n* liberal*e*s por las rrazon*e*s q*ue* vos contaremos adelant*e*

De como fallaron los griegos la natura de la musica

[l]os de Greçia come*n*çaro*n* p*ri*me*r*o q*ue* ot*ro*s om*ne*s a vsar andar mucho sobre mar *e* alg*uno*s dellos trabajaro*n*se de entrar adent*ro* q*ua*nto podien por ver si le podria*n* fallar cabo de la p*art*e de allende *e* andudiero*n* ta*n*to q*ue* vinier*on* avn log*a*r donde oyero*n* son*e*s *e* bozes q*ue* les semejo q*ue* ni*n*gun*a* cosa no*n* podria *ser* mas sabrosa nj*n* mas dulçe q*ue* aq*ue*l son, come*n*çarro*n* a fablar d*e*llo ot*ro*si *e* dixero*n* si fue nu*n*ca q*ue* son ta*n* dulçe oyese en logar del mu*n*do. *E* estando ellos cata*n*do en *e*sto viero*n* vn peñedo alueñe dellos *e* asmaro*n* q*ue* *se*rian serenas q*ue* ca*n*taua*n* en aq*ue*lla peña *e* fazie*n* aq*ue*l son ta*n* sabroso *e* cogiero*n* *e* fuero*n*se p*o*ra alla q*ua*nto mas podiero*n* *e* llegaro*n*se a la peña. Et ellos estando ansi como desue*n*tados co*n* muy grand*e* sabor d*e*l ca*n*to q*ue* oyen, sallio adesora vn ta*n* gra*n*d sollo del viento çierco q*ue* todos los metio sv el ag*ua* *e* los mas alli en la mar, sino*n* muy pocos q*ue* fincaro*n* a vida *e* se acogiero*n* a las pieças de los naujos q*ue* q*ue*bra*n*tara aq*ue*l vie*n*to. *E* sallieron en *e*llos a terreño *e* co*n*taron todo lo q*ue* les co*n*teçiera. A los g*ri*egos estoçe*s* ayuntaro*n*se muchos de Greçia *e* fizieron vn engeño de maderos muy sotil *e* muy fuerte en q*ue* pudiese*n* entrar muchos d*e*llos bie*n* aq*ue*lla pen*a* *e* cogiero*n*se por el lugar por do fuera*n* los p*ri*me*r*os *e* andudiero*n* fasta q*ue* vinieron aq*ue*l penedo, *e* llegaro*n*se a el en aq*ue*l estrume*n*to en q*ue* vinian q*ue* fiziera*n* p*o*ra ello. Et estando alli pa*ra*ro*n* mie*n*te*s* a la piedra *e* viero*n* como era toda cauada de dent*ro* *e* auia en *e*lla siet*e* forados abie*r*tos fechos a grados, los vnos anchos *e* los ot*ro*s mas angostos, *e* los vnos altos *e* los ot*ro*s baxos, *e* era*n* fechos de grado en grado *e* viero*n* ot*ro*si como entraua*n* los vientos en *e*l agua del mar *e* sallie por aq*ue*llos forados *e* fazie*n* aq*ue*llos son*e*s ta*n* dulçes. *E* alli ap*re*ndiero*n* ellos [163r] el arte de la musica *e* y fallaro las siet*e* mudaçon*e*s della conplidame*n*te. *E* porq*ue* la ap*re*ndiero*n* por vie*n*to *e* por agua pusiero*n* le este no*m*bre moys, ca esta palab*ra* moys ta*n*to q*ui*ere dezir en g*ri*ego como ag*ua* en *e*l n*ost*ro lenguaje de Castiella, e xicos en *e*l suyo ta*n*to como vie*n*to en *e*l n*ost*ro. Onde este no*m*b*re* musica q*ue* es co*m*pusto destas dos palab*ra*s g*ri*egas moys *e* exicos ta*n*to q*ui*er*e* mostrar como arte de so*n* salida por ag*ua* *e* por vie*n*to. Et es musica el arte q*ue* enseña todas las man*er*as de los son*e*s *e* las q*ua*ntias de los pu*n*tos asi

como dixemos *e* esta arte es carrera p*or*a ap*re*nder *e* acordar las bozes *e* faz*er* sonar los estrume*n*tos. Pu*e*s q*ue* auemos d*i*cho del arrismetica *e* de la musica, q*ue* son las artes de las cue*n*tas como estas q*ue* no*m*bramos fasta aq*ui* *e* van adela*n*te en *e*l *qua*druuio porq*ue* enseña mesurar *e* coñosçer las q*ua*ntias dep*ar*tidas, ca en elos saber*e*s ant*e* deue venjr el sinple q*ue* el doble *e* vno q*ue* dos, q*ue*remos ago*r*a dez*ir* de la geometria *e* del astrologia q*ue* son art*e*s q*ue* enseñan la q*ua*ntia vnada ausi como mostraremos.

De la geomet*ri*a *e* de la ast*ro*logia *e* de los sus dep*ar*timjentos

8. Transcrição do manuscrito RBME Y-I-3 (G)

8.1. Fólio 5rI a 6vII

[5rI] (...) E ma*n*do por todos sus pueblos q*ue* q*ua*ntos njños nasciess*en* d*e* los ebreos q*ue* los tomassen todos q*ue* no*n* fincasse njngu*n*o *e* los echassen en el Nylo *e* muriess*en* mas a las njñas q*ue* les no*n* fiziess*en* njngu*n* mal por las razon*e*s q*ue* hauemos dichas. E des que esto començo e los fue q*ue*bra*n*tado *e* se descubrio a ello njn sopo p*re*mia njn crueleza aq*ue*llos no*n* metiesse por me*n*guarlos mas *e* desfazerlos, e assi lo ma*n*daua fazer a sus egipcianos q*ue* posiera por adelantados sobrellos por toda Jerssen *e* por toda Ramasse do ellos morau*an* apartadamie*n*te. E cue*n*ta Iosepho en este logar q*ue* lo fizo faraon esto otrossi por conseio del sabio q*ue*l dixiera daq*ue*l njño q*ue* hauie de nascer en el pueblo d*e* los ebreos en aq*ue*lla sazon q*ue* q*ue*bra*n*tarie a Egipto. E aun dize*n* algunos q*ue* [5rII] otrossi por conseio daq*ue*l sabio ma*n*do a las pa*r*teras q*ue* matasse*n* los njños segu*n*t dixiemos. E fuero*n* muchos los njños d*e* los ebreos q*ue* los egiptianos afogaro*n* en el agua en aq*ue*l t*iem*po en el rio Njlo por el ma*n*dado d*e*l rey, segu*n*t cue*n*ta maestre Pedro. E dize Iosepho q*ue* se dolien los ebreos mucho por este fecho *e* q*ue* se tenjan por muy q*ue*brantados mas q*ue* por todas las otras lazerias q*ue* hauian leuadas *e* leuaua*n* aun, ca los fazia ya el rey todo mal descubiertame*n*te lo entendie*n* ellos *e* lo veyen q*ua*ndo los fijos los mataua assi, e non los fazia*n* los ebreos de dolerse *e* tenerse por q*ue*brantados ya de todo en todo tanto porq*ue* ellos no*n* haurie*n* fijos nj porq*ue* los no*n* fazie*n* ni*n* aun porq*ue* los no*n*[583] veyen assi morir mas porq*ue* se desfarie el su linage *e* se tornarie a nada *e* no*n* fincarie d*e*llos q*ui*en fiziesse *ser*uicio a Dios. E entendia*n* ya los ebreos manifestame*n*te como farao*n* de comienço destos fechos los hauia traydos *e* con gra*n*de engaño *e* co*n* falsa arteria *e* tenja*n*se por muy enartados porq*ue* de comie*n*ço lo no*n* entendiera*n* como estonçes, ca otro conseio cuydaua*n* y dar. Agora dexamos aq*ue*la estoria de Moysen *e* d*e* la Biblia. E tornaremos a contarvos vn yerro q*ue* fallamos contado d*e* los omnes buenos *e* sabios *e* sa*n*tos que cue*n*tan en sus estorias. E aquel yerro lama*n* locura en q*ue* aq*ue*l t*iem*po los egipcianos cayen por aq*ue*l fecho q*ue* fazie*n* a los ebreos *e* a sus njños [5vI]

[583] Rasurado

Del buey Appis de Egipto

Cuenta ell ob*is*po Lucas *e* maestre Pedro q*ue* por este peccado q*ue* fazian los de Egipto en los njños d*e* les ebreos q*ue* echo Dios aq*ue*lla hora a ellos otrossi en este yerro *e* en esta locura q*ue* aorassen Appis por dios. E segu*n*t esto semeia q*ue* fuero*n* en Egipto dos Appis. Ell vno el rey de tierra de Acaya de Grecia, del q*ue* dixemos ante desto como passara d*e* la tierra de Grecia a Egipto *e* regnaua y en vna tierra q*ue* se ganara el. E lot*ro* q*ue* fue este Apis a q*ui*en los de Egipto aorau*an* por dios. E deste Apis fabl*an* muchos sabios en sus estorias por razon daq*ue*l yerro sin buena razo*n* *e* sin derecho de los de Egipto a los ebreos. E era este Apis vn toro, *e* deste toro vos diremos luego lo q*ue* dize Plinio por ell en el ochauo libro d*e* la Natural Estoria en el capitulo XLVI. E co*n* lo del Plinio co*n*tar vos emos ostrossi lo q*ue* dize*n* en de los otros sabios. Cue*n*ta luego Plinio del *e* dize assi. Que auie en Egipto vn toro q*ue* llamau*an* los egipcianos el buey Api *e* aorau*an*le por dios. E cue*n*ta sa fechura *e* sus fechos *e* como fazi*an* co*n* el los dessa tierra E dize q*ue* hauie este toro en el diestro costado vna senyal muy noble *e* era vna ma*n*cha blanca fecha a man*er*a d*e* los cuernos d*e* la luna q*ua*ndo salle nueua *e* los cuernos otros tales. E diz q*ue* hauia vn nudo en la garga*n*ta d*e* la lengua contra ayuso a que llamau*an* los egiptianos ca*n*taro. E a este buey, segu*n*t dize Plinio otrossi, [5vII] no*n* le auja*n* los egipcianos a dexar venjr sino a ombres ciertos, *e* desi diz q*ue* le matau*an* e q*ua*ndo le q*ue*rian matar q*ue* lo lauau*an* *e* bañau*an*le antes en vna fuente a que llamau*an* la fue*n*te de los ob*is*pos. E ssomorguiau*an*le assi *e* alli lo afogau*an* *e* desta man*er*a era la muerte q*ue*l dau*an*. E des quel aujen muerto trasq*ui*lau*an*se ellos *e* rayensse las cabeças *e* yuan lor*an*do buscar otro por toda la tierra por los yermos *e* por la ribera d*e*l Njlo fasta q*ue*l fallasse*n* *e* q*ue*l pusiesse*n* en logar daq*ue*l e siempre llorau*an* fasta quel ouiesse*n* fallado e P*edr*o diz q*ue* nu*n*ca lo fallau*an* sino tarde.

De como fazian los egiptianos d*e*l nueuo Apis

Cuenta maestre Pedro *e* el ob*is*po Lucas *e* ot*ro*s q*ue* acuerda*n* co*n* estos q*ue* assi lo ordeno el Dios verdadero por razon q*ue* dalli les nascie este yerro do ellos fizieran la locura *e* el tuerto en los njños de Isr*ae*l. E diz Plinio otrossi q*ue* des q*ue*l fallau*an* quel tomau*an* los sus sac*er*dotes q*ue* yu*an* y, ca esta locura a todos alcançaua a cl*er*igos *e* a

otros. E ta*n* manso le auia*n* siempre q*ue* se les dexaua tomar e aduzia*n*lo mucho honradame*n*te al regno a q*ue* oystes q*ue* dizie*n* en Egipto Mezraym. E diz q*ue* hauie y este buey dos templos ta*n* nobles *e* fermosos q*ue* les llamaua*n* Thalamos. E en ell vno diz q*ue* daua el las respuestas d*e* los bienes a los pueblos e en ell otro los d*e* los males que les auje*n* a venir po*r* estas [6rI] respuestas ta*n* bien d*e* los bienes como de los males diz q*ue* las no*n* dizie sino a los p*ri*uados q*ue*l guardaua*n* q*ua*ndol daua*n* a comer ca este buey comie. Sobresto dize la storia este exe*m*plo q*ue* oyredes agora aqui. Aq*ue*llos q*ue* era*n* dados q*ue*l guardassen yl daua*n* a comer dema*n*daro*n*le despues a t*ie*mpo esto por Julio Cesar *e* por sus co*m*panyas *e* sus poderes q*ue* venja*n* sobre Egipto e p*ro*phetoles mal del e murio a poco t*iem*po esse Cesar. Agora dezir vos emos ot*ra*s cosas deste toro aun.

De las costumbres deste toro

Otrossi dize Plinio que venie y vn t*iem*po q*ue* amaua vaca este thoro *e* q*ue* sabia*n* essos egipcianos *e* yuan *e* buscaua*n*la como yua*n* buscar a el *e* fallaua*n*la otrosi muy fermosa por si como lo era aq*ue*l toro e q*ue* la affeytaua*n* ellos sobresso *e* paraua*n*la la mas fermosa que pudiesse seer. E aduzie*n*la *e* mostraua*n*gela, e diz q*ue* q*ua*ndo yua el aaq*ue*lla vaca, q*ue*rie yr muy en puridat. E los egipcianos sabie*n*le otrossi esta costu*m*bre *e* no*n* dexaua*n* q*ue* fuesse njngu*n*o co*n* el sino vna co*m*panya de njnnos[584] q*ue* tenjen ensenyados los sac*er*dotes. E estos njños le yua*n* aguarda*n*do *e* ca*n*tando empos del vn cantar q*ue* fiziera*n* de alabança *e* de honra de sus ob*is*pos. E diz q*ue* semeiaua q*ue* los ente*n*die el *e* q*ue* se pagaua co*n* el canto *e* q*ue*l plazie q*ua*ndol aorauan. E estos moços q*ue*l yua*n* canta*n*do de tras de cerca q*ue* recibie*n* adesora spiritu de p*ro*phe*c*ia p*er*o loca. E dizien [6rII] ellos las cosas q*ue* hauia*n* a venjr. E diz q*ue* essa vaca no*n* gela daua*n* mas de vna vez en ell añño *e* q*ue* auie*n* por costu*m*bre q*ue* el dia mismo q*ue* la fallaua*n* q*ue* esse gela mostraua*n* el dexaua*n* a parte co*n* ella *e* luego la mataua*n* en esse dia.

De las cocadrizes de Egipto

[584] njnnõs

Cue*n*ta otrosi la estoria q*ue* hauie en Egipto en el Njlo vn logar de lago muy grande q*ue* era fecho como redoma *e* q*ue* ot*ro*ssi le lamaua*n* los egipcianos a aquel logar redoma *e* q*ue* auie y muchas cocadrizes *e* nu*n*ca se osaua omne acostar alla ca los matau*a*n ellas luego a todos q*ua*ntos alla yua*n*. E el dia q*ue* este toro sallie *e* parescie a los de Egipto diz q*ue* tomaua*n* estonces essos egipcianos vna escudilla doro *e* otra de plata fechas como son las patenas d*e* los calices d*e* la egl*e*sia *e* yua*n* *e* metia*n*las en aq*ue*lla redoma del Njlo so ell agua *e* dexaua*n* las ali *e* tornaua*n*se. E estando alli aq*ue*llas patenas q*ue* venjen los ombr*e*s pocos o muchos o vno a vno o q*ua*ntos q*ui*ere *e* entraua*n* alli *e* vañaua*n*se *e* andaua*n* por y q*ua*nto q*ue*rian a su sabor. E nu*n*ca los cocadrizes les fazia*n* mal nj llegaua*n* aq*ue*l logar e aun q*ue* si ay vinje*n* q*ue* se andaua*n* entre ellos mas no*n* q*ue* pesar njng*uno* les fiziessen. E los omnes catau*a*nlas estonçes *e* remjraua*n*las *e* aprendia*n* todas sus fechuras a su sabor *e* de su vagar. E duraua esto del dia q*ue* paresçie aq*ue*l toro fastal ochauo dia a la sexta hora. Ca tanto durau*a*n ellos en fazer la fiesta del dia q*ue* se les mostraua adelante. E de la [6vI] sexta hora ariba tornaua*n*se las cocadrizes en su braueza *e* en su crueleza q*ue* solian au*er* *e* matau*a*n q*ua*ntos alcançaua*n* sino q*ue* lo sabia*n* los omnes otrossi *e* guardaua*n*se q*ue* daq*ui* adelante no*n* fincaua y nj*n*gu*n*o njn yua*n* alla sino si fuesse*n* tantos q*ue* se pudiesse*n* bien amparar *e* non diesse*n* nada por ellas. E esto es lo q*ue* Plinio *e* otros sabios dize*n* q*ue* aqui auemos no*m*brados d*e* los fechos *e* d*e* la fechura *e* d*e* las costu*m*bres deste toro de Egipto a q*ue* llamaua*n* el buey. E los q*ue* los otros dixera*n* aun ende mas esso diremos otrossi daq*ui* adelante segu*n*t lo fallamos en sus escritos.

De las razones aun del buey Apis *e* d*e* los egiptianos

Sobre esto dize aun maestre Pedro assi deste toro q*ue* luego q*ue* veyen los de Egipto q*ue* venian a el co*n* cantador*e*s *e* co*n* sonador*e*s fazi*e*ndo sones de muchas guisas co*n* q*ua*ntos estrume*n*tos de musica podian au*er*. E q*ue* el otrossi q*ua*ndo los oye *e* los veye, alçauas en ell ayre sobre ellos *e* andaua por el a la man*er*a daq*ue*llos que cantaua*n* *e* sonaua*n* so el. E diz q*ue* q*ua*ndo quedaua*n* ellos *e* se paraua*n* que q*ue*daua el *e* parauase otrossi. E otrossi q*ua*ndo se mouje el *e* sonaua *e* dançaua q*ue*s mouje*n* ellos *e* dançaua*n* *e* sonaua*n* *e* abinjense el *e* ellos muy bien. E assi andaua*n* co*n* el *e* con ellos fasta q*ue* se les tiraua el de vista *e* no*n* parescie. Ca diz maestre Pedro q*ue* segu*n*t los dichos de

algunos q*ue* fablaro*n* dello q*ue* esse dia q*ue* se les mostraua esse [6vII] dia mismo se les desfazie que nol veye*n* despues. Mas dizen otros dellos que deste toro fablaro*n* ot*ro*ssi q*ue* cada año parescie e siempre en la fiesta de aq*ue*l Apis dios d*e* los de Egipto de q*ue* fablamos ya. Onde cue*n*ta maestre Pedro q*ue* asmaro*n* algu*n*os q*ue* parescie siempre en aq*ue*l dia señaladame*n*te q*ue* era aq*ue*ll toro co*n*segrado a honra de aq*ue*l su dios q*ue* dixemos q*ue* dezia*n* ellos Serafin e q*ue* llamaro*n* por ende aq*ue*l toro ot*ro*si *Ser*afin. Otros dize*n* q*ue* no*n* parescie mas de vna vez en X años. Cuenta*n* ot*ro*ssi aun otros q*ue* q*uan*do auie justo *e* santo ob*is*po en la villa del sol de q*ue* fablamos ya *e* dixemos q*ue* era Damatha la de Egipto q*ue* parescie este toro en el t*iem*po de aq*ue*l ob*is*po porque era ta*n* bueno esse ob*is*po. E q*ue* q*ua*ndo alli no auie buen ob*is*po *e* derecho q*ue* no*n* parescie este toro (...)

9. Transcrição do manuscrito BNE 10236 (H)

9.1. Fólio 8vI a 10rI

[8vI] (...) E mando por todos sus pueblos q*ue* q*ua*ntos njños nasçiesen de los ebreos q*ue* los tomasen todos q*ue* non fincase nenguno *e* los echasen en *e*l Njlo *e* y muriesen mas a las njñas q*ue* les no*n* fiziesen nengu*n*t mal por las razones q*ue* auemos dichas. E des que esto començo *e* los fue q*ue*bra*n*tando *e* abaxando *e* se descubrio a ello nj*n* sopo premia nj*n* crueleza a q*ue* los no*n* metiese por menguarlos mas *e* desfazerlos. E asi los mandaua fazer a sus egipcianos q*ue* pusiera por adela*n*tados sobrellos por toda Jersen *e* por toda Remesse o ellos morauan apartadamente. E cue*n*ta Josefo en *e*ste logar q*ue* lo fizo farao*n* esto outrosi por conseio del sabio q*ue* le dixiera de aquel njño que auia*n* de nasçer en el pueblo de los ebreos en aq*ue*lla sazon q*ue* q*ue*bra*n*tarie*n* a Egipto. E avn dizen algunos q*ue* ot*ro*ssi por co*n*seio de aq*ue*l sabio mando a las parteras que matasen los njños segu*n*t dixiemos *e* fueron muchos los njños de los ebreos q*ue* los egipcianos afogaron en el agua en aq*ue*l t*em*po en el rio Njlo por el mandado del rey segu*n*t cue*n*ta maestre Pedro. E dize Iosepho q*ue* se dolien los ebreos mucho por este fecho *e* q*ue* se tenjen por muy q*ue*brantados mas q*ue* por las otras lazerias q*ue* auja*n* leuadas *e* lleuaua*n* avn, ca les fazie ya el rey todo mal descubiertamente e lo entendien ellos et los beyen ya q*ua*ndo los fijos les matau*a*n asi e no*n* lo fazien los ebreos de dolerse ende *e* ten*e*rse por q*ue*brantados ya de todo en todo fato porq*ue* ellos no*n* aurien fijos nj*n* porque los no*n* fazien njn avn perq*ue* los [9vII] beyen asi morir, mas porq*ue* se desfarie el su liniaie *e* se tornarie a nada *e* no*n* fincarie dellos quien fiziese seruiçio a Dios. E ente*n*dien ya los ebreos manifiestamente com*m*o faraon de comienço destos fechos los auja traidos com grañt engaño *e* con falsa arteria *e* tenjen se por muy enartados porq*ue* de comjenço lo non entendieran com*m*o entonçe ca otro conseio cuydaran y dar. Agora dexamos aqui la estoria de Moysen *e* de la Bibria e tornaremos a contarbos vn yerro q*ue* fallamos contando de los om*ne*s buenos *e* sabios *e* santos que cuenta*n* en ssus estorias *e* a aq*ue*l yerro llama*n* locura en aq*ue*l t*ie*mpo por los egipcianos por aquel fecho q*ue* fazien a los ebreos *e* a sus njños.

Del buey Apis de Egipto

Cuenta el obispo Lucas *e* maestre Pedro q*ue* por este pecado que fazien los de Egipto en los njños de los ebreos q*ue* echo Dios aq*ue*lla ora a ellos otrosi en *e*ste yerro *e* en *e*sta locura q*ue* aorasen a Apis por dios. E segu*n*t esto semeia q*ue* fuero*n* en Egipto dos Apis el vno el rey de tierra de Acaya de Greçia del que dixiemos ante desto com*m*o pasara desa tierra de Greçia a Egipto *e* reynara y en vna tierra q*ue* se ganara el. El outro q*ue* fue este otro Apis a q*ui*en los de Egipto aorauan por dios. E deste Apis fablan muchos sabios en sus estorias por razon de aq*ue*l yerro sin buena razo*n e* sin derecho de los de Egipto a los ebreos. E era este Apis vn toro e deste toro bos diremos luego lo q*ue* dize Plinjo por el en *e*l ochauo libro de la Natural Estoria en el capitulo quarenta *e* seys. E con lo del Plinjo contar bos hemos ot*ro*si lo q*ue* dizen ende los otros sabidor*e*s [9rI]. Cuenta luego Plinjo del *e* dize asi que auie en Egipto vn toro q*ue* llamauan los egipcianos el buey Api *e* aorauanle por dios. E cue*n*ta su fechura *e* sus fechos *e* com*m*o fazia*n* con *e*l los desa tierra e dize q*ue* abia este toro en el diestro costado vna señal muy noble *e* era vna mancha blanca fecha a manera de los cuernos de la luna q*ua*ndo sale nueua *e* los cuernos otros tales. E diz q*ue* auje vn nudo en la garga*n*ta de la lengua contra ayuso a q*ue* llamauan los egipçianos ca*n*taro. E a este buey segu*n*t dize Plinjo ot*ro*si no*n* le aujan los egipçianos a dexar benjr sino*n* a om*ne*s çiertos *e* desi diz q*ue* lo matauan e q*ua*ndo lo q*ue*rian matar q*ue* lo lleuaua*n e* banaua*n* le antes en vna fuente a q*ue* llamaua*n* la fuente de los obispos *e* somurgaua*n* lo alli *e* alli lo afogaua*n*. E desta manera era la muerte q*ue* le dauan e des q*ue* lo abian muerto trasq*ue*laua*n*se ellos *e* rayense las cabeças *e* yua*n* llorando buscar otro por toda la tierra, por los yermos *e* por la ribera del Njlo fasta q*ue* lo fallasen *e* q*ue* lo pusiesen en logar de aq*ue*l *e* sienpre llorau*an* fasta q*ue* lo ouiesen fallado e p*er*o diz que nu*n*ca lo fallaua*n* tarde.

De com*m*o fazian los egipçianos del nueuo Apis

Cuenta maestre Pedro *e* el obispo Lucas *e* otros que acuerdan com estos que asi lo ordeno el Dios berdadero q*ue* del Njlo les salie aquella vanidat por razon q*ue* de alli les nasçie este yerro o ellos fizieran la locura *e* el tuerto en los njños de Ysrael. E diz Plinjo ot*ro*si q*ue* des q*ue* lo fallaua*n* q*ue* lo tomaua*n* los sus sacer[9rII]dotes que yuan y ca esta locura a todos alcançaua, a clerigos *e* a otros, *e* tan manso lo aujan sie*m*pre q*ue* se les

dexaua tomar. E aduzien le mucho onrradamente al reyno a q*ue* oyestes q*ue* dezien en Egipto Mezraym. E diz q*ue* auia y este buey dos tenplos tan nobles *e* tan fermosos q*ue* les llamaua*n* Talamos. E en *e*l vno diz q*ue* daua el las respuestas de los bienes a los pueblos e en el ot*ro* las de los males q*ue* les aujen a benjr. Pero estas respuestas tanbie*n* de los bien*e*s com*m*o de los males diz q*ue* las non dizia sino*n* a los priuados q*ue*l guardaua*n* *e* gelo demandauan q*ua*ndo le daua*n* a comer ca este buey comje. Sobre esto dize la estoria este enxienplo q*ue* oyerdes agora aq*ui*. Aq*ue*llos q*ue* eran dados q*ue*l guardasem *e* le dauan a comer dema*n*daro*n*le despues a t*iem*po esto por Germanico Çesar e por sus conpañas *e* sus poder*e*s q*ue* benjañ sobre egipto *e* profetoles mal del *e* murio a poco tienpo esse Çesar. Agora dizer vos hemos deste toro otras cosas avn.

De las costumbres deste toro

Otrosi dize Plinjo q*ue* benje y vn t*iem*po q*ue* amaua baca este toro *e* q*ue* lo sabia*n* esos egipçianos *e* yua*n* *e* buscauanla com*m*o yua*n* buscar a el. *E* fallaua*n* ellos sobreso *e* parauan*l*a la mas fermosa q*ue* pudiese ser, e aduzienla *e* mostraua*n* gela. E diz q*ue* q*ua*ndo yua el a aq*ue*lla baca q*ue*ria yr muy en poridat e los egipçianos sabienle otrosi esta costunbre *e* non dexauan q*ue* ne*n*guno [9vI] fuese con el si no*n* vna conpaña de niñños que tenjen enseñados los sacerdotes E estos njños le yua*n* aguardando *e* cantando enpos el vn cantar q*ue* fizieran de alabança *e* de o*n*rra de sus obispos. E diz q*ue* semeiaua q*ue* los ente*n*dia el *e* q*ue* se pagaua con *e*l canto *e* q*ue*l plazia q*ua*ndol aorauan. E estos moços q*ue*l yuan canta*n*do de tras de çerca que resçibien a desora sp*irit*u de profeta po*r* loca. E diz q*ue* esa baca no*n* gela dauan mas de vna bez en *e*l año e q*ue* abien por costu*m*bre q*ue* el dia messmo q*ue* la fallaua*n* q*ue* ese gela mostrauan *e* lo dexaua*n* a parte con ella *e* luego la matauan en ese dia.

De las cocadrizes de Egipto

Cuenta ot*ro*si la estoria que auia en Egipto en el Njlo vn lugar de lago muy grande q*ue* era fecho como redoma e q*ue* otrosi le llamaua*n* los egicioanos a aq*ue*l logar redoma et q*ue* abia y muchas cocadrizes e nu*n*ca se osaua ome*n* acostar alla ca los mataua*n* ellas luego a todos quantos alla yuan. E el dia q*ue* este toro salie *e* pareçie a los de Egipto diz

q*ue* tomauan entonçe esos egipçianos vna escudilla de oro *e* otra de plata fechas com*m*o son las patenas de los caliçes de la igl*es*ia e yuan *e* metienlas en aq*ue*lla redoma del Njlo so el agua et dexaua*n* las alli *e* tornaua*n*sse. E estando alli aq*ue*llas patenas q*ue* benje*n* los om*e*s pocos o muchos e vno a vno o q*ua*ntos q*ue*rien *e* entraua*n* alli *e* bañaua*n*se *e* andauan por y quanto q*ue*rien a su sabor, e nu*n*ca las cocadrizes les fazia*n* mal nj*n* llegauan aaq*ue*l logar. E avn si y benje*n* q*ue* se andauan entrellos mas no*n* q*ue* pesar ne*n*guno les fiziesen e los om*ne*s catauanlas estonçes *e* remirauan *e* apre*n*die*n* todas sus fechuras a su sabor e de su bagar. E duraua esto del dia que parescie aq*ue*l toro fasta el ochauo dia a la sesta ora, ca tanto dura[9vII]uan ellos en fazerle fiesta del dia q*ue* se les mostraua adelante. *E* de la sesta ora ariba tornaua*n*se las cocadrizes en su braueza et en su crueleza q*ue* solian auer e mataua*n* a q*ua*ntos alcançauan sino*n* que lo sabien los onbres otrosi. E guardaua*n*se q*ue* de ally adelante non fincaua y ne*n*guno njn yuan alla si no*n* si fuesen tantos q*ue* se pudiesen bie*n* anparar et no*n* diese*n* nada por ellas. E esto es lo q*ue* Plinio *e* los otros sabios dizen q*ue* aq*ui* auemos nonbrados de los fechos *e* de la fechura *e* de las costu*m*bres deste toro de Egipto a q*ue* llamaua*n* el buey. E lo q*ue* los otros dixieran avn ende mas, esso diremos nos otrosi de aq*ui* adelante segu*n*t lo fallamos en sus escriptos.

De las razones avn del buey Apis et de los egipçianos

Sobre esto avn dize maestre Pedro asi deste toro q*ue* luego q*ue* lo beyen los de Egipto que binje*n* a el con cantadores *e* co*n* sotadores faziendo sones de muchas guisas con quantos estrumentos de musica podian auer e que el otrosi quando los oye *e* los beye alçauase en el ayre sobre ellos *e* andaua por el a la manera de aq*ue*llos q*ue* cantauan *e* sotaua*n* so el. E diz q*ue* q*ua*ndo *e* q*ue*daua*n* ellos *e* se parauan q*ue* q*ue*daua el *e* parauase otrosi e otrosi q*ua*ndo se mouja el *e* sotaua *e* dançaua *e* sotaua*n* e abenje*n*se el *e* ellos muy bien *e* afiandaua*n* con el *e* el coñ[585] ellos fasta que se les tiraua el de bista *e* no*n* paresçie. Ca diz maestre Pedro q*ue* segu*n*t los dichos de algunos q*ue* fablaro*n* dello que ese dia q*ue* se les mostraua, ese dia mesmo se les desfazie*n* q*u*el no*n* beye*n*

[585] cõñ

despues. Mas dizen otros de los q*ue* deste toro fablaron otrosi q*ue* cada anno[586] parescie *e* siempre en la fiesta de aq*ue*l Apis dios de los de Egipto de q*ue* fablamos ya. Onde cue*n*ta maestre Pedro q*ue* asmaro*n* algunos porq*ue* paresçie sienpre en aq*ue*l dia señaladamente q*ue* era aq*ue*l toro consagrado a onra de aq*ue*l [10rI] su dios a q*ue* dixiemos q*ue* dezian ellos Seraphin *e* q*ue* llamaro*n* por ende a aq*ue*l toro Seraphin. Otros dize*n* q*ue* no*n* paresçie mas de vna ben en diez an*n*os. Cuenta*n* otros avn que q*ua*ndo auje justo *e* santo obispo en la billa del sol de q*ue* fablamos ya *e* dixiemos que era Damatha la de Egipto q*ue* paresçie este toro en *e*l t*em*po de aq*ue*l ob*is*po porq*ue* era tan bueno ese obispo. E que quando alli no*n* abie bue*n* obispo *e* derechero que non paresçie este toro.

[586] annõ

10. Transcrições do manuscrito KRB IV 1165 (I)

10.1. Fólios 34rI a 34vII

[34rI] (...) Los termjnos de la suerte q*ue* los de Ruben oujero*n* fueron estos q*ue* les dio Moyse*n*. De Arçer de Lanpera, de Arno*n* *e* de medio dia del val de Searno*n* *e* todo el llano, asi com*m*o va a Medaua *e* a Essebon *e* todas las aldeas dellas q*ue* son en las canpiñas de Edibon *e* Vamethvaal *e* el castillo de Vaalmeo*n*, Gessa *e* Cerimoth e Mephe e Cariatha*n*rj, Sabama *e* Sarachphar en el mo*n*te del val de Bethereech, Asedoch, Affasta e Vethay, Simoch e todas las çibdades de los canpos *e* todos los regnos de Seon rey de los amorreos q*ue* regno en Essebon a q*ui*en mato Moysen. *E* a los p*ri*nçipes de Madia*n* qu*e* tenja*n* con Seo*n* e fuero*n* estos: Enco, Raçen, Sur, Bi, Cane, caudillos de Seo*n* *e* moradores dessa t*ie*rra. E a Balaa*n* el adeujno fijo de Beor q*ue* mataro*n* los fijos de Ysr*ae*l con los otros q*ue* metiero*n* a espada. E todo esto fue fasta el rio Jordan e fue termjno el rio Jordan dessa suerte. E partiero*n*la todos entresi co*n* sus co*n*pañas com*m*o era*n* los parentescos. A los de Gad otrosi con todos sus parientes dio Moysen q*ue* partiese entre sy los termjnos de Jazer *e* todas las çibdades de Galaat e la mjtad de la t*ie*rra de los fijos de Amon ansi com*m*o tiene Saba *e* de Essebo*n* fasta Adramoth e Massa *e* [34rII] Machay *e* Manay fasta los termjnos de Dabir. E en el val otrosi Ebetfara*n* e Beneuta *e* Sochhot Saph*a*n e la otra parte q*ue* finca del reyno del rey Seo*n*, e otrosi fue el Jorda*n* termjno desta suert*e* de los de Gat contra la orilla de la mar de Seteneroth tras el Jorda*n* contra la p*ar*te de Oriete. E esto todo con sus çibdades *e* con sus villas. A la mjtad de los Manasses, dio otrosi su part*e* Moyse*n* *e* fue el comjenço deste heredamj*ento* en Amju*n*ru *e* toda t*ie*rra de Bassa*n* con todas las pueblas de Jayr q*ue* son en Basaa*n*, çinq*ue*nta villas *e* castillos e la mjtad de Galaad *e* Astaroth *e* Raym *e* todas las çibdades otrosi desse regno de Og en Basaan. E esto fue dado a la media part*e* de los fijos de Mathir segu*n* los linajes q*ue* fueron la mitad de los de Manases. E estas suertes *e* estos heredamj*ento*s partio Moysen en las conpañas de Moelle allie*n*de el Jorda*n* contra Jerico q*ue* yasia segu*n* ellos estaua*n* fazia t*ie*rra de Oriente. E otrosi non dio nada a los de Leuj ca Dios er*a* la suerte destos *e* de los bien*e*s del s*an*tuario les madõ q*ue* biujesen. Pero do q*ui*er q*ue* de la partida de los ebreos fablaremos m*a*guer q*ue* acaesca en algu*n* lugar q*ue* lo no*n* digamos q*ue* entendades todavia q*ue* oujero*n* p*ar*a su morada *e* p*ar*a c*ri*ança de

sus ganados las XL çibdades q*ue* dixjmos en el libro Devteronomjo[587] en las suertes de los otros ljnajes en lugar*e*s no*m*brados *e* conoscidos. [34vI]

Esto q*ue* aq*ui* avemos contado tomaro*n* *e* heredaro*n* los fijos de Ysr*ae*l en t*ie*rra de Canaa*n* q*ue* les diero*n* Elcazar, el saçerdote, *e* Josue, fijo de Nu*n*, q*ue* eran p*rin*çipes de las co*m*pañas. E partierongelo todo por suertes conosçidas a los LX ljnajes *e* medio segu*n*t q*ue* adela*n*te oyredes. Ca ya deximos en los libros p*ri*meros desta estoria q*ue* asi lo ma*n*dara Dios a Moyse*n*. E sabed q*ue* en lug*a*r del linaje de Josepho *e* en lugar del de Leuj q*ue* heredaro*n* los dos fijos de Josepho, Efray *e* Manasses, segu*n* dize Jeronimo e*n* este libro de Josue en la Briuia. E todo el de Efray finco en t*ie*rra de promission e del de Manasses la mjtad allende del Jorda*n* con el de Rube*n* *e* el de Gad. E la otr*a* mitad aq*ue*nde el Jorda*n* otros LX ljnajes e fuero*n* los de Manasses el medio. E estando avn la hueste en Galgala vinjeron los de Juda a Josue *e* dixole Calepht Cenezeo, fijo de Jofene: Tu sabes bie*n* lo q*ue* dixo Dios de mj *e* de ti en Cades de *Ver*ne por barru*n*te a esta t*ie*rra q*ue* las catas *e* las mesuras. E yo fize q*ua*nto me el mando, escodriñe bie*n* la t*ie*rra toda q*ue* lo no*n* dexe por mjedo de peligro q*ue* me y pudiesse acaesçer *e* torneme a el *e* contole qu*an*to vi *e* pude entender q*ue* era *ver*dat. E dixele cosas por q*ue* esforçasse el pueblo *e* fuesse tomar la tierra q*ue* era ta*n* buena q*ue* Dios le daua. E mjs conpañeros de los XI linajes q*ue* fuero*n* comjgo *e* dixero*n* desta t*ie*rra cosas por q*ue* desmayes todo el pueblo *e* se les tollie de los coraçones [34vII] p*ar*a yr alla. E por todo esso yo nu*n*ca dexe de seg*ui*r a mj señor Dios *e* juro Moyse*n* aq*ue*l dia q*ua*ndo me vio tan esforçado *e* q*ue* ta*n* bie*n* yua yo enpos lo q*ue* Dios ma*n*daua *e* el *e* dixo estas palabras: la t*ie*rra q*ue*l tu pie pisare s*er*a el tu heredamj*ento e* de tus fijos por sienp*re* porq*ue* fazes el ma*n*dado de tu señor Dios. E sobresto aujendo ellos de morir en el desierto todos q*ua*ntos de Ysr*ae*l salieron de Egipto por fechos q*ue* fizieron contra Dios, ansi com*m*o sabes tu q*ue* contesçio, prometiome el a mj q*ue* biujria yo fasta oy. E son oy q*ua*renta *e* çinco años de q*ua*ndo n*uest*ro señor Dios dixo esta palabra a Moysen, andando el pueblo de Ysr*ae*l por el desierto. E cu*m*plo yo oy q*ue* nasçi ochenta *e* çinco años (...)

[587] de vteronomio

10.2. Fólios 39vI a 40vI

[39 vI] [588]Pero con todas estas sus costunbres q*ui*ere dezir en latin este su nonbre Jupiter[589] tanto com*m*o juris pat*er*. E juua*n*s part*er* en *e*l lenguaje castellano com*m*o [39vII] com*m*o padre ayudador. E avn de o*tr*a g*ui*sa segu*n* lo expone la Estoria de Troya en *e*l p*ri*mero cap*itulo*, Jupit*er* tanto q*ui*ere dezjr com*m*o adelantado de todos sus dioses *e* otros gentiles por su sab*e*r. E ta*n*to er*a* de sus gentes puesto en gra*n*de ho*n*rra q*ue* establesçiero*n* todos entresi q*ue* del linaje del tomasse*n* p*ar*a todas las t*ie*rras reyes q*ue* reynase*n* sobrellos *e* avn llamaua*n* gentes de dioses a todos los de su linaje. E avn asi com*m*o vos auemos dicho, Jupit*er*, segu*nt* los Esponjmj*ento*s de Ramiro en la Briuia tanto q*ui*ere dezjr com*m*o enemjgo apartante o sen*n*or apartador. E en este lugar q*ue*remos dezir mas deste sab*e*r *e* de los obrador*e*s por el. Com*m*o q*ui*er q*ue* la Estoria de Troya diga deste rey Jupit*er* com*m*o auedes oydo, q*ue* era om*n*e pecador *e* biuja en muchos pecados, e esto mayormente en razo*n* de mugeres, pero muy sabio rey fue *e* muy poderoso *e* fazedor de muchos nobles fechos, asy q*ue* los sabios estrelleros pusiero*n* este nonbr*e* a la segu*n*da planeta. E es la planeta Jupit*er* asy com*m*o dize*n* P*er*tholom*e*s e los otros sabios q*ue* fablaro*n* de las estrellas *e* de las planetas vn*a* de las mas begnjnas *e* mas q*ue*ridas planetas q*ue* ha en todas las otras VII es Jupit*er*. E q*ua*ndo viene*n* en la ordenança de sus çercos de g*ui*sa q*ue* pueda ser estoria, la planeta de Jupiter los malos *e* las esperas de la planeta de Saturno, q*ue* es mas q*ui*eto, *e* atienpla las de Mas, q*ue* es entresi brauo *e* malo, entre q*ui*en esta Jupit*er* en la ordena*n*ça de sus çercos. Deste [40rI] rey Jupit*er* fallamos por los actores de los gentiles q*ue* entre fijos *e* fijas ouo mas de XXX q*ue* fuero*n* los q*ue* menos reyes *e* reynas, *e* sobresto llamados dioses *e* diessas de los gentiles cada vno en sus cosas, com*m*o Mercurio, q*ue* es otrosi vna de las VII planetas, q*ue* llamaro*n* dios de los tres saberes del truuio *e* de fisica *e* de las mercadurias. E a Pallas, fija de Jupit*er*, diessa de los IIIIº saberes del q*ua*druujo *e* de batalla *e* de las oliuas *e* de toda la materia de filaduria *e* de texer *e* de labrar de aguja. E asi de los otros fijos *e* fijas de Jupit*er*, e entre los otros fijos ouo el rey Jupiter estos dos: a Jasio *e* a Dardano, mas de Jasio no*n* fallamos de q*ue* madre lo ouo. E a Dardano, segu*n*t cue*n*ta el Libro de las Gen*er*açione*s* de los Gentiles, fizolo en Eleotira, fija de Athlant*e* rey

[588] Margem: dlo q*ue* q*ui*ere dar aqso
[589] Sobre a linha

de las yslas de Oropa de Africa. E vino la g*ener*açio*n* del rey Athlant*e* desta g*ui*sa, asy com*m*o cuenta el Lib*ro* de las G*ener*açione*s* de los Gentiles. Demogergon, a q*ui*en los gentiles toujeron por el p*ri*mero om*n*e, e otrosi por el p*rimer*o de sus dioses, fizo a Thitano, el gigant*e*. Thitano a Japeto e Japeto al rey Athlant*e* e el rey Athlant*e* en Pleyone, fija de Oceano, a Eletira. E otrosi aq*ue*l Demogergo*n* fizo a Orion, Orion al rey Çelio, el rey Çelio al rey Saturno e el rey Saturno al rey Jupit*er*. El rey Jupit*er* en aq*ue*lla Eletira, fija del rey Athlant*e* com*m*o es dichõ, fizo a Dardano. E este Dardano fue el p*ri*mero q*ue* poblo a Troya.[590] [40rII]

Dardano *e* Jasio amos h*er*manos salieron de Greçia en vno *e* vjno Jasio a t*ie*rra de Troya e Dardano a Africa *e* regno alli este Dardano p*ri*mero q*ue* otro om*n*e e por fazer puebla q*ue* fuesse cabeça de su regno la q*ue* non auja. E avn esto*n*çes cato por toda aq*ue*lla t*ie*rra el mas a poderado lugar de fortaleza p*ar*a defend*er*se de enemjgos *e* otrosy mejor de h*er*edades *e* de rios *e* de montes *e* de todas las otras cosas por do fuesse la puebla fuerte *e* noble *e* abondada. E vino avn lugar q*ue* dizian Figia por ser nonb*re* sen*n*alado maguer q*ue* a toda aq*ue*lla t*ie*rra dize*n* asi. E asy com*m*o cue*n*ta la Estoria de Troya este no*m*br*e* Frigida fue tomado del nonbr*e* de vna fija de la reyna Europa a q*ui*en llamaron Frigida. E departe aq*ui* la estoria de los lugares de aq*ue*lla t*ie*rra e dize q*ue* toda aq*ue*lla t*ie*rra auja nonbr*e* Troya *e* Frigia q*ue* era vna proujnçia della. E q*ue* fuera*n* dos las Frigias e a la vna llamaro*n* Frigia la Mayor *e* a la otra la Menor. E cue*n*ta q*ue* en Frigia la Mayor fue la çibdat a q*ue* dixiero*n* Çinjrna en q*ue* era vna de las mayores VII ygl*es*ias del *crist*ianjsmo de q*ue* fabla sant*o* Jua*n* Euangelista en el libro Apocalipsi. E en Frigia la Menor fue el otro castillo *e* çibdat a q*ue* llamaro*n* Ylio *e* era el mas fuerte lugar de toda aq*ue*lla t*ie*rra *e* mejor de h*er*edades *e* mas abo*n*dado de las cosas. E alli poblo Dardano la çibdat q*ue* q*ue*ria p*ar*a cabeça de su regno *e* del su nonbr*e* llamola Dardanja. E este fue el p*ri*mer nonbr*e* q*ue* la çibdat de Troya ouo asi com*m*o cue*n*tan las estorias. E [40vI] desta çibdat *e* de sus fechos vos fablaremos en esta estoria (...)

[590] Margem: de comõ aqiso

11. Transcrições do manuscrito BMPS M562 (J)

11.1. Fólios 42vII a 43rII

[42vII] (...) los terminos de la suerte que los de Ruben oujeron fueron estos que les dio Moysen: de Arçer de riuera de Arno*n e* de medio dia del val de Searno*n* et todo el llano asi como va a Medaua *e* a Sebon *e* todas las aldeas dellas que son en las canpiñas de Ebron, et Vamech et Cariatarin et Sabama et Sarachphar en *e*l monte del val de Becherech, a Sedoch, a Fasca Bechaysimoch et todas las çibdades de los ca*m*pos et todos los regnos de Seon, rey de los Amorreos que regno en Asebon a qujen mato Moysen. Et a los prinçipes de Mandia que tenjan con Seon et fueron estos: Eueo, Reçen, Sym, Vu, Rebee, cabdiellos de Seon *e* moradores desa t*ie*rra. Et a Balaam, el adeujno, fijo de Beor, que mataron los fijos de Ysrrael con los otros que metieron a espada, et todo esto fue fasta el rio Jordan. Et fue termjno del rio Jordan de esa suerte de los de Ruben *e* partieron la todos entre si por sus co*m*pañas com*m*o era*n* los parentescos. A los de Gad otrosi con todos sus parientes dio Moysen que partiesen entre si los termjnos de Jazer *e* todas las çibdades de Galaas. Et la meytad de la t*ie*rra de los fijos de Amo*n* asi com*m*o tiene fasta Raba *e* de Esebon fasta Adramoch et Fasch et Bathaym et Manaym fasta los termjnos de Dabir *e* en *e*l Val otrosi, et Bedfaran et Beneuar et Sothoche Saphan. Et la otra parte que fincaua del regno del rey Seon otrosi fue el Jordan termjno de suerte de los de Gad contra la orilla [43rI] de la mar de Sethenoroch tras el Jordan contra la parte de Oriente. Ca esto todo con sus çibdades et con sus villas a la meytad de Manases dio otrosi su parte Moysen. Et fue el comjenço deste heredamjento en Amjnayr *e* touo toda Basa*n e* todos los regnos dese Og, rey de Basan, co*n* todas las pueblas de Jayr que son en Basan con q*uare*nta villas *e* castillos, et la meytad de Galaad et Astaroth et Raym *e* todas las çibdades otrosi dese regno de Og en Basaan. Et esto fue dado a la media parte de los fijos de Machir segu*n*d los linages que fueron la meytad de los de Manases. Et estas suertes *e* estos heredamjentos partio Moysen en las canpiñas de monte allende el Jordan con Jherico, que jazja segu*n*d ellos estaua*n* faza t*ie*rra de Oriente. Et otrosi non dio nada a los de Leuj ca Dios era la suerte destos *e* de los bienes del santuario les mando que viujesen. Pero do qujer que de la parte de los ebreos fablaremos maguer q*ue* acuesta en algu*n*d logar que lo non digamos, que entendades todavia que oujeron

para su morada *e* para criança de sus ganados las quarenta çibdades que dexymos en *e*l Devteronomjne[591] que mando a Moysen que les diese en las suertes de los otros linages en logares nonbrados *e* conosçidos.

<...>sto que aq*ui* avemos contado tomaron et heredaron los fijos de Ysrrael en t*ie*rra de Canaam q*ue* les dieron a Tasar, el saçerdote, *e* Josue, fijo de Nune, que era*n* prinçipes de las compañas. Et partierongelo todo por suertes conosçidas a los nueue linages *e* medio segu*n*d avredes adelante. Ca ya diximos e los libros primeros desta estoria que asi lo ma*n*dam Dios *e* Moysen. Et sabed que en logar del linage de Josepho *e* en logar del de Leuj que heredaron los dos fijos de Josepho, Effrayn *e* Manses, asi com*m*o dize Jeronjmo en este libro de Josue en la Biblia. Et todo lo de Effrayn finco en t*ie*rra de promision *e* del de Manases la meytad allende el Jordan con *e*l de Ruben *e* de Gad. Et la otra meytad aq*ue*nde el Jordan con los ot*ro*s nueue linages *e* fueron los de Manases el medio. Et estando con la hueste en Galgala vinjeron los de Judas a Josue *e* dixo le Calepho Tenerzeo, fijo de Josepheno: Tu sabes bien lo que te dixo Dios de mj e de ti en Çades do venja a Moyseñ, que era om*n*e de Dios com*m*o tu sabes. Et era yo de quarenta años q*ua*ndo Moysen, serujente de Dios, me enbio de eso logar de Çades de Barne por varru*n*te a esta t*ie*rra que la catase *e* la mesurase. Et fiz q*ua*nto me el mando *e* escodrine bie*n* toda [43rII] la t*ie*rra que lo non dexe por mjedo de peligro que me y pudiese acaesçer *e* torneme *con* el *e* contele q*ua*nto vi *e* pude entender q*ue* en verdad. Et dixe cosas por que esforçase el pueblo *e* fuese tomar la t*ie*rra que Dios le daua que era ta*n* buena. Et mjs compañeros de los otros onze linages que fueron co*n*mjgo *e* dixieron desa t*ie*rra cosas por que desmayo todo el pueblo *e* se les tollio de los coraçone*s* para yr alla. Et por todo eso yo non dexe nu*n*ca de segujr mj señor Dios. Et juro Moysen aquel dia q*ua*ndo me vio ta*n* esforçado *e* q*ue* ta*n* bien yua yo enpos de lo que Dios mandara *e* el dixo estas palabras: la t*ie*rra que el tu pie andare *e* pisare sera tu heredamje*n*to *e* de tus fijos por sienpre, porque fazes el mandado de tu señor Dios. Et sobresto aujendo ellos de morir en *e*l desierto todos q*ua*ntos de los de Ysrrael salieron de Egipto por fechos que dixieron *e* fizjeron contra Dios, asi com*m*o sabes tu que contesçio, prometio el a mj que biujria yo fasta en este dia. Et son oy quarenta *e* çinco años de q*ua*ndo n*ues*tro señor

[591] de vtero nomjne

dixo esta palabra a Moysen andando el pueblo de Ysrrael por el desierto *e* cu*m*plo yo oy que nasçi ochenta e çinco años (...)

11.2. Fólios 49vII a 50rI

[49vII] <...>ero con todas estas sus costu*m*bres q*ui*ere dezjr en latin este su no*m*bre Jupiter tanto com*m*o jujas pater. Et jujas pater en *e*l lenguage de Casti*e*lla com*m*o padre ayudante. Et avn de otra guisa segu*n*d expone la Estoria de Troya en *e*l primero capitulo tanto qujere dezjr com*m*o adelantado de todos sus gentiles dioses *e* otros por su saber. Et tanto era de sus gentes enxalçado *e* puesto en gra*n*d onrra, que establesçieron las gentes entre si que del linage del tomasen para todas las t*ie*rras reyes que regnasen sobre elles *e* avn llamauan gente de Dioses a todo su linage. Et avn asi com*m*o vos lo avemos ya contado ante de esto, Jupiter, segu*n*t los Exponjmje*n*tos de Ramjro en la Biblia tanto quiere mostrar en *e*l n*uest*ro lenguaje de Castilla com*m*o enemjgo apartante o señor apartado, et en este logar queremos vos departir mas deste saber et de los obradores por el. Como qujer q*ue* la Estoria de Troya diga deste rey Jupiter com*m*o avedes oydo que era om*n*e pecador *e* biuja en muchos pecados, *e* esto mayorme*n*te en q*ua*nto es en razon de mugeres, pero muy sabio rey fue, *e* muy poderoso *e* fazedor de muchos nobles fechos, asi que los sabios estrelleros este no*m*bre pusieron a la segunda planeta. Et es la planeta Jupiter, asi com*m*o dizen Tholomeo *e* Almageste *e* los otros sabios que fablaron de las estrellas *e* de las planetas, que vna de las mas benignas *e* mas bie*n* queridas planetas que ha en todas las siete es Jupiter. Et q*ua*ndo vienen en la ordena*n*ça de sus çercos de guisa que pueda ser estoria la planeta de Jupiter atienpla los malos *e* las asperezas de la planeta de Saturno, que es mal quererido. Et atienpra las de Mars, que es otrosi brauo *e* malo entre qujen esta Jupiter en la ordenança de sus çercos. Et deste rey Jupiter fallamos por los auctores de los gentiles que entre fijos *e* fijas ovo mas de treynta que fueron todos los que menos reyes *e* reynas *e* sobreso llamados dioses *e* dehesas desos gentiles, cada vno en sus cosas, com*m*o Mercurio que es otro *e* vna de las siete planetas que le llamaron Dios de los tres saberes del triujo *e* de fisica *e* de las mercadurias. Et a Palas, fija de Jupiter, dehesa de los quatro saberes del quadruujo *e* de batalla *e* de las oliuas et de toda la natura de flanderia *e* de texer *e* de labrar de aguja. Et asi de los otros *e* de las otras fijas de Jupiter. Et entre los otros fijos ovo el Rey jupiter estos dos: a Jasio *e* a Dardano, segu*n*d cuenta el Liuro de las Generaçiones de los Gentiles, *e* fizolos [50rI] en Electra, fija de Atalante, rey, de los Oçidentes de Europa *e* de Africa. Et vino la generaçion del rey Atalante desta g*ui*sa asi

com com*m*o cuenta el Libro de las Generaçione*s* de los Gentiles. Demogergo*n*, a q*ui*en los gentiles toujeron por el primer om*n*e *e* otrosi el primero de sus dioses *e* fizo a Thitano, el gigante, *e* Thitano a Japeto, et Japeto al rey Atalante en Pleyone, fija de Oçeano, a Electra. Et otrosi aquel Demogergon fizo a Orion, Orion al rey Çelio et el rey Çelio al rey Saturno, el rey Saturno al rey Jupiter, el rey Jupiter en aquella Electra, fija del rey Atala*n*te, de com com*m*o es dicho fizo a Dardano *e* este Dardano fue el primero que poblo a Troya. Et agora contar vos hemos de la puebla de Troya.

<...> Et Jasio salieron de Greçia en vno *e* vino Jasio a t*ie*rra de Troya *e* Dardano a Frigia. Et regno ally este Dardano p*ri*mero que otro om*n*e. Et por fazer puebla q*ue* fuese cabeça de su regno la que non avia avn estonçes cato por toda aq*ue*lla t*ie*rra el mas apoderado logar de fortaleza para defenderse de enemjgos, et otrosi mejor de heredades *e* de Rios *e* de mo*n*tes *e* de las otras cosas por do la puebla fuese fuerte *e* noble *e* abondada de vino avn logar que dizen Frigia por su no*m*bre señalado, maguer que a toda aq*ue*lla t*ie*rra dezja*n* Asia. Et asi com*m*o cuenta la Estoria de Troya este no*m*bre Frigia. Et departe la estoria aquj de aquellos de aquella t*ie*rra desta guisa *e* diz que toda aquella t*ie*rra avia no*m*bre Troya *e* Frigia que era vna proujn*ç*ia della, ca fueron dos las Frigias *e* a la vna llamaron Frigia la Mayor *e* a la ot*ra* Frigia la Menor. Et cuenta que en Frigia la Mayor fue la çibdad a que dexieron Smj*r*na en que era la vna de las mayores siete egl*es*ias de *crist*ianos de q*ue* fabla sant Jua*n* Evangelista en *e*l libro Pocalipsi. Et en Frigia la Menor fue el ot*ro* castillo *e* cibdad a que llamaron Ylio et era el mas fuerte logar de toda aquella t*ie*rra *e* mejor de heredades *e* mas abondada de las cosas. Et ally poblo Dardano la çibdad q*ue* queria para cabeça de su regno *e* del su nonbre llamola Dardanja. Et este fue el primero no*m*bre que la çibdad de Troya ovo asi com*m*o cuenta*n* las estorias. Et desta çibdad *e* de los sus fechos vos avremos mucho a fablar en esta estoria por que el su fecho(...)

12. Transcrições do manuscrito BUS 2616 (L)

12.1. Fólios 58rI a 59vII

[58rI] (...) Los termjnos de la suerte q*ue* los [58rII] de Ruben ovier*on* fuer*on* e otros q*ue* les dio Moysen de Arçer de la rijera de Arno*n e* de medio dia del val de Srarno*n e* tudo all llano asy com*m*o va a Medaua ata Esebon *e* todas las aldeas dellas q*ue* so*n* en las campiñas de Ydibon at Mabech Vaal et el castillo de Vaalmro*n*, Gesa, Çerimothe *e* Ynepe *e* Cariariati, Sabaan *e* Sarath faz en el mont*e* del val de Betereth, Astdoche, a Fasta Ebethe y Siothe *e* todas las çibdad*e*s de los campos. Et todos los regños de Syon, rrey de los amorreos q*ue* reyno en Esebon a q*ui*en mato Moyse*n e* a los pri*n*çipes de Madia*n* q*ue* tenje*n* co*n* Seo*n* et fuer*on* estos cinco: Raçen, Sut, Vr, Caur, cabdillos de Sion *e* morador*e*s de esa t*ie*rra. E a Bala*n*an, el adeujno, fijo de Beor, que mataro*n* los fijos de Ysrrael co*n* los ot*ro*s metiero*n* a espada *e* todo esto fue fasta el [58vI] rio Jordan *e* fue termjno ata rrio Jordan de esta su*er*te *e* pa*r*tiero*n*la todos entresy co*n* sus conpañas com*m*o era*n* los parentescos. A los de Gad ot*ro*sy con todos sus parient*e*s dio Moyse*n* q*ue* p*ar*tiesen entresy los t*e*rmjnos de Jayr *e* todas las çibdad*e*s de Galaar *e* la mjtad de la t*ie*rra de los fijos de Amon, asy com*m*o tieñe Siba *e* de Esebon fasta Adramoth et Marssis et Batayn et Manayn fasta los termjnos de Dabir, et en el val otrosy *e* Besfara*n e* Beneura *e* Socyth<...> both Sabfan *e* el otra p*a*rte q*ue* finca del reyno del rey Seon. Et ot*ro*sy fue el Jordan termjno desta suerte de los de Gad cont*ra* la orilla de la mar de Scenoroth tras el Jorda*n* contr*a* la p*ar*te de Oriente *e* esto todo co*n* sus aldeas *e* [58vII] sus villas. A la mjtad de los de Manases dio su p*ar*te Moysen *e* fue el comje*n*ço deste herdamj*ento* en Abenayn *e* toda t*ie*rra de Gasa*n e* todos los regnos de ese Oth rey de Basa*n* con todas las pueblas de Jayr q*ue* son en Baser çinq*ue*nta villas *e* castillos. Et la mjtad de Galaat *e* Afrarothe *e* Rrayn *e* todas las çibdad*e*s ot*ro*sy de ese rregno de og en Basa*n*. Et esto fue dado a la medja p*ar*te delos fijos de Matir segu*n*d los linajes q*ue* fuer*on* la mjtad de los de Manases *e* estas suert*e*s *e* estos eredamj*ento*s par*t*io Moysen en las co*m*pañas de Moebe allende el Jordan contra Jerico q*ue* yasie seu*n*d ellos estaua*n* fasta t*ie*rra de Oriente. Ot*ro*sy no*n* dio nada a los de Leuj ca Dios era la suerte destos *e* de los bien*e*s del santuario les mando q*ue* bjujesen pe*ro* [59rI] do q*ui*er q*ue* de la p*ar*tida de los ebreos fabraremos maguer q*ue* acaescen en algu*n*s lugar q*ue* lo no*n* digamos q*ue*

entendad*e*s todavia q*ue* ovier*on* p*er* su morada et p*er*a criança de sus ganados las quarenta çibdad*e*s q*ue* dixjmos en el libro Deluteronomino[592] q*ue* mando Dios a Moysen q*ue* les diese e*n* las suertes de los ot*ro*s ljnajes en lugares no*m*brados *e* conosçidos.

De los heredamj*ento*s de los lynajes de Ysrr*ae*l en Canan *e* de las razon*e*s de Calef a Josue

Esto q*ue* aq*ui* avemos contado tomaro*n* *e* heredaro*n* los fijos de Isrrael en t*ie*rra de Canaa*n* q*ue* les diero*n* Eleasa*r*, el saçerdote, *e* Josue, fijo de Nu*n*, q*ue* era*n* p*r*inçipes de las conpañas et pa*r*tiero*nge*lo todo por suertes conosçidas a los [59rII] nueue ljnajes *e* medio segu*n*d oyred*e*s adelant*e*. Ca ya dixjmos en los libros p*ri*me*r*os desta estoria q*ue* asy lo ma*n*dara Dios a Moysen. Et sabed q*ue* en lugar del de Leuj q*ue* heredaro*n* los dos fijos de Josepho, Cefrayn *e* Menases, segu*n*d dise Jeronjmo en este libro de Josue *e* en la Briuja. *E* todo el de Frayn finco en t*ie*rra de promjsio*n* *e* del de Menases la mitad allende el Jordan con el de Rrube*n* *e* el de Gat et la ot*ra* mjtad aq*ue*nd el Jorda*n* ot*ro*s nueue ljnajes *e* fuero*n* los de Menases el medio. Et estando avn la hueste en Galgala vjnjero*n* los de Juda a Josue et dixole Calef Ceneseo, fijo de Josbene: Tu sabes bien lo q*ue* dixo Dios de mj *e* de ti en Çades de Berne por barru*n*te a esta t*ie*rra[593] q*ue* la cates *e* la mesuras. Et yo fis q*ua*nto me el mando et escodryñe bie*n* la t*ie*rra toda [59vI] q*ue* lo no*n* dexe por mjedo de peligro q*ue* me y podiese acaesçer *e* torneme a el *e* contele q*ua*nto vi *e* pude entender q*ue* era *ver*dad. Et dixele cosas por q*ue* esforçase el pueblo *e* fuese tomar la tierra q*ue* Dios le daua q*ue* era tan buena. Et mjs conpañeros de los onse linajes q*ue* fuero*n* comjgo et dixero*n* desta t*ie*rra cosas por q*ue* desmayo todo el pueblo *e* se les q*ui*taua de los coraçone*s* el yr alla, et por todo eso yo no*n* dexe nu*n*ca de seruir mjo señor Dios *e* juro Moysen aq*ue*l dia q*ua*ndo me vio tan esforçado *e* q*ue* tan bie*n* yua yo enpos lo q*ue* Dios ma*n*daua *e* el *e* dixo estas palabras: La t*ie*rra q*ue* el tu pie pisare *e* andudiere sera tu heredamj*ento* *e* de tus fijos por sienpre porque no*n* fazes el mandado de tu [59vII] señor Dios et sobre esto aviendo ellos de morar en el desierto todos q*ua*ntos[594] de Ysrrael salier*on* de Egipto por fechos q*ue* fizier*on* *e* dixier*on* contra Dios

[592] del utero nomino
[593] Sobre a linha: mjra
[594] Sobre a linha: delos

asy com*m*o sabes tu q*ue* conteçio, prometiome el a mj q*ue* bjujria yo fasta en este dia *e* son oy q*ua*renta *e* çinco años de q*ua*ndo n*uest*ro señor Dios dixo esta palabra a Moysen andando el pueblo de Ysrrael por el desierto. Et cu*m*plo yo oy q*ue* nasçi ochenta *e* çinco años (...)

12.2. Fólios 69rI a 70vII

[69rI] (...) **De lo q*ue* q*ui*ere dar a entender este no*m*bre Jupiter *e* de la fuerça de su planeta *e* de su generaçion**

Pero con todas sus costu*m*bre*s* q*ui*ere desir en latin este su no*m*bre Jupiter tanto com*m*o juvane*s* pater, *e* juuane*s* [69rII] pate*r* en el lenguaje de Castilla com*m*o padre ayudant*e* *e* avn de otra gujsa, segu*n*t expone la Estoria de Troya en el p*rimer*o capitulo, Jupiter tanto q*ui*ere desir com*m*o adelantado de todos sus gentiles dioses *e* ot*ro*s por su sab*e*r. Et tanto era de sus gentiles ensalçado *e* puesto en gran onrra q*ue* establesçieron las gent*e*s entresy q*ue* del linage del tomasen p*ar*a todas las t*ie*rras rreys q*ue* reynasen sobr*e* ellos *e* avn llamaua*n* gent*e*s de dioses a todos los de sus linajes. Et avn asy com*m*o vos lo avemos ya contado ant*e* desto Jupiter, segu*n*d los Exponjmj*ento*s de Rramjro en la Briuja tanto q*ui*ere desir en el n*uest*ro lenguaje de Castilla como enemjgo apartant*e* o Señor apa*r*tador. Et en este lugar q*ue*remos [69 vI] vos mas depa*r*tir deste sab*e*r *e* de los obrador*e*s por ell com*m*o q*ui*er q*ue* la Estoria de Troya diga deste rey Jupiter com*m*o aved*e*s oydo q*ue* era om*n*e pecador *e* beuje en muchos pecados, *e* esto mayormen*te* en q*ua*nto es en rason de muger*e*s, p*er*o muy sabio rey fue *e* moy poderoso *e* fasedor de muchos nobles fechos, asy q*ue* los sabios estrelleros este nonbre pusiero*n* a la segu*n*da planeta. *E* es la planeta Jupiter asy com*m*o disen Tholomeo Almagest *e* los ot*ro*s sabios q*ue* fablaro*n* de las estrellas *e* de las planetas vna de las mas vengnas *e* bie*n* q*ue*ridas planetas q*ue* ha*n* en toda las ot*ra*s siete es Jupiter. Et q*ua*ndo vjene*n* en la ordenança de sus çercos de gujza q*ue* pueda ser estoruar la planeta de Jupiter los males *e* [69vII] *e* las asperesas de la planeta de Saturno, q*ue* es mas frio, *e* atenpla las de Mas, q*ue* es entresy brauo *e* malo ant*e* q*ui*en esta Jupiter en la ordenança de sus çercos deste rey Jupiter fallamos por los autor*e*s de los gentiles q*ue* entre fijos *e* fijas ovo mas de treynta q*ue* fuero*n* los q*ue* menos reys *e* reynas, et sobre esto llamados dioses *e* deosas de esos gentiles cada vno eñ sus cosas com*m*o Mercurio, q*ue* es ot*ro*sy vna de las siet*e* planetas, q*ue* le llamaron Dios de los tres saber*e*s del truujo *e* de fisica *e* de las mercadurias. Et a Pallas, fija de Jupiter, deesa de los q*ua*tro saber*e*s del q*ua*druujo *e* de batalla *e* de las oljuas *e* de toda la materia de filanderia *e* de texer *e* de labrar de aguja. *E* asy de los ot*ro*s *e* de las ot*ra*s fijas de Jupiter. Et entre los ot*ro*s fijos ovo ell rey [70rI] Jupiter estos

dos: a Jasio *e* a Dardano, mas a Jasio no*n* fallamos de q*ue* madre lo ovo, *e* a Dardano segu*n*d cue*n*ta el Libro de las Generaçione*s* de los Gentiles fizo le en Elinra, fija de Athlant*e,* rey de las <...> de Europa de Africa. Et vjno la generaçion del rey Athlant*e* desta gujsa asy com*m*o cuenta el Libro de las Generaçiones de los Gentiles. Demogergo*n*, a q*ui*en los gentiles toujero*n* por el p*ri*me*r*o om*n*e et ot*ro*sy el p*ri*me*r*o fizo a Thitano, ell gigant*e*. Et Titano a Japecto, et Japeto al rey Athalant*e*, ell rey Athalant*e* en Pleyone, fija de Oceano, a Electra otrosy. Aq*ue*l Demorgergon fizo a Orion, Orion al rey Çelio, ell rey Çelio al rey Saturno, ell rey Saturno al rey Jupiter en aq*ue*lla Elictra, fija del rey Athla*n*te com*m*o es dicho, fizo a Dar[70rII]dano *e* este Dardano fue ell p*ri*me*r*o q*ue* poblo a Troya.

De como la çibdad de Troya ouo p*ri*meramente no*m*bre Dardanja

Dardano *e* Jasio amos hermanos salier*on* de Greçia en vno *e* vjno S[rasurado] Jasio a t*ie*rra de Troya *e* Dardano a Africa. Et rregno allj este Dardano p*ri*me*r*o q*ue* ot*ro* onbre *e* por faser puebla que fues cabeça de su rreyno la q*ue* no*n* avie avn entonçes cato por toda aq*ue*lla t*ie*rra el mas apoderado lugar de fortalesa p*or*a defenderse de enemygos, otrosy mejor de heredad*es* *e* de rrios *e* de mont*es* *e* de todas las otras cosas por do fuese la puebla fuerte *e* noble *e* abondada. Et vino avn lugar q*ue* dezien Frigia por ser nonbre señalado maguer q*ue* a toda aq*ue*lla t*ie*rra dizien asy et asy com*m*o cuenta [70vI] de Troya este nonbr*e* Frigia fue tomado de vna fija de la reyna Europa a q*ui*en dixero*n* ot*ro*sy Frigida. Et departe la estoria aq*ui* de los lugar*es* de aq*ue*lla t*ie*rra de esta gujsa *e* diz q*ue* toda aq*ue*lla t*ie*rra avie no*m*bre Troya *e* Frigia q*ue* era vna p*ro*ujnçia della, *e* q*ue* fuero*n* dos las Frigias, *e* al vna llamaro*n* Frigia la Mayor *e* al otra Frigia la Menor. Et cuenta q*ue* en Frigia la Mayor fue la çibdad a q*ue* dixero*n* Smirna en q*ue* era vna de las mayor*es* siete ygli*es*as de *crist*ianos de q*ue* fabla sant*o* Jua*n* Euangelista en el Apocalius[595]. Et en Frigia la Menor fue ell otro castjllo *e* çibdad a q*ue* llamaro*n* Yljo *e* era ell mas fuerte lugar de toda aq*ue*lla t*ie*rra *e* mejor de heredad*e* *e* mas abondado de las cosas. Et allj poblo Da*r*da[70vII]no la çibdad q*ue* q*ue*rie p*ar*a cabeça de su reyno *e* de su no*m*bre llamola Dardanja *e* este fue el p*ri*me*r*o no*m*bre q*ue* la çibdad de Troya ovo asy com*m*o cuenta*n* las estorias. Et desta çibdad *e* de los sus fechos vos avremos a fablar mucho en esta estoria (...).

[595] a pocalius

13. Transcrições do manuscrito RBME Y-III-13 (M)

13.1. Fólio 33rI a 34rI

[33rI] (...) los t*er*mjnos d*e* la sue*r*te q*ue* los de Rruben ovier*on* fueron estos q*ue* les dios Moysen: de Arno *e* de la rribera de Aron *e* de medio dia del val de Searno*n* e todo el llano asi com*m*o van e Dava e a Sebon *e* todas las aldeas dellas q*ue* son en las canpiññas de Edibon, e Bamedbal, el castillo de Val Me*no*n e Gessa e Çermoch [33rII] e Mephe e Cariatia*n*n e Sabama e Sarathaphar en *e*l monte del val de Besetheorech e Asedoch e Fasta et Bethiaysimoth *e* todas las cibdad*e*s de los canpos e todos los rreynos de Seon, rey de los amorreos q*ue* rreyno en Esebon, a q*ui*en mato Moysen, a los p*ri*nçipes de Madia*n* q*ue* tenia*n* co*n* Seon *e* fuero*n* estos: Eueo, Rraçen, Sur, Ur *e* Rr*e*ra. E a Balaam, el adeujno, fijo de Beor q*ue* matar*on* los fijos de Ysrl con los otros q*ue* metiero*n* a espada *e* todo esto fue fasta el rrio Jorda*n* e fue termjno el rrio Jordan desa sue*r*te de los de Rruben. *E* pa*r*tiero*n*la todos ent*re* si por sus conpañas com*m*o era*n* los parestescos e a los de Gad ot*ro*sy con todos sus parientes dio Moysen q*ue* pa*r*tiessen entre si los t*er*mjnos de Jaz*er* e todas las çibdad*e*s de Galaad e la meatad de la t*ie*rra de los fijos de Amo*n* asy com*m*o tiene fasta Rraba. E de Esebon fasta Adramoth *e* Amasfeth e a Batay e a Manay fasta los t*er*minos de Dabir e n*e*l val ot*ro*sy Betaram e Benaba*r* e Ssocoth e Saphan. El otra p*ar*te q*ue* fincaua del rreyno del rrey Seon ot*ro*sy fue el Jordan t*er*mino desta sue*r*te de los de Gad contra la oriella del ma*r* de Çemeroth tras el Jorda*n* contra la p*ar*te de Orente. Esto todo co*n* sus çibdad*e*s e co*n* sus villas a la meatad de los de Manases dio ot*ro*sy su p*ar*te Moysen e fue el [33vI] comjenço deste eredamje*n*to en Amjnay *e* touo toda Basaam *e* todos los rreynos de Saog rrey de Basa*n*a*n* con todas las pueblas de Jayr q*ue* son en Basaa*n*[596], çinq*uen*ta villas *e* castillos e la meatad de Galad e Astaroth e Rayna e todas las çibdad*e*s ot*ro*sy dese reyno de Og en Baasan. Esto fue dado a la media p*ar*te de los fijos de Machir segud los lignajes q*ue* fuero*n* la meatad de los de Manases. E estas sue*r*tes e estos h*ere*damje*n*tos p*rome*tio Moysen en las canpanas de Moab allende el Jordan contra Gerico q*ue* yasia segu*n*d ellos estaua*n* faza t*ie*rra de Oriente. E otrosi no*n* dio nada a los de Leuj q*ue* Dios era la sue*r*te destos e de los biene*s* del s*an*tuario les ma*n*do q*ue* biujesen p*er*o o q*ui*er <...> de la p*ar*tida de los ebreos

[596] basãã

fablare mos maguer q*ue* lo no*n* digamos y q*ue* entendade*s* todavia q*ue* oujero*n* p*ar*a su morada *e* p*ar*a criança de sus ganados las q*ua*renta çibdade*s* q*ue* dixemos en *e*l libro Deuteronomjo[597] q*ue* mando Dios a Moysen q*ue* les diesse *e* las sue*rt*e*s* de los otros lignajes en lugar*e*s no*m*brados e conosçidos.

De los h*erd*amje*n*tos de los lignajes de Ysr*ae*l en Cana*nan* *e* de las rrazone*s* de Caleph a Josue[598]

<...>sto q*ue* aquj auemos contado tomaro*n* e eredaron los fijos de Ysr*ae*l en [33vII] t*ie*rra de Cana*nan* la que les diero*n* Elleaza*r*, el saçe*r*dote, e Josue, fijo de Num, q*ue* era*n* p*rin*çipes de las conpanas *e* pa*r*tiero*n*gelo todo por sue*rt*e*s* conosçidas a los nueve lignajes e medio segu*n*d aured*e*s adelant*e*, ca ya dixemos en los libros p*rim*e*r*os desta estoria q*ue* asi lo mandara Dios a Moysen. E sabed q*ue* en lug*ar* del lignaje de Joseph en *e*l lug*ar* del de Leuj q*ue* er*ed*aro*n* los dos fijos de Josep, Frrayn e Manases, asy com*m*o dize Geronjmo en este libro de Josue en la Briuja. E todo el de Ffray finco en t*ie*rra de p*ro*mjsio*n* y, e del de Manases la meatad de allende el Jorda*n* co*n* el de Rruben *e* el de Gad. E e*n* la otra meatad aq*ue*nde el Jordan con los otros nueue lignajes y *e* fuero*n* los de Manases en medio. Estando avn la hueste Galgala vinjero*n* los de Judas a Josue e dixol Caleph Çenesçeo, fijo de Jephone: Tu sabes bie*n* lo q*ue* dixo Dios de mj e de ti en Cades de Ba*r*nes a Moysen, q*ue* era om*n*e de Dios com*m*o tu sabes. Era yo de q*ua*renta años q*ua*ndo Moysen era *ser*ujent*e* de Dios e me enbio dese lugar de Cad*e*s de Ba*r*nes por varu*nt*e a esta t*ie*rra q*ue* la catase e la mesurase. E yo fize q*ua*nto me el mando, escodrine bie*n* toda la t*ie*rra y q*ue* la no*n* dexe por mjedo de peligro q*ue* me y pudiese acaesçer. E to*r*neme a el *e* cont*e*l q*ua*nto vi *e* pude entender [34rI] e era *ver*dad. E dixo cosas por que esforçase el pueblo y *e* fuese toma*r* la t*ie*rra q*ue* Dios le daua q*ue* era buena. E mjos conpaneros de los otros onçe lignajes q*ue* fuero*n* comjgo y dixiero*n* desa t*ie*rra por q*ue* desmayo todo el pueblo e de se les tallo de los cora corazone*s* p*ar*a yr alla. E por todo esto yo no*n* dexe nu*n*ca de segujr mio señor Dios. E juro Moysen aq*ue*l dia q*ua*ndo me vio ta*n* esforçado q*ue* tan bie*n* yua yo enpos lo q*ue* Dios mandaua *e* el. E dixo estas palabras: La t*ie*rra q*ue*l tu pie andare e pisare sera tu h*ere*damje*n*to *e* de tus fijos

[597] de u tero nomjo

[598] Outra mão: cº xjjjj d*e*l cap*itul*o xluij d*e*la estoria

por sienp*re* porq*ue* fazes el mandado del tu señor Dios. E sob*r*e esto aujendo ellos de morir en *e*l desye*r*to todos q*ua*ntos de los de Ysr*ae*l salier*on* de Egipto y por fechos q*ue* dixiero*n e* fiziero*n* contra Dios asi com*m*o tu sabes q*ue* contesçio y p*ro*metiome el a mj q*ue* biujria yo fasta este dia. E son oy q*ua*renta e çinco años de q*ua*ndo n*ues*tro señor Dios dixo esta palabra a Moysen andando con *e*l pueblo de Ysr*ae*l por el desye*r*to. E cu*m*plo yo oy q*ue* nasci ochenta e çinco años (...)

13.2. Fólios 40rI a 41r1I

[40rI] (...) **De lo q*ue* q*ui*ere dar a entender este nom*e* Jupiter *e* de la fuerça de la su planeta *e* de su generaçio*n***[599]

[40rII] Pero con todas estas sus costubr*e*s q*ui*ere dezjr en latin este su no*m*br*e* Jupit*er* y tanto com*m*o juuan*e*s pater, *e* juuans pater en *e*l lenguaje de Castilla tanto com*m*o padre ayudante. E avn de otra g*ui*sa segu*n*d espone la Estoria de Troya en *e*l p*ri*m*e*ro capitulo, Jupit*er* tanto q*ui*ere dezir com*m*o adelantado de todos sus gentil*e*s dioses *e* otros por su saber. E tanto era de su gent*e*s ensalçado y puesto en grande honrra q*ue* establesçiero*n* las gent*e*s ent*re*si q*ue* del linaje del tomasen p*ar*a todas las t*ie*rras rrey*e*s q*ue* reynasen sobr*e* ellos y avn llama*n* gent*e* de dioses a todos los de su lignaje. E avn asi com*m*o vos lo auemos ya contado ant*e* desto Jupit*er* segu*n*d los Esponjmj*ento*s de Rramjro en la p Briuja tanto q*ui*er mostrar en *e*l n*ue*stro lenguaje de Castilla com*m*o enemjgo apa*rta*nte o señor apa*r*tador. En este luga*r* q*ue*remos vos depa*r*tir mas deste saber *e* de los obrador*e*s por el. E com*m*o q*ui*er q*ue* la Estoria de Trroya diga deste rrey Jupit*er* com*m*o aued*e*s oydo q*ue* era om*n*e pecador *e* buje en muchos peccados esto mayorme*n*te q*ua*nto es en rrazon de muger*e*s, p*er*o muy sabio rrey fue *e* moy poderoso *e* fazedor de muchos nobles fechos, [40vI] asi q*ue* los sabios estrelleros este no*m*br*e* pusiero*n* a la segu*n*da planeta. E es la planeta Jupiter ansi com*m*o dizen Ptholomeo en *e*l Almagest *e* los otros sabios q*ue* fablaro*n de* las estrellas *e* de las planetas vna d*e* las mas benjgnas *e* mas bie*n* q*ue*ridas planetas q*ue* ha en todas las siete es Jupit*er*. E q*ua*ndo viene*n* en la ordena*n*ça de sus çercos de g*ui*sa q*ue* pueda ser, estorua la planeta de Jupiter los males *e* las asperezas de la planeta de Saturno, q*ue* es mal *que*rido, e atje*m*pra la de Mars, q*ue* es ot*ro*si brauo *e* malo, entre q*ui*en esta Jupit*er* en la ordena*n*ça de sus çercos. Deste rey Jupit*er* fallamos por los auctor*e*s de los gentil*e*s q*ue* entre fijos *e* fijas ouo mas de ve*n*yte[600] tre ynta q*ue* fuero*n* todos los q*ue* menos rrey*e*s *e* rreynas *e* sobresso llamados dioses *e* deesas de sus gentil*e*s, cada vna en s*us* cosas. Com*m*o Mercurio q*ue* es vna ot*ro*si de las siete planetas q*ue*l llamaro*n* Dios de los tres saber*e*s del triuio *e* de fisica e de las mercaduras, e a Pallas, fija de Jupiter, deessa de los

[599] Outra mão: cº luiij dela estoria – outra mão
[600] Rasurado

q*ua*tro saber*e*s del q*ua*druuio e de batalla *e* de las oliuas *e* de toda la nat*ur*a de filanderia *e* de texer *e* de labrar de aguja. E asi d*e* los ot*ro*s *e* de las otras fijas de Jupit*er* e ent*re* los ot*ro*s fijos ouo el rrey Jupiter estos dos: a Jasio e a Dardanjo. Mas de Jasio no*n* fallamos de q*ue* madre lo ouo y a Dardano, segu*n*d cue*n*ta el Libro de las Generaçione*s* d*e* los Ge*n*t*i*le*s* [40vII] fizol en Electra, fija de Athlant, rrey de los Oçidente*s* de Europa e de Africa. E una la gen*er*aç*io*n del rrey Athlant desta g*ui*sa ansi com*m*o cue*n*ta el Libro de las Generaçione*s* de los Gentil*e*s: Demogergo*n*, a q*ui*en los gentiles toujero*n* por el p*ri*mer om*n*e *e* otrosi el primero de sus dioses, fizo a Thitano, el giga*n*t. Thitano a Japeto, Japeto al rey Athlant, ell rrey Athlant en Pleyone, fija de Oçeano a Electra. Otrosi aq*ue*l Demogergo*n* fizo a Orio*n*, Orio*n* al rrey Çelio, el rrey Celio al rrey Saturno, el rrey Saturno al rrey Jupiter, el rrey Jupit*er* en aq*ue*lla Eletra, fija del rrey Athlant com*m*o es dicho fizo a Dardano. E este Dardano fue el prim*er*o q*ue* poblo a Troya agora contarvos d*e* la puebla de Troya.

De com*m*o la cibdad de Troya ouo p*ri*m*er*amente no*m*br*e* Dardanja[601]

Dardano *e* Jasio amos h*e*rmanos salier*on* de Greçia en vno, *e* bjno Jasio a t*ie*rra de Traçia e Dardano a Frigia. E rregno alli este Dardano p*ri*mero q*ue* otro om*n*e. E por fazer puebla q*ue* fuese cabeça de su regno la q*ue* no*n* auje y avn estonçes cato por toda aq*ue*lla t*ie*rra el mas apoderado lugar de fortaleza p*ar*a defenderse de enemjgos *e* otrosi mejor [41rI] de heredades *e* de rrios *e* de mont*e*s e de las otras cosas por do la puebla fuese fuerte *e* noble *e* abondada. El vino avn lugar q*ue* dizen Frigia por su no*m*bre sseñalado maguer q*ue* toda aq*ue*lla t*ie*rra dizia*n* ansi. E ansi com*m*o cue*n*ta la Estoria de Troya este no*m*br*e* Figia fue tomado de vna fija d*e* la rreyna Europa a q*ui*en dixero*n* otrosi Frigia. E departe la estoria aq*ui* de los lugar*e*s de aq*ue*lla t*ie*rra auje no*m*bre Troya *e* Frigia q*ue* era vna p*ro*uinçia della *e* q*ue* fuero*n* dos las Frigias. E a la vna llamaro*n* Frigi*a* la Mayor *e* a la ot*ra* Frigia la Menor. E cue*n*ta q*ue* en Frigia la Mayor fue la çibdad q*ue* dixiero*n* Sjmrna en q*ue* era la vn*a* de las mayor*e*s siete igl*es*ias de *cris*tian*is*mo de q*ue* fabla sant*o* Jua*n* Eua*n*gelista en *e*l libro Apocalipsi. E en Frigia la Menor fue el otro castillo *e* cibdat a q*ue* llamaro*n* Ylio. E era el mas fuerte lugar de toda aq*ue*lla t*ie*rra e mejor de heredad*e*s *e*

[601] Título a vermelho e numeração de capítulo por outra mão pouco legível.

mas abondada de las cosas. Ca alli poblo Dardano la çibdat q*ue* q*ue*rie p*ar*a cabeça de su rregno *e* del su no*m*bre llamola Dardanja. E este fue el p*ri*mero no*m*bre q*ue* la çibdat de Troy*a* ouo a*n*nsi com*m*o cue*n*ta*n* las estorias. E desta çibdat *e* d*e* los sus fechos vos avremos a fablar mucho en *e*sta estoria(...).

14. Transcrições do manuscrito RBME O.I.11 (N)

14.1. Fólios 30v a 31v

[30v] (...) los termjnos de la suerte q*ue* los de Ruben oujeron fueron estos q*ue* les dio Moysen de Arçer de la ripera de Arnon *e* de medio dia del val de Searnon et todo el llano a si com*m*o va a Medaua *e* a Esebon *e* todas las aldeas dellas q*ue* son en las canpjnas de Adibon et Uametbaal et el castillo de Baalmeon *e* Gesa et Çerimot *e* Mesa *e* Cariathiarin *e* Sabama *e* Sarafar en el monte del val de Becheroed *e* a Sedor *e* a Sasta *e* Becaysimot e todas las çibdades de los canpos *e* todos los reynos de Seon rey de los amorreos q*ue* reyno en Esebon, aq*ui*en mato Moysen *e* a los prinçipes de Madia q*ue* tenjen con Seon *e* moradores de esa tierra. Et a Balaan, el adeujno, fijo de Beor q*ue* mataron los fijos de Ysrael con los otros q*ue* metieron a espada *e* todo esto fue fasta el rio Jordan. Et fue termjno el rio Jordan de esa suerte de los de Ruben *e* partieronla todos entresi por sus conpañas com*m*o eran los parentescos. Et a los de Gad otrosy con todos sus parientes dio Moysen q*ue* partiesen entresi los termjnos de Jasen *e* todas las çibdades de Galad et la meytad de la tierra de los fijos de Amon asi com*m*o tiene fasta Raba *e* de Esebon fasta Adramot Et <...>fa *e* Batayn *e* Manayn fasta los termjnos de Dabir et en el val otro s<...>faran et Benenar et Sacor et Safan et el otra parte q*ue* fincaua [31r] del reyno del rey Seon. Otrosi fue el Jordan termjno desta suerte de los de Gad contra la orilla de la mar de Setenerot tras el Jordan contra la parte de Oriente, et esto todo con sus çibdades *e* con sus villas. Et a la meytad de los de Manases dio otrosi su parte Moysen *e* fue el comjenço deste heredamjento en Amjnayn *e* touo toda Basan *e* todos los reynos dese Og, rey de Basan, con todas las pueblas de Jayr q*ue* son en Baasan, çinq*ue*nta villas *e* castillos *e* la meytad de Galaad et Astarot et Rayn *e* todas las otras çibdades otrosi de ese reyno de Og en Baasan. Et esto fue dado a la media parte de los fijos de Machir segunt los linages q*ue* fueron la meytad de los de Manases. Et estas suertes *e* estos eredamjentos partio Moysen en las conpañas de Moab allende del Jordan contra Gerico q*ue* yazie segunt ellos estauan fazia tierra de Oriente. Et otrosi non dio nada a los de Leui, ca Dios era la suerte destos *e* de los bienes del santuario les mando q*ue* bisq*ui*esen, pero do q*ui*er q*ue* de la parada de los ebreos fablaremos, maguer q*ue* acaezar en algunt lugar q*ue* lo non digamos, q*ue* entendades todavia q*ue* oujeron para su morada *e* para

criança de sus ganados las q*ua*renta çibdades q*ue* dexjmos en el libro Deuteronomjo q*ue* mando Dios a Moysen q*ue* les diese en las suertes de los otros linages en lugares nonbrados *e* co<...>çidos.

Esto q*ue* aq*ui* auemos contado tomaron *e* heredaron los fijos de Ysrael en tierra de Canaan q*ue* les dieron Eleazar, el saçerdote, *e* Josue, fijo de Nun, q*ue* eran prinçipes de las conpañas *e* partierongelo todo por suertes conoçidas a los nueue linages *e* medio segunt oyredes adelante, ca ya dexjmos en los libros primeros desta estoria q*ue* asi lo mandara Dios a Moysen, et sabed q*ue* en lugar del linage de Josefo *e* en lugar del de Leuj q*ue* eredaron los dos fijos de Josefo, Effrayn *e* Manases, asi com*m*o dize Geronjmo en este libro de Josue en la Briuya. Et todo lo de Effrayn finco en tierra de promision *e* de lo de Manases la meatad allende del Jordan con el de Ruben *e* el de Gad et la otra meytad aq*ue*nde del Jordan con los otros nueue linages. Et fueron los de Judas a Josue *e* dixole Calefo Ceneseo, fijo de Gefene: Tu sabes bien lo q*ue* dixo Dios de mj *e* de ty en Cades de Barne a Moysen q*ue* era om*n*e de Dios com*m*o tu sabes. Et era yo de q*ua*renta años q*ua*ndo Moysen, serujente de Dios, me enbio dese lugar de Cades de Barne por barrunte a esta tierra q*ue* la catase *e* la mesurase et yo fize q*ua*nto me el mando *e* escodriñe bien toda la tierra q*ue* lo non dexe por mjedo de peligro q*ue* me y pudiese acaesçer. Et torneme a el *e* contele q*ua*nto vy *e* pude entender q*ue* era berdat *e* dixe cosas por q*ue* esforçase el pueblo *e* fuese a tomar la tierra q*ue* Dios le daua q*ue* era tan buena. Et mjos conpañeros de los otros onze linages q*ue* fueron [31v] comigo *e* dixieron desa tierra cosas por q*ue* desmayo todo el pueblo *e* se les tollio de los coraçones para yr alla *e* por todo eso yo non dexe nunca de seguir mio señor Dios *e* juro Moysen aq*ue*l dia q*ua*ndo me vio tan esforçado *e* q*ue* tan bien yua yo enpos lo q*ue* Dios mandaua *e* el dixo estas palauras: La tierra q*ue* el tu pie andare *e* pisare sera tu heredamjento *e* de tus fijos por sienpre porq*ue* fazes el mandado de tu señor Dios. Et sobreso, aujendo ellos de morir en el desierto todos q*ua*ntos de los de Ysrael salieron de Egipto por fechos q*ue* dixieron *e* fizieron contra Dios, asi com*m*o sabes tu q*ue* conteçio, prometiome el a mj q*ue* bjuria yo fasta en este dia *e* son oy q*ua*renta *e* çinco años de q*ua*ndo n*uest*ro señor dixo esta palaura a moysen andando el pueblo de Ysrael por el desierto *e* cunplo yo oy q*ue* nasçi ochenta *e* cinco años (...)

14.2. Fólios 36v a 37v

[36v] <...>ero con todas estas sus costunbres q*ui*ere dezir en latin este su nonbre Jupiter tanto com*m*o juvanes pater, *e* juuanes pater en el lenguage de Castilla tanto com*m*o padre ajudant. Et avn de otra guisa segunt espone la Estoria de Troya en el primero capitulo, Jupiter tanto q*ui*ere dezir como adelantado de todos sus gentiles dioses. Et otros por su saber *e* tanto era de sus gentes ensalçado *e* puesto en grand onrra q*ue* estableçieron las gentes entresi q*ue* del linage del tomasen para todas las tierras reyes q*ue* reynasen sobrellos. E avn llamauan gente de dioses a todos los del su linage. Et avn asi com*m*o vos lo auemos ya contado ante desto Jupiter segunt los Esponjmjentos de Ramjro en la Briuja tanto q*ui*ere dezir en el n*uest*ro lenguage de Castilla com*m*o enemjgo apartante o señor apartador. E en este lugar q*ue*remos vos departir mas deste saber *e* de los obradores por el com*m*o q*ui*er q*ue* la Estoria de Troya diga deste rey Jupiter com*m*o auedes oydo q*ue* era om*n*e pecador *e* beuje en munchos pecados, et esto mayormjente en q*ua*nto es en razon de mugeres, pero muy sabio rey fue *e* muy poderoso *e* fazedor de munchos nobles fechos, asi q*ue* los sabios q*ue* fablaron de las estrellas *e* de las planetas vna delas mas benjgnas *e* mas bien q*ue*rias planetas q*ue* a en todas las siete es Jupiter. Et q*ua*ndo venien en la ordenança de sus çercos de guisa q*ue* pueda ser estora la planeta de Jupiter e los males e las asperezas de la planeta de Saturno, q*ue* es mal q*ue*rio, *e* atiepra las de Mays, q*ue* es otrosi brauo *e* malo entre q*ui*en esta Jupiter en la ordenança de sus çercos. *E* deste rey Jupiter fallamos por los abtores de los gentiles q*ue* entre fiios *e* fiias [37r] ouo mas de treynta q*ue* fueron todos los q*ue* menos reyes *e* reynas *e* sobre eso llamados dioses *e* deesas de esos gentiles cada vno en sus cosas, com*m*o Mercurio, q*ue* es otrosi vna delas siete planetas q*ue* le llamaron dios de los tres saberes del truuio *e* de fisica *e* de las mercadurias, et a Pallas, fiia de Jupiter, deesa de los q*ua*tro saberes del q*ua*druujo *e* de batallas *e* de las oliuas *e* de toda la natura de filanderia *e* de texer *e* de labrar de aguja. Et asi de los otros *e* de las otras fiias de Jupiter. Et entre los otros fiios ouo el rey Jupiter estos dos: a Jasio *e* a Dardano. Mas de Jasio non fallamos en q*ue* madre lo ovo. Et a Dardano, segunt cuenta el Libro de las Generaçiones de los Gentiles, fizolo en Eletra, fiia de Atalant, rey de los Ocidentes de Europa *e* de Africa. Et vino la generaçion del rey Atalante desta guisa asi com*m*o cuenta el Libro de las Generaçiones de los Gentiles, Demagorgon, a q*ui*en los

gentiles toujeron por el primero om*n*e *e* otrosi el primero de sus dioses fizo a Titano, el gigante, et Titano a Gepeto, et Japeto al rey Atalante, et el rey Atalante a en Pleyone, fiia de Oueano, et a Eletra. E otrosi aq*ue*l Demorgon fizo a Orion *e* Orion al rey Çelio et el rey Çelio al rey Saturno et el rey Saturno al rey Jupiter et el rey Jupiter en aq*ue*lla Eletra, fiia del rey Atalante com*m*o es dicho fizo a Dardano. Et este Dardano fue el primero q*ue* poblo a Troya. Et agora contar vos hemos de la puebla de Troya.

<...>ardano *e* Jasio amos h*er*manos salieron de Greçia en bno. Et bino Jasio a tierra de Troya *e* Dardano a Africa. Et reyno alli este Dardano primero q*ue* otro om*n*e *e* por fazer puebla q*ue* fuese cabeça de su reyno la q*ue* non auja y abn estonçes cato toda aq*ue*lla tierra el mas apoderado lugar de fortaleza para defenderse de enemjgos. Et otrosi mejor de heredades *e* de fios *e* de montes *e* de las otras cosas por do la puebla fuese fuerte *e* noble *e* abondada *e* vino abn lugar q*ue* dizen asi. Et asi com*m*o cuenta la Estoria de Troya este nonbre Frigia fue tomado de vna fiia de la reyna Europa a q*ui*en dixeron otrosi Frigia. Et departe la estoria aq*ui* de los lugares de aq*ue*lla tierra desta guisa. Et diz q*ue* toda aq*ue*lla tierra auja nonbre Troya *e* Frigia q*ue* era vna proujnçia della, *e* q*ue* fueron dos las Frigias. Et a la vna llamaron Frigia la Mayor et a la otra Frigia la Menor. Et cuenta q*ue* en Frigia la Mayor fue la çibdat a q*ue* dixeron Smirna en q*ue* era la vna de las mayores siete eglesas de *cri*stianismo de q*ue* fabla sant Joha*n* Euangelista en el libro Pocalipso. *E* en Frigia la Menor fue el otro castillo *e* çibdad a q*ue* llamaron Ylio. Et era el mas fuerte lugar de toda aq*ue*lla tierra *e* mejor de eredades *e* mas [37v] abondida de las cosas. Et alli poblo Dardano la çibdat q*ue* q*ue*rie para cabeça de su reyno *e* del su nonbre llamola Dardania. Et este fue el primero nonbre q*ue* la çibdat de Troya ouo asi com*m*o cuentan las estorias. Et desta çibdat *e* de los sus fechos vos avremos a fablar muncho en esta estoria (...)

15. Transcrições do manuscrito RBME Y-I-7 (φ)

15.1. Fólios 35rI a 36rI

[35rI] (...) los termjnos de la suerte que los de Rruben ovieron fuero*n* estos que les dio Moysen: de Arçer de la ripera de Arno*n* y de medio dia del val de Searno*n* y todo el llano asy como va a Medaua y a Esebon y todas las aldeas della q*ue* son en las campiñas de Ydibon y Maabvaal y el castillo de Baalmeo*n* [35rII] Gesaçerimoth y Meriepe y Cariantari*n* Sabaan y Sarach faz en el monte del val de Betere y Asidoch fasta Ebeth y Asimoth y todas las çibdades de los canpos y todos los reynos de Sion, rey de los amorreos, que reyno en Esebon, a quje*n* mato Moysen y a los prinçipes de Madian q*ue* tenjen con Sion y fuero*n* estos: Eueo, Raçen, Sur, Vr, Ane, cabdillos de Sion y moradores de esa t*ie*rra. Ca Balaan, el el adeujno, fijo de Beor q*ue* mataro*n* los fijos de Isrrael co*n* los ot*ro*s que metiero*n* a espada y todo esto fue fasta el rrio Jordan, e fue termjno el rrio Jordan de esa suerte y partiero*n*la todos entresy co*n* sus conpañas como era*n* los parentescos. E a los de Gaad otrosy co*n* todos sus parientes dio Moysen que partiesen entresy los termjnos de Jayr y todas las çibdades de Galaar y la meytad de la t*ie*rra de los fijos de Amon asy como tiene Saba y de Esebon fasta Adramoch y Massur y Lucayn y Manayn fasta los termjnos de Dabjr y en el val otrosy y Bedfaran y Becura y Soth y Hoth y Sabfan y la otra parte q*ue* finca del reyno de Sion. E otrosy fue el Jordan termjno desta suerte de los de Gaad contra la orilla del mar de Sereneroth tras el Jordan contra la parte de Oriente y esto todo con sus aldeas y sus vjllas. E a la meytad de los Manases dio su parte Moysen y fue el comjenço deste heredamjento en Abenayn, rreynos de Eseon, rey de Basan, con todas las pueblas de Jayr q*ue* son [35vI] en Basan çinquenta vjllas y castillos y la meytad de Galaad y Astaroth y Galayn y todas las çibdades ot*ro*sy de ese rreyno de Og en Basan. Y esto fue dado a la media parte de los fijos de Machir segunt*e* los ljnajes q*ue* fuero*n* la meytad de los de Manases. E estas suertes y estos heredamje*n*tos partio Moysen en las conpañas de Mode allende el Jordan contra Gerico q*ue* yaze segunt*e* ellos estauan fasja tierra de Oriente. Otrosy no*n* dio nada a los de Leuj ca Dios era la suert*e* destos y de los bjenes del santuario les mando que bivjesen por do quier que de la partida de los ebreos fablaremos maguer que aca este*n* en algunt*e* logar que lo no*n* digamos que entendades todavja q*ue*

ovjero*n* para su morada y para criança de sus ganados las quarenta çibdades que dixjmos en el libro Vteronomjo q*ue* mando Dios a Moysen que les diese en las suertes de los otros ljna ges en logares no*m*brados y conosçidos.

De los heredamjentos de los linajes de Isr*ae*l en Canaa

Esto que aquj avemos co*n*tado tomaron y heredaro*n* los fijos de Isrrael en t*ie*rra de Canaan q*ue* les dieron Eleazar, el saçerdote, y Josue, fijo de Nu*n*, que era*n* prinçipes de las conpañas y partierongelo todo por suertes conosçidas a los nueue linages y medio segu*n*t oy redes adelante. Ca ya dixjmos en los libros primeros desta ystoria q*ue* asy lo mandara Dios a Moysen. E sabed q*ue* en logar del ljnaje de Josep y en logar del de Leuj que heredaro*n* los dos fijos de Josep, Efrayn y Manases, segu*n*t dize Geronjmo en este libro de Josue y en la Briuja. [35vII] E todo el de Efrayn finco en la t*ie*rra de promjsjon y del de Manases la meytad allende el Jordan co*n* el de Ruben, y el de Gad y la otra meytad aquende el Jordan con los otros nueue linages y fuero*n* los de Manases el medio. E estando avn la hueste en Galgala, vinjero*n* los de Juda a Josue y dixole Calef Cheneseo, fijo de Jofbene: Tu sabes bje*n* lo q*ue* dixo Dios de mj y de ty en Cades de Berna por barrunte a esta t*ie*rra, mjra q*ue* la cat*e*s y la mesures. E yo fize qua*n*to me el mando y escudriñe bjen la t*ie*rra toda q*ue* lo no*n* dexe por mjedo de cosa q*ue* me y podiese acaesçer. E torneme a el y contele q*ua*nto vj y pude entender q*ue* era berdat y dixele cosas por que esforçase el pueblo y fuese tomar la t*ie*rra q*ue* Dios le daua que era tan buena. E mjs conpañeros de los onze ljnajes q*ue* fuero*n* comjgo y dixieron desta tierra cosas por que desmayo todo el pueblo y se les qujtaua de los coraçones el yr alla y por todo eso yo no*n* dexe nunca de segujr mj señor Dios. E juro Moysen aquel dia quando me vjo tan esforçado y que ta*n* bjen yua yo enpos lo que Dios mandaua y el y dixo estas palabras: la t*ie*rra que el tu pie pisare y andudiere sera tu heredamje*n*to y de tus fijos por syenpre porque fases el mandado de tu señor Dios. E sobre esto avjendo ellos de morir todos quantos de los de Isrrael salieron de Egipto por fechos que fisjeron y dixiero*n* contra Dios, asy como sabes tu que contesçio prometiome el a mj q*ue* biujria yo fasta [36rI] en este dia y son oy quarenta y çinco años de quando n*ues*tro señor Dios dixo esta palabra a Moysen, andando el pueblo de Isrrael por el desierto. E cunplo yo oy q*ue* nasçi ochenta y çinco años (...)

15.2. Fólios 40vI a 41vI

[40vI] (...) **De lo q*ue* quiere dar a entender este nonbre Jupiter y de la fuerça de su planeta y de la su gen*er*açion**

[40vII] Pero con todas sus costu*m*bres qujere desjr en latin este su nonbre Jupiter tanto como juvanes pater y en el lenguaje de Castilla como padre ayudante y avn de otra guisa segunt*e* espone la Ystoria de Troya en el primero capitulo Jupiter tanto q*ui*ere desir como adelantado de todos sus ge*n*tiles y de los otros dioses por su saber. E tanto era de sus gentiles ensalçado y puesto en gra*n*t ho*n*rra que establesçieron las gentes entresy q*ue* del linaje del tomase*n* para todas las t*ie*rras reyes que reynasen sobre ellos e avn llamaua*n* gentes de dioses a todos los de su linaje e avn asy como vos lo avemos ya contado ante desto Jupiter segunt*e* los Esponimjentos de Rramjro en la Briuja tanto qujere desir en el n*uest*ro le*n*guaje de Castilla como enemjgo apartante o señor apartador. E en este logar queremos vos mas departir deste saber y de los obradores por el. Como qujer q*ue* la ystoria de Troya diga deste rey Jupiter como avedes oydo que era onbre pecador y biuje en muchos pecados, y esto mayormente en quanto es rrazon de mugeres, pero muy sabio rey fue y muy poderoso y fazedor de muy nobles fechos. Asy q*ue* los sabios estrelleros este nonbre posiero*n* a la segunda planeta y es la planeta Jupiter. E asy como dize Tholomeo Magus y los otros sabios que fablaron de las estrellas y de las planetas, [41rI] vna de las mas begninas y bjen q*ue*ridas planetas que ha en todas las otras siete es Jupiter. E quando vjene*n* en la orden çerca de sus çercos de guisa q*ue* pueda ser estoruar la planeta de Jupiter estoruar los males y las asperezas de la planeta de Saturno, q*ue* es mas frio, atienpla las y de Mas, q*ue* es entresy brauo y malo, ante el qual esta Jupiter en la ordenança de sus çercos. E deste rey Jupiter fallamos por los actores de los gentiles q*ue* ent*re* fijos y fijas ovo mas de treynta q*ue* fueron los que menos rreyes y reynas, y sobre esto llamados dioses y diesas de esos gentiles cada vno en sus cosas, como Mercurio q*ue* es otrosy vna de las siete planetas q*ue* le llamaro*n* Dios de los tres saber*e*s del triujo, de fisica y de las mercaderias, e a Pallas, fija de Jupiter, diesa de los quatro saberes del quadriujo e de batalla y de las oliuas y de toda obra de filanderia y de texer y de labrar de aguja y asy de los otros ofiçios. E de las ot*ra*s fijas de Jupiter y entre los otros fijos

ovo el rey Jupiter a Jasio y Dardano. Mas a Jasio no*n* fallamos de q*ue* madre le ovo y a Dardano segunt*e* cuenta el Libro de las Generaçiones de los Gentiles fisolo en Oliura, fija de Atalant*e*, rey de las t*ie*rras de Europa y de Africa. E vjno la generaçion del rey Atalante desta gujsa asy como cuenta el Libro de las Generaçiones de los Gentiles. Demogergo*n*, a qujen los gentiles toujero*n* por [41rII] el primero onbre e avn otrosy el primero, fijo a Titano y Titano, el gigante, a Japeto y Japeto a Atalante rey y Atalante en Pleyone, fija de Oceano a Lectrar. E otrosy aquel Demogergon fizo el Orion, Orion al rey Çelio y el rey Çelio al rey Saturno y el rrey Saturno al rey Jupiter e en aquela Elictra, fija del rey Athalante, como es dicho, fizo a Dardano y este Dardano fue el primero q*ue* poblo a Troya.

De como la çibdad de Troya fue primero no*m*brada Dardanja[602]

Dardano y Jasio, amos hermanos, salielo*n* de Greçia en vno y vjno Jasio a tierra de Troya y Dardano a Africa. E reyno alla primero este Dardano que otro onbre y fue fazer puebla q*ue* fuese cabeça de su reyno la que no*n* avje avn estonçes. E cato por toda aquella tierra el mas apoderado logar de fortaleza para defe*n*derse de enemjgos otrosy mejor de heredades y rrios y montes y de todas las otras cosas por do fuese la puebla fuerte y noble y abondada y vjno avn logar que dizjen Frigia por ser nonbre señalado maguer que a toda aq*ue*lla t*ie*rra dizjen asy. E asy como cuenta la Ystoria de Troya este no*m*bre Frigia fue tomado de vna fija de la rreyna Europa a q*ui*en dixiero*n* otrosy Frigida. E departe la ystoria de aquj de los logares de aquella t*ie*rra desta guisa y dize q*ue* toda aquella t*ie*rra avje nonbre Troya y Frigia que era vna proujnçia della. Y que fuero*n* dos las Frigias. A la vna llamaro*n* [41vI] Frigia la Mayor y a la otra Frigia la Menor. E cuenta*n* q*ue* en Frigia la Mayor fue la çibdad a q*ue* dixero*n* Smjrna, en que era vna de las mayores siete igl*es*ias de *crist*ianos de que fabla sant*o* Jua*n* Euangelista en el Apocalipsy. E en Frigia la Menor fue el otro castillo y çibdad a q*ue* llamaro*n* Ylion y era el mas fuerte logar de toda aquella tierra y mejor de heredades y el mas abondado de las cosas. E allj poblo Dardano la çibdad que q*ue*rie para cabeça de su reyno y de su no*m*bre llamola Dardanja. E este fue el primero nonbre q*ue* la çibdad de

[602] Título a vermelho.

Troya ovo asy como cuenta*n* las ystorias y desta çibdad y de los sus fechos vos avemos avn de fablar mucho en esta ystoria (...)

Bibliografia

Edições:

AFONSO X

1930: *General Estoria. Primera Parte*. Ed. A. Solalinde. Madrid, Junta para Ampliación de Estudios e Investigaciones Cientificas, Centro de Estudios Históricos.

1946: *Fuero Real de Afonso X, o Sábio. Versão Portuguesa do século XIII*. Ed. A. Pimenta. Lisboa, Instituto para a Alta Cultura.

1957: *General Estoria. Segunda Parte*. Ed. A. Solalinde, L. Kasten, V. Oelschäger. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas; Instituto Miguel de Cervantes.

1963: *General Estoria. Versión Gallega del Siglo XIV*. Ed. R. Martínez-Lopez. Oviedo, Facultad de Filosofia y Letras.

1978: *Concordances and Textes of the Royal Scriptorium Manuscripts of Alfonso X, el Sabio*. Ed. L. Kasten, J. Nitti in *Spanish Seminaries, II*. Madison, Hispanic Seminary of Medieval Studies [microfilmes].

1980: *Primeyra Partida*. Édition et Étude. Ed. J. A. Ferreira. Braga, Instituto Nacional de Investigação Científica.

1987: *Foro Real*. Edição e Estudo Linguístico. Ed. J. A. Ferreira. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica.

1994: *General Estoria – tercera parte. Libros de Salomon*. Ed. P. Sánchez-Prieto Borja, B. Horcajada Diezma. Madrid, Editorial Gredos.

1997: *The Electronic Texts of the Prose Works of Alfonso X, el Sabio*. Ed. L. Kasten, J. Nitti, W. Jonxis-Henkemans. Madison, Hispanic Seminary of Medieval Studies [cd-rom].

2001: *General Estoria. Primera Parte, , vol. I, Génesis. vol. II, Éxodo, Levítico, Números, Deuteronomio*. Ed. P. Sánchez-Prieto Borja. Madrid, Fundación José Antonio de Castro.

2009: *General Estoria*. Coord. P. Sánchez-Prieto Borja. Madrid, Fundación José António de Castro.

ANDREA DA BARBERINO

2005: *Il Guerrin Meschin d'Andrea da Barberino*. Ed. M. Cursietti. Roma-Padova, Editrice Antenore.

BENOÎT DE SAINTE-MAURE

1904 *Le Roman de Troie*.Ed. L. Constans. Paris, Librairie de Firmin Didot.

[BERNARDO DE BRIHUEGA]

1982: *Vidas e paixões dos apóstolos: edição crítica e estudo*. Ed. M. L. Buescu. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

CORTE ENPERIAL

2000: *Corte Enperial*. Ed. A. A. Calado. Aveiro, Universidade de Aveiro.

CRÓNICA TROIANA

1985: *Crónica Troiana*. Ed. R. Lorenzo. A Coruña, Fundación Pedro Barrié de la Maza.

DARES PHRIGYUS e DICTYS CRETENSIS

1825: *De Excidio Troiae historia*; *De Bello Trojano*. Vol. I. Ed. S. Artopoeus. London, imp. A. J. Valpy.

D. DUARTE

1998: *Leal conselheiro*. Ed. M. H. L. Castro, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

DUARTE PACHECO PEREIRA

1975: *Esmeraldo de situ orbis*. Ed. A. E. S. Dias. Lisboa, Sociedade de Geografia de Lisboa.

FERNÃO LOPES

1983: *Crónica de D. João I: Segundo o Códice nº 352 do Arquivo Nacional da Torre do Tombo*. Intr. H. B. Moreno. Porto, Livraria Civilização.

2004: *Crónica de D. Fernando*. Ed. Macchi, G. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda. 2ª ed.

2007: *Crónica de D. Pedro*. Ed. Macchi, G. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda. 2ª ed.

FERNÃO DE OLIVEIRA

1536: *Grammatica da lingoagem portuguesa*. Lisboa, casa de Germão Galharde, 27. Disponível em livre acesso em http://purl.pt/120

1933: *Gramática da lingoagem portuguesa, 3ª edição feita de harmonia com a primeira*. Dir. R. S. Nogueira, Lisboa, José Fernandes Jr. *apud* ed. 1536.

GARCIA DE RESENDE

1973: *Cancioneiro Geral*. Ed. Andrée Crabée Rocha. Lisboa, Centro do Livro Brasileiro.

GAUTIER DE CHÂTILLON

1863: *Alexandreis: ad fidem librorum*. Ed. F. A. W. Mueldener. Lipsiae, in aedibus B. G. Teubneri.

GIL VICENTE

1984: *Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente*. Ed. I. Cepeda. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

GODOFREDO DE VITERBO

1726: *Pantheon in Germanicorum Scriptorum qui rerum a Germanis per multas aetates gestarum historias vel annales posteris reliunquerunt*… Pref. J. P. Nidani, Joannis Pistori, cur. B. G. Struvio. Ratisbonae, Joannis Conradi Peezii, (ed. 3ª).

GOMES EANES DE ZURARA

1942: *Crónica da Tomada de Ceuta*. Ed. A. Pimenta. Lisboa, Clássica Editora.

1978: *Crónica do Conde Dom Pedro de Meneses*. Ed. L. King. Lisboa, Universidade Nova de Lisboa.

1978-1981: *Crónica dos feitos notáveis que se passaram na conquista de Guiné por mandado do infante D. Henrique*. Introd. e notas de T. S. Soares. Lisboa, Academia Portuguesa da História.

1988: *Crónica do Conde Dom Pedro de Meneses*. Ed. J. A. F. Carvalho. Porto, [s/l].

HISTORIA TROYANA

1975: *Historia Troyana*. Ed. K. Parker. Santiago de Compostela, CSIC, Instituto Padre Sarmiento de Estudios Gallegos.

S. JERÓNIMO

1844-1864: «Eusebii Pamphilo Caesariensis Episcopi Chronicorum...» in *Patrologiae cursus completus : sive biblioteca universalis,integra uniformis, commoda, oeconomica, omnium SS. Patrum, doctorum scriptorumque eccelesiasticorum qui ab aevo apostolico ad usque Innocentii III tempora floruerunt ... [Series Latina, in qua prodeunt Patres, doctores scriptoresque Ecclesiae Latinae, a Tertulliano ad Innocentium III].* Ed. J.-P. Migne. Paris, Migne. Disponível em http://catalog.hathitrust.org/Record/009728725

D. JOÃO I

1981: «*Livro da Montaria*» in *Obras dos príncipes de Avis*. Intr. e revisão de M. Lopes de Almeida. Porto. Lello e Irmão.

MIRAGRES DE SANTIAGO

1958: *Miragres de Santiago*. Ed. J. L. Pensado. Madrid, Revista de Filología Española, anejo LXVIII.

2004: *Miragres de Santiago*. Ed. R. Lorenzo [S.L.], Scriptorium-ediciones limitadas.

LIBRO DE ALEXANDRE

2003: *Libro de Alexandre*. Ed. J. Cañas. 4ª Ed. Madrid, Ediciones Cátedra.

Infante D. PEDRO

1948: *Livro de ofícios de Marco Tullio Ciceram o qual tornou em linguagem o Infante D. Pedro Duque de Coimbra*. ed. J. M. Piel. Coimbra, Universidade de Coimbra.

1981: «*Livro da Virtuosa Benfeitoria*» in *Obras dos príncipes de Avis*. Intr. e revisão de M. L. Almeida. Porto. Lello e Irmão.

Condestável D. PEDRO
1975: «*Sátira de felice e infelice vida*» in *Obras completas do Condestável Dom Pedro de Portugal*. Ed. L. A. Fonseca. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

PÚBLIO OVÍDIO NASO
1965: *Heroides*. Ed. H. Bornécque, trad. M. Prévost. Paris, Les Belles Lettres.
1993: *Metamorphoses*. Ed. W. S. Anderson. Stuttgart, Teubner.

PÚBLIO PAPÍNIO ESTÁCIO
1968: *The medieval Achilleid of Statius*. Ed. P. M. Clogan. Leiden, Brill
1971: *Achilléide*. Ed. e trad. J. Méheust Paris, Les Belles Lettres.
1994: *Thébaide*. Ed. e trad. R. Lesueur. Paris, Les Belles Lettres.
[2012] *Achilleid*. Versão digital disponibilizada por The Latin Library em http://www.thelatinlibrary.com/statius/achilleid1.shtml.html

ROMAN D'ALEXANDRE
1997: *Le Roman d'Alexandre*. Ed. M. Zink. Paris, Librairie Générale Française. Col. Lettres Gotiques, Livre de Poche.

ROMAN DE THÈBES
1890: *Le Roman de Thèbes*. Ed. L. Constans. Paris, Librairie de Firmin Didot.

RUI DE PINA
1977: *Crónicas de Rui de Pina*. Int. e rev. de M. L. Almeida. Porto, Lello e Irmão.

Manuscritos:

Fragmento nº 29, Caixa 21, Arquivo Nacional da Torre do Tombo
Fragmento nº 30, Caixa 21, Arquivo Nacional da Torre do Tombo
Fragmento nº 31, Caixa 21, Arquivo Nacional da Torre do Tombo
Fragmento nº 32, Caixa 21, Arquivo Nacional da Torre do Tombo
Manuscrito CNCVL / 01 / Lv014, Arquivo Distrital de Castelo Branco
Manuscrito M562, Biblioteca Menéndez Pelayo de Santander
Manuscrito 8682, Biblioteca Nacional de España
Manuscrito 10236, Biblioteca Nacional de España
Manuscrito CXXV 2/3, Biblioteca Pública de Évora
Manuscrito IV1165, Bibliothèque Royale de Belgique/Koninklijke Bibliotheek van België
Manuscrito 2616, Biblioteca Universitária de Salamanca
Manuscrito O-I-11, Real Biblioteca del Monasterio de San Lorenzo del Escorial
Manuscrito Y-I-3, Real Biblioteca del Monasterio de San Lorenzo del Escorial
Manuscrito Y-I-6, Real Biblioteca del Monasterio de San Lorenzo del Escorial
Manuscrito Y-I-7, Real Biblioteca del Monasterio de San Lorenzo del Escorial

Manuscrito Y-III-13, Real Biblioteca del Monasterio de San Lorenzo del Escorial

Estudos:

AMADO, Teresa
1991: *Bibliografia de Fernão Lopes*. Lisboa, Cosmos.

AMADOR DE LOS RÍOS
1863: *Historia Crítica de la Literatura Española*, III. Madrid, Imprenta a cargo de José Fernandes Cancela.

ALMEIDA; Belén
2009: «Introducción» in *General Estoria. Segunda Parte*. Coord. P. Sánchez-Prieto Borja. Madrid, Fundación José António de Castro.

ALVAR, Carlos e LUCÍA MEGÍAS, José Manuel (eds.)
1996: *La Literatura en la Época de Sancho IV*. Alcalá de Henares, Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá de Henares.

ASKINS, Arthur; DIAS, Aida Fernandes; SHARRER, Harvey L.
2006: «Um novo fragmento da *General Estoria* de Afonso X em português medieval» in *Biblos*. Série IV. Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pp. 93-124.

AVENOSA, Gemma
2011: *Bíblias castellanas medievales*. San Millán de la Cogolla, Cilengua – Fundación San Millán de la Cogolla.

BALDINGER, Kurt
1972: *La formación de los dominios lingüísticos en la Península Ibérica*. Madrid, Editorial Gredos. 2º ed.

BALLESTEROS BERETTA, Antonio
1963: *Alfonso X el Sabio*. Barcelona, Salvat Editores.

BARROS, Anabela Leal
2002: «Contributos para a caracterização morfológica e sintática do galego-português: o estado da língua na *Crónica Troiana*» in *História da Língua e História da Gramática – Actas do Encontro*. Org. B. Head et al. CEH-UM, pp. 25-71.

BELL, Aubrey
1940: *Estudos vicentinos*. Lisboa, s/n.

BEAU, Albin Eduard

1956-1957: «A realeza na poesia medieval e renascentista portuguesa» in *Boletim de Filologia*. Tomo XVI. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, pp. 176-221.

BAUMGARTNER, Emmanuèle e HARF-LANCNER, Laurence, eds.

1997: *Entre fiction et histoire: Troie et Rome au Moyen Âge*. Paris, Centre d'études du Moyen Âge, Presses Sorbonne Nouvelle, 1997.

BERGER, Samuel

1899 «Les Bibles castillanes» in *Romania* XXVIII, 1899. Philadelphia, Department of Romance Languages, University of Pennsylvania.

1977 *La Bible romane au moyen âge: bibles provençales, vaudoises, catalanes, italiennes, castillanes et portugaises*. Genève, Slatkine Reprints.

BRANCAFORTE, Benito

1990: Las *Metamorfosis* y las *Heroidas* de Ovídeo en la *General Estória* de Alfonso El Sábio. Madison, Hispanic Seminar of Medieval Studies.

BUESCU, Ana Isabel

1997: «Um discurso sobre o príncipe. A 'pedagogia especular' em Portugal no século XVI» in *Penélope*, 17. Lisboa, Cosmos Editora.

2007: «Livros e livrarias de reis e de príncipes entre os séculos XV e XVI. Algumas notas.» in *eHumanista*, vol. 8, 2007, pp. 143-170.

CALADO, Adelino de Almeida

2003: «A nova tradição manuscrita do *Livro da Montaria*» in Oriente, nº 5, Abril 2003. Lisboa, Fundação Oriente, pp. 108-116.

CAÑAS, Jesús

2003: «Introducción» in *LIBRO DE ALEXANDRE*. Ed. J. Cañas. 4ª Ed. Madrid, Ediciones Cátedra, pp. 11-125.

CARITA, Rui

2001: «De Zurara a Rui de Pina» in *História da Literatura Portuguesa. Das Origens ao Cancioneiro Geral*. Ed. F. L. Castro. Lisboa, Alfa, pp. 479-508.

CARVALHO, Joaquim de

1983: «Sobre a erudição de Gomes Eanes de Zurara (notas em torno de alguns plágios deste cronista)» in *Obra completa., II. História da Cultura, 1948-1955*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 185-340.

CARVALHO, Joaquim Barradas de

1982: *As fontes de Duarte Pacheco Pereira no* Esmeraldo de Situ Orbis. Lisboa, Imprensa Naciona – Casa da Moeda.

CASAS RIGALL, Juan

1999: *La materia de Troya en las letras romances del siglo XIII hispano*. Santiago de Compostela, Universidad de Santiago de Compostela.

CASTRO, Joaquim Mendes de

1998: *Bíblia de Lamego*. Ed. Autor.

CASTRO, Ivo

1993: «A Elaboração da Língua Portuguesa no Tempo do Infante D. Pedro» in *Biblos*, vol. LXIX. Coimbra, Universidade de Coimbra, pp. 97-106.

CATALÁN, Diego

1962: *De Alfonso X al Conde de Barcelos*. Madrid, Editorial Gredos.

1965 «La Biblia en la literatura medieval hispánica» in *Hispanic Review*, XXXIII. Philadelphia, Department of Romance Languages, University of Pennsylvania.

1978: «Los modos de producción y 'reproducción' del texto literario y la noción de apertura» in *Homenaje a Julio Caro Baroja*. Org. A. Carreira, J. A. Cid, M. Gutiérrez Esteve, R. Rubio. Madrid, Centro de Investigaciones Sociologicas, pp. 245-270.

1992: *La Estoria de España de Alfonso X: creación y evolución*. Madrid, Castália.

1997: *De la Silva Textual al Taller Historiográfico Alfonsí: Códices, crónicas, versiones y cuadernos de trabajo*. Madrid, Fundación Ramón Menendez Pidal.

CEPEDA, Isabel

1975: «Um fragmento inédito das 'Vidas e Paixões dos Apóstolos'» in *Boletim de Filologia*. Tomo XXIV. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos.

1982: «Introdução» in [Bernardo de Brihuega] *Vidas e paixões dos apóstolos: edição crítica e estudo*. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

1987: «Os Livros da Rainha D. Leonor, segundo o inventário de 1537 do Convento da Madre de Deus» in *Revista da Biblioteca Nacional*, nº 2, 1987.

CEPEDA, Isabel e FERREIRA, Teresa A. S. Duarte

2001: *Inventário dos códices iluminados até 1500*. Lisboa, Secretaria de Estado da Cultura.

CINTRA, Luís Lindley

1999: «Les anciens textes portugais non littéraires» in *Lindley Cintra. Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*. Org. I. H. Faria. Lisboa, Cosmos/FLUL.

1999a: «Sobre uma tradução portuguesa da *General Estoria*» in *Lindley Cintra. Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*. Org. I. H. Faria. Lisboa, Cosmos/FLUL.

2009: «Introdução» in *Crónica Geral de Espanha de 1344*. Ed. L. L. Cintra. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, *apud* ed. 1951, vol. I.

COELHO, Maria Helena da Cruz

2011: *D. João I*. Mem Martins, Círculo de Leitores.

CONDE, Juan-Carlos

2010: «Sobre la identidad del copista del manuscrito del *Livro da Montaria* de João I» in «De ninguna cosa es alegre posesión sin compañia». *Estudios celestinescos y medievales en honor del profesor Joseph Thomas Snow*. Coord. D. Paolini. New York, Seminary of Hispanic Medieval Studies, pp. 97-114.

CORREA ARIAS, José Francisco

2003: *Fernán Pérez de Andrade, o Bóo. Mentalidade e realidade social*. Noia, Toxosoutos.

COSTA, Avelino Jesus

1949: *Fragmentos preciosos de códices medievais*. Braga, Separata de Braga. Boletim do Arquivo Municipal.

1975: *La Chancellerie Royale Portugaise jusqu'qu milieu du XIIIe siècle*. Coimbra, Separata da Revista Portuguesa de História, t. XV.

1992: *Estudos de Codicologia, Diplomática, Paleografia e Historico-Linguísticos*. Porto, Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais.

COSTA, João Paulo Oliveira e

2005: *D. Manuel I*. Mem Martins, Círculo de Leitores.

CREMASCOLI, Giuseppe e LEONARDI, Claudio (eds.)

1996: *La Bibbia nel Medioevo.* Bologna, Dehoniane.

CROSAS LÓPEZ, Francisco

2010: *De enanos y gigantes. Tradición clásica en la cultura medieval hispánica*. Madrid, Universidad Carlos III de Madrid.

CRUZ, António

1966: «Observações sobre o estudo da paleografia em Portugal» in *Cale: Revista da Faculdade de Letras do Porto*. Porto, Universidade do Porto – Faculdade de Letras, pp. 173-233.

CRUZ, Guilherme Braga

1974: «O direito subsidiário na História do Direito português» in *Revista Portuguesa de História*. Tomo XIV. Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

CUNHA, Maria Cristina Almeida

1991: *Chancelarias particulares, escrivães e documentos : algumas notas a propósito da Ordem de Avis nos sécs. XIII-XIV*. Palmela, Separata de «As Ordens Militares em Portugal-actas do 1º Encontro Sobre Ordens Militares».

CURTIUS, Ernst Robert

1963: *European literature and the latin middle ages*. New York, Harper & Row.

DAVID, Henrique

1986: «Os portugueses nos livros de 'repartimiento' da Andaluzia (século XIII) in *Revista da Faculdade de Letras*. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 51-75.

1989: *Os portugueses e a reconquista castelhana e aragonesa do século XIII*. Porto, s/l.

DAVID, Henrique e PIZARRO, José Augusto de Sottomayor

1986: «Nobres portugueses em Leão e Castela (século XIII)» in Revista *da Faculdade de Letras. Revista de História*, 7. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 135-150.

DEROLEZ, Albert

2006: *The palaeography of gothic manuscript books: from twelfth to the early sixteenth century*. Cambridge, Cambridge University Press.

DIAS, Aida Fernanda

1978: *O Cancioneiro Geral e a Poesia Peninsular de Quatrocentos. Contactos e Sobrevivências*. Coimbra, Almedina.

DIAS, Isabel Barros

2004: «Complementaridade e analogias entre a retórica verbal e não verbal na historiografia ibérica dos sécs. XIII e XIV», *Estudos Literários / Estudos Culturais. Actas do IV Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada (Universidade de Évora, Maio de 2001)*, Ed. C. J. F. Jorge e C. Zurbach, Évora, APLC / Universidade de Évora.

2007: «A Cronística alfonsina modelada em português: um caso de receção activa» in *Hispania*, 2007, vol. LXVII, nº. 227, septiembre-diciembre, pp. 899-928.

2009: «Teoria e prática discursiva: estratégias de preservação da memória em textos historiográficos ibéricos (sécs. XIII-XIV)» in *Limite*, nº 3, 2009, pp. 113-128. Disponível em http://www.revistalimite.es/volumen3.html

DIAS, Nuno Pizarro

1998: «O dilema de Afonso X» in *Revista da Faculdade de Letras*. Série História, vol. 15, nº 2, pp. 1345-1360.

DIONÍSIO, João

2004: «Do *Memoriale Virtutum*, de Alfonso de Cartagena, ao *Leal Conselheiro*, de D. Duarte» in *Caligrama*, 9. Belo Horizonte, Faculdade de Letras – Universidade Federal de Minas Gerais, pp. 261-280.

DIONÍSIO, João e NOGUEIRA, Bernardo de Sá

2007: «Sobre a datação do manuscrito P do *Leal Conselheiro* de D. Duarte: a fórmula *que Deus perdoe*» in *eHumanista*, vol. 8, pp. 117-132. Disponível em http://www.ehumanista.ucsb.edu

DROGIN, Marc

1980: *Medieval Calligraphy: Its History and Technique*. New York, Dover Publications.

DUARTE, Isabel Margarida

2002: «O relato de discurso na *Crónica da Tomada de Ceuta* de Gomes Eanes de Zurara» in *Actas do Encontro Comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*. Org. I. Duarte, J. Barbosa, S. Matos, T. Hüsgen. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Centro de Linguística, pp. 207-215.

DUARTE, Luís Miguel

2012: *D. Duarte*. [s/l], Círculo de Leitores.

EISENBERG, Daniel

1973: «The *General Estoria*: sources and treatment» in *Zeitschrift für romanische Philologie*. Vol. 89, 1-3, pp. 206–227.

ESTEVES, Elisa Nunes

2003: *O modelo do homem de letras no final da Idade Média: o caso do Condestável D. Pedro de Portugal*. Porto, Separata de Actas do V Colóquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval.

FERNÁNDEZ-LOPEZ, Mª del Carmen

1999: «Las formas de la I larga (J): nomenclatura y datación» in *Signo. Revista de Historia de la Cultura Escrita*. 6, 1999, Alcalá de Henares, Universidad de Alcalá, pp. 253-268.

FERNÁNDEZ-ORDOÑEZ, Inés

1992: *Las 'Estorias' de Alfonso el Sabio*, Madrid, Istmo.

1993: «La historiografía alfonsí y post-alfonsí en sus textos. Nuevo panorama» in *Cahiers de Linguistique Hispanique Médiévale*, nº 18, 1993. Paris, Seminaire d'Études Médiévales Hispaniques, Université Paris XIII, pp. 101-132.

1999: «El taller historiográfico alfonsí. La *Estoria de España* y la *General estoria* en el marco de las obras promovidas por Alfonso el Sabio» en J. Montoya y A. Rodríguez (coords.), *El Scriptorium alfonsí: de los Libros de Astrología a las 'Cantigas de Santa María'*, Madrid, Fundación Universidad Complutense, págs. 105-126.

2000: «Antes de la *collatio*. Hacia una edición crítica de la *General estoria* de Alfonso el Sabio (segunda parte)» in *Teoría y práctica de la historiografía medieval hispánica*, A. Ward (ed.), Birmingham, University of Birmingham.

2002: «*General Estoria*» in *Diccionario Filológico de Literatura Medieval Española*. Ed. C. Alvar, J. M. Lucia Megías. Madrid, Castalia.

2004: «Alfonso X en la historia del español» in *Historia de la lengua española*. Coord. R. Cano, Barcelona, Ariel, pp. 381-422.

2009: «Introducción» in *General Estoria. Cuarta Parte*. Coord. P. Sánchez-Prieto Borja. Madrid, Fundación José António de Castro.

FERREIRA, José de Azevedo

1980: «Introduction à l'étude de la 'Primera Partida'» in *Alphonse X, Primeyra Partida*. Édition et Étude. Braga, Instituto Nacional de Investigação Científica.

1980a: «Dois fragmentos da *Terceira Partida*» in *Cahiers de Linguistique Hispanique Médiévale*, nº 5 mars 1980. Paris, Seminaire d'Études Médiévales Hispaniques de l'Université Paris XIII.

1987: Afonso X. *Foro Real*. Vol. I. Edição e estudo Linguístico. Lisboa, Instituto Nacional Ide Investigação Científica.

2001: «A transmissão do texto medieval» in *História da Literatura Portuguesa. Das Origens ao Cancioneiro Geral*. Ed. F. L. Castro. Lisboa, Alfa, pp. 67-75.

FERREIRA, Maria do Rosário

2012: «As traduções de castelhano para galego-português e as políticas da língua nos séculos XIII-XIV» in *e-Spania*, 13 juin 2012.

FEVEREIRO, Maria Clara Baptista Beato

1991: «Inventário Geral dos Manuscritos e Fichas dos Manuscritos e Encadernações [do Arquivo Distrital de Castelo Branco]». Coimbra, Faculdade de Letras. [texto dactilografado não publicado]

1991a: «Inventário dos Fragmentos de Manuscritos dos Livros Notariais e Paroquiais do Arquivo Distrital de Castelo Branco». Coimbra, Faculdade de Letras. [texto dactilografado não publicado]

FONSECA, Luís Adão

1970 «Uma carta do Condestável Dom Pedro sobre a política marroquina de D. Afonso V» in *Revista da Faculdade de Letras. Série História*, 01, 1970. Porto, Faculdade de Letras, pp. 83-96.

2003: «Política e cultura nas relações luso-castelhanas no século XV» in *Península. Revista de Estudos Ibéricos*, 0, 2003. Porto, Faculdade de Letras, pp. 53-61.

2005: *D. João II*. Mem Martins, Círculo de Leitores.

FRANÇA, Susani Silveira Lemos

1998: «O intuito pedagógico nas crônicas e nos livros didáticos medievais portugueses» in *Estudos Portugueses e Africanos*, nº 31, Jan-Jun 1998. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, pp. 23-37.

GAIBROIS DE BALLESTEROS, Mercedes

2010: *Maria de Molina*. [s/l], Urgoiti Editores, *apud* 1936, Madrid, Espasa-Calpe.

GARCIA ORO, José

1981: *La nobleza gallega en la Baja Edad Media. Las casas nobles y sus relaciones estamentales*. Santiago de Compostela, Bibliofilos gallegos.

GASCÓN VERA, Elena

1979: *Don Pedro, Condestable de Portugal*. Madrid, Fundación Universitária Española.

GOMES, Rita Costa

1995: *A corte dos reis de Portugal no final da Idade Média*. Linda-a-Velha, Difel.

GOMES, Saul António

2005: «Livros Medievais Portugueses. Novos Elementos para o seu Conhecimento» in *Biblos. Revista da Faculdade de Letras*, vol. III, 2ª série, 2005. Coimbra, Universidade de Coimbra, pp. 69-84.

2006: *D. Afonso V*. Mem Martins, Círculo de Leitores e Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa.

2010: «As políticas culturais de tradução na corte portuguesa do século XV» in *Cahiers d'Études Hispaniques Médiévales*, nº 33, 2010. Lyon, ENS Éditions, pp. 173-181.

GÓMEZ ORTIZ, Verónica e TRUJILLO BELSO, Elena

2009: «Dos modos de traducción bíblica en la *General estoria*» in *Actas del VI Congreso Nacional de la AJIHLE,* Granada, 29-31 de marzo de 2006. pp. 203-214. Disponível em: http://www.textoshispanicos.es/index.php?option=com_content&task=view&id=45&Itemid=99999999

GORMLY, Francis

1962: *The use of the Bible in Representative Works of Medieval Spanish Literature, 1250-1300*, Washington, Catholic University of America.

HARF-LANCNER, Laurence

2000: «Alexandre le Grand dans les romans français du Moyen Âge. Un héros de la démesure» in *Mélanges de l'Ecole française de Rome. Moyen-Age, Temps modernes*. T. 112, N°1. 2000, pp. 51-63.

HARF-LANCNER, Laurence, MATHEY-MAILLE, Laurence e SZKILNIK, Michelle

2006: *Conter de Troie et d'Alexandre: Pour Emmanuèle Baumgartner*. Collection du Centre d'études du Moyen Âge de Paris 3, vol. 5. Paris, Centre d'études du Moyen Âge Presses Sorbonne Nouvelle.

HART, Thomas

1958: «Gil Vicente's Auto de la Sibila Casandra» in *Hispanic Review*. XXVI. Philadelphia, Department of Romance Languages, University of Pennsylvania.

1981: *Gil Vicente: Casandra and Don Duardos*. London, Grant and Cutler.

HILTY, Herold

1982: «A versão portuguesa do *Livro Cumprido*» in *Biblos*, vol. LVIII, 1982. Coimbra, Universidade de Coimbra.

KABATEK, Johannes

2006: «El 'engaño' de la traducción y la construcción de las lenguas románicas medievales: algunos aspectos lingüísticos y semióticos» in *Cahiers d'Études hispaniques médiévales*, 29, 2006, Lyon, ENS Éditions, pp. 469-482.

KASTEN, Lloyd e OESCHLÄGER, Victor

1957: «Introducción» in AFONSO X, *General Estoria. Segunda Parte*. Ed. A. Solalinde, L. Kasten, V. Oelschäger. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas; Instituto Miguel de Cervantes.

KING, Georgiana Goddard

1921: *The Play of the Sibyl Cassandra*. Pennsylvania, Bryn Mawr College, Lolgmans, Green.

KINKADE, Richard P.

1972: «Sancho IV: Puente literario entre Alfonso el Sabio y Juan Manuel» in *PMLA*, Vol. 87, Nº 5, (Oct., 1972), pp. 1039-1051.

KRUGER, Karl Heinrich

1976: *Die Universalchroniken*. Turnhout, Brepols.

KRUS, Luís

1994: *A Concepção Nobiliárquica no Espaço Ibérico (1280-1380)*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

LACARRA, María Jesus

1979: *Cuentística medieval en España: los orígenes*. Zaragoza, Departamiento de Literatura – Universidad de Zaragoza.

LEEKER, Joachim

1996 «La présence des auteurs classiques dans l'historiographie des pays romans (XIIIe au XV siècles)» in *Classica Et Mediaevalia*, XLVII. København, Museum Tusculanums Forlag, Københavns Universitet.

LEITE, Duarte

1941: *Acerca da* «Crónica dos feitos da Guinee». Lisboa, Livraria Bertrand.

LEITE, Mariana

2008: *Antes da queda de Jerusalém: os reis e os seus profetas na III Parte da General Estória de Afonso X*. Dissertação de mestrado em Literatura Medieval, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

2009: «Gil Vicente, leitor de Afonso X. Sobre o Auto da Sibila Cassandra e a General Estória» in *Seminário Medieval 2007-2008*. Org. M. R. Ferreira, A. S. Laranjinha, J. C. Miranda. Porto, Seminário Medieval de Literatura, Pensamento e Sociedade, pp. 41-57.

[2009a]: «Cassandre et Cumane, deux sibylles entre l'Espagne et l'Italie». Texto apresentado no *IVe Congrès Européen d'Études Médiévales: «Coesistenza e*

Cooperazione nel Medioevo / Coexistence et Coopération au Moyen Âge». Palermo, 23-27 de Junho de 2009.

2010: «Sibila Cassandra, branca ou vermelha? Percursos de uma sibila na General Estória de Afonso X» in Cores. Actas do VII Colóquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval. Ed. I. B. Dias, C. F. C. Carreto. Lisboa, Universidade Aberta, pp. 181-188.

2010a: «Os testemunhos da tradução portuguesa da *Historia Scholastica* de Pedro Comestor: consequências ideológicas da seleção de fontes» in *Cahiers d'Études Hispaniques Médiévales*, nº 33, 2010. Lyon, ENS Éditions.

[2010b]: «Novos rumores de Cassandra: sobre as últimas profecias da sibila na *General Estória* de Afonso X». Texto apresentado em *Voz. VIII Colóquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval*. Vila Real, 11 e 12 de Novembro de 2010.

LEITÃO, Vera e DIONÍSIO, João

2008: «Sobre a figura de Júlio César no *Livro da Montaria* de D. João I» in *Limite*, nº 2, 2008, Revista electrónica, pp. 27-45. Disponível em http://www.revistalimite.es/volumen2.html

LIDA DE MALKIEL, María Rosa

1959: «Para la génesis del Auto de la Sibila Cassandra» *Filología*. V. Buenos Aires, Instituto de Filología y Literaturas Hispánicas de la Facultad de Filosofía y Letras.

LIZOAIN GARRIDO, José Manuel

1985-1987: *Documentacion del monasterio de las Huelgas de Burgos: 1116-1230*. Burgos, Ediciones J.M.Garrido .

LORENZO, Ramón

1968: *Sobre a cronologia do vocabulário galego-português : anotações ao «Dicionário etimológico» de José Pedro Machado*. Vigo, Editorial Galaxia.

1975: *La traducción gallega de la* Cronica General *y de la* Crónica de Castilla. Orense, Instituto de Estudios Orensanos «Padre Feijoo».

1985: «Introducción» in *Crónica Troiana* (ed.). A Coruña, Fundación Pedro Barrié de la Maza.

2000: «Un fragmento dun manuscrito medieval do *Livro da Montaria* de D. João I de Portugal» in *Verba*, vol. 27, 2000. Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela, pp. 9-32.

2002: «La interconexión de Castilla, Galícia y Portugal en la confección de las crónicas medievales y en la transmisión de textos literários» in *Revista de Filología Romanica*, 19, 2002. Madrid, Universidad Complutense de Madrid, pp. 93-123.

MARIÑO PAZ, Ramón

2008: *Historia de la Lengua Gallega*. Huechen, Lincom Europa.

MARQUES, José (ed.)

1996: *Diplomatique royale du moyen-âge: XIII-XIVe siècles. Actes du colloque*. Porto, Faculdade de Letras.

MARTIN, Georges

2000: *La historia alfonsí y sus destinos (siglos XIII-XV),* dir. G. Martin, Madrid, Casa de Velázquez, pp. 9-40.

2003: «Determinaciones didáctico-propagandísticas en la historiografía de Alfonso X el Sabio» in *La construcción de los Estados Europeos en la Edad Media: la propaganda política*, Benissa, Espanha.

MARTINEZ-LOPEZ, Ramón

1963: «El manuscrito» in AFONSO X, *General Estoria. Versión Gallega del Siglo XIV*. Ed. R. Martínez-Lopez. Oviedo, Facultad de Filosofia y Letras.

MARTINS, Ana Maria

2007: «O primeiro século do português escrito» in *Na Nosa Lyngoage Galega. A Emerxencia do galego como Lingua Escrita na Idade Média*, ed. A. Boullón Agrelo. Santiago de Compostela, Consello da Cultura Galega, Instituto da Lingua Galega, pp. 161-184.

MARTINS, Mário

1962-1963: «Bernardo de Brihuega, compilador dos *Autos dos Apóstolos*» in *Boletim de Filologia*, XXI, 1962-1963.

1956: E*studos de Literatura Medieval*. Braga, Livraria Cruz.

1979: *A Biblia na literatura medieval portuguesa*. Lisboa, Presidência do Conselho de Ministros, Secretaria de Estado da Cultura.

1980: *Estudos de Cultura Medieval*, vol. II. Lisboa, Brotéria.

1983: *Estudos de Cultura Medieval*, vol. III. Lisboa, Brotéria.

MATTOSO, José

1985: *Portugal Medieval. Novas Interpretações*. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

2000: *Naquele Tempo. Ensaios de História Medieval*. Lisboa, Círculo de Leitores.

2001: *A Nobreza Medieval Portuguesa: A família e o poder*. Lisboa, Círculo de Leitores.

2001a: *Obras Completas: Identificação de um País – Composição*. Lisboa, Círculo de Leitores.

2001b: *Obras Completas: Identificação de um País – Oposição*. Lisboa, Círculo de Leitores.

MENÉNDEZ PELÁEZ, Jesús

1977: «Las biblias romanceadas y su influencia en la *General Estoria*» in *Studium ovetense*, V, 1977, pp. 37-65.

MENDONÇA, Manuela

1995*: D. João II: um percurso humano e político nas origens da Modernidade em Portugal*. Lisboa, Estampa.

2011: *Dona Leonor, 1458-1525: a mais perfeita rainha*. Vila do Conde, QuidNovi.

MERÊA, Paulo

2007: «A versão portuguesa das 'Flores de las leyes' de Jácome Ruiz» in *Estudos de História do Direito*. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

MILLARES CARLO, Agustín

1932: *Tratado de Paleografia Española*, 2ª ed. Madrid, Hernando.

MIRANDA, José Carlos

1998: «A dimensão literária da cultura da nobreza em Portugal no século XIII» in *IV Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval – As relações de fronteira no século de Alcanices. Actas*. Vol. II. Porto, Instituto de Documentação Histórica da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

2004: *Aurs mesclatz ab argen: sobre a primeira geração de trovadores galego-portugueses*. Porto, Guarecer.

2009: «A Introdução à Versão galego-Portuguesa da *Crónica de Castela* (A2a)» in *Seminário Medieval 2007-2008*. Org. M. R. Ferreira, A. S. Laranjinha, J. C. Miranda. Porto, Seminário Medieval de Literatura, Pensamento e Sociedade, pp. 61-97.

2012: «O galego-português e os seus detentores ao longo do século XIII» in *eSpania*, 13 juin 2012.

[2012] «A primitiva conclusão da versão galego-portuguesa da Crónica de Castela (A2d)» Aguarda publicação no nº 35 dos *Cahiers d'Études Hispaniques Medievales*.

MONTEAGUDO, Henrique

2007: «A emerxência do galego-português na escrita instrumental. Unha panorámica histórica» in *Na nosa lingoage galega. A emerxência do galego como língua escrita na Idade Média*. ed. A. I. Boullón Agrelo. Santiago de Compostela, Instituto de Língua Galega, Consello da Cultura Galega, pp. 275-312.

MONTEIRO, João Gouveia

1988: «Orientações da cultura da corte na 1ª metade do século XV (A literatura dos Príncipes de Avis)» in *Vértice*. II Série, nº 5. Lisboa, Caminho, pp. 89-103.

MOREIRA, Filipe

[2011]: «Notas sobre a convivência de línguas em Portugal no século XV e a tradução da *Crónica de Alfonso X*». Texto apresentado no Colóquio Internacional «Convivência de lenguas y conflictos de poder en la Edad Media». Universidad Autónoma de Madrid, 3-4/11/2011.

MORENO, Humberto Baquero

1987: «Contestação e oposição da nobreza portuguesa ao poder político nos finais da Idade Média» in *Revista da Faculdade de Letras. Série História*, 4. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 103-118.

1990: *Exilados, Marginais e Contestatários na Sociedade Portuguesa Medieval*. Lisboa, Editorial Presença.

1997: *O Infante D. Pedro, duque de Coimbra: itinerários e ensaios históricos*. Porto, Universidade Portucalense.

MORREALE, Margherita

1982: «La *General Estoria* de Alfonso X como Biblia», G. Bellini, ed., *Actas del Séptimo Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas (Venecia, 1980)*, Roma, vol. I, págs. 767-773.

1984: «La fraseología bíblica en la *General Estoria*: observaciones para su estudio» in *Linguistic and Literary Studies in honor of Helmut A. Hatzfeld*. Ed. A. Crisafulli, Washington D.C., The Catholic University of America Press, pp . 269-278.

MOXÓ, Salvador

1975: «La sociedad política castellana en la época de Alfonso XI» in *Cuadernos de Historia – Anexos de la Revista Hispania*. 6, 1975. Madrid, Instituto Jeronimo Zurita, CSIC, pp. 187-326.

MUNIZ, Márcio Ricardo Coelho

2005: «Ainda sobre as fontes de Dom Duarte» in *Anais do V Encontro Internacional de Estudos Medievais*. Org. R. S. Batista e C. M. Teles, Célia. Salvador, Quarteto. vol. 01, pp. 160-166.

MUSSONS, Anna Maria

1996: «Los trovadores en los últimos años del siglo XIII» in *La Literatura en la época de Sancho IV*. ed. C. Alvar, J. Lucía Megias. Alcalá de Henares, Servício de Publicaciones de la Universidad.

NASCIMENTO, Aires Augusto

1993: «As Livrarias dos Príncipes de Avis» in *Biblos*, vol. LXIX, 1993. Coimbra, Universidade de Coimbra.

2005: «Novos fragmentos de textos portugueses medievais descobertos na Torre do Tombo: horizontes de uma cultura integrada» in *Península*. *Revista de Estudos Ibéricos* 2, 2005. Porto, Faculdade de Letras, pp. 7-24.

NETO, Serafim da Silva

1956: *Textos medievais portugueses e seus problemas*. Rio de Janeiro, MEL – Casa de Rui Barbosa.

1959: *Bíblia Medieval Portuguesa*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro.

NILEP, Chad

2006: «'Code Switching' in Sociocultural Linguistics» in Colorado Research in Linguistics. June 2006, vol. 19. Boulder, University of Colorado.

NOIA, Camiño

2004: «El ámbito de la cultura gallega» in *História de la traducción en España*. Alicante, Biblioteca Digital Miguel de Cervantes, 2008 *apud* 2004, Salamanca, Ambos Mundos.

OLIVEIRA, António Resende

1990: *Trovadores portugueses na Corte de Afonso X*. Porto, [s.n.].

2001: *O trovador galego-português e o seu mundo*. Lisboa, Editorial Notícias.

OLMO LETE, Gregório (dir.)

2008: *La Biblia en la literatura española. 1. Edad Media*. Vol. I. Madrid, Editorial Trotta/ Fundación San Millán de la Cogolla.

OSÓRIO, Jorge A.

1993: «A Prosa do Infante D. Pedro. A Propósito do 'Livro dos Ofícios'» in *Biblos*, vol. LXIX, 1993. Coimbra, Universidade de Coimbra, pp. 107-127.

PARDO DE GUEVARA Y VALDÉS, Eduardo

1987: «Castilla y Portugal: las dos fidelidades de D. Pedro Fernandez de Castro» in *Actas das II Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval*. vol. I. Porto, Centro de História da Universidade do Porto, Instituto Nacional de Investigação Científica.

2000: *Los señores de Galicia. Tenentes y condes de Lemos en la Edad Media*. A Coruña, Fundación Pedro Barrié de la Maza.

PEREIRA, Gabriel

1886: *Documentos Históricos da Cidade de Évora*. Évora, Typografia da Casa Pia. Reimpressão da Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1998.

PIEL, Joseph M.

1948: «Introdução» in *D. Pedro, Livro dos Ofícios de Marco Tullio Ciceram* (ed. crítica). Coimbra, Universidade de Coimbra, pp. V-XI.

PICHEL GOTÉRREZ, Ricardo

2010: «A prosa medieval galega á luz do testemuño da Historia Troiana (ms. 558 BMP). Apuntamentos codicolóxicos» in *Actas del XIII Congreso Internacional de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval. In memoriam Alan Deyermond*. Vil. I. Ed. J. M. Fradejas Rueda, D. Dietrick Smithbauer, D. Martín Sanz, M. J. Díez Garretas. Valladolid, Asociación Hispánica de Literarura Medieval, pp. 1515-1530.

2012: «Tradición, (re)tradución e reformulación na *General Estoria* e na *Estoria de Troya* alfonsinas á luz dun testemuño indirecto do séc. XIV » in *e-Spania*, 13, juin 2012.

PIMENTA, Alfredo

1946: «Introdução» in *Fuero Real de Afonso X, o Sábio. Versão Portuguesa do século XIII*. Lisboa, Instituto para a Alta Cultura.

PINHO, Sebastião Tavares de

1993: «O Infante D. Pedro e a 'Escola' de Tradutores da Corte de Avis» in *Biblos*, vol. LXIX, 1993. Coimbra, Universidade de Coimbra, pp. 129-153.

PIZARRO, José Augusto de Sottomayor

1997: *Linhagens medievais portuguesas: genealogias e estratégias. 1279-1325*. Dissertação de Doutoramento em História. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

2005: *D. Dinis*. Mem Martins, Círculo de Leitores.

2010: «De e para Portugal: a circulação de nobres na Hispânia Medieval» in Anuario de Estudios Medievales (AEM), 40/2, julio-diciembre 2010. Barcelona, Consejo Superior de Investigaciones Cientificas, pp. 889-924.

PIZZORUSSO, Valeria Bertolucci

1996: «La lírica galego-portughese all'epoca de Sancho IV di Castiglia» in *La Literatura en la Época de Sancho VI*, ed. C. Alvar, J. Lucía Megías. Alcalá de Henares, Servicio de Publicaciones de la Universidad.

PYM, Anthony

2000: *Negotiating the frontier: translators and intercultures in Hispanic history*. Manchester, St. Jerome Publishing.

PONTES, J. M. da Cruz

1957: *Estudo para uma edição crítica do livro da* Corte Enperial. Coimbra, Universidade de Coimbra.

RAMOS, Manuel Francisco

2001: «Traduções religiosas» in *História da Literatura Portuguesa. Das Origens ao Cancioneiro Geral*. Ed. F. L. Castro. Lisboa, Alfa, pp. 275-289.

REVAH, I. S.

1959: «Auto de la Sibylle Cassandre de Gil Vicente» in *Hispanic Review*, Vol. XXVII, Nº 2, Joseph E. Gillet Memorial Volume, Part II. Philadelphia, Department of Romance Languages, University of Pennsylvania.

RICHÉ, Pierre e LOBRICHON, Guy (eds.)

1984: *Le Moyen Age et la Bible*. Paris, Beauchesne.

RICO, Francisco

1984: *Alfonso el Sabio y la « General estoria ». Tres lecciones*, Barcelona, Ariel. 2ª ed.

RIVARA, Joaquim Heliodoro da Cunha

1850-1871: *Catalogo dos manuscriptos da Bibliotheca Publica Eborense ordenado pelo bibliothecario*. Lisboa, Imprensa Nacional.

ROCHEWERT-ZUILI, Patricia

2010: *Crónica de Castilla*. Paris, SEMH-Sorbonne.

RODRIGUES, Maria Idalina Resina

1999: «Deambulações e inquietações em torno do *Auto da Sibila Cassandra*», in *Via Spiritus: revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*. Nº 6. Porto, Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade e Instituto de Cultura Portuguesa – Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

ROGERS, Francis Millet

1961: *The travels of the Infante Dom Pedro of the Portugal*. Cambridge, Harvard University Press.

ROMERO PORTILLA, Paz

2008: «Relaciones entre Portugal y Galicia Siglo XIV-XV» in *Revista da Faculdade de Letras. História*. Porto, III Série, vol. 9, pp. 217-269.

RÜBECAMP, Rudolf

1933: «A linguagem das Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o Sábio» in *Boletim de Filologia*. Tomo I, fasc. 3-4. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos / Imprensa Nacional de Lisboa, pp. 273-356.

RUSSELL, Peter

1985: *Traducciones y traductores en la Península Ibérica: 1400-1550*. Bellaterra, Escuela Universitaria de Traductores e Interpretes.

SÁ, Isabel dos Guimarães

2012: *De princesa a rainha-velha: Leonor de Lencastre*. [s/l], Círculo de Leitores.

SAGREDO FERNANDEZ, Felix

1973: *Doña Branca de Portugal (1259-1321). Señora del Real Monasterio de las Huelgas de Burgos y de la Villa de Briviesca. Lección de apertura del curso academico 1973-1974*. Burgos, Universidad de Valladolid, Colégio Universitário de Burgos.

SAINZ DE LA MAZA VICIOSO, Carlos Norberto

1990: *Alfonso de Valladolid: Edición y estudio del manuscrito «Lat. 6423» de la Biblioteca Apostólica Vaticana*. Madrid, Universidad Complutense de Madrid – Facultad de Filología.

SÁNCHEZ MOGUEL, António

1894: *Reparaciones historicas. Estudios peninsulares.* Primera série. Madrid, Imprenta y Litografia de los Huérfanos.

SÁNCHEZ-PRIETO BORJA, Pedro

1989: «Importancia del estudio del modelo subyacente en la edición de traducciones medievales de textos latinos, ilustrada en un romanceamiento castellano del Eclesiástico realizado en el siglo XV», in *Revista de Filología Románica*, 6 (1989).

1990: «El modelo latino de la *General Estoria* (GE3 Sab.)», in *Revista de Literatura Medieval*, II (1990), pp. 207-250.

1996: «El castellano escrito en torno a Sancho IV» in *La literatura en la época de Sancho IV*, ed. C. Alvar, j. Lucía Megías. Alcalá de Henares, Servício de Publicaciones de la Universidad.

1996a: «Sobre la configuración de la llamada ortografía alfonsí» in *Actas del III Congreso Internacional de Historia de la Lengua Española. Salamanca, 22-27 de noviembre de 1993)*. Ed. A. Alonso González, L. Castro Ramos, B. Gutiérrez Rodilla, J. A. Pascual Rodríguez. Madrid, Arco Libros,. pp. 913-922.

1998: *Cómo editar los textos medievales: criterios para su presentación gráfica*. Madrid, Arco Libros.

1998a: «Para una historia de la escritura en Castilla» in *Actas del IV Congreso Internacional de Historia de la Lengua Española, La Rioja, 1-5 abril de 1997*. Ed. C. García Turza, F. Bachiller, J. Mangado, Logroño, vol. I, 1998. p. 289-301.

2000: Pedro Sánchez-Prieto Borja, «Hallazgo de un nuevo manuscrito con segmentos desconocidos de la Tercera Parte de la *General estoria*», in *Revista de Literatura Medieval*, XII (2000).

2001: «Introducción» in *General Estoria. Primera Parte, , vol. I, Génesis. vol. II, Éxodo, Levítico, Números, Deuteronomio*. Ed. P. Sánchez-Prieto Borja. Madrid, Fundación José Antonio de Castro.

2002: «*Biblias romanceadas*» in *Diccionario filológico de literatura medieval. Textos y transmisión*, ed. Alvar, C e Lucía Megías, J. Madrid, Castalia, pp. 212-223.

2009: «Introducción» in *General Estoria de Alfonso X. Primera Parte*. Madrid, Fundación José António de Castro.

2009a: «Introducción» in *General Estoria. Tercera Parte*. Coord. P. Sánchez-Prieto Borja. Madrid, Fundación José António de Castro.

2010: «Problemas y propuestas acerca de los aspectos lingüísticos de la edición» in *«Estudos de Edición Crítica e Lírica galego-portuguesa», Verba*, anexo 67. Ed. M. Arbor Aldea, A. F. Guiadanes. Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela, pp. 225-238.

SÁNCHEZ-PRIETO BORJA, Pedro e HORCAJADA DIEZMA, Bautista

1994: «Introducción» in AFONSO X, General Estoria. Tercera Parte. Libros de Salomon. Ed. P. Sánchez-Prieto Borja e B. Horcajada Diezma. Madrid, Editorial Gredos.

SANTIAGO-OTERO, Horacio e REINHARDT, Klaus

1986: *Biblioteca bíblica ibérica medieval*. Madrid, Centro de Estudios Históricos.

2001: *La Biblia en la península ibérica durant la edad media (siglos XII-XV): el texto y su interpretación*. Coimbra, Arquivo da Universidade de Coimbra.

SANTOS, António Ribeiro dos

1806: *Memoria sobre algumas traduções e edições bíblicas menos vulgares em língua portuguesa, Memorias de Litteratura Portuguesa* publicadas pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, tomo VII.

SÃO BOAVENTURA, Fortunato

1988: *Colecção de inéditos portugueses des séculos XIV e XV*. Porto, Edições Comemorativas dos Descobrimentos Portugueses *apud ed.* 1829.

SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa e MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa

2012: «Sigilografa heráldica eclesiástica medievalportuguesa no *Archivo Histórico Nacional de España*» in Estudos de Heráldica Medieval. Coord. M. M. Seixas e M. L. Rosa.pp. 93-122.

SERÉS, Guillermo

1991: «Ficción sentimental y humanismo: la Sátira de don Pedro de Portugal.» Bulletin Hispanique, nº 93.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo

1972: *A Historiografia Portuguesa*. Lisboa, Verbo.

1989: *Cronistas do século XV posteriores a Fernão Lopes*. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

SIMÕES, Manuel

2001: «Os textos didáticos da 'Geração de Avis'» in *História da Literatura Portuguesa. Das Origens ao Cancioneiro Geral*. Ed. F. L. Castro. Lisboa, Alfa, pp. 389-410.

SIMÓN DÍAZ, José

1963: *Bibliografia de la literatura hispanica*. III. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Cientificas, Instituto Miguel de Cervantes de Filologia Hispanica.

SILVA, Manuela Santos

2012: *A rainha inglesa de Portugal: Filipa de Lencastre*. [s/l], Círculo de Leitores.

SILVA, Rosa Virgínia Matos e

2008: *O português arcaico: uma aproximação*. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

SILVA DOMINGUEZ, Carme

1998: «Galego, romanço, nossa linguagẽ: o nome da língua na prosa medieval de creación» in *Verba*, vol. 25, 1998. Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela, pp. 325-343.

SMALLEY, Beryl

1978: *The study of the Biblie in the Middle Ages*. 3ª ed. Notre Dame, University of Notre Dame Press.

SOLALINDE, António

1916: «Las versiones españolas del *Roman de Troie*» in *Revista de Filología Española*, vol. III, 1916, pp. 121-165.

1928: «El juicio de Paris en el *Alexandre* y en la *General Estoria*» in *Revista de Filología Española*, vol. XV, 1928, pp. 1-51.

1930: «Introducción» in *General Estoria. Primera Parte*. Ed. A. Solalinde. Madrid, Junta para Ampliación de Estudios e Investigaciones Cientificas, Centro de Estudios Históricos, pp. IX-LXXXI.

1934: «Fuentes de la *General Estoria* de Alfonso el Sabio» in *Revista de Filología Española*, vol. XXI, 1934, pp. 1-28.

1936: «Fuentes de la *General Estoria* de Alfonso el Sabio» in *Revista de Filología Española*, vol. XXIII, 1936, pp. 121-142.

SOUSA, Bernardo Vasconcelos e Sousa

2006: *D. Afonso IV*. Mem Martins, Círculo de Leitores.

SOUSA, Ivo Carneiro de

2002: *A rainha D. Leonor (1458-1525): poder, misericórdia, religiosidade e espiritualidade do renanscimento*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

SOUTO CABO, José António

2002: «Usos romances na documentação galego-portuguesa do século XIII» in *História da Língua e História da Gramática – Actas do Encontro*. Org. B. Head et al. Braga, CEH-Universidade do Minho, pp. 435-448.

TEYSSIER, Paul

1982: *Gil Vicente, o Autor e a Obra*. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

1990: *História da Língua Portuguesa*. Lisboa, Livraria Sá da Costa. 4ª ed.

TRUJILLO BELSO, Elena

2009: *Edición de los Libros de los Macabeos de la Quinta Parte de la* General Estoria*. Tesis Doctoral*. Alcalá de Henares, Universidad de Alcalá.

2009a: «Introducción» in *General Estoria de Alfonso X. Quinta Parte*. Madrid, Fundación José António de Castro.

VENTURA, Leontina

1992: *A nobreza de corte de Afonso III*. Coimbra, Faculdade de Letras.

1999: «Relações internobiliárquicas e régio-nobiliárquicas entre Portugal e Castela no século XIII» in *Jornadas de Cultura Hispano-Portuguesa*. ed. V. Álvarez Palenzuela. Madrid, UAM-FFL.

2006: *D. Afonso III*. Mem Martins, Círculo de Leitores.

VOADEN, Rosalynn (ed.)

2003: *The theory and practice of translation in the Middle Ages*. Turnhout, Brepols.

WILLIS, Raymond Smith

1934: The relationship of the Spanish *Libro de Alexandre* to the *Alexandreis* of Gautier de Châtillon. Princeton, Princeton University Press.

1935: *The debt of the Spanish* Libro de Alexandre *to the French* Roman d'Alexandre. Princeton, Princeton University Press.

ZARCO CUEVAS, Julián:

1924-1929: *Catálogo de manuscritos castellanos de la Real Biblioteca del Escorial dedicado a S. M. el Rey Don Alfonso XIII*, San Lorenzo del Escorial. O catálogo está disponível em http://rbme.patrimonionacional.es/home/Bibliografia/Manuscritos/Castellanos.aspx

Páginas de Internet

Abbreviationes™ Online – Medieval Abbreviations on the Web:
http://www.ruhr-uni-bochum.de/philosophy/projects/abbrev.htm

Bíblia Medieval:
http://www.bibliamedieval.es

Biblioteca virtual Miguel de Cervantes:
http://www.cervantesvirtual.com/bib/bib_autor/alfonsoelsabio

Corpus del Español:
www.corpusdelespanol.org

Corpus do português:
http://www.corpusdoportugues.org

Hathi Trust Digital Library:
http://www.hathitrust.org

Nuevo Tesoro Lexicográfico del Español
http://ntlle.rae.es/ntlle/SrvltGUILoginNtlle

PHILOBIBLON – Beta:
http://bancroft.berkeley.edu/philobiblon/beta_en.html

PHILOBIBLON – Bitagap:
http://bancroft.berkeley.edu/philobiblon/bitagap_en.html

Acabado em São Mamede de Infesta, Matosinhos,

pelo Natal de 2012.

Graças a Deus.